



PECADOS DA CASA DOS BORGIA

SARAH BOWER

"Um retrato brilhante da
grandeza da corte papal e das
conspirações em uma das mais
notórias famílias do Renascimento."

PUBLISHERS WEEKLY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PECADOS DA CASA DOS BORGIA

~ SARAH BOWER ~

tradução de
MARILUCE PESSOA


EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bower, Sarah

B782p

Pecado da casa dos Borgia [recurso eletrônico] / Sarah Bower; tradução Mariluce Pessoa. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

recurso digital

Tradução de: Sins of the House of Borgia

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40343-8 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Pessoa, Mariluce. II. Título.

13-00231

CDD: 823

CDU: 821.111-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

Sins of the House of Borgia

Copyright © 2011 by Sarah Bower

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.



Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40343-8

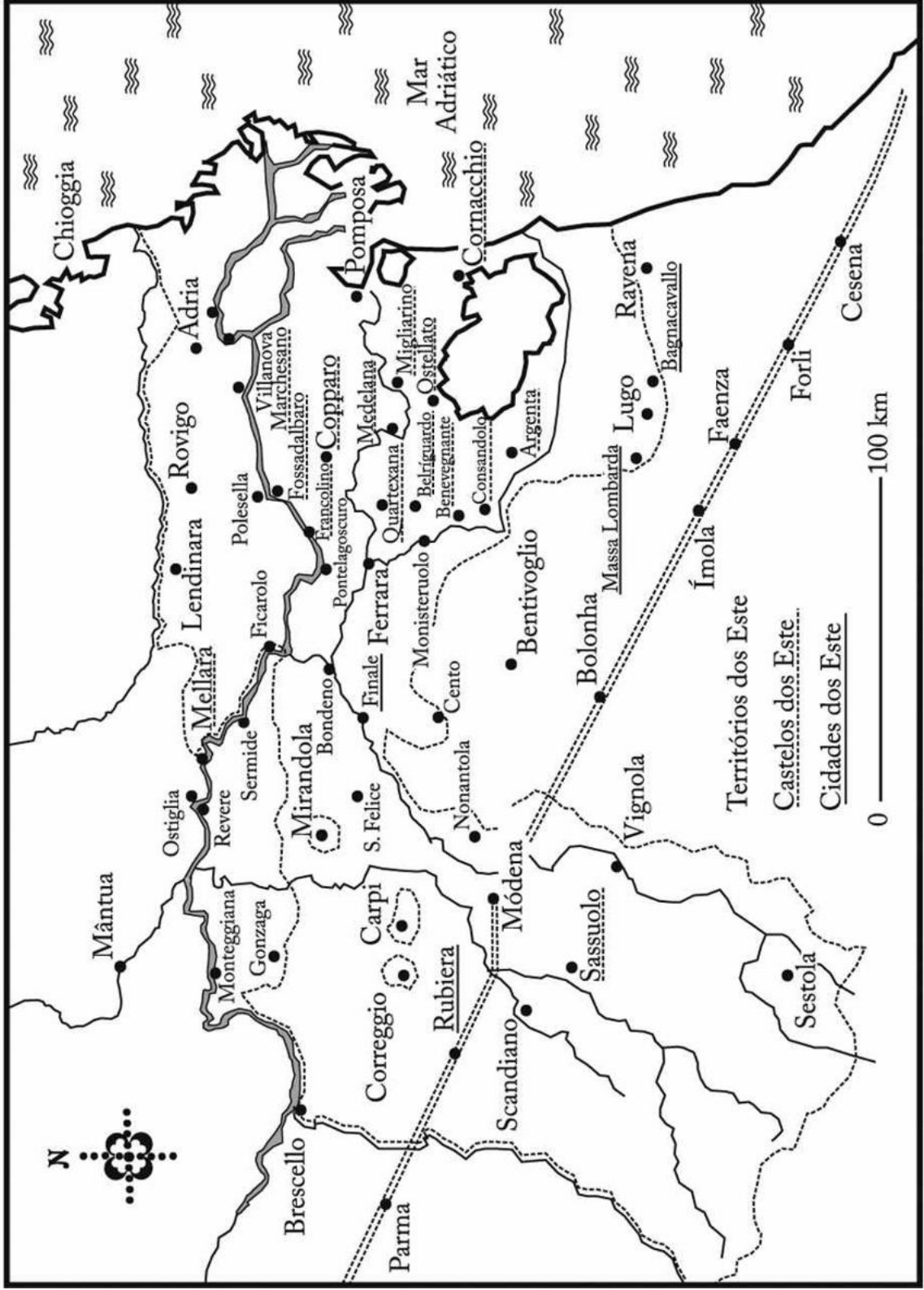
Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Os Territórios dos Este



A CASA DOS ESTE

Niccolo

12º marquês de Ferrara

c (1) Gigliola da Carrara

(2) Parisina Malatesta

(3) Ricciarda da Saluzzo

Ugo
(natural)

Leonello
13º marquês

Borso
1º duque
de Ferrara

Ercole
1431-1505
2º duque
c Eleonora de Aragão

1 filho legítimo, 2 filhas legítimas e
pelo menos 10 outros filhos naturais

Lucrezia
(natural)

Isabella
1474-1539
c Gian Francesco
Gonzaga

Beatrice

Alfonso
1476-1534
3º duque
c (1) Anna Sforza
(2) Lucrezia Borgia

Ferrante
1477-1540

Giulio
1478-1561

Ippolito
1479-1520
(cardeal)

Sigismondo
1480-1524

Ercole
1508-1559
4º duque

Ippolito
1509-1572
(cardeal)

Eleonora
1515-1575

Francesco
1516-1578

Isabella
1519-1521

O passado certamente não muda: ele fica para trás, petrificado, imutável. O que muda o passado é o jeito como você o vê. A percepção é tudo. Ela transforma vilões em heróis e vítimas em colaboradores.

Hilary Mantel, *Mudança de clima*

Agora o Amor mudou o rumo da minha vida.

Pietro Bembo, *Gli Asolani*

CACHIQUIN, NO SEGUNDO MÊS DA COLHEITA DA BAUNILHA, 5281, QUE É O ANO 1520 DOS CRISTÃOS

Às vezes danço sozinho, ao som de uma música que somente eu consigo ouvir. Quando danço, sinto o pulsar do coração da terra subindo por meus pés e pernas, atravessando meus quadris e abdome, penetrando o meu tórax, até que meu próprio coração pulse em seu mesmo ritmo. Então me pergunto se você sente isso também, embaixo da porção da crosta terrestre onde se encontra, andando, descansando ou, ainda, dançando como eu. Porque sempre que danço, estou dançando com você.

O fim da colheita da baunilha sempre atrai muitos visitantes. Há os comerciantes, naturalmente, e os representantes da rainha, que vêm para estabelecer o preço, mas há também aqueles que chegam para ver os homens voadores. A árvore foi escolhida, derrubada e colocada na praça da cidade, e os sacerdotes de todas as religiões recitaram suas preces sobre ela, salpicaram-na com incenso e cobriram-na com sangue de galinha. As cordas foram testadas, e os retoques finais haviam sido dados aos mantos e adornos de cabeça emplumados. Durmo pouco hoje em dia e, antes do amanhecer, eu já estava acordada, perseguida pela música brava e solitária do *caporal*, no alto de sua plataforma, onde se curvava ao vento e ao peso do céu, praticando sua flauta.

Portanto, eu já estava de pé quando Gideon retornou de Villa Rica com um viajante de Ferrara. O piso fora varrido e a panela de milho, colocada no fogo. Gideon foi direto para onde estavam Xanat e o bebê, talvez por falta de tato, talvez porque tivesse sentido falta deles, deixando-me sozinha com o viajante. Digo sozinha, mas quatro ou cinco das crianças mais velhas estavam por perto,

também de pé desde cedo, pois era o dia dos homens voadores. Enxotei-as para fora de casa, enquanto pedia notícias ao viajante. Bobagem, na verdade. Nenhuma delas entende italiano e, mesmo se entendesse, não tenho nada a esconder. Porém, eu não queria que escutassem nossa conversa. Não quero viver com ninguém que esteja contaminado por meu passado.

O viajante me disse que a duquesa estava morta. Meu primeiro pensamento foi sobre o que ela teria feito com as cartas da Espanha, mas não as mencionei a ele. Espero que ela tenha tido tempo de destruí-las.

Ela morrera no verão anterior, após complicações no parto, disse o viajante. As gestações da duquesa sempre foram difíceis, por uma razão ou outra. Não lamento por ela, porque sei que, nos últimos 12 anos, ela desejou deixar esta vida. E eu mesma estou muito perto da morte para lamentar os mortos. A laranjeira está com quatro anos agora. Floresceu este ano pela primeira vez, o que para mim é um sinal. Meu corpo está murcho e retorcido como uma folha de outono; encurva-se cada vez mais, como se desejasse retornar ao ventre, ser um embrião novamente, um punhado de vida. Em Toledo, onde passei a infância.

O LIVRO DE ESTHER



Então disseram os súditos do rei que lhe serviam: Busquem-se para o rei moças virgens e formosas.

O Livro de Esther, 2,2

CAPÍTULO 1

TOLEDO, ÔMER 5252, QUE É O ANO 1492 DOS CRISTÃOS

Há dias em que acredito ter perdido a esperança de voltar a ver você, de ser livre ou de decidir meu próprio destino. Então descubro que meu coração e minha coragem mantêm sua própria e obstinada vigília. Quando dizemos que perdemos a esperança, tudo o que estamos realmente fazendo é desafiar a Senhora Fortuna a nos provar que estamos errados.

Quando criança, em minha cidade natal, na época em que minha mãe ainda era viva, ela me levava à sinagoga e nos sentávamos por trás dos biombos com as outras mulheres e meninas, e escutávamos os homens recitarem as orações do Shabbat. Às vezes, fora da vista dos homens, enquanto eles se ocupavam com seus deveres solenes, as mulheres não se comportavam da maneira que os maridos, os irmãos e os pais esperavam. Elas riam e sussurravam, mexiam-se nas cadeiras, passavam boatos adiante movendo os lábios sem produzir sons e arqueando as sobrancelhas. Os leques agitavam-se, levantando uma poeira perfumada que bailava sob os raios do sol, fragmentados pelas finas treliças de pedra que nos separavam dos homens. Ao meu redor, havia um fluxo contínuo de mulheres tocando meu rosto e meus cabelos, murmurando e suspirando da forma como sempre ouvi as pessoas fazerem quando estão diante de grandes obras de arte ou das maravilhas da natureza.

Toda aquela atenção me assustava, mas, quando eu olhava para minha mãe em busca de conforto, ela estava sempre sorrindo. Quando me recostava nela, encaixando minhas bochechas na curva da sua cintura, ela também alisava meus cabelos, enquanto recebia os elogios das outras mulheres. Que criança linda, tão loura, constituição tão delicada! Se eu não tivesse presenciado o

nascimento dessa menina, acrescentava minha tia-avó, Sophia, diria que a criança havia sido trocada e possuída por um *dybbuk*. E várias crianças da minha idade, meninas e meninos que ainda não haviam tido o seu *bar mitzvah*, fixavam seus olhos castanhos sérios nos meus, azuis, como se eu fosse, como dizia tia Sophia, realmente um *dybbuk*, um espírito maligno, um ser estranho. Um problema. Rachel Abravanel costumava puxar meus cabelos, enrolando-os apertados em torno de seus dedos e exercendo uma pressão firme até eu ser forçada a deixar a cabeça reclinar para trás, sem gritar e atrair a atenção dos homens. Rachel não parecia se importar que meu cabelo afundasse em sua pele e impedisse a circulação do sangue na ponta de seus dedos; o prazer de me ver sofrendo fazia aquilo valer a pena.

Um ano depois da época que recordo agora, quando Rachel morreu no navio que seguia da Sardenha para Nápoles, a Sra. Abravanel contou a minha mãe, enquanto tentava reduzir sua febre com um pano umedecido na água do mar, o quanto sua filha me amava. Muitos anos mais tarde, finalmente consegui entender esse enigma, essa estranha tendência que temos a machucar as pessoas que amamos.

Eu sabia que era diferente antes mesmo de ter consciência disso, e no mês do Ômer, no ano de 5252, que os cristãos chamam de maio de 1492, eu me convenci de que era a culpada pelos infortúnios dos judeus. Era uma noite quente, e eu não conseguia dormir. Meu quarto dava para o pátio central de nossa casa em Toledo, e, mescladas ao som da água da fonte, ouvi as vozes de meus pais conversando.

— Não! — gritou minha mãe de repente, e aquele som me causou um medo de gelar a espinha, como quando o pequeno Haim deixou cair gelo nas minhas costas durante a festividade do Purim. Eu não me lembrava de jamais ter ouvido minha mãe gritar assim; até mesmo quando a contrariávamos, a reação dela era sempre calma e racional, como se houvesse antecipado a incidência de nosso mau comportamento e planejado a punição mais adequada. Além disso,

não era a raiva que lhe provocava um grito tão estridente, era o pânico.

— Mas, Leah, seja sensata. Com Esther, você consegue passar. Fique aqui até eu encontrar um lugar seguro e poder mandar buscá-las.

— Ah, me desculpe, Haim, mas não vou cogitar essa opção. Se tivermos que ir embora, iremos juntos, como uma família. Nós nos arriscaremos como uma família.

— O rei e a rainha nos deram três meses, até Shavuot. Até lá, estaremos sob proteção real.

Minha mãe deu um riso sardônico, muito pouco característico dela.

— Então vamos poder completar o Pessach antes de partirmos. Muito irônico.

— É a Páscoa. É um tempo muito sagrado para eles. Talvez, afinal, Suas Majestades tenham um pouco de consciência. — Escutei o tom de desdém na voz de meu pai. Era sua voz de negociante, sua maneira de falar quando firmava os termos dos empréstimos com os clientes que considerava confiáveis, mas para quem ele estabelecia condições de pagamento que minimizavam seus próprios riscos.

— A consciência do rei Fernando não vai além dos ídólatras do falso messias, como os mouros descobriram. Por centenas de anos, eles pavimentaram as estradas, construíram sistemas de fornecimento de água, iluminaram as ruas, e ele destruiu tudo por um mero capricho da mulher.

— E você nos destruiria por um capricho seu? Temos três meses até que o édito passe a valer. Eu vou agora, com os meninos, e você e Esther irão em seguida, antes que os três meses expirem. Portanto, vão estar inteiramente a salvo. Além disso, preciso de você aqui para providenciar a venda da nossa propriedade. Em quem mais posso confiar?

— Olhe aqui, então. — Escutei um arrastar de madeira sobre a pedra quando minha mãe levantou-se com determinação. Não me atrevi a sair da cama e observar pela janela para evitar que a ira

dela se voltasse contra mim. — Olhe aqui o seu prato. Vou enchê-lo de comida e dar aos mendigos na rua. Se você for, vai morrer.

— Leah, Leah. — O tom conciliatório de meu pai. Porcelana espatifando-se.

— Não se mova. Se você esmagar o marzipã contra o piso, eu nunca mais vou conseguir limpar. — Então minha mãe desatou a chorar, e o medo que eu sentia se transformou em suor frio. Assim, quando minha babá entrou no quarto para ver por que eu chorava, ela achou que era o início de uma febre e me forçou a beber uma de suas detestáveis tisanas. — Sinto muito, Haim. — Ouvi minha mãe dizer antes de a infusão fazer efeito e eu adormecer. Meu pai não respondeu, e depois escutei apenas o roçar de roupas e o som baixinho e úmido de beijos, que me fez cobrir os ouvidos com o travesseiro.



Uma semana mais tarde, meu pai e meus três irmãos, Eli, Simeon e o pequeno Haim, juntamente com vários outros homens de nossa comunidade, deixaram Toledo e seguiram viagem para a Itália, onde muitos dos governantes daquelas vastas terras de regime tirânico e de cidades-estado eram conhecidos por tolerarem os judeus e por serem cautelosos com relação ao rei Fernando e à rainha Isabel, cuja forma de governar não era considerada suficientemente pragmática por eles. Até o Reino de Nápoles, regido por parentes do rei, era conhecido por aceitar de bom grado os refugiados entre os exilados de Jerusalém. Meu pai, no entanto, pretendia ir para Roma. O papa está morrendo, explicou ele, e há um cardeal espanhol disposto a pagar uma soma alta para comprar a posição quando chegar a hora. Esse cardeal Borja vai precisar de um banqueiro confiável. Nós não sabíamos bem o que era um papa, nem um cardeal, e Borja soava mais como um nome catalão do que espanhol para nós. E um catalão é tão digno de confiança quanto um cigano. Porém, o sorriso de meu pai era tão confiante, seus dentes tão brilhantes em meio ao tufo maciço de sua barba, que só nos restava

acenar com a cabeça concordando, engolir nossas lágrimas e dizer que nos encontraríamos com ele em Roma.



Os dias do Ômer se passaram, e nenhuma notícia chegou até nós. Ouvimos boatos de navios tomados por piratas no mar Tirreno e do lendário Corsário de Gênova, que gostava de decepar as orelhas de suas vítimas e mandava seu veleiro costurá-las a cintos. Alguns judeus que tentavam deixar a Espanha haviam sido assaltados e espancados até a morte por súditos exageradamente zelosos do rei Fernando e da rainha Isabel, particularmente aqueles que lhes deviam dinheiro; outros haviam morrido nas montanhas, tendo-lhes sido negado abrigo e alimento pelos aldeãos. Ouvimos falar de sinagogas transformadas em armazéns e de fazendeiros que usavam nossos cemitérios para a criação de porcos.

Entretanto, como minha mãe me lembrava repetidamente, não havia provas. Quem já havia encontrado um porco em nossos cemitérios no sopé do Cerro de Palomarejos? Eu, por acaso, teria visto peças de tecido ou barris de arenque salgado na sinagoga? Quem vira o Corsário usando uma faixa feita das orelhas dos judeus? Quem teria visto os corpos esmagados nas praias ou os ossos congelados nas montanhas? Ninguém, claro, porque não havia nada para ser visto. O rei e a rainha haviam decretado anistia até o final do Ômer, e até então os judeus estariam a salvo na Espanha como sempre estiveram, e papai e os meninos já estariam em Roma preparando uma casa nova para nós com tapeçarias mais coloridas nas paredes e uma fonte maior no pátio.

Nossa casa estava vazia e silenciosa, em especial à noite, quando eu me deitava na cama ouvindo os grilos e as passadas suaves de minha mãe andando pelos corredores, aguardando o chamado de meu pai, esperançosa, temendo encontrar fantasmas, talvez, ao passar pelos lugares onde os filhos costumavam brincar: os estábulos de seus cavalos prediletos, o quarto grande onde os meninos dormiam e que ainda recendia a suor e flatulência deles. Então, num final de tarde, enquanto eu ainda estava sonolenta

depois da sesta, minha mãe mandou que eu me levantasse e vestisse o máximo de roupas possível, sem me importar com o calor. Quando me recusei a pôr meu melhor manto de inverno, ela própria me embrulhou nele e fechou o botão sob meu queixo. Dirigimo-nos em seguida aos estábulos atrás da casa, onde eu, perplexa, observei minha mãe selar um cavalo, seus dedos movendo-se com rápida segurança entre fivelas e correias. Eu não tinha ideia de que ela fosse capaz de tal coisa. Ela colocou dois alforjes sobre o lombo do animal, em seguida me ergueu também e depois conduziu o cavalo até a porta da frente, onde parou para remover a *mezuzá* da ombreira da porta. Enrolou-a, juntamente à chave da nossa casa, em seu *ketubá*, e colocou o embrulho em um dos alforjes.

Àquela hora já começava a escurecer, e os rapazes encarregados da iluminação não vinham mais acender os lampiões em nosso distrito fazia muito tempo. Portanto, aqueles que se juntaram a nós quando nos dirigíamos aos portões da cidade pareciam fragmentos de sombras surgidas da massa profunda do crepúsculo, seguindo a pé ou a cavalo ao nosso lado, com tropéis, passos abafados e respirações contidas, naquela hora estranha e funesta em que tudo se transforma em algo diferente. As construções pareciam vindas de um sonho; lampejos fortuitos provenientes das superfícies de mosaicos e dos acabamentos metálicos de portas flutuavam numa piscina de escuridão. De vez em quando, um rosto era iluminado por tempo suficiente para eu identificar as pessoas que conhecia, depois desapareciam outra vez, de modo que eu não tinha certeza se as vira ou sonhara com elas. Principalmente quando Rachel Abravanel sorriu para mim; isso deve ter sido um sonho.

Uma vez fora do bairro judaico, nosso grupo tornou-se mais unido, os homens formando um cordão protetor em torno das mulheres e crianças. Ouvíamos histórias de judeus sendo apedrejados na rua, jogados em montes de esterco ou cobertos de dejetos atirados de urinóis. Minha mãe e as amigas falavam em sussurros sobre uma mulher judia forçada a algum tipo de humilhação envolvendo um porco, porém, por mais que eu apurasse os ouvidos, nunca descobri qual foi. Nós, entretanto, fomos ignorados, embora eu tenha tido a

impressão de ver olhos nos espiando através das fendas das venezianas; nossos antigos vizinhos, envergonhados demais para nos encarar, calculavam o valor de nossas casas abandonadas, nossos vinhedos, nossa produção de objetos de metal e nossas lojas.

Eu sentia, mais do que ouvia, minha mãe falando de tempos em tempos, as vibrações de sua voz atravessando meu corpo pressionado contra o dela, os reconfortantes relevos de seus seios e barriga acolchoando minhas costas.

— Que o Todo Misericordioso me perdoe — dizia ela a alguém que caminhava ao nosso lado —, mas eu não devia ter dado ouvidos a Haim. — Ela fez uma pausa, verificando, eu acho, se eu havia adormecido. Fiquei imóvel e mantive os olhos fechados, então ela continuou: — Se era para eles morrerem, pelo menos eu poderia ter ido com eles.

— Mas, Leah, e a sua filha? — Ouvi uma voz na escuridão. Eu quase não me atrevia a respirar. Mortos? Teria minha mãe recebido notícias? Seria essa a razão para nossa súbita fuga? Estariam todos mortos, ou somente alguns deles? Por favor, Senhor, se era para algum dos meus irmãos estar morto, que fosse o pequeno Haim, assim eu não teria de sofrer mais com os tormentos causados por ele. Como eles teriam morrido? Onde? O que iria acontecer conosco agora? Eu sufocava sob uma enxurrada de perguntas derramadas como areia através de um funil.

— Se não fosse por minha filha, eu teria ido com Haim. Ele disse que nós passaríamos, por Esther ser loura e bonita. E agora se acabou o prazo da anistia. Eu esperei, esperei e nada. Não tenho dinheiro. Nada. E como uma mulher sozinha com uma filha pequena pode chegar a Roma? E se ele não estiver lá? Então, o que faço? — Minha mãe também parecia estar submersa em perguntas.

Recordo-me muito pouco dessa viagem, apenas que ficava escuro, depois claro, e em seguida escuro de novo, não sei quantas vezes. Lembro-me de saltar da sela como uma pedra, de acordar rígida, quase sem poder ficar de pé por causa das lesões na parte interna de minhas pernas e em minhas nádegas, e de sentir na pele e nos

ossos a impressão da terra áspera sobre a qual havia dormido. No início, havia piqueniques, pão, abricós e bolinhos de carne temperados com canela. Depois, fome e sede, até eu achar que não suportaria mais. Então, o anjo da indiferença apareceu e as levou embora, e me perguntei se havia morrido e se o Paraíso era apenas aquele vazio. Trocamos a terra pelo mar, as cadeias de montanhas por ondas revoltas, o balanço do cavalo pela oscilação de um convés e o respingo da água de lastro. E sempre, como o coro numa peça, aquelas palavras: *se não fosse por minha filha*.

O comportamento de minha mãe em relação a mim não mudou. Ela permanecia, se não alegre, pelo menos sempre otimista. Supervisionava minhas orações nas horas certas do dia; ensinava-me canções e me fazia dedilhar sobre a terra plana ou em uma parte do convés marcado com giz para praticar o saltério. Ela providenciava para que eu tivesse uma boa quantidade de bordados para fazer, embora naquela ocasião fossem mais remendos e costuras do que bordados, e me garantia que minhas orelhas eram tão pequenas que o Corsário de Gênova me pouparia, me jogaria de volta ao mar como um peixe pequeno demais para ser consumido. Quando, no início de nossa viagem marítima, antes de me acostumar aos males do mar, eu enjoava, ela escondia sua própria saúde debilitada pelo tempo necessário para segurar minha cabeça, enquanto eu vomitava por sobre a balaustrada do navio, e me fazia gargarejar com água salgada. A melhor cura, dizia ela. Eu estava convicta de que ela não tinha ideia de que eu sabia o que ela verdadeiramente pensava de mim.



Da mesma forma que o êxodo de minha mãe havia começado entre a claridade e a escuridão, também terminou na margem entre a terra e o mar, na praia, em Nettuno. Estava quente, o sol, em seu zênite de verão, era uma bola de fogo branco num céu limpo a não ser pelas silhuetas de bütios descrevendo seus círculos. A praia estava coberta de algas murchas; a areia branca e seca afundava sob nossos pés, enquanto lutávamos para deixar o mar com nossas

bolsas e caixas. Não havia sombra. Tantos tinham adoecido que o comandante entrou em pânico e nos fez desembarcar assim que avistou a terra. Enquanto improvisávamos dosséis para os mais enfermos, que não conseguiam se locomover, os barcos se arrastavam pela superfície do mar, similares a insetos gigantes.

Sentei-me desolada ao lado de minha mãe, esperando que ela melhorasse e me repreendesse por meus pés descalços e os rasgos em meu vestido, os quais eu puxara até se tornarem impossíveis de serem remendados. Ninguém falava comigo nem tomava conta de mim; todos estavam muito ocupados examinando seus pertences ou cuidando de seus doentes. Alguns meninos haviam sido encarregados de procurar água doce, ou um vilarejo onde se obtivesse ajuda, e eu desejei intensamente ir com eles, mas não me atrevi. O que diria minha mãe quando acordasse e descobrisse que eu saíra pelo campo com um grupo de meninos? Eu mexia os dedos dos pés na areia; segurei a mão da minha mãe e achei ter sentido uma pressão em resposta; eu acreditava que o ruído estranho da respiração dela fosse um esforço para falar.

Após algum tempo, sem ter mais a filha para tomar conta, a Sra. Abravanel sentou-se ao meu lado. Ela tirou um pente do cinto e penteou meus cabelos. Falou comigo sobre Rachel, o que me deixou constrangida, e eu não entendi por que ela não fazia nada por minha mãe, para ajudá-la a melhorar.

De repente, os lábios de minha mãe começaram a se mover, e a cabeça dela, a pender de leve, de um lado para o outro, como se tentasse afastar uma mosca.

— Esther? — A voz dela era seca e pulverizada como a areia.

— Sim, mamãe?

— Onde você está? — Ela tateou a areia até seus dedos tocarem minha perna descoberta. Então sorriu, com os lábios roxos e rachados.

— Eu acho que ela não consegue enxergar você — disse a Sra. Abravanel.

— Por que não?

A Sra. Abravanel foi poupada da necessidade de responder quando minha mãe falou novamente:

— Eu vivi para você, minha querida, eu tinha tanto orgulho. Desculpe.

Desculpe? Desculpe por quê? Certamente era eu quem deveria pedir desculpas, por ter causado todo esse infortúnio que recaiu sobre nós.

A Sra. Abravanel me puxou pela mão com carinho.

— Vamos, Esther, não há mais nada que possamos fazer aqui. O Sr. Abravanel e eu tomaremos conta de você.

Ninguém jamais, de fato, me disse que minha mãe havia morrido, por isso eu não acreditei que ela estivesse morta. Nem quando vi os homens fazerem as orações aos mortos sobre ela e passarem uma moeda sobre seus olhos, nem mesmo quando ela não ofereceu resistência alguma ao lhe cortarem as unhas, arrancarem alguns fios de seus cabelos, embrulharem-nos num pano e os entregarem a mim. Eles desculparam-se por não haver pão com que conduzir os ritos do alimento, e perguntaram em voz alta se a aspersão poderia ser feita com a água salgada, assim como se fazia com a água doce, mas ela não pareceu se importar.

Quando os meninos voltaram e disseram que haviam encontrado um lugarejo, e todos se prepararam para partir, segui devagar para que mamãe pudesse nos acompanhar quando se sentisse melhor. Na primeira curva do caminho, eu dizia a mim mesma, ou da próxima vez que eu visse uma vaca, ou uma gaivota, ou um lagarto numa pedra, eu me viraria e a veria caminhando em nossa direção. E foi assim que deixei minha mãe na praia, com a maré batendo em seus pés aos poucos, cada olhar para trás mais desesperado do que o anterior, porém suportável. Captados um de cada vez. A Sra. Abravanel não largou minha mão, e em Nettuno as pessoas pensavam que eu era filha dela. Ela recebia os elogios por meus cabelos louros sem objeção.

As pessoas de Nettuno, temerosas de doenças, nos deram comida, água e mulas para acelerar nossa partida para Roma.

Sentei-me à frente do Sr. Abravanel, acomodada num assento feito de ossos móveis — os da mula e os do Sr. Abravanel —, levando ao peito a sacola de couro que a Sra. Abravanel me dera e que exalava o leve cheiro de minha casa. Ela disse que continha nossa *mezuzá*, a chave de nossa casa e o livro de receitas de minha mãe, que eu algum dia usaria, quando me casasse. Com certeza, pensei, mamãe já teria nos alcançado então.

Não fomos molestados na estrada, talvez porque Ele, a quem não podemos nomear, tivesse o hábito de proteger Seu povo quando se mudava de um lugar para o outro, talvez porque as pessoas naquela região costeira estivessem acostumadas a ver grupos de judeus errantes, cheirando à água salgada e rejeição, contaminados pela derrota.

Embora Roma pudesse ser considerada o centro do mundo civilizado, era na época uma cidade menor do que Toledo. Em Roma, o cardeal valenciano Borja se elegera papa com a ajuda de sua própria fortuna e do tino financeiro de meu pai; portanto, não foi difícil localizar meu pai no bairro judaico, próximo ao Campo de' Fiori. Sua casa era uma das maiores, recentemente construída e cercada de jardins, como ele havia prometido a minha mãe e a mim antes de deixar Toledo.

Tenho a impressão de que ele ficou feliz por me ver, e eu por vê-lo, e de que tenha ficado triste com a morte de minha mãe, de quem, acredito, ele gostava a seu modo, mas não consigo me lembrar. Em algum ponto na estrada vinda de Nettuno, em meio a oscilações e solavancos no lombo de uma mula, eu me perdera, e levaria muito tempo até me encontrar novamente. Para começar, Eli, que era seis anos mais velho do que eu e, portanto, quase um homem, que deveria ter mais noção das coisas, me infernizava. Onde está seu espírito de luta, Esther? Você é tão boba! Vamos, revide, bata em mim.

Eu não batia. Tornei-me um modelo de virtude feminina. Não envergonhava meu pai e lhe dava motivos de orgulho à medida que sua estrela ascendia sob o comando do papa Alexandre VI. Juntamente a diversas mulheres romanas de boas famílias, eu

praticava música e bordado sob a supervisão das freiras do Convento de Santa Clara, que pareciam não ver nada estranho em educar uma menina judia. Com o rabino, estudei a Torá e, com um jovem professor grego, de olhar faminto e ar de tuberculoso, meus irmãos e eu aprendemos grego, latim e geometria. E, com as moças do convento, aprendi a cuidar de meus cabelos, beliscar as bochechas para ficar corada e pingar água de rosa nos olhos para fazê-los brilhar. Aprendi também que a fome nos olhos do jovem professor provavelmente não tinha origem em seu estômago.

Embora meu pai realizasse fielmente os rituais corretos na data que ele calculava ser o aniversário de morte de minha mãe e acendesse velas em sua memória no Yom Kipur, ele nunca falou sobre ela comigo, nem eu com ele.



Num certo dia à tarde, meu pai me chamou a seu escritório, no início do mês que eu me acostumara a chamar de setembro, no ano seguinte ao Jubileu, após retornar de uma viagem de negócios ao Vaticano. A refeição do dia havia terminado, os pratos tinham sido recolhidos, e a casa se encontrava em silêncio, descansando do calor da tarde. Até mesmo os empregados faziam a sesta em seu dormitório de madeira, que ficava em frente à cavalaria. Era provável que Simeon não estivesse em sua própria cama, nem mesmo repousando, mas essa era apenas uma das muitas informações que meu pai e eu compartilhávamos, mas sobre a qual não falávamos. Ele administrava um banco bem-sucedido; eu mantinha a casa em ordem. Os cômodos eram varridos da porta para dentro; tínhamos cozinhas separadas para carnes e laticínios; observávamos os jejuns e as festividades com seus rituais próprios, acendíamos velas no Shabbat e mantínhamos a *mezuzá* que minha mãe levara de Toledo, e eu havia trazido de Nettuno, presa à ombreira da nossa porta. Seria desonesto dizer que nos amávamos; nenhum de nós dois admitiria uma emoção tão confusa quanto o amor em nosso bem-ordenado universo. Mantínhamo-nos em equilíbrio, como balanças calibradas.

Meu pai estava à escrivaninha quando entrei, fitando algum ponto no espaço entre a borda da mesa e a entrada onde eu me encontrava, mexendo em um anel em torno do dedo largo. Esperei que falasse, notando aborrecida que sua cópia do *Padrón Real* estava ligeiramente torta na parede atrás dele. Eu havia falado várias vezes com Mariam a respeito da limpeza daquele mapa. Ela deveria deixá-la para mim; o mapa era valioso demais para ser manuseado por uma escrava. Meu pai havia sido aconselhado a guardá-lo trancado num baú em vez de expô-lo ao ar, à poeira e aos olhos cobiçosos de outras pessoas.

— Feche a porta, filha, há uma corrente de ar.

Empurrei a pesada porta almofadada e logo lhe fiz uma reverência.

— Sente-se, Esther. Não, aqui. — Ele levantou-se da cadeira e foi sentar-se junto a mim, num par de poltronas acolchoadas localizadas ao lado da lareira de pórfiro. Afastou de leve um mosquito que pousara em sua face. — Você está sabendo que dona Lucrezia vai se casar de novo? — perguntou ele. Eu sabia muito bem; algo estava prestes a se desequilibrar.

— Eu seria surda e cega se não soubesse. Os disparos de canhão do Sant'Angelo, quando a notícia foi anunciada, quase arrancaram os meus dentes.

Mas os disparos de canhão não haviam sido suficientes para o jubilante pontífice, o arrogante catalão cuja filha bastarda iria se unir em matrimônio a uma das mais importantes famílias da Itália, os "Este" de Ferrara. Ele ordenou também que os sinos do Capitólio dobrassem durante quase toda a noite e mandou acender fogueiras nas imediações do castelo, seguidas de cargas explosivas que ameaçaram incendiar a Ponte de Sant'Angelo. No dia seguinte, dona Lucrezia seguiu para a Igreja de Santa Maria pela Porta del Popolo na companhia de trezentos cavaleiros e quatro bispos, o que, para aqueles que estavam indo para o trabalho diário nas pequenas ruas, deve mais ter parecido 3.040 pessoas. Quando os filhos do Santo Padre tinham alguma coisa para comemorar, ele se certificava de que seus filhos espirituais não tivessem opção senão comemorar

também. Houve até uma apresentação de dois palhaços vestidos com roupas que dona Lucrezia havia doado, desfilando pela cidade e proclamando: “Vida longa à mais ilustre duquesa de Ferrara!” Na verdade, eles eram muito engraçados, contraindo seus lábios vermelhos e grasnando com vozes em falsetes.

— Três maridos antes de completar 21 anos. Isso é um verdadeiro recorde. — Eu tinha 15 anos, e minhas amigas do convento e eu éramos mulheres informadas sobre o mundo. Sabíamos de todos os mexericos, e muitos deles diziam respeito a dona Lucrezia, a filha predileta do papa.

Eu não estranhava que o papa tivesse uma filha. Nosso rabino tinha nove filhos, e para mim não parecia natural — se eu viesse a pensar sobre isso, o que raramente fazia — um padre não ter uma família. A congregação de um padre é um tipo de família, então certamente ele poderá orientar melhor as pessoas se souber como as famílias funcionam. Minhas colegas cristãs também não comentavam sobre a ascendência de dona Lucrezia; algumas delas eram filhas de cardeais.

— Ela não teve sorte com os maridos, é verdade — disse meu pai, com cuidado.

Eu lutava para não deixar transparecer o riso debochado em meu rosto. Até mesmo para os padrões romanos, a vida de dona Lucrezia era sensacional. Para começar, ela morava com a amante do pai, a bela Giulia Farnese, que era somente três anos mais velha do que a própria dona Lucrezia e era casada com um de seus primos. Além disso, casara-se pela primeira vez aos 13 anos e se divorciara do marido quatro anos depois sob a alegação de impotência, embora, de acordo com Battista Farignola, cuja irmã mais velha estava sendo perseguida pelo irmão de dona Lucrezia, dom Juan, ela estivesse grávida de seis meses na época em que deu testemunho de sua virgindade. Nenhum bebê jamais apareceu, então quem poderia saber?

— Sua Santidade afirma que ela leva uma vida casta desde a viuvez — persistiu meu pai, fitando-me até eu parar de sorrir.

O segundo marido de dona Lucrezia, Alfonso de Bisceglie, que era um parente distante do rei Fernando, e, segundo Lucia de Mantova, de uma beleza absolutamente divina, fora assassinado, cerca de um ano antes, dizia-se, pelo irmão mais velho de dona Lucrezia, o duque Valentino. As moças guardavam silêncio sobre isso; guardar silêncio era a coisa mais sábia a se fazer no que dizia respeito ao duque.

Uma semana antes apenas, o pequeno Haim me dissera que tinha visto a mão amputada de um homem, com a língua costurada a seu dedo mindinho, pendurada numa janela da prisão de Savelli, e que o duque Valentino a pusera ali porque o homem havia escrito uma carta pública acusando-o de viver como um turco com um harém de prostitutas. Eu havia gritado, tampado os ouvidos e pensado, embora mal pudesse acreditar naquilo, no Corsário de Gênova.

— E você devia respeitar mais aqueles que são superiores a você — acrescentou meu pai. Quanto a ser superior a mim, o pai de dona Lucrezia podia ser o papa, mas todos diziam que a mãe dela era apenas a dona de uma hospedaria, apesar de rica, que havia lucrado bastante no Jubileu do ano anterior, quando a cidade se encheu de peregrinos do mundo inteiro.

— Sim, papai. — Eu via que meu pai estava lutando com o que quer que precisasse me dizer, e eu não pretendia tornar aquilo ainda mais difícil para ele.

— Dizem que o duque Ercole de Ferrara, o novo sogro dela, está fazendo grandes exigências na negociação — continuou ele —, e está cobrando um preço alto pela mão de seu filho e herdeiro. Eu devo ajudar Sua Santidade com o dote.

O que isso teria a ver comigo? Esperei. Meu pai pigarreou. Olhou para mim, as mãos junto à boca, então pareceu tomar uma decisão.

— Sua Santidade sugeriu cortesmente, Esther, a possibilidade de você ser aceita como dama de companhia de dona Lucrezia, caso ela simpatize com você.

— Eu, papai? Ir para Ferrara? Mas fica no outro extremo da Itália! Talvez eu nunca mais veja o senhor. Não posso. — Eu me inclinei em

sua direção, os punhos fechados no colo, os ombros curvados. Meus olhos vasculharam seu rosto para ver se ele realmente considerara aquilo. Talvez fosse um teste elaborado para provar minha lealdade.

— Você teria de ser batizada, naturalmente.

Uma vez mais senti aquele medo do desconhecido que me descera pelas costas quase dez anos antes em Toledo, enquanto escutava a discussão de meus pais sobre o Édito de Expulsão. Desde aquele dia, eu percebi, nunca mais havia sentido medo de fato. Até agora, e agora eu estava velha demais para simplesmente tapar meus ouvidos com o travesseiro.

— Como pode sugerir uma coisa dessas? — Minha voz me surpreendeu, muito calma e firme, a despeito da raiva que começava a ferver dentro de mim. Eu parecia minha mãe. Os olhos de meu pai indicavam que ele percebera isso também.

— Vamos, antes de você se irritar, me escute, filha. Está com 15 anos. Se ainda estivéssemos em Toledo, certamente já estaria casada. Mas não estamos, estamos aqui, e nosso povo está espalhado. Tenho de pensar em seu futuro. Não há ninguém mais que possa fazer isso.

— A Sra. Abravanel me arranjará um marido, papai — eu o interrompi, embora também não estivesse sendo sincera no que dizia. — Ela é uma boa casamenteira. O senhor permitiu que ela escolhesse para Eli, por que não para mim?

— Eli vai demorar muitos anos para se casar. Josepha ainda é uma criança. E um filho... bom, é diferente. Se for com dona Lucrezia, ela vai poder achar um marido para você entre a nobreza, um homem de posição e com uma boa fortuna que a manterá... em segurança — concluiu ele, pouco convincente. — O duque Ercole aparentemente aprova a ideia de que sua nora tenha uma judia convertida entre suas damas, a quem ela possa dar orientação e instrução religiosa. Ele é um homem muito piedoso.

Com isso, eu ri, embora meu riso fosse cruel e sem graça.

— Eu? Receber instrução religiosa de Lucrezia Borgia? Tem ideia do absurdo que está dizendo?

— Ela comunga diariamente, me disseram, desde a morte do duque de Bisceglie, e ela própria ensina o catecismo ao filho.

Eu recuei contra a parede.

— Minha mãe morreu porque era judia. Como acha que ela se sentiria se ouvisse essa conversa? — Prendi a respiração. Esperei o teto desabar sobre minha cabeça. Não podia olhar para meu pai, mas escutei o som de quem prende o fôlego, como se ele tivesse cortado o dedo ou levado uma topada.

— Acha que tem sido fácil para mim todos esses anos — perguntou ele calmamente — ver você crescer e ficar cada vez mais parecida com ela? Porque você é, sabe, apesar dos cabelos louros e olhos azuis. A maneira como olhou para o *Padrón Real* quando entrou. Exatamente como ela. E, se acha que Mariam andou esfregando, está enganada. Eu mesmo o limpei quando vim para o escritório. Você disse que sua mãe morreu porque era judia. Se isso for verdade, acha que ela iria querer que acontecesse o mesmo com você? Porque não estamos nunca a salvo entre os cristãos. Eles acham que entregamos o Messias deles à crucificação. Por essa razão, não somos mais necessários à salvação deles, então se sentem livres para se vingar. O papa já tem quase 70 anos. Quem garante que seu sucessor será tão tolerante quanto ele? Quem garante que não haverá outra expulsão? acredite, Esther, sua mãe me apoiaria nessa decisão. Aproveite-se dessa vantagem; afaste-se de nós enquanto pode.

Uma guerra se desencadeou dentro de mim. Por um lado, meu pai me pedia que traísse minha cultura, minha educação, o povo que eu conhecia minha vida inteira. Por outro, apesar de eu observar com consciência todos os nossos ritos e rituais, nunca parei para pensar se realmente acreditava nos princípios que lhes eram subjacentes. Eram marcas no calendário, lembranças históricas, ocasiões para comemorações ou jejuns, festas ou vigílias. Não seria tão difícil trocar um conjunto por outro, especialmente vários deles, como o Natal e a Páscoa, que eram próximos às nossas celebrações. A paixão de minha mãe e o pragmatismo de meu pai entravam em conflito em minha alma.

— Pode pensar bem durante o resto do dia, se quiser — concedeu meu pai, com um sorriso forçado.

— Eu vou fazer o que me pede, papai. — De repente me decidi, quase como se alguém tivesse sussurrado ao meu ouvido que eu não fora destinada a morrer numa praia qualquer, descalça e febril com uma criança maltrapilha agachada ao meu lado na areia. Fiquei de pé e aguardei sua permissão para sair.

— Eu mandei buscar vocês, sabe — justificou-se ele, pressionando a fronte com os dedos —, mas, quando soube que o navio que levava minha carta tinha afundado na costa da Córsega, era tarde demais. Vocês já tinham partido. Tenho tentado dizer isso a ela, mas não sei se me ouve.

— Creio que os cristãos diriam que ela ouve. — Inclinei-me para beijar-lhe a face e senti o gosto de sal. Fechei a porta com cuidado depois que saí e o deixei entregue às suas lágrimas.

CAPÍTULO 2

No navio que saiu de Óstia, inicialmente não me importei com ser mantido acorrentado no porão, porque não havia opção. Eu estava cansado demais para escolhas; queria apenas ser liberado da responsabilidade de pensar. Estava, eu suponho, satisfeito, embora não tenha certeza disso, porque nunca entendi o que seja satisfação, a não ser como uma ausência — de alegria, tristeza, ambição ou imaginação.

Encontrei dona Lucrezia apenas uma vez antes de meu batismo, quando meu pai me levou para o grandioso palácio Orsini, aos pés dos degraus da Basílica de São Pedro, onde ela vivia com a tia, Adriana da Mila Orsini, e Giulia Farnese, que era a nora de dona Adriana e também a predileta do papa. Fiquei intimamente frustrada por La Bella Giulia não estar presente em nossa reunião, pois eu estava tão curiosa para vê-la quanto para conhecer dona Lucrezia. Dizia-se que ela era tão bela quanto Helena de Troia.

Fomos recebidos no *piano nobile*, um salão de dimensões tais que nem mesmo o fogo grande o suficiente para assar um boi, aceso numa lareira de mármore de Carrara, abrandava sua gélida elegância. Vi meu hálito condensar em frente a meu rosto quando uma escrava de libré, sem fazer ruído algum, fechou as portas duplas logo depois de entrarmos no aposento, e Adriana da Mila fez um sinal para que nos aproximássemos.

Ela e dona Lucrezia estavam sentadas, cada uma a um lado da lareira, em poltronas estofadas. O bebê de dona Lucrezia, Rodrigo de Bisceglie, que tinha então pouco mais de 1 ano, estava entre elas sentado num tapete de pele, brincando com bonecos de madeira vestidos como janízaros; o turbante de um deles se desfazia, e o bebê mastigava a ponta solta. Uma escrava negra se postara atrás da poltrona de dona Lucrezia de tal forma imóvel que eu me

perguntava se ela não seria uma estátua. Suas faces eram marcadas com os círculos tatuados dos escravos, embora trajasse um rico e distinto vestido de seda cor de amora.

— Talvez não se importe de esperar ali, *ser* Sarfati — disse dona Adriana, apontando com uma das mãos cheia de manchas, coberta de joias, para um banco colocado a meia distância do comprimento da sala —, enquanto falamos com sua filha. — Meu pai fez uma mesura, me deu um leve empurrão nas costas e sentou-se no banco. O estofado de couro rangeu; meus sapatos novos de pelica, molhados das poças do jardim do palácio, faziam um som estranho enquanto eu seguia em direção à lareira. Eu estava tão nervosa que comecei a suar, apesar do frio, e mantive meus braços pressionados contra o corpo e meus dentes cerrados para evitar que batessem uns contra os outros. “Você estava tão rígida que parecia um fantoche”, lembraria dona Lucrezia anos mais tarde com um tom divertido na voz.

A expressão dela naquela manhã era séria e um tanto cansada. O dorso do nariz era proeminente, e os olhos grandes e azul-acinzentados estavam com as pálpebras vermelhas, como se ela estivesse resfriada ou houvesse chorado. A mão que me estendeu era roliça e lânguida. Segurei-a de leve e me curvei, como meu pai me dissera ser o costume entre os cristãos de boa educação. Sua pele era tão macia que eu quase não a sentia, e as articulações dos dedos, extraordinariamente brancas, tinham covinhas como as de uma criança. Virei-me, então, e fiz uma reverência a dona Adriana, que inclinou a cabeça em minha direção com um suave tilintar de pérolas de seu toucado.

— Bom — disse dona Lucrezia —, você é loura mesmo, não é? Diga-me, essa é sua cor natural?

— É, sim, *madonna*.

Ela suspirou e passou a mão pelos cabelos, que estavam presos com uma rede de seda verde, salpicada de pequenos rubis.

— Os meus eram dessa cor. Mas caíram aos punhados quando tive Rodrigo e cresceram num tom mais escuro. Preciso passar horas com eles ao sol agora. Tenho uma invenção maravilhosa,

semelhante a um chapéu de sol sem copa, feito de cobre para acelerar o processo de clareamento. Quando era... hóspede do duque Valentino, no ano passado, Caterina Sforza me deu uma receita de uma mistura de açafão, cinábrio e enxofre, que ela garante dar resultado, mas que deixa a cabeça cheirando muito mal, como pode imaginar. Sente-se. Catherinella, um banco.

Percebi que a escrava não era um simples ornamento quando se virou para apanhar um banquinho da lareira e colocou-o atrás de mim. Minha narina começou a formigar. Imaginei ouvir o insistente sussurro de Mariam: "Espirre, criança, para afastar o demônio." "Não posso espirrar diante dessas senhoras", disse a mim mesma. "É melhor o demônio do que ser rejeitada por dona Lucrezia e ter de enfrentar a frustração de meu pai." Com um discreto fungado, me sentei, cruzando as mãos ao colo e fixando nelas a vista para evitar olhar para as duas mulheres em suas sedas e peles e joias brilhantes.

— Diga-me como vão indo seus estudos — retomou a conversa dona Lucrezia. — Eu acho especialmente gratificante quando alguém de sua raça vem para Cristo, porque, afinal, Ele era um judeu.

— Espero estar sendo uma boa aluna, *madonna*. Aprendi o Credo e os sacramentos, e, é claro, meu... Os judeus também seguem os mandamentos de Moisés.

— E quer recitar a oração do Pai-Nosso?

— Pois não, *madonna*. *Pater noster qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum...*

— Excelente. Seu latim está ótimo.

— Também sei um pouco de grego, *madonna*.

— E espanhol, imagino.

— Desculpe, *madonna*. Eu tinha 6 anos quando deixamos a Espanha. Não me lembro mais da língua. — Embora algumas vezes eu ainda sonhe que a estou falando, o castelhano de uma criança de 6 anos, duplamente distante de quem sou hoje em dia.

— Eu nasci aqui, mas entre nós sempre falamos nossa língua. Minha família é da nobreza valenciana.

Um tom de reprovação em sua voz me fez sentir a necessidade de me justificar.

— Meu pai considerava importante que praticássemos italiano para nos integrarmos às pessoas a nossa volta. E, de qualquer forma, acho que não nos entenderíamos em espanhol, *madonna*, pois minha família é de Toledo, então a senhora é catalã e nós somos castelhanos.

— É mesmo? Confesso que não entendo muito a geografia dos espanhóis, principalmente porque eles agora parecem estar em toda parte, desde a descoberta de *ser* Colon. — Seu tom era gélido. As pérolas de dona Adriana tilintaram. Um leve rangido do banco de couro onde meu pai estava sentado me dizia que eu havia excedido os limites das boas maneiras, mas, apesar de o pensamento fazer meu coração bater mais rápido, não me incomodei. Eu estava ali porque meu pai queria, não por minha vontade. — Você sabia que os romanos nos chamam de *marranos* sempre que fazemos algo que lhes desagrade? É uma ironia, não é, que nós, a família do Santo Padre, sejamos taxados de judeus secretos? Talvez devêssemos, nós duas, conversar em hebraico, hein, garota?

Parecia não haver resposta que eu desse que não fosse ofensiva ou à família de dona Lucrezia ou à minha própria. Então, de repente, ela sorriu. Aquele sorriso a transformou; parecia iluminá-la de dentro para fora, em vez de se instalar em seu rosto como um quadro pendurado para esconder uma rachadura na parede. Era possível até acreditar na bondade de seu coração.

— Diga-me — continuou ela. — Você conhece Petrarca?

De mal a pior. Eu conhecia Petrarca um pouco, das cópias bem manuseadas de alguns de seus poemas passados de mão em mão em segredo entre as moças do Santa Clara, mas, com meu pai sentado atrás de mim, eu precisava ser cautelosa ao admitir. Por outro lado, se eu deixasse de dar à senhora uma resposta sincera, ela jamais me consideraria uma aquisição adequada para sua casa, e eu frustraria todos os planos de meu pai.

— E Dante, é claro. — Aquilo foi um alívio. Dante era bem mais digno, embora não recomendado para se ler antes de dormir. Abri a

boca para repetir um dos comentários de meus professores sobre o simbolismo religioso do amor do poeta por Beatrice, mas, antes de eu falar, ela continuou: — “*Lasciate ogne speranza, voi ch’intrate.*” — Dona Lucrezia estava com um sorriso que me fez olhar para o rosto dela. Ela interceptou meu olhar ao erguer a vista para a tia, que tossiu um pouco, uma tosse que parecia mais um aviso do que uma obstrução da garganta. Senti minhas faces se abrasarem. A desaprovação de meu pai pareceu penetrar minhas costas. Em hipótese alguma, ele me dissera, você deve olhar uma senhora como dona Lucrezia nos olhos; isso será considerado como o máximo da grosseria.

Mas, no momento em que o olhar de dona Lucrezia encontrou o meu, percebi que minha impropriedade não importava. Uma fagulha se acendeu em seus olhos acinzentados. Ela sorriu. Ela gostou de mim. Eu não lhe dera nenhum motivo especial para isso, mas ela obviamente vira algo em mim, algo com o qual se identificava.

Nesse exato momento, o bebê, entediado dos bonecos, começou a choramingar. A escrava, Catherinella, deu um passo à frente, mas dona Lucrezia lhe fez um sinal para que se afastasse e pegou a criança no colo, onde o bebê, feliz, lhe agarrou o colar, mordendo o pingente de esmeralda do tamanho de um ovo de pato.

— Os dentes de trás dele estão nascendo — disse dona Lucrezia.

— *Madonna* — eu disse, encorajada pelo que vira em seus olhos. Outro pigarro de dona Adriana. Uma inspiração forçada de meu pai. Continuei. — Posso lhe fazer uma pergunta?

— Será que devemos deixar essa moça audaciosa nos fazer uma pergunta? — perguntou ela ao filho. — Por que não? Rodrigo disse que pode, *signorina* Esther.

— Quais são os deveres de uma dama de companhia, *madonna*?

— Ora, criança, ela faz companhia. E espera. Um marido. Um filho. Como qualquer outra mulher.

— Você vai servir dona Lucrezia em tudo que ela precisar, menina. É só — interrompeu dona Adriana.

Acreditando que nossa entrevista se encerrara, esperei para ser dispensada, porém, antes que alguma outra coisa fosse dita, as portas duplas da sala se abriram, deixando entrar uma rajada de um ar ainda mais frio, que fez com que as chamas dançassem na lareira. Um mensageiro de libré xadrez de veludo vermelho e cetim dourado atravessou toda a extensão do *piano nobile*, como se fosse o proprietário. Fez uma reverência diante das senhoras, em seguida entregou a dona Lucrezia um pergaminho, dobrado e selado. O rosto alvo dela adquiriu um leve tom rosado quando rompeu o selo e leu a carta.

— É um convite para um banquete hoje à tarde — disse ela à tia, embora suas faces ruborizadas e olhos brilhantes revelassem algo mais. — Claro que aceitamos — disse ela ao mensageiro, que fez nova medida e se retirou. Nas costas do rapaz, quando ele se virou, vi as letras C E S A R E bordadas com fios de ouro.

Dona Lucrezia levantou-se e entregou o filho a Catherinella.

— Leve-o para o berço. Eu preciso trocar de roupa.

Levantei-me também, esperando para ser dispensada.

— Seu pai receberá notícias nossas — disse dona Adriana.

— Não, espere. — Dona Lucrezia virou-se para mim. Ela parecia bastante agitada. — Esther, quando vai ser o seu batismo?

— Não sei ainda, *madonna*.

— Então vou pedir a minha secretária para falar com o deão de Santa Maria del Popolo para marcar a data. Você receberá instruções diretamente do meu capelão, de agora em diante, e eu serei sua madrinha. Gostaria que recebesse o nome... Donata. Donata Spagnola.

— Sim, *madonna*. Obrigada, *madonna*. — Fiz uma longa medida, mas ela me dispensou com um aceno de mão. Quando me juntei ao meu sorridente pai e fomos acompanhados para deixar a sala, ouvi dona Lucrezia conversando sobre vestidos com a tia.



Eu deveria ter vergonha de admitir isso, porém, o vestido, mais do que o estado de minha alma, era a questão que mais me preocupava à medida que a data estabelecida para meu batismo se aproximava.

Apesar de não tê-la visto desde nosso primeiro encontro, um mês antes, dona Lucrezia manteve sua palavra. Seu capelão nos visitou diariamente em nossa casa, entrando pela porta do pátio, no lado mais distante da *mezuzá*, benzendo-se e repetindo suas orações em voz baixa. O pequeno Haim e eu costumávamos correr para o terraço no topo do telhado para espiar aquelas chegadas furtivas, e meus flancos ainda doíam de tanto rir quando fui chamada para receber Fra Tommaso na pequena sala de visitas, onde eu tinha minhas aulas. Ele era um homem tímido e parecia sentir mais medo do Todo-Poderoso do que alegria em Seu serviço. Porém, eu me esforçava por ser uma boa aluna, por amor ao meu pai e porque eu não conseguia esquecer aquele lampejo de compreensão nos olhos de dona Lucrezia quando olhou para mim.

Na véspera da realização da cerimônia, a escrava negra, Catherinella, chegou ao nosso portão, acompanhada por um criado que carregava um embrulho de seda amarela, amarrado com laços de fita. Fiquei ansiosa para ver o que havia dentro. Logo que a escrava partiu, eu o abri, ali mesmo no vestíbulo, espalhando o invólucro de seda sobre o assoalho de pedra polido. Tirei de dentro um lindo missal, encadernado em couro vermelho com cantoneiras de prata e fechos de filigrana, e um vestido longo batismal, de cambraia de linho branca, as mangas largas e a barra de uns 30 centímetros bordadas em ouro, a gola de uma renda delicada como teias de aranha. Para combinar com o vestido, havia um manto de veludo branco, forrado de pele de raposa-polar e um fecho de pérolas na altura do pescoço. Mariam, que permanecera perto de mim por curiosidade depois que atendera ao portão, perdeu o fôlego diante da riqueza do vestido quando o ergui, depois de desembulhado, à luz das lâmpadas dos candeeiros de bronze na parede.

— Tenha cuidado, senhorita. Não vai querer fumaça nele.

O que me preocupou, no entanto, foi a maneira como a luz brilhava através da fina cambraia. Qualquer que fosse a reputação de dona Lucrezia, certamente ela não esperava que eu ficasse no meio da igreja, à vista de todo o clero e da congregação, com um vestido tão transparente quanto os véus de Salomé.

Levei o manto e o vestido para meu quarto e chamei Mariam para me ajudar, pois eu não tinha uma empregada só para mim. Depois de esvaziar o armário no qual eu guardava minhas anáguas e roupas íntimas, espalhando ramos de alecrim e lavanda sobre o tapete aos pés da minha cama, que a pobre Mariam teria de limpar mais uma vez, experimentei os mais diversos tipos de peças íntimas que pude imaginar, e fiquei de pé em frente a uma lamparina, de braços abertos, enquanto Mariam me examinava, tentando encontrar algum vestígio dos contornos de meu corpo por baixo das roupas. Por fim, escolhemos duas combinações de linho e uma anágua de lã. Fiquei um tanto volumosa, mas pelo menos me sentiria aquecida e meu recato permaneceria incontestável.

Por um longo tempo, depois que Mariam me deixou, permaneci em meu quarto olhando-me no espelho sob vários ângulos, estudando as diferentes imagens que conseguia obter de mim mesma. Meu pai tinha razão: eu crescera parecida com minha mãe. Não que me lembrasse claramente de seu rosto após tantos anos, nem dos maneirismos que meu pai identificava como dela — um jeito de puxar uma mecha do cabelo sobre a têmpora e enrolá-la no dedo ou de ficar de pé com as mãos na cintura, coisa que dona Lucrezia sem dúvida me instruiria a não fazer. Mas eu via minha mãe ao examinar minhas feições, as maçãs do rosto salientes, o nariz pequeno e afilado, o queixo ligeiramente quadrado e os olhos redondos, mas profundos, de modo que não davam a mesma impressão que os dos meus irmãos, que pareciam uma fileira de corujas espantadas quando estavam todos juntos. Não, “via” era a palavra errada. Eu a trazia de volta. Ela pairava por trás do reflexo no espelho e movia os lábios dizendo palavras que eu não conseguia entender, porque minha própria expressão de dúvida e teimosia as velava.

Papai teria razão ao dizer que ela aprovaria o que eu estava fazendo, ou será que ele mentira para me convencer? Ou talvez nunca tivesse entendido sua mulher? Bom, era tarde demais agora para essas especulações. No dia seguinte, na missa matinal, a filha do papa tomaria a minha mão magra como os ossos de um pássaro nas suas, roliças, e me conduziria ao meu ato de submissão ao seu pai. No dia seguinte, dona Lucrezia se tornaria minha mãe diante de Deus. Eu seria liberada de meus pecados e dos pecados de meu povo; eu me tornaria uma *tabula rasa*.

Quando estava prestes a trocar de roupa, escutei uma batida de leve à minha porta, quase tímida.

— Quem é?

— Papai.

— Entre. Eu estava começando... a trocar de roupa — concluí debilmente ao ver a expressão em seu rosto, diante da visão da filha com a veste batismal.

— Eu... ahh. — Ele pigarreou. — Tenho um jantar hoje à noite, com o representante da família Fugger. Alguma coisa em relação ao aumento dos tributos aduaneiros sobre a pimenta que está chegando a Veneza. Importante, quando se leva em conta a quantidade de pimenta que consumimos. Acredito que vá voltar tarde.

— Pode me acordar. — Ambos sabíamos que não voltaríamos a nos ver por um longo tempo. Ele e meus irmãos não poderiam ir à igreja no dia seguinte, nem fazer visitas sociais ao Santa Maria in Portico, e eu não tinha ideia do tempo livre que meus novos afazeres me permitiriam, se é que permitiriam algum.

— Prefiro não acordar você. — Ele veio em minha direção, colocou suas mãos grandes sobre meus ombros. — Amanhã você vai querer estar em sua melhor forma, sem olheiras sob os olhos.

— Não é... — “meu casamento”, quase retruquei.

— É muito bom que dona Lucrezia tenha gostado tanto de você. Bom para seu futuro. Sua mãe ficaria muito orgulhosa — completou ele muito rápido, como se tivesse entrado num banho frio ou

engolido um remédio amargo. E, antes que eu pudesse responder, ele dera meia-volta e desaparecera, deixando para trás apenas um leve perfume de âmbar-gris, que ele usava para manter a barba brilhante.

Tirei minha roupa de batizado e coloquei-a em cima do baú de viagem, que seria levado pela manhã ao Palácio de Santa Maria. Era um ótimo baú, feito para a ocasião, recoberto com couro espanhol vermelho e acabamento em latão. Possuía compartimentos especiais folheados em cedro para pequenas peças íntimas, escovas de cabelo, cintos e sapatos, e duas divisões para vestidos. Em algum lugar, nessa mistura de planejamento prático e habilidade artística, encontrava-se a alma de Donata Spagnola.



O batismo cristão é um rito estranho. Nós, judeus, damos grande ênfase à comida na celebração de nossa fé. Comemos cordeiro assado com alho e alecrim e bolos de *matzoh* nas festas de Pessach, e ovos vermelhos e arroz de açafrão na véspera do Shabbat. E — meus favoritos, por causa de sua associação com a rainha Esther — as adocicadas *orejas de Haman* na festa de Purim, seu teor de açúcar quase insuportavelmente intenso após três dias de jejum. Mas sabemos que elas são apenas feitas de massa, enrolada e encurvada para se assemelhar à orelha humana; não acreditamos que sejam, de alguma forma, magicamente transformadas nas orelhas de Haman quando as comemos. Quantas orelhas pode um homem ter, mesmo que seja o mais ardiloso e maquinador dos cortesãos, que costumava escutar à porta do quarto do rei?

Entretanto, ali estava eu, tonta com o cheiro forte de incenso e as desagradáveis vozes de soprano dos meninos do coro, banhada, untada e salgada, como que pronta para o espeto. Santos pomposos e sangrando encontravam-se em toda parte, nas paredes, nos tetos, em cima de pedestais ou assomando pequenos nichos. Ajoelhada diante do altar, tendo de um lado dona Lucrezia, e do outro, um bispo cujo nome agora não me recordo substituindo meu padrinho, o cunhado de dona Lucrezia, cardeal Ippolito d'Este, eu deveria

agora receber o pão e o vinho e acreditar que eles haviam sido transformados no corpo e no sangue de Cristo por alguma magia do padre. Eu, uma judia, que só comera carne de animal cujo sangue havia sido totalmente extraído, que era proibida de comer até mesmo um ovo que apresentasse manchas de sangue. Eu rezava; não para o Espírito Santo, mas para que minha garganta não se contraísse e me sufocasse.

Era uma manhã de chuva intensa e ventos fortes, de modo que o cardeal Vera, que deveria presidir a cerimônia, ficou satisfeito pela celebração se realizar dentro da igreja, e não do lado de fora, como programado. Talvez tenha sido por isso que o Espírito Santo decidira se manter à distância. Logo que o cardeal pronunciou o exorcismo e colocou o véu sobre minha cabeça, tudo o que eu sabia, quando me aproximei do altar, dona Lucrezia e o bispo sem nome dando-me a mão, era que o sal em minha língua fazia meu estômago ansiar pelo jejum. A água pingava das pontas dos meus cabelos soltos, ensopando-me as roupas até a parte traseira de minhas coxas. Eu tremia. Dona Lucrezia apertou minha mão e sorriu na direção do altar; talvez ela pensasse que meu tremor fosse um sinal da intervenção divina, as asas da Pomba fazendo tremular minha pele.

Ajoelhei-me numa almofada de seda branca. Recitei o Credo e o Pai-Nosso, então o próprio cardeal Vera, os tendões de seu pescoço envelhecido lembrando-me carne de veado pendurada, ministrou o sacramento. Pão e vinho, apenas pão e vinho, eu disse a mim mesma — e, a propósito, nenhum dos dois muito bom — quando engoli o pequeno disco que tinha gosto de papel e o vinho que deixou um ardor em minha garganta. Como dona Lucrezia aguentava isso de estômago vazio diariamente? Fiquei imaginando. Olhei para ela, ajoelhada ao meu lado, cabeça baixa, os lábios movendo-se em silêncio, aparentemente em ardente oração; então, procurando imitá-la, levantei-me e prossegui em direção à porta, enquanto o clérigo concedia várias bênçãos e graças.

Notei Battista Farignola e Isotta de Mantova em meio à congregação, mas elas estavam muito ocupadas tentando atrair a atenção de um grupo de rapazes vestidos com elegância, que

conversavam em sussurros altos ao lado de uma das colunas, para me retribuir o sorriso. Isso me pareceu extremamente pecaminoso. Na sinagoga, as moças e os rapazes só se reuniam após as cerimônias, sob os olhos vigilantes e perspicazes dos pais e dos casamenteiros. Os cristãos, no entanto, pareciam não se importar com a mistura de rapazes e moças na igreja, de modo que trocas de olhares e de gestos, de sinais com os leques e beijos lançados no ar, podiam ocorrer por sobre as cabeças baixas de patriarcas devotos e suas piedosas esposas. Se achavam que Eva era a mãe de todos os pecados, podiam ter certeza de que a culpa era só deles.

Eu também não pude deixar de notar Giulia Farnese. Ela era a mais bela mulher que eu jamais vira, com olhos tão cálidos como o açúcar queimado, e os cabelos cor de mel trançados com cordões de enormes pérolas, sob um véu de tecido de ouro. Ela dava a mão a um menino gordinho, de cerca de 4 anos, que eu presumia ser seu filho, Giovanni, conhecido como o Infante Romano, embora a maioria das pessoas presumisse, menos honradamente, ser filho do papa Alexandre. Ele era tão sem graça quanto sua mãe era bela, e seu título imponente parecia não lhe cair bem sobre os pequenos ombros rechonchudos. La Bella Giulia fez um aceno de cabeça para mim, o que causou uma comoção entre algumas mulheres que estavam atrás dela, a maioria jovem e de olhos observadores. Apenas uma dessas moças parecia não dar importância aos arranjos sociais que precisaram ser feitos para que eu conquistasse os favores da amante do papa. Cobrindo a boca com um regalo de marta-zibelina, ela bocejou e depois piscou para mim. Pensei estar imaginando aquilo, mas logo descobri que não estava.

Haveria uma recepção para mim no palácio. Isso me fazia parecer muito importante, mas, é claro, eu não era. Aquela família não precisava de grandes motivos para dar uma festa, e seria apenas uma pequena recepção, uma refeição matinal, seguida de dança para me apresentar às outras damas de dona Lucrezia. Giulia Farnese seria a convidada de honra. Quando cheguei ao palácio, a escrava, Catherinella, apressou-se em me conduzir através de um

labirinto de corredores e me levou para um pequeno quarto em um dos andares superiores.

— Você muda de roupa — disse ela, em seu lento italiano, mas enunciado com precisão —, e eu a ajudo.

Meu baú de viagem estava aos pés da cama, que, junto a uma mesa de cabeceira e uma cadeira simples de madeira, constituía toda a mobília do quarto. Vi que ele havia sido aberto, e que meu melhor vestido, o de veludo azul-escuro, fora colocado sobre a cama. Ao lado dele estavam uma *camorra* de brocado verde-esmeralda brilhante, forrada de seda prateada, e um colar de pérolas com um pingente de safira.

— Presente da minha senhora — disse Catherinella.

Eu estava inflada de orgulho, como um pombo ao fazer a corte, pelo fato de *madonna* Lucrezia me dar tais presentes. Era um óbvio sinal de favoritismo. Não percebi na ocasião que, entre as pessoas cuja riqueza é tão fabulosa e negligenciada como a da família Borgia naqueles anos, eram os pequenos presentes que contavam, não os extremamente caros. Uma pulseira de pelos trançados, um porta-joias vazio, que um dia guardara um poema. Tinha certeza de que, no momento em que eu entrasse no salão onde a refeição seria servida, todas as cabeças se virariam e todas as conversas cessariam, enquanto as damas de companhia de dona Lucrezia lutariam para conter a inveja da nova favorita, a estrela ascendente, Donata Spagnola, que surgia como uma fênix das cinzas de Esther Sarfati. Ah, como havia sido completamente apagada aquela menina de Toledo, nos lugares mais remotos do mundo cristão, e como totalmente romana se tornara Donata, de veludo e pérolas!

Somente uma pessoa, por assim dizer, não se juntara ao grupo que se pavoneava ao redor do salão: a moça de regalo de marta-zibelina, que percebi naquele momento ser um pouco mais velha que eu, e que, sem dúvida, era uma Borgia, pelo nariz de dorso proeminente e olhos grandes, um pouco juntos demais, como os de dona Lucrezia.

— Eu sou Angela — apresentou-se, estendendo a mão. Ela tinha um aperto de mão firme e seco e um olhar cândido. — Prima de

Lucrezia. Bem, uma delas. Há Geronima também, mas ela é terrivelmente... espanhola. Usa preto, está sempre na igreja, sabe como é o tipo. Ó, Senhor, quer dizer, desculpe, você é espanhola. Mas judeus são judeus, não é mesmo? Então você não é realmente espanhola.

Nem de fato judia, pensei, tentando me sentir insultada, mas desarmada pela franqueza de Angela e pela cordialidade de seu sorriso.

— Os catalães são realmente espanhóis? — perguntei.

— Ó, Deus.

Eu me contraí. Como esses cristãos invocavam o Santo Nome de forma descuidada!

— Nós, os Borgia, somos tudo e não somos nada, na verdade — continuou Angela, e fiquei tentando imaginar se o duque Valentino já a ouvira falar dessa forma, e quanto tempo a língua dela permaneceria na boca se ele a escutasse. — Os romanos dizem que somos *marranos* e é provável que estejam certos.

— Então somos iguais.

Angela continuava segurando minha mão. Então passou a balançá-la alegremente para cima e para baixo.

— E seremos amigas. Já providenciei para que compartilhássemos um quarto. Espero que não se incomode. — Eu não podia dizer que me incomodava, mas aquilo me fez pensar. Por não ter parentes próximos do sexo feminino, eu não tinha o hábito de dividir uma cama. E se Angela roncasse, ou rangesse os dentes, ou chutasse enquanto dormia? E se eu fizesse alguma dessas coisas?

Se Angela percebeu minha hesitação, certamente não pareceu incomodada.

— Agora — continuou, com um jeito infantil —, quem é aquela criatura alta admirando o próprio reflexo na prata? Uma de suas amigas? Você sabe dançar a *moresca*? Meu primo Cesare gosta muito mais de ver as moças dançando do que os rapazes. — Enfiando minha mão embaixo de seu braço, ela continuou a me bombardear com perguntas, exceto quando parava para me

apresentar a alguém ou fazer um comentário sobre um penteado, a largura de uma manga ou uma maquiagem mais pesada. Se Angela dizia que seríamos amigas, pensei, então parecia não fazer sentido discutir com ela.

Dona Lucrezia sentou-se à cabeceira da mesa, com Giulia Farnese à sua direita e Angela à sua esquerda. Eu me sentei ao lado de Angela, embora a honra de me sentar a apenas um lugar de distância de dona Lucrezia tivesse perdido o sentido para mim, e eu desejasse estar o mais longe possível da mesa principal, com minhas amigas do Santa Clara, onde ninguém me observasse. Ninguém poderia comer, enquanto nós, à mesa principal, não tivéssemos experimentado cada um dos pratos. Havia lagostim, vitela num molho cremoso e leitão recheado com figos. Repetidamente, forçava-me a me lembrar de que eu não mais pecava ao comer aqueles pratos, porém era como se meu corpo e minha mente houvessem se desconectado. Meu cérebro ordenava que meu corpo comesse, no entanto, minha garganta se fechava e me impedia de engolir. Com a ajuda de grandes goles de vinho, consegui forçar a descida de alguns bocados, mas, ao olhar em seguida para o amplo salão onde Isotta e Battista estavam sentadas, percebi que minha visão estava turva e que devia estar bêbada. Lembrei-me de Simeon listando a visão dupla como um dos sintomas.

Eu ansiava por um copo de água, mas não me atrevia a pedir. Os pajens de libré, que ficavam atrás de cada uma de nós, permaneciam empertigados e solenes como as efígies nas tumbas; eu não acreditava que eles pudessem me ouvir, mesmo que eu criasse coragem para falar. Então bebi mais vinho e, quando as carnes foram recolhidas e as tigelas de frutas trazidas para a mesa, acompanhadas de pratos de queijo coalho adocicado, me vi de repente esfomeada. Meu prato estava indecentemente cheio de cascas de romãs e sementes de pêssego em calda quando dona Lucrezia bateu palmas e anunciou que deveríamos nos dirigir a uma sala maior no andar térreo, onde os músicos nos esperavam.

Tentei ficar de pé, mas me senti como se estivesse de volta ao mar, numa tempestade de vento, o convés balançando e deslizando

sob meus pés. Uma água adocicada me enchia a boca e o nariz com aquele gosto enjoativo. Certa de que estava prestes a vomitar, tropecei no banco, empurrando um daqueles pajens solenes para que saísse da minha frente, e abandonei o salão com a voz de Angela, “Donata? Você está bem?”, atravessando o zumbido em meus ouvidos.

Ar. Eu precisava de ar. Precisava achar uma saída, mas estávamos no primeiro andar, e eu não tinha ideia de onde ficava a escada. Uma janela. Qualquer coisa. Corri, virei, corri em outra direção, tropecei nas bordas dos tapetes, prendi a manga num candeeiro preso à parede. Minha boca estava inundada de bile. Tarde demais. Sentindo uma ânsia de vômito tão forte que minha garganta parecia querer rebentar, caí de joelhos e vomitei todo o meu jantar sobre uma fina passadeira de seda no centro de um piso de mármore. Sem forças para me levantar, me arrastei, afastando-me da sujeira fétida que eu deixara no chão, minha testa pressionada contra o mármore frio. Tudo o que eu queria era dormir, mas não tinha ideia de como encontrar minha cama, naquele pequeno quarto enterrado no coração do gigantesco palácio. Além disso, quando eu fechava os olhos, minha cabeça começava a girar, e eu temia passar mal de novo.

Não tenho ideia de quanto tempo eu permaneci naquela posição até ouvir passos se aproximando. De início, esperava que fosse Angela, ou uma das escravas de dona Lucrezia, enviada para me procurar. Eu cairia em desgraça, sem dúvida. Talvez até fosse mandada de volta para casa. A perspectiva me fez me sentir um pouco melhor, então escutei vozes masculinas, uma conversa em sussurros seguida de uma explosão de riso. Um arrastar de sapatos macios acompanhado do forte ruído de botas esporeadas. Fechei os olhos, apertando-os com força, meu cérebro bêbado me convencendo de que, se eu não pudesse vê-los, eles também não poderiam me ver.

Silêncio. A luz da tocha iluminava as veias em minhas pálpebras. Hálito de vinho em meu rosto, um leve perfume de óleo de jasmim. A biqueira de uma das botas tocou minhas costelas, mas de forma

suave, cuidadosa, virando-me de lado. Então o medo de vomitar de novo, quando um hálito fétido me atingiu a face seguido do calor úmido de uma língua lambendo meu nariz.

— Bêbada — soou forte a voz do homem de botas, suprimindo o riso. — Deixe a moça em paz, Tirésias. Se ela for deliciosa como uma trufa, ela é minha, seu cão danado.

— Não vejo nenhuma marca nela — disse o outro, sua voz mais suave, quase um sussurro em meu ouvido. Seu sotaque não era romano. — Mas fede como o salão de uma taberna.

— Deve ser uma das moças de Lucrezia — disse o homem de botas. — Pajem, vá até o Salão do Zodíaco e comunique a dona Lucrezia que uma das ovelhas dela se desgarrou.

— Sim, meu senhor! — O som da voz aguda de um garoto, seguido de passos apressados e escuridão; não, uma mudança na luminosidade. O pajem deve ter levado uma tocha, mas acendido um dos lampiões da parede antes de ir. Abri os olhos.

De joelhos ao meu lado, estava um homem jovem com trajés de cardeal, um dos braços apoiado sobre o torso de um cão de caça velho, cujos olhos azuis albinos eram esbranquiçados da catarata. Tive a impressão de que o cardeal era todo vermelho e preto, sua barba escura, a túnica vermelha e os lábios grossos e brilhantes.

— Ela acordou — disse ele, sorrindo para mim. O cão arreganhou os dentes também, a língua de fora sobre cacos de dentes marrons.

As sombras mudaram quando o homem de botas agachou-se por trás do cão para me olhar mais de perto. Ele usava uma máscara e estava vestido totalmente de preto; até suas mãos, apoiadas de leve sobre os joelhos, estavam cobertas com luvas pretas de veludo, e um chapéu também preto cobria seus cabelos. A luz do candeeiro da parede incidiu sobre ele, tornando difícil discernir os detalhes de sua veste e máscara.

— Bom — disse ele —, espero que as moças da minha irmã não estejam nesse mesmo estado. O cardeal Ippolito e eu estávamos indo ver a dança, e vai ser uma grande confusão se todas vocês estiverem caindo de bêbadas.

Duque Valentino. Pensei de novo na mão e na língua. Fechei os olhos mais uma vez e cerrei os dentes, e só esperava que um assassino muito eficiente me matasse sem dor, assim como fazem os açougueiros *kosher*.

Nada aconteceu. Abri os olhos de novo, desejando que isso acontecesse. Pois, naquele instante, minha mente confusa havia registrado que, não somente o duque me achara deitada no chão, mas também o cardeal Ippolito d'Este, o homem indicado para ser meu padrinho.

— Tente sentar-se — dizia o cardeal. — No início, você vai se sentir tonta, mas é melhor ficar ereta para que então todo esse vinho que corre em suas veias possa sair de sua cabeça.

— Desculpe, me perdoe, eu...

— Não se preocupe com isso. Cesare, pegue o outro braço dela e vamos colocá-la de pé. Ela precisa de ar.

Cada um dos homens me segurou pelos cotovelos, a enorme mão do cardeal bem-tratada, os dedos do duque firmes e magros sob a luva. Enquanto ele se preocupava rapidamente em soltar suas esporas da bainha de minha *camorra*, olhei para o seu rosto. O homem mais belo da Itália, as moças do Santa Clara costumavam dizer, embora eu ache que nenhuma delas o tivesse de fato visto de perto. No entanto, por causa da máscara, apenas a barba ruiva bem-feita era visível, além dos lábios pálidos, que tinham em si certa mobilidade muscular. Tive a impressão de que ele usava aquela máscara, uma confecção alada de veludo preto, galões de ouro e pérolas, porque, nele, até mesmo a beleza era perigosa. Será que temia olhar para a própria face?

Quando me levantei, o sangue pareceu se esvaír de minha cabeça e se acumular em meus pés, fazendo-os pesar enquanto, com profusas desculpas, eu tropeçava e oscilava de encontro ao cardeal.

— Por favor — disse ele, de forma maliciosa —, o prazer é todo meu. — Ele passou um braço em torno de minha cintura quando o duque soltou meu cotovelo. Pensei em meu pai e em suas boas intenções, e senti as lágrimas arderem em meus olhos.

— Donata! — Angela. Ó, bendito seja o Santo Nome.

— Donata? — repetiu o cardeal.

— Sim, Vossa Eminência. — Seria aquela a forma correta de me dirigir a ele? Esperava que sim.

— Perdoem-me. Meu senhor cardeal, primo Cesare. — Parando diante de mim, Angela fez uma profunda reverência. O cardeal lhe ofereceu a mão livre, e ela beijou-lhe o anel. Embora o duque a tenha erguido e lhe dado um leve beijo na face, ela continuou a olhar para o cardeal através dos cílios, com uma encantadora afetação de modéstia.

— Dona Angela — repreendeu o cardeal —, exijo que no futuro tome conta melhor de minha afilhada.

— Talvez Vossa Eminência devesse me dar umas aulas sobre o assunto.

Extremamente ciente de minha roupa suja e amassada, dos fios de cabelo grudados na testa, do meu hálito podre, me senti mais inconveniente e deslocada do que nunca.

— Venha beber algo comigo depois que cuidar da *signorina* Donata — disse o cardeal —, e faremos um plano de aulas.

— Vamos, Ippolito — disse o duque. — Já fizemos a nossa boa ação de hoje. — Embora ele não tivesse dito mais nada, percebi as boas “ações” que ele agora contemplava ali no ar frio do corredor, e uma sensação estranha me atravessou o corpo.

Ao me ver estremecer, Angela pôs o braço à minha volta.

— Cama para você, mocinha. Você já festejou bastante por uma noite.

— Será que dona Lucrezia vai me expulsar? — choraminguei, tão apavorada quanto ansiosa pela resposta.

Ela riu.

— Meu Deus, não. Na pior das hipóteses, você vai receber uma repreensão de dona Adriana; na melhor, Lucrezia vai achar engraçado. Elisabetta Senese uma vez confundiu o Santo Padre com uma almofada e sentou-se no colo dele. Ele ficou encantado. Deu a

ela uma quantidade enorme de almofadas de seda que costumavam ficar nos alojamentos do príncipe Djem. O quarto dela agora parece um harém.

— Quem é o príncipe Djem?

— Ah, ele morreu há muitos anos. Era o irmão do sultão otomano, mas, para não ter que matá-lo, o sultão pagou para que ele ficasse aqui. Aparentemente é assim que os otomanos garantem a sucessão. Eles matam os irmãos. Todos nós gostávamos muito de Djem, principalmente Cesare, mas Djem amava mais Juan. — Ela fez uma pausa. Senti um olhar observador sobre mim, embora estivéssemos longe dos cômodos novos e bem-iluminados do palácio, mas de volta ao labirinto de corredores estreitos e precários onde se localizavam os aposentos das damas de companhia da *madonna* Lucrezia. — Amava de fato. Juan era bonito como uma moça. Chegamos.

Angela me levou para o quarto, tateou à procura da beirada da cama e me ajudou a me deitar, empurrando-me, enquanto, com a outra mão, tentava achar, num pequeno nicho na parede, a caixa de pederneira que mantinha aos pés do crucifixo de madeira.

Encorajada pelo fato de não poder ver seu rosto, perguntei:

— O que aconteceu com dom Juan? — Embora eu fosse apenas uma menina quando ele morreu, lembro que os boatos fervilharam por toda a cidade de Roma quando seu corpo mutilado foi retirado do Tibre por um pescador, e o nome Valentino não saiu da boca do povo. Dizia-se que os irmãos haviam discutido pelas atenções da cunhada, a princesa Sancha de Aragão, ou pelo fato de Juan, apesar de sua inépcia como soldado, ter sido nomeado gonfaloneiro da Igreja, enquanto Cesare, então cardeal de Valência, fora destinado a seguir os passos do pai na subida ao Trono de São Pedro. Ninguém jamais fora condenado pelo assassinato do filho predileto do papa, então os boatos supuraram como uma ferida não cuidada.

Angela friccionou sua pederneira e acendeu a luz da vela na mesinha de cabeceira. Inclinando-se em minha direção, os olhos abertos e atentos, com olheiras de cansaço que eu não notara antes, pegou minhas mãos e pressionou-as contra meus joelhos.

— Donata, eu quero ser sua amiga. Você é bonita e inteligente, e pode se dar bem aqui. Mas existem algumas perguntas que não devem ser feitas, e há certas coisas que você pode vir a presenciar que deverá guardar para si mesma. E, quanto a Juan — acrescentou ela, aprumando-se e adotando uma nota mais leve na voz, como se nenhum mistério estivesse ligado ao assassinato dele —, foram os Orsini. Eles guardam um ressentimento contra nós desde que tio Rodrigo prendeu Virginio Orsini, por ele ter passado para o lado dos franceses em 1493, e ele morreu na prisão. Eles afirmavam que tio Rodrigo tinha dado ordem para matar Virginio Orsini, então escolheram Juan para se vingar. As honras agora estão lavadas, e as desavenças, encerradas.

As honras não estavam lavadas, é óbvio; o ciclo de vinganças nunca termina, e eu me pergunto se Angela realmente acreditava numa palavra do que dissera ou se estaria simplesmente tentando me proteger. Como veio a suceder, de uma maneira indireta, a inimizade entre os Borgia e os Orsini transformaria minha vida, mas não ainda. Não ainda.

Angela me ajudou a tirar a roupa e me acomodou na cama. A enxerga com enchimento de lã e crina de cavalo parecia tão macia como um colchão de penas para o meu estômago em chamas e minha cabeça zozna. Após passar água de rosas por trás das orelhas, de um frasco sobre a mesinha de cabeceira, Angela disse que iria retornar à dança e me deu boa-noite.

— Vou levar a vela — disse ela e, com a súbita e total escuridão no pequeno cômodo que agora passara a ser minha casa, mergulhei num sono profundo e sem sonhos. Não percebi quando Angela veio se deitar.



Fui dispensada de prestar serviços a dona Lucrezia quando ela se levantou na manhã seguinte, mas fui chamada à sua presença após a refeição matinal na pequena sala de estar que dava para a escadaria de São Pedro, onde ela realizava suas audiências

particulares. Dona Lucrezia parecia ter dormido pouco; manchas vermelhas realçavam suas faces como um ruge mal-aplicado, e seus olhos brilhavam como o luar no fundo de um lago. Embora envolta num manto de peles, ela tremia de forma intermitente, e eu receava que ela estivesse com febre. Dona Adriana a acompanhava e foi ela quem deu início à entrevista, o queixo trêmulo de indignação.

— Minha nora, dona Giulia, ficou decepcionada, porque você não pôde ser apresentada a ela na noite passada.

Curvei a cabeça, temerosa de que as senhoras me vissem ruborizar.

— Como também Sua Santidade, meu pai — acrescentou dona Lucrezia, num tom que poderia estilhaçar vidro —, que nos surpreendeu e honrou com sua presença.

— Você não tem nada a dizer, menina?

— Eu sinto muito mesmo. Não estou acostumada a beber vinho, e a comida tão farta, e também as emoções do dia... Não vai acontecer de novo — concluí, meio insegura.

Seguiu-se um silêncio. Os gritos dos mascates que ofereciam tortas e medalhas de santos nos degraus da basílica chegavam até nós, abafados pelos vidros da janela. Dona Lucrezia olhou para fora, suas sobancelhas muito bem-feitas contraídas levemente. Lembrei-me de que o duque de Bisceglie, pai do pequeno Rodrigo, havia sofrido os ferimentos que terminaram por matá-lo naqueles degraus, e eu me perguntava por que ela escolhera aquela sala para si, se amara o segundo marido tanto quanto o *avvisi* dissera.

Fui surpreendida nesses meus pensamentos pela risada característica de dona Lucrezia.

— Então você conheceu meu querido irmão, Cesar — disse ela, usando a forma catalã do nome dele, apesar de falar comigo em italiano. Fiquei pensando se não seria melhor pular da janela e encontrar minha própria sorte nos degraus da Basílica de São Pedro. Eu imaginava que talvez o duque estivesse, naquele exato momento, escondido por trás de uma das cortinas que fechavam uma passagem secreta, empunhando uma adaga com a qual daria cabo

de mim. — Eu estava inclinada a lhe dar uma punição severa, mas tanto ele quanto o cardeal Ippolito intercederam por você, então vou ser piedosa. Eu tinha planejado lhe dar três vestidos novos para a comemoração de meu casamento, mas agora serão somente dois, para compensar o custo de repor o tapete que você destruiu. Mas, eu creio, com a *camorra* que lhe dei para o seu batismo, e o manto de veludo branco, você não me fará passar vergonha.

— Mas...

Dona Adriana arqueou as sobrancelhas, alarmada.

— Eu disse que você deveria entrevistar essa moça com mais atenção — reclamou ela a dona Lucrezia, num sussurro audível. — Agora ela está lhe respondendo.

— A minha decisão não lhe agrada? — perguntou dona Lucrezia.

— Não, *madonna*, quer dizer... A senhora é muito generosa. Eu estava pensando que ia me mandar de volta para o meu pai.

— E era isso o que você queria. — Não era uma pergunta, mas uma afirmação, expressa num tom baixo, compassivo. — Ó, minha querida. — Dona Adriana pôs uma das mãos no braço da sobrinha, em sinal de advertência, mas, apesar disso, dona Lucrezia continuou: — Temos que aprender a querer o que os nossos pais querem.



As semanas seguintes passaram-se velozes, numa azáfama de provas de vestidos e tratamentos de beleza, pequenas e estranhas agonias de alfinetes e pelos arrancados. E dona Lucrezia, consciente, sem dúvida, dos olhares dos enviados do duque Ercole, não negligenciou seus deveres de madrinha comigo. Ela fora nomeada regente no Vaticano, enquanto o papa e o duque Valentino se encontravam em visitas de inspeção às fortificações de Nepi e da Civita Castellana, mas, ainda assim, achava tempo para me acompanhar à missa todas as manhãs, me ensinar a fazer a genuflexão, a me benzer corretamente e a receber a hóstia, que aqueles canibais chamavam de corpo de Cristo. Supervisionava meu

bordado e meu canto, e sua satisfação com meu trabalho sobre um soneto de Petrarca foi tão grande que sua bondade a fez ceder em relação ao terceiro vestido. Serena, risonha e competente, ela parecia não ter dúvidas de que seria feliz com o homem de poucos atrativos, cujo pequeno retrato carregava para todos os lugares pendurado ao cinto por uma corrente de ouro.

Somente em nossas visitas semanais à casa de banho ela relaxava e admitia certa brincadeira a respeito do nariz quebrado de dom Alfonso e de seus cabelos curtos fora de moda. Dos boatos mais sérios sobre ele, como o de que havia enlouquecido por ter contraído o mal-francês e ficado propenso a depressões violentas, durante as quais perambulava pelas ruas de Ferrara nu como no dia em que nascera, ou o de que ele mantinha um sem número de amantes, ela não queria ouvir falar.

— Eu sei de tudo o que é preciso saber sobre o mal-francês — respondeu ela bruscamente a Angela um dia, quando eu e as outras moças a encorajamos a abordar o assunto. — Você, entre todas as pessoas, deveria saber muito bem disso.

— Perdão, *madonna* — sussurrou Angela, e me senti por um momento como se tivesse lançado minha amiga a uma matilha de cães de caça.

Atravessávamos o jardim em grupo para a casa de banho, envoltas apenas em nossos xales napolitanos, uma peça de roupa solta e diáfana transformada em moda pela princesa Sancha. Sempre que eu usava o meu, sentia-me mais nua do que se não estivesse usando nada, e via o ar de reprovação no rosto de Mariam tão claramente como se ela estivesse me espiando por trás da figueira que sombreava a porta do jardim e manchava de cor-de-rosa o caminho com seus frutos pegajosos. Às vezes, eu tinha a sensação passageira de haver outros olhos sobre nós, olhares que me faziam ruborizar e sentir um calafrio imediato, que davam nós em meu estômago.

A casa de banho era elegantemente disfarçada para parecer um templo em ruínas, com colunas de mármore quebradas e estátuas de Vênus rechonchudas, cujos narizes haviam sido arrancados de

forma deliberada, porém, seu interior era absolutamente moderno. Um hipocausto sob o piso mantinha a água aquecida nas grandes banheiras de mármore, em cujos degraus relaxávamos cobertas com toalhas. Catherinella e outra escrava negra mantinham uma segunda sala menor cheia de vapor perfumado, jogando baldes de água sobre uma cama de carvão em brasa, misturado com sândalo e lavanda. Separadas do palácio por uma cerca de hibiscos, incentivadas pelo véu de vapor, ríamos, tagarelávamos e trocávamos confidências.

Naquele confessionário aromatizado, umas admitiam que a barriga era proeminente demais, ou que os seios eram muito achatados, enquanto outras debatiam a dificuldade de persuadir um amante a usar a língua onde ele preferia inserir outro órgão. Eu me sentava perto de Angela, que me sussurrava explicações.

— Não se engravida pela língua de um homem, nem ela rompe o hímen. E, além disso, dá muito mais prazer.

Aquela não era, talvez, a educação sexual que minha mãe teria planejado para mim, mas minha mãe já estava morta havia muito tempo, e eu fora criada numa família de homens, tendo apenas a taciturna Mariam como companhia feminina e as especulações sem fundamento das moças do Santa Clara. Envergonha-me agora admitir que não senti pudor então, somente uma ávida curiosidade, que parecia se alojar tanto em meus seios em crescimento como no lugar intocável entre minhas pernas, assim como em minha mente. Isso era algo que minha nova e querida amiga parecia entender, pois ela me puxava em meio ao vapor de encontro ao seu corpo voluptuoso, uma pele dourada, alisando-me o braço e a coxa.

Um pequeno espelho encontrava-se pendurado na parede de nosso quarto, de formato oblongo e moldura simples de prata, cujo tamanho dava apenas para vermos nossos rostos. Angela me mandava retirá-lo de vez em quando e segurá-lo na altura exata para que ela desbastasse seus pelos íntimos com um aparador de unhas. Ela ficava ali, impudente em sua nudez, sua pele brilhando sob a luz de um braseiro enquanto o tempo esfriava, dizendo-me para mover o espelho um pouco para a direita, um pouco para cima,

ou que eu podia colocá-lo em cima da cômoda e segurar a vela um pouco mais alta para ela enxergar melhor. Por certo tempo, realizei essa tarefa sem questionar, orgulhosa demais para admitir a mim mesma que parecia estranha e indecente. Se a prima de dona Lucrezia não achava isso nada demais, então era obviamente o que as moças modernas faziam, e eu não me humilharia revelando minha ignorância.

Então, numa noite em que ela arrancou um pelo a mais com a pinça e saiu sangue de sua virilha, quando já estávamos atrasadas para ajudar dona Lucrezia a se vestir para uma recepção no Vaticano, perguntei:

— Para que você faz isso?

— Para os meus pecados? — replicou ela com uma risada rápida, ficando séria em seguida, exceto pelas covinhas denunciadoras nas maçãs do rosto, impressões deixadas por seu sorriso da mesma maneira que uma cabeça deixa a marca num travesseiro. — Ippolito gosta assim.

— Ippolito? *Cardeal* Ippolito? Você quer dizer que...? — Ela passara algumas noites fora recentemente, mas me dissera que estava dando assistência a dona Lucrezia, que não se sentia bem. Dona Lucrezia sempre estava indisposta, então eu não dei importância àquilo.

— Você me fez um favor quando passou mal daquele jeito.

— E você deixa que ele...? Quer dizer, você não é casada.

— Ele é muito habilidoso. — Ela passou as mãos pelos deselegantes seios fartos, pelos flancos do corpo e pela parte mais alta da barriga. — Muito habilidoso — repetiu. — E, assim que o piedoso pai dele morrer, o que não deve demorar muito... é tão velho quanto Matusalém... a prima Lucrezia poderá conseguir para mim um marido complacente, assim como aqueles com quem a mãe dela foi casada. A maioria dos homens aceita ser traída por um bom preço. Posso apostar que o velho Della Croce considerava uma honra ver a mulher dele nas mãos de tio Rodrigo.

Fiquei perplexa. No instante em que os olhos de Angela cruzaram com os do cardeal por sobre meu corpo prostrado, ela aparentemente começara a traçar o próprio futuro.

— Não conte nada a ninguém — disse Angela. — Não enquanto não estivermos bem-estabelecidas em Ferrara.

— Não vou dizer nada. Mas, Angela?

— O que é?

— Pense em *monna Vannozza*.

— Eu penso. Quatro filhos com tio Rodrigo, e ela ainda tem a proteção dele, apesar de estar velha e feia. Ela tem segurança para o resto da vida.

— Mas Lucrezia a detesta, Juan está morto, e Gioffre...

— Cesare adora a mãe. Isso deve valer alguma coisa.

Eu me perguntava o que aquela "alguma coisa" poderia ser, embora tenha achado mais seguro não perguntar nada, nem mesmo a Angela. Apesar de ser minha amiga, ela tinha o mesmo sangue de Cesare.

— Ah, não fique tão séria — continuou ela. — Se contrair seus lábios dessa forma, vai criar rugas. Você não vai querer ter uma boca parecida com o traseiro de um cachorro, assim como a da prima Geronima.

A imagem aliviou minha agonia e me fez rir descontroladamente. Angela começou a rir também, inclinada de tal maneira que a pequena gota de sangue logo acima de seu jardim manchou sua barriga.

— Deixe que eu limpo isso — declarei ofegante, ao tentar me recompor. — Ou será que seu amante prefere que você se torture para agradá-lo? — Eu me aprimei na cadeira, cuspi no meu lenço e me inclinei em direção a Angela, mas, antes que eu cuidasse de seu ferimento, ela me tomou nos braços e me beijou na boca, a ponta de sua língua vibrando sobre meus lábios.

— Você precisa de um amante — disse ela, recuando e colocando o dedo sobre minha boca fechada.

— Eu não vou sequer conseguir um marido se não nos apressarmos para atender *madonna* — afirmei, esperando que ela não detectasse o tremor em minha voz.

— Vamos, então, me ajude a me vestir. — E ela começou a girar no pequeno quarto, pegando a roupa de baixo e as meias ao ritmo de uma dança frenética, seus pezinhos morenos batendo sobre o tapete ao lado da cama e os galhos de alecrim seco que haviam caído de nossos lençóis. Ela era a criatura mais linda que eu conhecera. Eu teria morrido por ela naquele momento.

CAPÍTULO 3

ROMA, OUTUBRO DE 1501

Sinto seu corpo verdadeiramente como se estivéssemos ainda dançando para papai, quando sua cintura era fina e meus ossos não doíam como doem hoje, com o vento da montanha. Escute-me. Pareço um velho sentimental recordando o primeiro amor — que foi você, claro, e ainda é.

Estávamos uma ao lado da outra na cama de Angela, aconchegadas em busca de calor. Era o final de outubro e, enquanto a luz do sol raramente achava seu caminho até nosso quarto, que dava para um pátio interno no antigo coração do palácio, os ventos de outono, que vinham dos pântanos que circundavam a cidade, pareciam enfiar suas garras em toda parte. Angela estava deitada com a barriga para cima; seu rosto encontrava-se coberto por uma pasta fétida de uma mistura de sangue de pombo e queijo fresco, moído com sementes de pêssigo e seixos numa infusão de leite, que ela jurava manter sua pele clara. Minha cabeça estava ao lado dos pés de Angela, e os meus próprios pés apoiavam-se nos travesseiros dela, num esforço para reduzir o inchaço de meus tornozelos, causado por eu ter dançado muito com sapatos inadequados na noite anterior.

À medida que a data de nossa partida se aproximava, as comemorações pelo casamento de dona Lucrezia se intensificavam. Todos os dias havia espetáculos nas praças da cidade, corridas, encenações, representações por trupes de palhaços e atores, e poetas declamando as virtudes de dona Lucrezia, dom Alfonso e seus familiares. Um canhão implacável no Castelo de Sant'Angelo fazia o ar tremer. Ninguém conseguiu persuadir o Santo Padre, que adorava velejar, a não ir numa excursão pelo rio até Óstia, apesar

das advertências de seu astrólogo e das observações diretas do duque Valentino de que chovia muito e tudo indicava que permaneceria assim o dia todo. Dos músicos que nos acompanhavam, dois cantores ficaram resfriados e precisaram ser substituídos, e um tocador de bandolim escorregou no convés molhado do barco papal, caiu na água e afogou-se. O bebê Rodrigo estava doente, e *madonna* ficou fora de si, temerosa de que ele tivesse pegado um resfriado também.

Todas as noites, após jantares longos e elaborados, entremeados com interlúdios teatrais ou musicais, Sua Beatitude, infatigável, dava ordens para que as moças dançassem, e assim dançávamos, até nossos pés sangrarem e os músicos dormirem sobre seus instrumentos. Ele então ordenava que fôssemos todos para o lado de fora, a fim de apreciar a exibição de fogos de artifício realizada no Belvedere ou no bastião do Sant'Angelo, antes de termos permissão para nos recolher com os dentes batendo de frio e os olhos fechando de sono. Felizmente, os olhos do papa só incidiam sobre mim com sua costumeira e geral benevolência. Como as moças de dona Lucrezia encontravam energia para resistir — e depois se submeter — às suas conquistas, não consigo imaginar. Talvez por considerarem como a família Farnese se dera bem graças a Giulia, ou mesmo a própria dona Lucrezia, filha bastarda de um espanhol surgido do nada e da dona de uma hospedaria, em vias de entrar para a Casa de Este.

À noite, o duque Valentino iria dar uma festa para a irmã em seus aposentos particulares. Pelo menos, como observara Angela ao recebermos os convites, era bem provável que tivéssemos uma boa refeição. O duque, diferentemente do pai, era conhecido por apreciar a boa comida e o bom vinho. E tivemos a honra de ser convidadas; nem todas as moças de dona Lucrezia participariam, uma vez que aquela seria uma comemoração íntima com apenas cinquenta convidados.

— Não sei como você pode pensar em comida com o fedor dessa pasta nas narinas. — Era duplamente ofensiva para mim, a mistura

de sangue e queijo; meus sentidos demoravam a aprender as lições do cristianismo.

— Não seja tão séria, Donata. E não me faça falar mais; já estou ficando com a boca seca. — Ficamos algum tempo em silêncio, ouvindo apenas o suave ruído do sebo das velas e, por um momento, ouvimos o barulho de algo se espatifando, seguido de vozes alteradas que vinham das cozinhas do palácio, do outro lado do pátio. Então, de repente, Angela disse: — Donata. É um nome tão pomposo, tão... piedoso. Você precisa de um apelido.

— E “Angela” não é? Quer dizer, piedoso?

— De maneira alguma. Anjos são apenas anjos, mas os dons devem ser dados, recebidos e agradecidos e tudo o mais. É muito complicado. Além disso, Lúcifer era um anjo. Os anjos também têm um outro lado.

— Então, como vai me chamar? De Lúcifer?

— Não sei. A ideia vai surgir. Agora me ajude a lavar isso. É melhor não nos atrasarmos para a festa do primo Cesare. Estou morrendo de curiosidade para ver o que La Fiammetta vai usar.

Tentei concentrar a atenção na notória Fiammetta, a cortesã florentina de cabelos de fogo que era a atual amante do duque, enquanto ajudava Angela a limpar o creme de beleza do rosto. Mas me vi conjecturando sobre o que nosso rabino pensaria se me visse agora, de corpo e mente sujados de forma irredimível. Percebi então que não me importava; eu podia ser proscrita, mas, ao ter sob meus dedos a pele recém-limpa de Angela, senti que eu pertencia àquele lugar, sensação que eu acreditava ter deixado para trás em Toledo.



Eu deveria ter desconfiado; deveria ter percebido o que o duque pensava de mim, que aquele convite não fora uma honra, nem mesmo um insulto. Ele simplesmente selecionara aquelas que ele considerava adequadas para tomar parte na diversão que tinha em mente e, era claro, dadas as circunstâncias de nosso primeiro encontro, que ele me achava adequada.

Visto que podia viver em qualquer lugar, o duque estava morando não no seu Palácio de San Clemente, no antigo Borgo que, pelo que eu sabia, se encontrava em contínuo estado de reconstrução, mas na suíte com vários cômodos bem acima da de seu pai no Vaticano. Aqueles aposentos haviam pertencido ao príncipe Djem e, a despeito do irônico presente do Santo Padre a Elisabetta Senese, mantinham uma boa parte da opulência oriental da qual o príncipe otomano se cercara. Jantamos em mesas baixas, sentados em almofadas como os antigos turcos. Velas com aroma de baunilha e sândalo reluziam em candelabros metálicos, e o ambiente letárgico e sensual era mantido por cortinas pesadas de veludo escuro.

Os homens e as mulheres jantavam juntos: rapazes da família do duque, alguns dos quais eu reconhecia, uma meia dúzia de cardeais jovens, blocos sólidos de vermelho em meio à fluidez das sedas e dos brocados cintilantes das mulheres, muitas das quais eu jamais vira, embora parecessem inteiramente à vontade. Dona Lucrezia relaxava sentada ao lado do pai, que, em consideração à sua idade e exaltada posição, encontrava-se numa suntuosa poltrona entalhada, com um dos pés sobre uma almofada e o outro, afetado pela gota, apoiado no ombro de um garoto negro, ajoelhado à sua frente.

O duque, porém, não era visto em lugar algum. Durante todo o jantar, ele esteve ausente, até que, no momento em que os empregados começavam a recolher os pratos de frutas e os músicos selecionavam as partituras das danças em suas estantes, as enormes portas duplas da sala foram abertas e ele entrou, precedido por dois homens em librés vermelhos e dourados como o dele, de braços dados a uma mulher ruiva, alta, que eu supus ser La Fiammetta. Ao lado dela, o duque, vestido, como sempre, de preto e usando pouquíssimas joias, parecia quase desaparecer entre as sombras que se projetavam da luz das velas perfumadas. Ela era uma mulher de beleza extraordinária, pele sedosa e porte altivo, que me lembrava das clássicas estátuas de mármore que decoravam as novas fachadas dos grandes palácios, como o nosso Santa Maria. Exceto pela ousadia do decote e a audácia de sua maquiagem, era possível tomá-la por uma mulher distinta, e não uma cortesã.

Aparentemente, La Fiammetta era uma excelente musicista e recitava a maioria dos poemas de Ovídio de cor, embora alguns dissessem que sua habilidade provinha do fato de pôr em prática com seus amantes muitas das recomendações contidas em *Ars Amatoria*.

Levantamo-nos e reverenciamos o duque, uma mesura um tanto desajeitada, como a daqueles que, por terem bebido mais vinho do que deveriam, tropeçavam nas almofadas. La Fiammetta ajoelhou-se diante de Sua Santidade e lhe beijou o anel, e, em seguida, curvou-se até a mão de dona Lucrezia, porém nos examinou com arrogância e desdém. A mulher e a filha do duque Valentino haviam permanecido na corte francesa, reféns, alguns diziam, da boa conduta do marido. La Fiammetta era a rainha de Roma. O duque conduziu-a até um canto almofadado, ao lado de dona Lucrezia, que se afastou prontamente para abrir espaço para ela. Contudo, o clima entre as duas parecia soturno e frio, como se a luz e o calor das velas perfumadas não conseguissem penetrar ali. Era evidente que não eram amigas.

O duque, por sua vez, foi se postar atrás da poltrona do papa e logo entrou numa discussão acalorada com o Santo Padre, os dois voltados um para o outro. Um dos braços do duque encontrava-se estendido nas costas da cadeira do pai, enquanto o macaquinho de estimação de Sua Santidade subia e descia nela tanto quanto a extensão da sua corrente de ouro lhe permitia. A moça que se insinuara para o colo abençoado havia sido afastada como um inseto enfadonho ao tentar mordiscar a orelha do papa. Então, com uma risada súbita e alta, o duque afastou o macaco, empertigou-se, o assunto entre os dois enfim encerrado, e começou a examinar a sala, enquanto planejava sua abordagem aos convidados. Percebi, com uma sensação estranha no estômago, que seu rosto estava voltado em minha direção.

Talvez ele quisesse apenas cumprimentar a prima que estava ao meu lado. Mas, não. Atravessou a sala com poucos passos leves e longos, e seu corpo agora se inclinava em minha direção numa leve saudação. Fiquei de pé com dificuldade e fiz uma mesura tolerável,

apesar de ter ficado atrapalhada com as almofadas e as saias de Angela. Mordi o lábio quando meu queixo bateu na ponta da mesa baixa.

— Bom, *signorina* Donata, está bem mais equilibrada agora do que da última vez em que a vi.

Senti um calor me subir à face, como se minha cabeça tivesse sido enfiada numa panela de água fervente. Cardeal Ippolito, sentado junto a Angela no lado oposto ao meu, deu um riso debochado. Eu não conseguia pensar em nada para dizer, mas precisava dizer algo, ou o duque me acharia indelicada.

— Aquele foi um dia de grande emoção para mim, Vossa Graça. Sinto muito... pela minha falta de controle.

— A Santa Madre Igreja produz esse efeito sobre algumas pessoas — replicou ele, com um desdém selvagem que me fez perder a timidez e encará-lo.

Eu jamais vira o duque sem máscara. Angela dizia que o primo mantinha o rosto coberto porque era marcado por cicatrizes do mal-francês, e que ele era extremamente vaidoso. Eu não saberia dizer se esse era o caso ou não, nem poderia descrever sua aparência, exceto que parecia mais jovem do que eu esperava. E que eu soube, num piscar de olhos, que seu rosto seria o prisma através do qual eu veria o mundo inteiro dali em diante, o padrão pelo qual eu avaliaria a beleza de cada rosto. E também que ele havia entendido meus sentimentos, e que, naquele instante, mesmo que em nenhum outro, a beleza dele era um presente reservado somente a mim.

Dom Cesare tomou minha mão na sua e tocou de leve minha palma com seus lábios. Ele não estava usando luvas e notei que tinha uma queimadura de pólvora nas costas da mão direita, uma espécie de tatuagem cinzenta bem abaixo da articulação do dedo médio. De todas as lembranças dele que trago no coração, essa é uma das mais ternas. Mostrava-me que ele era um homem, que era suscetível ao sofrimento. Que poderia ser amado.

— Quer dançar comigo, Donata?

— Se minha senhora permitir, Vossa Graça.

— Ah, ela vai permitir, sim. E vai permitir que me chame de Cesare.

Eu tinha consciência de que Angela olhava para mim, sua expressão um misto de divertimento, curiosidade e ansiedade. Meus olhos foram atraídos para ela, mas estavam presos a Cesare tão firmemente quanto ele agora prendia minha mão, com um leve e delicioso aperto.

Estimulada, eu disse:

— Se quiser que eu dance, senhor... Cesare, precisa me soltar. Receio que a mesa esteja entre mim e o salão de dança.

— Suba. Certamente não é alta demais para você. — Ele sorriu, um sorriso de menino, revelando dentes muito brancos. — Ou será que você é melhor na ginástica espiritual do que na física?

Sem saber bem o que ele queria dizer com aquilo, respondi:

— O contrário, eu acho. — E subi na mesa em resposta a um leve puxão que ele deu em meu braço. Uma gargalhada e uma explosão de aplausos vieram da direção da poltrona do papa quando Cesare colocou as mãos na minha cintura, me levantou e me pôs de volta no chão. Uma tigela de rosas de marzipã espatifou-se contra o piso, varrida pela barra de minha saia. Vários cães saíram de baixo das mesas em busca dos doces, dentre eles o mesmo cão de caça cego que eu reconhecia como o do meu último encontro humilhante com seu dono, o pescoço magro agora curvado sob o peso de uma coleira incrustada com pedras preciosas. Por um momento, Cesare parou e observou os cães, em seguida chamou um dos escravos e lhe deu instruções que eu não ouvi, porque, naquele mesmo instante, ao verem que o duque pisava na pista de dança, os músicos iniciaram uma pavana. As danças francesas estavam em voga desde que o duque se casara com uma francesa.

Ao conduzirmos a dança, vários casais se formaram atrás de nós. A pavana, meu instrutor de dança havia me ensinado, deveria ser realizada com uma graça majestosa, os casais sempre separados um do outro pela distância de dois braços, tocando-se apenas pelas palmas das mãos. Era óbvio que Cesare e eu não havíamos tido o

mesmo professor de dança; a pavana que ele dançava era graciosa, sem dúvida, porém de majestosa tinha muito pouco. Quando lhe ofereci a palma da mão, ele entrelaçou seus dedos nos meus; quando tentei dar uma volta, ele me segurou pela cintura e, num sussurro, me disse estar encantado com a finura dela, então me girou, segurando-me tão próxima ao seu corpo que eu podia sentir o cheiro de vinho e cravo em seu hálito, as batidas de seu coração, a curva dos músculos de suas pernas, sua excitação, que, primeiro, me deixou estimulada e, depois, com vergonha de mim mesma. Durante todo o tempo que dançamos, ele manteve o olhar fixo no meu, e, embora eu visse com clareza o desejo em seus olhos, fiquei assustada com a sensação de que era exatamente isso que ele queria que eu percebesse, de que ele era capaz de controlar os sentimentos que nascem no coração e se revelam pelo olhar com a mesma naturalidade que o fazia desprezar as regras da dança.

— Seu modo de dançar a pavana é bastante... original, meu senhor — comentei, tentando trazer nossa interação para um nível mais adequado de decência.

— Tem alguma objeção em relação ao meu estilo? — Ele parou por uma fração de segundo, a surpresa fazendo-o arquear as sobrancelhas. Ninguém sequer percebeu, tamanha a rapidez com que ele retomou o ritmo da dança.

— Se não dançarmos seguindo as regras, certamente desrespeitaremos a música, e a música é a voz que nos é dada pelo Todo-Poderoso para que O veneremos, não é? Ficino disse...

— Ficino, é? Então você é uma moça instruída. — Ele beliscou minha cintura. — Ótimo. Minha ilustre irmã deve ter ao seu lado mulheres inteligentes, ou então será como uma princesa em andrajos.

— Nesse caso, a beleza dela sobressairia ainda mais, pelo contraste.

— E agora, você vai citar seu mestre de desenho? Um pouco mais dessa discussão e eu perderei o compasso totalmente, e... — Ele reduziu a voz a um sussurro, de modo que eu sentia suas palavras mais do que as ouvia, um hálito quente em meu ouvido. — ... me

abandonarei em seus braços. Alguém já lhe disse que os lóbulos de sua orelha são da cor do *lokum*? Eu sou bom em fazer *lokum*, sabe? Um dia eu lhe mostro. — Ele mordiscou um dos meus lóbulos rosados com seus belos dentes.

Ocorreu-me então que aquelas outras mulheres que eu não reconhecera eram verdadeiras prostitutas, cortesãs como La Fiammetta, que exerciam sua profissão discretamente, em casas montadas para elas por amantes ricos. Talvez eu não fosse em nada melhor do que elas, mas não me importava. Tonta da dança e no êxtase do desejo, eu só ansiava pelo momento seguinte, em que ele me cingiria com os braços e pressionaria meu corpo contra o seu. La Fiammetta podia ir contar seu ouro. Cesare era meu. Ele certamente amava mais a mim do que a ela. Eu, afinal, era virgem, e ele não havia reunido todas as virgens de Cápua e as trancado numa torre para seu prazer?

E então fiquei sozinha. A música foi encerrada e, embora o mundo todo ainda estivesse girando à minha volta, eu permanecia parada no meio dele, abandonada, a impressão de Cesare desaparecendo da minha pele à medida que meu corpo esfriava. Tão rapidamente quanto me escolhera, ele havia me abandonado e atravessara a sala para voltar a sentar-se entre a amante e dona Lucrezia, uma das mãos sobre o joelho de La Fiammetta e a cabeça apoiada no ombro da irmã. Os empregados removiam os candelabros das mesas e os colocavam no chão. Angela acenava para mim, chamando-me para voltar ao meu lugar, enquanto algumas das prostitutas entravam em forma, meio desorganizadas, entre os castiçais, para uma nova dança, como papagaios falantes numa floresta de luzes. Retornei para o lado dela no momento em que os músicos iniciaram uma sarabanda. Dando as costas a Ippolito por um breve instante, Angela segurou minha mão e me olhou preocupada, mas eu sentia apenas os dedos de Cesare pressionados contra minha pele. Embora eu estivesse próxima a ela o suficiente para sentir seu coração disparar quando Ippolito lhe alisou a coxa, eu já estava, fatalmente, muito longe de minha amiga.

No centro do salão de dança, à medida que entravam em formação, as mulheres não se davam as mãos, e sim, acariciavam-se, desabotoavam os corpetes e abriam as saias, mexendo os ombros e despindo-se ao ritmo da música. Aquilo não era a sarabanda que eu conhecia, e desviei o olhar. Olhei para dona Lucrezia — pelo menos era o que eu dizia para mim mesma — à procura de orientação. Certamente, ela não devia considerar aquilo uma exibição adequada a um grupo misto, em especial a uma mulher prestes a se casar, mesmo sendo seu terceiro casamento. O olhar que cruzou com o meu, entretanto, não foi o de minha senhora, mas o do irmão. É claro. O que mais eu havia procurado?

Audaciosa, sorri. Com um aceno de cabeça categórico na direção das dançarinas prostitutas, ele deixou claro que eu deveria olhar para elas, não para ele. Meu sorriso congelou e desapareceu. Aquele era o seu prazer, então: não fazer amor comigo, mas me humilhar com aquele espetáculo de corpos nus. Ou talvez seu interesse não chegasse a tanto; ao desviar meu olhar dele para a pista de dança, eu o vi virar-se para o outro lado, dando toda a sua atenção a La Fiammetta e colocando a mão com a marca de pólvora dentro do decote dela. Através do brilho de minhas lágrimas, olhei para os corpos ondulantes das dançarinas, corpos rosados e morenos, os mamilos nus me encarando, como se elas fossem aquelas criaturas descritas na Carta de Preste João, desprovidas de cabeça, mas cujos rostos eram localizados em seus torsos com olhos onde deveriam estar os mamilos.

Nesse momento, entraram outros empregados, todos usando o libré xadrez de Cesare, com seu nome bordado nas costas das túnicas. Eles traziam consigo pratos grandes e planos de castanhas torradas, as quais espalharam no chão como fazendeiros lançando ao solo as sementes. Apoiando-se sobre as mãos e os joelhos, as prostitutas começaram a catá-las, arrastando-se entre os candelabros, de modo que as nádegas, as coxas e as barrigas penduradas apareciam e desapareciam de acordo com a luminosidade das velas. Algumas simplesmente apanhavam as castanhas aos punhados e as enfiavam na boca; outras as pegavam

com línguas lascivas. E ainda outras, equilibrando as castanhas nas bordas das mesas, conseguiam firmá-las nas partes íntimas de seu corpo de mulher, e depois se agachavam diante dos rapazes da família de Cesare, convidando-os a se servir. Isso eles faziam, com as mãos ou as bocas, de acordo com sua imaginação, atraindo aplausos entusiasmados de Cesare e de seu pai.

Embora os músicos continuassem a tocar imperturbáveis, uma quietude intensa recaiu sobre os espectadores, deixando-os quase em silêncio. Homens e mulheres sem distinção observavam com expressões cuidadosamente serenas para mascarar sua excitação, enquanto os rapazes de Cesare, repletos de castanhas, começavam a copular com as prostitutas na pista de dança, o Santo Padre gritando instruções e incitando-os da maneira como os donos dos gladiadores fazem ao assistir a luta na *piazza* em dias de festivais. Os presentes começavam a se mexer em seus assentos, as mãos desapareciam por baixo das dobras de linho e seda, e as conversas reduziam-se a leves ruídos, gemidos baixos e um eventual grunhido, enquanto um odor almiscarado íntimo e perturbador misturava-se ao do suor azedo, da cânfora de roupas remexidas e do perfume exótico das velas. Tanto horrorizada como fascinada, eu me perguntava se era a única cujas mãos continuavam no próprio colo.

Olhei para Angela, que, de boca aberta e olhos vidrados, alisava a virilha de Ippolito, enquanto os dedos dele se enfiavam por entre seus seios. Desviei o olhar discretamente na direção de dona Lucrezia, temerosa do que eu poderia ver e desejando que ela estivesse preocupada demais para notar caso eu viesse a escapar dali. Ela estava sentada com as costas eretas, seus joelhos ainda sob o corpo teso, dando a impressão de que seu corpete estava apertado demais para lhe permitir respirar. Ao lado dela, Cesare e a amante estavam mergulhados num longo beijo. Como se tivesse percebido minha indiscrição, dona Lucrezia voltou-se para mim e me lançou um olhar de tamanha aflição que, naquele mesmo instante, ele ficou gravado na minha memória, embora eu tenha levado muito tempo para entendê-lo.

Desentrelaçando-se dos braços sedosos de La Fiammetta, Cesare fez sinal aos músicos para que interrompessem a música. Os casais na pista de dança começaram a se separar, os rapazes de Cesare, recompondo-se timidamente, ruborizavam como se tivessem sido surpreendidos com uma empregada pelo padre da família. As prostitutas vestiam-se langorosamente, ajudando-se a enlaçar os corpetes e ajeitando os cabelos umas das outras, trocando piadas secretas e dando risadinhas enquanto faziam isso. Eu imaginava que era assim que se comportavam quando os homens iam embora e elas podiam relaxar, e que elas não eram muito diferentes de mim e Angela, abraçadas na cama dela ou na minha em busca de calor, tagarelando sobre nossas companheiras, as damas de companhia de dona Lucrezia, comentando-lhes as roupas, os namorados e as conquistas palacianas feitas ou não feitas.

Uma batida à porta, e mestre Burchard, o mestre de cerimônias papal, entrou discretamente na sala, fez uma reverência e disse alguma coisa a Cesare. Vê-lo com uma túnica sóbria, a barba grisalha caída sobre o tórax, era como ver meu pai. Embora fôssemos dispensados das regras de vestimentas judaicas devido à relação de meu pai com o Vaticano, ele sempre se vestia modestamente, com túnicas escuras longas, e, às vezes, algum detalhe em pele de esquilo, no inverno. Emoções sombrias brotaram em meu peito, raiva de mim mesma por ceder às sugestões de meu pai de subir de posição social de tal forma que agora eu ansiava por um olhar de Cesare, daqueles seus olhos negros, muito mais do que por cultivar um coração puro ou uma consciência limpa. Mas raiva também da ambição de meu pai. Por ter me abandonado, e à minha mãe, para construir uma riqueza para si próprio em Roma. Era culpa dele. Tudo aquilo.

Os empregados carregavam baús com fechos de prata, que colocaram em frente a Cesare, dona Lucrezia e Sua Santidade, então abriram-nos e ajoelharam-se ao lado deles. Cesare anunciou que distribuiria prêmios entre os homens que, em sua opinião, na de sua ilustre irmã e do Santo Padre, haviam demonstrado mais perícia com as prostitutas. Em caso de discordância, acrescentou ele, com um

riso entre zombeteiro e desdenhoso, La Fiammetta, com sua grande experiência, seria o árbitro final. Aplausos e assobios saudavam os vitoriosos que receberam gibões de seda, chapéus, sapatos espanhóis de couro e camisas bordadas. Estivéramos ocupadas recentemente bordando camisas. Pensávamos que seriam para dom Alfonso d'Este, ou para os escudeiros e pajens que deveriam acompanhar dona Lucrezia a Ferrara. Bom, talvez fossem; era impossível distinguir naquela luz fumacenta.

Depois da distribuição dos prêmios, embora a festa parecesse estar destinada a se prolongar até as primeiras horas da manhã, dona Lucrezia levantou-se para partir, e nós nos enfileiramos atrás dela, cada uma fazendo uma reverência ao papa e a Cesare. Ele me fará algum sinal, pensei, deverá reconhecer o que compartilhamos na pista de dança. Porém, vários outros casais haviam compartilhado muito mais naquele salão depois que dançamos a pavana juntos, e Cesare estava muito mais preocupado em preparar as mesas para o jogo de cartas do que em dar boa-noite às damas de companhia da irmã. Eu estava tão mergulhada em minha frustração que não notei Angela desaparecer até me ver, de novo, sozinha em nosso quarto, tentando desenlaçar meu corpete à luz de uma única vela, tremendo sob as cobertas com minha combinação que ainda guardava o perfume de baunilha e sândalo, e de algo mais, selvagem e intenso.



As noites eram piores. Durante as horas do dia, à medida que se aproximava a data de nossa partida e as comemorações do casamento se intensificavam, não sobrava tempo para divagações nem lembranças. Nas manhãs, depois da missa, sentávamo-nos com dona Lucrezia em seus aposentos particulares e fazíamos nossos trabalhos manuais, revezando-nos na leitura, algumas vezes das *Vidas dos santos*, ou das *Cartas de santa Catarina*, de quem *madonna* gostava especialmente, outras, de poesia ou romances repletos de cavaleiros apaixonados e mulheres insensíveis. O que havia de errado comigo, eu me perguntava, para eu me identificar mais com os cavaleiros do que com as damas? E também, com

muita frequência, havia compromissos para a refeição matinal, seguidos de espetáculos e diversões preparados para os visitantes vindos de Ferrara. O cardeal Ippolito havia recebido a visita em Roma de seu irmão, dom Ferrante. O desejo do Santo Padre de impressionar os novos familiares era incessante; até Cesare, dizia-se, passara a receber embaixadores em missões diplomáticas na cama, de tão exausto que estava por acompanhar o ritmo do velho pai.

Porém, apesar de cairmos exaustas na cama todas as noites depois de dançarmos, nos distrairmos com as encenações, participarmos dos banquetes e assistirmos aos espetáculos dos acrobatas e dos *castrati*, eu não conseguia dormir. Minhas dores de cabeça e pés castigados não eram nada se comparados ao desejo libidinoso que ardia em meu ventre, como o fogo que, eu imaginava, os sapadores de Cesare ateavam embaixo dos muros de uma fortaleza. Muitas vezes me fazia chorar. Eu pensava que ia enlouquecer. Como era possível sentir tanta falta de algo que nunca fora meu?

Eu ficava muito sozinha. Angela tocava minha mão, despedindo-se, e escapava em silêncio para encontrar-se com o amante logo depois que preparávamos dona Lucrezia para dormir. Se eu não estivesse tão absorta em meus próprios anseios, teria notado que o romance deles havia tomado proporções perigosas. Angela passara a ser descuidada, às vezes visitando-o até mesmo durante o dia, quando dona Lucrezia estava escrevendo cartas ou atendendo a alguma reivindicação e precisava mais de sua secretária do que de nós. Se ela não estivesse tão envolvida com Ippolito, teria percebido mais cedo o que se passava comigo.

— O que está acontecendo? — perguntou ela irritada, numa noite em que suas regras a condenaram à castidade. — Ainda está com saudades de sua família, é isso?

Pensei em como Cesare havia admirado meus cabelos. Tão louros, ele murmurara. Como moça solteira, eu usava os cabelos soltos, com apenas um diadema de prata fino, para que eles não caíssem sobre o rosto. Assim como... Então ele se interrompeu, como se não conseguisse se lembrar de nada semelhante, ou se perguntasse se

um soldado deveria fazer um elogio tão pessoal a uma moça ou deixar isso para os poetas.

— Não — respondi. — Angela, é verdade o que dizem sobre as virgens de Cápuia?

— Ah — disse ela, finalmente entendendo. — Imagino que isso fosse inevitável. — Ela riu. — Acredito que seja mais provável que o primo Cesare tenha precisado se trancar na torre para se proteger das virgens sedentas do que o contrário.

— Ah. Acho que sim.

No escuro, ouvi o suspiro dela, em seguida o roçar de lençóis e o ruído do atrito das pederneiras. Olhei para ela e, com o súbito clarão da vela, me dei conta de minhas pálpebras inchadas e meu nariz vermelho.

— Venha cá — disse Angela, estendendo a mão. Subi na cama dela e me sentei, envolvendo os joelhos com os braços. Angela colocou uma das mãos sobre meus ombros. — Não faça isso com você mesma. Ele não merece seu sofrimento.

Ela mentiu.

Mais cedo naquele dia, Cesare havia feito uma apresentação como toureador na Praça de São Pedro, e nós havíamos assistido do balcão acima da porta principal do Santa Maria. Uma chuva fina e fria nos banhava o rosto, trazida pelo vento que vinha do rio, mas o tempo não conseguira deter a multidão que forçava as barreiras montadas em torno da praça e se aquecia com pequenas tortas quentes, decoradas com as insígnias dos Este e dos Borgia. Os vendedores tinham licenças especiais de Sua Santidade, em troca de uma percentagem sobre a venda. Os romanos tendem a ver pouca diferença entre um espanhol e um judeu, e talvez tenham razão. E, apesar de não hesitarem em responsabilizar ambos por seus infortúnios, eles não podem resistir a dois costumes espanhóis: as touradas e os jogos de cartas.

A praça estava em intensa atividade com o movimento de carroças de touros e cavalos. Bandeiras e estandartes oscilavam ao vento, compondo a fúria dos touros que já espumavam e bufavam,

brutalizados pelo trabalho dos picadores e dos *banderilleros*. Cesare, no chão, eliminou cada um dos touros sozinho, usando apenas uma espada leve. Contava exclusivamente com sua rapidez e precisão para vencer a força e a esperteza dos animais. Realizava uma dança com os touros, contorcendo o corpo, desviando-se. Provocava o touro, atraindo-o à ponta de sua espada, cuja lâmina fina ele estoqueava entre as escápulas do animal, ponto em que se inicia o caminho direto ao coração.

Ele matou quatro touros dessa forma, com graça, precisão e perfeita crueldade, e, quando fez sua última vítima, cortou a orelha do animal e a ofereceu de presente à irmã. Um anão levou-a, uma bolsa cartilaginosa de veludo negro numa salva de prata, até nossa sacada, enquanto Cesare ali embaixo se curvava diante de *madonna*, os cabelos dele numa trança grossa presa com uma fita preta, caindo sobre um dos ombros. Ele estava nu da cintura para cima, a pele brilhando de suor e chuva misturados a lama e sangue, e se assemelhava a um retrato de um dos selvagens do Novo Mundo.

Todas as mulheres voltaram-se para ele, como as flores que se viram para o sol, inclusive Angela, a própria prima Geronima, cujo espartilho de couro fervido chiava como uma sela nova, a escrava Catherinella, suas faces brilhosas, tatuadas de preto, e até mesmo a sensata mulher corpulenta que tomava conta dos dois meninos, Rodrigo e Giovanni, o Infante Romano, que pressionava ainda mais fortemente seu rostinho coberto de lágrimas contra o peito dela, quando ela mudava de posição.

Mas eu acredito que ninguém além de mim continuou a olhar para ele no momento em que dona Lucrezia agradeceu o presente e ele se virou de costas. Creio também que ninguém mais notou a maneira como ele se empertigou, expandindo os ombros como se desejasse ter asas que o fizessem alçar voo e o levassem para bem longe dali.

— Merece, sim. Eu o amo; tenho certeza disso.

Angela riu alto.

— Não, não ama. Você dançou com ele apenas uma vez, foi só.

— E fazia quanto tempo que você conhecia Ippolito quando...?

— Isso não é amor, sua boba; é só a satisfação de um desejo.

— Bom, isso é mais do que um desejo; é uma dor terrível.

— Então me diga, onde é que dói? — Ela tocou meu seio. — Aqui? — Fechei o decote de minha camisola; meu corpo pertencia a Cesare, somente a ele. Mas Angela me jogou contra os travesseiros, sua mão aberta sobre meu esterno. Em seguida, ela desceu pelo meu corpo, parando na barriga, o calor externo fundindo-se ao calor interno. — Aqui? — perguntou ela num sussurro, descendo ainda mais a mão, explorando com seus dedos hábeis. Tentei fechar as pernas, mas, em vez disso, elas se abriram. Angela ergueu minha camisola e me alisou, a barriga, as coxas, as dobras de minhas partes íntimas, exprimindo espanto em voz baixa diante da escuridão dos pelos.

— Aí você é uma judia! — disse ela.

Então os dedos dela alcançaram o ponto da minha dor, pois, quando tocou nele, a dor foi tão intensa que fui forçada a arquear as costas, e teria dado um grito se ela não tivesse me silenciado com sua língua em minha boca. No entanto, dor não seria a palavra certa, porque teria doído mais se ela tivesse interrompido o que fazia, até que cheguei a um ponto em que senti como se tivesse sido despida não somente de minhas roupas, mas também da pele, minhas terminações nervosas vibrando no ar, aquecidas pelo hálito de Angela, pela fragrância de seu suor e de seu perfume predileto de angélica. Eu queria suplicar-lhe que parasse, mas somente ruídos animais me escapavam da boca. Ela pareceu entender, porque ajeitou minha camisola e deitou-se quieta ao meu lado, os olhos escuros e grandes dos Borgia fixos nos meus, seus cabelos com a luz vermelha sobre eles, entrelaçados aos meus no travesseiro.

— Agora, como se sente? — perguntou ela suavemente.

— Livre — respondi, sem saber por que dissera aquilo.

— Está vendo?

Porém, no instante em que pronunciei aquela palavra e ela me escapou, o espaço que ela deixou se encheu de vergonha, de culpa

e de um desejo intenso de estar com Cesare, o desejo de que se repetisse o que acontecera ali. Ou talvez fosse apenas a ânsia de comer um marzipã. Eu estava tão cansada que não conseguia distinguir minhas sensações.

— Vá dormir, minha querida — murmurou Angela, beijando-me a testa. — O mundo é um lugar grande e mau.

Lembrei-me, quando estava quase adormecendo, de que aquele dia era o décimo do Tevet, quando os judeus jejuam em memória ao cerco de Jerusalém pelo rei Nabucodonosor. Um dia solene de arrependimento, que marcava o início de nossa vida de nômades, a qual só cessaria quando Deus achasse que já sofremos o bastante para abrandar Sua decepção. Ainda bem que eu me deitara de barriga cheia, pensei, enfiando-me sob as cobertas, que cheiravam estranhamente a sal, ferro e cebolas, e me faziam recordar a noite da festa das castanhas.

CAPÍTULO 4

ROMA, DEZEMBRO DE 1501

Eu poderia tê-la usado da maneira que quisesse, ela era tão passiva... Mas não o fiz. Não teria havido nenhum contentamento.

Numa manhã, pouco tempo depois do Natal, quando eu auxiliava dona Lucrezia a se vestir para uma cavalgada a Tivoli, chegou à porta um mensageiro com um bilhete para mim. Santa Maria in Portico é um palácio imenso, quilômetros de corredores que levam a centenas de cômodos tão convolutos que tenho dúvidas se até mesmo dona Adriana, que morou lá a maior parte de sua vida, teria conhecido todos eles. As únicas pessoas que os conheciam de fato eram os mensageiros, homens idosos em sua maioria, ou que haviam sido mutilados em batalha, ou ainda que eram feios demais para nos servir em nossos salões ou salas de jantar. De seus escritórios, num cômodo que ficava atrás da cozinha principal, cujas paredes eram repletas de prateleiras divididas em compartimentos que se prestavam ao seu misterioso sistema de selecionar a correspondência, eles levavam mensagens para todas as partes do palácio e fora dele. Convites para encontros amorosos ou solicitações para se apresentar ao zelador para explicar um copo quebrado ou uma lasca tirada no afresco de Cupido e Psiquê no Hall dos Amantes, pequenos presentes de agradecimento ou de louvor, notas promissórias das perdas nos jogos de cartas, luvas deixadas para trás ou desafios para duelos: tudo isso, dentro das velhas bolsas de couro dos mensageiros, circulava pelo Santa Maria e pela cidade, ou descia o rio até Óstia, ou seguia além dos grandes portões de Roma em direção a Nápoles e Romanha, nossa força vital e rede que garantia o lugar que nos cabia no mundo.

Portanto, uma mensagem por si só não era nada de extraordinário. O que deixou as damas de companhia de *madonna* Lucrezia agitadas, enquanto as botas de montaria dela eram afiveladas e seus cabelos presos numa rede de veludo azul-escuro, foi o fato sem precedente de que a mensagem era para mim.

— Bom, bom — disse *madonna*, tomando o bilhete da mão do mensageiro antes que ele pudesse entregá-lo a mim. — Nossa pequena Donata tem um pretendente, afinal. Você é um daqueles cavalos azarões, Donata, e além de tudo traiçoeira, pois esconde seus segredos de sua madrinha.

— Eu garanto, *madonna*, isso é um mistério para mim assim como é para Vossa Graça.

— Talvez seja algum dos rapazes de Ferrara que anda admirando você a distância e acha que hoje pode ser seu dia de sorte — disse Elisabetta Senese, aquela que um dia confundiu o Santo Padre com uma almofada.

— Não — disse dona Lucrezia, num tom calculado para despedaçar um cristal. — Não há mistério algum. Essa é a caligrafia do duque.

As outras moças ficaram em silêncio. Estendi a mão para receber o bilhete. Era como se eu fosse a única pessoa ali que se movia, até mesmo que respirava, como se o palácio tivesse caído sob o encanto da Bela Adormecida de Perceforest, e eu, de alguma forma miraculosa, houvesse escapado. Nem mesmo dona Lucrezia fazia qualquer movimento, mas segurava o bilhete, em pergaminho aveludado, entre o polegar e o indicador, fora de meu alcance.

— Posso ver, por favor, *madonna*? — Ah, como se pode ser ousado quando movido pela paixão! Dona Lucrezia pestanejou diversas vezes, da forma como meu pai costumava fazer quando desperto subitamente da sesta.

— Claro — disse ela, com voz fraca. — É seu.

O pergaminho era firme e macio ao toque. Desdobrei-o e passei o polegar sobre o brasão de Cesare, em relevo no topo da página. O touro astuto dos Borgias, as chaves de São Pedro, os lírios da França.

Meu dedo parou em cima dos lírios, o emblema da esposa francesa. Será que Cesare gostava dela? Sentia sua falta? Teria ele tentado tudo em seu poder para arrancá-la das garras do rei Luís?

— Bom? O que ele diz?

— O duque... está perguntando se o jóquei dele pode usar as minhas cores nas corridas amanhã, *madonna*. E se eu assistiria às corridas com ele. — Meu rosto afogueou-se de tal forma que seria possível aquecer a sala sem uma lareira.

— Bom, vamos todas assistir. O último posto das corridas será aqui, na praça.

— Está bem, *madonna*.

— Está resolvido, então. Responda de acordo.

— Está bem, *madonna*. — Embora, para mim, nada parecesse estar absolutamente resolvido. Olhei para Angela, que escovava o manto curto de *madonna*. Ela deu de ombros. Peguei uma bandeja com luvas e segurei-a para que *madonna* escolhesse as que usaria.



— Você não me deu resposta. — Ele aguardava na área dos estábulos, quando retornamos de nosso passeio em torno do meio-dia, protegido do frio por um manto forrado de pele de marta que lhe encobria a boca e por um gorro de veludo preto puxado sobre a testa, embora isso, eu suponha, fosse mais para ocultar o corte que sofrera durante a tourada do que para se proteger do mau tempo. O frio estava moderado para aquela época do ano, uma vez que o sol havia atingido seu zênite. Ele segurou meu cavalo enquanto desmontei com cuidado para não pisar em Tirésias, que, como sempre, estava aos pés de seu dono.

— *Madonna* disse que vamos assistir às corridas de qualquer forma, já que serão encerradas no obelisco. Eu ia responder, mas não houve tempo.

Cesare olhou para o local onde sua irmã conversava com dom Ferrante e, quase como se ele a tivesse chamado pelo nome, dona Lucrezia interrompeu o que dizia e olhou para o irmão.

— E a *madonna* lhe disse se meu jóquei pode usar as suas cores?
— perguntou ele, seus olhos ainda cravados nos de dona Lucrezia.

— Ela não disse nada, meu senhor.

— Então me dê alguma coisa agora, antes que ela diga. Isso será suficiente. — Eu estivera cavalgando com um véu preso ao toucado para proteger meu rosto dos efeitos do sol e do vento. Com grande destreza, ele retirou o alfinete e enfiou a gaze clara no punho de sua manga. — E isto. — Ele tocou meus lábios com os seus, de forma tão rápida e leve que me perguntei se eu imaginara aquilo. Mas a minha imaginação, instruída por Angela, não teria fantasiado nada assim tão casto.

Então dom Ferrante informou que bolos e vinho quente nos aguardavam em seus aposentos, e lá fomos nós atrás de dona Lucrezia para fazermos os necessários ajustes em nossas roupas para o próximo estágio do dia.

Angela me disse mais tarde que dom Ferrante me olhara com bastante atenção, que fizera questão de manter meu copo cheio pessoalmente, em vez de deixar que um de seus escravos desempenhasse a tarefa. Eu não havia notado. Fiquei surpresa ao perceber que havia bebido algo, pois temia que o vinho apagasse a impressão deixada pelo beijo de Cesare. Eu deveria ser amável com dom Ferrante; ele era solteiro e o segundo na linha de sucessão, depois de dom Alfonso, de um dos mais antigos e mais poderosos ducados da Itália. Mas eu estava apenas na linha de largada da minha vida, assim como o cavalo de Cesare estaria no Campo de' Fiori no dia seguinte.

— Você está oscilando na beira de um abismo — afirmou Angela.
— Vou falar com Ippolito e dizer que o irmão dele está interessado na minha melhor amiga. Dona Lucrezia sempre dá ouvidos a Ippolito.

Dona Lucrezia. Lembrei-me de sua resposta fria ao bilhete de Cesare e do olhar gelado que nos lançou quando ele me beijou.

— Não! — protestei aos gritos, enquanto Angela passava uma pasta carmesim sobre os lábios. — Ela vai aproveitar qualquer

chance para me afastar de Cesare. Por favor, Angela, não diga nada.
— Nossos olhares se encontraram no espelho.

— Estou tentando ajudar você, Donata. Somos amigas, mais do que amigas. Mas eu não vou cair junto com você. Desse jeito não posso ajudar.

— Não sei o que está dizendo.

— Você vai entender, eu receio. Agora, como estou? — Ela se empertigou e virou-se para mim. Havia afrouxado os laços do decote para que revelasse um pouco dos seios e deixado os cabelos caírem sobre os ombros. Seus lábios estavam escarlate como as vestes de um cardeal.

— Você vai agradar o seu amante — respondi.

Ela sorriu e ia saindo, mas parou com uma das mãos na maçaneta e voltou-se para mim.

— Espero que você também agrade o seu — disse ela. — Acredite, eu desejo isso mais do que qualquer coisa no mundo. Eu rezaria pedindo, se essa fosse uma questão para orações. Não vou dizer nada a Ippolito, por enquanto.



O dia das corridas amanheceu claro. Quando abri as janelas e inspirei os vapores vindos das cozinhas, que naquela manhã cheiravam a caldo de galinha, o que me fez lembrar de casa, Angela suspirou e deu as costas até mesmo àquela luz pálida, esmaecida pelos muros altos que circundavam o pátio interno. Uma vez mais, ela havia entrado silenciosamente em nosso quarto, de madrugada. Mas os pardais da cidade estavam em plena voz, a faixa de céu que víamos da janela estava sem nuvens, e aquele não era um dia para ressacas nem saudades de casa. Um mal-estar me dava nós no estômago, de modo que não toquei no café da manhã, e sentia como se flutuasse em algum lugar próximo ao teto, observando-me sentada na borda da cama de dona Lucrezia, forçando a vista embaixo da sombra do dossel de brocado para fazer um conserto no corpete que ela escolhera, do qual se soltara o olho de topázio de

um pássaro. Ele mandaria me buscar, era óbvio que sim; não era o tipo de homem que se curvava aos caprichos da irmã.

— Donata — disse dona Lucrezia, enquanto eu dava os retoques finais em seu penteado, prendendo uma esmeralda quadrada, do tamanho de um pingente com um retrato em miniatura, a uma fita de seda ao redor de sua testa —, eu gostaria que você ficasse comigo um pouco mais depois que as outras saírem. Tenho uma missão a cumprir a pedido de meu sogro hoje pela manhã. Receio que isso signifique que vamos perder as corridas de cavalo, mas creio que o duque realizará outras, de modo que não perderemos todo o divertimento.

— Está bem, *madonna*.

Dona Lucrezia inspirou forte entre os dentes.

— Está apertado demais, Donata.

— Desculpe, *madonna*. A pedra é tão pesada que tenho medo que escorregue.

— Afrouxe isso.

— Está bem, *madonna*.

— Bom, assim está melhor. Agora, as outras podem ir. Donata, me acompanhe à Sala delle Donne. Isso a interessará, tenho certeza.

A Sala delle Donne, assim chamada porque as paredes eram decoradas com painéis que exibiam a vida de mulheres virtuosas, era contígua ao *piano nobile*, onde eu fora apresentada a *madonna*. Eu era uma moça muito diferente então. Ao olhar para o painel, à esquerda das grandes portas duplas, que representava a rainha Esther ajoelhada diante do rei Ahasuerus, não mais sentia aquela identificação da época em que eu era Esther Sarfati. Hoje, na verdade, eu me identificava muito mais fortemente com a rebelde rainha Vashti, mas mantive a compostura, cuidadosamente levantando a cauda da saia de *madonna* quando ela se sentou na poltrona dourada que se assemelhava a um trono, usada para audiências públicas, e deu ordens a Catherinella para ir “buscar a freira”.

— Pode se sentar — disse dona Lucrezia, indicando um banquinho aos pés de sua poltrona.

A freira chegou acompanhada de um padre, da madre priora e de duas outras freiras, todas usando o hábito preto e branco das dominicanas. Estremeci, esperando que *madonna* não tivesse percebido. Não pude evitar; não há nada mais assustador para uma judia espanhola, mesmo uma que havia fugido do país ainda criança, do que a visão daqueles corvos da Inquisição. Mas a freira era pequena e franzina, apoiada em ambos os lados por irmãs que a ajudavam, como se não conseguisse ficar de pé sozinha. Eu temia que fosse uma leprosa, porque as mãos e os pés estavam envoltos em ataduras sujas. Quando ela se aproximou de nós, dona Lucrezia ajoelhou-se no chão e fez sinal para que Catherinella e eu fizéssemos o mesmo. Precisei de muito autocontrole para não me retrair quando a freira pôs as mãos enfaixadas sobre minha cabeça abaixada, abençoando-me.

— Para nós é uma grande honra ter a senhora aqui, irmã Osanna — disse *madonna* ao levantar-se. — Espero que sua viagem não tenha sido muito fatigante e que esteja se sentindo bem no Santa Maria.

— Eu me sentiria melhor se a igreja não tivesse sido erguida sobre as fundações de um templo pagão — replicou irmã Osanna, com uma voz surpreendentemente forte.

Dona Lucrezia abaixou a cabeça em reverência.

— A senhora aceita alguma coisa para beber?

— Um pouco de água. Estou jejuando até retornar com minhas irmãs para Mântua.

Diante disso, o semblante de dona Lucrezia revelou preocupação.

— Mas ninguém lhe disse...? Não sabe por que está aqui?

— Eu escuto somente a Deus, filha.

— Tentamos explicar, mas... — A priora encolheu os ombros, suplicando ao padre com o olhar, que simplesmente abanou a cabeça.

— Entendo. — Dona Lucrezia arrastou-se para a beirada de sua poltrona. Uma expressão áspera se formou em seu rosto, quase como se o molde de sua pele macia tivesse sido endurecido num forno de olaria. Manchas brancas surgiram em ambos os lados de seu nariz afilado, e seus olhos faiscaram. — Sabe quem eu sou, irmã?

Em vez de uma resposta, irmã Osanna deixou escapar um grito lamentoso que reverberou em toda a sala, abalando as frentes alvas das virtuosas mulheres nas paredes. A freira caiu de joelhos, dobrou-se como se em grande sofrimento, segurando as laterais do corpo com as mãos enfaixadas. Suas duas acompanhantes ajoelharam-se ao seu lado, segurando-a pelas mangas e arrulhando como pombos assustados.

Dona Lucrezia parecia inabalada.

— Eu sou a filha do Santo Padre, papa Alexandre, que, com a sua benevolência, livrou a ordem da senhora das heresias de frei Girolamo, em Florença. Então, a senhora pode me escutar, não pode? — Seu tom era doce, mas firme e cortante como um cristal de gelo, capaz até de quebrar um dente. Gemendo e oscilando para trás e para a frente sobre os joelhos, irmã Osanna então agarrou as próprias orelhas como se quisesse arrancá-las.

— O demônio me tenta — lamentou ela. — Ah, como me tenta! — Então, ainda ajoelhada, porém, imóvel e ereta, disse num tom calmo e ressonante: — Mas ele não pode triunfar. “De sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações pagãs.” Eu escuto a voz de Deus, filha.

Dona Lucrezia pareceu aliviada.

— Eu trouxe a senhora para Roma para que me acompanhasse a Ferrara, irmã. Meu ilustre sogro, o duque Ercole, há muito aprecia sua grande santidade, pois a senhora carrega as marcas da Paixão de Nosso Senhor e foi abençoada com o dom da profecia, e ele deseja que se junte a irmã Lucia de Narni no convento que construiu para ela. — *Madonna* fez uma pausa para que suas palavras fossem bem-assimiladas; irmã Lucia de Narni era famosa por suas profecias, e o duque Ercole usara de todos os meios, alguns mais ortodoxos do

que outros, para retirá-la de seu convento em Viterbo e levá-la para Ferrara. — A madre priora e o padre Eustasius concordam que a senhora deveria levar sua palavra a outros lugares fora de Mântua.

Uma leve contração nos lábios finos da priora e um faiscar dos olhos reumosos do padre Eustasius me indicaram que a aceitação deles não saíra barata. Percebi então o significado das mãos enfaixadas. Irmã Osanna devia carregar os estigmas, os misteriosos ferimentos nas mãos, nos pés e nas laterais do corpo, representativos das chagas de Cristo, impostas pelos romanos. Ou talvez pelos judeus.

A irmã Osanna assentiu com um gesto de cabeça, com uma indulgente obediência desde o momento em que dona Lucrezia evocara o caso ocorrido com Girolamo Savonarola.

— Então agora nos entendemos — disse dona Lucrezia.

— Deus age de formas misteriosas, senhora.

— Certamente, irmã, certamente. Levante-se agora e se aproxime.

— Vi o padre e a priora trocarem olhares desconfiados quando a irmã Osanna obedeceu ao comando, e dona Lucrezia continuou: — Está vendo essa moça ao meu lado? Ela nasceu judia, mas, pela misericórdia de nosso Salvador e a intercessão dos santos, ela veio para Cristo. Não seria uma grande demonstração de Sua compaixão por um pecador se a senhora a deixasse ver as marcas?

Fiquei horrorizada, mas, quando olhei para dona Lucrezia, as palavras de protesto morreram em minha boca. Sua expressão foi semelhante à de nosso antigo vizinho, *señor* Perdoniel, o comerciante de tecidos, quando ele esfregava entre os dedos um tecido de lã ou de linho para atestar a qualidade do produto. Dona Lucrezia era uma mulher genuinamente piedosa, mas, como o pai, mesmo quando seu coração se encontrava entre os anjos, seus pés permaneciam firmes no solo, em particular naquela faixa estreita de terra que se estendia entre os estandes na rua dos *bancherotti*, comerciantes de moeda estrangeira e penhora de bens, local onde meu pai iniciara seus negócios ao chegar a Roma enquanto aguardava uma audiência com o cardeal Borgia. Então havia outro

motivo para ela me levar até ali, além de querer manter a humilde *conversa* afastada de seu maravilhoso irmão.

A um sinal de cabeça da priora, as duas outras freiras adiantaram-se e começaram a remover as ataduras das mãos e dos pés da irmã Osanna. Ela permaneceu parada, dócil como uma criança, olhos baixos, erguendo os pés ou virando as mãos de um lado para o outro para lhes facilitar a tarefa. Com um misto de ansiedade e desprendimento, ela era como um artista que revela sua obra diante do patrono, ciente de que a obra era sua, mas não somente sua, pois fora executada com material fornecido pelo patrono e a inspiração do Santo Nome. Eu queria desviar a vista, mas não podia, à medida que as gazes tornavam-se mais ensanguentadas e o odor de putrefação forçava dona Lucrezia a retirar da manga um lenço e colocá-lo sobre o nariz e a boca. Engoli em seco repetidamente, tentando não me engasgar. Então as freiras começaram a descobrir as laterais do corpo de irmã Osanna, soltando uma fileira de ganchos ocultos nas costuras de seu hábito.

De repente, nossa atenção foi desviada por uma comoção do lado de fora das portas. Vozes alteradas, seguidas de passadas fortes e apressadas de sapatos macios sobre o chão polido, e um estrondo quando algo atingiu a porta, com batidas sucessivas do trinco. Apenas irmã Osanna parecia alheia e mantinha a compostura, como as mulheres dos painéis nas paredes, enquanto nós olhávamos alarmados para as portas.

Cesare irrompeu na sala, acompanhado de perto por outro homem, cuja cabeça mal encostava em seus ombros, embora fosse corpulento, com o rosto esburacado como uma romã e olhos duros que brilhavam como reflexos de marcassita numa rocha quebrada. Enquanto as portas se abriam, uma das maçanetas arrancando uma lasca da pintura dos pés descalços da rainha Esther, vi um dos porteiros caído de joelhos, uma das mãos no nariz ensanguentado.

— Aí está você, sua insolente traidora — gritou Cesare, fitando-me. Tirésias latiu apoiando-o e olhou para mim também, apesar de inteiramente cego. Arrancando meu véu e lançando-o ao chão, Cesare continuou: — Bom, espero que alegre seu coração de pedra

saber que ganhamos, apesar de tudo. O cavalo de Mântua liderava a corrida, mas derrubou seu jóquei nas proximidades da pirâmide no Borgo.

— Assustado com alguma coisa na multidão — vociferou o rosto de romã. Perguntava-me quem seria aquele homem que podia interromper o duque Valentino impunemente.

— Sem dúvida — disse Cesare, com um sorriso desagradável.

— Meu senhor duque, dom Michele, o que significa toda essa interrupção? Não têm piedade em suas almas? Olhem para esta mulher. — Dona Lucrezia fez um gesto em direção a irmã Osanna. Dom Michele caiu de joelhos como se tivesse sido jogado ao chão e fez o sinal da cruz de forma exagerada. Cesare apenas olhou para a irmã.

— Você sabia do meu convite a *signorina* Donata. O que deu em você para me contrariar desse jeito?

Dona Lucrezia mal abriu a boca para responder quando irmã Osanna virou-se e encarou Cesare, que estava um pouco atrás dela. Vi o rubor do ódio desaparecer da face dele e seu rosto ficar tão branco como a touca da freira. Seu cão se encolheu, deitou o focinho sobre as patas e iniciou um lamento.

— Os reinos dos homens são apenas fogo em palha — disse irmã Osanna, em sua voz forte e estranha. — Quanto mais brilham, mais completamente se extinguem. Tenha cuidado, pequeno duque, tenha cuidado com a mão do Grande Vingador.

Cesare se desequilibrou. Pensei que ele fosse desmaiar. Levantei-me do banco para correr em seu auxílio, mas irmã Osanna, embora estivesse de costas para mim, ergueu a mão, dando ordem para que eu parasse, as ataduras caindo e revelando os ferimentos cobertos de crostas de sangue. Fiquei imóvel, estupefata, como se estivesse diante de uma parede invisível. A sala de repente esfriou, e até os desenhos nas paredes pareciam tremer. Vi padre Eustasius friccionar os braços, como se ele também tivesse sentido uma corrente de ar frio. Qualquer que fosse o script que ele e a priora houvessem

escrito previamente para a irmã Osanna, o que ela acabara de dizer não fazia parte dele.

Cesare moveu os lábios, mas eles não emitiram som algum. Tentou novamente.

— Vinte e oito — disse ele em seguida, num sussurro rouco.

— Vinte — replicou irmã Osanna, e, por alguma razão, isso o fez rir.

— Sinto-me elogiado, irmã — disse ele, e o encanto se desfez. Irmã Osanna deu as costas a Cesare, quase com desprezo.

— Minhas ataduras — ordenou a irmã às suas auxiliares, mas elas olharam de sua priora para dona Lucrezia, aguardando instruções. *Madonna* anuiu com a cabeça, e as freiras começaram a enfaixar outra vez os ferimentos de irmã Osanna. Catherinella voltou com a água, inescrutável em sua negrura, ou talvez devido a sua experiência em servir dona Lucrezia.

— Vamos — disse Cesare, estendendo a mão para mim. — Eles interromperam a corrida de porcos até meu retorno. Você não vai perder mais nada. — Tive a impressão de ver a mão de dom Michele fazer uma leve menção de se dirigir ao punho de uma das adagas em seu cinto.

— *Madonna...?*

— Pode ir, Donata. Como a irmã Osanna nos acompanhará a Ferrara, você terá muitas outras oportunidades de se beneficiar de sua santidade.

Olhei para ver qual efeito essa notícia teria sobre Cesare, mas era como se irmã Osanna não fosse em nada diferente de qualquer outra freira que ele encontrasse na rua ou em locais de audiências públicas do Vaticano. Colocando minha mão sob seu braço, ele passou a trocar palpites com dom Michele, deixando-me desfrutar do calor de seu corpo enquanto me guiava através de portas, ao longo de corredores, por escadas, até que chegamos a uma porta pequena e simples que eu não conhecia. Dom Michele abriu-a com uma chave que Cesare lhe deu e afastou-se para que pudéssemos passar. Cesare abaixou a cabeça para evitar bater no lintel da porta.

De um dos corredores sinuosos na ala mais antiga do palácio de Santa Maria, entramos no espaço cavernoso e cheirando a incenso da basílica, fria e silenciosa exceto pelas passadas suaves dos padres que se aprontavam para o serviço religioso do dia. E, naquele momento, as botas com esporas de Cesare e de dom Michele, e os meus próprios sapatos, atravessaram a nave. Passamos por trás do altar em direção a uma segunda porta pequena, oculta por trás de uma tela, que exibia um tríptico do martírio de São Pedro.

— As horas que passei de joelhos neste lugar — observou Cesare, enquanto procurava outra chave na bolsa que ficava em seu cinto. — Eles doem só de lembrar. Sabe que já fui cardeal?

Eu sabia. Roma inteira fervilhara com o escândalo, e principalmente o Convento de Santa Clara, quando, logo após o assassinato de dom Juan, Cesare renunciou aos seus votos religiosos para assumir o posto do irmão como chefe do exército papal.

— Que perda de tempo! — acrescentou ele, balançando a cabeça. Porém, antes que eu chegasse a perguntar o que ele queria dizer com aquilo, abriu-se a segunda porta, que dava para uma série de outras escadas e corredores mais bem-iluminados do que os do Santa Maria, com pisos de mármore e paredes cobertas de tapeçarias. Imaginei que estivéssemos no Vaticano, e, sem dúvida, em poucos segundos passamos por uma porta do primeiro andar para uma pequena ponte que nos levou a um estrado, montado em frente ao palácio para o papa e seus convidados.

Quando subimos no estrado e nos posicionamos ao lado do assento do papa, o barulho da multidão parecia golpear meu tórax, quase me fazendo perder o fôlego. Os espectadores aglomeravam-se por trás de barreiras feitas de pranchões de madeira, aguardando o início das corridas. Uma grande agitação do lado oposto ao estrado fez com que as pranchas começassem a ceder e a se lascar, e os guardas com as librés de Cesare empunharam suas alabardas para evitar um levante. As lâminas de suas armas brilhavam sob o sol forte de inverno. A enorme praça estava repleta de estandartes com os brasões dos Borgia e dos Este, hasteados em cada janela e presos às cornijas das fachadas, touros enfurecidos em seda e

águias brancas pairando sobre sua presa. Acima de nossas cabeças o dossel do estrado de listras douradas e escarlate oscilava e farfalhava ao vento, e eu lamentava não ter tido tempo de pegar meu casaco.

Cesare parou para saudar o público, segurando minha mão, de modo que eu era obrigada a permanecer ao seu lado, ciente também da presença de dom Michele logo atrás de mim, o odor de seu hálito de alho misturado a um cheiro forte de madeira nova e aos perfumes que os visitantes usavam para mascarar seu suor: essência de rosas, sândalo, tangerina e lavanda. Eu estava sem jeito e me senti exposta; não havia sequer beijado o anel do Santo Padre; certamente até ele registraria tamanho descaso, a despeito de sua tolerância à conduta negligente dos membros da família no Santa Maria in Portico.

Cesare não sorriu, não acenou, nem se curvou, simplesmente permaneceu onde estava, suas feições tão serenas como as máscaras que ele escolhia, aguardando o silêncio que se seguiria. Eu me vi pensando em como os touros teriam se sentido, alguns dias antes, quando a barreira foi removida e eles foram impelidos a entrar na arena, que agora se transformara numa pista de corrida, vendo-se diante do pujante silêncio em meio ao caos cuidadosamente planejado da *cuadrilla* de Cesare.

O tumulto se encerrou em segundos, apenas os gritos dos vendedores de milagres e de frangos assados em pequenos espetos de madeira ainda ressoavam aqui e acolá na praça. Cesare virou-se para dom Michele e disse:

— Quanto tempo daqui para o Campo a galope, Michelotto?

Não ouvi a resposta. Michelotto. Naturalmente, eu deveria ter imaginado. A quem mais Cesare confiaria as chaves das portas secretas além de Michelotto, o *condottiere* navarro conhecido como o braço direito do duque, que, quando Cesare planejava um esquema sinistro, era sempre quem os punha em prática? Ninguém menos do que o duque de Bisceglie estivera entre suas vítimas, dizia-se. Até mesmo o papa temia Michelotto, porque não tinha como fazê-lo temer seu filho.

— A corrida de porcos começará em vinte minutos — anunciou Cesare, sua voz não muito alta, porém projetada até o outro lado da praça. — E, nesse meio-tempo, para compensar o atraso, meus empregados caminharão entre todos, distribuindo bolos e vinho. — Imediatamente a multidão começou a se agitar e circular em torno de figuras uniformizadas em dourado e vermelho, carregando bandejas com bolos e jarras de barro, homens que pareciam ter brotado da terra, como os esqueletos de Jasão.

Somente então Cesare tomou seu assento no banco acolchoado ao lado da poltrona do pai, uma extraordinária peça de carvalho espanhol entalhado, forrada de couro vermelho; o estrado embaixo rangia de forma agourenta sempre que Sua Santidade mudava a posição de seu corpo pesado. Sentada à direita de Cesare, com Michelotto do meu outro lado ainda resfolegante de sua ida apressada ao Campo de' Fiori para dar início à corrida, aquela era a primeira vez que eu ficava tão perto do papa Alexandre. Inclínada para a frente sob pretexto de ajeitar minha saia, lancei um breve olhar a ele.

Seu rosto, emoldurado por um barrete justo de veludo branco e a gola de arminho de seu manto, estava repleto das contradições que pareciam definir sua vida e exasperar todos os que se relacionavam com ele. Sua boca, localizada entre faces volumosas e bem-barbeadas, era grande e sensual, mas tinha os olhos de um rico camponês, além da estatura de um homem ativo. Não era dotado da palidez ocasionada pelas preces e pela contemplação.

Eu ouvira dizer que em seus aposentos havia um quadro, feito por seu pintor preferido, um homenzinho de Mântua, dele próprio em adoração, ajoelhado diante da Virgem Maria. A modelo para a Virgem fora Giulia Farnese. Assim, existia nele uma mistura do sagrado com o profano. Devoto em sua vocação, ele acreditava que o poder temporal de seu ofício devia ser combinado com a seriedade espiritual e, chefe dessa igreja de padres celibatários, ele não via objeção em usar o braço forte do filho e o ventre da filha para realizar suas ambições. Notei que o papa havia segurado a mão de Cesare, e este inclinara a cabeça na direção do pai enquanto ele se

dirigia ao filho de forma rápida e enfática, em catalão, pressionando a mão de Cesare com força contra o braço entalhado de sua cadeira. Vistos do outro lado da praça, onde dona Lucrezia se reunira com suas damas no balcão acima da porta principal do Santa Maria, eles devem ter parecido um retrato da afeição mútua.

Um ruído distante começou a vibrar no ar. A multidão ficou em silêncio e se voltou em massa para o lado sul da praça, de onde teria início a corrida de porcos, que terminaria ao lado do obelisco de Calígula. Os espectadores que estavam sobre o estrado inclinaram-se para a frente, liberando um suor de excitação no ar viciado sob o dossel. De repente, percebi que eu era a única mulher entre os homens e que as outras moças, com exceção das damas de dona Lucrezia, encontravam-se no outro lado de um passadiço, protegidas por corrimões feitos de corda. Juntei as mãos sobre o colo e olhei para elas, imaginando os olhos de todos os homens em mim, embora soubesse que eles estavam atentos ao ponto de onde partiria a corrida na praça, os papéis de apostas amassados em seus punhos fechados à medida que o ruído se intensificava, como se uma tempestade se desencadeasse pelas ruas estreitas.

— Ali — murmurou Cesare, bem próximo ao meu ouvido, ou possivelmente eu não o teria escutado — estão as cinzas de Júlio César. Você acha que o espírito dele está ali também? Será que ele está rindo de nossos jogos?

Quando olhei para a esfera dourada no topo do obelisco, nuvens de uma poeira escura precipitavam-se sobre os antigos telhados do Borgo e avançavam em direção à praça, provocando, nas pessoas que ali estavam, tosse e coceira nos olhos. As dobradiças que seguravam as barreiras de madeira começaram a ranger. Os guardas ficaram de prontidão, empunhando suas alabardas diante de si. Então o primeiro dos porcos invadiu a praça, grunhindo e jogando a cabeça para trás, tentando se livrar do anão que tinha sobre as costas. E este, por sua vez, se segurava com a ajuda de pernas fortes e tortas e uma rédea presa a um anel no focinho do porco. O animal furioso investiu contra a barreira bem abaixo do ponto de onde dona Lucrezia observava. A multidão se retraiu com um suspiro

coletivo, como o sussurro do mar. Enfiando as presas contra as pranchas de madeira, o porco arremessou seu jóquei por sobre a barreira, onde ele foi amparado por diversos espectadores e jogado de volta.

Àquela altura, vários outros porcos já haviam entrado na praça, alguns com seus jóqueis anões ainda montados, outros desselados. Um dos porcos, com um retalho ensanguentado pendurado na presa, espumando de suor, olhos vermelhos de terror, atacou o infeliz jóquei que a multidão havia jogado de volta à pista de corrida, enfiando nele as presas. O homem caiu embaixo das patas dos outros animais, e a corrida terminou numa brutal confusão, quando os porcos pararam antes de chegarem ao final e passaram a comer sua vítima.

— Bom, eu nunca... — disse o papa, recostando-se em sua poltrona. O estrado emitiu um suave rangido. Uma risada estridente de louco veio do tórax de Michelotto.

— Olhe — disse Cesare, cutucando-o nas costelas. — Veja aqueles dois com a perna. Cinco mil *scudi* para o malhado.

— Negócio feito — replicou Michelotto. — Vamos pegar o vencedor para o jantar? Um porco com a perna de um homem na barriga? Isso é uma novidade.

— Tenho planos para esta noite. — Embora ele não olhasse para mim, sua mão segurava firme meu joelho, e era evidente o que ele queria dizer com aquilo. Senti como se meu crânio tivesse se rachado, como um ovo que cozinhou rápido demais, e deixado entrar nele todos os tipos de emoções conflitantes. A aversão diante do espetáculo do porco matando o anão disputava com o fascínio que os vivos têm pela morte. A humilhação de estar desacompanhada entre os homens, e de ter um deles com a mão em meu joelho num lugar público, era superada pela temerária excitação de ter sido envolvida pela aura de invencibilidade de Cesare.

No mais íntimo do meu ser, talvez no lugar que Angela conseguira alcançar com seus dedos hábeis e amorosos, senti a força do desejo que me fez aproximar milimetricamente minha perna da dele e não

opor resistência quando sua mão deslizou um pouco mais para cima em minha coxa, um de seus anéis puxando um fio solto de minha *camorra* verde. Fechei os olhos para afastar o clamor em minha mente, minhas faces em brasa e meu coração esmagando-se contra as costelas. Meus sentidos foram tomados pelo aroma do óleo de jasmim que ele usava para perfumar a barba, e de um perigoso almíscar selvagem que o óleo não conseguia ocultar.

— Você deveria ver isso — disse ele, sua voz envolta numa ameaça lânguida que me arrebatou do devaneio. Abri os olhos e me virei para ele, mas ele mantinha o olhar fixo a sua frente, os lábios contraídos num sorriso enigmático. Alguém olhava para mim, atraindo minha atenção. Um rapaz imberbe, ricamente vestido de veludo vermelho-escuro, um broche de ouro grande preso ao gorro, voltara-se para mim de uma rampa mais baixa da arquibancada. Belos olhos castanhos sobre faces macias e aveludadas admiravam meu corpo com uma audaciosa curiosidade. Abaixei a vista quando Cesare dirigiu ao rapaz um cumprimento com um gesto de cabeça, e ele abruptamente virou o rosto de volta para a praça.

Em meio aos fracos aplausos do público, para quem o fiasco dos porcos foi, sem sombra de dúvida, uma cena difícil de acompanhar, um grupo de homens vestidos de preto seguia tropeçando, mais do que correndo, em direção à linha de chegada. Um deles caiu e limpava as mãos na roupa enquanto tentava ficar de pé. De início, ainda envolta numa névoa de jasmim, eu me perguntava como alguém conseguira reunir os porcos antes de iniciarem a prova, e qual deles fora declarado o vencedor. Então, quando meus sentidos começaram a despertar, senti o coração gelar, abalado amargamente pela culpa e a insensatez.

Os homens eram judeus. Eu podia ver agora, com uma clareza assustadora, as estrelas amarelas costuradas na frente de suas túnicas e, pior ainda, havia entre eles rostos que eu reconhecia por trás das máscaras de poeira e de exaustão. Daniel Cohen, filho do sapateiro que fizera meu baú, Isaac ibn David, cuja apresentação de violino levava meu insensível pai às lágrimas. Pior; de joelhos agora, arrastando-se no chão à procura dos óculos que precisava usar para

poder enxergar, curvado sob os aplausos dos espectadores na linha de chegada, meu próprio irmão, Eli.

As imagens giravam à minha frente, como se eu também estivesse correndo, cada vez mais rápido, em círculos. Vi minha mãe, morrendo na praia em Nettuno, e a expressão arrasada de meu pai ao me comunicar os planos que tinha para mim. Eu mesma, de branco, flutuando como um espírito para meu batismo. A mão ferida de irmã Osanna, os lábios rosados de Angela, abertos num sorriso, o sofrimento de dona Lucrezia no jantar das castanhas, os ombros nus de Cesare quando ele deixava a arena de touros. A rainha Esther ajoelhada diante do rei Ahasuerus; mas isso era apenas uma pintura na parede. Eu estava correndo, e algo me escapava, correndo, mas todas as minhas veias estourariam antes de eu encontrar o que procurava. Toda aquela luz e aquele barulho, tanta gente. Como eu podia achar alguma coisa?

Tentei levantar-me, sair dali, porém, a mão de Cesare simplesmente apertou meu joelho com mais firmeza, seus dedos enfiados na minha pele através das camadas de roupas. No meu outro lado, Michelotto segurou meu braço em silêncio.

— Não está se divertindo? — perguntou Cesare. Aproximando-se mais de mim, sussurrou em meus ouvidos: — Pequena Esther Sarfati, você achou que eu era tão sentimental quanto o rei... Como era mesmo o nome dele? Está vendo aquela multidão ali? Eles despedaçariam você assim como aqueles malditos porcos fizeram com o anão. E a mim. Somos ambos *marrani*. Mas eles me toleram, porque eu proporciono diversão a todos e mantenho os inimigos deles do lado de fora dos portões. E, no momento, eles até gostam de você, porque é bonita e está sentada ao meu lado. É algo sobre o que falar em suas tabernas gordurosas e em seus casebres imundos. Eu sei que seu pai nos ajudou a comprar tudo isso, mas agora é nosso, o jogo virou, entende? Agora você precisa de mim.

Alguém começou a gritar. Uma voz de mulher. *Solte-me! Solte-me!* As pessoas se viraram para olhar. O rapaz de pele macia e broche no gorro tinha um sorriso aberto no rosto como uma ferida. Os gritos alcançavam o dossel, atravessavam a seda listrada, chegando ao céu

de um azul pálido, um, depois outro, e mais outro. Muitos gritos. Meus gritos.

— Deixe-a ir, Michelotto; ela já está começando a me aborrecer. — Eu segui meus gritos; parecia flutuar, atraída pelos fios de minha voz, meu braço pulsando, minhas pernas leves como o ar após serem subitamente libertadas. Erguendo-me do banco, segui pelo corredor, entrei no Vaticano através da porta secreta que Michelotto devia ter deixado destrancada e voltei à basílica, cujo profundo silêncio, por fim, me fez parar. Caí de joelhos e tentei fazer uma oração para qualquer deus que se dispusesse a me ouvir, a me mostrar uma saída para a confusão em que eu me encontrava. Atinja-me com uma praga, supliquei, envie um daqueles porcos para me comer, ou Michelotto com uma adaga. Eu não tinha medo; já fora atingida pela praga, estava despedaçada, tinha um punhal cravado no coração.

“O duque Valentino tem um... senso de humor único”, disse Deus, num tom cheio de insinuação, porém ainda firme. Ergui a vista e vi a boca de uma mulher, feita de ouro, não de carne, presa com pernas de pequenos sapos de ouro aos flancos de um cavalo dourado. Dois braços pequenos seguravam no alto um arco armado com uma flecha. Pestanejei, e o curioso ornamento foi substituído pelos olhos castanhos do jovem da arquibancada. Não era o rapaz, percebi, gelando de humilhação, mas La Fiammetta, suas pernas longas e bem torneadas, embelezadas à perfeição com aquele gibão e calças colantes, o gorro de veludo inclinado de forma sedutora pelo peso de um ornamento de ouro preso a ele. Ela levou as pontas dos dedos enluvados ao cabo de uma elegante adaga na cintura e riu.



Não me lembrei de mais nada até acordar em minha própria cama; Angela estava sentada ao meu lado e tinha no colo uma tigela de algo fumegante, que cheirava a folhas podres.

— Beba isso — disse ela.

— Não.

— Você desmaiou. Suas regras começaram. Isso vai ajudar.

— Nada que tenha um cheiro desses pode ajudar. — Lembrei-me dos óculos esmagados de Eli, da perna do anão de calças, parecendo um pedaço de carne embrulhado, pronto para ir ao fogo, da selvageria do pequeno discurso de Cesare, de La Fiammetta... Ele provavelmente estaria com ela naquele momento, contando alguma piada às minhas custas enquanto retirava lentamente as calças colantes daquelas pernas perfeitas, as pontas dos dedos dele alisando a pele branca da coxa dela... — Nada vai ajudar.

Com um suspiro, Angela pegou na mesinha de cabeceira um pergaminho enrolado.

— Chegou isso. — Ela me observava, pressionando os lábios, exasperada, enquanto eu abria o bilhete e passava o dedo pela insígnia em alto-relevo. O touro, chaves, lírios.

Perdoe-me, ele escrevera. Eu estava fora de mim. Como você sabe, eu estava um pouco irritado com a freira da minha irmã. Às vezes, fico mal-humorado. Você vai entender; você estava fora de si também.

Valentino

— Sabe como ele está chamando você agora? — perguntou Angela, tomando o bilhete de minha mão e lendo-o com um movimento de cabeça. — La Violante, a quebradora de promessas.

— É mesmo? — Aquilo me agradou, uma palavra bonita com um significado feio. — Agora tenho, então, meu apelido. Você disse que eu precisava de um.

CAPÍTULO 5

ROMA, EPIFANIA, 1502

Eu sempre soube que não poderia viver sem você. É uma constante, assim como o Sol que nasce no leste, ou o fato de eu ter cinco dedos em cada mão.

— Quer que eu faça uma trilha com pedrinhas da lua, Lucrezia, para você encontrar o caminho de casa?

Dona Lucrezia sorriu cansada para o Infante Romano e acariciou o rosto do menino com as pontas dos dedos. Suas unhas brilhavam num tom rosa-pérola, em contraste com a pele clara dele. Havíamos passado uma boa hora embelezando-lhe as unhas na noite anterior, fazendo-a mergulhar as mãos numa solução de raiz de urtiga, massageando-as com uma loção com essência de rosas e polindo suas unhas com panos finos. Qualquer pessoa teria pensado, resmungou Angela, friccionando-lhe os joelhos rijos, que ela chegaria a Ferrara no dia seguinte, e não que meramente iniciaria uma viagem com várias semanas de duração.

— Ferrara vai ser a casa dela, Giovanni — interferiu o Santo Padre, a voz embargada de emoção. — Mas vamos todos visitá-la, não se preocupe.

Vi Cesare engolir em seco. Ah, eu me tornara perita em observá-lo. Podia perceber quando ele entrava numa sala mesmo quando eu estava de costas, por um brilho mais intenso das velas ou um aroma adocicado no ar. Sentia-me atraída por ele assim como, de acordo com os platônicos, a alma é atraída pela Beleza. Ou convenci a mim mesma disso. Até o movimento de seu pomo de adão acima da gola de sua camisa me encantava.

Ele então expirou fortemente, passou os dedos pelos cabelos e afastou-se da parede onde estava recostado, à parte do grupo familiar que se encontrava em torno da lareira na pequena sala de visitas de *madonna* que dava para os degraus de São Pedro. Dirigiu-se à janela a passos largos e olhou para fora. Perguntava-me no que ele pensava quando via os degraus onde seus mercenários haviam matado o último marido da irmã, mas eu não conseguia ler seus pensamentos, assim como não era capaz de ler a escrita dos mouros, que, segundo dizem, é de trás para a frente. Tudo o que seu semblante revelava naquele momento era impaciência.

De pé atrás da cadeira de *madonna*, eu não podia enxergar o que havia do outro lado da janela, mas conseguia ouvir o burburinho, mesmo através da vidraça. O séquito da nova duquesa de Ferrara era grande demais para se reunir no pátio do Santa Maria e, por isso, congregara-se na enorme praça em frente à basílica. O incessante ruído de vozes era de vez em quando sobreposto por gritos de homens, relinchos de cavalos e mugidos de bois.

— Muito bem — disse Cesare —, precisamos partir.

— Ah, mas...

— Papai, se alguém não for lá embaixo e estabelecer a ordem, nós não sairemos daqui antes do anoitecer, e já está começando a nevar. Violante, leve as crianças para a babá, por favor, e não volte aqui. Temos assuntos de família para tratar. — Ele pegou Giovanni pela mão e levou-o até mim. Por um momento, estive tão próximo que eu conseguia ver cada ponto do bordado em ouro de seu gibão de veludo preto e sentir o perfume de jasmim. Eu ansiava por olhar para seu rosto, mas não me atrevia, então fixei a vista na mão dele, na mancha de queimadura de pólvora e nas pontas de seus dedos vigorosos que seguravam as dobras macias do punho de seu irmãozinho.

— Eu quero ficar — choramingou Giovanni. — Eu sou da família. Por que não posso ficar, Cesare?

— Obedeça, e eu prometo levar você para ver os filhotinhos de Bella mais tarde.

— Quando, mais tarde? — O menino puxou os dedos de Cesare. Quando, mais tarde? Será que Cesare não iria conosco para Ferrara? Ele não tinha dito “nós” há poucos minutos, quando falou em sairmos antes do anoitecer?

— Quando eu resolver. Essa é uma promessa de homem para homem, e eu não vou faltar com a minha palavra de honra, não é?

Não, pensei, e o verme da ansiedade começou a abrir caminho dentro de mim.

— Não. Está bem, então. — Ele transferiu sua mãozinha da mão de Cesare para a minha, sua pele ainda morna do calor do irmão, mas eu tive de largá-la para apanhar Rodrigo do colo da mãe.

Um fio da roupa do bebê ficara preso às pérolas costuradas à faixa da cintura de *madonna*.

— Espere um minuto — disse ela, embora fosse óbvio que não estava nem um pouco preocupada que as pérolas se soltassem. Acariciou as costas do filho, beijou-lhe os cabelos e lhe apertou o nariz com a ponta do dedo, o que o fez rir. As mãos dela iam e vinham pelos fios emaranhados, como se ela soubesse o que fazer, mas não conseguisse se lembrar. Cesare posicionou-se atrás da cadeira da irmã e colocou uma das mãos sobre o ombro dela. Vi suas articulações dobrarem-se e embranquecerem quando ele começou a apertá-lo. Ela virou-se para ele, os olhos erguidos em sinal de súplica. Ele fez um leve movimento com a cabeça, e os dois olharam diretamente para mim, os olhos de ambos movendo-se em uníssono, como se aquele fosse um gesto ensaiado, as expressões de seus rostos tão semelhantes que poderiam tê-las copiado um do outro. Houve um momento em que achei que eles tentavam me dizer alguma coisa, mas então Giovanni puxou meu braço e disse:

— Vamos, senão até os adultos acabarem a conversa, vai ficar muito tarde para ver os cachorrinhos. — O encanto foi aí quebrado, e o que quer que eu tivesse vislumbrado ocultara-se antes mesmo que eu pudesse discernir sua verdadeira forma.



Das moças que acompanhavam dona Lucrezia, somente eu estivera fora da Itália, e isso praticamente não contava, porque eu era muito criança na época para me lembrar. A maioria não havia ido além de Tivoli, ou dos banhos em Stigliano. Mas, se alguma delas estava apreensiva, não deixara transparecer. Éramos, afinal, a comitiva do casamento, porém em número tão grande que parecíamos mais uma cidade em mudança, com nossos cozinheiros e alfaiates, nossos serralheiros, nosso seleiro, e Alonso, o ourives, que nunca lavava as mãos, temeroso de perder alguns grãos de ouro. Três bispos nos acompanhavam, sem falar nos dois capelães de dona Lucrezia. Dois, diziam as más-línguas, porque um não era suficiente para suportar o peso dos pecados de *madonna*. Tínhamos nossa aristocracia, nossa cota de homens galantes para jogar, beber em excesso, cortejar as damas de companhia e seduzir nossas empregadas. Estávamos acompanhados de descendentes dos Orsini e dos Colonna, dispostos a manter relações amigáveis enquanto vivessem à custa do papa, e por mais de trinta dos cavalheiros de Cesare.

Cento e cinquenta carruagens haviam sido compradas, construídas ou requisitadas das famílias romanas mais ricas para transportar todo esse pessoal, sem falar nos cavalos, mulas e bois, cujo número era maior do que eu aprendera a contar. Quando todos da casa de dom Ferrante juntaram-se ao nosso grupo, somávamos, segundo fui informada, mais de mil pessoas. Mesmo com toda a vastidão da Praça de São Pedro, disputávamos espaço, as mulas mordendo os pescoços umas das outras, os pés de alguns cavaliços quebrados por patas inquietas, pessoas que deveriam saber como se portar acotovelando-se inapropriadamente para obter as melhores posições abaixo das janelas do Vaticano, onde o papa apareceria para acenar um adeus a sua querida filha. Como Angela comentou, os fabricantes de pás devem ter-se dado muito bem com o casamento de dona Lucrezia. Os cavaliços teriam um trabalho dos diabos para limpar todo aquele excremento antes do fim da viagem. Como toda a sua família, Angela era essencialmente uma camponesa, e suas palavras exprimiam sempre um duplo sentido, assim como os ossos

desprezados na refeição de hoje são transformados num caldo no dia seguinte.

Quando, por fim, começamos a deixar a praça em filas e entrar nas ruas estreitas do Borgo, os seguranças cedidos por Cesare para nos escoltar foram forçados a usar os cabos de suas alabardas para afastar os espectadores e nos abrir caminho. Bem antes de chegarmos aos portões, nós, que seguíamos à frente, cavalcando logo atrás de dona Lucrezia, ela própria escoltada de um lado por Ippolito e de outro por Cesare, fomos separados do restante da comitiva quando um carro de boi emperrou na Ponte de Sant'Angelo. Cesare enviou um de seus homens para ver o que acontecera, porém, como o atraso se estendeu e a neve começava a cair pesada de um céu crepuscular, ele decidiu ir investigar pessoalmente. Tentei captar seu olhar quando ele passou por mim, mas Cesare seguiu em frente, forçando a vista na pouca claridade para descobrir a causa do atraso, a boca contraída em sinal de frustração. Senti um tremor, enrolei as rédeas no topo da minha sela e coloquei as mãos dentro do regalo de pele de lince. E se ele não estivesse, de fato, indo conosco? Como seria, então?

— Estão derrubando o maldito parapeito para o carro conseguir passar — gritou ele para Ippolito, ao voltar. Desmontamos, então, e ficamos andando por ali, impacientes e com frio, os pés molhados, sentindo o desconforto de convidados que haviam permanecido além da hora esperada. Cesare e Ippolito escoltaram dona Lucrezia até a proteção de uma barraca próxima onde se vendiam doces, e olhamos para eles com inveja enquanto o surpreso proprietário lhes servia, com mãos trêmulas, amêndoas confeitadas e conservas de gengibre.

Finalmente o carro foi liberado, e, enquanto rangia numa névoa de hálito animal e vapor liberado das peles dos bois exauridos, retomamos nossa montaria e partimos novamente rumo aos portões. Lá, paramos pela segunda vez. Ippolito curvou-se até a mão de dona Lucrezia, desejou-lhe uma boa viagem e seguiu em frente para falar com o irmão. Cesare inclinou-se na sela, tomou as mãos de *madonna* nas suas e beijou-lhe as faces.

Ainda segurando as mãos da irmã, as luvinhas vermelhas dela brilhando em contraste com as pretas dele, Cesare disse:

— Espalhe os seixos lunares, *cara mia*, para que eu possa encontrar você. — Eles riram, então Cesare e Ippolito deram meia-volta em seus cavalos e seguiram em direção à cidade. Olhei para Angela. As lágrimas escorriam-lhe pela face, mas ela não parecia surpresa. Devia saber que Ippolito não nos acompanharia, mas não Cesare. Certamente ela teria me informado. Talvez ninguém soubesse. Talvez a decisão tivesse sido tomada naquela manhã, quando ele prometeu levar Giovanni para ver os filhotes.

Talvez, tendo me visto por perto, ele tenha decidido falar com *madonna* em italiano para garantir que eu ouviria e entenderia suas palavras. Foi isso. Havia uma mensagem ali para mim também, se ao menos eu conseguisse decifrá-la.

Quando os dois homens nos ultrapassaram, Ippolito puxou as rédeas do cavalo de forma quase imperceptível e fez um aceno de cabeça para Angela, que abaixou o rosto de leve em resposta. Tudo o que vi Cesare fazer foi erguer uma das mãos enluvadas para retirar a neve dos olhos e depois esporear os flancos do cavalo e retornar, seguindo pelo meio da comitiva em direção à ponte quebrada e ao Vaticano. Nem uma palavra dirigida a mim; nem sequer um olhar.

Mas ele caçou com *madonna* a respeito das pedras da lua. Como a criança criativa no conto de fadas, ele queria ter a certeza de que encontraria o caminho de volta ao tesouro.



Duas semanas após deixar Roma, chegamos a Urbino, onde nos apossamos do palácio ducal, forçando o duque Guidobaldo e a mulher a se instalarem num convento fora das muralhas. Embora tivéssemos sido alojadas como um carregamento de escravos e forçadas a dormir no chão da antecâmara de dona Lucrezia com apenas nossos mantos como lençóis, achei o palácio a coisa mais próxima ao paraíso que eu jamais veria nesta terra. Após os rigores

da viagem, talvez qualquer lugar onde pudéssemos permanecer mais de uma única noite se assemelharia ao paraíso. As estradas nas regiões montanhosas haviam sido traiçoeiras, com lama e neve, frequentemente bloqueadas por deslizamentos de terra. Às vezes, havia riachos com correnteza em lugares não indicados em nossos mapas, e éramos forçados a fazer longos desvios para achar vaus. Uma noite, impossibilitados de alcançar o destino planejado antes do anoitecer, tivemos de acampar ao relento, cercados por nossas carruagens como ciganos, e eu havia adormecido ao som dos uivos selvagens de lobos, imaginando-me um soldado do exército de Cesare.

Na noite de nossa chegada a Urbino, os muros do palácio refletiam um tom rosado à luz de milhares de tochas enquanto seguíamos monte acima. Situado num rochedo escarpado, invisível na escuridão, o palácio emitia um brilho tênue, como se estivesse suspenso no ar. Na manhã seguinte, o sol fez uma de suas raras aparições, e os claustros de mármore em torno do pátio principal resplandeciam como se incrustados com diamantes. Enquanto o Palácio de Santa Maria era abarrotado de trabalhos de arte e antiguidades, simplesmente porque alguém dissera a dona Adriana que tal pintor, *tapissier* ou vendedor de Cupidos com o nariz lascado estava na moda, tudo no Palácio de Urbino era um testemunho de bom gosto e reflexão. Se, por um lado, o Santa Maria se assemelhava a uma prostituta velha com a boca cheia de doces, o Palácio de Urbino era como a filosofia tornada palpável, concebido para nutrir o espírito. Havia espaços para se respirar entre os quadros, caminhos floridos ou ainda avenidas de limoeiros entrelaçados em meio às estátuas dos jardins.

Ao acompanhar a duquesa numa visita ao hall e aos salões repletos de ricas tapeçarias que haviam sido limpas para a nossa chegada, de modo que brilhavam até mesmo sob a luz acinzentada do inverno, comecei a entender por que meu pai me fizera aprender geometria. Isso lhe mostrará seu lugar no mundo, ele costumava dizer. Eu pensava que ele se referia ao cálculo da posição das estrelas, e me perguntava para que isso me serviria. Ou então

imaginava que seu objetivo era me comparar com meus irmãos, que provavelmente viajariam por mar por conta dos negócios da família. Agora, admirando os painéis de marchetaria *trompe d'oeil* no *studiolo* do velho duque, que exibiam admiravelmente sua armadura pendurada num armário e seus livros prediletos empilhados sobre uma prateleira, eu gostaria de poder dizer ao meu pai que entendia o que ele queria dizer; gostaria também de poder lhe agradecer. O que a geometria nos mostra é como medir as proporções, como construir, pintar e planejar jardins que não nos oprimam por estarem abarrotados, nem nos deixem espantados por serem grandes demais, mas que nos conscientizem de que somos, de fato, criados à imagem do Santo Nome.



Um baile seria realizado em homenagem a dona Lucrezia, porém, eu o aguardava com um misto de emoções. Talvez Cesare comparecesse. Nenhuma de nós sabia onde ele estava; poderia estar em Nápoles ou em Milão, ou ainda em conversas com o duque Guidobaldo no convento dele, a apenas poucos metros dos muros da cidade. Por outro lado, eu vinha dormindo mal em nossas várias acomodações improvisadas. Meus ossos doíam dos chãos duros, dos catres ondulados e das longas cavalgadas. Minha menstruação se iniciara no dia anterior; eu estava inchada e de mau humor, e brotara em meu queixo uma espinha que pulsava como um tambor. Não havia dúvida de que eu estava muito feia. Se Cesare aparecesse, eu teria de apertar uns 2 centímetros a mais o meu espartilho e manter a máscara no rosto a noite toda, mesmo que ela me sufocasse.

Minha cabeça reverberava com o vozerio das moças se aprontando para a festa num espaço confinado, então saí para um lugar aberto. Eu estaria sujeita a uma reprimenda se dona Lucrezia descobrisse que eu perambulava por ali desacompanhada, mas, no humor em que me encontrava, eu provavelmente responderia no mesmo tom. Além disso, eu duvidava de que ela percebesse minha

ausência até o momento de se vestir, o que ainda demoraria horas. *Madonna* esmerava-se em chegar atrasada a tudo.

A duquesa Elisabetta tinha um jardim de rosas rebaixado, um círculo recortado em cinco segmentos simbolizando as cinco partes de um madrigal. Eles convergiam para o centro, terminando numa bela rotunda de pilares, um lugar para encontros amorosos deliberadamente oculto dos olhos da casa. Caminhei por um instante, escutando o ruído de meus passos sobre os caminhos de cascalho entre os canteiros e o canto de um tordo solitário pousado entre os galhos nodosos das roseiras podadas. Sentei-me na rotunda e fiquei ali desfrutando de minha solidão e do ar frio que atravessava minhas roupas para abrandar as erupções causadas pelas picadas de pulgas que eu sofrera durante a viagem. Recostei o corpo dolorido no banco frio de mármore.

O tempo passou, e percebi que o céu escurecia; os pilares da rotunda e a terra rica e vermelha dos canteiros de rosa adquiriam um brilho etéreo, como se tivessem capturado e mantido a última luz do dia. Devo ter ficado lá fora mais tempo do que supunha. Era melhor eu ir, antes que *madonna* começasse a me procurar. Mas não conseguia me levantar. A sensação de que mãos pousavam sobre meus ombros penetrava em mim e se assentava na cavidade pélvica, similar a uma pedra quente que me prendia ao banco. O perfume de jasmim inundou meu nariz e me deixou tonta. Ele estava por perto, eu sabia. A qualquer momento, eu ouviria seus passos rápidos sobre o cascalho e cairia em seus braços ali, naquele lugar secreto no coração do madrigal.

— Veja a grande senhora.

— Como seu rosto é belo!

— Como dança elegantemente!

— Não, não, não, seu bunda de porco. Elegantemente é a minha fala. Você diz “como ela dança bem”, e eu digo...

— Raramente, mas “elefantemente”.

— Raramente, mas elegantemente.

Um ruído de gases expelidos.

— Ah, raro e elegante, é assim? Eu acho que não. Opa... desculpe, minha senhora, pensávamos que não havia ninguém aqui.

— Não há ninguém — respondi, à medida que a claridade aumentava. — Somente eu.

Gatto e Perro, os anões espanhóis de *madonna*.

— Estávamos ensaiando — explicou Perro, que era, com seus modos confusos, olhos amarelados e certa graça nos movimentos, apesar da pouca estatura, o mais ardiloso dos dois.

— Para a dança de *madonna* no baile — acrescentou Gatto, ainda falando italiano com um sotaque castelhano. — Devemos seguir a senhora e elogiar a dança dela.

— Sabe dizer se *madonna* já está pronta para se vestir? — perguntei, saindo da rotunda — Ou se dom Cesare ainda está com ela?

— Dom Cesare? Ele não se atreveria a mostrar a cara aqui.

— Não depois do incidente com Dorotea Caracciolo. — Os bufões agora falavam espanhol.

— Fale devagar. Que incidente?

— Dona Dorotea era uma das damas de companhia da duquesa Elisabetta. Uma beldade em todos os sentidos. Dom Cesare deveria conduzi-la em segurança através da Romanha quando ela voltava para se reunir ao marido em Veneza, mas, em vez disso, ele raptou a moça.

Perro estalou os dedos.

— Num abrir e fechar de olhos.

— Levou a moça embora. — Gatto curvou-se para apanhar uma pedra do caminho, colocou-a na palma da mão e passou a mão esquerda sobre ela. A pedra desapareceu.

— Nunca mais foi vista — complementou Perro.

Gatto retirou a pedra da orelha esquerda.

— Provavelmente f...

Perro cutucou seu companheiro nas costelas.

— Até a morte — concluiu Gatto, num tom fraco.

— Muito bem — disse Perro, que gostava de garotos. — Veja o que você fez agora, seu malvado, deixou Violante desconcertada.

— Não foi nada — afirmei, tentando controlar o tremor da voz, forçando-me a não piscar, a permanecer com os olhos abertos para não derramar lágrimas que me denunciasses. — É melhor eu ir. Vocês não vão contar que me encontraram aqui sozinha, não é? Ou...

— Ou, o quê? — Gatto pôs as mãos na cintura e colocou a barriga para a frente, num gesto de desafio. A visão era engraçada o suficiente para amenizar meu coração.

— Ou eu digo a *madonna* que você acha que ela dança como um elefante. — Levantei um pouco as saias e saí correndo, os dois bufões fingindo que me perseguiam. Porém, eles pararam no pé da escada que levava aos aposentos de dona Lucrezia e curvaram-se diante de Angela, que me esperava ali.

— Eu já ia procurar você. Onde estava? Lucrezia não sabe onde está o colar que dom Ferrante deu a ela e agora está furiosa.

— Acho que está na caixa preta de joias. Você sabe qual é, a que o pai deu a ela. — Segurando firme o braço de Angela, eu a virei de frente para mim. — Angela, Cesare esteve aqui?

Ela suspirou.

— Não, querida. Pelo que eu sei, ele ainda está em Roma tentando organizar um exército para sua próxima campanha. Pedindo dinheiro emprestado ao seu pai, provavelmente. O casamento deve ter levado o último centavo de tio Rodrigo, até que ele possa vender mais alguns capelos de cardeais. Por quê? — Angela quis saber, escapando do aperto de minha mão e friccionando os braços.

— Porque eu tenho certeza de que ele esteve no jardim de rosas.

— Quando? — Angela olhou desconfiada. Cesare mantinha os cavalos de revezamento mais rápidos em estábulos por toda a Romanha, para que pudesse viajar mais depressa do que a maioria. Além disso, ele adorava surpresas, de festas improvisadas a golpes militares.

— Há pouco tempo. — Fitamo-nos, e Angela balançou a cabeça.

— Eu estive com Lucrezia a tarde toda, massageando as têmporas dela. Ela está com uma daquelas dores de cabeça. Ele não teria vindo até aqui sem ter ido vê-la. Você está menstruada, não está? Deve ser isso. Às vezes, provoca visões.

— Mas... — Tudo que parecia tão claro um momento antes agora se tornava confuso. O que será que eu teria visto? Somente uma sombra, uma nuvem atravessando os raios do sol. No entanto, o perfume de jasmim ainda estava em minhas narinas, permanecia em minha pele.

— Você está cansada, querida, todas nós estamos. Precisa tentar esquecer-lo. Por acaso ele lhe deu algum sinal de que esteja interessado? Já escreveu para você desde que deixamos Roma? Não. Não há uma mulher neste mundo que possa segurá-lo, exceto a Senhora Fortuna, se isso serve de consolo. — Pobre Angela. Ela usava o bom senso, mas, no que dizia respeito a Cesare, eu não precisava disso. Todas as vezes que encontrávamos os mensageiros que traziam correspondências com o selo dele, eu tinha esperanças, mas as cartas sempre eram para dona Lucrezia, ou para dom Ferrante, ou para os homens da família que nos escoltavam. Eu me consolava com os dois bilhetes que recebera dele em Roma, não tanto em lê-los como em acariciar as linhas e curvas de sua caligrafia com meus dedos e olhos.

— Ippolito escreveu para você? — retruquei, e imediatamente me arrependi ao ver a dor estampada em seu rosto.

— Eu disse a ele para não escrever. Você sabe que não quero criar dificuldades antes de nos instalarmos em Ferrara.

Subi as escadas na frente dela.

— A questão é que você não sabe o que é estar realmente apaixonada. Se soubesse, entenderia que não precisamos de cartas. Nós... ele... ele está bem *aqui*, é só.

— Ah, é por isso que você mantém aquele bilhete dele enfiado no espartilho. Espere um pouco. Vou limpar sua saia. Está cheia de pétalas. — Ela respirou fundo e deu um leve suspiro de satisfação.

— Adoro o jasmim no inverno, a forma como exala o perfume assim que o sol se põe. É uma flor tão auspiciosa!



De Urbino, seguimos na direção leste para Pesaro, em território de Cesare, e, de lá até chegarmos a Bolonha, a presença dele estava em toda parte. As estradas haviam sido niveladas e consertadas, e, em cada uma das cidades dele que visitamos, fomos recebidos calorosamente por dezenas de crianças em uniformes com seu brasão, que acenavam com galhos de oliveira e gritavam “Duca, Duca, Lucrezia, Lucrezia!”. Os muros dos palácios em que ficamos haviam sido restaurados dos danos da artilharia e clareados das manchas de fumaça. Tapeçarias novas foram colocadas nas paredes, muitas das quais exibiam os triunfos do imperador César, e colchões novos de penas de pato adornavam as camas em que Cesare havia descansado dos esgotamentos das batalhas, e nos quais agora dona Lucrezia se recostava, apreciando os dosséis de brocado ou a alcova pintada, especulando sobre dom Alfonso.

Em Cesena, dom Ferrante duplicou a guarda destinada a sua nova cunhada após ter ouvido boatos de que o marido de Dorotea Caracciolo planejava uma investida para raptar dona Lucrezia e mantê-la refém, e, assim, pedir como resgate a libertação de sua mulher. Dom Ferrante cavalgava ao lado da liteira dela, embora às vezes ele ficasse para trás para inspecionar a guarda, passando longos momentos conferenciando com seu oficial, que me parecia jovem demais para tamanha responsabilidade. Seguíamos viagem o mais rápido que ele nos permitia, e chegamos a Forli, Faenza e, por fim, a Imola, onde dona Lucrezia insistiu em ficar um dia a mais para lavar os cabelos e nos dar a chance de descansar antes que entrássemos em Bolonha e, enfim, deixássemos para trás qualquer semelhança com o que ela pudesse considerar um lar. Ela era, eu imaginava, como um atleta fazendo uma parada para recuperar o vigor para a reta final, concentrada em si mesma, desligada de tudo que a circundava. Angela disse que era como se *madonna* tivesse passado por um véu, do mesmo modo que algumas pessoas fazem

na véspera do *Ognissanti*, passando para o outro lado e tornando-se incapazes de encontrar o caminho de volta.

Os dias de lavar os cabelos eram, em geral, como nossas sessões na casa de banho nos jardins do Santa Maria in Portico. O vapor que subia das grandes caldeiras de cobre, enquanto mergulhávamos nossas jarras para molhar os cabelos de *madonna*, criava a mesma atmosfera confessional. Impossibilitadas de nos vermos claramente por causa do vapor, tínhamos coragem de revelar nossos segredos. Absortas na cuidadosa tarefa de mergulhar os cabelos de *madonna* sem molhar o couro cabeludo dela, ou de aplicar a pasta para clareamento, feita de açafreão misturado a claras em neve e suco de limão a cada uma das mechas igualmente, podíamos evitar nos encarar. Falávamos para a água, ou para a massa de cabelos dourados flutuantes, ou ainda para nossos próprios dedos, de cheiro acre, pegajosos e manchados de laranja.

Em Ímola, entretanto, tudo era bem diferente. *Madonna* ficava quase todo o tempo em silêncio, exceto quando irritada, reclamando da água quente demais ou excessivamente fria, ou ainda de que alguém havia puxado seus cabelos ou molhado sua roupa íntima. Realizávamos nossa tarefa com uma eficiência lúgubre, ciente de nossas roupas úmidas grudadas no corpo e do cheiro de terra molhada do açafreão, como um cemitério na chuva. Havíamos completado a lavagem dos cabelos, uma vez com um sabão branco puro, vindo de Veneza, outra vez com sabão perfumado com óleo de rosas, e estávamos enxugando-os antes de aplicarmos a mistura clareadora quando *madonna* levantou a cabeça e olhou para a tigela com a pasta laranja viscosa como se aquilo a tivesse insultado.

— Não há claras suficientes aí — reclamou ela.

— Mas, *madonna*, é o mesmo número de ovos de sempre. — Como de hábito, Elisabetta Senese não sabia quando manter a boca fechada. A prima Geronima, que estivera lendo em voz alta *A vida de São Sebastião*, talvez na vã esperança de apontar as flechas do santo na direção da vaidade de *madonna*, ficou em silêncio e cruzou as mãos no colo. Angela fez um sinal com os olhos para mim, o que

me deixou contente; as coisas haviam andado meio tensas entre nós desde a conversa sobre cartas em Urbino.

— Então eles devem ser ovos pequenos — replicou *madonna*. — Violante.

— Sim, *madonna*.

— Vá até as cozinhas. Pegue mais ovos e duas tigelas, para separar as claras. — Dona Lucrezia tinha seu lado doméstico.

Por que eu?, pensei, enxaguando as mãos na água da caldeira e limpando a espuma do sabão no lençol velho que eu amarrara em volta da minha cintura para proteger meu vestido. Como eu iria saber onde eram as cozinhas na *rocca* de Ímola? E haveria cozinhas ligadas aos aposentos ducais, onde estávamos hospedadas, ou eu teria de achar o edifício da cozinha principal, sem dúvida longe de nossas acomodações, onde eram mantidas as armas e a pólvora?

— Sim, *madonna*. — Como não houve qualquer orientação ou instrução, fiz uma reverência e saí em minha busca. Somente depois de ter fechado a porta do quarto de dona Lucrezia me ocorreu que ela também jamais estivera ali. De alguma forma, o fato de Ímola ser a cidade de seu irmão me fez achar que ela tivesse estado ali antes.

Não sei quanto tempo fiquei perdida naqueles corredores de pedra, cujas paredes grossas e mal-acabadas haviam sido imperfeitamente disfarçadas com diferentes tipos de tapeçaria, até que uma luz que vinha de uma porta aberta me conduziu a uma sala com uma janela alta em arco numa das extremidades. Ao ouvir vozes, entrei. Parecia estar em algum tipo de arsenal, embora fosse um lugar mais para exibição do que para uso prático. Havia tochas acesas para evitar a escuridão antecipada de uma tarde de inverno, e os reflexos bruxuleantes das chamas incidiam sobre as armaduras dispostas em estantes em torno da sala. Nas paredes caiadas, viam-se lanças, dardos, alabardas e machados de guerra pendurados em feixes. Arranjados no centro da sala encontravam-se baús abertos, repletos de espadas e adagas com bainhas ornamentadas.

Havia duas pessoas na sala, um homem e uma mulher. Embora estivessem de costas para mim, pela forma como se sentiam à vontade juntos, pela maneira como as cabeças estavam próximas uma da outra e seus cotovelos se tocavam, era óbvio que eram mais do que simples conhecidos, e meu impulso imediato foi de me retirar. Mas era tarde demais; minha presença fora notada.

— *Monna* Violante — disse dom Ferrante, virando-se para mim. — Estou surpreso de encontrar você aqui. Tem algum interesse em armas?

— Estou perdida, Vossa Graça — respondi desolada. — Estou procurando a cozinha.

— Ah! — exclamou ele. — Podemos ajudar? Você já esteve aqui antes, não esteve? — Apesar de ter se dirigido à mulher, ela não respondeu e, absorta, continuou a olhar para uma armadura em lugar de destaque, bem abaixo da janela. Achei aquela conduta rude e notei que a roupa dela era feita de um tecido barato, de um roxo extravagante, mais adequado a uma prostituta do que a uma mulher respeitável. Senti-me mal e um pouco insultada, então olhei para a armadura também.

Era de confecção primorosa e ornamentada com rosas ascendentes, esculpidas em ouro, cada pétala, folha e espinho detalhados ao máximo. No entanto, parecia ter sido feita para um cavaleiro que sofrera alguma deformidade. As peças da vestimenta eram muito pequenas, como se feitas para um menino, e não para um adulto, e a couraça era abaloada de maneira curiosa na parte superior do torso, antes de se afunilar para proteger a parte inferior, terminando numa cintura delgada.

Dom Ferrante percebeu meu olhar.

— Muito bonita, não é? — Ele colocou uma das mãos de leve nas costas de sua companheira. — Estávamos admirando a peça.

Ainda assim, a mulher não fez a menor menção de me cumprimentar, nem dom Ferrante de apresentá-la a mim, deixando-me sem alternativa senão continuar agindo como se ela não existisse, o que foi difícil, uma vez que a mão de dom Ferrante lhe

segurava a cintura fina com muita familiaridade. Concentrei-me na armadura.

— Muito — admiti —, mas tem uma forma estranha. Para quem foi feita? Sabe?

Para minha surpresa, Ferrante riu.

— Claro que sei. Pertence a La Sforza. Ela a usou no cerco de Forli. Está vendo aqueles ganchos pequenos em torno das lamelas superiores? — Ele apontou para uma tira de metal na parte inferior do torso. — Aparentemente foram feitos para que ela pudesse prender neles uma saia, se desejasse.

Eu lançara um olhar a Caterina Sforza uma vez, quando, como prisioneira de Cesare, ela desfilou a cavalo na parada da vitória dos exércitos papais pela cidade de Roma no ano do jubileu. Lembro-me de como o clamor da multidão aumentou quando o próprio Cesare entrou pela Porta del Popolo, e de como cessou, deixando atrás de si um eco confuso, quando o povo viu o homem jovem que havia partido para a França um ano e meio antes num esplendor de ouro e joias agora vestido de preto e sem ornamento algum. Caterina Sforza cavalgava logo atrás de seu captor, envolta num manto longo e escuro, encapuzada e ladeada por dois homens em montaria que conduziam o cavalo dela. Seus punhos e tornozelos estavam presos com correntes de ouro, como Zenóbia. A imagem dela ficou gravada em minha mente, sua figura miúda, toda coberta, cavalgando acorrentada atrás de um general jovem e sério, como a encarnação da consciência dele, ou, talvez, uma declaração de suas intenções.

Aquela imagem me voltou à mente quando Ferrante comentou em voz baixa:

— Ela foi a única pessoa que conseguiu forçá-lo a uma luta justa.

Olhei para ele, em dúvida se realmente teria ouvido aquele comentário, mas a mulher ao seu lado não parecia ter essa dúvida.

— Ele mesmo comandou o fogo da artilharia — disse ela. Perguntava-me se estaria bem; sua voz apresentava certa rouquidão. — Um dia inteiro e uma noite sem descanso. Ele se recusou a recuar até mesmo quando um tiro saiu pela culatra e

queimou a mão dele. Foi um espetáculo maravilhoso de se ver. Nunca vou esquecer, os olhos dele lacrimejando da fumaça, a camisa colada ao corpo como uma segunda pele e rasgada no lugar em que ele havia arrancado uma tira para amarrar a mão. Ele parecia, ele parecia... Hefesto.

— Ah, essa não é uma boa comparação — gracejou Ferrante.

— Estou surpresa por saber que havia mulheres presentes — eu disse, e, no momento em que percebi o rubor no rosto de Ferrante e os olhos desconcertados de sua companhia, o pomo de adão dele subindo e descendo furiosamente por cima do colarinho alto de pérolas, no momento em que ele tentou engolir as palavras, desejei poder fazer o mesmo. Ferrante arrastou os pés e pigarreou.

— Vittorio sabe onde é a cozinha — disse ele. — Como pode ver, ele já esteve aqui antes.

Vittorio? Agora eu reconhecia o jovem oficial da guarda com quem Ferrante conferenciava tão intimamente durante nossa viagem, o início de uma barba encoberta por um pesado pigmento branco, as faces maquiadas, os lábios vermelhos e o vestido, eu podia ver agora, caindo-lhe estranhamente de forma abalonada em seu corpo de rapaz.

— Mas o senhor tem me dado muita atenção durante todo esse tempo — comentei sem pensar, toda a prudência deixada de lado pela visão de Vittorio naquele roxo extravagante, um colar de material barato e brilhante em torno de um colo proeminente. — Eu sou algum tipo de... — Irritada, apontei uma das mãos em direção às armas e armaduras exibidas à nossa volta — tática diversiva?

Para minha surpresa, Ferrante começou a rir. Até mesmo as feições angulares de Vittorio ficaram mais suaves quando ele abriu um sorriso envergonhado e deu a mão a Ferrante.

— Eu não preciso disso — replicou Ferrante. — Minhas preferências são conhecidas por todos em Ferrara e, desde que eu seja discreto, ninguém irá me reportar às autoridades. Você só precisa aceitar que os boateiros de Roma não estão a par de tudo, minha querida.

— Mas por quê...?

— Porque eu gosto de você; gostaria de ser seu amigo. Porque você e eu somos iguais; você, uma judia; eu, um sodomita, ambos tolerados, mas não aceitos. E bodes expiatórios muito convenientes em casos de poços envenenados, pragas ou colheitas perdidas. Nós, estrangeiros, devíamos permanecer juntos; nossas vidas podem correr riscos.

Fiquei atônita. Como podia Ferrante, sempre tão capaz de encontrar as palavras exatas ou o gesto adequado para deixar as pessoas à vontade, encantá-las e fazê-las rir, fazer uma comparação tão imprópria e ofensiva?

— O senhor esquece que eu sou batizada.

— No entanto, já vi sua mão hesitar ao fazer o sinal da Cruz na missa. Por que então, garota, você repete o Credo de forma tão ininteligível, como se estivesse sendo forçada a comer uma linguíça feita de sangue?

Eu não podia negar aquilo. Porém, nada justificava seu comentário.

— Meu povo é o Escolhido por Deus, meu senhor, enquanto o seu tipo...

— Veja o exemplo dos gregos. — Isso foi dito como um leve desafio, porém um tom defensivo em sua voz me fez perceber que eu o magoara, e disso eu me arrependia. Sem saber o que dizer, baixei a vista e me vi olhando para suas enormes mãos, que pareciam garras de urso, os dedos cobertos de sardas e pelos cor de areia entrelaçados aos de Vittorio, ossudos e de unhas descuidadas.

“O que eu quero dizer — prosseguiu Ferrante, de forma mais delicada — é que não podemos evitar a maneira como os outros nos veem, e isso é o que temos em comum. Uma base para um entendimento, espero.”

— Perdoe-me, Ferrante. A Bíblia fala contra suas... práticas. Mas, ao falar contra, pelo menos admite a existência delas. Devo crer que somos todos filhos de Deus, eu suponho. Sua proposta de amizade...

— Você se sentiria mais honrada se eu a ajudasse a encontrar a cozinha? — Nós três rimos.

— O humor de *madonna* certamente não vai melhorar, se eu não voltar logo com os ovos que ela pediu — admiti.

— Isso deve ser muito difícil para ela.

— Para todos nós.

Ferrante balançou a cabeça, concordando. Vittorio me explicou em sua voz rouca de rapaz onde ficava a cozinha, e eu me senti aliviada por ele não ter se oferecido para me acompanhar.

Peguei os ovos e as duas tigelas com uma mulher magra e séria, com sangue embaixo das unhas e pequenas penas grudadas aos pulsos, e voltei para a minha senhora para terminar a lavagem de seus cabelos.



Na manhã seguinte, deixamos para trás os domínios de Cesare e seguimos para Bolonha, depois Bentivoglio, de onde se planejava ir de barco para Torre del Fossa, lugar em que *madonna* seria recebida por dom Alfonso. Mas, em Bentivoglio, nossos planos mudaram; agora, quando olho para trás, vejo que tudo mudou.

Chegamos à cidade ao anoitecer, os sinos em todos os campanários anunciando o Angelus enquanto os corvos grasnavam em busca de um abrigo, manchas pretas em contraste com um céu de nuvens sombrias levadas pelo vento. A aragem da terra se iniciara no campo e, à medida que nos aproximávamos dos portões, víamos muitos camponeses no caminho, homens baixos, de rostos sujos, que eram empurrados por nossos guardas para abrirem passagem para nós. Eu estava fatigada e desejava apenas descansar as nádegas doloridas pelo contato com a sela numa cama ou num banco com almofadas. Esperava que nossas acomodações não fossem muito espartanas e que *madonna* não demorasse muito a nos liberar antes de ela própria se recolher. A família Bentivoglio lhe oferecera um baile em Bolonha, mas nada na mesma escala fora planejado para aquela nova parada, pois o castelo da antiga família

era muito menor. Quanto à comida, fazia muito tempo que eu já perdera a esperança de comer uma refeição palatável novamente e tentava me acostumar ao mingau insípido do norte, que caía no estômago como chumbo.

Não havíamos sequer ajudado *madonna* a trocar as roupas da viagem quando nosso anfitrião, Annibale Bentivoglio em pessoa, entrou de repente no quarto dela, afastando os pequenos pajens que se encontravam à porta e, com as mais breves desculpas por seus maus modos, disse gaguejando que seus homens tinham avistado cavalos vindo do norte que eles acreditavam pertencerem a dom Alfonso d'Este.

— Vindo para cá? — O pouco de cor que restava no rosto de dona Lucrezia após um longo dia na estrada concentrava-se em duas manchas vermelhas nas faces, e os olhos dela brilharam. Era difícil dizer se brilhavam de raiva pela impertinência de dom Alfonso ou de empolgação com o desafio, ou ainda simplesmente de um estado febril causado pela exaustão. — Ele não pode fazer isso — objetou ela, como se aquilo pusesse um fim à questão. — Olhe para mim.

Reunindo todos os galanteios à sua disposição, dom Annibale fez uma longa mesura.

— Não vejo nada que possa desagradar dom Alfonso ou qualquer outro homem, *madama*. — Como ainda não conhecia bem os homens, concordei.

Aqueles que descreviam a beleza de dona Lucrezia eram em geral os poetas, os embaixadores que precisavam impressionar seus mestres e os solicitantes de favores, agradecidos pelo senso de justiça de *madonna*. E, claro, o único homem que de fato a amava cegamente. Mas ela era fascinante e perspicaz; tinha um jeito de sorrir e olhar para um homem com os olhos semicerrados que o fazia acreditar que ela se igualava a Helena de Troia. Ela era naturalmente graciosa, andava como se deslizasse e dançava como se pisasse em nuvens. Sem dúvida vestia-se maravilhosamente bem, com o mesmo senso de estilo que partilhava com toda a família, embora sua figura e seu porte fossem tais que impressionavam até mesmo no mais triste dos velórios. Até naquele momento, com lama

na barra do vestido, cabelos úmidos, colados à testa, e olheiras que pareciam contusões sob os olhos, notei que dom Alfonso não teria muito que reclamar.

— Se ele está vindo, está vindo — disse Angela, cujo parentesco com dona Lucrezia lhe dava mais liberdade de falar abertamente do que qualquer uma de nós. — Ele é seu marido. Então, acho bom fazermos o melhor possível.

Dona Lucrezia respirou fundo.

— Claro — disse ela, abaixando-se para pegar um espelho de mão em sua maleta de viagem no chão. — Qual, em sua opinião, dom Annibale, seria o melhor lugar para recebê-lo? — Ela começou a passar uma das mãos nos cabelos, que tendiam a se encrespar no clima úmido.

Dom Annibale deu de ombros.

— Minha casa é pequena, *madama*. Resta apenas o salão principal.

— Muito bem. Pode dizer a dom Alfonso que o aguardarei no salão principal.

Dom Annibale curvou-se e deixou o recinto, e o pequeno quarto entrou em incessante atividade à medida que as caixas eram abertas, vestidos, *camorre*, combinações, toucados e véus eram jogados sobre a cama, e joias e cosméticos, espalhados sobre a cômoda. Logo em seguida, dona Lucrezia dispensou todas as damas de companhia, exceto a mim, Angela e a escrava Catherinella. Não tenho a mínima ideia de por que ela quis que eu ficasse; eu era uma das menos experientes entre suas acompanhantes, e o desafio diante de nós era grande. Dona Lucrezia achou que provavelmente conseguiria fazer dom Alfonso esperar uma hora, o que parecia um tempo muito curto para vesti-la para o primeiro encontro com seu novo marido.

Felizmente, ela escolheu um vestido simples, marrom-escuro, pelo qual tinha predileção, com mangas de renda simples. Por baixo, usava roupas limpas de linho branco, fechadas na altura do pescoço com um broche de pérolas escolhido entre os presentes de

casamento da família Este. O objeto lhe fora oferecido por Ippolito por ocasião do casamento por procuração, quando Ferrante, dentre todas as pessoas, assumiu o lugar de seu irmão mais velho. De cabelos soltos, caídos sobre os ombros e as costas num ondulado causado pelas tranças que usara desde o momento em que deixara Ímola, ela parecia uma noiva virgem e recatada. Dom Annibale enviou um pajem para nos escoltar, porém, antes de deixar o quarto, dona Lucrezia pediu para que fossem buscar irmã Osanna. Ninguém sabia se ela havia sido alojada no castelo ou na cidade, mas, quando, por fim, ela apareceu, *madonna* nos mandou para o corredor e ficou sozinha com a freira por alguns minutos.

Finalmente, dirigimo-nos ao salão principal, Catherinella seguindo atrás e segurando a saia de sua senhora para não arrastar no chão empoeirado. Ninguém ali estava sob as ordens de Cesare para deixar tudo pronto para nós como fora feito na Romanha, e um aspecto de descaso cobria as superfícies da casa; um leve cheiro de mofo espalhava-se pelo ar. No salão principal, porém, um esforço tardio fora feito em honra ao herdeiro do duque de Ferrara. Lamparinas e velas haviam sido acesas, pratos de pães e queijos, presunto defumado e frutas foram postos sobre uma mesa comprida respingada de sebo para uma ligeira refeição oferecida aos viajantes. Eles próprios estavam reunidos ao redor da lareira no canto extremo da enorme sala, um grupo de homens fortes usando roupas grosseiras, com cães aos seus pés e pajens servindo-lhes vinho.

Nosso pajem nos anunciou, e um dos homens afastou-se do grupo em torno da lareira, atravessou o salão principal em nossa direção com passos largos e pesados e um par de cães de caça malhados atrás de si. Sua mão direita estava colocada sobre o coração num gesto romântico inadequado a sua compleição robusta e roupas simples.

— Quero apresentar dom Alfonso d'Este — disse dom Annibale, apressando-se em nossa direção.

Dom Alfonso curvou-se. Notei que seus cabelos curtos muito cacheados começavam a falhar no topo da cabeça. Dona Lucrezia,

cujos olhos permaneceram abaixados como mandava o dever, fez uma longa reverência.

— Dona Lucrezia Borgia — disse dom Annibale quando *madonna* ofereceu a mão para que o marido a beijasse.

Pelo que pareceu uma eternidade, dom Alfonso não se moveu, permanecendo como estava, franzindo o cenho por sobre a cabeça de dona Lucrezia. O cheiro de sebo e de cão de caça molhado ficou preso em minha garganta, fazendo-me prender a respiração até me sentir tonta. Por alguma razão, ela não agradou ao marido. Seríamos enviadas de volta para Roma, percorrendo todo aquele caminho em época de inverno, refazendo nossos passos com o peso da humilhação e de nossa bagagem. Eu veria Cesare, finalmente. Ele não desejaria me ver. Tentei imaginar sua raiva, mas não consegui; senti-me aliviada, e em seguida mortificada, por ele já ter se apagado bastante de minha lembrança.

Com um movimento desajeitado, dom Alfonso colocou a mão esquerda sobre o coração, oferecendo a direita a dona Lucrezia de modo a erguê-la da posição de reverência em que se encontrava. Ele permaneceu ligeiramente curvado, como quando se está sem ar ou tentando proteger um ferimento no diafragma. Dom Alfonso parecia bem saudável, de ombros largos e compleição colérica, mas talvez aquilo fosse apenas aparência, e a doença o estivesse consumindo por dentro. Tentei captar o olhar de Angela, mas ela parecia alheia àquela pantomima e olhava com atenção para o grupo ao redor da lareira; talvez tivesse esperança de ver Ippolito entre eles.

— Seu servo, *madonna* — disse dom Alfonso. Sua voz era áspera e ele falava com um sotaque do norte.

— Ao contrário, senhor, acho que sou eu a sua serva, se o contrato realizado entre nossas famílias estiver em vigor. — Dona Lucrezia olhava diretamente para os olhos azuis e sagazes do marido e sorria. Ele, sem dúvida, entendia as implicações da resposta dela, mas parecia não saber que atitude tomar. De repente, abaixou-se, ambas as mãos sobre o tórax. Dona Lucrezia prendeu a respiração. Dom Alfonso deixou escapar um soluço estranho. Eu temia que ele tivesse sofrido um ataque cardíaco e dei um passo em sua direção

para ajudá-lo; foi um gesto instintivo e que não passou despercebido a *madonna* pelo olhar reprovador que me lançou.

Dom Alfonso levantou-se, segurando com ambas as mãos um embrulho de algo branco e fofo que se contorcia. Estendendo os braços em direção a dona Lucrezia, ele disse:

— Eu lhe trouxe um presente.

Meu coração quase parou, e eu tentei atrair a atenção de Angela, mas ela ainda olhava em direção à lareira. Apesar de ter crescido entre homens que apreciavam caçar, dona Lucrezia não gostava de cães; ela dizia que eram barulhentos e bagunceiros, e que as pulgas deles lhe faziam espirrar.

— Um cachorrinho — disse dom Alfonso, confirmando meus temores, enquanto dona Lucrezia permanecia imóvel, um sorriso no rosto como numa máscara. — Adquiri a mãe dele de um indiano que conheci em Veneza.

— É muito...

— Tome aqui; deixe que se acostume à senhora, depois ficará quieto. Os cães gostam de ter um líder. São como lobos, sabe?

Dona Lucrezia parecia não saber, mas conhecia seu dever e aceitou o cachorrinho de dom Alfonso, segurando-o com cuidado por baixo das pernas da frente. Ele dava a impressão de ser maior nas mãos dela, as pernas mais fortes, a cara achatada, totalmente formada.

— Giulio disse que a senhora gostaria dele — continuou dom Alfonso. — Ele disse que as mulheres gostam desse tipo de coisa. — Fez então um gesto em direção ao grupo de homens em torno da lareira. — Meu irmão Giulio.

Um dos homens fez um cumprimento com um movimento de cabeça, e nesse instante entendi por que Angela não prestava atenção à prima, nem a dom Alfonso. Dava para ver que eles eram irmãos; tinham o mesmo nariz grande, curvo na parte superior como se tivesse sido quebrado e consertado de forma imperfeita, mas a semelhança se encerrava aí. Enquanto os cabelos de dom Alfonso eram castanhos e curtos, os de dom Giulio eram um emaranhado de

cachos louros. Os olhos de dom Alfonso eram azulados como um belo dia de inverno, ao passo que os do irmão eram cor de violeta, com cílios grossos o suficiente para causar inveja a qualquer moça. Seu rosto barbeado assemelhava-se à penugem de um pêssago. No lugar dos lábios finos de dom Alfonso, com uma curva descendente que demonstrava recato, dom Giulio tinha a boca semelhante à de Ippolito, lábios cheios e sensuais, feitos para beijar. Em outras circunstâncias, eu também teria me sentido atraída por ele.

— Obrigada, meu senhor. Seu irmão é, sem dúvida, atencioso. Acho que tem sorte com todos os irmãos. Dom Ferrante, em especial, tem sido para nós uma fortaleza nesta viagem. E monsenhor Ippolito, naturalmente, é um grande amigo de meu irmão, o duque. — Ela devia ter conhecimento do relacionamento entre Angela e Ippolito, apesar de não deixar transparecer. Angela parecia ignorar que o nome de seu amante tivesse sido mencionado.

— Eles foram ordenados cardeais no mesmo consistório, eu creio — disse dom Alfonso, parecendo um tanto confuso. Logo em seguida a confusão se dissipou, para sua própria satisfação, e ele continuou: — Imagino que isso estabeleça algum tipo de companheirismo. Um pouco como ocorre com os homens com quem junta suas esporas. Esse tipo de coisa. Não é?

— Tem razão, é isso mesmo — observou *madonna* calorosamente.

— Bem, cara esposa, quer sentar-se comigo um pouco? Temo que, quando chegarmos a Ferrara, com as comemorações, não nos sobre muito tempo para nos conhecermos. — Ele retornou ao seu lugar, sua mão sob o cotovelo de dona Lucrezia. Ela segurava o cachorrinho sem muito jeito. Eles pareciam um casal que não conseguia acertar os passos de uma nova dança, até que eu me aproximei e peguei o animal. Dom Alfonso pareceu me notar pela primeira vez.

— Nossa! — exclamou ele e, por um instante, receei ter agido de forma impetuosa demais para os padrões de Ferrara; vi que dona Lucrezia teve o mesmo temor. Então dom Alfonso continuou: — Vocês são idênticas.

Dona Lucrezia pareceu não apenas aliviada, mas verdadeiramente encantada. Eu era, afinal, uns seis anos mais nova do que ela, e meu rosto era mais bem-delineado; a pobre *madonna* lutava contra o queixo achatado que herdara do pai. Tínhamos em comum apenas os cabelos, e os meus não eram clareados artificialmente.

— Esta é *monna* Violante — disse ela. — Faz pouco tempo que está comigo, mas eu a tenho em grande apreço. Ela e minha prima, dona Angela, são inseparáveis. — Alguns segundos se estenderam até que Angela registrasse a atenção de *madonna* sobre ela, o que a fez desviar os olhos da lareira para baixar a vista numa perfeita imitação de modéstia e fazer uma mesura para dom Alfonso. Suspirei aliviada e tive a certeza de que dom Alfonso me ouviu, embora não tenha dado sinais disso.

— Nome estranho — comentou ele.

— Um apelido. Dado por meu irmão — replicou dona Lucrezia, e vi passar pelo rosto de dom Alfonso o mesmo misto de impotência e ressentimento que eu percebera no de Ferrante sempre que Cesare era mencionado. Mudando sua expressão para um sorriso, ele se dirigiu a mim.

— Bom, não seria muito nobre de minha parte perguntar como recebeu esse apelido, mas espero que não faça mais nada em Ferrara para merecer ser chamada assim.

— Para começar, ela não fez nada para merecê-lo — disse dona Lucrezia suavemente. — É uma ironia, nada mais, um reconhecimento à integridade de *monna* Violante. — Então, oferecendo o braço a dom Alfonso, ela se permitiu ser conduzida em direção à lareira. A um sinal de dom Alfonso, os outros homens retiraram-se para permitir a ele e à esposa um pouco de privacidade.

Angela e eu sentamo-nos lado a lado num banco que fora puxado até a mesa. Eu, de vez em quando, olhava para dona Lucrezia e dom Alfonso, apesar de estar a maior parte do tempo ocupada, tentando evitar que o cachorrinho pulasse na mesa à procura de comida; ele não era muito forte, mas se mexia de forma extraordinária.

— Eles parecem estar se dando bem, não é? — perguntei a Angela, buscando confirmar a impressão de que, a despeito do cachorro, dona Lucrezia gostara do gesto romântico do marido, de ele ter vindo ao seu encontro dessa forma, antes de todas as cerimônias oficiais em Ferrara, e de que dom Alfonso, independentemente dos boatos que poderia ter ouvido, surpreendera-se de forma positiva com a conduta discreta de *madonna* e seus trajés modestos.

— É — respondeu ela, lançando um breve olhar aos dois, antes de voltar a contemplar dom Giulio com a mesma atração do ferro por um ímã. — Ah, meu Deus! — exclamou ela ao meu ouvido, puxando a manga de meu vestido de tal forma que fui forçada a soltar o cachorro, o qual pulou em cima dos pratos de comida. — Eles estão vindo para cá.

Não restava a menor dúvida, a distância entre nós e o grupo de homens diminuía à medida que eles vinham em nossa direção, ainda conversando, sem olhar para nós, tentando garantir que nem seu senhor, nem dona Lucrezia percebessem a impropriedade de sua conduta. Pensei no jantar das castanhas de Cesare e disse a mim mesma que a vida em Ferrara seria muito diferente.

Sem que percebêssemos, Ferrante reunira-se ao grupo do irmão e agora nos apresentava, tomando posição entre nós e os homens de dom Alfonso como se fosse nosso acompanhante. Eles se curvaram, nós fizemos reverências, e logo nos vimos num estranho círculo, conversando sobre nossa viagem, o tempo e as relativas vantagens de se viajar para Ferrara por terra ou por mar, sobre a iminência do Carnaval e de como era comemorado em Roma e em Ferrara. Poucos sabiam como eram essas festividades em Roma. Eu não estava muito entusiasmada com os prospectos dessa festa em Ferrara, na qual jogar ovos em prostitutas parecia ser a principal fonte de diversão.

Angela não disse nada. Minha companheira mundana e talentosa, que conduziu sua campanha para conquistar Ippolito com tamanha habilidade, estava ao meu lado com ar de boba, enrolando a saia nos dedos e olhando para o chão, para os quadros nas paredes,

para o cachorro que pulava entre os pratos sobre a mesa, para qualquer coisa que não fosse o que ela realmente desejava ver, os belos olhos cor de violeta de dom Giulio.

CAPÍTULO 6

FERRARA, FEVEREIRO DE 1502

Nunca simples, simplesmente feliz...

Como o duque Ercole era viúvo, sua filha Isabella, a marquesa de Mântua, deveria receber *madonna* em Ferrara. Dona Isabella deixou claro desde o início que aceitara a tarefa de má vontade. Sua corte dera abrigo a muitos dos que foram exilados da Romanha por Cesare, inclusive ao primeiro marido de *madonna*, Giovanni Sforza. Ela não fazia segredo de sua profunda desaprovação da escolha que seu irmão fizera, nem de sua mágoa por *madonna*, como duquesa de Ferrara, sobrepujá-la hierarquicamente em sua própria corte.

Embora dom Alfonso e dona Lucrezia tivessem decidido completar a viagem até Ferrara por terra, quando dona Isabella, acompanhada de dom Giulio, nos encontrou em Malalbergo, insistiu para que fôssemos de barco.

— Isso vai nos atrasar — protestou dom Alfonso, fulminando a irmã com o olhar.

— Mas eu me levantei de madrugada só para trazer um bucentauro — replicou dona Isabella, erguendo os olhos cansados para o irmão, em pura encenação. Dona Isabella era corpulenta, de cabelos ruivos, cujos cachos antiquados ela disfarçava com penteados tão elaborados quanto os de dona Adriana. Sua boca era pequena e desagradável, seu nariz grosseiro e carnudo, mas seus olhos eram delicados, e ela sabia como dispor sua força em benefício próprio.

Embora dona Lucrezia mantivesse sua permanente alegria em público, nós, que éramos mais próximas dela, sabíamos como temia

esse encontro. Dona Lucrezia lidava bem com os homens, mas com as outras mulheres não fazia amizade facilmente.

— Eu preferia que ela tivesse mandado o marido em seu lugar — sussurrou *madonna*, enquanto Angela, Geronima e eu a ajudávamos a se vestir. Houve um murmúrio geral de aprovação. Havíamos conhecido dom Francesco Gonzaga em Roma e ficáramos encantadas com ele, apesar dos lábios grossos e do nariz que parecia ter sido amassado por uma bola mal lançada num jogo de *calcio fiorentino*. Ele tinha o hábito de arquear as sobrancelhas, porque era vaidoso e acreditava que franzir o cenho fazia seus olhos bulbosos parecerem menos proeminentes, mas isso não disfarçava sua paixão pelo prazer. Dizia-se que ele detestava dona Isabella porque ela era dona de um cérebro privilegiado e sabia usá-lo, e também que ele gostava de mulheres, assim como de seus pajens mais bonitos.

— Algo improvável, nessas circunstâncias — disse Geronima, e até ela parecia lamentar.

— Talvez — disse *madonna*, erguendo os braços e dando as costas para que Angela conseguisse fechar seu espartilho — devêssemos procurar uma oportunidade para comentar a ausência dele. Como um lembrete do tipo de coisa que tende a acontecer com meus maridos. Se eles desagradarem meu pai. Ou meu irmão. — Seu tom denotava uma leve indicação de ironia, como se ela tivesse tentado, sem sucesso, evitá-la. — Meu Deus, menina, não tão apertado assim. Você quer que eu caia desmaiada aos pés de Isabella Gonzaga? Afrouxe um pouco. Afinal, não há nenhum risco de eu parecer gorda em comparação a ela.



— Ela parece um sapo paramentado — sussurrou Angela ao meu ouvido mais tarde, enquanto as duas sorriam e se abraçavam na margem lamacenta do rio. Nós ficamos paradas ao lado, Angela tentando ao mesmo tempo atrair e evitar o olhar violeta de dom Giulio. Flocos de neve caíam em nossos rostos, trazidos por um

vento gelado. O campo era plano, marrom e melancólico. Quando dona Isabella temporariamente esqueceu os bons modos e tentou entrar na pequena embarcação na frente de dona Lucrezia, um dos cavalos que aguardavam no caminho à margem levantou a cauda e defecou. Vi dom Giulio olhar para o esterco quente, para a irmã e *madonna* numa disputa de zibelina e cetim e para Angela, que escondia o rosto no capuz do casaco de bordas de pele de raposa, e dar um riso malicioso.

Em Torre del Fossa desembarcamos enquanto os cavalos eram desatrelados e os remos aprontados para a última etapa de nossa viagem. Ali, o duque Ercole e toda a sua corte nos aguardavam às margens do canal. Os brasões dos Este oscilavam no topo da torre de vigia que dera nome à vila. O vento trazia fragmentos de música e conversas do convés do bucentauro do duque, cuja proa era quase tão alta quanto a torre e maravilhosamente adornada com a águia de duas cabeças dos Este. Camponeses baixotes com trajes simples, em fila, pestanejavam para afastar a neve dos olhos, enquanto sua nova duquesa, de vestido longo, bordado em ouro e com mangas vermelhas de cetim, os cabelos reluzindo com diamantes e flocos de neve, uma pérola do tamanho de uma pequena pera subindo e descendo em seu peito, ajoelhava-se na lama para beijar a mão do sogro. Prendemos a respiração. O duque Ercole ergueu *madonna* e a beijou em ambas as faces, e depois, abrindo os lábios finos num sorriso, acenou com a mão para que Catherinella, a escrava a serviço de *madonna*, se aproximasse e limpasse a lama da saia de sua senhora. Expiramos abaladas.

Dona Lucrezia se integrou então à barcaça do duque, e nós os seguimos. Para entretê-los, havia músicos da corte e poetas que declamavam louvores aos Este e aos Borgia. Nós, no segundo barco, fomos deixadas a nossa própria conta. Tomamos vinho quente condimentado enquanto observávamos o campo lúgubre desaparecer em ambos os lados aos rangidos e salpicos dos remos, planícies cobertas de valas de irrigação como faixas de chumbo sob o céu invernal, trepadeiras escuras e choupos esqueléticos, construções baixas da mesma cor acinzentada do povo que nelas

vivia e da terra que lavravam. Meu coração espanhol ansiava por cores. Olhando para Angela, perguntava-me se ela sentia o mesmo, mas ela parecia tão quieta que eu duvidava que houvesse notado a paisagem à nossa volta. Desviei a vista novamente, atraída pela concentração de sombras no horizonte, além dos galhos intrincados dos choupos que se alinhavam à margem do canal. Ao fixar a vista, percebi que o borrão se transformava num bloco do qual surgiam quatro torres quadradas, e eu tive a minha primeira visão do castelo dos Este, que passaria a ser meu lar. Tinha um aspecto soturno, assustador e terrivelmente frio.

— Quase podemos ouvir daqui o choro de Parisina Malatesta — disse Angela com um tremor. Parisina e o amante, Ugo d’Este, que era enteado dela e irmão mais velho do duque Ercole, eram quase tão famosos naquela época quanto Paolo Malatesta e Francesca di Rimini de Dante, mas agora o calabouço onde eles haviam sido presos e executados pelo duque Niccolo era famoso por manter outros prisioneiros, e Ugo e Parisina estavam quase esquecidos.



— Sabe, a primeira coisa que ele lhe mostrará é onde fica o cadafalso para as execuções. — Havia um misto de triunfo e amargura no tom de dona Isabella enquanto ela fixava a vista no colar de diamante e rubi que pertencera a sua mãe, e que agora adornava o pescoço delgado de *madonna*. Estávamos paradas na longa escadaria que ligava o pátio principal do Corte Vecchio ao lugar onde o chefe dos Savi e outros dignitários municipais aguardavam para realizar seus discursos de boas-vindas. Dona Isabella encontrava-se no degrau superior, de modo que dona Lucrezia era forçada a levantar a cabeça para encará-la.

Ela se recusara a descer a escada para receber a cunhada no pátio. Gente demais, dissera ela, inspecionando a mistura de pessoas, cavalos e mulas, carroças com bagagens e bois, além da liteira que o Santo Padre dera a *madonna* para a viagem, que se inclinava como um barco encalhado, arrastando suas cortinas na lama. Mas eu suponho que dona Isabella desejava que *madonna*

escorregasse no mármore gasto e escorregadio, na esperança de que ela quebrasse aquele lindo pescoço, ou pelo menos deslocasse a tiara de diamantes, safiras e enormes pérolas, que também pertenceram à duquesa Eleonora.

Ela deve ter sabido que o cavalo de *madonna*, assustado por um súbito estrondo durante a passagem deles pela cidade, empinara-se e lançara-a ao chão. Sem dúvida ficou enfurecida pela forma como *madonna* transformara o infortúnio em benefício próprio, uma vez que fora erguida e auxiliada a montar declarando, embora tropeçando no dialeto local: “Estão vendo, caí de amores por toda a Ferrara.”

Houve muitas palmas, saudações e acenos de pequenos galhardetes nas cores de dom Alfonso, vermelho e branco. Então alguém disparou um arcabuz, e o duque insistiu para que *madonna* trocasse a montaria por algo mais suave, pois ele temia que ela caísse de novo.

Se dona Isabella esperava que dona Lucrezia tivesse exaurido seu estoque de charme e boa sorte por ter se saído tão bem do incidente, ela estava prestes a mais uma decepção, uma vez que *madonna* respondeu suavemente:

— Creio que o marido aprisionou a mulher, Parisina, e Ugo abaixo da Torre Marchesana, onde vou ser instalada. Meu marido já me avisou que o pai dele deseja me mostrar o lugar e que as portas das prisões são muito baixas. — Ela soltou seu riso malicioso, enquanto dona Isabella se empertigava e *madonna* lhe dava um abraço fraternal. — Talvez ele ache que eu seja propensa a acidentes e que corro o risco de bater com a cabeça. — Ela tocou sem jeito na tiara.



O duque Ercole sugeriu que as damas de companhia de *madonna* a acompanhassem à visita ao local de execuções, onde manchas escuras no pavimento poderiam ser de umidade ou do sangue dos desafortunados amantes. Embora não fosse considerado um homem criativo, o duque Ercole tinha ideias sombrias no que dizia respeito à

moral das jovens romanas e resolveu deixar claro para todas nós que as mulheres de Ferrara deveriam aderir a padrões mais elevados.

Demos início à nossa excursão muito animadas. Era a terceira noite que passávamos ali desde a chegada e, apesar de não nos ter dito nada, dona Lucrezia parecia contente com o marido. A despeito da reputação de se entregar à bebida e às mulheres e das horas que passava em sua fundição ou em sua olaria, ambas causadoras de frequentes incêndios na parte norte dos jardins do castelo, dom Alfonso fora metuculoso nas atenções à esposa. Todas as noites fazia uma curta caminhada pela galeria que ligava o Corte Vecchio ao castelo, onde se juntava a ela para um jantar privado e de onde só retornava a seus próprios aposentos ao raiar do dia. Pelo sorriso lânguido de *madonna* enquanto a vestíamos e pelas manchas escuras sob seus olhos, que disfarçávamos com pó de chumbo e óleo de violetas, deduzimos que dom Alfonso havia aprendido uns bons truques com suas prostitutas. Ela se afeioou tanto a seu cãozinho que lhe deu um nome. Chamou-o de Afonsino, ou somente Fonsi.

Desafiando a decisão do duque Ercole de nos levar ao local de execução de Ugo e Parisina, ríamos e flertávamos ao levantar nossas saias para descer as escadas até o calabouço, exibindo nossos tornozelos e panturrilhas, e até mesmo os joelhos, para os rapazes que esperavam lá embaixo para nos acompanhar. Muitos deles haviam viajado conosco desde Roma e procuravam continuar os flertes iniciados na estrada. Porém, nossa alegria arrefeceu e morreu ao atravessarmos um portão pequeno e deteriorado, seguirmos ao longo de um corredor estreito com paredes cobertas de limo e chegarmos à cela, não muito maior do que as comportas que controlavam o nível de água nas valas, onde Ugo d'Este desafiara o pai, rejeitara um confessor e sacrificara a vida por amor.

— Uma ótima fonte de alimento durante um cerco — brincou um dos rapazes, puxando uma lesma de trás da porta de ferro, mas ninguém riu. Senti que Angela estava irrequieta e suspirava ao meu lado, então procurei a mão dela e senti suas palmas úmidas em

contato com as minhas. Embora o duque tivesse oferecido o braço a *madonna*, ela recusou com um leve movimento de cabeça, pegou uma tocha de um dos garotos responsáveis pela iluminação e, curvando-se sob o lintel, entrou sozinha na cela.

Quando ela reapareceu, seu rosto estava pálido e molhado de suor, que reluzia em sua testa sob a luz da tocha, sua expressão séria e inescrutável. Seus olhos chamavam atenção, como se ela estivesse usando uma máscara, e eu podia ver os espectros dos amantes martirizados refletidos em suas pupilas escuras dilatadas.

Então o momento passou, o ar úmido e frio abalado por um riso educado quando ela observou:

— Ainda bem que nenhum dos dois ficou preso num lugar desses por muito tempo. A raiva e compaixão de seu pai eram tão misturadas quanto o sangue dos traidores, Vossa Graça.

Várias vezes pergunto-me se ela se lembrou de suas palavras nos anos que se seguiram. Quer *madonna* tenha se arrependido de tê-las pronunciado ou não, elas cumpriram seu propósito naquele dia com o duque Ercole. Para mortificação de dona Isabella, ele deu a dona Lucrezia as joias da família, que não haviam sido dadas por Ippolito no casamento por procuração. Ele fora cativado, não somente pela inteligência dela, mas por seu sucesso em trazer a irmã Osanna para Ferrara e por seu excelente conhecimento de falcoaria. Angela via a generosidade do duque como uma prova da habilidade de dona Lucrezia com os homens, mas eu, sendo filha de meu pai, via as joias como um mero empréstimo, enquanto o mesmo não acontecia com o dote de *madonna*, dinheiro para pagar as despesas da casa, que continuava num cofre do tesouro do duque Ercole. Eu tinha certeza de que as joias eram um suborno, e certo contrair irônico dos lábios de dona Lucrezia quando se admirava no espelho com elas me convenceu de que ela pensava assim também.

— Essa Isabella é tão hipócrita — comentou Angela na privacidade de nosso quarto. — Você sabe que o filho mais velho dela é prometido para se casar com Luisa?

— Luisa? — Sobre o que ela estava falando? Eu esperava, como estávamos ainda no assunto dos Este e suas fraquezas, conduzir a conversa na direção de Giulio, porém, em vez disso, ela tomou esse novo e, sem dúvida, irrelevante rumo. O filho de Isabella era apenas um bebê.

— Sim, Luisa. A filha de Cesare.

Claro que ela devia ter um nome. Sem dúvida, eu havia escutado o nome antes, mas não queria saber nem o nome da filha dele, nem o de sua mulher. Os rapazes da família de Cesare que nos acompanharam a Ferrara ficariam para o Carnaval, eu me convencera, somente para o Carnaval. Mas, se assim o fosse, o duque os enviaria para se hospedarem em pousadas ou nas casas dos cidadãos mais ricos. O duque Ercole era parcimonioso em relação às despesas da casa, a menos que fossem relacionadas à sua orquestra ou às suas freiras, ou aos seus gatos da Pérsia de olhos azuis e pelo longo, que tinham seus próprios tratadores e suas portinhas recortadas nas bases de todas as portas no Corte Vecchio. Embora seus afrescos estivessem permanentemente ameaçados pela umidade e pelas erupções de fungos, ele proibia que se acendessem lareiras antes do anoitecer.

Os rapazes de Cesare hospedaram-se no palácio ducal porque estavam aguardando a chegada da esposa dele, a princesa Charlotte, e da filha. E também porque, em Ferrara, quem não concordava com os venezianos e sorria para eles ou não dava atenção ao imperador era considerado aliado dos franceses. Se o próprio Cesare viria para Ferrara, ou se encontraria a mulher em Roma, ou em qualquer outro lugar na Romanha, não se sabia.

— Ah! — exclamei. Charlotte d'Albret era considerada uma das mulheres mais belas da França, uma prima da rainha, virtuosa e devotada ao marido, embora ele mal tivesse passado quatro meses do casamento ao lado dela. Que mais eu poderia dizer?

— Quando será que ela vai chegar? Charlotte, quero dizer. Talvez para o Carnaval. Todos os estrangeiros adoram ver o Carnaval italiano.



A princesa Charlotte não veio para o Carnaval, impedida, dissera-se, pelo mau tempo nos Alpes.

— Ela podia ter viajado por mar — disse Angela. — Eu gostaria de conhecê-la.

— Talvez Cesare venha de qualquer forma — respondi.

— Talvez.

Mas ele não apareceu; aparentemente só a mulher o atrairia a Ferrara.

Então tive de me contentar com as palhaçadas dos rapazes, assistindo-lhes do balcão do Corte Vecchio, que ficava por sobre o grande arco que dava para a praça. Usávamos máscaras e jogávamos ovos, pequenas obras de arte belamente decoradas por dom Alfonso com as tintas e vernizes que ele preparava para sua maiólica. Dizia-se que as prostitutas coletavam as conchas quebradas para exibi-las em frente às lojas, cujos depósitos e salas de visitas eram usados para seu trabalho, como uma marca da permissão de dom Alfonso. Como dom Alfonso era considerado um grande conhecedor nessa área, elas achavam bom para seu negócio ter sua aprovação.

Se nos inclinássemos mais na balaustrada, poderíamos ver a estátua de bronze do duque Borso de um lado do arco, usando um chapéu de papel cônico, com um enfeite de crina de cavalo. Ao esticarmos o pescoço para o outro lado, avistávamos o pai dele, o duque Niccolo, o rosto sério coberto por uma máscara de corno, adornada com chifres de madeira rústica. Ninguém sabia quem havia escalado as colunas que apoiavam as estátuas de bronze para zombar da sagacidade de Borso colocando-lhe um chapéu de asno, ou fazer lembrar à cidade de como Niccolo fora enganado pela mulher, mas isso acontecia todos os anos, e o duque Ercole, embora fosse homem orgulhoso, nunca tentara encontrar os culpados nem remover as decorações, e o povo o amava por isso.



As privações da Quaresma foram excessivas para nós, pela contínua recusa do duque Ercole de utilizar o dinheiro do dote da noiva. Vários dos músicos espanhóis dela foram forçados a retornar para Roma quando dona Lucrezia ficou sem fundos para mantê-los em Ferrara, embora os cantores parecessem satisfeitos em ter de voltar porque, diziam, o ar do pântano estava arruinando suas vozes. Agora, seu ourives, seu fabricante de velas e vários de seus cavaleiros eram obrigados a ir também. Talvez *madonna* tivesse esperanças de que, quando o Santo Padre visse as condições que a filha estava sendo forçada a enfrentar, ameaçasse o velho duque com a excomunhão se ele não abrisse os cofres. Qualquer que fosse a opinião de *madonna* sobre o assunto, ela se mantinha firme, sorrindo, usando seu charme e aceitando todos os novos arranjos, e, se chorava quando ia dormir, não sabíamos, porque ela passava todas as noites com dom Alfonso. Como eram recém-casados, uma dispensa papal fora concedida quanto a esse aspecto da abstinência da Quaresma.

Nossos dias eram marcados pela ida à missa, seguida de visitas à irmã Osanna em seus novos aposentos no Convento de Santa Caterina.

— Creio que ver um rosto familiar fará irmã Osanna se sentir mais em casa — disse dona Isabella, que nos acompanhou em uma de nossas visitas. — Claro, toda a Mântua se sente honrada pelo interesse que Sua Alteza tem nela, mas sempre tive dúvidas se ela faria uma boa viagem.

— Ela pareceu muito contente durante toda a viagem — disse dona Lucrezia, enquanto esperávamos que a porta da nossa carruagem fosse aberta no pátio do convento. — Não acha, Violante? — Uma vez mais, eu fora escolhida para acompanhar *madonna* naquela visita, em proveito de minha educação cristã e para cuidar de Fonsi, que agora ia para todos os lugares com ela.

— Ela, sem dúvida, estava animada, como todas nós, *madonna*.

Dona Lucrezia deu um sorriso tímido, porém agradecido. Estava pálida e sua pele pendia um pouco de seu rosto, tornando-a tão

parecida com Cesare que eu quase não conseguia olhar para ela, e sentia-me aliviada por minha posição me obrigar a manter os olhos baixos a maior parte do tempo. Se eu o esqueci em algum instante, foi apenas como nos esquecemos da natureza ao nosso redor, somente para sermos trazidos de volta à consciência de sua presença pela beleza de uma teia de aranha coberta de geada ou o uivo agudo e solitário de uma raposa no meio da noite.

— Ainda assim — se contrapôs dona Isabella, colocando uma folha de hortelã cristalizada na boca — eu achei que ela estava perto de começar a profetizar, e que a mudança repentina poderia prejudicá-la. Eu teria aconselhado que se esperasse um pouco mais, se tivessem pedido a minha opinião.

Um brilho nos olhos de dona Lucrezia me deu a impressão de que ela, como eu, achava difícil acreditar que dona Isabella esperasse que lhe pedissem uma opinião, antes de oferecê-la espontaneamente.

— Eu sei que é a Quaresma — continuou dona Isabella, seus dedos gordos procurando outra folha de hortelã na caixa de ouro e esmalte pendurada em sua cintura —, mas não consigo tirar da boca o gosto do peixe que comemos no almoço. Tenho certeza de que estava estragado. Você vai ter que assumir um controle firme das cozinhas aqui, minha querida. Há apenas homens administrando esta casa há muito tempo.

— Você devia experimentar os cardamomos, Isabella. Eles fazem mais efeito sobre o hálito do que a hortelã, e não precisam de açúcar para preservá-los.

O ajudante do cocheiro colocou um degrau ao lado da porta da carruagem e eu levei Fonsi até o pátio para aliviar-se antes de ajudar dona Lucrezia a sair do assento, enquanto Catherinella cuidava da cauda do vestido dela. Ela andava sem apetite fazia duas ou três semanas e parecia fraca. Um resfriado, insistia ela, causado pela mudança de estação, mas nós tínhamos certeza de que ela devia estar grávida. Afinal, dom Alfonso não passara uma noite sem visitar a cama da mulher, e, como Angela dizia, sua voz tingida de inveja, eles obviamente não passavam as horas da madrugada

jogando cartas. Foram feitas apostas, e nós, as damas de companhia, contávamos os dias até a próxima regra de *madonna*, com o mesmo cuidado que as mulheres que têm amantes, mas não maridos, contam as suas próprias.

Uma noviça nos levou até o parlatório das freiras, que era dividido por uma grade de ferro forjado. Do nosso lado, havia poltronas acolchoadas, uma jarra de vinho e um prato de bolo de aveia sem açúcar, que nos era servido por Catherinella, cuja capacidade de permanecer imóvel durante horas a fio continuava a me espantar, embora Angela tivesse dito que isso estava no sangue dos africanos, para ajudá-los a esconder-se dos leões e dos elefantes na selva. Dona Isabella também parecia encantada com Catherinella, pois notei que de vez em quando tocava na escrava, ora na face, ora na mão, quase como se desejasse provocá-la a movimentar-se. Do outro lado da grade, encontrava-se irmã Osanna, sentada num banco e bebendo água em uma caneca de barro para suavizar as asperezas da fome durante a Quaresma. Ela estava acompanhada da irmã Lucia de Narni, também portadora dos estigmas de Cristo, que fora convencida por duque Ercole a deixar Viterbo com a promessa deste novo e grandioso convento.

— Ela parece adoentada — disse dona Isabella. A princípio, pensei que ela estivesse se referindo a dona Lucrezia, e fiquei surpresa com sua indelicadeza, mas depois percebi que ela olhava através da grade para irmã Osanna. — Será que as feridas estão infectadas? Você consegue ver, Lucrezia? — Dona Isabella espichou o pescoço para um lado, seu colar de pérolas desaparecendo nas dobras de gordura entre o pescoço e o ombro. — Bom, as gases parecem limpas. Eu não esperava outra coisa. A irmã Lucia mantém um padrão elevado. Todas as noites ela mesma varre a igreja, sabe, exceto quando entra em transe. Não é, irmã? — Dona Isabella levantou a voz para garantir que a ouviam do outro lado da grade; o efeito era como se ela estivesse tentando se fazer entender por uma imbecil.

Senti os pelos se eriçarem na nuca; meu couro cabeludo formigava. Eu tinha certeza de que irmã Lucia, de alguma forma,

examinara meu coração e pusera nele a imagem de Mariam varrendo nossa casa, em preparação para o Shabbat, e de mim, arranjando as velas na menorá, sempre de olho na luz que diminuía através das venezianas abertas, onde logo a primeira estrela da noite apareceria para marcar o início de nosso dia sagrado.

Dona Isabella, cujos dedos gordos uma vez mais haviam mexido dentro de sua caixa de folhas de hortelã, agora redirecionava a mão para o bolo de aveia, enquanto irmã Osanna, olhar fixo em dona Lucrezia, dizia, naquela sua voz alta e monótona:

— Você deve cuidar das fundações, filha. Fogos podem ser ateados lá. Não lhes dê ar para respirar.

Em seu presente estado de fraqueza, eu não sabia como *madonna* iria reagir, mas ela simplesmente franziu o cenho, como se estivesse diante de um enigma para o qual não tivesse resposta.

— Talvez as palavras dela tenham sido dirigidas a mim — disse dona Isabella, esperançosa, em meio a uma chuva de farelos que atraiu a atenção do cãozinho em meu colo. Mas irmã Osanna parecia quase não notar a existência dela. Seus olhos, notei, eram rasos nas órbitas; encontravam-se na superfície de seu rosto como poças de água prateada.

Um rubor febril surgiu na face de dona Lucrezia e um brilho de raiva passou por seus olhos.

— Acho que não — disse ela —, porque a irmã Osanna profetizou em minha presença em Roma. — Sua maneira de se expressar foi cuidadosa, mas, se perdesse o controle, poderia revelar mais do que pretendia.

Como dona Isabella arqueou a testa de forma questionadora, senti-me na obrigação de falar, quaisquer que fossem as consequências.

— Ela garantiu a minha senhora que o casamento dela com dom Alfonso seria feliz e fecundo, *madonna*. — Bom, estava feito agora, e o que viria em seguida, viria em seguida. Pelo menos Cesare estaria a salvo da divulgação da cena curiosa que eu testemunhara entre ele e irmã Osanna em Roma. Embora eu não tivesse ideia alguma de

seu significado, certo instinto me dizia que ele não gostaria que isso fosse espalhado pelos salões e casas de banho das pessoas elegantes em Vêneto.

Após esperar que dona Lucrezia me repreendesse por minha ousadia, o que ela não fez, dona Isabella arqueou um pouco mais as sobrancelhas e disse, com um grunhido desdenhoso:

— Isso não pode sequer ser considerado uma profecia.

— Considerando a hostilidade de sua família a esse casamento, eu diria que é quase um milagre — retorquiu dona Lucrezia, rápida e ferozmente como se estivesse rebatendo uma bola no jogo de tênis francês.

Dona Isabella recuou.

— Fico surpresa de ver que permite a suas damas de companhia tamanha liberdade. Você não devia ter falado por sua senhora dessa forma, moça.

— *Monna Violante* e eu concordamos nessa questão e em muitas outras. — Dona Lucrezia lançou seu olhar sobre mim com força total, a candura de seus olhos grandes e acinzentados exercendo o mesmo efeito da luz do dia sobre uma sala escura. Era óbvio que desde o início ela havia entendido o que se passara entre mim e Cesare. Como não entenderia? Se não dissera nada era porque nada precisava ser dito.

Naquela noite, embora tivesse jantado com dom Alfonso, como de hábito, dona Lucrezia dormiu sozinha. Houve muita especulação entre nós, suas damas de companhia, sobre qual teria sido a desculpa dela ao marido, e se teria sido verdadeira. Certamente, disse Elisabetta Senese, ele estava sorrindo quando pediu a um dos rapazes encarregados da iluminação para acompanhá-lo até a cidade.

Acordei no meio da noite pensando que havia sido despertada pelo dobrar do sino das matinas de algum dos mosteiros da cidade. Então escutei o som do choro angustiado de uma mulher, tão atormentado que penetrara meus sonhos. Parisina, pensei, e preendi a respiração. Meus pulmões tremeram e congelaram em meu peito.

Não me atrevi a acordar Angela, porque, se eu me movesse, Parisina me ouviria e me procuraria com a cabeça em prantos nas mãos. Não sei quanto tempo fiquei escutando, rígida como um cadáver debaixo das cobertas, até que a natureza me forçou a respirar fundo e, com o ar, me voltou o bom senso. O som vinha do quarto de vestir de dona Lucrezia, que era separado dos aposentos que eu dividia com Angela apenas por portas duplas.

Joguei meu robe sobre os ombros, acendi uma vela com as brasas de nossa lareira e fui dar assistência a minha senhora. Ela estava sentada à mesa onde geralmente mantinha seus cosméticos e perfumes, mas tudo isso fora varrido para o chão. Frascos de vidro sem tampa exalavam perfumes de rosa e lavanda, bergamota e óleo de cravo no ar gelado da noite; o piso de mármore estava salpicado de pó de chumbo e corante vermelho. Ela estava com a cabeça apoiada entre as mãos, os cotovelos dispostos em ambos os lados de um porta-joias decorado com filigranas de ouro e forrado de veludo, que um dia talvez tivesse guardado uma joia. Ela olhava tão intensamente para ele que eu me perguntava se perdera alguma coisa, ou temia que tivesse sido roubada.

— *Madonna?*

Ela não pareceu surpresa ao me ver.

— Eu estava sonhando — disse ela, virando-se para mim. Seus olhos estavam inchados, e um muco escorria-lhe pelo nariz. — Com Ugo e Parisina. — Seus dentes batiam, e as palavras lhe saíam por entre maxilares rígidos. Tirei meu robe e coloquei-o sobre seus ombros.

— Quando ouvi a senhora chorando, pensei por um instante que fosse o fantasma de Parisina. — Dei um sorriso tímido, mas ela não pareceu notar.

— Não vou dar conta disso, Violante. Achei que daria, mas não dou. — Deixando a cabeça pender entre as mãos novamente, agarrou firme as mechas de cabelos soltos e deixou as lágrimas caírem dentro da caixa vazia. — Eu sou vigiada em toda parte. Sabe por que eu vim para cá? Porque descobri que no teto de meu quarto existe uma tábua solta.

— Deve ser somente algo que precisa ser consertado, *madonna*. Ela se recompôs um pouco, mais indignada do que angustiada.

— E sabe o que fica em cima do meu quarto? O telhado. Onde meu marido montou suas lentes para observar as estrelas. Ou era o que eu achava. — Ela limpou o nariz nas costas da mão. Comecei a apanhar alguns frascos e potes do chão. Estava com frio e precisava fazer alguma coisa para me esquentar. Tentei afastar o porta-joias para o lado, mas ela o agarrou com força e levou-o de encontro ao peito, embora ele não contivesse nenhuma preciosidade a não ser suas lágrimas. Eu me perguntava o que a deixara tão temerosa de ser vista com ele, e ainda assim tão relutante em largá-lo. Teria sido o estojo de algum presente de dom Alfonso?

— O que acha que irmã Osanna quis dizer com aquelas palavras hoje à tarde? — perguntou ela.

— Não sei, *madonna*. Talvez que a senhora deva se esforçar para garantir que seu casamento se firme em fundações sólidas.

— Creio que tenha sido menos simples e mais perspicaz — disse ela, dirigindo a vista para a escuridão, para o ponto de interseção da luz projetada por nossas velas. Fechando de repente a tampa do porta-joias, ela virou-se outra vez para mim com o ar de alguém que havia tomado uma decisão. — E, se eu estiver certa, ela tem razão; devo sempre ter em mente as fundações. É o que... é... Violante... — Ainda segurando com uma das mãos a caixinha contra o peito, ela estendeu a outra para mim e pegou a manga de minha camisola. — O que quer que aconteça no futuro, devemos nos lembrar de que, embaixo de tudo isso, das novas decorações, dos belos móveis, da música e de tudo mais, naquele calabouço, estão aqueles dois amantes.

Eu estremei.

— Não, não, não, não foi isso o que eu quis dizer. Fantasmas, não. Amor. O poder do amor. Você entende?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça. Não entendi nada. Quando olho para trás agora, é difícil acreditar em minha ignorância; se eu tivesse entendido então, não sei como teria suportado o peso dessa

compreensão. Minha cabeça doía do frio e da confusão mental. Tudo o que eu desejava era que aquela conversa se encerrasse para que eu pudesse voltar para a cama ao lado de Angela e esquentar meus pés entre as pernas macias dela.

— Eu vou levar a senhora de volta para a cama, *madonna*.

— Está bem, mas apague as velas. Caso ele tenha mandado me vigiar.

— Quer que eu leve isso? Onde quer que eu coloque? — Pus uma das mãos no porta-joias, mas ela o agarrou com mais força.

— Pode deixar; eu mesma me encarrego disso. Mas, Violante?

— Sim, *madonna*.

— Se alguma coisa vier a acontecer a mim, se encarregue de entregar isso a Cesare. Ele vai saber por quê. — Ela fez uma pausa, a boca trêmula, como se não conseguisse decidir se falava ou mantinha as palavras guardadas dentro de si. — Minha vida inteira está dentro desta caixinha — disse logo em seguida, e depois bocejou, como se pronunciar aquelas palavras lhe tivesse custado toda a energia que ainda lhe restava. Eu não sabia o que dizer, então soprei as velas como ela insistira e a conduzi a seu quarto, esfolando pernas e cotovelos nas portas, nas cadeiras e nos cantos das mesas. Era como se o cômodo tivesse se reorganizado totalmente na escuridão.

De repente, ela largou minha mão e disse:

— Catherinella pode tomar conta de mim agora. Ela enxerga no escuro. — Só então percebi a presença da escrava, sua respiração regular e contínua, o branco dos olhos refletindo uma luz cuja fonte eu não conseguia identificar, o som de seus pés descalços ao caminhar em direção a sua senhora com a determinação de um gato.

Incapaz até mesmo de encontrar minha vela no lugar onde a deixara no quarto de vestir, saí tateando de volta para a cama. Não fui para a cama de Angela porque não quis acordá-la e ter de lhe contar minha conversa com dona Lucrezia. Em vez disso, me deitei, tremendo, perguntando-me se *madonna* não estaria sofrendo de

alguma doença mental, temerosa caso ela de fato estivesse. Nunca mencionei nossa conversa a ninguém e, quando fomos ajudá-la a vestir-se na manhã seguinte, ou quando fomos beber nosso vinho e água quente e comer pãezinhos frescos, conversando sobre o dia que teríamos à frente, comportamo-nos como se aquela conversa jamais tivesse ocorrido.



Imediatamente antes da Semana Santa, Ippolito chegou de Roma com um comboio de bagagens quase tão grande quanto o que nos acompanhara a Ferrara. Observando comigo da varanda da Camera Dal Pozzolo, onde costumávamos costurar e conversar quando dona Lucrezia não tinha nenhum compromisso oficial a cumprir, Angela ficou de pé de um pulo e começou a saltitar como uma criança, batendo palmas e dando gritinhos de alegria, na expectativa dos presentes de Ippolito. Levou quase uma hora para que a procissão de mulas, carruagens, carros de boi e caixas equilibradas sobre estacas como tabernáculos conseguisse atravessar a praça.

A essa altura, Ippolito já se juntara a nós em nossa varanda, ao ser informado de que seu pai saíra para caçar em Barco, tendo preferido nossa companhia à dos irmãos. Angela atravessou a sala correndo com o ímpeto de um furacão quando ele foi anunciado, jogando-se em seus braços de tal forma que ele cambaleou um pouco, um sorriso confuso nos lábios. Angela obviamente decidira que, após ter sobrevivido à seleção do pessoal da casa feita por dona Lucrezia, que enviara a prima Geronima e dona Adriana de volta para Roma na companhia dos cavalheiros de Cesare, sua posição em Ferrara agora era forte o suficiente para jogar a discricção para o alto.

Ou talvez ela tivesse algum outro motivo para sua exibição de afeto. Seu silêncio em relação ao assunto de Giulio não era, eu tinha certeza, resultado de falta de interesse da parte dele. Embora nunca tivesse visto os dois sozinhos, eu notara as inúmeras vezes em que ele dera um jeito de sentar-se ao lado dela na missa, de estar sempre por perto para apertar uma cilha, apanhar um livro do chão

ou encordoar o alaúde de novo, quando ela reclamava que seus dedos estavam machucados de tanto tocar. A conversa entre eles era sempre muito educada, mas a linguagem corporal dos dois dizia algo bem diferente. Entretanto, se não haviam chegado a nenhum entendimento, Angela não arriscaria perder a afeição do cardeal.

— Bem — exclamou Ippolito —, que boas-vindas! Então, onde está sua senhora? Preciso repreendê-la imediatamente pela falta de decoro das moças dela. — A voz dele tremia um pouco de surpresa e encanto, e senti pena dele. Mais do que isso, tive um pressentimento, um impulso de alertá-lo de algo, embora não soubesse o quê. Foi como se o tempo tivesse parado por um segundo, e, da maneira como certas coisas se tornam visíveis na madrugada e no crepúsculo, em formas pouco definidas, vi, por trás das paredes decoradas, embaixo dos ricos tapetes e dos pisos polidos, a crueldade daquele velho castelo. Presa naquelas pedras vermelhas estava a dor de todos os prisioneiros torturados, os escravos maltratados, os adversários humilhados, os amantes rejeitados, as mulheres mortas no parto, os bebês consumidos pela febre, os soldados, os fraticidas e os servos fiéis cujos corpos se vergaram a serviço da família Este como uma árvore se verga sob o vento dominante.

— Minha querida afilhada. Você está bem? Parece um pouco... distante. Não foi o vinho outra vez, não é? — Eu estava fadada a passar vergonha sempre que Ippolito me encontrasse, mas ocultei minha irritação. Ele não tinha a intenção de ser rude; pelo contrário, fazia daquilo uma brincadeira para que eu entendesse que havia sido perdoada.

— Ah, é o coração dela que está doente, não o estômago — provocou Angela, de braço dado a Ippolito, sua saia entrelaçada à batina dele.

— Ainda? Bom, eu posso ter um remédio para isso — disse ele, batendo de leve num documento de couro pendurado em seu cinto —, mas primeiro preciso ver minha irmã, dona Lucrezia. Onde ela está? Não me diga que ela saiu para caçar também.

— Não, hoje ela está de cama. Não conseguiu segurar o café da manhã no estômago. Achamos que ela está... — Angela fez uma pequena curvatura sobre a barriga com a mão livre e, levando a boca ao ouvido de Ippolito, sussurrou: — “*enceinte*”.

— Bom, essa é uma boa notícia. E tão rápido assim. Certamente meu irmão foi assíduo em seu dever.

— Assíduo — repetiu Angela, pronunciando as vogais e as consoantes sibilantes como se a palavra fosse a serpente de Eva desenroscando-se de sua linda boca.

Um remédio, pensei, olhando para o documento de Ippolito. Uma carta, devia ser, uma carta de Cesare. Mas por que não entregá-la a mim? Por que precisava falar com dona Lucrezia primeiro? Eu não aguentaria esperar enquanto ele se demorava com a amante, partilhando suas brincadeiras lascivas e me provocando com a minha fraqueza com o vinho.

— Eu vou ver se ela está pronta para recebê-lo — eu disse, levantando-me com tal pressa que a gola que eu bordava caiu do meu colo num emaranhado de agulhas e diferentes linhas coloridas. Ouvi Angela rir quando me apressei em direção à porta.

O quarto emanava uma tranquilidade instantânea, apesar do leve cheiro de vômito e de lençóis sujos no ar. O cortinado da cama havia sido aberto, mas as janelas permaneciam encobertas, dando à luz que penetrava através das cortinas de seda verde um aspecto subaquático agradável. Achei que dona Lucrezia, seus cabelos soltos e espalhados sobre o travesseiro, parecia uma sereia. Catherinella estava ao lado da cama abanando sua senhora com movimentos vagarosos de um leque com formato de remo. Fonsi roncava suavemente, aconchegado no braço de dona Lucrezia.

— Como está se sentindo, *madonna*?

Ela fez um fraco sinal com a mão para que Catherinella parasse de abanar.

— Quer que eu abra as janelas? O ar está um pouco viciado aqui, e está uma linda manhã lá fora.

Franzindo o cenho, ela fez que não com a cabeça.

— Estou com uma terrível dor de cabeça, Violante. — Sua voz era lamentosa e infantil.

— A senhora enjoa tanto que fica presa em seu quarto. — Catherinella pôs sua mão livre na nuca de *madonna*.

Fiz um “hum” de solidariedade meio gutural, mas persisti.

— Tenho uma novidade que acho que vai alegrá-la, *madonna*. O cardeal Ippolito chegou com cartas de Roma. Ele gostaria de ver a senhora. — Meu tom animado soava como o da irmã Beatrice quando ela supervisionava nossos jogos de bola no Santa Clara.

— Eu estava mesmo querendo saber o motivo de tamanha comoção. — Dona Lucrezia sorriu, e achei que seu rosto começava a adquirir uma nova cor. — Pelo que parece, ele deve ter trazido pouquíssima bagagem!

— Eu creio que o fim do comboio dele não atravessou ainda sequer os portões da cidade, *madonna*. — Nós todas rimos. Fonsi acordou e começou a abanar sua cauda felpuda.

— Bom — disse dona Lucrezia, erguendo-se um pouco sobre os travesseiros —, acho que não vou poder mais enjoar esta manhã. Não resta nem uma gota de água em meu estômago, tenho certeza.

— Mas isso é um bom sinal. — Eu aproveitei a oportunidade deixada pelo fato de que o enjoo dela era sempre restrito às manhãs.

— Vamos esperar que sim, minha querida. — Claramente aquilo era tudo o que *madonna* tinha a dizer sobre o assunto por enquanto. — Catherinella, vá apanhar água para eu me lavar, e informe ao monsenhor cardeal que eu estarei pronta para recebê-lo em meia hora. — Ergui minhas sobrancelhas; *madonna* era conhecida por ser vagarosa em sua toailete. — Considere isso uma hora, Catherinella. Tenho certeza de que ele encontrará o que fazer até então.

Uma hora, mais uma hora.

— Quer que eu leve o cachorrinho para passear, *madonna*?

— Não, fique comigo e me ajude a trocar de roupa. Abra as cortinas para que entre um pouco de luz. Preciso de mais do que isso para me fazer respeitável. E leia as minhas cartas.

Era mais fácil falar abertamente de costas para ela. Enquanto eu abria as cortinas e deixava meu olhar acompanhar o voo de uma andorinha na brisa leve de um céu claro e pálido, acima do reflexo luminoso do fosso do castelo, eu disse:

— Sua Eminência me deu a entender que tinha uma carta para mim também. — Ouvi o roçar dos lençóis, o farfalhar da seda e uma suave batida quando *madonna* mudou de posição e o cãozinho pulou no chão.

— Do duque Valentino? — A voz dela soou cálida de afeto, mas, se por ele ou por mim, eu não saberia dizer. Dona Lucrezia afastou as cobertas, e suas pernas se apoiaram no chão. Suas panturrilhas, eu notei, precisavam ser depiladas, mas eu duvidava de que ela tolerasse a dor da cera quente em sua condição atual. Além disso, se ela estivesse grávida realmente, dom Alfonso seria obrigado a buscar seus prazeres em algum outro lugar até que sua mulher desse à luz e recebesse as bênçãos do parto, de modo que sua aparência mais íntima não importava tanto.

— É. — Meu pai e meus irmãos não me escreviam. Meu pai acreditava que eu só poderia me inserir completamente em uma família cristã se cortasse todos os elos com minhas origens. Minhas amigas, Battista e Isotta, haviam prometido escrever na tristeza exagerada da despedida, e talvez elas escrevessem um dia.

— Espero que ele tenha escrito — disse dona Lucrezia, alisando minha mão quando me aproximei para ajudá-la a ficar de pé.

Ela não se sentia com energia para vestir-se e decidiu receber Ippolito sentada numa poltrona coberta com um xale de veludo violeta, nos pés um chinelo de estilo turco combinando, os cabelos numa trança folgada sobre o ombro. Aguardei numa tensão tão grande que mal conseguia manter os pés parados enquanto eles trocavam amabilidades sobre a saúde de *madonna* e a viagem de Ippolito. Que perda de tempo a arte da conversação pode parecer às vezes!

Por fim, *madonna* se apiedou de mim e disse:

— Trouxe cartas para mim?

— Trouxe, sim. — Ippolito abriu a bolsa e retirou de lá um pacote de pergaminhos cujos selos pendiam como cachos brilhantes de frutas feitas de cera. — De Sua Santidade, que ainda chora todas as vezes em que o seu nome é mencionado e reclama de a senhora não escrever para ele todos os dias. E esta de *madonna* Giulia. De sua nobre mãe.

Dona Lucrezia franziu o cenho ao receber a carta da mãe e colocou-a no chão ao lado da cadeira.

— E estas de seu ilustre irmão.

O pacote continha três cartas. Dona Lucrezia abriu-as na mão como se elas fossem cartas de baralho, retirou uma e a entregou a mim.

— Creio que esta seja a que você está esperando, Violante.

— Obrigada, *madonna*. — Eu precisei de toda a minha força de vontade para me controlar e não agarrá-la e sair correndo do quarto. Coloquei-a num bolso de minha saia, onde uma ponta dura do pergaminho tocava de leve a minha perna a cada movimento que eu fazia.

— Pode ler — disse *madonna*.

— Obrigada, *madonna*, mas eu... eu prefiro esperar.

— Acho que Fonsi gostaria de ser levado para fora. — O cão estava de fato fungando em torno do quarto como se procurasse um canto para se aliviar. — Talvez seja melhor levá-lo antes que ele se desonre diante do cardeal. Quando sair, diga a dona Angela para vir até aqui.

— Obrigada, *madonna*. — Peguei Fonsi no colo e, esquecendo a reverência, deixei o quarto voando, os pés escorregando nas bordas dos degraus enquanto me precipitava escada abaixo. Enfiei a cabeça pela fresta da porta da Camera Dal Pozzolo, chamei Angela para auxiliar *madonna* e segui para o jardim.

Entretanto, mesmo ali havia pouca tranquilidade. Dom Alfonso iniciara uma reforma na casa de banhos, originalmente construída para sua mãe, e por toda a parte havia trabalhadores assobiando e chamando uns aos outros, enquanto transportavam grandes

quantidades de pedras em carrinhos de mão ao longo das passarelas, ou misturavam a cal virgem de cheiro forte em grandes baldes de couro. Ignorando a provocação deles, apressei-me até a alameda de videiras, onde me sentei num dos bancos de mármore dispostos ali em espaços regulares.

Ao retirar a carta do bolso, observei o jogo de luz solar e sombra em minha mão, no pergaminho firme e no selo que lacrava a carta, pendurado numa fita vermelha. Passei os dedos por cima do endereço e parei numa mancha em que o "L" se enrolava com o "A", e removi uma gota solta da cera usada para selar a carta com a ponta da unha. Não era uma das mais cuidadosamente escritas, eu pensei, com um súbito sentimento de amor que me fez sorrir para um jardineiro que apanhava com uma pá as sujeiras deixadas por Fonsi.

Rompi o selo com os dedos molhados de suor. Cesare havia mantido o silêncio por muito tempo, e seus silêncios geralmente precediam ou o brilho anônimo do aço ao luar ou o leve sussurro do veneno despejado num copo. O que, agora, teria ele a me dizer?

Senhora

Bom, essa não era bem a maneira de um homem apaixonado começar uma carta à amante.

Minha ilustríssima irmã, a duquesa Lucrezia, a cujas vontades eu sempre me curvo, insistiu para que eu lhe escrevesse para pôr fim ao seu sofrimento. Não resta dúvida de que ela me lisonjeia ao achar que eu teria o poder de lhe trazer de volta a paz de espírito. Estou certo de que qualquer infelicidade que tenha sofrido desde que deixou Roma deva ser consequência de ter deixado para trás os amigos e a família, e de ter enfrentado os rigores da viagem em pleno inverno. Mas, agora que a senhora, graças a Deus, já chegou a Ferrara em segurança, não tenho dúvidas de que seu espírito se encontra elevado nessa adorável e próspera cidade, e de que esta carta será esquecida logo após ser lida.

Nesse ponto, havia um espaço entre as linhas, uma pausa para tomar fôlego. Talvez ele tenha colocado de lado sua carta para fazer alguma outra coisa e a retomado mais tarde.

Violante, minha irmã me aconselhou a lhe contar a verdade sobre mim. Ela afirma que sua constância merece isso. Começemos pela verdade sobre minha irmã. Talvez um motivo por que ela e minha nobre mãe não se deem bem seja que ambas são teimosas como mulas e não admitem ser contrariadas em nada. Eu sou um homem ocupado, sem recursos para lutar contra dona Lucrezia, portanto, me esforçarei para obedecer às ordens dela. Ser Castiglione aprovaria meu esforço, pois ele sempre me acusa de usar o charme como uma forma de ocultar o escandaloso fato de que não sou um verdadeiro cortesão cujo coração e espada estão consagrados ao serviço do sexo frágil! Eu o perdoo por isso, uma vez que ele também elogia minha engenhosidade em fazer gracejos.

Talvez a tarefa que a sua senhora me deu não seja tão assustadora quanto eu a supus a princípio. Há, de início, duas verdades. Que eu prezo certas coisas mais do que o amor das mulheres, e que eu sou um embusteiro. Eu poderia lhe fornecer uma lista, Violante. Poderia lhe dizer que sou o general da Igreja e o governante de um Estado fundado em princípios seculares práticos, que a família da minha mãe era de pintores em Mântua, e que meu pai descende da casa real de Aragão. Que já usei o hábito de padre sem jamais ter sido ordenado, que nenhuma confissão que recebi foi livremente dada, e que a absolvição não é um dom dos padres, mas um julgamento que cabe à posteridade. Posso lhe dizer, na certeza de que você jamais será capaz de distinguir um do outro, que eu mantenho meus amigos perto e meus inimigos mais perto ainda. Que meus soldados me adoram, meus súditos me pagam os tributos em dia, mas que meu pai me teme. Que consigo desentortar uma ferradura de cavalo com minhas próprias mãos, e você já

me viu matar touros, mas que eu sou doente. A doença queima em mim como o fogo em um monte de feno úmido; ela bate as horas à noite como o relógio da morte na cumeeira.

Poderia lhe dizer que sou solitário, o que suavizaria seu coração diante desta confissão, mas não seria verdade. Portanto, eu lhe direi que vejo meu coração como uma ilha num lago frio. Quando o lago congela, você pode se aproximar dele, mas se arrisca a ficar presa lá, e a ilha é um deserto hostil onde vivem basiliscos, não uma clareira no bosque por onde vagueiam os unicórnios. Não tenho tempo para ficar seduzindo virgens, Violante.

Porém, Galen dizia que o coração é apenas um tipo de fole, que esguicha sangue por todo o corpo, e Galen era um médico de soldados. Se assim for, eu me pergunto, quem bombeia o fole? Deus? Minha própria vontade? Ou qualquer outra força cega, muda e sem discernimento, que faz os basiliscos serem basiliscos e os unicórnios serem unicórnios, e que mantém os planetas em suas órbitas? Uma verdade que vale a pena conhecer.

Há muitas questões em busca das quais um homem poderia ir, se ele envelhecesse e sossegasse. Você sabe que havia um homem na Universidade de Bolonha há dois anos que afirmou que a Terra girava em torno do Sol? É uma proposição interessante. Se nós não somos o centro do universo de Deus, então para que estamos aqui? Talvez sejamos apenas um acidente aleatório, um lance de dados celeste. Como César disse às margens do Rubicão, alea iacta est. Somos nós que construímos nosso destino.

É um riozinho insignificante hoje em dia, o Rubicão; imagino que você não o tenha notado quando o atravessou em sua viagem ao norte. Mas você o atravessou, sim, então você também lançou o seu dado.

Temo que esta carta não tenha realizado o que minha irmã esperava, mas não posso lhe dizer mais nada. Não gosto de escrever. Olhe para isto, um emaranhado, como um arreio

malguardado, confuso como um mapa maldesenhado. Só me sinto à vontade com ações, que não podem ser mal-interpretadas. Peço-lhe que leve mais em consideração meu ato de escrever do que as palavras que coloquei na página como insetos colecionados por um filósofo da natureza.

A mais verdadeira das verdades é que não posso lhe contar a verdade. Tudo o que posso dizer é isto, com a máxima sinceridade de que sou capaz, como dona Lucrezia diz que você merece: que eu não sou livre para amar uma mulher, mas que, se fosse, talvez esta mulher fosse você. Um dia, eu receio, você saberá por quê.

Seu servo nas coisas em que posso ser.

Valentino.

Para mim, a carta não fazia o menor sentido. Estaria ele bêbado quando a escreveu? Ou doente, como sugeriu? Sem dúvida a letra mudou após o trecho inicial, depois do espaço entre as linhas onde, eu suspeitava, encontrava-se a maioria das respostas. A caligrafia se inclinou para a frente, passou a ser mais descuidada, com letras faltando e algumas palavras incompletas, como se sua mão estivesse correndo para acompanhar os pensamentos.

Ergui a vista, fixando o olhar nos raios de sol que penetravam pelas folhas verdes das videiras. Respirei o perfume límpido e medicinal das flores azuis do alecrim, esperando pelas lágrimas, mas tudo o que me surgiu foi um verso de Dante.

Não existe outra punição

senão viver aqui sem esperança, mas com desejo.

Essa é a sina que o poeta destina aos não batizados, ao meu povo.

Mas eu havia sido batizada, era jovem, e estava apaixonada e viva. Nesta vida, o desejo não pode existir sem esperança, assim como a chama da vela não pode existir sem oxigênio. Certamente ele me honrara com palavras escritas vindas do coração, com

sinceridade e sem impostura. E ele não disse que me amaria, se pudesse? Não estava livre para amar no momento, mas isso certamente poderia mudar. Talvez ele quisesse apenas me poupar o sofrimento de perdê-lo enquanto fosse obrigado a lutar pela segurança de seu Estado; talvez, se eu fosse paciente e firme, ele viesse para mim no final. Eu revelei uma expressão sorridente ao olhar questionador de dona Lucrezia quando retornei para o quarto, o que pareceu lhe acalmar a mente; ela tinha maiores preocupações do que os flertes do irmão com suas damas de companhia.

Angela me questionou minuciosamente mais tarde naquele dia, quando estávamos em nosso próprio quarto trocando de roupa para um jantar que ia ser dado por *madonna* para o sogro.

— Então? — começou ela, parando por um instante para me perguntar se eu achava que seu decote estava alto o suficiente; o duque Ercole desaprovava a moda romana, o que nos lançou numa agitação de costurar golas e lenços nos decotes de nossos vestidos, embora fosse um alívio não ter de apertar a roupa demais para empurrar os seios para cima. — O que foi que ele disse?

— Quem?

— Não provoque, você sabe muito bem quem. Claro que você não sairia correndo para o jardim com o rosto vermelho como uma romã para ler a carta daquelas suas amigas do colégio.

— Ele disse... — O que ele tinha dito? Olhei para meu baú de viagem, onde eu havia escondido a carta dele sob um dos compartimentos soltos. — Ele disse que me amaria, se pudesse.

Angela franziu o cenho.

— É verdade? Ele escreveu isso?

— E por que ele não haveria de escrever?

— Francamente, estou surpresa que ele até mesmo consiga escrever a palavra amor. É uma coisa que ele nunca...

— Bem, você é apenas a priminha dele. Imagino que ele não falasse de amor com você. — Senti que eu começava a enrubescer, um suor defensivo escorria embaixo dos meus seios e dos braços.

— Violante...

— O que é?

— Ah... nada. O que você achou de La Fertella? Ele não é mesmo a coisa mais engraçada? Foi muito bom Ippolito ter encontrado ele.

— Ippolito havia trazido La Fertella de presente para dona Lucrezia. Um homem pequeno, de olhos negros como os de um pássaro e maxilar estreito quase totalmente tomado por lábios pálidos e móveis. Sua força como palhaço não se encontrava nos gracejos e piadas fáceis, como Gatto e Perro, mas em mágica e mímica. Dona Lucrezia ficou satisfeitíssima com ele.

— Está contente de ver Ippolito? — Eu estava sentada de costas para Angela, mexendo em minha caixa de joias, procurando o colar que dona Lucrezia me dera no meu batismo. Como ela não respondeu imediatamente, voltei-me e olhei por sobre seu ombro para o reflexo de seu rosto no espelho que ela segurava. No breve instante em que ela não percebeu estar sendo observada, vi em sua expressão o pânico e a confusão de uma criança perdida, e compreendi que o relacionamento dela com dom Giulio devia ter ido além do que eu imaginava. Então o olhar dela no espelho cruzou com o meu, e ela sorriu.

— O que você vai fazer quando Cesare chegar? Vai se entregar a ele?

— Então ele está vindo para cá? Ele não me disse isso.

— Ele nunca diz o que pretende fazer. Você sabe como ele é. Eu duvido até que ele diga ao pajem a que horas deve trazer a água para ele se barbear, de tão reservado. Mas ele é capaz de vir em breve, e você precisa ter em mente o que pretende fazer, antes que ele comece a morder sua orelha em algum canto escuro e você se molhe toda.

Só de pensar nisso meus mamilos se contraíram e senti a pressão familiar entre minhas coxas, que Angela sabia tão bem aliviar com seus dedos hábeis. Eu me aproximei dela por detrás, passei meus braços em torno de sua cintura e encostei minha face em seu ombro, sentindo o entrelaçamento dos cadarços de seu espartilho contra minha pele. Ao pressionar as mãos na curva de seu abdome,

percebi que ela hesitou, cedeu por um instante, e em seguida se enrijeceu e virou-se de frente para mim, afastando meus braços.

— Pare — disse ela —, não somos mais crianças. Isso não é uma brincadeira.

— Isso tem a ver com você e Giulio, não é? — perguntei, de novo ocupando-me com minha caixa de joias.

— Isso tem a ver com Cesare — replicou ela com firmeza. — Eu conheço meu primo, e ele não vai tolerar provocações. Parece que, quanto mais dissimulado é o homem, tanto mais ele espera a honestidade dos outros. Se ele escreveu para você sobre amor, tenha certeza de que isso significa algo mais para ele do que uma mera troca de sonetos e de ramalhetes de flores. Esteja certa de que entende Cesare, ou... bom, ninguém sabe o que poderá acontecer. — A visão da língua e do dedo pendurados na janela da prisão Savelli me veio à mente, embora não tão real e terrível como quando o pequeno Haim me descreveu a cena, certificando-se de que meu pai não conseguia nos escutar antes de me dar os mais repulsivos detalhes. Esse não parecia ser o ato de um homem que havia escrito aquela carta estranha, ambígua e introspectiva.

A quem, aparentemente, eu deveria agora encarar seriamente como meu amante. Perceber isso não me trouxe a alegria esperada; havia um problema.

— Mas e se eu não for mais virgem quando me casar? — Era diferente para Angela, eu supunha, cujo parentesco com o Santo Padre a tornava um partido desejável sob quaisquer circunstâncias. Desligada de minha família, eu não tinha dote algum a não ser o que dona Lucrezia pudesse me fornecer e nenhum outro valor a não ser minha virtude.

— Primeiro — disse Angela, sentando-se na beira da cama e arranjando um espaço para que eu me sentasse ao seu lado —, todo tipo de coisa pode romper o hímen, além de um homem.

Pensei nos dedos dela, fortes, finos e hábeis, embora eu nunca tivesse sangrado durante nossas brincadeiras.

— Cavalgar, por exemplo — continuou, rindo calorosamente, seus olhos irrequietos quando me sentei ao seu lado, nossos joelhos se tocando, sem ressentimentos, agora que ela conseguira desviar uma vez mais a conversa de dom Giulio. — E, de qualquer forma, você pode fazer todo tipo de coisa. Um pouco de sangue de galinha nos lençóis. Existe até uma pasta de que ouvi falar, que você passa por dentro e que cria uma semelhança bastante boa que engana a maioria dos homens, mas não sei de que é feita, embora eu apostaria um ducado de ouro que tia Adriana sabe. O que você precisa saber sobre um marido é que ele deseja acreditar que você é virtuosa, bonita e competente em tudo, desde preparar infusões até desenhar em perspectiva. Do contrário, ele vai parecer um tolo que fez um mau negócio. Entende? — Ela beijou a ponta de meu nariz. — Você é uma bobinha ansiosa. Relaxe. Quando Cesare levar você para a cama, aproveite. A maioria das mulheres gosta, eu ouvi dizer. Aprenda com ele. Talvez, quando se casar, você saiba alguns truques que faça com que seu marido nem se interesse em saber onde você aprendeu.

— Você é tão sabida! — Eu fiquei ali um pouco depois de Angela ter se levantado, dizendo que precisávamos nos apressar para vestir *madonna*, uma vez que o duque Ercole não conseguia dormir se jantasse depois da vigésima segunda hora. Tentei imaginar a paixão violenta dos beijos de Cesare, como seria seu corpo sob as camadas de veludo negro e lençóis brancos, que cicatrizes o marcavam, que histórias contaria, o que eu sentiria quando...

— Vamos — disse Angela, tomando minhas mãos e me fazendo ficar de pé. Quando ela me arrastou para fora do quarto, olhei para trás pela última vez para o meu baú de viagem onde estava minha carta, o pergaminho firme ao lado de pregas de cetim vermelho-escuro.

Eu ainda tenho aquela carta; é a segunda carta mais importante que recebi na vida. Às vezes, quando estou sozinha em casa, tiro-a do fundo do baú de viagem forrado de metal, onde a mantenho guardada, e seguro-a entre as palmas abertas, avivando a lembrança dele com minhas mãos. Desbotada agora, marcada nas

pontas e rasgada nas dobras, o selo em pedaços, o laço puído e amarronzado e manchada da água de um oceano que Cesare nunca viu, ela está ao lado da carta mais importante que já me foi enviada. Essa carta me levou a tomar uma decisão, e Cesare é para os sonhos. Eu me pergunto como teria sido minha vida se eu tivesse escolhido outro caminho. Se eu também não tivesse vivido para ver o oceano.

Que bênção não podermos ver o futuro!

CAPÍTULO 7

FERRARA, PÁSCOA DE 1502

O amor é plano e profundo, como o mar quando ninguém o contempla.

Madonna desmaiou durante uma encenação da Paixão na catedral, na Sexta-Feira Santa, no exato momento em que Cristo descia ao Inferno pela garganta de uma serpente de papel machê. Depois disso, não podia haver mais dúvidas quanto ao estado dela. Naturalmente, esperávamos ver dom Alfonso cada vez menos depois que o médico do duque e o médico de *madonna* haviam se reunido e declarado que ela daria à luz um filho que nasceria no Natal. Ele cumprira seu dever e retornaria à vida de viagens e libertinagens de que desfrutava antes do casamento.

Entretanto, para minha surpresa, ele passou a fazer companhia à mulher durante a primeira hora da tarde, enquanto ela descansava no sofá-cama montado na Camera Dal Pozzolo, ao lado das janelas que davam para os jardins. Sentado junto a dona Lucrezia, segurava em sua enorme palma a mão roliça e imaculadamente branca da esposa e conversava com ela, naquele seu jeito esquisito de falar, tentando despertar o interesse de *madonna* nas mais variadas proporções da liga de cobre e estanho do bronze com o qual fabricava seu canhão.

— É preciso que sejam pelo menos nove partes de cobre, entende, uma liga duas vezes mais rica do que a do metal para sinos.

E dona Lucrezia anuía com um gesto sério de cabeça e um leve sorriso mostrando não somente seu interesse, como também fascinação, embora já estivesse muito cansada. Então, ele passava

para sua outra paixão, a confecção de objetos de cerâmica. Todos os vasos do quarto e os pratos de maiólica, nos quais comíamos às sextas-feiras e nos dias de jejum, haviam sido feitos por dom Alfonso, e eram intrincadamente decorados com pássaros e flores, pequenas cenas de caçadas, figuras em miniatura realizando atividades domésticas, como infusões e assados, ou pendurando roupas para secar nos arbustos às margens de um rio. Como um homem daquele, com mãos tão grandes, articulações gotosas e dedos que pareciam salsichas, podia pintar desenhos tão delicados e precisos era um mistério do Criador.

Às vezes, as visitas de dom Alfonso eram compartilhadas por alguns de seus irmãos, embora nunca por dom Sigismondo, cujo cérebro havia sido afetado pelo mal-francês, deixando-o sempre ocupado na preparação de uma campanha militar contra os ratos que viviam nas margens do fosso que circundava o castelo e que, segundo ele, planejavam dar um golpe contra os Este. Nós nos divertíamos quando dom Ferrante vinha nos visitar. Embora o duque Ercole houvesse se desencantado com seu segundo filho e dissesse que ele era apenas um maldito janota da corte, Ferrante nos fazia rir. Ele era cruelmente engraçado, mas suas tiradas mordazes eram expressas com tamanha brandura que soavam como lisonjas palacianas, um estilo que nos fazia lembrar, a nós, romanos, a sociedade que havíamos deixado para trás; apesar de Ferrara ser uma corte refinada, famosa especialmente por sua música, era também formal e fria. Desde a morte da mãe de dom Alfonso e de sua primeira mulher, um clima de masculinidade e solidão imperava ali.

Ferrante realizava truques de mágica e competia com La Fertella ao fazer aparecer pingentes de trás das orelhas das mulheres ou longas fitas coloridas do colarinho da camisa de dom Alfonso. Até Perro e Gatto se sentiam atraídos por ele, rindo como loucos de suas brincadeiras, mesmo quando não as entendiam. Fonsi, que engordava rapidamente devido às horas que passava deitado no colo de dona Lucrezia, enquanto ela lhe dava marzipã e frutas cristalizadas, se equilibrava sobre as patas curtas como um

barrilzinho num suporte, latindo freneticamente de alegria durante as visitas de dom Ferrante. A determinação dele de manter a cunhada entretida durante aquele período de repouso forçado o fez crescer em minha estima de forma especial, pois eu sabia que Vittorio voltara para Roma com o restante dos homens de Cesare e eu entendia perfeitamente como Ferrante devia sentir-se sozinho sem ele. Eu teria conversado com ele sobre isso, mas nunca surgiu uma oportunidade.

O cardeal Ippolito nos trouxe os boatos de Roma, tanto os seculares como os eclesiásticos, embora, no final, tudo permanecesse da mesma forma: quem oferecia os melhores jantares, quem gastava mais em coleções de arte e antiguidades, quem frequentava os salões de La Fiammetta ou de sua grande rival, Imperia, e quais eram os mais engraçados e difamatórios dos *avvisi* afixados na estátua de Pasquino. A temporada de eventos sociais parecia querer se estender até bem depois da Páscoa, informou ele, lançando um olhar a dona Lucrezia, uma vez que o duque Valentino permanecera na cidade, embora o tempo estivesse melhorando a cada dia, e as tropas que ele fizera acampar fora de Roma começassem a ficar irrequietas. A Espanha e a França disputavam a posse de Nápoles novamente, uma situação que Cesare e seu pai sem dúvida pretendiam explorar de uma forma ou de outra, mas como? Aparentemente, nem o papa sabia, pois reclamava tanto quanto o auxiliar mais próximo de Cesare da dificuldade de se comunicar com o filho, que ia para a cama ao amanhecer e dormia durante todo o dia, deixando seus aposentos somente após o escurecer, usando um disfarce. Diziam os boateiros que era o mal-francês outra vez, desfigurando-lhe a face, mas outros pareciam atribuir o fato à crescente agitação em Florença.

Quase como um comentário tardio, Ippolito me disse que vira meu pai muitas vezes no Vaticano, e que ele mandava lembranças.

Dona Lucrezia escutava tudo com atenção, com seu cãozinho no colo e o marido ao lado.

— Não é justo me deixar preocupada com a saúde de meu irmão, quando eu mesma estou tão fraca — reclamou ela, quando Ippolito

terminou o relato. — Ele não me contou nada sobre isso nas cartas que me escreveu, que são agradáveis e cheias de elogios ao meu caro marido. — Ela deu um sorriso excessivamente carinhoso para dom Alfonso, que retribuiu coçando as orelhas do cachorrinho. Enquanto eu prestava atenção àquela conversa sobre Cesare, percebi o rápido olhar lançado entre dom Alfonso e Ippolito. Era como se dissessem: “o que quer que ela saiba, não nos contará dessa forma.”

Quando dom Giulio nos visitava, dom Alfonso sempre pegava sua viola. Todos os irmãos eram bons músicos, mas Giulio era o melhor de todos; tocava qualquer instrumento e cantava como um anjo. Se ele não pudesse se esconder por trás da música, creio que não teria vindo. Sempre que ele e Angela estavam numa sala juntos, os dois se comportavam como dois lunáticos românticos, alternando palidez com rubor, olhando um para o outro por um longo tempo, minutos de êxtase que eram transformados em pânico quando os olhares deles se encontravam. Dona Lucrezia ensinava a dom Giulio algumas músicas espanholas e gostava de acompanhá-lo ao violão, seus pés calçados com meia batendo no sofá ao ritmo dos passos de dança. Quando se cansava, entregava o violão a Angela, ela própria uma violonista competente, embora não desse para notar pela maneira como seus dedos se moviam desastradamente pelas cordas, enquanto a bela voz de tenor de dom Giulio se soltava. Ele cantava de olhos fechados; talvez esse fosse o segredo, embora eu duvidasse disso; não ver a pessoa que se ama não faz o coração desacelerar, nem a mente dar ouvidos à razão.

Eu observava essa pantomima com atenção, não somente porque Angela era minha amiga e eu temia que ela se visse presa entre Cila e Caribde, representados pelos dois irmãos, mas também porque me dava algo mais em que pensar além da música. Até hoje, o som de um violão espanhol é capaz de me transportar direto para Toledo. Posso simplesmente fechar os olhos e me deleitar; lembro-me de estar sentada nos ombros de meu pai enquanto assistíamos a uma comédia encenada por artistas mambembes na praça próxima à nossa casa, o céu noturno de um azul-escuro em contraste com a

luz das tochas que tremeluzia sobre os rostos pintados dos artistas e fazia dançar as sombras das árvores. Deixo meus pensamentos se deterem no cheiro de bolinhos sendo fritos no óleo até eu começar a salivar. Sinto a firmeza dos ombros de meu pai sob minhas pernas finas de criança, com um amor enfim livre de ressentimentos. Mas então essas lembranças me teriam feito chorar, e minhas lágrimas teriam sido uma traição à preocupação de meu pai com meu futuro e à generosidade de dona Lucrezia comigo. Por isso desliguei a música do meu coração e voltei a atenção para minha amiga e seu novo admirador.

Numa tarde, já bem no final de abril, o duque Ercole apareceu para uma visita e disse que gostaria de falar a sós com *madonna*. Ela poderia manter a escrava negra presente para cuidar de seu conforto, mas queria que todas as outras moças fossem dispensadas. Fui direto para meu quarto e de Angela e encontrei minha amiga enroscada na cama, os joelhos quase no queixo, tremendo apesar do calor do dia. O ar do quarto estava fétido e tomado pelo zumbido de mosquitos.

Ela havia começado a reclamar, no dia anterior, de cólicas estomacais e febre. Dei pouca importância a isso, pensando que se devia a alguma coisa que comera; na véspera, à noite, fora servido um molho de mariscos que cheirava mal para mim, embora meu olfato de judia tendesse a ser supersensível a comidas às quais eu fora acostumada a crer que eram proibidas. Eu lhe preparara um emético de vinho misturado a pó de antimônio, que eu pedira então ao mestre de fundição de dom Alfonso. E, logo depois que ela vomitou, acompanhamos dona Lucrezia às corridas do Dia de São Jorge, em Barco. Angela permaneceu estranhamente quieta, o rosto pálido e contraído, sem tomar parte nas apostas de centavos e grampos de cabelo permitidas por *madonna*, que não considerava pecaminoso apostar com valores ínfimos como aqueles. Mesmo quando começou uma briga entre o jóquei vencedor, nas cores de dona Lucrezia, é claro, e o homem cujo cavalo havia chegado em primeiro lugar, mas sem seu jóquei, ela continuou triste e afastada, balançando-se para a frente e para trás, com as mãos cruzadas

sobre o abdome. À noite, ela não conseguia mais esconder seu sofrimento e, muito preocupada, dona Lucrezia a dispensou.

— Vá com ela, Violante — ordenou. — Tenho certeza de que você tem um bom conhecimento de remédios caseiros. É comum na educação de seu povo, eu creio. — Eu tinha um pouco de conhecimento prático aprendido com Mariam, embora provavelmente não mais do que a própria dona Lucrezia, mas os gentios tendem a crer que todos os judeus são médicos, porque os médicos são, em geral, os únicos judeus que eles permitem em suas casas.

— Está bem, *madonna* — respondi e me apressei em ficar ao lado de Angela.

Tivemos uma noite agitada, com Angela gemendo e contorcendo-se de dor o tempo todo, levantando-se várias vezes para se aliviar, dizendo que isso a faria sentir-se melhor. Porém, ela não melhorou. Amanheceu e não houve mudança; a moça que nos serviu o vinho, os biscoitos e a água para nos lavarmos pareceu apavorada com o rosto pálido e abatido de Angela, recostada no travesseiro ensopado de suor, e saiu segurando o urinol com o braço estendido, como se ele estivesse contaminado. Aquilo era, sem dúvida, o efeito de algum veneno ou de alguma comida estragada, ou tinha uma origem ainda mais sinistra. Teria Ippolito percebido os sentimentos dela por Giulio?, eu me perguntava. Mas ela insistia dizendo que a dor se assemelhava àquela do início das regras, apesar de mais fortes e fora de época.

— Será que está grávida? — perguntei, sentando-me na beirada da cama dela de robe, tentando convencê-la a tomar um pouco do vinho. Como se fosse possível, ela ficou ainda mais pálida.

Desolada, Angela assentiu com a cabeça.

— Tentei tomar cuidado, mas erros acontecem.

— Angela, você não andou fazendo besteira, andou? — Ela contraiu a face para protestar, mas ergui a mão para fazê-la parar. — Não vou lhe dar um sermão. É só que, se tomou alguma coisa, você precisa me dizer para que eu procure um antídoto.

— Eu sou uma idiota. O que vou fazer, Violante? — Afetada por outro espasmo, ela se encolheu de lado e mordeu o traveseiro.

— Você precisa me dizer o que tomou.

— Eu não sei. Consegui com uma mulher na Via dei Volte. Umas folhas secas.

— Você ainda tem o pacote? Sobrou alguma coisa?

Angela balançou a cabeça, puxando os joelhos de encontro ao tórax e apertando os olhos de dor.

— Eu queimei. Ninguém pode saber.

— Que você está grávida ou que tentou abortar?

— Não sei.

Eu estava atônita.

— Você costumava dizer que não se importaria de ter um filho quando nos estabelecêssemos em Ferrara.

— Mas agora é diferente.

— Por causa de Giulio?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu amo Giulio, Violante; quero me casar com ele. Quando ele olha para mim, me faz sentir... limpa, pura, como se minha vida estivesse começando. Como ele poderia olhar para mim dessa forma, se eu carregasse no ventre o filho de Ippolito?

— Ele é quem sabe. Esse sentimento é seu, Angela, e não dele. Isso é apenas fruto da sua imaginação.

— Bom, você é a grande conhecedora de amor e imaginação — atacou ela, a dor esquecida por um instante. — Para você, o amor existe apenas no mundo da fantasia.

Pensei na carta de Cesare no fundo do meu baú e busquei forças ao lembrar as palavras dele. Minha paixão por Angela me ajudou a responder com calma.

— Não estamos falando de mim. O problema é seu. Você e Giulio já conversaram? Você tem um plano para se libertar desse caso com Ippolito?

Mais uma vez, ela balançou a cabeça.

— Eu contei a Lucrezia como me sinto. É impossível falar com Giulio a sós, porque ele é muito preocupado em me tratar com respeito. — Com isso, ela deu um riso sarcástico, antes que outra crise de dor lhe deformasse as feições. — E Ippolito é ciumento. Tenho medo dele, de contar a verdade, e da influência que ele tem sobre dom Alfonso. Eles são os irmãos mais próximos.

— E o que dona Lucrezia acha?

— Que eu deveria mirar mais alto do que o bastardo e me casar com Ferrante.

— Mas Ferrante não tem interesse nos deveres de um marido.

— Exatamente. Case-se com Ferrante e seja amante de Giulio, ela disse. Dessa forma, os bastardos de Giulio se tornariam os justos herdeiros de Ferrante e todos ficariam felizes.

— Mas ela não sabe nada sobre Ippolito?

— Nunca falei com ela sobre ele, então ela prefere fingir que não sabe nada sobre nós.

— Talvez você devesse aceitar o conselho de *madonna* e deixar que ela arranje seu casamento com Ferrante. Ele a protegeria de Ippolito, se necessário.

— Mas não é isso o que eu quero. Quero um recomeço. Giulio... Ele é como um anjo, com aqueles seus olhos violeta, e aquela voz. Como eu poderia levá-lo a um arranjo tão desonesto?

Antes que eu pudesse responder, Angela gemeu e seu rosto, se é que isso era possível, ficou ainda mais pálido. Quando a dor passou, ela colocou a mão entre as coxas e a estendeu para mim. Seus dedos estavam manchados de sangue. Ela deu um risinho.

— Pelo menos está funcionando.

Nesse momento, ouvi uma leve batida na porta; ao abri-la, vi Catherinella um tanto ofegante.

— Você vem — disse ela.

Senti frio e calor ao mesmo tempo, meus intestinos se contraíram. O que estaria acontecendo? Toda essa conversa de aborto com Angela me fez temer o pior.

— O que houve, Catherinella?

— Chefe chamando você. — Por “chefe”, supus que ela quisesse se referir ao duque.

— Mas dona Angela não está passando bem. Ela não vai poder ir.

— Só você. A judia, ele diz, então minha senhora diz: *monna* Violante. Parece irritada. — Ela deu de ombros e murmurou algo em sua própria língua.

— Angela — eu disse, enquanto procurava meus sapatos embaixo da cama —, me diga onde encontrar essa mulher. Talvez eu consiga ajuda.

— Num lugar perto da Igreja de São Paulo.

— Vou lá, assim que Lucrezia me liberar.

— Não diga nada a ela.

— Não vou dizer, a menos que seja preciso — prometi. Porque, se Angela morresse, eu não poderia deixar *madonna* crer que a prima havia sido envenenada. Nenhuma de nós estaria em segurança até que o filho de *madonna* nascesse.



Uma mulher jovem que eu nunca vira antes estava ao lado do duque Ercole quando entrei na Camera Dal Pozzolo. Quando me curvei para cumprimentá-lo, notei o constrangimento dela pelo movimento de seus pés por baixo da saia vermelha de lã bem simples. Seus pés eram grandes, de modo que, quando levantei a vista, não me surpreendi de ver que era alta. Quase tão alta, na verdade, quanto o próprio duque. O duque Ercole, apesar de forte, tinha pernas curtas e arqueadas, e todos os seus filhos eram mais altos do que ele.

— Esta é Fidelma — disse dona Lucrezia, embora não tenha feito nenhum esforço para erguer-se das almofadas que serviam de apoio às suas costas. O tom de sua voz era irritadiço e relutante.

— Ela deve substituir dona Angela — acrescentou o duque. — Você vai ficar encarregada dela, *monna* Violante. Ela é uma judia

batizada, como você.

Não sei como consegui entender o que o duque estava dizendo. Substituir Angela? O que ele tinha em mente? Como podia fazer isso? Angela era insubstituível. Teria o Este a envenenado, afinal, e o que quer que ela tenha comprado da velha na Via dei Volte era um mero disfarce para a verdadeira causa de sua doença? Mas por quê? Talvez o duque Ercole tivesse decidido que a única maneira de transformar a nova-rica Borgia, com a reputação duvidosa que ela tinha, numa esposa digna de seu herdeiro era separando-a por completo da família. Dona Adriana e a prima Geronima já haviam ido embora; agora era a vez de Angela.

A adorável e alegre Angela, que com tanta facilidade e generosidade preencheria meu coração vazio quando comecei a fazer parte do lar de dona Lucrezia, que escutara com tanta paciência minhas conversas apaixonadas sobre Cesare... Cesare. Será que o duque tentaria mantê-lo fora de Ferrara também? Certamente o casamento da irmã dele com dom Alfonso o coibia de confrontar o duque; era improvável que Cesare invadisse o ducado enquanto sua amada Lucrezia o presidisse. Por um momento, respirei mais relaxada, até que, mortificada pelo egoísmo de meu coração, lembrei-me do estado de Angela quando eu a deixara, curvada de dor, com espasmos abdominais, no esforço de expelir o filho indesejado.

Se ela sobrevivesse, como poderia retornar a Roma, em desgraça, expulsa da proteção de dona Lucrezia? Se perdesse o bebê, Ippolito não teria nenhuma obrigação com relação a ela; mesmo que tivesse a criança, a hostilidade do pai dele com Angela dificultaria o reconhecimento do filho bastardo. E quanto a Giulio, ou Ferrante... De repente, vi o que o duque Ercole pretendia, e que isso tinha mais a ver com o bem-estar de seus filhos do que com reafirmar sua autoridade diante de dona Lucrezia.

Examinei Fidelma com um olhar perscrutador. Magra, tórax achatado, nariz curvo e tez amarelada, ela certamente não substituiria Angela na afeição de Ippolito, nem de Giulio. Nem na minha. Desviei a vista sem sequer um sorriso e tentei captar o olhar

de dona Lucrezia, mas ela e Catherinella estavam ocupadas em rearrumar as almofadas. Eu sabia que deveria acatar as instruções do duque, mas não consegui fazer isso; minha cabeça se recusava a curvar-se, minha boca, a formar palavras de obediência.

Toda a minha vida eu fora obediente aos homens que exerciam autoridade sobre mim. Ficar para trás em Toledo por insistência de meu pai, até ser tarde demais para viajar em segurança e ser forçada a testemunhar a morte solitária e desnecessária de minha mãe na praia em Nettuno. Renunciar à minha fé e à minha família em favor desses Borgia, com seu charme perigoso, suas mentiras plausíveis e sua religião desumana. Até mesmo aceitar o pernicioso apelido dado a mim por um homem.

Meu nome. Meu verdadeiro nome.

Fiquei de joelhos diante do duque Ercole; curvei a cabeça em direção ao piso; eu teria beijado a ponta de sua bota se ele não tivesse apressadamente dado um passo atrás, colocando-se fora de meu alcance.

— Meu senhor duque — comecei a falar, empertigando-me. O duque teve um acesso de tosse abafada; seu rosto ficou da cor de *melanzana*. Talvez meu comportamento lhe tivesse provocado uma apoplexia. Tanto melhor. No caos que se seguiria, eu poderia escapar despercebida para procurar a mulher na Via dei Volte. Se dom Alfonso fosse o duque, ele não baniria Angela; ele gostava muito da esposa para tratá-la de forma tão cruel.

Mas nada aconteceu, e fui forçada a continuar.

— Sabe que Violante não é meu nome, é uma mera brincadeira cuja origem não importa aqui. Meu nome de batismo é Esther. Eu sei que o senhor é um homem devoto, portanto não preciso lembrar-lhe da história de Esther. Eu me humilho diante do senhor, como fez a rainha Esther diante do rei Ahasuerus, para lhe pedir que reconsidere sua decisão.

Eu tinha consciência da presença de dona Lucrezia e de Catherinella ainda atrás de mim. O canto dos pássaros, as vozes dos comerciantes no mercado e o barulho das rodas das carroças no

calçamento abaixo; tudo parecia emudecido por uma distância imensurável. No silêncio da sala, eu ouvia o sussurro do sangue em minhas veias e o ruído da unha do duque Ercole coçando o maxilar com o dedo dobrado.

— Continue — disse o duque, um tom de divertimento na voz que quase enfraquecia minha determinação.

Tentei lembrar-me desesperadamente das instruções de meu professor de retórica. Sem perda de tempo com *dispositio*, nem *elocutio*, nem tampouco *pronuntiatio*. Eu teria de proceder direto à *actio* e esperar ter sucesso na sinceridade de meus sentimentos.

— Não posso oferecer-lhe um banquete, nem um serviço que uma rainha ofereceria a seu rei. Toda a riqueza que posso colocar a seus pés, meu senhor, é meu amor por minha senhora, que me estimula a buscar a felicidade dela. Dona Angela é irmã de *madonna* em tudo, embora não de nascimento, a parente mais próxima e confidente. Vossa Graça foi abençoada com tantos irmãos e irmãs que não é possível enumerá-los. Eles são como as estrelas no céu e a areia na praia. — Eu esperava que ele apreciasse a alusão bíblica, embora ela estivesse contida em um de nossos livros, não dos cristãos. — Mas a minha senhora teve apenas três irmãos, e um deles já morreu; portanto, eu lhe suplico, não tire dona Angela dela também.

Dei uma olhada de soslaio para o duque Ercole, para ver que impressão minhas palavras haviam causado nele. Ele expressava no rosto uma tolerância impassível, como a de um adulto forçado a participar da festa de aniversário de uma criança por quem não tinha afeição. No entanto, eu esperava que sua ambição por sua linha de sucessão a longo termo sobrepujasse suas preocupações imediatas com seus filhos.

— Principalmente na condição atual dela. Espere, pelo menos, até ela ter, em segurança, um filho e herdeiro de dom Alfonso. — Percebi um movimento de dona Lucrezia, um suspiro, um farfalhar de seda quando ela mudou de posição, mas não me atrevi a me virar. Mantive o olhar fixo na ponta das botas pretas do duque

Ercole, e meus pensamentos em Angela e na vida sangrando entre suas coxas.

— Eu temo que dona Lucrezia fique mais preocupada se dona Angela permanecer em Ferrara do que se ela for embora — disse o duque, com uma franqueza que eu não esperava.

— Estimado pai... — começou dona Lucrezia, mas eu fiz um gesto para que ela ficasse em silêncio. Se o duque estava suficientemente abalado para revelar seus sentimentos, eu deveria insistir em meu ponto de vantagem antes que ele retomasse a compostura. Dona Lucrezia poderia me disciplinar por minha falta de respeito, mas eu duvidava de que minha punição fosse muito severa se eu fosse bem-sucedida em meu apelo no caso de Angela.

— Eu não consigo imaginar nada que possa abalar mais *madonna* do que ficar separada de sua querida prima, senhor, mas, se este argumento não é suficiente para convencê-lo, considere o seguinte. Aqui, diante do senhor, pode testemunhar o milagre não de uma, mas de duas judias trazidas para Cristo, exultantes pela oportunidade de reparar a maldade da raça a que pertencem. Sem dúvida o senhor doou muitos presentes à Igreja no Dia de Ação de Graças, mas a dádiva mais verdadeira, mais valiosa seria exercitar a compaixão de seu coração por sua nora, a quem foi confiada a grande responsabilidade de supervisionar a minha jornada e a de Fidelma rumo à salvação. Lembre-se, meu senhor, de que o Todo-Poderoso vê além das vestes litúrgicas e relicários; Ele enxerga diretamente o interior da alma de um homem e não valoriza uma dádiva, por mais rara e bela, que não seja oferecida de coração.

Fiquei em silêncio, meu coração pulsando no pescoço; senti-me mal e trêmula, de modo que, quando o duque me mandou levantar, com a voz embargada de emoção, temi vir a cair. Devagar, cuidadosamente, oscilando como um acrobata numa corda bamba, ergui-me.

— Olhe para mim, garota. — Dirigi meus olhos aos dele, pálidos e proeminentes, o branco amarelecido e espessado pela idade. O que aqueles olhos não teriam visto? Que pensamentos e maquinações, planos e sonhos teriam eles ocultado ou revelado durante todos

aqueles anos? Por mais da metade de sua vida ele vivera em terras estrangeiras, herdadas do pai, observando e aguardando uma oportunidade. Embora ninguém falasse sobre isso, todos sabiam o local exato no *cortile* do antigo castelo onde ele mandara montar o tronco e onde o sobrinho, Niccolo, o herdeiro escolhido, fora decapitado. Ele despacharia uma mera judia, a filha de um banqueiro, com o mesmo descaso com que mataria um mosquito. Pensar no pior me acalmou; esperei pelo pronunciamento de minha sentença com uma dignidade que não envergonharia nenhum mártir cristão.

“Você falou bem — disse ele — e com sabedoria. Você tem razão. Eu permiti que questões imediatas, e provavelmente frívolas, desviassem minha atenção do que é mais importante. Dona Angela pode ficar em Ferrara e, nesse ínterim, eu confio Fidelma a seus cuidados, pois creio que haja muito que você possa ensinar a ela sobre como ser uma cristã, e — acrescentou ele, com uma contração de seus lábios finos que tomei por um sorriso — uma cortesã.”

Ele, então, fez uma reverência a *madonna* e deixou a sala, seu pajem correndo à frente para lhe abrir a porta.

— Bravo, bravo! — exclamou dona Lucrezia, batendo palmas, assim que a porta se fechou quando ele saiu. — Ah, Violante, venha cá para eu lhe dar um beijo. — Inclinando-me sobre o sofá-cama, aceitei seu abraço. Pensei em Cesare quando os lábios dela tocaram minha face e seus braços envolveram meus ombros, em quantas vezes ela o teria beijado no rosto daquela maneira, em como os lábios dela mantinham impressos a pele dele, a barba, os ossos delicados da face, e em como a boca de *madonna* carregaria a lembrança de minha pele para afixar na dele. Se ela voltasse a me beijar, todo o ciclo se reiniciaria. — Eu tinha esperanças de que você o conquistasse — disse ela quando me soltou. — Ele não é o ogro que gosta de pensar que é. Você se lembra da preocupação dele quando meu cavalo me lançou ao chão durante o desfile de boas-vindas logo que chegamos? E quando ele providenciou uma mula imediatamente? No fundo, ele é uma velha alma bondosa.

Ah, sim, o duque certamente era bondoso; após decapitar o sobrinho, mandou que a cabeça fosse costurada de volta ao corpo, e que fosse vestido de brocado de ouro para o funeral.

— Eu estou feliz por ter conseguido apelar para o lado sensível dele, *madonna*. Acho que nós duas teríamos sentido muito a falta de Angela.

— Fidelma, afaste-se um pouco. Eu gostaria de ter uma conversa particular com *monna* Violante.

Fidelma recuou, pisou na barra do vestido e quase se desequilibrou. *Madonna* e eu trocamos olhares, e, em seguida, ela revirou os olhos.

— Precisamos planejar o que fazer com essa daí — sussurrou ela. — Agora, querida, me diga, como está Angela? — Depois de hesitar um pouco, acrescentou: — Ela está grávida?

— *Madonna*, eu...

— Deixe disso, garota, você acha que eu não sei de nada? Ela estava dormindo com Ippolito muito antes de deixarmos Roma, e acredito que tenha começado tudo de novo desde que ele chegou a Ferrara. Ou será o outro? O belo bastardo. Eu até entenderia. Ele é realmente muito bonito. Eu mesma poderia me sentir tentada, se ele não fosse meu cunhado. E você, Violante? Será que dom Giulio a conquistaria, ou você ainda é apaixonada por meu irmão?

— A senhora sabe que sou, *madonna* — confessei. Ela nunca falara comigo com tamanha sinceridade, e com certeza eu lhe devia ser igualmente franca.

— A carta dele... encorajou você?

— Não me desencorajou.

— Bem, isso é... — Ela parecia procurar mentalmente a palavra correta. — Bom — disse ela em seguida, ainda que com uma expressão na boca e nos olhos que indicava dúvida. — Mas estávamos falando de Angela — continuou, com um pequeno movimento de cabeça, como se estivesse tentando se livrar de uma tempestade. — Eu estou certa sobre a causa da indisposição dela?

— Está, *madonna*, mas, por favor...

— E o pai?

— Cardeal Ippolito, ela disse.

— Acredita nela?

— Acredito, sim.

— Não que isso importe. De qualquer forma, é tudo uma confusão.

— Acho que é provável que ela aborte, *madonna*. Isso deixaria as coisas menos confusas, eu creio.

Dona Lucrezia me olhou com aqueles olhos austeros, acinzentados.

— Para uma moça jovem, você às vezes tem uma maneira bem peculiar de construir as frases.

— Eu preciso voltar para ver Angela, *madonna*; ela realmente não está muito bem.

Mais uma vez, ela hesitou, seu olhar perscrutando meu rosto como se quisesse achar ali a solução para o problema de Angela.

— Isto é o que vai acontecer — disse ela finalmente. — Logo terei que viajar para a cidade-estado do duque Ercole em Belriguardo. O ar será mais saudável lá, agora que está ficando quente aqui. Dom Giulio nos escoltará, a caminho da visita que fará a dona Isabella em Mântua. Angela não está bem para viajar, então vou deixá-la a seus cuidados. Isso está claro? Meu marido vai se ausentar numa missão diplomática à corte francesa. Ippolito vai acompanhá-lo. Isso deixa apenas Ferrante e Sigismondo, é claro, em Ferrara. Você tem certa influência sobre Ferrante, eu acho; ele gosta de você. Quando voltarmos, espero que a situação de Angela esteja melhor.

Ela olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas, como se esperasse minha confirmação de que seu plano era bom. Mesmo quando, a poucos passos dali, Angela sofria, dona Lucrezia pensava apenas em sua sobrevivência.

— Vou fazer tudo o que eu puder por ela, *madonna*. — Nós nos entendíamos bem, dona Lucrezia e eu; ambas nos esforçávamos para cortar nossas raízes, como rosas num vaso de água doce.



A Via dei Volte era assim chamada porque muitas de suas casas altas em plano inclinado tinham os andares superiores construídos de forma a se comunicarem entre si, formando arcos sobre a rua. Originalmente, a rua principal do quarteirão do comércio costumava ser mantida acesa dia e noite; havia ainda candeeiros pendurados na frente de muitas casas, embora a maioria estivesse envergada e enferrujada. Quando o duque Ercole demoliu os antigos muros ao norte para construir aquela nova área, os comerciantes mais ricos deixaram suas casas escuras e abarrotadas e se mudaram para modernos *palazzi* nos limites de Barco. A Via dei Volte, que parecia mais um túnel do que uma rua em alguns pontos, era agora um antro de assassinos e batedores de carteira, prostitutas baratas e velhas embusteiros que as ajudavam a permanecer no negócio com seus afrodisíacos e abortíferos. Não era lugar para uma moça desacompanhada, e eu pensava no desespero que levava Angela ali, e em minha própria imprudência.

Eu sentia falta de Mariam enquanto, com meu capuz sobre o rosto, como se eu fosse uma das mulheres maometanas, e com minha tocha erguida como uma espada, corria em direção à Igreja de São Paulo, que ficava por trás da Via dei Volte. Eu não pusera meus tamancos, porque era impossível correr, ou até mesmo andar rapidamente, sobre aqueles terríveis saltos de madeira, e meus sapatos logo se ensoparam daquela mistura de urina, bosta e legumes podres que transbordava dos esgotos. Chapinhando ao passar por uma carroça com gongos, cujo condutor parecia ocupado em fazer apostas quanto a alguns cães esqueléticos que disputavam o que eu esperava ser o osso de um animal, fui tentada a gritar com o homem por seu descaso, mas eu sabia que não podia atrair a atenção sobre mim. Até meu manto mais velho atraía olhares cobiçosos.

Ao chegar à igreja, fui forçada a andar bem devagar para procurar sinais que indicassem a casa de uma embusteira, mas quais seriam esses sinais eu não tinha a menor ideia. Molhos de ervas

pendurados nas ombreiras de uma porta, talvez? Entalhes misteriosos nos lintéis das portas, amuletos de pedras? A imagem de Mariam me surgiu vívida, como se uma das bruxas que eu procurava a tivesse materializado diante de mim. Eu podia ouvir a voz dela, ríspida de desdém, vê-la contrair os lábios, as linhas profundas como cicatrizes sob o pelo escuro acima do lábio superior, listando remédios para a febre. Absinto, borragem, pétalas de cravos, folha de laburno. Folha de laburno. Garantido para provocar aborto, me assegurara uma vez Isotta de Mantova. Informação bastante útil, ela dissera, com um ar mundano, se vier a precisar. Eu procuraria laburno, ou um desenho de laburno, ou... o quê? A situação era desesperadora.

De repente, já exausta, meus pés congelados, recostei-me no muro alto da igreja, sem me importar com a poeira do reboco que soltava e grudava em meu manto. Meu capuz escorregou da cabeça quando levantei o rosto em direção a um feixe de luz entre os prédios. Meus membros tremiam tanto que temi ter sido acometida por alguma doença ao respirar aquele ar fétido. O mau cheiro da morte e do fracasso encheu minhas narinas. Angela provavelmente já teria sangrado até a morte a essa altura, sozinha, assustada, sofrendo dores terríveis. Depois de tudo que ela fizera por mim, que tipo de amiga eu me tornara? De que adiantara meu belo discurso para o duque Ercole? Quando eu voltasse para o castelo, provavelmente descobriria que seus lençóis ensanguentados haviam sido removidos e queimados, e os pertences de Fidelma, colocados no lugar de seu frasco de perfume veneziano, de sua escova de cabelo de casco de tartaruga, da pinça de prata que eu usara para arrancar seus pelos para agradar Ippolito.

Enfiei minha tocha de cabeça para baixo num candeeiro deformado ao lado de uma porta apodrecida. A armação enferrujada soltou-se, e a tocha começou a chiar e crepitar na base, seu calor intensificando o fedor até me causar ânsia de vômito e me fazer cuspir bile. Um rato passou correndo pelo meu pé. Ao me aprumar depois da crise de vômito, o pouco de luz que passava entre os arcos úmidos e profundos foi abruptamente bloqueado, e senti uma

mão sobre meu ombro, pesada e grande, segurando-o com firmeza. A mão de um homem. E de repente eu não senti mais medo, mas uma onda de fúria. Eu seria estuprada, provavelmente assassinada. O tesouro que eu vinha guardando para Cesare, para meu amado, seria roubado de mim, e eu poderia morrer sem saber o que significava dormir com ele.

— Afaste-se — gritei, chutando as pernas do estranho, torcendo o corpo para me livrar da mão no meu ombro. — Eu não estou sozinha, sabe? Há pessoas comigo. Cuidado! — Ouvi um grito de dor quando meu chute atingiu o alvo. O homem retirou a mão do meu ombro, embora minha pele continuasse a queimar no ponto em que a luta para me desvencilhar a esfolara.

— Violante?

Eu conhecia aquela voz. No momento em que coloquei de volta o capuz e ajeitei meu manto, me vi contemplando os olhos incrédulos de dom Giulio.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele. Parecia zangado, mas seu olhar refletia uma profunda preocupação. — Este não é lugar para uma moça. Eu tremo só de pensar no que poderia ter lhe acontecido se eu não a tivesse encontrado. O que sua senhora pensa de deixar você perambular por um lugar como esse sem acompanhante?

— Ela não sabe — respondi, sentindo-me muito mal.

— Ah, entendo, você veio à procura de vendedores de amuletos do amor. Talvez algo para experimentar com o duque Valentino? Entendo que queira esconder isso de dona Lucrezia. — Ele sorriu para mim com solidariedade enquanto dava um passo ao lado para deixar passar um burro carregado de lenha. Para minha surpresa, o garoto que conduzia o animal saudou dom Giulio com seu cajado, e dom Giulio correspondeu com um aceno de cabeça. — Eu me interessei pela química — explicou. — O pai desse menino é um lenhador e sabe muito sobre as propriedades químicas das plantas. É para o meu jardim — acrescentou ele. — É por isso que venho aqui.

— E eu... por Angela. — Havia algo em dom Giulio, um ar de franqueza em seu rosto largo e generoso que me impedia de mentir para ele. Talvez aquele lenhador pudesse ajudar. Melhor para Angela perder a honra aos olhos dele do que morrer pela minha negligência.

— Não preciso perguntar por que, eu suponho. — Uma contração de tristeza desfigurou rapidamente sua linda boca.

— Ela... ela me disse que conseguiu alguma coisa com uma embusteira que mora perto da Igreja de São Paulo. E agora... Ah, Giulio, ela está muito mal. Tenho medo de que ela morra. Eu queria achar essa mulher, para descobrir o que ela deu a Angela e se existe algum antídoto.

— Leve-me a ela. — Virando-se para o empregado que o acompanhava, ele disse: — Vá a minha casa e diga a *ser* Pandolfo para ir ao castelo imediatamente. Ele me encontrará na Torre Marchesana, nos aposentos da duquesa. *Ser* Pandolfo é meu médico — explicou ele.

— É muito bondoso, meu senhor.

— É muito simples, Violante. Eu amo Angela. Nada do que ela possa ter feito poderia me causar tanta dor quanto o pensamento de continuar a viver no mundo se ela morrer.



Achei que ela parecia um pouco melhor quando eu e Giulio entramos no quarto, e teve energia suficiente para protestar por eu ter levado Giulio até ali sem anunciá-lo. Catherinella estava ao lado dela. A cama fora forrada com lençóis limpos, seus cabelos haviam sido escovados e seu rosto, lavado. Embora compreendesse que tudo aquilo fora feito por ordens de dona Lucrezia, eu tinha ainda a impressão de que o poder da dedicação de Giulio havia sido acionado. Percebi que eles tinham muito que dizer um ao outro, então dispensei Catherinella e fui, eu mesma, esperar no pátio pela chegada de *ser* Pandolfo. Quando voltei, acompanhada do médico e de um auxiliar que levava sua maleta com copos e lancetas, Angela

parecia estar dormindo, um leve sorriso nos lábios e os dedos entrelaçados aos de dom Giulio.

— Acho que o pior já passou — disse Giulio em voz baixa, quando entramos —, mas não vou sair do lado dela. Enviei um bilhete a Ferrante pedindo que ele tomasse meu lugar na viagem a Belriguardo. Irei diretamente a Mântua logo que puder.

No dia seguinte, Angela amanheceu bem o suficiente para conseguir sentar-se na cama e tomar um pouco de caldo de galinha, enquanto Giulio lia para ela. À tarde, chegou a se juntar a nós quando cantávamos uma canção para passar o tempo. Agora que dona Lucrezia havia partido de Ferrara, Giulio decidiu levar Angela para seu próprio palácio para que ela se recuperasse lá, e a mim como dama de companhia. Giulio morava no Corso degli Angeli, no coração da nova cidade, onde as estradas eram largas e uma grande quantidade de parques e jardins perfumava o ar. Atormentávamos uma das escravas da casa, mudando de ideia o tempo todo quanto aos vestidos que levaríamos conosco, quando Angela de repente reclamou de uma dor de cabeça e pediu que eu fechasse as janelas, porque não conseguia suportar a claridade. Ao afastar os cabelos dela do rosto, toquei a sua testa, que queimava de febre.

— Vou mandar a escrava buscar água — eu disse. Angela havia perdido tanto sangue que o corpo dela lutava, no calor do verão, para restabelecer o humor frio e úmido que Aristóteles dizia ser natural nas mulheres. — E me traga um mensageiro — instruí a escrava. — Vou escrever para Giulio e dizer a ele que você não vai poder viajar hoje. Talvez amanhã.

Mas não estávamos destinadas a viajar no dia seguinte.

— A febre palustre — disse Giulio no minuto em que chegou com *ser* Pandolfo, com sua maleta de instrumentos ao lado. Seu tom era sombrio; ele pareceu envelhecer diante de meus olhos quando se recostou no portal e deu um longo suspiro. — Faça o que for possível — disse ele ao médico, embora soubéssemos que havia muito pouco a ser feito a não ser aguardar e ter esperanças.

— Você reza por ela? — perguntou-me Giulio no terceiro ou quarto dia de nossa vigília. Ela estivera quieta durante todo esse tempo,

exausta, quase num estado de inconsciência causado por vômitos e crises de demência febril durante as quais seu corpo se agitava, seus olhos se reviravam para dentro das órbitas e ela uivava e chorava como um gato no cio.

— A quem? Eu aprendi que o Deus dos cristãos é misericordioso e clemente. O que ele tem feito com Angela seria por acaso misericordioso e clemente?

Ela perdera o controle dos intestinos, e o quarto fedia, apesar de eu constantemente mudar os lençóis e acender velas novas perfumadas com âmbar-gris e raiz de alcaçuz para purificar o ar. Somente nós dois e *ser* Pandolfo entrávamos ali, ninguém mais. Os empregados não se aproximavam dela por medo de serem infectados, e muitos no castelo já estavam doentes.

— Você passou muito tempo na companhia de Valentino. — Giulio deu um riso forçado que em nada aliviou a atmosfera. — Espero que não fale assim na presença de meu pai.

Desejosa de poder retirar o que eu dissera, algo tão superficial e impensado, eu mexi nos lençóis da cama de Angela para evitar encarar Giulio. Ele pegou minha mão, dobrou os dedos sob minha palma enquanto eu esticava as cobertas.

— Reze por ela — suplicou ele. — As orações mais dificilmente conquistadas são as que mais pesam diante de Deus.

Como ele podia saber disso?, eu me perguntava. Mas sua natureza franca e gentil me fazia querer agradá-lo, então prometi que rezaria. Eu não iria à capela de *madonna* na Torre Marchesana, uma sala pequena, apertada e claustrofóbica sem paredes externas, onde o perfume de incenso e o olhar de soslaio dos santos sobrepujavam o espírito. Eu iria para a Capela de Nossa Senhora na catedral e contemplaria a imagem que eu denominara Madona dos Estrangeiros.

Foi Catherinella quem primeiro me chamou a atenção para ela. Dona Lucrezia gostava de assistir à missa na Capela de Nossa Senhora; compartilhava com o pai uma devoção particular à Virgem. E ela gostava de se cercar do pequeno grupo de pagãos que levava a

Deus. Fidelma era uma grande demonstração da piedade de *madonna*, repetia as orações com perfeição, antecipando, sem erro, os momentos de se ajoelhar e ficar de pé. Catherinella se postava atrás de dona Lucrezia como sempre, empertigada e imóvel como os pilares que sustentavam os arcos do teto, seu olhar fixo em algum ponto à meia distância, parecendo nem piscar. Eu geralmente me distraía, observando as outras pessoas na catedral de soslaio. Não conheço melhor lugar para se observar as pessoas do que uma igreja grande, cuja nave e transepto são como cruzamentos onde homens de negócios fazem suas transações, as mães exibem suas filhas em idade de casamento e os mendigos exploram a consciência dos ricos.

Mas, uma manhã durante a Quaresma, quando a catedral estava excepcionalmente tranquila, talvez devido ao mau tempo que mantinha as pessoas em casa, as portas e janelas fechadas por causa do vento e da chuva, decidi me distrair tentando captar algum movimento de Catherinella. Apostei comigo mesma, a maioria das apostas relacionadas à comida, pois não havíamos quebrado o jejum ainda. Se eu a visse respirando, dona Lucrezia amoleceria seu espírito e permitiria que passássemos geleia de cereja no pão. Se a escrava piscasse, o pão seria de centeio e teríamos direito a óleo apenas para passar nele. Assim foi e, enquanto eu observava o brilho azulado do branco dos olhos de Catherinella naquela luz fraca e poeirenta, meu olhar acompanhou o dela e se fixou na imagem da Madona e o Menino num nicho. A Madona usava uma coroa adornada e um manto de ouro forjado, e o rosto dela, bem como o do menino em seus braços, era negro. Só então notei um leve sorriso em Catherinella, a expressão de um furtivo reconhecimento com que ela contemplava a rainha negra de túnica de ouro.

Não sei o que tornara a imagem negra. Algum defeito no pigmento, talvez, ou as manchas de fumaça das velas que geralmente queimavam diante dela, embora não durante a Quaresma, impedindo-nos de enxergar sua verdadeira aparência. Talvez, no passado, os fiéis tivessem podido tocar nela, e seu rosto havia escurecido do suor das palmas dos visitantes, da sujeira das

moedas, ou do hálito fétido dos pedintes. Pois, aos olhos do Pai, somos todos pedintes. Mas sua negritude me confortava; fazia-me achar que havia um lugar, afinal, na casa do Deus cristão para singularidades como Catherinella e eu. Lembrava-me de que Maria era uma mãe judia como a minha, algumas vezes beatífica em sua abnegação e, às vezes, sem dúvida, especialmente nos dias de fazer conservas ou quando a roupa se recusava a secar, uma pessoa repreendedora. Ela talvez me censurasse pelos nós nos cabelos ou por algum buraco na meia, mas eu podia recorrer a ela.

Eu falaria com ela sobre Angela. Mas não o fiz. Com a recomendação de Giulio ainda fresca na mente, permaneci diante do pequeno ícone em seu nicho profundo e pensei em Cesare. Então talvez tudo que aconteceu em seguida tenha sido culpa minha, porque rezei as orações erradas, e a Madona negra as escutou e resolveu atendê-las.



A saúde de Angela piorou. Quando já não conseguia encontrar uma veia para sangrar, *ser* Pandolfo aplicou ventosas nas costas dela. Mas, quando as queimaduras começaram a infeccionar, Giulio expulsou-o. Angela entrava e saía do estado de lucidez, seu cérebro febril numa marcha desenfreada que lutávamos para acompanhar. Ela pedia água e depois nos acusava de lhe dar escorpiões que ferroavam seus lábios. Via grades de prisões nos raios de sol que atravessavam as venezianas e refletiam listras em sua cama. Os fantasmas de seus pais há muito mortos encontravam-se nas sombras que dançavam nas paredes quando acendíamos as velas. Disse que havia bebido o perfume da mãe, que podia sentir o cheiro na garganta, e agora a mãe estava zangada e enfiava os dedos esqueléticos no estômago da filha para pegar o perfume de volta. Sua mãe gritava porque o bebê na barriga de Angela arrancara a ponta do dedo dela com uma mordida.

— Ela está morrendo — sussurrou Giulio, as lágrimas banhando seu rosto.

— Devíamos mandar avisar dona Lucrezia — eu disse.



O portador de archote abriu a porta e afastou-se para o lado, virando a cabeça na direção oposta ao quarto, seu rosto contraído de repugnância. Dona Lucrezia passou por ele sem desacelerar o passo, trazendo para nosso cômodo escuro e fétido os odores do ar fresco, dos cavalos e da poeira quente. Notei alarmada que ela usava uma calça de montaria veneziana, com esporas presas às enormes botas e um chicote curto na mão enluvada. Sem dúvida, era louca de cavalgar em velocidade, esperando um filho que deveria chegar em cinco meses. Fazia menos de 24 horas desde que o mensageiro de Giulio havia deixado Belriguardo. De qualquer forma, dom Alfonso ainda estava no estrangeiro e não precisaria tomar conhecimento desse fato.

— Graças a Deus você chegou rápido. — Giulio levantou-se de um salto para recebê-la, de modo que imediatamente ficou na sombra, e somente seus braços, estendidos para segurar as mãos de dona Lucrezia, cujas unhas haviam sido roídas até o sabugo, eram visíveis no brilho amarelado da lamparina da mesinha de cabeceira de Angela.

— Há quanto tempo ela está assim? — Dona Lucrezia fez um grande esforço para parecer calma, mas um tremor em sua voz deixou claro como ela estava abalada e irritada por não ter sido chamada antes.

— Ela recebeu o máximo de cuidado possível de nós. Mas muitos dos serviçais estão doentes, os médicos também.

— Claro que vocês foram maravilhosos — disse dona Lucrezia mais gentilmente, como se acalmasse uma criança assustada. Ela sentou-se ao lado de Giulio na cama de Angela e alisou os cabelos emaranhados da prima, afastando-os da testa. — Mas agora você precisa descansar para que ela possa ver seu rosto sorridente assim que voltar à consciência. Violante e eu tomaremos conta dela para

você. — Afinal, damas de companhia são apenas serviçais em roupas elegantes, não precisam dormir.

Giulio levantou-se, mas parecia não saber o que fazer. Dirigiu-se à porta, mas hesitou.

— Eu amo Angela, Lucrezia. Se ela se recuperar, eu gostaria muito de sua permissão para me casar com ela.

— Mesmo ela...?

— Ela tendo perdido o bebê.

— Era seu?

Ele balançou a cabeça com um ar de tristeza.

— Eu nunca a quis como amante. Mas teria sido bom. Para mim, tudo em Angela é precioso. Tudo. — O amor em seus olhos ao lançar a vista para a cama me encheu de afeição por ele, mas uma afeição aguçada pelo ciúme, assim como o vinagre faz ressaltar o sabor adocicado dos morangos.

Será que meu amado pensaria e falaria da mesma maneira sobre mim? Quando viesse para Ferrara? Pois ele certamente viria. E, por um breve instante, na luz incerta, cansada, eu vi os olhos dele, vigilantes e negros, no lugar dos de Giulio, os ângulos do rosto dele sobrepostos ao rosto oval e angélico do rapaz, aquela cabeleira farta e avermelhada cobrindo os cachos louros e macios. Pisquei e lá estava Giulio novamente, sua mão apoiada na maçaneta da porta enquanto chamava em voz alta um dos rapazes que portavam tochas.

Mal havíamos trocado os lençóis quando ouvimos passos no corredor. Pensando que poderia ser Giulio voltando, abri a porta. Empurrando-me para o lado com tanta força que eu caí de joelhos, o duque Ercole entrou no quarto. Dona Lucrezia já começara a apagar as velas, pois o céu clareava, passando de cinza para azul, e escutávamos os primeiros trinados dos pássaros. Sob a luz acinzentada, o rosto do duque parecia muito velho, suas faces amareladas e caídas, seu pescoço de tartaruga, acima da gola de seu robe, cheio de pregas e dobras.

— Quando acordei e perguntei o motivo da agitação, desejei que meu empregado estivesse enganado — disse ele, seus olhos pálidos fixos em dona Lucrezia, absorvendo cada detalhe da roupa manchada dela, de seus cabelos desalinhados e de suas delicadas feições mostrando sinais de exaustão. Ele falara com certa calma, mas então sua voz aumentara e tornara-se ríspida de indignação. — Como pôde ser tão irresponsável? A senhora não é uma mulher ignorante. Deve estar ciente de que há uma razão, uma única razão, para tolerarmos a senhora nesta casa, e é a de ter provado sua capacidade de parir filhos saudáveis.

Vi *madonna* se encolher, ferida, sem dúvida, pela lembrança de seu querido Rodrigo, a centenas de quilômetros de distância, em Nápoles, na casa de sua tia, a princesa Sancha. Mas tudo o que disse foi:

— Eu pensava que havia outra.

— Hein? — disse o duque, aguçando o ouvido.

— Eu pensava — repetiu *madonna*, elevando a voz — que o filho de meu pai fosse um fator tão importante em meu casamento quanto qualquer possível filho meu.

Senti meu coração se abalar e desviei a vista. Aquilo era como ser forçada a presenciar um ritual de tortura, em que a vítima e o torturador mudavam de posição num tipo de dança macabra. Meus olhos foram atraídos por um espelho de prata pendurado na parede, em cuja superfície irregular eu via, não meu próprio reflexo, mas o de dona Lucrezia, embora tão reduzido a luzes e sombras que parecia mais um esboço preliminar de suas feições do que seu rosto propriamente dito, um contorno feito com uma caneta de prata, dominado por olhos cavernosos e queixo rígido e desafiador. O rosto dela? Ou o de Cesare? Um perfume de jasmim penetrou o cheiro fétido da doença, transportando-me para o jardim de Urbino.

— Acha que precisamos da proteção de um general que monta um cavalinho de brinquedo como seu irmão, senhora? Nós, os Este, que somos soldados há duzentos anos?

Dona Lucrezia deu de ombros.

— Há mulheres de berço mais nobre do que o meu que poderiam ter dado filhos a dom Alfonso, embora poucas tão ricas, eu admito. No entanto, o senhor concordou de bom grado com a proposta de meu pai. E, embora eu tenha me esforçado para ser uma boa esposa para ele e uma boa filha para o senhor, o senhor deixou bem claro que não demonstra qualquer afeição pela minha pessoa. — Uma mulher menos digna poderia ter apelado para as lágrimas neste ponto, ou explicitado a ameaça de Cesare de forma mais clara, mas dona Lucrezia não fez nenhuma dessas duas coisas. Ela meramente deixou as palavras no ar para que o duque as interpretasse como quisesse. Liberada do feitiço do espelho, eu o observava virar-se de um lado para o outro, dividido entre a ganância, o medo, e uma relutante admiração pela nora. Então ele pareceu ter encontrado uma saída para a armadilha que ela preparara para ele.

— Se a senhora pelo menos cedesse um pouco mais em certas questões... — Seu tom passara a ser persuasivo; sua raiva, suprimida. — As pessoas a seu serviço, por exemplo, a adequação de suas companhias. — Seu olhar deslizou como um lagarto em direção a Angela, cujos dentes haviam começado a bater convulsivamente, apesar do calor da manhã e das cobertas que estavam sobre ela. Saí na ponta dos pés, esperando que o duque não me notasse. Precisava ir buscar braseiros e mais cobertores para fazer Angela suar e livrar-se da febre. Porém, com um movimento da mão aberta, ele me deu ordem para que eu ficasse onde estava.

Dona Lucrezia ergueu o queixo e tirou os cabelos da testa.

— Ela estava carregando seu neto também, Vossa Graça.

Fechei os olhos. Talvez se eu não visse o que estava se passando, a cena não ocorresse de fato. A voz de *madonna* parecia incorpórea, soando como lâmina no gelo, cortando os gemidos de Angela e o tolo canto dos pombos nos jardins.

— Eu tive tanta consideração pelos Este como por minha querida prima ao procurar ajudá-la.

Abrindo os olhos novamente, vi a mão do duque Ercole abrir e fechar como se tentasse estrangular uma cobra.

— Lembra-se do dia em que chegou aqui?

— Não faz muito tempo, Vossa Graça.

— Eu lhe mostrei o lugar onde a duquesa Parisina foi executada por infidelidade com o filho adotivo. Aquilo não foi por divertimento, senhora, foi para a sua edificação e a de suas... damas. — Ele cuspiu a palavra, impregnada de sarcasmo, em direção a Angela. Os olhos dela, semicerrados, se reviraram nas órbitas, embora eu tenha certeza de que Angela não havia escutado uma palavra do que ele disse.

— E a quem, exatamente, a minha prima foi infiel? Nem dom Giulio nem Sua Reverência, o cardeal, são casados, embora o cardeal, eu lhe asseguro, devesse saber melhor o que estava fazendo.

O duque bufou.

— Isso é esplêndido, vindo da filha do papa.

Eu esperava que ela não dissesse nada sobre as honrosas intenções de Giulio, nem os verdadeiros sentimentos de Angela por ele. Algo me dizia que o humor do duque em nada melhoraria diante da perspectiva de uma segunda nora vinda dos Borgia. Eu não precisava ter me preocupado.

— Mas bom o bastante para seu filho e herdeiro, Vossa Graça. Talvez as questões morais dele importem menos para o senhor do que as do cardeal. Por meio de um, o senhor assegurará sua posição na terra, e do outro, comprará seu lugar entre os santos. — Ela lançou um olhar ao ventre com um sorriso resignado e falou, como se estivesse se dirigindo à criança lá dentro: — Bom, nós todos somos usados por nossos pais. É assim a vida. Mas, às vezes, penso que somos mais como as cartas de um baralho do que como o dinheiro que está em jogo. Temos nosso próprio destino, independentemente dos jogadores. Você, meu pequeno, tem o seu, que não depende do meu, até mesmo antes de o cordão ser cortado entre nós. O que acha, Vossa Graça?

O duque pigarreou e olhou para os pés. Talvez tenha até enrubescido, embora fosse mais a cor natural da pele lhe voltando

às maçãs do rosto acinzentadas, e era provável que tivesse sido mais devido ao aparecimento do sol do que a qualquer embaraço de sua parte. Mas dona Lucrezia havia lançado um trunfo e ainda guardava seu ás no ventre. Quem mais poderia dar um herdeiro ao duque além de dom Alfonso? Ippolito, o noivo da Igreja? O doente da cabeça Sigismondo? Ou Ferrante com seu harém de rapazes? Somente Giulio, e ele não era filho legítimo.

— Do que a senhora precisa? — vociferou o duque, girando a cabeça de forma a me incluir na pergunta. — Vou mandar buscar ajuda. Alguém para ficar com dona Angela enquanto a senhora descansa um pouco. A senhora precisa descansar — insistiu ele, encarando dona Lucrezia.

— Tem razão, pai, mas talvez mais tarde o senhor possa aceitar ir comigo falar com a irmã Osanna. Meu astrólogo me garante que terei um filho homem, mas eu gostaria de ter a opinião da irmã. — O sorriso dela era doce como o sumo de uma uva.

O duque Ercole correspondeu ao sorriso, e somente eu vi os ombros de dona Lucrezia arriarem depois que ele saiu e fechou a porta.

— Pode ir para o seu quarto agora — eu disse. — Eu fico com Angela.

Ela bocejou e concordou com um aceno de cabeça, como uma criança dócil devido ao cansaço. À porta, ela parou, levando as mãos às costas e aos cordões do corpete.

— Não consigo...

— Deixe que abro a parte de cima, *madonna*, depois a senhora pode fazer o resto.

— Violante? — chamou ela olhando para trás, enquanto eu desfazia os laços.

— Sim, *madonna*?

— Em que língua você sonha?

— Eu... não sei, *madonna*. Não consigo me lembrar de nenhuma.

— Eu sonho em catalão. Estranho, não é, considerando que eu nasci na Itália? Angela é a única pessoa próxima a mim que também

sonha em catalão. Quer dizer, que mora perto de mim. — Então percebi que havia outra.

Quando ela saiu do quarto, fechei as janelas para impedir o ar fétido que subia dos pântanos com o sol. Parei para ajeitar as cobertas em torno de Angela, que tremia, e fui em busca de um empregado para buscar as coisas de que eu precisava. Encontrei um rapaz dormindo embaixo da escada na base da Torre Marchesana, acordei-o com um chute e pedi que apanhasse incenso e braseiros cheios de caroços de azeitona, os muitos que dom Alfonso usava para acender seu forno da olaria. Os caroços de azeitona mantêm o calor por mais tempo do que as cinzas da lenha. Seu olhar vago e sonolento me inspirou pouquíssima confiança de que ele cumpriria minha ordem. Então me lembrei de que Mariam havia colocado alguns “itens de primeira necessidade” no fundo de meu baú quando deixei minha casa para ir para o Santa Maria in Portico. Itens como pomadas e suspensões em pequenos frascos azuis e ervas secas em envelopes de linho haviam ficado onde ela os colocara porque, embora eu parecesse frágil, de estrutura óssea pequena e pele clara, minha saúde era forte e nunca precisei deles. Era possível que eu encontrasse entre eles alguma coisa que servisse para reduzir a febre.

Mas eu estava tão cansada que minha mente parecia vazia e, quanto mais fundo eu mergulhava em minha memória buscando a utilidade deles, tanto mais ilusórios esses remédios caseiros pareciam ser. Só consegui identificar a lavanda e espalhar algumas folhas esmagadas sobre o travesseiro de Angela para ajudá-la a dormir em paz. Na ansiedade de pôr de volta na mala o restante dos mistérios de Mariam para que eles não permanecessem em minha visão e me fizessem lembrar de minha incompetência, derrubei um dos frascos, deixando cair a tampa, de modo que o conteúdo se derramou na base de meu baú. Eu me joguei em direção à carta de Cesare, mas o frasco continha uma substância viscosa que se espalhou lentamente sobre o forro de seda vermelho. Óleo de cravo, pensei enquanto endireitava o frasco, inalando seu vapor temperado que recendia a madeira; bom para dor de dente. Fiquei curiosa para

saber, com a carta amassada em minha outra mão, se Mariam havia providenciado algum bálsamo para um coração machucado.

Embora fosse dia claro e a vida no castelo estivesse em plena atividade fora da porta do quarto e das janelas fechadas, meu corpo dizia que era noite, e minha mente reagiu a isso com aquela verdade nua que pode nos manter despertos durante as horas de escuridão. Haviam se passado quase seis meses desde que eu vira Cesare pela última vez e, naquela ocasião, ele passou por mim sem me lançar um olhar sequer, enquanto nosso grupo esperava para partir em cavalgada, saindo de Porta Pinciana. Eu deveria admitir a mim mesma que não significava nada para ele, nada além de uma moça bonita, aturdida pela beleza e pelo alto posto dele. Eu via moças como capim alto, e Cesare andando em meio a elas com uma foice na mão, ceifando algumas e esmagando outras embaixo da sola de suas botas pretas de cano alto.

Entretanto, eu tinha a carta dele, na qual ele dizia com clareza que, se viesse a amar alguém, seria eu. Eu não me perguntava exatamente por que ele não era livre; satisfazia-me com ideias vagas que diziam respeito ao fato de ele ser casado e ser um soldado, sujeito à morte e à invalidez a qualquer momento. Uma verdadeira amante precisa entender essas coisas. Deve ter paciência e tolerância, e não atormentar o amante com exigências, nem querer prendê-lo. E, se ele não estava livre para me amar, também não estaria livre para amar nenhuma outra mulher. La Fiammetta, ou a sequestrada Dorotea Caracciolo. Então, levei um banco para o lado da cama de Angela e, com a carta na mão, passando meu polegar sobre a folha amassada, sentindo as dobras e os traços denteados de sua caneta no pergaminho, recompus-me para esperar que minha sorte mudasse.

Devo ter dormido, pois a próxima coisa que ouvi foi uma voz, baixa e rouca, sussurrando ao meu ouvido com a insistência de uma lima.

— Violante? Violante?

Acordei subitamente e olhei para Angela. Seria o assobio da morte que atravessara meu estado de exaustão e semiconsciência? A noite

caíra lá fora, e forcei a vista para enxergá-la.

— Por que você não está em Belriguardo? — perguntou ela, sua voz, embora fraca, soava perfeitamente lúcida. — Ou você também foi desonrada como eu, por associação? — Ela se esforçou para sorrir, mas franziu o cenho quando o esforço fez seus lábios racharem. Por um momento, não consegui falar; fiquei ali com lágrimas de alívio e autopiedade, abaixando a cabeça, com a carta de Cesare apertada na mão.

— O que é isso? — Angela persistiu, olhando ora para meu rosto molhado, ora para a carta. — Ele escreveu de novo? Disse alguma coisa que deixou você chateada?

— Você esteve doente. É por isso que estou aqui. Giulio enviou uma mensagem dizendo que você estava morrendo. Dona Lucrezia voltou... ontem, eu acho. Eu devo tomar conta de você e me considerar apenas... — Não consegui dizer mais nada. Precisava acender as velas, dar água à paciente, pois sua garganta estava seca, verificar os braseiros, os lençóis, os travesseiros dela... Mas por onde começar?

— Tem água aqui? — perguntou ela, como se me instigasse a agir. — Minha boca está com gosto do chão de um chiqueiro.

Eu servi a água e levei o copo à boca de Angela.

— Quer dizer que a terrível contemplação da morte não ajudou você em nada a limpar sua língua?

Angela bebeu um gole e deitou-se de volta nos travesseiros.

— Você disse que Giulio esteve aqui? — perguntou ela com um sorriso que parecia penetrar todos os cantos de seu rosto fino e pálido. — Sabe, não me lembro de quase nada, somente de ter visto o rosto dele o tempo todo. Eu tive sonhos da cor dos olhos dele à luz do dia, à luz da vela, e ele cheirava a mel.

Eu já ouvira falar de pessoas que haviam chegado tão perto da morte quanto a navalha de um homem se aproxima de seu rosto e de como viram a luz do paraíso no fim de um longo túnel e exalaram o perfume da terra de leite e mel.

— Giulio tomou conta de você sem cessar até *madonna* chegar. Ela mandou que ele fosse para a cama. Ele estava exausto. Quer que mande alguém avisar a ele que a crise já passou?

— Ainda não. Eu devo estar com uma aparência horrorosa.

— Você sabe que isso não importa para Giulio.

— Ele não pode vir me ver — falou ela, dando um fim ao assunto. E depois acrescentou: — Mas sinto falta dele.

— Você pensa que ele não viu você num estado pior do que esse, quando estava delirando? Ele cuidou de você com o carinho de uma mãe. — No instante em que falei isso, pensei em como aquela frase era idiota, sem sentido. As mães são rígidas e irritadiças, frustradas porque não podem viver a vida dos filhos por eles e cometer os erros por eles. As mães morrem. — E ele não vai aceitar facilmente que você se recuse a falar com ele. Vai pensar que está sendo rejeitado.

— Como pode ser tão sábia e engenhosa sobre a vida do meu coração quando você mesma é esmagada como uma mariposa na luz quando se trata do seu?

Eu não sabia. Como poderia saber?



Angela se recuperou rapidamente quando a febre cedeu, e havia planos para a corte de *madonna* ser transferida para Belfiore. *Madonna* tinha esperanças de retornar a Belriguardo, ou à casa de verão em Medelana, mas, apesar de os médicos de Ippolito afirmarem que qualquer um dos dois seria ideal para a recuperação de Angela, os médicos de Giulio recomendavam uma viagem mais curta. Belfiore, situado numa ilha no Barco, no interior da cidade, mas longe do calor e do ar viciado do antigo bairro que circundava o castelo, foi o lugar escolhido. Além disso, o duque já dera permissão a Pietro Bembo para ir a Belriguardo, para que ele pudesse trabalhar em paz em seus versos, e a musa de um poeta de tamanha importância não deveria ser espantada por mulheres tagarelas e suas criadas.

Na tarde de nossa viagem, a fachada de mármore branco do Belfiore refletia-se tão perfeitamente nas águas paradas do lago que parecia uma cópia submersa do palácio, uma réplica construída por meticulosas nereidas. Porém, *madonna* demonstrara aversão ao lugar, mesmo antes de chegarmos, porque nele havia várias salas decoradas com afrescos que celebravam as realizações da mãe de seu marido, a duquesa Eleonora. Não se incomodava, explodiu *madonna* um dia, de lembrar-se de que a duquesa era espanhola e também integrante da casa de Aragão, como ela. Porém, ficava perturbada e de estômago embrulhado por viver entre constantes lembretes da superioridade da duquesa no xadrez, na música e na dança. Então ela riu. Parecia se sentir superior com relação a se banquetear; aparentemente a duquesa fora muito gorda, como a filha, dona Isabella.

— Você acha — sussurrou ela, falando bem baixo enquanto percorríamos aquelas salas, que se estendiam pelo lado oeste do palácio e brilhavam agora na última glória do sol antes de ele mergulhar no lago — que o velho Ercole tinha que transar com ela como fazem os cachorros? Ou acha que ele era homem suficiente para superar aquela enorme barriga? — Ela se tornara extremamente familiar comigo desde a doença de Angela, acreditando que, de alguma forma, eu a curara.

Eu ri.

— Qual é a graça? — perguntou Angela, virando-se na cadeira de rodas em que eu a empurrava. — Ah, eu odeio ficar presa aqui embaixo com os cachorros e os anões!

Inclinei-me e lhe disse, acrescentando:

— Você e *madonna* devem saber mais sobre os homens da família Este e do que eles são capazes do que eu, minha querida.

Angela lançou-se numa vigorosa defesa de sua virtude no que dizia respeito a Giulio, o que fez a prima rir alegremente e soltar informações íntimas sobre dom Alfonso como um meio de levar Angela a fazer suas próprias revelações. Nossas risadas abalaram a rotunda duquesa Eleonora e sua corte. Um ruído de zombaria vulgar se aproximava de nós pela galeria, e logo surgiu uma procissão de

empregados carregando nossa bagagem da flotilha de barcos atracados ao cais do palácio. Angela deu uma gargalhada, mas dona Lucrezia lhe disse para se acalmar antes que ficasse doente outra vez. Os empregados eram tão sem importância quanto as paredes e também não escutavam direito. Uma afirmação falsa, pensei, vinda de uma mulher que fora criada em meio às intrigas labirínticas do Vaticano.



A primavera deu lugar ao verão e nos estabelecemos em Belfiore. À medida que o bebê crescia em seu ventre, dona Lucrezia ficava mais forte, mais confiante de chegar ao fim da gravidez e de dar a dom Alfonso o filho que consolidaria sua posição como a legítima herdeira da ubíqua duquesa Eleonora. Ela brincava que estava adquirindo a circunferência da sogra, ou talvez a do elefante cuja visita a Ferrara foi celebrada nas paredes da Sala del'Elefante.

Angela também começou a recuperar a saúde, embora esse fosse um processo lento, de tão enfraquecido que seu sangue ficara com a febre que se seguiu ao aborto. Ela continuava magra e débil. Conseguia se alimentar apenas de caldos e cremes, e precisava de muito descanso. Nossa rotina era tranquila. Fazíamos piqueniques no lago, ouvíamos música no jardim ao anoitecer, as notas flutuando no ar, impregnadas do perfume das damas-da-noite e dos heliotrópios, e também das velas aromatizadas que acendíamos para afastar os mosquitos. Jogávamos cartas, criávamos máscaras e trocávamos piadas com Gatto, Perro e La Fertella. Por ser uma casa só de mulheres, excetuando-se os palhaços, os nossos capelães e Fonsi, o cãozinho, passávamos a maior parte do tempo andando de um lado para o outro informalmente, em roupas soltas, nos armando com espartilhos somente para algumas ocasiões formais.

Dom Alfonso ficara na corte francesa, portanto nosso único visitante regular do sexo masculino era Giulio, que teria se hospedado no palácio, tenho certeza, se o pai dele tivesse permitido. Assim, ele raras vezes aparecia acompanhado, nem mesmo por remadores para atravessar o lago e ele entrava discretamente pelo

antigo píer no lado da cidade onde as carcaças das aves eram despejadas após as caçadas no Barco. Angela estava convencida de que o pequeno barco de Giulio viraria com a mínima brisa e de que ele ou se afogaria ou seria devorado pelos enormes vermes com que o duque Niccolo enchera o lago na época em que este ficava fora dos limites da cidade e formava parte de suas defesas. Angela acreditava na história dos vermes com uma convicção inabalável, a despeito da grande variedade de peixes que o lago oferecia e que era servida à mesa nos dias de jejum. Sua doença a tornara ingênua, e a hostilidade que ela e Giulio haviam despertado ao se apaixonarem a deixara convencida de que o mundo inteiro conspirava para fazer mal a ele.

Há um tipo de amor febril, lisonjeiro, que vê o ser amado como incrivelmente frágil, incapaz de suportar as agruras e os tropeços da vida. Tal amor era tão corrente quanto a febre palustre naquele verão.

Sentada no terraço no topo do telhado uma manhã, trabalhando na minha parte da toalha do altar que dona Lucrezia prometera para a catedral num gesto de gratidão pela recuperação de Angela, desviei por um instante a vista do bordado para descansar do trabalho minucioso e vi Angela e Giulio no jardim. O terraço era voltado para o norte e o leste, direções opostas a Ferrara, de modo que não fora possível avistar o barco dele atravessando o lago daquele ponto alto. Angela estava deitada num banco de mármore acolchoado à sombra de um castanheiro. O rosto dela ficava ora encoberto, ora descoberto pelas folhas que balançavam na árvore movidas pela brisa matinal que vinha do lago. Giulio encontrava-se no braço do banco, com um livro aberto no colo. As joias na capa cintilavam de vez em quando, sempre que ele erguia o livro e lia para ela, eu suponho. Talvez tenha sido por isso que a cena atraía meu olhar.

Invejei a sorte simples de Angela de poder sentar-se num jardim ensolarado e ouvir a leitura feita por seu amado, sentir o odor do sol sobre os cabelos de ambos e o calor do corpo dele preenchendo o pequeno e complicado espaço entre os dois, saborear a cadência

singular da voz de Giulio. Com uma sensação que parecia de infidelidade, percebi que não me lembrava mais da voz de Cesare. E, quanto mais eu tentava trazê-la de volta, tanto mais a lembrança se desfazia em pedaços, do mesmo modo que os antigos tijolos mouriscos em Toledo costumavam se despedaçar quando nos recostávamos neles, manchando-nos as mãos ou as saias do vermelho do deserto, os prédios antigos desgastados pela saudade que os homens que os construíram sentiam de seu lar.

— Deixe de lado o trabalho, Violante. Descanse a vista. — Foi somente quando dona Lucrezia falou comigo e os músicos que estavam tocando o alaúde e a teorba fizeram uma pausa que notei que meus olhos estavam cheios de lágrimas, e *madonna* deve ter percebido que eu os esfregava. As costas da mão com a qual eu segurava a agulha estavam úmidas; eu precisava secar os olhos, ou deixaria uma mancha de lágrimas na toalha do altar.

— Está bem, *madonna*. — O sorriso leve e bondoso dela flutuou em minha visão.

— Vá e chame a prima Angela. A convalescença dela a está deixando preguiçosa. — Um riso educado soou do restante das mulheres, indo de uma para a outra como o voo de uma borboleta.

— Está bem, *madonna*.



Quando cheguei ao jardim, após descer quatro lances de escadas com Fonsi correndo atrás de mim, Angela e Giulio já não estavam mais sozinhos. O cardeal Ippolito havia se juntado a eles, o vermelho-escarlata de sua túnica pulsando sob a luz do sol. Giulio havia posto o livro de lado e se levantara para enfrentar o irmão. Era óbvio que os dois homens estavam discutindo. Sem querer participar de uma briga de família, apanhei o cãozinho e me pus atrás de uma treliça com uma madressilva, nos limites do jardim. Não pretendia escutar às escondidas, mas era impossível não ouvir as vozes alteradas.

— Não atravesssei o lago neste calor para ser ignorado — gritou Ippolito, com um tom, eu imaginava, que ele devia ter usado na infância, quando contrariado pelos irmãos e irmãs. — Nosso pai está chamando você de volta a Ferrara.

— Ah, ele está sempre tentando me afastar daqui. Ele não está falando sério. — Giulio parecia despreocupado; nada importava para ele naquele verão a não ser Angela e o restabelecimento da saúde dela.

— Desta vez, ele está. Uma missão diplomática chegou de Florença. Haverá um conselho familiar.

— Bom, eu não sou bem da família, não é? É uma reunião com você que ele quer, e com Ferrante, provavelmente até com Sigismondo antes de chegar a me consultar.

A batina de Ippolito sibilava em contato com o caminho de cascalho enquanto ele andava de um lado para o outro.

— Deixe de ser petulante, Giulio. Você sabe que ele ama você.

— Claro que me ama. Ele amava minha mãe muito mais do que amou a sua, atrevo-me a dizer. Mas isso não significa que valorize a minha opinião. Nas minhas veias não corre o sangue real dos Aragão.

— Giulio, preciso falar com você em particular.

Giulio riu, um riso duro, pouco característico, que fez Fonsi ganir e se mexer em meu colo.

— É claro que nós três não temos segredos um para o outro.

— Giulio... — A voz de Angela soou fraca e triste.

— Estou falando sério. Tudo o que quiser me dizer, pode dizer na frente de dona Angela.

— Angela... minha querida. — A expressão de carinho parecia não se adequar aos lábios de Ippolito. Fiquei surpresa, porque parecia que aquela discussão não era de fato sobre se o duque Ercole havia convocado ou não uma reunião com todos os filhos e o embaixador de Florença. — Não é que eu queira guardar segredos de você... afinal, nós... sofreremos juntos. — Suas palavras pareciam ter sido arrancadas de um arbusto espinhento. Uma vez mais, Giulio riu e o

cão se mexeu em meus braços. — Não é você — continuou Ippolito —, mas a sua... família.

Agora foi a vez de Angela rir, sua voz soando mais forte do que eu ouvira fazia semanas, pensei.

— Ah, entendo — disse ela, seu tom acalorado como o sol em minhas costas. — O que ele fez dessa vez, então, aquele meu primo? Invadiu Florença?

Ouvi um barulho de briga entre os dois homens, grunhidos de dor e um grito contido de Angela, mas não me atrevi a olhar de meu esconderijo. Aquela conversa havia ido longe demais para que minha escuta às escondidas fosse interpretada como acidental ou inocente.

— O que você sabe? — perguntou Ippolito. — O que ele lhe disse?

— Tire as mãos dela — gritou Giulio.

— Nada — disse Angela. — Você é mais tolo do que eu imaginava, se acredita que Cesare confia em mim. Ele guarda tão bem suas ideias como um judeu a sua carteira.

Estremeci.

— Está vendo? — escarneceu Ippolito. — Ela gosta de um tratamento um tanto ríspido. Serve meramente para diminuir o juízo.

Houve um murro seguido de um silêncio que se prolongou um pouco demais. Coloquei a mão sobre o focinho de Fonsi para silenciar seu ganido.

— Droga, isso é um dente — disse Ippolito, com uma fala indistinta como a de um velho que sofreu um colapso cerebral.

— Ah, Giulio, agora como você vai tocar o alaúde para mim? Olhe para as articulações dos seus dedos. Deixe que eu jogue água nelas.

— Pergunte a nossa nova duquesa, Ippolito; ela tem mais cartas do irmão dela do que do nosso. Nelas ele deve contar alguns dos planos que tem, pois o que mais ele deseja na vida senão devorar a Itália?

— Você acha que ele tomaria alguma medida enquanto Alfonso e nosso cunhado Gonzaga estão na corte francesa? Você é um tolo.

Ele depende de Luís para manter metade de seu exército e ter o dinheiro para remunerá-los.

— Mesmo que Alfonso e Francesco sejam ouvidos por Luís, dizem que o duque Valentino está disposto a cutucar partes mais persuasivas do rei.

— Pura asneira. Meu falecido primo Juan, talvez, mas Cesare, não.

— Eles dizem? — insistiu Ippolito, sem tomar conhecimento da defesa da virtude de Cesare feita por Angela. — E quem são eles? As copeiras de Ferrante?

Como uma truta gorda de pelos, Fonsi se retorceu em meus braços, pulou no chão e saiu correndo o mais rápido que suas pernas curtas permitiam em direção a Angela e Giulio. A única coisa que eu podia fazer era segui-lo e esperar que eles não percebessem que eu havia escutado toda a conversa. Angela abaixou-se para apanhar o cãozinho, mas ergueu a vista para mim. Embora os olhos dela estivessem ensombreados pela aba larga do chapéu que a protegia do sol, notei de imediato, pela intensificação das linhas que contornavam sua boca e que haviam se desenvolvido durante a doença, que ela sabia que eu ouvira tudo.

— Desculpe — sussurrou ela. — Pela piada sobre os judeus — explicou, ao perceber minha expressão interrogativa.

Eu me inclinei para pegar o cachorro. No momento em que o rosto dela e o meu estavam separados apenas pela aba do chapéu, eu perguntei:

— Por que isso me ofenderia? — Empertiguei-me e vi Giulio me fuzilando com o olhar, apoiando as articulações machucadas dos dedos na palma de sua outra mão.

— Ela deve ter ouvido tudo — disse Giulio ao irmão, que se aproximou dele friccionando o queixo, que de tão inchado deformara sua elegante barba. O sangue que saía de sua boca deixou uma mancha mais vermelha no peito escarlate da batina. Passando direto por Giulio sem um olhar sequer, Ippolito se aproximou tanto de mim que eu sentia o cheiro de sangue em seu hálito.

— Você é a espiã de Valentino, menina? — Suas palavras saíram enroladas, como as de um bêbado, de sua boca deformada. Temerosa de que ele colocasse as mãos em mim, segurei Fonsi à minha frente como um escudo; pelo menos seus dentes eram afiados e seu temperamento, possessivo. Na hora certa, o cachorrinho deu um rosnado agudo, um som como arroz chocalhando num prato de metal, e vi um riso brotar dos olhos de Ippolito. Os lábios dele contraíram-se; ele recuou e me deu as costas. — Tenha certeza de que vou ficar de olho em você de agora em diante. E, se você estava pensando em falar com ele, lembre-se de como é fácil para um mensageiro se perder entre nossos pântanos. Você faria muito bem em dizer isso a sua senhora. Giulio, o barco partirá dentro de dez minutos. Esteja lá.

Virei-me em direção à casa, mas Giulio, ignorando a ordem do irmão, colocou a mão pesada sobre meu ombro e me forçou a dar meia-volta e encará-lo. Fonsi latia numa espécie de frenesi. Angela tirou-o do meu colo, alisando-lhe a cabeça e falando com ele amorosamente, até que ele ficou quieto e se acomodou em seus braços.

— É verdade?

— Que eu sou uma espiã do duque Valentino? Não, Giulio, não é. — Até então eu flutuava numa espúria alegria, lisonjeada por Ippolito ter imaginado que Cesare confiaria em mim o suficiente para espionar para ele. Agora que Giulio resolvera examinar essas possibilidades, ficou muito claro como aquela era uma sugestão absurda. — Ele poderia invadir Ferrara hoje à tarde e eu muito provavelmente só ficaria sabendo na próxima semana — acrescentei, sentindo uma onda de melancolia espalhar-se por meu corpo. A preocupação nos olhos de Angela, aqueles olhos dos Borgia, me fez sentir pior.

— Mas você viu as cartas dele para a duquesa? — persistiu ele.

— Ela vê tanto essas cartas quanto o restante de nós — apressou-se em dizer Angela. — Vê o pergaminho enrolado e um selo vermelho pendurado numa fita roxa. O que se passa entre minha senhora e o irmão ninguém sabe. — Achei que ela estivesse

mentindo, mas não sabia sobre o quê, e fiquei agradecida por sua intervenção, que me fazia parecer menos tola. Anuí com a cabeça.

“Agora precisamos cuidar de sua mão antes que ela fique totalmente rígida.”

Com um trocadilho infame sobre extremidades enrijecidas, Giulio acedeu em ser levado, e eu voltei para meu bordado, com Fonsi agora relaxado andando em meu encalço. Quando Angela e Giulio foram engolidos pela densa sombra da arcada que se prolongava por toda a extensão da Sala del’Elefante, de súbito o jardim pareceu terrivelmente vazio. Nem mesmo o ruído de um carrinho de mão ou o som da tesoura aparando as plantas interromperam o silêncio esmagador. Não havia brisa para fazer cócegas no lago, ou fazer sussurrar os castanheiros, e não havia o canto dos pássaros, que se abrigavam do calor do dia. Daquele lado da casa, eu não ouvia sequer os barulhos da cozinha na preparação da refeição. Eu estava mergulhada numa masmorra de calor brilhante, o sol martelando minha cabeça e esaldando meus pulmões a cada respiração, as pontas do meu espartilho esfolando a pele sob meus braços, no lugar em que minha combinação ensopada de suor se embolava como algodão molhado.

A mim, não importava que Cesare invadisse Florença, Milão, Veneza ou o próprio Sacro Império Romano. Eu só desejava que ele levasse a cabo o que quer que houvesse planejado, viesse para cá para encher essa corte ferrarense monótona de piadas, intrigas, música espanhola e carteados a noite toda. Eu subiria pessoalmente naquele castanheiro para colher o fruto espinhento em troca de uma oportunidade de vê-lo jogar a cabeça para trás e rir diante da cena de prostitutas nuas arrastando-se entre os candelabros em busca do fruto. Quando fechei os olhos, vi a ponta da língua dele entre os dentes brancos, senti o perfume exalado pelos cabelos dele caídos sobre os ombros. Jasmim, olivas, o ar salgado vindo de Óstia quando o vento soprava do oeste, e algo secreto e selvagem que lhe era próprio. A verdade dele, talvez. Ou talvez minha memória ávida a sofrer as ilusões do desejo.

Bom, meu desejo foi realizado, mas, como é o caso das grandes aspirações, não da maneira que eu imaginei quando o formulei.



Embora nós tenhamos nos recolhido aos quartos durante a parte mais quente do dia, Angela não se juntou a mim no nosso. Ela estava, eu supus, dando sua total atenção aos dedos machucados de Giulio. Não me passou pela cabeça em nenhum instante que ele tivesse de fato seguido a orientação de Ippolito de retornar à cidade; sua posição como o bastardo de uma amante querida o transformava numa enguia escorregadia, difícil de pegar. Por direito, Fidelma deveria ter a cama em nosso quarto, mas, independentemente de quaisquer diferenças surgidas entre Angela e mim desde que chegamos a Ferrara, compartilhávamos as mesmas impressões em relação a Fidelma. Ela não tinha senso de humor, era recatada e não confiável. Qualquer confiança que fizéssemos escaparia dela como água sobre o aço quente e cairia só Deus sabe onde, em fragmentos mal-interpretados. Fizemos questão de que não houvesse espaço para ela em nosso quarto.

Teria sido o sussurro premente de Angela, a mão dela chacoalhando meu ombro como se fosse um cadeado empenado, que me acordara? Ou teria eu voltado à consciência antes, despertada pela cacofonia de gritos, imprecizações, vidros quebrando-se e madeira rachando?

— Violante. Acorde. Preciso de sua ajuda com Lucrezia.

— O que aconteceu? — Meus olhos pareciam estar inchados e arenosos; minha cabeça, cheia de uma camada de fungo espessa que escorrera para minha boca.

— Ela recebeu uma carta de Cesare.

Meu coração pareceu se fechar como um punho.

— Ele morreu?

— Ó Deus, me dê forças. Eu disse dele, não sobre ele.

— Desculpe, desculpe. — Abanei a cabeça e esfreguei os olhos. Uma torrente do catalão de dona Lucrezia me chegou aos ouvidos

vinda de algum lugar fora do quarto, ao longo do corredor.

— Ele tomou Urbino.

— Urbino?

— Isso mesmo — disse Angela, interpretando erroneamente o choque que eu não consegui evitar em minha voz. — Ele passou dos limites totalmente. Guidobaldo é um governante popular. Meu Deus, ele foi até gonfaloneiro de tio Rodrigo certa época. E a mulher dele é cunhada de dona Isabella. Lucrezia está furiosa. Se não fizermos alguma coisa para acalmá-la, eu temo pelo bebê.

No entanto, embora eu tentasse apertar meu corpete, enfiar meus pés nos sapatos e seguir Angela apressada, meus pensamentos eram todos voltados para mim mesma e minha estranha experiência no jardim do palácio de Urbino. Será que eu já sabia todo esse tempo? Será que eu deveria ter contado o que sabia? Ninguém teria acreditado em mim. Eu teria sido ignorada, do mesmo modo como Angela me ignorou, e considerada uma lunática, perturbada por uma paixão não correspondida. Além disso, o que eu teria para contar? Um mero disparate sussurrado, um rasto de perfume, um alento que poderia ter sido apenas uma leve brisa de inverno.

Encontramos dona Lucrezia andando de um lado para o outro na ampla passagem arcada, à porta de suas dependências particulares. O sol poente lançava barras de sombras, as quais ela atravessava repetidamente, prisioneira da fúria que abalava seu corpo como se estivesse possuída por um demônio. Seus cabelos caíam sobre os olhos, suas roupas estavam rasgadas, as costas das mãos cobertas de arranhões ensanguentados. Descalça e de meias, ela pisava descuidada sobre estilhaços de vidro e cerâmica e sobre lascas de madeira de um banco quebrado cujo assento forrado em couro agora se equilibrava de forma precária na balaustrada que se estendia pelo corredor.

— Ela está louca — murmurei para Angela. — Não há nada que possamos fazer. Precisamos chamar um médico. Ou um padre — acrescentei enrubescendo.

Angela fez que não com a cabeça.

— Precisamos apenas acalmá-la. Você segura um dos braços dela e eu seguro o outro. Vamos manter Lucrezia de pé por algum tempo para que ela escute a voz da razão.

Eu duvidava de que a mera razão causasse algum impacto sobre ela, mas me lancei em direção a *madonna* quando os passos dela se voltaram para mim, numa tentativa de segurar um de seus braços agitados. Ao me ver, ela parou instantaneamente.

— Você — vociferou ela, no tom assustado de um gato numa briga. Ela abaixou o braço e apontou para mim, cutucando-me no tórax com um dedo cuja unha estava malcuidada como a de uma auxiliar de cozinha. — Venha comigo.

Olhei para Angela. Ela deu de ombros. Aterrorizada, segui dona Lucrezia até suas acomodações.

Os cômodos pareciam ter sido saqueados. As cortinas haviam sido arrancadas da janela e estavam espalhadas no chão entre roupas, joias e mais estilhaços de vidro e cerâmica. Pegadas em sangue manchavam tudo, como acontece com a pele que sofre erupções.

— Você sabe o que ele fez? — perguntou ela, virando-se para mim antes que eu tivesse chance de fechar a porta da pequena antecâmara para onde ela me levara. Não se via nem Catherinella nem outros serviçais por perto. Escutei os lamentos de Fonsi em algum lugar, mas não o via nem me atrevi a chamá-lo.

— N... não, *madonna*. — Por que estaria ela me perguntando isso? Será que sabia o que acontecera em Urbino, ou seria aquela apenas uma pergunta retórica?

Ela parecia não ter ouvido minha resposta.

— Ele prometeu — continuou ela, falando agora quase num sussurro, balançando a cabeça com uma profunda tristeza. Em seguida: — Você prometeu! — gritou ela, o olhar fixo em mim, de modo que por um momento eu vasculhei a memória à procura de alguma promessa que eu fizera e deixara de cumprir, até que percebi que ela não estava me vendo.

“Em Nepi. Você prometeu, jurou, que não interferiria. — Ela começou a andar de um lado para o outro de novo, manchando

ainda mais de sangue as pegadas já quase secas sobre as cortinas rasgadas, puxando as orelhas e os cabelos emaranhados como se algum corpo estranho estivesse alojado em sua cabeça e ela tentasse arrancá-lo de lá. Logo seus dedos estavam cheios de bolos de cabelos louros como o bicho-da-seda em seus casulos. Eu me assustei com os olhos dela. — Por que não me deixa em paz? Deixe que eu faça isso sozinha, eu consigo. Pode confiar em mim. É por causa do menino? É por isso?”

Ao mencionar o menino, ela de repente se acalmou. Então, percebi, com alívio, que não estava tão perturbada com as notícias vindas de Urbino a ponto de esquecer as responsabilidades com a criança que estava para nascer.

— É cedo demais — disse ela, olhando diretamente para mim, as mãos cruzadas sobre a barriga.

— A senhora está sentindo dores, *madonna*? Talvez deva se deitar. — Porém, se o quarto dela estivesse naquela mesma desordem, só Deus sabia onde ela poderia deitar-se. — Vou mandar buscar o médico. — Eu dei um passo à frente e tentei segurar o braço dela, mas dona Lucrezia libertou-se de mim com um rosnado impaciente.

Lançando o olhar à sua volta como se percebesse o caos pela primeira vez, ela disse:

— Quero que veja uma coisa. — *Madonna* levantou uma tapeçaria de parede rasgada e revelou a escrivadinha, onde mantinha sua correspondência; equilibrado agora somente em três pernas, o móvel balançou quando o peso da tapeçaria foi mudado de lugar, e um pergaminho meio dobrado escorregou até o chão. Com esforço, dona Lucrezia abaixou-se, apanhou-o e o entregou a mim.

— Leia — ordenou ela.

O documento estava escrito numa letra que não reconheci, mas era uma letra regular e cuidadosa, a caligrafia de um escriba.

— Leia — repetiu dona Lucrezia — em voz alta.

— “Este senhor” — eu li — “é verdadeiramente esplêndido e magnífico, e na guerra não há um grande empreendimento que não lhe pareça pequeno; em busca de glória e de terras, ele nunca

descansa, nem sabe o que é fadiga ou perigo. Ele chega a um lugar antes de ser descoberto...”

— Sim, sim, basta. Ele mandou isto por brincadeira, está vendo?

Eu franzi o cenho e não vi nada. Dona Lucrezia deu um suspiro e explicou.

— Isto é um relatório da embaixada de Florença que chegou às mãos de Cesare em Urbino. Ele mandou interceptar o mensageiro e copiou o relatório. Enviou-o para mim para que eu me divertisse e visse como ele havia facilmente encantado os “gentis republicanos”, como os chamava. Está vendo, Violante, ele não leva nada a sério. O que devo fazer?

— A senhora deve escrever para ele e dizer o que pensa, *madonna*. Se ele compreender o quanto a magoou, deixará Urbino; tenho certeza disso.

Embora as lágrimas lhe escorressem pela face, formando canais salgados nos arranhões em seu rosto, fiquei impressionada ao ver que sua pele não ardia; ela ria daquilo.

— Se ele tivesse a mínima consideração por mim, para começar, não teria tomado Urbino. Afinal, os Montefeltri são parte da minha família agora, e eles foram forçados a fugir com apenas as roupas do corpo, de acordo com dona Isabella, que os recebeu em sua casa.

— Cesare também é sua família, *madonna* — ousei dizer.

— Cesare é... — Agora o choro dela aumentou, sôfrego, e ela engolia os soluços com tamanha sofreguidão que ameaçava consumir todo o ar da sala, que começava a escurecer. — O próprio demônio — lamentou ela, pronunciando sílaba por sílaba da palavra como se descrevesse a cauda do verdadeiro Lúcifer. Dona Lucrezia começou uma vez mais sua pantomima de andar de um lado para o outro, de arranhar-se, puxar os cabelos e resmungar qualquer coisa sobre Nepi, e, sem esperar receber permissão para sair, fugi em busca de ajuda.

— Por que ela insiste em falar sobre Nepi? — perguntei a Angela, enquanto saíamos à procura dos covardes empregados de *madonna* e os mandávamos de volta para restabelecer a ordem.

— Nepi? — Angela pareceu perplexa. — Você, aí, encontre o capelão de *madonna*. E o médico. Vá! — gritou ela para um rapaz magricela que eu achava ter visto uma vez com Ferrante. — Nepi — repetiu ela, num tom de quem começava a entender. — Lucrezia fugiu para lá com Rodrigo depois que o pai da criança foi assassinado. Ele era ainda um bebê, e todos sabiam que Cesare matara Alfonso de Bisceglie. Não com as próprias mãos, mas quase como se fosse. Michelotto — disse ela, sem emitir som, com um movimento dos lábios, não muito preparada para liberar o nome assustador no balsâmico ar de Belfiore. — Lucrezia estava de coração partido. Jurou que não falaria mais com Cesare. Poucas semanas depois, ele parou em Nepi, quando estava a caminho de Cesena para se juntar a seu exército. Ninguém sabe o que aconteceu, exceto que Lucrezia voltou para Roma toda doçura e descontração, e a vida continuou como se Alfonso nunca tivesse existido. — Ela deu de ombros. — É tudo o que sei.



Embora dona Lucrezia tivesse se acalmado e esperasse com a docilidade de uma criança que tem consciência de ter se comportado mal e que faz um esforço para se corrigir, enquanto os empregados arrumavam seus cômodos, colocando os móveis e as tapeçarias caídas onde podiam e destinando o restante a uma fogueira ao lado da pilha de lixo por trás do estábulo, ela não estava bem. Desmaiou quando fazia sua confissão na capela ducal. Seu médico disse que ela estava com febre, e por isso lhe fez uma sangria e recomendou repouso absoluto por pelo menos uma semana. *Madonna*, no entanto, não obedeceu às ordens médicas e insistiu num retorno imediato para Ferrara. Sem dúvida, Angela lhe contara o desentendimento entre Ippolito e Giulio, e, com o marido em Milão com a corte francesa e o duque Ercole dirigindo-se para lá por conta da tomada de Urbino por Cesare, dona Lucrezia resolveu garantir sua posição como duquesa.

— E se a viagem colocar a criança em risco, *madonna*? — perguntei, enquanto supervisionava o empacotamento de suas

roupas e ela descansava na cama, seus pés inchados, com meias roxas de seda, arredondados e brilhosos como *melanzane*.

— Se eu perder esse bebê, que seja em Ferrara — retrucou ela. — Minha gravidez já está bastante avançada agora para se ver que é um menino. — O tempo mudara. Um feixe de luz acinzentado atravessava a chuva fina, em harmonia com a palidez de dona Lucrezia e as linhas de expressão que lhe puxavam a boca para baixo. Poucas vezes eu vira o pai dela sem um sorriso nos lábios; no entanto, em repouso, era assim que ele parecia, corpulento e impiedoso, sentimental e sem escrúpulos. Decidi não dizer mais nada. Por alguma razão, Deus tomaria conta dela.

CAPÍTULO 8

FERRARA, AGOSTO DE 1502

Você é meu primeiro, último e único amor.

Tudo começou com um membro do coro da capela do duque. Estávamos assistindo a uma missa para celebrar o dia dedicado a um dos inúmeros santos. Se eu tivesse sabido o que iria acontecer naquela missa, talvez tivesse lembrado o nome do santo e tivesse acendido velas, ou dado o nome a uma criança em sua homenagem.

Porém, tudo o que eu sabia era que o dia estava quente e que o ar da capela, impregnado de incenso, era quase insuportavelmente sufocante. Meu leque parecia aumentar a temperatura em vez de reduzir o abafamento, como acontece quando misturamos o conteúdo de um caldeirão e uma nuvem de vapor é liberada. Eu não sabia como dona Lucrezia conseguia respirar através do pesado véu que cobria seu rosto arranhado. Tentei me concentrar na missa, mas minha atenção se fixou nas manchas escuras de suor embaixo dos braços do regente do coro, que apareciam e desapareciam ritmicamente enquanto ele conduzia os cantores, e numa partícula de poeira no feixe de luz que atravessava as janelas da capela.

De repente, houve uma comoção no coro. Um garoto, o rosto suado, brilhando como o marfim polido, caiu de joelhos e desabou para o lado. A música falseou e perdeu a cadência. Com uma série de movimentos rápidos e enfáticos das mãos, o maestro recompôs o coro. Alguns acólitos, com pés se emaranhando em suas vestes de bordas rendadas, carregaram o garoto para o batistério. A cerimônia religiosa continuou com o mesmo fervor, e eu me sentia mais consciente agora, como se a sensação de desmaio que eu havia experimentado tivesse sido transferida para o menino do coro. Quando, mais tarde, fomos informados de que ele morreria, um

sentimento súbito e irracional de culpa me invadiu, quase como se a morte do garoto houvesse sido destinada a mim.

Começamos a ouvir falar de outras mortes. A febre se iniciava como a febre palustre, com suores, tremores e dores nas articulações, mas em poucas horas as vítimas eram acometidas de vômitos tão fortes que os órgãos vitais se rompiam, fazendo o doente sangrar por todos os orifícios. Embora as acomodações no Corte Vecchio reservadas ao coro tivessem sido cuidadosamente limpas com água fervente, e sachês de âmbar-gris e cânfora tivessem sido pendurados nas vigas do telhado, dois outros garotos adoeceram. A passagem que ligava o castelo ao Corte Vecchio fora trancada, e incenso havia sido aceso na frente do portão, mas, mesmo assim, os médicos de dona Lucrezia intensificaram uma vez mais a campanha para persuadi-la a deixar a cidade. Entretanto, dom Alfonso foi solicitado a voltar de Milão, e ela resolveu esperá-lo e seguir o conselho do marido.

Ele e o pai chegaram a Ferrara cerca de duas semanas depois da morte do menino do coro, e, a essa altura, as carroças de mortos coletavam corpos abandonados fora das casas mais pobres da cidade diariamente, e um intrépido grupo de frades franciscanos começara a realizar funerais em massa nas bordas das valas de cal que haviam sido cavadas fora da Porta degli Angeli para enterrar os mortos. O clero secular havia se recolhido dentro dos muros da catedral, onde eram celebradas missas ininterruptamente, e aqueles que podiam iam até lá implorar a São Jorge para lutar contra o dragão da epidemia e a São Maurelio para absolvê-los dos pecados que haviam trazido aquela calamidade para o meio deles.

Dom Alfonso informou que encontraria sua mulher logo após se reunir com o conselho municipal para ver o que poderia ser feito para minimizar o sofrimento do povo e desacelerar o avanço da contaminação. Isso nos dava de três a quatro horas para conseguir um meio de disfarçar os arranhões que ainda marcavam o rosto de *madonna*. Para Angela, o pó de chumbo seria a solução, porém não grosso demais, eu adverti, ou dom Alfonso pensaria que *madonna* contraíra a febre também. Elisabetta Senese começou a pisar no

pilão para fazer uma mistura de pó de chumbo, pigmento vermelho e óleo de rosa que combinasse com o tom de pele de *madonna*. Enquanto isso, *madonna*, para minha inquietação, passou uma hora trancada com Fidelma.

Quando dom Alfonso chegou aos aposentos de dona Lucrezia, ele ainda usava sua roupa de viagem, embora tivesse feito um rápido esforço de lavar o rosto e as mãos e limpar a poeira grossa de seu manto e suas botas. Como o esboço meio apagado de um artista, ele tinha uma aparência inacabada e suja, seu olhar distraído e desconcentrado, sua boca contraindo-se de ansiedade. Quando *madonna*, acompanhada de Fidelma, saiu do quarto de vestir e foi para a Camera Dal Pozzolo, seu rosto estava descoberto e sem maquiagem. Ouvi Angela, a meu lado, prender a respiração e percebi que ela puxou o capuz sobre a cabeça. Dom Alfonso olhou para a mulher; a mão dela, que ele erguera para beijar, permaneceu presa em sua enorme garra de unhas encardidas. Recompondo-se, ele curvou-se, encostou a barba nas mãos de *madonna* e, em seguida, empertigou-se e olhou ao redor do quarto para nós como se desejasse que nos fundíssemos às paredes.

Contudo, ele não disse nada, e continuamos onde estávamos.

— Que diabo você fez nesse rosto, mulher? — Ele quis saber. — Parece que se meteu numa briga de taberna. Ou foram os ratos de Sigismondo que fizeram isso? — Ele riu, inseguro. Dona Lucrezia deu um sorriso virginal, mas não disse nada. — Bom? — insistiu dom Alfonso. *Madonna* lançou um olhar nervoso a Fidelma. O que quer que elas tivessem planejado, claramente não dera certo. A única coisa a fazer, pensei, dando um passo à frente, era me basear em minha posição de salvadora de Angela e enamorada de Cesare e dizer a verdade sobre aquela base de mentiras e desejos ilusórios.

— Minha senhora ficou tão atormentada com as ações do duque da Romanha contra sua família em Urbino que se feriu de desgosto. — Ele que tirasse as próprias conclusões quanto à razão para essa tristeza; a tristeza em si era genuína.

— Eu não lhe dei permissão para falar, Violante. Mas o que ela disse é verdade, marido. — Dona Lucrezia ajoelhou-se, apoiando-se

em Fidelma. — Perdoe-me. Eu deveria ter imaginado seu desgosto em me ver assim.

— Levante-se, mulher. — Fiquei aliviada ao ver que seu tom brusco tornou-se lacrimoso, e meu coração se acalmou ao ver como ele afastou a mão de Fidelma e ajudou *madonna* a se levantar. Podemos manter os pés dela ocultos, pensei, minha mente acelerada, porque ele não irá para a cama com ela até que a criança nasça. Os bordéis vulgares que ele preferia, contudo, provavelmente estavam cheios da doença, de modo que tínhamos de garantir que as moças do tipo adequado: roliças e vulgares, capazes de estimular o membro de seu senhor com a mesma disposição e competência com que estripam um capão, fossem levadas a ele, para proteger nossa senhora.

Marido e mulher jantaram juntos naquela noite, mas então dom Alfonso foi direto falar com o pai, dom Ferrante e Giulio para planejar a campanha contra a febre. A cidade fora sitiada. Ninguém tinha permissão de entrar para evitar que houvesse mais contágio, nem tampouco as pessoas saudáveis podiam deixar o palácio, pois elas eram necessárias para fazer o pão, abater os animais de corte e conduzir as carroças com os cadáveres para as covas de enxofre onde eram cremados. Embora os judeus em geral tivessem permissão para viver e trabalhar livremente em meio à população cristã de Ferrara, o duque ordenou então que eles se retirassem para o bairro antigo que ficava em torno da sinagoga. Isso para a própria segurança deles e para a defesa de suas propriedades, observara dom Ferrante, porque os judeus poderiam ser acusados de ter disseminado a epidemia e sofrer represália.

— Foi o que a rainha Isabella disse no Edital de Expulsão — comentei com Fidelma, enquanto a voz do representante do duque, rouca e entremeada de uma tosse encatarrada, elevava-se da praça à galeria do Corte Vecchio, aonde fomos a fim de ouvir o anúncio. Pelo menos era o que meu pai dizia, no mesmo tom duro e irônico que eu usava agora com Fidelma. Um tom que destoava das palavras, como se houvesse algo mais que ele estivesse tentado a me dizer.

— É uma precaução sensata — retrucou ela. — E misericordiosa, pois não expõe as almas cristãs à tentação quando elas correm o risco de morrer sem confissão. — Os padres se recusavam a entrar nas casas dos doentes com medo de serem infectados; Ippolito fora rápido em se oferecer a viajar para Roma a fim de solicitar uma licença papal para que os leigos passassem a dar a absolvição. Ela, sem dúvida, seria concedida, mas não havia chegado ainda.

— Por que você está aqui? Quer dizer, a serviço de dona Lucrezia? Se é tão sincera em sua conversão, não acha que a vida no convento seria melhor para você?

— Eu fiz um trato com meu pai. Ele é ourives. Ele disse que, se eu quisesse me tornar cristã, pelo menos deveria ser útil a ele. Meu pai já fez trabalhos para dona Isabella Gonzaga em Mântua, e ela o recomendou a dona Lucrezia, mas, porque as duas não simpatizam uma com a outra, ele achou melhor me mandar para Ferrara. Não podemos escolher nosso destino. Veja São Paulo, ou o próprio Cristo. Precisamos fazer o trabalho de Deus onde o encontramos.



Noite e dia a cidade ficava sob uma mortalha de fumaça amarelada suja que fedia a ovos podres; era difícil acreditar que aquilo tinha o objetivo de purificar o ar. Grudava-se em nossos cabelos, ficava em nossas gargantas, escondia-se nas dobras de nossas roupas, cobria de fuligem os prédios brilhantes e deixava nossa pele da cor de manteiga. A quantidade de cruces vermelhas que brotava nos portões das casas não respeitava posição social; a tinta fresca pingava como sangue nos portões de bronze esculpidos da nobreza, as portas de ferro sólido dos mercadores da cidade estavam trancadas, e couros crus velhos cobriam a entrada das cabanas mais pobres sem distinção. As tabernas encontravam-se lotadas com os doentes, os moribundos e os aflitos, de manhã, ao meio-dia e à noite, à procura de esquecimento. O duque ordenou que fossem fechadas, mas isso apenas levou a distúrbios nas ruas quando as gangues de bêbados encontravam procissões de flagelados cantando hinos religiosos. As tabernas foram, então,

reabertas. As carcaças dos animais que haviam morrido de fome quando não havia ninguém para alimentá-los sujavam as ruas e eram comidas por cachorros à solta, cujos donos agonizavam sobre catres de palha ou camas de plumas. Pelo menos a fumaça mantinha as moscas afastadas.

A passagem que ligava o Corte ao castelo estava trancada. A porta da cozinha, através da qual a comida e a bebida eram trazidas para os aposentos, era lavada diariamente, e os empregados que carregavam os sacos de grãos, barris de vinho, potes de azeitonas e caixas de peixe salgado tinham ordem de usar máscaras de gaze sobre a boca e o nariz. Estávamos proibidos de comer carne fresca, frutas e vegetais amadurecidos no ar contaminado; até leite e ovos nos eram negados, de modo que aprendemos a subsistir com pouco mais do que a mesma polenta que os camponeses comiam. Ninguém tinha permissão de entrar nem de sair das residências ducais; até mesmo as cartas eram queimadas. Contudo, a febre era astuciosa e nos vencia em cada esquina e, no final de julho, uma das damas de companhia de *madonna*, Giuliana Cecharella, moça reservada, cuidadosa no trabalho, foi encontrada morta na cama, suas costas arqueadas e suas partes íntimas expostas por ter se livrado dos lençóis e da camisola nos espasmos finais. Como os dois médicos de *madonna* estavam também doentes, ela havia morrido sem assistência.

À noite, *madonna* reclamou de dores no abdome.

— No lugar onde costumava ficar minha cintura — lamentou-se ela, tentando desconsiderar seus sintomas e tratá-los apenas como gases devidos à dieta de mingau de cereais. Mas eu temia por ela. Via os ânimos conflituosos dentro dela, sua depressão com a morte de Giuliana, sozinha, sem atendimento espiritual, o corpo lançado nas covas de enxofre junto a trabalhadores e crianças de rua, e, ao mesmo tempo, a alegria profunda de uma mulher no final da gravidez. Sempre que a criança em seu ventre se mexia, o alheamento desaparecia de seus olhos e toda a sua expressão facial se animava de contentamento e entusiasmo. Parecia haver certo desequilíbrio entre os elementos de seu próprio sangue e o da

criança. Pensei que o bebê nasceria para salvá-la, entretanto, o filho era esperado para o início do Advento.

Eu disse que pretendia passar a noite no quarto de *madonna*, uma vez que os médicos dela estavam acamados, e ela não protestou. Embora eu tenha me acomodado confortavelmente numa cama improvisada de colchas empilhadas no piso do quarto, dormi pouco. A noite era a melhor hora durante o período da febre, pois o ar esfriava, os fogos se apagavam e se tornava possível respirar de novo. Fiquei contente de estar na cama acordada, encasulada entre plumas, escutando o canto dos bacuraus, o arrulho das corujas e o chiado dos ratos sob as tábuas do assoalho. Confortava-me pensar nas criaturas silvestres seguindo sua vida alheias a nós e ao nosso sofrimento. Sentia-me segura em minha insignificância; se eu importava tão pouco, talvez a dor em meu coração importasse ainda menos e, com o tempo, se tornasse suportável.

Ou viesse a desaparecer completamente. Esse pensamento me arrancou da sonolência. Eu não podia mais viver sem essa dor, assim como não podia viver sem o ar para respirar ou a água para saciar a sede. Se eu me entregasse ao contentamento, o amor alojado dentro de mim se tornaria mais brando e obscuro, e eu voltaria a ser uma pessoa comum novamente, apenas mais uma moça de berço, sem riqueza, à disposição de minha senhora na construção de uma rede de influência que lhe daria mais segurança na nova vida. Amar Cesare era a minha distinção; tornava-me singular. Minha família, minha fé e minha própria língua haviam sido tiradas de mim, e eu preencheria os espaços deixados por elas com esse amor. Se eu permitisse que ele se desvanecesse, seria difícil dizer o que poderia tomar o seu lugar e me tornar irreconhecível a mim mesma.

Decidida a alimentar minha necessária dor, eu estava totalmente desperta quando o som de dona Lucrezia vomitando afastou Cesare de meus pensamentos. Desvencilhando-me da pilha de colchas, apressei-me para o lado dela, abrindo o cortinado da cama e agachando-me para segurar entre as mãos sua cabeça até que a crise de vômito tivesse passado. O luar atravessava as venezianas e incidia sobre o brilho da pele negra de Catherinella que se destacara

da escuridão e agachara-se a meu lado, segurando uma bacia. Quando dona Lucrezia recobrou-se dos espasmos, acendi a vela ao lado de sua cama e, juntas, nós três examinamos o conteúdo da bacia à procura do sangue preto da febre.

— A luz está fraca — eu disse.

— No jantar, serviram morcela — disse *madonna*, a lembrança do prato fazendo-a vomitar novamente. Apenas Catherinella permaneceu em silêncio; talvez, apesar da febre, ela não conseguisse achar que a cor preta representasse uma ameaça.

Dona Lucrezia recostou-se nos travesseiros; fios de cabelo úmido escapavam pela renda de sua touca de dormir e grudavam-se à sua testa.

— Vou mandar Catherinella chamar um médico — eu disse. — Certamente nem todos estão doentes.

— É melhor ela ir chamar um padre. — As lágrimas começaram a deslizar pelo rosto pálido e inchado de *madonna*. — E tudo termina assim — reclamou ela, sua voz um fraco lamento.

Isso era culpa de Cesare, pensei furiosa, então a raiva subiu como fel em minha garganta. Perguntava-me por que tudo tinha de terminar nele. Se ele não tivesse invadido Urbino, ainda estaríamos em Belfiore, fora do risco da doença. Eu não sabia, enquanto oferecia a *madonna* um gole de água depois de retirar a bacia, a qual ela imediatamente pegou de volta, se o amava ou o odiava, nem se havia alguma diferença entre um sentimento e outro.

— Vá — gritei para Catherinella. — Chame um médico.

— Mas a senhora disse...

— Ela não precisa de um padre. Nem todo mundo morre.

Mas, depois que a escrava saiu, seus pés descalços sussurrando pelo chão de madeira, *madonna* disse:

— É o meu fim, não é, Violante?

— Não, *madonna*, claro que não... — Mas, diante do olhar duro e desanimado dela, minha voz fraquejou. — Não sei — admiti.

— Olhe embaixo da minha cama. Há um baú. Apanhe-o para mim.

Eu sabia a que baú ela se referia, uma caixa pequena de couro desgastado, com acabamento em bronze, trancada com uma chave que *madonna* levava pendurada numa corrente no pescoço. Retirei-o de baixo da cama e coloquei-o suavemente no colo de *madonna*. A corrente com a chave ficara presa a seus cabelos, mas ela recusou minha ajuda; ninguém jamais tocara naquela chave. Somente ela poderia fazer isso. Com um suspiro de triunfo, *madonna* soltou a corrente, tirou-a por sobre a cabeça e abriu a caixa. Eu esperava que a máscara de indiferença que nós, as damas de companhia, éramos obrigadas a usar e aperfeiçoar a cada dia não me escapasse, porém em meu íntimo eu era tomada de uma curiosidade indecente. O que haveria dentro da caixa? Cartas de amor? Um tesouro secreto de ouro e diamantes? Um frasco de veneno como um último recurso?

A princípio pensei que estivesse vazia, depois, quando a luz da vela iluminou por baixo da tampa arcada, vi que continha o pequeno porta-joias de filigrana que eu vira com ela naquela noite logo depois de nossa visita ao calabouço de Ugo e Parisina. Rápida e instintivamente, olhei para o forro, procurando pelo fundo falso, mas, se de fato estava lá, encontrava-se fechado. Depois de retirar o porta-joias do baú, *madonna* manteve-o por um momento em suas mãos, sorrindo para ele como se aquele objeto mantivesse em sua teia de arames enroscados e amassados alguma lembrança preciosa.

— Lembre-se do que eu lhe disse, Violante. Se eu morrer, você deve entregar isso a Cesare com meu... — Sua voz hesitou, ela pestanejou diversas vezes, e então, rapidamente, continuou: — Com meu dever e carinho fraternais.

Tentei pensar em alguma desculpa para perguntar por que aquilo era tão importante para ela, mas nada me veio à mente antes de Catherinella retornar com um dos médicos de dom Alfonso, sonolento, cabelos desalinados e parecendo apavorado. Familiar apenas com o mal-francês, pensei, odiando-o por frustrar minha curiosidade. Odiando-me por ser tão curiosa.

Parecia que dona Lucrezia, já enfraquecida pela gravidez e pelos cuidados que tivera de dispensar a Angela, não conseguiria

sobreviver a esse último golpe a sua saúde, porém dom Alfonso não mediu esforços para salvá-la. Por ter adquirido a reputação de curandeira e, eu suponha, por ser considerada dispensável, uma mera *conversa*, recebi ordens para permanecer com *madonna* dia e noite. Dom Alfonso mandou instalar uma cama para si no quarto de vestir de *madonna*, onde poderia ser solicitado com facilidade caso o estado dela se agravasse durante a noite. Durante o dia, o marido permanecia com ela o tempo que suas obrigações permitiam, e sempre durante as refeições. Embora eu mesma preparasse a canja de galinha e mingau de cevada da doente num fogareiro no quarto de vestir, e *madonna*, apesar de tudo, não conseguisse manter nada no estômago a não ser um pouco de água, dom Alfonso continuava desconfiado de veneno. Uma ilusão de sua mente; até o veneno era preferível à febre.

À medida que a notícia se espalhava pelo palácio, começavam a surgir os abutres, os embaixadores de outros estados com seus olhos ávidos e sorrisos enigmáticos, os pintores, os poetas e os músicos que gozavam da patronagem de *madonna* e tinham famílias para alimentar, os mercadores que cobravam dela em excesso por seus cetins e sabonetes, os padres e os médicos que se entreolhavam de lados opostos do quarto, cada profissão ciosa de suas convicções e desdenhosa da outra. Ali se encontrava Gian Luca Pozzi, enviado do duque Ercole a Roma para o casamento por procuração de *madonna* e que, desde então, sempre andava em torno de dona Lucrezia na esperança de conquistar seu apoio na obtenção de um chapéu de cardeal em troca de relatórios positivos sobre ela ou, ao menos, não desfavoráveis, que ele enviava a seu senhor. E ali, isolado num canto, os olhos brilhando como os de um gato no escuro, encontrava-se Francesco Troche, o homem conhecido como o negociador do papa. De tempos em tempos, ele sussurrava uma observação pelo canto da boca para seu camarada catalão, Francesc Remolins, que tinha vindo de Urbino com notícias da queda de Camerino para as forças de Cesare. Os nobres de Camerino também eram aparentados com os Este.

A família veio, o duque acompanhado de irmã Osanna e de um grupo de suas freiras prediletas, que chorou, rasgou as próprias roupas e garantiu à Sua Graça que um milagre protegeria o neto que estava para nascer. Ferrante trouxe boatos e livros de poesia, e chorou brevemente em meu ombro. Até Sigismondo veio visitar a cunhada, para se assegurar de que a febre dela era mais uma conspiração dos ratos e que ele tinha a situação sob controle. Levou, inclusive, o cadáver de um dos criminosos que ele embalsamara numa salmoura temperada e enrolara em musselina para provar a *madonna* que a vitória estava próxima. Enxotei-o com seu prêmio, aliviada por termos nossa cozinha particular na base da Torre Marchesana.

O bispo de Venosa, médico predileto de Sua Santidade, abria caminho apressadamente entre as pessoas, como Moisés abriu caminho pelo Mar Vermelho, em suas idas e vindas ao quarto de *madonna*, seus assistentes apressando-se atrás dele, carregando bacias tampadas e bandejas com copos e lancetas. Todas as vezes em que ele saía do quarto, os rostos esperançosos, pacientes, ansiosos, curiosos e especulativos viravam-se em sua direção, e sua expressão era mais solene e portentosa. Todas as vezes em que o médico fechava a porta ao sair, as conjecturas e as conspirações recomeçavam. O murmurinho das pessoas era como o sussurro dos demônios que vivem no ar.

Então, numa tarde, quando *madonna* parecia um pouco melhor, e eu estivera em meu quarto para descansar e trocar de roupa, voltei às acomodações dela e vi que as pessoas haviam ido embora e que Michelotto da Corella, vestido como um cavaleiro de São João, montava guarda à porta do quarto.

— Ora, ora — disse ele, ensaiando a expressão mais próxima que tinha de um sorriso em seu rosto esburacado. — A pequena judia. Um ótimo bônus para meu senhor.

— Ele está aqui? — Faltou-me o fôlego. O piso começou a balançar e deslizar sob meus pés como o chão de um navio. Michelotto fez que sim com a cabeça. Senti um impulso de beijá-lo,

apesar do cheiro de alho e manteiga rançosa que exalava e dos dentes parecidos com os de um cavalo velho.

— Mas não quer ser incomodado. — Ele empertigou-se e pousou a mão sobre o punho da espada de forma ostensiva.

— Dona Lucrezia deve estar me procurando. — Tentei fazer meu coração ficar calmo, mas de nada adiantou. — Eu sou a enfermeira particular dela agora.

— Não agora, não neste momento — disse Michelotto com um olhar malicioso desprezível. — Vai ter que esperar até ser chamada. Mas eu aceito um vinho antes que você se acomode. E alguma coisa para comer. Estávamos já bem perto de Milão quando ele mudou de ideia e resolveu vir para cá, e não paramos sequer para trocar de cavalos.

— Não temos muitas provisões. A cidade está sitiada por causa dessa febre. Não sei como conseguiram passar pelos portões.

— Ah, mas nós somos hospitalários, não está vendo? — Ele apontou para a cruz branca que adornava o peito de sua túnica. — Viemos para dar assistência aos doentes.

Cesare, pensei, quase explodindo de alegria, era capaz de zombar de tudo.

— Vou ver o que consigo em nossa cozinha. E é só o que posso fazer, entende?

— Está com medo de que ele vá fugir de você de novo? Vai ter que se acostumar com isso, garota.

— Estou ansiosa para ficar perto de minha senhora, caso ela precise de mim.

— Vá buscar Torella, Michelotto. Rápido. — A voz de Cesare, clara e forte como a luz do sol, com sua leve inflexão espanhola. Eu não estava pronta; não era assim que sonhara com esse encontro. Mas pelo menos minha roupa íntima estava limpa e meus cabelos, penteados. Fiz uma medida e esperei, com a vista baixa, que ele se dirigisse a mim.

— Violante. Graças a Deus. Venha comigo. — Sem um cumprimento, sem qualquer manifestação de surpresa; quase como

se tivéssemos visto um ao outro no dia anterior.

— Meu senhor. — Agora pelo menos eu podia olhar para ele. Seu rosto estava lívido e rígido como uma máscara; até seus lábios estavam pálidos, comprimidos, e sua barba, cinzenta da poeira da estrada. Seus olhos espelhavam medo, porém, se ele temia o que vira no quarto de *madonna*, ou se sua expressão mudaria, traindo-o, eu não saberia dizer. Dando-me as costas, ele retornou ao quarto e segurou a porta aberta com a palma da mão. Não estava usando luvas e as pontas de suas unhas estavam encardidas. Sua mão tremia levemente, e eu ansiava por tocá-la, por sentir seu calor humano e os contornos de seus largos ossos, do pulso à ponta dos dedos.

Um som grave, selvagem e gutural chegou à minha consciência apenas gradualmente; a súbita aproximação de Cesare após meses de um desejo intenso atordoou-me. Segui-o às pressas, e quase esbarramos um no outro quando ele parou de repente já dentro do quarto. Passei por ele em direção à cama de *madonna* sentindo o corpo e o ombro roçarem em cada uma das fibras de sua túnica de hospitalário e queimarem pelo calor de seu corpo quando nos tocamos.

Embora eu tivesse deixado *madonna* deitada quando saí, encontrei-a por sobre as cobertas, usando um robe que lhe escorregava dos ombros e se encontrava meio aberto, deixando uma das pernas exposta. Suas costas estavam arqueadas de tal forma que temi por sua coluna, seus olhos estavam revirados para dentro das órbitas, e uma espuma de saliva lhe escorria pelo queixo; um gemido sinistro veio do fundo de sua garganta tensionada. Fonsi, que se encontrava, como de hábito, ao lado dela na cama, começou a rosar freneticamente.

— Estávamos só conversando e...

— O quê? Não estou ouvindo.

Ele tentou de novo, mas sua voz era abafada pelos latidos estridentes do cãozinho. Ele agarrou o cachorro pelo cangote. Fonsi protestou; eu me encolhi.

— Cale a boca! — gritou ele, e bateu no nariz do cachorro antes de colocá-lo aos pés da cama, onde ele ficou, focinho sobre as patas, em total silêncio. Eu queria ser o cachorro de Cesare, pensei, deitada a seus pés, protegida em seu cheiro, ser chutada ou beijada a seu bel-prazer, e agradecida por sua atenção.

— Não sei como lidar com isso — eu disse. — Ela precisa de um médico.

— Eu trouxe Torella. Ela parecia bem, então mandei que fosse descansar. Ele não está acostumado a longas cavalgadas como Michelotto e eu. Michelotto! — disse, virado para a porta. — Onde diabo está Torella? Quanto tempo você vai levar para encontrar alguém nessa choça?

Não houve resposta.

— Agora precisa me ajudar — eu disse a ele; não era o momento para deferências. Se ele me achasse impertinente, poderia lidar comigo depois que a crise passasse. De uma maneira ou de outra. — Precisamos colocar *madonna* de lado. Assim. Segure-a firme enquanto eu coloco os travesseiros por baixo dela para que não caia para trás. E a língua. Dizem que as pessoas mordem a língua num ataque epilético.

Cesare manteve as mãos grudadas na lateral do corpo da irmã, como se sua pele tivesse sido fundida à dela pelo calor da febre.

— Ela não sofre de epilepsia — disse ele, enquanto eu procurava pelo quarto alguma coisa com que prender a língua dela.

— A febre pode causar isso algumas vezes. Já vi acontecer com outras pessoas.

Nada. Frascos de perfume, escovas de cabelo, tubos de pasta de cochonilha, faixas adornadas com joias, alfinetes de chapéu. O que era preciso era...

— Seu cinto. Me dê o cinto da sua espada. — A espada já estava desembainhada e posta num canto. Mas ele ficou paralisado, incapaz de se mexer. — O cinto da sua espada — gritei, inclinando-me sobre a cama, a poucos centímetros de seu rosto. Ele se sobressaltou, endireitou-se, tentou abrir o cinto, mas não conseguiu,

atrapalhando-se com os dedos. Apressei-me para o lado dele, coloquei-me entre a cama e ele, nossas coxas e barrigas se encontrando numa paródia de luxúria da qual não estávamos totalmente cientes, nem tampouco inconscientes. Abri o cinto dele, subi na cama e, ajoelhando-me por trás de dona Lucrezia, enfiei-o em sua boca. Ela lançou a cabeça para trás, como um cavalo rebelde que resistia ao bocado de freio. Tentando acalmá-la, alisei suas costas. Foi então que eu percebi que a roupa de cama dobrada e empilhada por baixo dela estava encharcada.

— A bolsa d'água estourou — eu disse a Cesare, virando-me sobre a cama em sua direção.

— Faltam ainda dois meses. — Olhamos um para o outro com a calma de quem não tem o que fazer; até dona Lucrezia ficou quieta, retornando de sua convulsão com um longo e trêmulo suspiro e permanecendo de olhos fechados, poupada das dores do parto, como se a criança também soubesse que não havia nada a ser feito. Então Cesare pestanejou e balançou levemente a cabeça, como se estivesse acordando de um sonho.

“Torella!”, vociferou ele. “Em nome de Cristo, onde você está, homem?”

A chegada de Gaspare Torella, ainda segurando um pedaço de pão com queijo, foi consoladora. Eu encontrara o médico de Cesare em Roma em diversas ocasiões, pois era um homem sociável e cortês, além de versado na arte da cura, e eu gostava dele. Torella era de Valência e costumava me fazer rir. Cesare, eu sabia, tinha uma grande confiança nele, desde que o médico o curara do mal-francês com um complicado tratamento de purgações, sangrias e sudações de mercúrio, que eram o assunto da estância em Stigliano à época. Torella escrevera então um tratado sobre a cura com a entusiástica conivência do paciente, e, cada vez mais famoso, presenteara seu jovem patrão com uma caixa esmaltada com acabamento em ouro na qual ele deveria guardar os comprimidos de quelidônio e aloe que precisaria tomar diariamente nas refeições para evitar o reaparecimento da doença.

Cesare pulou em cima do médico quando ele entrou no quarto, derrubando-lhe das mãos o restante de sua refeição. Quando a comida bateu no chão, esperei que Fonsi se levantasse e fosse comê-la, pois ele gostava muito de queijo, mas o cãozinho ficou onde Cesare o havia colocado, embora seu focinho tenha tremido de otimismo.

— Graças ao Cristo. Estávamos só conversando e então ela teve essa... essa convulsão, e agora...

— Sim, sim, Vossa Graça. Por favor, queira ficar quieto aí, enquanto eu faço meu exame. *Monna* Donata? Pode me dar assistência? — Torella não era um homem que chamasse as pessoas por apelidos. Suponho que seja o dever do médico olhar por trás das máscaras.

Enquanto eu retirava os travesseiros e virava *madonna*, ela acordou com um gemido de dor e pôs as mãos no abdome.

— Não — sussurrou ela, lançando-me seu olhar de súplica. — Por favor, não.

— A bolsa d'água estourou, *madonna*.

Ao ouvi-la falar, Cesare deu um pulo da cadeira onde estava sentado, mexendo em sua espada, cujos ornamentos em atrito com a bainha faziam um barulho irritante. Ele ajoelhou-se ao lado da cama e tomou a mão dela na sua, forçando Torella a abandonar seu esforço de examinar os batimentos de *madonna* naquele pulso e se mudar para o outro lado. Isso o médico fez com uma paciência quase paternal, enquanto Cesare falava em voz baixa e ardente, num catalão rápido e agitado, com a irmã. Ela anuía com a cabeça e sorria, mas logo sofreu outra contração e virou-se, franzindo o cenho e fechando os olhos.

— Você precisa ir agora — sussurrou ela em italiano. — Você só vai atrapalhar. Pode voltar e ver seu novo sobrinho quando tudo acabar.

Ele tentou resistir, mas ela foi inflexível.

— *Madonna* ficará ainda mais aflita se souber que o senhor presenciará o sofrimento dela — eu disse. — Vá fazer companhia a

dom Alfonso. Ele vai precisar. — E toquei seu rosto com a ponta dos dedos, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo para mim.

— Está bem. Obrigado.

Achar dom Alfonso não foi difícil. Ele já estava andando de um lado para o outro fora do quarto, como um urso preso a um poste. Catherinella e duas outras moças carregadas de roupas de cama limpas recuaram contra a parede, embora eu ache que elas estavam com mais medo dos olhos vermelhos e perscrutadores de Michelotto do que da tristeza e impotência de dom Alfonso diante do sofrimento da esposa. Michelotto estava sentado a uma pequena mesa, uma jarra grande de vinho à sua frente, a qual, pela facilidade com que ele a ergueu, concluí estar quase vazia. O marido de *madonna* e o irmão dela abraçaram-se emocionados, e eu voltei para a beira da cama de dona Lucrezia.



O bebê nasceu à tardinha, no momento de transição entre o dia e a noite no céu visto pela janela do quarto, e os pássaros que seguiam para seus ninhos começavam a se confundir com a cinza que subia das piras da praga. No momento final, dona Lucrezia sofreu outra convulsão, arqueando as costas e rosnando como um cão, ao expelir a filha que escorregava para este mundo numa poça de sangue e muco. Ela então ficou inconsciente enquanto eu lutava para limpá-la e prendia tiras de lençol entre suas pernas inertes para absorver o sangue. Metade de mim aguardava o choro novo e fino da criança atravessar o toque do Angelus vespertino; a outra metade sabia que ela estava morta. Mexendo no corpinho imóvel e virando-o numa bacia de prata, erguendo-a na luz fraca, Torella declarou que o bebê estava morto há pelo menos alguns dias.

— Pele morena, engelhada, tórax afundado, epiderme sem proteção sebácea. — O médico examinou os ouvidos da criança, separando as camadas de cartilagem e pele como um jardineiro procurando uma minhoca no interior de uma rosa, e depois balançou a cabeça, como se confirmando seu diagnóstico. — Nada a fazer —

disse ele, entregando-me a bacia. Ele não a havia coberto; essa não era tarefa sua. — Falarei com dom Alfonso, se você me levar até ele.

Fiquei ali, balançando a cabeça como uma idiota, segurando a bacia junto às costelas.

— Vou chamar as moças para mudar os lençóis da cama, e Catherinella para pentear os cabelos de *madonna* antes... Ela precisa estar bem para ele.

— *Monna* Donata — disse Torella mais suavemente. — Ela está morrendo. Não há muito tempo, eu creio. Vá buscar dom Alfonso. E o padre.

— E dom Cesare?

Torella deu um sorriso resignado.

— E dom Cesare — concordou ele. — Cubra a bandeja — acrescentou, fazendo-me parar quando eu já me direcionava à porta.

Coloquei a bacia sobre uma mesa e olhei para a criança morta que, apesar de todos os meses de cuidadosa ansiedade e elaborada preparação, havia resvalado por este mundo tão facilmente quanto um coelho despojado de sua pele. Ela era perfeita, dos cílios úmidos que adornavam suas pálpebras à pequena fenda de seu órgão sexual, até as unhas acinzentadas dos dedos dos pés. E, de repente, fiquei contente por ela estar morta, pois assim não poderia jamais ser trocada da maneira que eu fora, ou sua mãe, ou qualquer outra mulher neste mundo dos homens.

— Diga a um dos empregados para livrar-se disso — orientou Torella. Depois, enganando-se na razão de minha hesitação, acrescentou: — Não significa nada, ela não foi batizada, não há necessidade de uma cerimônia.

Mas algo deveria ser feito, certamente, para marcar a passagem dela neste mundo, essa menininha cuja entrada no mundo fora tão desejada e amada. Algumas palavras, um sorriso, um toque.

— Eu mesma farei isso. É melhor não deixar a notícia se espalhar entre os empregados antes que dom Alfonso saiba. Vou fazer isso e depois vou procurá-lo.

Ser Torella fez um gesto positivo com a cabeça.

— Moça sensata.

Eu entregaria o bebê à carroça de mortos pela febre. Dessa forma, pelo menos lhe seriam dirigidas algumas palavras pelos pobres franciscanos, de olhos lacrimejantes e vozes roucas da fumaça, que rezavam ao lado das covas. Às vezes eles próprios eram afetados pela doença e, sucumbindo em meio à sua congregação, eram queimados. Eu iria nesse instante, carregando minha bacia como se fosse apenas um urinol cheio ou um prato de jantar vazio, atravessaria o pátio e entraria na *piazza*. Havia sempre uma carroça próxima à catedral, aguardando do lado de fora da Porta di Guidizio, de onde os mortos eram carregados até o campo de cremação. Eu sabia que haveria alguma outra nas imediações, no portão trancado do bairro judaico na Via San Romano, mas eu não iria até lá. As pessoas diziam que fora a tolerância do duque Ercole com os judeus que havia atraído a cólera divina sobre a cabeça dos ferrarenses, e não fora apenas por causa da febre que os portões haviam sido trancados.

Eu não havia sequer começado a pensar em como persuadiria o porteiro a abaixar a ponte levadiça para que eu passasse quando ouvi meu nome sendo chamado em meio àquele silêncio do pátio isolado.

— Violante!

Na escuridão da noite que se intensificava, agravada pela fumaça das piras do dia, a voz era lúgubre, fantasmagórica, vinda de todos os lugares e de lugar nenhum. Seria a voz de minha consciência? Não. Eu não fizera nada errado. Eu só queria que a criança pudesse descansar em paz.

— O que está fazendo aqui sozinha? — Cesare. Ó Deus, não, ainda não. Segurei a bacia com mais força, puxando-a de encontro a mim como se eu pudesse escondê-la sob a minha roupa. O que eu poderia dizer se ele perguntasse? Mas, quando ele surgiu na escuridão e enxerguei seu rosto, os sulcos profundos entre as sobrancelhas e a expressão tensa, quase suplicante em seu olhar cansado, percebi que não havia nada a dizer. — Por que você não

está com a sua senhora? — Ele quis saber, seu tom de voz vacilando entre esperança e terror. — A criança nasceu?

A borda da bacia penetrou minhas costelas. Talvez, se eu a abraçasse com bastante força, meus ossos se separassem e engolissem a criança.

— Sim, meu senhor. Eu estava à sua procura... e à de dom Alfonso, claro.

— Aqui fora? Alfonso está observando os pássaros. No telhado com seu binóculo e uma jarra de vinho. — Lembrei-me da tábua solta no teto de *madonna*. Ele já sabe, então, pensei, aliviada.

— O senhor está aqui — respondi em defesa própria.

— Estava precisando de um pouco de ar. — Ele tossiu com ironia, mas não havia graça naquilo. — Então, me diga, já tenho um sobrinho? Como está a minha irmã?

— Meu senhor... Cesare...

— Diga logo. Não faça rodeios. — Ele me segurou pelos ombros e me sacudiu. Segurei firme a bacia. O cheiro de vinho e da falta de sono era forte em seu hálito.

— O bebê nasceu morto.

As mãos dele arriaram. Meu olhar incidiu sobre a bacia. Observando para onde eu olhava, ele levantou a ponta do lençol. Eu me encolhi, prendendo meu fardo ao abdome, mas não consegui detê-lo.

— Uma menina — disse ele, cobrindo a bacia novamente com cuidado e determinação. — Ótimo. Se ela tivesse perdido um filho a esta altura, poderia ter sido catastrófico para todos nós.

Como ele podia ser tão frio? Não teria olhado? Não teria visto? Os dedos pequenos, abertos como os de um sapinho, a boca feita para mamar, para conversar e um dia beijar o amante? Dentro de mim, algo se despedaçou.

— A filha dela — gritei. — Sua sobrinha. Morta. — Naquele momento, odiei-o. — Se não fosse por você, ela teria carregado uma criança de qualquer sexo, com segurança, até o final da gravidez. Se

— Você não tivesse invadido Urbino, ela nunca teria adoecido. Você está aqui por preocupação com ela ou por sua própria ambição?

— Elas são a mesma coisa — disse ele, depois olhou para mim como se tivesse acabado de me reconhecer. — Torella não devia ter pedido a você para se desfazer disso. — Mesmo através das lágrimas, percebi algo no tom de voz dele que me deixou preocupada com *ser* Torella. — Passe isso para mim.

Agarrei a bacia com mais força.

— O que vai fazer com ela?

— Vamos, me dê isso. — Ele arrancou a bacia de mim e, dando um passo à frente para o revelim ao lado da ponte levadiça, lançou seu conteúdo no fosso, o pequeno corpo deslizando por baixo do lençol da mesma maneira que os mortos deslizam por uma prancha envolta em mortalha quando são sepultados no mar. Cesare permaneceu ali parado um instante, uma silhueta escura olhando para a água, e, ao ver que o corpo não afundava, abaixou-se, apanhou uma pedra do caminho e a atirou em cima dele. No momento em que a pedra atingiu seu alvo e a filha de dona Lucrezia afundava e desaparecia de vista, veio-me uma lembrança.

Dom Juan. Houve uma testemunha, eu me lembro, um vigia noturno de um depósito de toras de madeira na margem do rio, que vira o corpo de dom Juan deslizando da anca de um cavalo para dentro do Tibre. O cavaleiro, um homem bem-vestido que usava luvas de punhos adornados com joias, fora obrigado a passar certo tempo atirando pedras no manto flutuante do morto até o cadáver afundar. O corpo, dizem, fica um quilo e meio mais leve quando a alma parte. O vigia não deu importância àquilo; corpos eram jogados ao Tibre todas as noites.

Então Cesare desceu do revelim. Quando saiu da sombra projetada pelo ressalto, ele era um mero homem em mangas de camisa, suas mãos vazias, a expressão cansada, séria, triste.

— Você fez um pedido? — perguntei a ele. Cesare pareceu confuso. — Quando jogou a pedra — acrescentei.

— Ah. — Ele fez uma pausa. Eu tinha certeza de que somente naquele momento ele pensava num desejo, e eu me perguntava por que ele estava dando importância àquilo, por que simplesmente não mentia para mim. — Fiz, sim — respondeu ele —, mas antes de eu lhe dizer qual é, você tem que explicar o que quis dizer. Em relação a Urbino. — Aquilo não era um pedido, embora seu tom tenha sido bastante leve.

— Você saberia se tivesse visto *madonna*. Chorando e gritando. Puxando os cabelos e arranhando o rosto. Ela chegou a arrancar as cortinas e quebrou a maior parte da mobília em Belfiore.

Para minha grande perplexidade, Cesare começou a rir.

— É mesmo? Aquela tolinha? Bom, ela precisa aprender a confiar mais em mim.

Comecei a suar na testa e no rosto. Enxuguei a palma da mão na saia e senti a pele úmida entre meus seios formigar com a brisa que soprava com o cair da noite. Ele deu um passo em minha direção, pressionando seu corpo, vestido apenas de calça e camisa, contra o meu.

— Agora você sabe qual é meu pedido — sussurrou. Fiquei quase sem ar, meu coração disparado contra minhas costelas como um louco numa jaula. Levantei o rosto, inalei o perfume de jasmim, suor e poeira, deixei meus olhos roçarem a curva fina de sua boca. Eu me abria como um lótus, uma rosa em flor...

— Você deve ir ficar com ela. *Ser Torella* disse que não vai demorar muito. — Tremendo como se eu também tivesse sido acometida da febre, me afastei. Agora não era a hora.

— Ela está morrendo? Ela não vai morrer, *Violante*; você vai evitar que isso aconteça. — Ele pegou meu braço, embora mais como um carcereiro do que como um amante, e me virou para a Torre Marchesana. — Diga a ela... diga a ela que *Guidobaldo de Urbino* estava planejando defender *Camerino*.

Eu sentia através da manga e de minha pele a fragilidade dos ossos dele contra os meus e, de súbito, me veio à mente que sua grande força física, sua luta com os camponeses, seu trabalho de

dobrar ferraduras e sua decapitação de touros era apenas mais uma pantomima, mais uma máscara. Esse pensamento me deu confiança. Dona Lucrezia não morreria; eu a salvaria.

— Diga isso a ela você mesmo — retruquei.



Quando entramos no quarto, dona Lucrezia parecia estar totalmente sozinha. A cama fora forrada com lençóis limpos, e os seios dela haviam sido amarrados para interromper o leite, mas ela ainda estava inconsciente, o rosto pálido, as pálpebras num tom azulado, a boca machucada por eu ter enfiado o cinto da espada de Cesare sob sua língua. Cesare aproximou-se logo da irmã. Deitou-se na cama a seu lado, sua cabeça próxima à dela, e falou suavemente. Pegou mechas dos cabelos de cada um, no lugar onde caíam no travesseiro, e começou a trançá-las, o vermelho-escuro e o dourado-claro. Era uma cena íntima demais para eu testemunhar, então comecei a me ocupar pelo quarto, guardando o que restara do ofício de *ser* Torella. Onde estaria ele? Será que havia desistido de *madonna* e ido embora? Foi então que notei Catherinella. Ela estava sentada ao toucador de dona Lucrezia. Ele ficava por trás da porta, razão por que eu não a vira antes. Um diadema de ouro revestido de joias brilhava sobre seus cabelos encarapinhados, e colares cobriam-lhe o tórax.

— O que pensa que está fazendo aí? — gritei.

— *Madonna* morrendo — respondeu ela. Levantei a mão para espancá-la, mas, ao ver seu reflexo no espelho de prata polida, iluminado por velas acesas sobre o toucador, vi não a escrava que se aproveitava da incapacidade de sua senhora, e sim minha Madona dos Estrangeiros.

— Você está rezando por ela, Catherinella? — perguntei mais gentilmente; entretanto, antes que ela pudesse responder, Cesare estava em cima dela, arrancando-lhe o diadema da cabeça. Uns fios de cabelo, presos no diadema de ouro, vieram junto, o que fez a escrava gritar.

— Onde está *ser* Torella? — perguntou ele, aproximando seu rosto ao dela de tal forma que a escrava recuou, como se o hálito dele a tivesse queimado.

— Foi embora.

— Embora para onde? — Ele a agarrou pelos cabelos e puxou a cabeça dela para trás até que ouvi os ossos do pescoço dela estalarem.

— Procurar dom Alfonso — disse ela num lamento.

— E ele deixou você aqui tomando conta de sua senhora? E é assim que você lhe retribui, roubando o que pertence a ela? — A voz dele era quase um sussurro. Ele ergueu a escrava de supetão, virou-a de frente para ele e arrancou os colares do pescoço dela. Eles escorregaram por entre seus dedos e caíram com um ruído sobre o toucador. Catherinella começou a falar indistintamente em sua própria língua. Quando Cesare puxou-a para fora do quarto, os chinelos bordados de cetim caíram dos pés dela, e seus dedos pretos e largos arrastaram-se pelo tapete.

— Michelotto! — vociferou ele à porta. — Venha cá.

Ouviu-se o som de passadas rápidas e o ruído de espada e esporas.

— Dom Cesare? — Ele parecia ofegante.

— Ponha isto em algum lugar seguro, até que eu possa resolver esse problema.

— Certo, dom Cesare.



Quando *ser* Torella reapareceu acompanhado de dom Alfonso, que estava desganhado e de olhos vermelhos, dona Lucrezia havia voltado à consciência, e eu a persuadira a tomar um pouco de caldo de galinha, que, por fim, parou em seu estômago, mas que fizera arder seus lábios machucados. Em um tom calmo e firme, Cesare lhe contou sobre o bebê.

— Seu ventre foi feito para carregar filhos homens — concluiu ele, e curvou-se para beijar-lhe a mão, perdendo, assim, o sorriso triste com que ela recebeu seu discurso. Não fiz nenhum julgamento então da docilidade dela, atribuindo-a à sua fraqueza e ao alívio de não ter dado à luz um menino morto.

Pela manhã, *ser* Torella considerou-a forte o suficiente para suportar uma sangria.

— É um milagre — disse ele, olhando em minha direção enquanto escolhia uma lanceta do estojo. — Você é prendada, *monna* Donata; não há dúvida disso.

— O senhor é um bom médico. — Dizia muito da habilidade médica de *ser* Torella o fato de ele ter confiança em curandeiros e coragem de admitir a existência deles, embora eu não me visse como um. A maioria dos médicos considerava esses dons como bruxaria ou folclore. — E acredito que a dedicação do marido dela e do duque Valentino também tenham ajudado *madonna* a recuperar as forças.

Madonna fez um gesto afirmativo com a cabeça e sorriu em concordância, embora seu olhar se voltasse de vez em quando em direção à lâmina que *ser* Torella segurava e testava no polegar.

— É absolutamente necessário fazer essa sangria, homem? — perguntou Cesare, como se lesse a mente dela.

— Quanto mais cedo o sangue ruim retido durante a gravidez for eliminado, mais rápido ela recuperará a saúde e voltará para a cama do marido. Do contrário, o ventre poderá se sufocar.

— Deixe *ser* Torella fazer o trabalho dele — admoestou dona Lucrezia gentilmente, a fala saindo com dificuldade dos lábios machucados.

O médico decidiu extrair o sangue do pé direito dela, pois a lua estava em Virgem, um signo ocidental, frio e feminino como Peixes, que governa os pés. Entretanto, ele lamentou, Virgem é seco e melancólico, enquanto Peixes é molhado e fleumático, mas ele não tinha escolha. Ele me mandou colocar um banco baixo ao lado da cama, sobre o qual *madonna* poderia apoiar o pé num nível mais

baixo do que o restante do corpo para ajudar o fluxo do sangue, mas mesmo assim ele teve dificuldade de encontrar uma veia adequada. Por fim, deixou que Cesare segurasse o pé da irmã, e durante todo o tempo o duque contou piadas e fez comentários maliciosos sobre pessoas que havíamos conhecido em Roma — o severo mestre Burchard, o cardeal Piccolomini, que se aproximava dos 90 anos e roncava durante a missa, e dom Diego Lopez de Haro, embaixador espanhol que passou a falar como se estivesse resfriado depois que Juan Borgia quebrara seu nariz numa luta.

Ele falou do príncipe Djem.

— O querido Djem — suspirou *madonna*. — Você se lembra da época em que ele esteve conosco? De como Juan o provocava impiedosamente? Ele adorava Juan, sabe, e Juan era o mais temível conquistador. — Embora fosse óbvio que o comentário era dirigido a mim, seu olhar se mantinha nervosamente em Cesare. Recordei que um dia ela disse que Cesare gostava de Djem, porém agora ele mostrava pouco respeito pela memória do amigo, inflando as bochechas e baixando o queixo para imitar a obesidade do príncipe.

— Deem um gole no suco de papoula, meus queridos — disse Cesare, com um tom nasalado e sibilante. — Muito mais eficaz do que um chá medicinal.

— Ele cultivava papoulas especiais num canto do jardim, próximo ao Belvedere — explicou dona Lucrezia —, de sementes que haviam sido mandadas para ele pelo irmão, o sultão. O suco fazia a pessoa ver... — A voz de *madonna* fraquejou rapidamente, e depois ela perguntou: — O que você viu, Cesare?

— O futuro — respondeu ele com um riso desencorajador, e passou a falar sobre o secretário grego do Santo Padre, Podocario, que ficara quase surdo na velhice.

Quando dom Alfonso pediu licença para satisfazer uma necessidade fisiológica, pois a bebida em excesso o deixava com os intestinos soltos, Cesare estendeu o repertório e incluiu dona Isabella, de modo que, quando dom Alfonso retornou, estávamos todos, incluindo *ser* Torella, chorando de rir, dona Lucrezia segurando os seios presos e suplicando ao irmão que parasse, pois

não conseguia suportar a dor de rir com eles assim tão congestionados. A dor da sangria, ela quase não notou.

— Agora — disse *ser Torella*, colocando de lado a bacia de sangue para exame e limpando a lâmina com um pano macio — a senhora deve descansar, *madonna*. Talvez queira que dom Alfonso lhe faça companhia até a senhora adormecer? — Essa era uma sugestão sutil. *Ser Torella* evidentemente sabia que Cesare seria a escolha dela, mas também, talvez, que eu conseguisse persuadi-lo a sair dali. Cesare hesitou.

— Não nos distanciaremos muito — prometi. — Venha, meu senhor, vamos até o jardim de laranjeiras. — Os pés de laranja eram cultivados em vasos de chumbo e terracota num terraço no telhado, lugar em que, da Torre Leone, se avistava o fosso que circundava o castelo. Dos aposentos de *madonna*, chegava-se ao jardim por uma passagem privativa, percorrendo-se uma distância pequena entre as duas torres.

— Pare de me chamar de “meu senhor” — ordenou Cesare, dando-me o braço de maneira amigável quando chegamos à passagem que dava no jardim. — Você e eu estivemos juntos numa espécie de campanha hoje à noite. Isso nos iguala.

— Atitude bastante republicana... para um duque — provoqueei-o encorajada por sua afabilidade. Arbustos de lavanda e alecrim ladeavam a passagem, podados e recortados nas formas dos cálices, espadas, moedas e bastões das cartas de baralho. Cesare arrancou um galho de alecrim da ponta de uma espada, esfregou-o entre os dedos e levou-o ao meu nariz. Inalei, a fragrância forte e ardente enchendo meus pulmões e fazendo meus nervos formigarem com nova energia.

— Um governo do povo é muito recomendável — disse Cesare. — Minhas cidades na Romanha, todas, têm seus próprios conselhos formados por pessoas influentes e respeitáveis. Elas indicam seus juízes e outros membros assim. Têm até mesmo permissão de formar suas próprias milícias, dentro de certos limites. Eu descobri que os homens lutam muito melhor quando estão defendendo suas casas e suas famílias.

— Mas elas continuam a ser suas cidades.

— Sabe, Violante, adquirir uma grande reputação como soldado. É porque meu pai gosta de exhibir triunfos. Ele quer que os romanos me vejam como um tipo de César dos dias atuais. Mas, verdade seja dita, essas cidades, em sua maioria, renderam-se a mim de livre e espontânea vontade, felizes por escaparem dos tiranos que as governavam de forma extravagante. Eu negocieei com elas. Isso é o que fazem os melhores generais; evitam batalhas quando podem. Eles permanecem leais a mim porque meus impostos são sistemáticos, minha justiça, previsível, e minha capacidade de comprar grãos quando as colheitas falham, quase ilimitada. Dinheiro e boa administração. Se você ler César, o que eu acho que meu pai não faz desde criança, vai ver que ele diz o mesmo. O resto é encenação. O povo gosta disso também.

Algo não parecia muito real nessa utopia prática que ele descrevia.

— O que você vai fazer a respeito de Catherinella? — perguntei.

— Quem?

— A escrava.

— Por quê? Isso importa para você? — Ele virou-se para mim com um sorriso lascivo. — É esse o seu preço, então, a vida da escrava? Nada mais?

— Não sei do que está falando.

— Claro que sabe. Todo mundo tem seu preço. Eu pouparei a vida dela, se você quiser.

Senti-me humilhada e furiosa por ele tentar fazer da sorte de Catherinella minha responsabilidade. Uma parte de mim sabia que ele era assim, mas a outra lutava para negá-lo. Eu queria que ele fosse digno de meu amor.

— Você deveria poupá-la por sua irmã — declarei. — Por mim, eu amo você de qualquer maneira. — Pronto. As palavras haviam saído. Não como eu havia imaginado, com lágrimas e tremores virginais. Não com paixão, mas com uma estridente indignação. Se ele fosse digno, eu percebi, se fosse nobre e misericordioso, justo e altruísta,

eu não seria fascinada por ele. Meu estoque de amor se deslocara um pouco para longe de mim, em direção a Cesare.

Ele debruçou-se sobre o parapeito da passagem e olhou para a catedral. Soprava uma brisa suave e morna, que transportava o arrulho dos pombos aninhados entre os frisos e as estátuas. A fachada de mármore cor-de-rosa brilhava como uma pele sob os primeiros raios solares do poente.

— Leon Battista Alberti — anunciou. — Construiu o campanário — acrescentou, vendo-me olhar intrigada. — O homem que afirma que não há regras. Nem para quebrar, nem para nos guiar, apenas cada um de nós sozinho com sua própria engenhosidade.

Coloquei a palma de minha mão nas costas dele. A extremidade de seus cachos avermelhados lambia a ponta de meus dedos como chamas.

Sem fumaça, sem enxofre. Sem fogueiras acesas. O ar estava perfeitamente límpido. Nós dois percebemos no mesmo instante. Voltamo-nos um para o outro e parecíamos ter algo a dizer, mas nenhum dos dois pronunciou uma palavra. E é nesse momento que o tempo desacelera, depois para, e minha vida muda de direção para sempre.



Lábios abertos para falar encontram-se num beijo. Línguas que provocaram e flertaram, reprovaram, defenderam ou explicaram agora falam apenas o tolo idioma da atração. Talvez por estar muito cansada, envolvo-me no beijo e ao mesmo tempo me observo, flutuando fora de mim, em algum lugar nessa atmosfera nova e límpida que revela as minhas intenções sem ofuscação. Em essência, sob lençóis e sedas, não somos muito diferentes dos cães, que copulam nas sarjetas, eu acho, e com esse pensamento me vem uma onda de luxúria sórdida, que impele meu corpo contra o de Cesare, esvaziando-me a razão, a propriedade e o bom senso. Meus olhos fecham-se sob seu peso; minha respiração deixa meus pulmões e entra nos dele.

E, no exato momento em que suponho que meu êxtase me sufocará, quando todos os meus órgãos parecem ter se diluído, ele me salva.

— Obrigado — diz ele, saindo do beijo, embora continue a me abraçar, num abraço tão apertado que me vejo perdida no cenário de seu rosto. Próximo assim, é como um cenário feito por um geômetra, de planos e ângulos, e ainda o vejo, a despeito dos anos e do oceano, com os olhos do coração que desconhecem o passar do tempo.

— Por quê? — pergunto no presente de outrora, quando eu era uma criança.

— Por salvar a vida de Lucrezia.

— Eu não fiz nada. Foi o seu *ser* Torella que a salvou. Deve agradecer a ele.

Tirando uma das mãos de minha cintura, ele faz um gesto de quem não dá importância àquilo.

— Ele terá uma recompensa. Tenho um par de ótimas mulas de carruagem para dar a ele. As melhores. De Poitou. Na França — acrescenta, vendo que não sei onde é Poitou.

— Onde a sua mulher está. — E, ao pronunciar tais palavras, desejei retirar o que dissera.

Ele dá um suspiro exasperado.

— Violante, eu já não lhe disse que não tenho tempo para ficar seduzindo virgens? Sua consciência é problema seu, não meu.

— E a sua?

— Não tenho nenhuma. Não sabia? — Ele ri de repente e me abraça mais forte, mordiscando o lobo de minha orelha com os dentes. — Eu sou um monstro — vocifera, suavemente, do fundo de sua garganta. — Viro um lobo quando é lua cheia e como o coração dos que são tolos o bastante para se apaixonar por mim. Assados, com *trompetti de morte*.

— O meu, deve comer com alecrim — digo a ele, meu hálito quente em seu pescoço. Porque o alecrim é a erva do sol, que

acalma o coração e purifica a mente. A fim de que não haja dúvida alguma em mim sobre o que estou fazendo.

— E laranjas. — Ele pega minha mão e me conduz para o jardim de laranjas, seguindo um caminho por entre os vasos das árvores e os pequenos braseiros nos quais se acendem fogos para mantê-las aquecidas durante o inverno. As frutas amadurecem em períodos diferentes, e por isso o ar é permeado de uma mistura de fragrâncias da fruta e de suas flores, pedras quentes e zangões que perambulam pelas flores brancas. Uma galeria se estende pela parede traseira do jardim. Bem ao fundo há um banco de pedra largo sob um dossel de brocado, com pilhas de almofadas de cetim e veludo, cheias e brilhantes como frutas numa banca de mercado.

Cesare me conduz por baixo da arcada de mármore branco até a sombra azulada da galeria. Sua mágica cega os olhos posicionados nas janelas do castelo e paralisa as línguas maledicentes na *piazza*. Nada importa a não ser as curvas sinuosas de seus dedos e o calor de sua mão pressionada contra a minha. Observo enquanto ele tira as almofadas de onde estão empilhadas e as espalha sobre o banco. Aparentemente de forma descuidada, suas ações são meticulosas, calculadas. Fico fascinada com a maneira pela qual a graça pode transformar tarefas domésticas comuns em poesia física, cada almofada apanhada, cada giro e dobra da cintura, uma estrofe. As almofadas, eu acho, são o fim da linha, e esse pensamento me faz sorrir, e meu sorriso o faz interromper sua tarefa para interceptá-lo com o seu.

Ele estende a mão, a da marca de pólvora. Eu me aproximo dele e começo a cingir sua cintura com meus braços, mas ele segura minhas mãos e pressiona minhas palmas contra seu tórax. Sua camisa está aberta, de modo que temos o contato da pele com a pele, e os pelos molhados de suor de seu tórax se enrolam em meus dedos em um nó. O pelo é escuro, não é vermelho, e o coração dele bate muito regularmente comparado ao meu, que dispara num frenesi contra meu esterno.

A antecipação e a incerteza me deixam subitamente rígida. Sinto que minhas palmas começam a suar e rezo para que ele não note.

Mas ele nota.

— O que é? — pergunta.

As maçãs de meu rosto queimam no fogo dos olhos dele.

— Eu... eu não sou La Fiammetta nem a princesa Sancha...

Ele pressiona dois dedos contra meus lábios. Sinto o cheiro da cânfora usada para proteger as almofadas das traças.

— Você é mais preciosa para mim do que qualquer uma delas. Você sabe disso, não sabe?

Faço que sim com a cabeça. Eu sei disso, embora eu não entenda por quê, uma vez que não tenho cidade, terra, nome, títulos, nem habilidades amorosas, a não ser as que Angela me ensinou. Conhecimento sem compreensão não é o bastante para me fazer relaxar. Com um sorrisinho torto, ele me pega no colo, um braço sob meus ombros, o outro sob a parte traseira de meus joelhos, e me coloca gentilmente sobre as almofadas.

— Então, de que você tem medo? — pergunta ele, retirando a camisa pela cabeça. O pelo de seu tórax forma o padrão de uma taça, o bojo estreitando-se numa haste bem abaixo de sua caixa torácica. — Em que está pensando? — insiste, quando eu não respondo. Eu lhe digo. Ele ri e senta-se a meu lado. — Mostre-me.

Ergo a mão até um ponto próximo à aréola de seu peito esquerdo, escura como uma amora. Observo minha mão como se ela pertencesse a outra pessoa; ela reflete uma luz violeta que atravessa o dossel. À medida que contorno o esboço da taça com a ponta do dedo, seguindo o sulco formado por suas costelas até a parte plana de sua barriga, Cesare se contrai e ri. Ele sente cócegas, eu percebo, e meu coração sofre um sobressalto. Mas ele fica sério outra vez quando meu dedo para no lugar onde a haste da taça desce abaixo de seu umbigo.

— Não pare — diz ele, afrouxando as calças. Livre da pressão, seu sexo parece se dirigir à minha mão. — Está vendo, você atrai meu desejo — murmura, mas minha mão parece paralisada, como se tivesse seu próprio senso de modéstia separado de qualquer coisa

que meu cérebro possa tentar impor, e todo o meu corpo treme em meio a essa guerra entre eles.

E Cesare, que entende de guerras, recosta-se, tira as botas, depois se deita a meu lado sobre as almofadas e começa, com dedos lentos e determinados, a desamarrar meu corpete. Vestida às pressas para servir de enfermeira, não estou usando um espartilho. Fico deitada com meus braços rígidos ao lado do corpo, pulsos cerrados, unhas enfiadas nas palmas das mãos, ciente apenas de seu sexo pressionado entre a base de minha barriga e meu monte de Vênus. Ele solta o decote de minha combinação e beija meus seios, um depois do outro, fazendo um círculo em torno de cada aréola com a ponta da língua. Penso em Angela.

— Você sabia — murmura ele — que dom Cristoforo Colon, o governador das Índias, certa vez escreveu para a rainha Isabella que a Terra tem o formato do seio de uma mulher e que o Jardim do Éden fica na aréola?

Não me pergunto como ele sabe disso. O desejo banha minha garganta e as partes em mim que se mantiveram secretas até agora, esperando por meu conquistador com suas mãos sábias e seu sorriso que desafia o demônio. Mudando de posição levemente, ele desliza uma das mãos para baixo de minhas saias, abrindo minhas coxas à procura desse novo mundo.

— Você não acredita no Jardim do Éden — eu lhe relembro.

— Ah, mas eu acredito — garante, e eu penso em dom Cristóbal e em como pareço a Terra inteira na palma da mão de meu amante.

Os dedos dele alisam e investigam, mas não acham seu objetivo; eu quero dizer a ele para descer mais e quero guiar seu toque, mas não sei como. Quero fazê-lo feliz; quero que ele me ame, então finjo, mexendo-me e suspirando, e creio que ele é enganado. Abruptamente, ele se desvencilha de mim e levanta-se. Tira o resto da roupa e fica de pé, e de repente sinto vontade de rir.

Ele parece tão tolo, tolo e vulnerável com seu sexo estendido diante de mim, grosso e obscuro, a pele escura saliente e cartilaginosa. Parece não pertencer ao restante do corpo vigoroso,

de ossatura delicada, pele imaculada, exceto por uma pequena cicatriz vermelha, semelhante a uma queimadura de sol, logo acima da linha dos pelos púbicos. Nada está escrito em seu corpo; até em sua nudez, ele é um enigma. Mordo os lábios e procuro algo sério em que pensar. Ajoelhado entre minhas pernas, ele enrola minhas saias ao redor de minha cintura, abre-me com dois dedos e penetra em mim.

Isso é impossível. Ele é grande demais. Vai me romper; tudo dentro de mim vai se rasgar, esfolar. A dor é profunda e aguda, súbita, concentrada, mas onde, não consigo dizer. Gemo, balanço a cabeça de um lado para o outro, aperto os olhos. Mais uma vez sou incompreendida, enquanto ele penetra ainda mais em mim. Agora algo muda. Minhas coxas se abrem tensas, meus quadris se arqueiam ao encontro dos dele; sou apenas desejo, apenas uma boca salivando. Ele treme, dá um gemido abafado, que sinto contra meu pescoço, e fica parado. Sinto sua pele esfriando de encontro à minha; sinto-me como uma criança a quem foi oferecido um doce, mas de quem ele foi arrancado no momento em que ela estende a mão para pegá-lo. Respiro fundo, desejosa de que meu sangue desacelere, meu coração se acalme, minhas pernas, que estão presas em torno da cintura de Cesare, relaxem para soltá-lo.

Após um instante, ele ergue-se sobre um cotovelo e me investiga com o olhar.

— O que houve? — Cesare espera, mas não sei como responder, então ele tira suas próprias conclusões. — Só agora está pensando nas consequências, hein? — provoca, fazendo cócegas em minha barriga.

— Não é isso. Angela garante que nunca se engravida da primeira vez.

Diante disso, ele parece cético, mas tudo o que diz é:

— Então, o que é? — Noto que nesse instante ele entende. — Não lhe dei prazer, não é? Ora, ora. O que posso dizer em minha defesa? Eu a desejava tanto, sabe, desejava há tanto tempo, e estou arrasado com a doença da minha irmã... Mas você não quer

desculpas, não é? — Ele alisa meus pelos, se interessa novamente pelo que eles escondem.

— Não importa. — Na verdade, não importa. Porque a necessidade dele me lançou uma luz sobre o que significa ter poder. Olho para o rosto dele, para o cenho franzido de linhas irregulares e o ar de hesitação em sua boca trêmula e digo a mim mesma que, pelo menos neste momento, somos iguais. Mais do que iguais.

— Não minta para mim. — Ele ergue a mão de entre minhas pernas e lambe os dedos. — A Senhora Vagina não mente.

Afasto uma mecha emaranhada de seus cabelos para seus ombros e, quando toco sua pele úmida, tenho uma rápida e estranha sensação de que nossos corpos se fundiram, de que posso entender.

— É verdade — digo. — Não importa.

Aparentemente aceitando que eu esteja dizendo a verdade, ele volta a ficar à vontade em nossa cama de almofadas. Puxando-me para junto de si, até que minha cabeça repousa em seu tórax, minha orelha sobre seu coração, sua voz, um tremor nos ossos de meu crânio, ele diz:

— Vou contar a você sobre Urbino, então. E, quando eu acabar de contar, estaremos prontos para fazer amor de novo. E serei melhor da próxima vez, prometo. — Pergunto-me se ele sente meu sorriso.

Enquanto fala, ele alisa meus cabelos, com movimentos longos e amplos, descendo em minhas costas, parando no ponto da saliência de minhas nádegas, onde ele deixa a mão por um instante antes de começar de novo.

— Você lembra — começa ele, e isso tem quase o mesmo poder mágico de “era uma vez” — quando os franceses ocuparam Roma em 1494?

— Só vagamente, eu era uma menina na ocasião. E os judeus tinham sua própria milícia. Ela era bastante eficiente. Os franceses nos deixaram em paz, eu acho.

— Bom, eu tinha 19 anos. Acabava de me tornar cardeal. Tinha um doutorado em leis canônicas, mas não tinha espada. Juan estava na Espanha, Lucrezia com Sforza, o marido dela, em Pesaro, Jofre...

ah, não me lembro onde ele estava; ele era uma criança ainda, de qualquer forma. Então, era apenas papai e eu, e alguns clérigos mais velhos. Tivemos que nos refugiar em Sant'Angelo. Papai levou também Giulia Farnese e minha mãe. — Ele ri, e seu tom muda para o do cortesão que espalha boatos e encanta os visitantes nos salões de La Fiammetta. — Você pode imaginar? O pobre mestre Burchard, que se recusou a sair de perto de papai, independentemente do que acontecesse, ficou terrivelmente envergonhado com a ordem de precedência no jantar. Giulia era a favorita da vez, e mamãe, por outro lado, era a mãe dos filhos prediletos do papa.

“Mas isso não importa. O que importa é isto. Enquanto as mulheres reclamavam, e meu pai e outros cardeais planejavam uma maneira de negociar com Carlos, eu observava o exército dele. Era o maior exército já visto na Itália; eles só conseguiram atravessar a Porta del Popolo quando já havia muito escurecido, e eu não vi um único soldado fora de forma. Eles tinham canhões com um calibre do tamanho da cabeça de um homem. Com um exército daqueles a seu lado, até um aleijado tolo como aquele rei podia fazer o que quisesse. Sabe, Violante, aquilo fez meus braços e pernas formigarem, preso naquelas salas horríveis de paredes grossas em Sant'Angelo, pensando no que eu poderia fazer com um exército como aquele. O pensamento me fez tropeçar em minha nova túnica brilhante de cardeal, e minha mãe me repreendeu por ser tão desajeitado.”

Movida por uma onda de afeição por aquele rapaz sem jeito e deslocado que ele descrevia, ergo a cabeça de seu peito e o beijo.

— Por que isso agora? — pergunta ele, intrigado.

— Nada. Continue. Você não mencionou Urbino ainda.

— Você é muito impaciente. Não há pressa.

— As pessoas logo vão estar nos procurando. Que horas você acha que são?

Ele avalia o ângulo das sombras enfraquecidas no pátio.

— Duas ou três da tarde. Mas o sol está se recolhendo. Onde eu estava?

— Sendo repreendido por sua mãe.

— *Plus ça change* — diz ele pesaroso. — Sim, bom, talvez você saiba, porque é uma dessas histórias apócrifas que eles contam sobre mim, que uma das condições que meu pai negociou com Carlos para sua saída foi que ele podia levar a mim e a Djem como reféns para que todos se comportassem bem. Considerando o que seus homens já tinham feito em Roma e em outros lugares, você pode dizer que isso foi como fechar a porta do estábulo quando o cavalo já escapara, mas, de qualquer forma, estava feito. Eu fugi quase imediatamente. Papai e eu tínhamos feito um plano...

— Eu sei. Falávamos sobre isso na escola. Falávamos muito sobre você na escola. A razão principal para minhas amigas irem ao meu batismo era a esperança de vê-lo. Mas você não estava lá.

— Ah, bom, eu não sabia como você era bonita. Talvez eu estivesse pronto para entrar numa igreja por você. — Ele pega uma mecha de meus cabelos e leva-a a seus lábios. Então seu punho se fecha; ele começa a puxar, parando somente quando meu silvo de dor o faz perceber que está me machucando. — Mas eles mataram Djem — diz, com uma voz monótona e perigosa como o aço mal temperado.

— Dona Lucrezia afirma que ele morreu de uma febre.

— Ele foi envenenado, com certeza. Carlos percebeu como meu pai e eu tínhamos planejado minha fuga quando descobriu que minha bagagem continha apenas pedras e caixas vazias, então ele pensou em se vingar de papai, privando-o do dinheiro que ele recebia do sultão para a manutenção de Djem. Ele era forte como um elefante; não teria sucumbido a uma febre tão facilmente.

— Você gostava muito dele, não gostava?

— Ele nos aceitava como éramos. Você não tem ideia de como isso é raro entre pessoas como nós.

Penso em mim mesma, em meus cabelos louros, nos meus três nomes e na língua na qual eu às vezes sonho, mas já não entendo. Porém fico em silêncio, porque quero descobrir quem é o verdadeiro Cesare.

— Entrar nos aposentos dele era como entrar num sonho. Ele morava numa espécie de tenda, com tapeçarias de seda brilhantes penduradas no teto como um velame, e o chão coberto de almofadas e bandejas de prata com pés pequenos e curvos, cheias de doces.

Ergo a vista para o dossel acima de nós, sinto a textura da seda e do veludo em contato com minha pele, as picadinhas aleatórias de pelos soltos. Talvez Djem esteja nos observando do lugar para onde vão os muçulmanos quando morrem, qualquer que seja.

— Ele acendia incenso porque gostava do cheiro, não para agradar alguma divindade que não dava a mínima para ele. Ensinou-nos a preparar *lokum* num pote de bronze sobre o fogo e nos estimulou a beber suco de papoula, porque ele dizia que havia todo tipo de segredo preso na semente da papoula que somente o calor de nosso estômago poderia liberar. Lucrezia nunca pôde entender por que não bastava inalar o perfume das flores, mas, claro, elas não têm nenhum. Eu nunca vou perdoar os franceses pelo que fizeram com Djem.

— Mas eles são seus aliados. Sua mulher é francesa.

— Por que você insiste em falar na minha mulher? Ela é minha mulher, e os franceses não são meus aliados; eles são meus instrumentos, eles e a Espanha. Eu vou lhe dizer uma coisa sobre meu tempo na França, e somente uma coisa.

Meu coração começa a bater forte, irrigado, como se alguém estivesse lavando roupas e batendo-as dentro de meu tórax. Não sei se quero que ele me conte mais sobre a França.

— Enquanto eu estava lá, percebi algo. Era, eu suponho, o efeito da distância, um tipo de perspectiva mental, talvez. Percebi que, se era para a Itália se tornar algo mais além de um parque de diversões para os reis da França e da Espanha, então ela deveria se tornar um Estado ela própria, com seu próprio rei.

— Você?

Ele dá de ombros.

— Isso não importa. O que importa é isto. — Ele se volta para mim, enfiando-se cada vez mais entre as almofadas, e eu sei que ele está chegando ao fim de sua história, porque sinto que está pronto para amar de novo. Com meus braços em torno de sua cintura, puxo-o de encontro a mim. — Invadi Urbino, porque eu podia — sussurra ele —, porque eu quis, porque nunca mais vou ser prisioneiro de ninguém. Eu só vou fazer o que eu quiser. — Ele está em cima de mim agora, seus cabelos cobrindo nossos rostos enquanto nos beijamos, e eu me entrego ao doce prazer de seu desejo...

— Dom Cesare?

Em segundos ele fica de pé, vestindo a camisa por sobre a cabeça, afastando os cabelos dos olhos.

— Michelotto.

O tempo começa a se mover de novo.



Michelotto, de pernas cruzadas, encontrava-se recostado num dos pilares de mármore branco da arcada, com o ar de um homem que já vira tudo aquilo antes. O cinto da espada de Cesare estava sobre seu ombro; as esporas também estavam ali penduradas, assim como a espada e o tabardo dos cavaleiros de São João, com o qual Cesare havia chegado a Ferrara no que parecia ser uma outra vida.

Enquanto eu vasculhava entre as almofadas à procura de minhas roupas, Michelotto disse:

— Salvatore está aqui. Dizem que ele interceptou uma mensagem do cardeal Orsini para Vitellozzo. E já tem a avaliação das fortificações em San Leo que você pediu a Leonardo.

— Começou, então. Ótimo. Vamos arrancar o mal pela raiz, de uma vez por todas.

Michelotto me lançou um olhar de suspeita, enquanto Cesare se vestia.

— Sem problema — disse Cesare, em resposta à dúvida não expressada de seu tenente. De fato, não havia problema; eu não tinha ideia do que Michelotto falava, embora em pouco tempo toda a Itália estaria comentando.

Michelotto jogou-lhe o tabardo. Ele vestiu por sobre a cabeça e saiu da galeria. Enquanto prendia a espada, ele virou-se para mim.

— Diga adeus a minha irmã por mim. Diga a ela... diga a ela que passaremos o Natal juntos.

E riu, mandou-me um beijo e se foi; minha última impressão dele, o retinir de suas esporas, abafado por alguma observação a respeito das condições da estrada para Milão. Uma citação de Plotinus me veio à mente, uma que havia sido uma das prediletas de meu pai: a vida de todos os homens práticos é um encantamento.



Não sei quanto tempo fiquei ali, deitada, quase nua, naquela galeria. Meu corpo doía de um desejo frustrado, mas meus membros, quando os alonguei, pareciam tomados por uma espécie de languidez, como se eu estivesse submersa. O ar que eu respirava tornou-se opressivamente quente, entretanto meu suor era viscoso, e o caminho úmido que a semente de Cesare percorrera quando escorrera para fora do meu corpo deixou uma marca fria em minha nádega direita. Foi isto o que me despertou, o pensamento de que meu sangue de virgem pudesse manchar as almofadas de dona Lucrezia. O que seria de mim se aquilo fosse descoberto? A vergonha queimava as maçãs do meu rosto. Virando-me para o lado, olhei por sobre meu ombro. Graças a Deus, nem minha pele, nem as almofadas tinham nenhum sinal, e lembrei-me do que me dissera Angela sobre cavalgar, e sobre as coisas que fizemos juntas. Minha virgindade escapara de mim como um ladrão no meio da noite, sem deixar qualquer vestígio.

Juntei minha roupa e comecei a me vestir, ajeitando a combinação amassada e fechando meu corpete da melhor maneira que podia, com dedos que pareciam relutantes em me obedecer. Eu me

apressei, tateei, tanto pelo pânico da nudez naquele lugar em que eu não tinha direito de estar quanto pela emoção por aquele momento marcar minha transição para a condição de mulher nos braços desse homem que eu adorava, que poderia ter — e tinha — a mulher que quisesse e havia me escolhido, cobrindo-me com toda a sua intimidade até eu achar que ia explodir de excitação.

Trovejou. Parecia que os deuses eram céticos. Sorri desafiadoramente enquanto calçava os sapatos, e as primeiras gotas de água atingiram as folhas firmes das laranjeiras, espalhando manchas escuras no pátio. Uma mera tempestade de verão não seria ameaça alguma para mim, pois eu era a amante de Cesare Borgia, o homem que os boateiros romanos chamavam de filho de Deus. Quando as pessoas olhassem para mim de agora em diante, elas veriam a impressão de sua paixão em meu corpo, a febre de seus olhos refletida nos meus. Qualquer pessoa que passasse por mim na rua sentiria o perfume de jasmim embebido em meus cabelos.

Eu estava ansiosa para contar tudo a Angela; quer dizer, não exatamente tudo. Há entre os amantes certas transações que, como as pinturas antigas nas paredes das catacumbas sob as ruas de Roma, desintegram-se quando expostas ao ar. Como eu poderia explicar a Angela que a minha verdadeira transformação se dera não pelo ato físico de penetração, e sim pelo poder das palavras? Era como sentir uma queimadura de pólvora escutar o terrível Valentino se descrever como um menino desajeitado que irritou a mãe e cuja fraqueza eram os doces turcos. O menino que havia dentro do homem fez de mim uma mulher.

Arrastando-me e vagando como a moça estrábica idiota que vendia violetas à Porta Mare na primavera, retornei à Torre Marchesana. A chuva caía forte então, encobrendo a praça vazia, escorrendo pelos claustros. Comecei a perceber dores estranhas em meu corpo, músculos repuxados em minhas coxas, meus lábios machucados e queixo ardendo da fricção da barba de Cesare, um queimor em minha vagina que não podia ser descrito puramente

como dor. Ele se fora, não fizera promessas, e meu corpo me ensinava o que era sentir a perda.

Então um cheiro de alecrim subiu ao ar entre os odores úmidos de muros velhos molhados e sarjetas cobertas de mofo. Parei ao lado do arbusto com a forma de uma espada para sentir seu cheiro. Alecrim como recordação. Baixei a vista até o fosso do castelo, cuja superfície, pelas batidas da chuva, assemelhava-se à massa empanada, e pensei no bebê dormindo na lama macia, entre os peixes tranquilos. Era correto ela estar ali, aquela criança que rejeitou o ar mesmo antes de respirar. Como meus instintos eram imprecisos, enquanto os de Cesare eram perfeitos. Como ele me humilhara e como eu tinha sorte por ter sido escolhida para carregar o estigma de sua paixão.

Um trovão que deve ter estrondado bem acima de nós, assustando um par de cisnes do fosso, fez-me voltar à razão e à percepção de que meus pés estavam molhados; meus sapatos, provavelmente estragados. E o pior, eu tinha certeza de que já haviam sentido a minha falta. Precisava entrar sorrateiramente em minhas dependências para trocar de roupa sem ser vista. Com sorte, todos ainda estariam ocupados demais dando assistência a dona Lucrezia para dar falta de mim. Embora eu esperasse que Angela estivesse em nosso quarto para me enrolar numa toalha e ouvir minha confissão.

— Bom, minha querida, esse é um ótimo tempo para passear entre as laranjas. — Ferrante, segurando a porta aberta no final da passagem. — Fui dar os pêsames à sua senhora, e ela estava muito irritada com a falta do seu anjo protetor. Ela disse que o duque Valentino foi embora inexplicavelmente sem se despedir e que você tinha desaparecido. Eu tentei sugerir que você devia estar descansando, mas você foi vista. Boatos e o cheiro de repolho cozido... ambos podem, de alguma forma, se espalhar por todos os cantos da casa. Devo dizer que você parece... bom, talvez deva tentar tirar esse sorriso de seu rosto antes de se apresentar a ela. Ela acabou de perder um filho. E tem outra coisa que você precisa

saber, antes de ir se encontrar com ela. Outra perda. A escrava, Catherinella.

Com tudo o que acontecera, eu havia esquecido Catherinella.

— Ela está pendurada na Torre Leone, numa jaula — continuou Ferrante, seu tom monótono, sem emoção. — Há uma placa de madeira em torno do pescoço dela. E diz: “Catherinella, escrava, em exposição por ordem do ilustre dom Alfonso por mostrar desrespeito para com sua nobre esposa, a duquesa Lucrezia.” — Olhamos um para o outro; ambos sabíamos de quem era a ordem por trás daquela de dom Alfonso. — É um amor insondável que eles têm um pelo outro, seu amado e a irmã — disse Ferrante, e eu desviei o olhar.

— Quanto tempo ela vai ficar pendurada lá?

— Até morrer. Não vai demorar, neste calor, sem água. Por isso devemos agradecer a Deus.

Todos têm um preço, ele dissera.

— Mas está chovendo. Temos que tirá-la de lá.

Ferrante olhou para mim como se eu tivesse proposto mudar a órbita da Lua ou pedir ao Sol que brilhasse à meia-noite.

— Como? E o que faríamos com ela? Alfonso jamais deixaria que dona Lucrezia a recebesse de volta, mesmo que ela quisesse, depois de Catherinella ter mostrado tal desonestidade.

— Ela não estava roubando, Ferrante, ela estava... Ah, deixe para lá. Mas ela não estava roubando, eu sei. Como as jaulas são penduradas? Devemos fazer a mesma coisa ao contrário.

— Os homens do carcereiro simplesmente as atiram pelo parapeito. Eles prendem as correntes em argolas colocadas no telhado e as atiram por cima.

Eu pensava na jaula, rodando e batendo no muro da torre, quicando contra as janelas e seus frontões.

— Bom, não seria difícil puxar a jaula de volta. Catherinella não pesa muito; ela é pequena, assim como uma criança, eu acho, embora seja difícil dizer. — Às vezes ela parecia tão velha quanto a própria África.

— Violante, seja sensata. Isso não é possível. Seríamos descobertos. Alfonso certamente mandaria matar a escrava, e nós também seríamos punidos.

— O que ele pode fazer conosco? Ele ainda não é duque, lembre-se disso. Além do mais, nós dois sabemos que não foi ele quem impôs a sentença, o que quer que diga a placa. Faremos isso. Você precisa pedir ajuda. Por que não chama Vittorio?

Ferrante suspirou.

— Vittorio é submisso a Cesare, Violante. Eu tolero isso porque ele tem certos... atributos que eu considero irresistíveis. Cesare sabe disso. Foi por isso que o escolheu para escoltar dona Lucrezia até Ferrara.

— Meu Deus, Ferrante, como você é uma... Como você é mesmo uma mulher! Eu vou encontrar alguém e vou fazer isso eu mesma. Uns criados de dona Lucrezia. É isso. Ela vai nos proteger... até mesmo de Cesare.

— Você acha? — perguntou ele suavemente. — E o que aconteceu em Urbino? — A pergunta dele me surpreendeu. De alguma forma, eu nunca tinha considerado a possibilidade de Ferrante se interessar por política. Ele esperou um momento, e como eu não respondi, ele continuou: — Há alguma coisa. Algo mascarado, eu acho, mas Alfonso diria que esse é meu forte.

— O quê? — Eu quis saber.

— Não pergunte, criança.

Eu não sou mais uma criança, eu queria debater sobre aquilo, mas o tom de Ferrante havia sido solidário, não protetor, então segurei a língua. Eu precisava confiar nele.

— Agora vá se apresentar a sua senhora. Tenho certeza de que a distração de suas... aventuras vai ajudá-la a se recuperar.

Fiquei à porta por mais um instante, observando Ferrante retornar, caminhando devagar pela passagem que levava ao jardim de laranjeiras, o peso da responsabilidade sobre seus ombros, vestígios de Cesare deixados por toda parte como um espírito maligno e

encantador. Por que eu o amava? Seria melhor perguntar por que meu coração batia ou meus pulmões respiravam.



Na manhã seguinte, quando algumas de nós atravessávamos a praça para assistir à missa na catedral em agradecimento pela recuperação de *madonna*, nossa atenção se voltou para uma comoção entre um grupo de espectadores que olhava para a escrava na jaula. As pessoas apontavam e sussurravam. Agitado, em vez de ficar parado, o pequeno grupo dava voltas e mudava de posição. Até os mascates, que raramente prestavam atenção aos prisioneiros pendurados na torre, haviam parado embaixo da jaula de Catherinella com os pescoços levantados, alheios aos garotos pedintes de mão leve que roubavam maçãs, ou abricós, ou tortas de abóbora quentes de suas bandejas. Ergui a vista, mas vi apenas o chão de tábuas da jaula que emitia pequenos pontos de uma luz amarela através das fendas. Olhei para Ferrante, ao lado de dom Alfonso, segurando seu missal contra o peito. Ele evitava meu olhar. Eu o vi puxar a camisa do irmão e tentar apressá-lo, mas dom Alfonso já estava despachando um de seus assistentes para verificar o que havia acontecido.

A notícia foi dada no momento em que o coro terminou o *Te Deum*, passando de boca em boca como o fogo alastrando-se entre construções. A escrava estava morta. De alguma forma, ela havia conseguido uma corda, com a qual se enforcara, prendendo-a ao enorme pino no teto da jaula que fixava a corrente. O pescoço grosso de dom Alfonso estava vermelho abaixo da linha de seu cabelo curto. Ao lado dele, Ferrante mantinha a cabeça baixa como se contrito em oração. Espero que o Todo-Misericordioso o tenha perdoado pelo que fez, arriscando sua alma imortal pela dignidade de uma escrava.

O LIVRO DAS PROMESSAS QUEBRADAS

*Ela sabe que a terra
é conduzida pelas mães, isso é certo.
Sabe também que não é mais
o que se pode chamar de moça.
Quanto ao encarceramento,
ela crê que é uma prisioneira desde criança.*

Louise Glück, "Persephone the Wanderer"

CAPÍTULO 1

FERRARA, SETEMBRO DE 1502

Tudo o que eu lhe dei foi uma caixa vazia e um verso emprestado.

Angela me disse que sou uma pessoa de sorte.

— Pelo menos não afetou seu rosto — disse ela, endireitando-se e apagando a chama da vela que usara para examinar minhas partes íntimas. Eu pensava que fosse apenas um forte resfriado, o que não era de surpreender, uma vez que ficara encharcada durante a tempestade e fora obrigada por dona Lucrezia a ficar com ela pelo tempo que fosse necessário para explicar, da melhor maneira possível, por que seu irmão, o duque, havia deixado Ferrara com uma mera promessa de retornar no Natal. Isso de nada lhe adiantaria, reclamou *madonna* com um vigor renovado, que meu cansaço e frio não me deixaram apreciar. Era naquele momento que ela precisava dele, uma vez que teria de enfrentar o Este depois não somente de ter abortado, mas de ter abortado uma menina. Ela não mencionou Catherinella, embora o corpo tivesse ficado pendurado durante 15 dias, até os corvos lhe devorarem os olhos e grande parte de sua carne, e as pessoas que passavam pela praça abaixo se espantarem ao constatar que os ossos da escrava eram tão brancos quanto os delas.

Então Angela notou que eu me coçava. Não sei dizer o que era pior, se as dores lancinantes em meus braços e pernas que me forçavam a mudar de posição a noite inteira à procura de alívio, ou a coceira e o queimor entre as coxas que me levavam para cantos escuros, para trás de telas, portas, treliças de jardins, ou qualquer outro lugar em que eu pudesse me coçar secretamente. Eu sonhava em me sentar sobre blocos de gelo; bebia o mínimo possível para evitar ter a sensação de urinar lâminas de facas.

— É só uma friagem nos rins — eu disse, apoiando-me sobre os cotovelos.

— Veja você mesma — respondeu Angela, entregando-me um espelho pequeno que acomodei entre as pernas até conseguir ver o reflexo de minhas partes íntimas. Uma pequena ferida cheia de pus amarelado se destacava na borda das minhas partes, dura e indolor ao toque. — Ele deixou para você, definitivamente, um pequeno *memento amoris*.

— Eu pensei que ele estivesse curado. — Minha voz soou queixosa.

— Você certamente não acha que ele tem sido um modelo de virtude monástica desde os famosos banhos de mercúrio de Torella, sua tolinha. Ele deve ter contraído outra doença venérea.

A doença queima em mim como o fogo no centro de um monte de feno úmido; ela bate as horas à noite como o relógio da morte na cumeeira.

— Eu gostaria que Torella ainda estivesse aqui.

— Ah, vamos conseguir resolver isso. Precisamos de um sapo. Ou de uma galinha. Assim seria mais fácil. O importante é evitar que Lucrezia descubra. Não vai facilitar em nada os planos de casamento que ela tem para você se não puder oferecê-la como uma moça saudável e virgem. — Desde sua recuperação, este era o grande projeto de *madonna*, encontrar bons maridos para todas nós, bons partidos ferrarenses que a ajudassem a sanar o dano causado à sua reputação pelo aborto. Angela apoiava a prima com entusiasmo em seus esforços, uma vez que dona Lucrezia estava então apoiando os planos dela de se casar com Giulio.

— Um sapo?

— Um sapo vivo, dividido em dois e aplicado sobre a ferida. Ou uma galinha.

— Da mesma maneira?

— Sim. É um dos remédios de Ippolito — confidenciou ela. — E deve funcionar, porque eu estou livre da doença.

— Mas há quanto tempo você não vai para a cama com ele? — Ippolito não ia a Ferrara desde a época anterior à febre e, mesmo antes disso, eu achava que Angela começara a recusar suas atenções. Ela enrubesceu; mexia com o espelho que eu lhe devolvera enquanto eu ajeitava minhas roupas.

— É difícil. — Foi tudo o que ela disse.



Embora tivéssemos feito várias tentativas de pegar um sapo por meio de vasos de plantas e pequenas redes de pescar, fingindo, na frente de *madonna* e das outras damas de companhia, que era um jogo que havíamos inventado para combater o frio das tardes de outono enquanto caminhávamos pelos jardins, nossos esforços foram infrutíferos, e teríamos de conseguir uma galinha. Era um processo complicado, pois a ave precisava ser cortada ao meio e aplicada à área afetada enquanto ainda viva. Deitada no chão, para evitar sujar meus lençóis e levantar suspeita entre as lavadeiras, de pernas abertas e saias enroladas até a cintura, não havia muito que eu pudesse fazer para ajudar Angela a segurar firme a revoltosa ave, tarefa agravada pela decisão dela de usar uma luva de falcoaria para proteger as mãos de bicadas e arranhões.

Angela também não sabia quanto tempo a ave moribunda deveria ser pressionada contra a ulceração. Até o corpo esfriar, foi a sugestão de Ferrante, que conseguira a luva e ficara de vigia do lado de fora da porta. Era impossível confiar em qualquer uma das outras moças de dona Lucrezia, pois Angela e eu atraíamos mais ressentimentos do que simpatia por sermos as prediletas, e a piedosa Fidelma se tornara a hostilidade personificada em relação a nós duas, convicta de que havíamos desviado *madonna* e éramos as prováveis responsáveis pelo aborto dela, encorajando-a a dançar e a ficar acordada até tarde. Chegamos a um acordo. Angela manteve aquele monte de carne e penas, que sangrava e se debatia, pressionado contra minhas partes íntimas até que a ave ficou imóvel, seu sangue deixou de fluir e ela estava nitidamente morta. Angela então a atirou no fogo, e o cheiro de penas queimando me

fez tossir, enquanto eu tirava minhas anáguas sujas e passava uma esponja nas coxas.

— Talvez devêssemos ter aproveitado e feito um caldo de galinha — eu disse.

— Eu juro que nunca mais vou comer nada preparado com galinha. — Angela jogou a água do banho na ave, tentando abafar a terrível fumaça, mas só piorou as coisas.

— Bom, agora vamos ficar fedendo a miúdos. Você vai ter que me emprestar o seu perfume.

— Somente se você me deixar usar os seus rubis. Giulio disse que eles realçam a cor do meu cabelo.

Naquela noite, seria encenada uma nova peça criada por Ercole Strozzi, e *madonna* ofereceria um jantar a ele antes do espetáculo. Apesar de suas pernas tortas e da calvície que parecia projetar seus olhos e nariz, tornando-o parecido com um furão grande, nós todas adorávamos Strozzi porque ele nos fazia rir. A amiga de *madonna*, Barbara Torelli, tinha o hábito de analisar o poder erótico do riso, e devia ter conhecimento de causa, porque ia para a cama com Strozzi; esse era um segredo amplamente conhecido.



Quer por sorte, quer pelas habilidades de cura de Angela, o remédio da galinha funcionou e, à medida que o outono prosseguia, começávamos a aguardar com animação a curta temporada do Carnaval antes do Advento, e eu me sentia maravilhosamente bem. Meu apetite, que se tornara modesto desde que eu havia me mudado para a casa de dona Lucrezia por causa de seus hábitos alimentares cristãos, ficou voraz. Eu devorava tudo, desde os risotos cremosos temperados com caldo do junípero aos lagostins que grelhávamos nós mesmas em pequenos fogareiros e comíamos direto das cascas quando “fazíamos piqueniques” nos aposentos de *madonna* antes de usarmos nossas máscaras de Carnaval e sairmos para participar das comemorações na cidade. Um dia, ao assistir a uma apresentação de acrobatas na *piazza*, comi tantas amêndoas

confeitadas e tortinhas de queijo que Angela disse temer que nossa plataforma desmoronasse, e Fidelma tomou a liberdade de questionar se eu estava engordando para me antecipar à época do jejum durante o Advento, como um camelo que contempla uma viagem no deserto.

Embora a caça e a falcoaria fossem deveres com os quais eu me ocupava antes somente sob as ordens de minha senhora, naquele outono aproveitei todas as oportunidades para sair em cavalgadas e sentir o cheiro morno das aves recém-abatidas, misturado aos odores de cavalos, da cera da sela e do orvalho congelado. Eu adorava ver os cães caçadores de trufas de dom Alfonso em ação no bosque e de comer as deliciosas fatias das túberas, de sabor pungente e cheiro de terra, fritas na manteiga, na fogueira dos lenhadores. As trufas tinham a cor de ossos enterrados durante muito tempo e eu me perguntava se era por isso que os cães eram atraídos por elas.

Quando o costureiro veio para que experimentássemos os novos vestidos que *madonna* nos daria para o Natal, ele consultou suas notas e constatou que minha cintura havia aumentado o equivalente a uma largura de meia mão. Meus seios também haviam adquirido um aspecto mais feminino, e Angela disse, com um olhar indecifrável, que eu estava desenvolvendo uma pequena papada, idêntica à que dona Lucrezia herdara do pai. Todas as manhãs, ela passava meia hora de queixo erguido e pescoço estendido massageando a pele, na tentativa de fazê-la se dissipar.

— Vou mudar seu nome — anunciou Angela. — De agora em diante, você vai ser La Bolognese, porque todas nós sabemos como eles gostam de seus prazeres orais.

Algo se contraiu em meu abdome em resposta à insinuação dela e à negligente dispensa do nome que Cesare me dera.

— Não cabe a você mudar meu nome — retruquei e derrubei meu prato com pão, azeite e pasta de anchova no chão, onde Fonsi se refestelou.

Às vezes, nós nos comportamos de certas maneiras somente porque não sabemos a razão de estarmos fazendo aquilo. Quando

percebi que eu comia para preencher o vazio deixado por Cesare, embora muitas vezes eu sentisse fome em horas estranhas do dia e da noite, a dor em meu abdome confundiu-se com a dor em meu coração, pois eu aguardava notícias dele que nunca chegavam. Eu me consolava com infindáveis repetições para Angela do meu pequeno estoque de lembranças até que os olhos dela ficavam vidrados, seu sorriso, fixo, e ela assentia automaticamente. Eu dava desculpas por ele. Para começar, ele estava com a corte francesa em Milão. Talvez sua esposa estivesse lá; mas, mesmo que não estivesse, como ela era prima da rainha, talvez fosse difícil para ele me enviar cartas sem que sua infidelidade fosse descoberta. Depois, quando suas cartas para a irmã e para dom Alfonso nos informaram que ele estava de volta a Romanha... bom, ele era um homem ocupado, com muitos assuntos a tratar antes de retornar a Ferrara para o Natal.

No entanto, quase não se passava um dia sem que chegasse uma carta para *madonna*. Às vezes, ela compartilhava trechos comigo e com Angela. A ousadia feminina era inacreditável, ela nos contou um dia, uma vez que dona Isabella havia escrito para o duque Valentino pedindo um Cupido antigo dos jardins de Urbino, "ciente de que Vossa Excelência não aprecia muito antiguidades". E isso enquanto o ex-duque e duquesa estavam ainda no exílio em Mântua. Ele havia enviado o Cupido e a Vênus juntos, por um mensageiro especial; o presente lhe dera imenso prazer, acrescentou ele, uma vez que as estátuas não eram antiguidades, e sim imitações, usadas de modelo pelo florentino Michelangelo. Ele reconhecera o trabalho imediatamente, porque o florentino havia feito peças semelhantes para o vestíbulo de seu palácio em Roma. Ele também havia enviado o *De Consolatione Philosophiae* para Guidobaldo, da biblioteca de seu pai, antes de mandar encaixotar o restante dos livros e despachá-lo para a *rocca* em Forli, para que ficassem guardados em segurança até que decidisse o que fazer com eles. Embora todos nós tenhamos rido, achei que apenas meu riso se aproximou do tom sombrio e mordaz da carta.

Apenas uma vez recebi um bilhete dele. Dentro de uma carta para *madonna* enviada de Ímola havia um pequeno esboço num palimpsesto áspero. Era um esboço da cabeça e dos ombros de Cesare, a expressão tipicamente contida em seu rosto, sua boca curvada para baixo nos cantos, seus olhos protegidos pelos longos e espessos cílios. Espectros de uma caligrafia impressada e torta ensombrevam as maçãs de seu rosto e se emaranhavam em sua barba.

Dê isto a Violante, dona Lucrezia leu. Meu engenheiro, Leonardo, fez esse esboço enquanto eu examinava um mapa que ele desenhou de Ímola, como se tivesse sobrevoado a cidade montado num grande pássaro. Ele me fez parecer um profeta do Velho Testamento, então nossa pequena israelita deverá apreciar. Esse Leonardo me presta muitos serviços. Outro dia, quando alguns de nós havíamos ceado juntos e estávamos sendo presenteados com o mais recente discurso laudatório de Sperulo sobre minhas conquistas, ele soltou sobre a mesa um pequeno lagarto com asas de papel presas às costas, cada asa dividida em quatro partes nas cores vermelha e branca de meu libré. Seguiu-se um caos, a maioria das mulheres gritando e deixando a sala às pressas, e Ramiro fincou o punhal na mão de Torrigiano ao tentar cravar o lagarto na tábua da mesa. Quando perguntei a Leonardo mais tarde se ele estava satisfeito porque seu rival ficaria sem trabalhar durante algumas semanas, ele simplesmente respondeu que tinha notado que eu estava quase dormindo... A sala estava lotada de gente, a lareira com fogo alto, o vinho pesado e, para ser sincero, a versão de Sperulo da queda desta bela cidade era um tanto insípida para o meu gosto... Então ele inventou essa brincadeira para me despertar.

Madonna continuou a leitura, embora em silêncio, ora sorrindo, ora franzindo o cenho, deixando que eu me torturasse pensando nas mulheres que Cesare havia mencionado de forma tão indiferente. Quem seriam elas? As esposas e amantes de seus convidados para o jantar, ou suas próprias mulheres? Estaria Dorotea Caracciolo entre elas? Seria ela realmente tão bela a ponto de Cesare ter arriscado a ira de Veneza para tê-la? Eu olhava desesperada para o desenho em

minha mão, segurando o pergaminho em substituição à pele quente de meu amado, o fogo que corria em suas veias reduzido a traços de carvão.

Dona Lucrezia, eu pensei, não precisava sequer de um desenho do irmão, pois as palavras dele faziam-no aparecer num passe de mágica. As cartas dele eram o início de longas conversas interiores entre eles, como se permanecessem, de alguma forma, fisicamente presentes um para o outro, apesar dos quilômetros que os separavam e do agravamento das condições do tempo com a proximidade do inverno e do jejum que nos era imposto no Advento. Minha solidão teria sido incompreensível para ela, mesmo que ela a tivesse notado.

Mas ela não notou. Estava ocupada demais tentando reparar os danos causados à sua posição pela perda da filha, passando as noites e as madrugadas com o marido e os dias na companhia dos irmãos dele. Ela até, de tempos em tempos, dava atenção ao que Sigismondo tinha a dizer sobre seus planos de envenenar o rei dos ratos com o sangue de um porco pendurado de cabeça para baixo e espancado até a morte. Embora ela se interessasse, como sempre, pelas tiradas jocosas de Ferrante e as interpretações musicais de Giulio, era Ippolito, recém-retornado de Roma e cheio de novidades do Vaticano, quem recebia a maior parte de sua atenção.

Os dois meninos, Rodrigo e Giovanni, ficaram encantadores com os gorros de veludo que ela lhes enviara e estavam felicíssimos com o papagaio. O Santo Padre continuava, Deus seja louvado, em perfeita saúde e com a mente afiada de sempre. O orgulho que tinha dos filhos permanecia inabalado, embora sentisse tristeza com a perda de Lucrezia e estivesse, no momento, exasperado com o misterioso silêncio e a inércia do duque Valentino. Ao escutar por acaso as conversas de Ippolito com *madonna*, fiquei sabendo que a Fortaleza de San Leo, no Ducado de Urbino, rebelara-se contra Cesare em outubro, e uma aliança contra ele, formada por seus inimigos, fora selada na Fortaleza de La Magione, em Orsini. Ainda assim, aparentemente a única coisa que Cesare fez foi caçar nas imediações de Ímola e trocar piadas com Leonardo. *O chãõ está*

queimando sob os pés deles, ele dissera ao orador florentino, e não há urina suficiente na bexiga de nenhuma de suas moças para apagá-lo.

Eu temia por ele. Ansiava por confiar meus receios a dona Lucrezia, por ouvi-la dizer que sabia que ele tinha tudo sob controle, que estava sempre um passo à frente de seus inimigos. Mas ela deixava claro em seu tenso e vago sorriso que estava tão sem notícias quanto seu pai. Lembrei-me então de que Michelotto mencionara San Leo quando nos encontrou no jardim de laranjeiras, e percebi que a balança se desequilibrara. Ao menos uma vez, eu sabia mais sobre os planos de Cesare do que sua amada irmã e até mesmo o papa. Agarrei-me àquela informação como se fosse um amante, um consolador, um escudo, e não contei nada a dona Lucrezia. Se eu compartilhasse o que sabia, o poder se dissiparia. Ela me fazia perguntas que eu não poderia responder. Poderia até me achar capaz de trair Cesare e admoestá-lo a se manter afastado de mim. Então permaneci em silêncio, e disse a mim mesma que não havia nada a temer.

Aos sábados, *madonna*, acompanhada do duque Ercole, costumava visitar irmã Osanna. Ela me levou junto apenas uma vez, mas a sagrada reação da clarividente à minha presença foi tão estranha e enervante que, sem que nada fosse dito, ela tomou a decisão de me deixar para trás no futuro. No exato momento em que entrei no salão de visitas, poucos passos atrás de *madonna* e levando seu xale de arminho, irmã Osanna entrou numa espécie de transe, arriando de lado na cadeira, as costas arqueadas e rígidas, as pernas se contraindo e uma espuma saindo-lhe dos lábios e escorrendo pelo queixo. Sua mão esquerda permaneceu erguida, o dedo indicador apontando meio torto em minha direção, até que irmã Lucia, que a acompanhava, sugeriu a *madonna* que me dispensasse.

Surgiram dúvidas a respeito da autenticidade de minha conversão, e fui enviada para falar com frei Tommaso. Fidelma tomou meu lugar nas visitas de sábado, embora eu ache que isso não agradou ao duque tanto quanto a minha presença. A convicção cristã de Fidelma

era tão mais forte do que a minha que ela não precisava ser levada à presença das irmãs santas para garantir seu lugar no céu. E eu agradava mais aos olhos do velho do que a magricela de Mântua, principalmente depois que meus vestidos haviam sido reformados para revelar mais meu novo corpo de mulher. Ele não tinha mais amantes, porém, de vez em quando, gostava de beliscar minhas nádegas depois que bebia um pouco mais, e em diversas ocasiões me procurava para experimentar em mim as joias que ele pretendia dar a *madonna*. Nosso tom de pele era tão semelhante, ele explicava.

Frei Tommaso me passou meditações sobre os Santos Mártires e rezou impondo as mãos sobre mim na capela de dona Lucrezia, até que minha cabeça começou a girar como a roda de santa Catarina, e meu estômago não cristão roncou, ansiando algo assado na grelha de são Lourenço. Secretamente meditei sobre a chegada do Natal e sobre meu próprio santo, são Valentino. Talvez ele ficasse até a Epifania. Como convidado de honra da família, ele, sem dúvida, seria acomodado em aposentos próximos aos de *madonna*, para os quais poderia me convidar. Eu o vi de pé à porta de seu quarto, vestido apenas com um robe forrado de pele, um fogo ardente e o canto da cama nítido por trás dele. Senti-o tomando-me em seus braços, nós dois de corpos colados, envoltos em pele. Teríamos noites inteiras nas quais aperfeiçoar nossas relações amorosas, além das manhãs dominadas pela geada, sobre a qual poderíamos cavalgar ou caçar. Talvez o lago congelasse e houvesse grupos de esquiadores. Deslizaríamos juntos além do alcance das lanternas, onde o gelo refletiria com perfeição o céu estrelado, e então seria como se estivéssemos voando pelos céus, o som de nossos esquis ecoando a música dos corpos celestes.



A manhã de Natal trouxe consigo uma luz salpicada de neve escura que caía de um céu amarelado e sujo, o suficiente para empalidecer as cores da cidade, e não alegrar os olhos com um manto branco reluzente. Embora, para grande alegria de Ferrante, o

jovem oficial de Cesare, Vittorio, houvesse chegado a Ferrara na véspera do Natal, não havia sinal de seu senhor.

Assistimos à missa na catedral, onde Ippolito pregou as iniquidades do censo que levava a Sagrada Família para Belém. Seu significado não escapara a nenhum de nós; era do conhecimento geral que o papa havia recentemente cobrado novos impostos dos clérigos, dizia-se, para mais uma convocação de tropas para Cesare. Olhávamos apreensivas para *madonna*, que se encontrava ao lado do marido sob um dossel branco de seda, dando-lhe a mão, com uma expressão séria, enigmática. Teríamos de enfrentar o caminho de volta passando pela *piazza* em meio à multidão que se aglomerara para ouvir o discurso bombástico de um frade mendicante sobre a humildade do bebê na manjedoura. Alguns pareciam estar ouvindo com seriedade, mas outros tantos atiravam nele folhas de repolho e tiravam o chapéu reverentemente para nós ao passarmos, altas e imponentes sobre nossos tamancos, as escravas segurando nossas saias e as barras dos mantos para que não tocassem nem na neve lamacenta nem nas frutas esmagadas.

A meio caminho da praça, Fidelma hesitou e virou-se em direção ao frade, que se encontrava sobre a plataforma de uma carroça. Elisabetta Senese esbarrou nas costas dela e perdeu o equilíbrio. Ajudada a se levantar por Vittorio, que não continha o riso, e por uma jovem com cara de lua cheia que seguia Elisabetta como um cãozinho de estimação, mas que pouco tempo depois morreu de varíola, ela esbofeteou Fidelma por ter sido responsável pela destruição de seu vestido novo de Natal. O grupo de pessoas que prestava atenção no frade logo se distraiu diante da possibilidade de uma briga. O frade ergueu a vista para ver o que estava acontecendo. Fidelma, aparentemente indiferente à bofetada de Elisabetta e ao vergão vermelho que começava a inchar em seu rosto pálido, levantou o queixo para olhar por cima da plebe; estava tão alta com aqueles tamancos que aquilo foi fácil para ela. Era como se seu olhar se ligasse ao do mendicante, de trajes de lã sujos de lama e manto preto surrado, por um teso elo invisível. Olhei ao meu redor à procura de Angela.

— Angela — sussurrei, puxando-a pelo braço para que parasse de limpar a poeira da afogueada e trêmula Elisabetta — *Angela*.

— O que é?

— Eu acho que aquele deve ser o Fra Raffaello de Fidelma. Você sabe, o frade protetor a quem ela agradece pela conversão. Olhe para eles.

Ela virou-se. Notei uma mancha de sangue escurecendo a faixa azul de sua saia.

— Você está com sangue escorrendo — sussurrei. — Vou andar atrás de você. — Devido às complexidades de sua vida amorosa, Angela perdera o controle de suas regras. Ela praguejou, depois sorriu e me agradeceu, mas sua mudança de humor foi ignorada por mim, Fidelma e seu frade distraído. Com um aperto no estômago e o rubor me subindo pelo pescoço, dei-me conta de como fui tola: percebi que não havia menstruado durante meses.

Desde que Cesare partira.

Meu rosto queimou. Um suor frio escorreu pelas laterais de meu corpo, fazendo-me estremecer. Não podia ser... Angela dissera... Talvez fosse apenas um efeito colateral da infecção. Mas, ó Deus, e se tivesse me deixado estéril? Que esperança eu teria de um bom casamento, então?

— Vamos — eu disse, empurrando Angela pelas costas com força. — *Madonna* e dom Alfonso já estão quase no Corte. Vão sentir nossa falta. — Ela me lançou um olhar irritado, mas acedeu e saiu em direção a dona Lucrezia comigo logo atrás, como se eu a estivesse ajudando a manter as saias afastadas da neve.



— Vamos ter que falar sobre isso depois — disse ela, enquanto trocava de roupa e vestia outra anágua, e eu esfregava uma toalha úmida na mancha em sua sobressaia de brocado. — Não podemos fazer nada às pressas, e vamos ter problemas se perdermos a entrega dos presentes.

— Você acha que ele já pode estar lá agora? Na Sala Grande?

— Minha querida Violante — ela fez um movimento com a cabeça numa espécie de exasperação benevolente —, ele não virá. Duvido que sequer tenha planejado vir. Foi só uma estratégia para escapar. Conheço meu primo desde que me entendo por gente e não me lembro de ele jamais ter feito o que disse que iria fazer. Enganar é como uma droga para Cesare. Ele nunca sabe quando parar de usar.

Pestanejei furiosamente. Recusava-me a chorar e manchar as sombras que com tanto cuidado eu havia colocado em minhas pálpebras com bastão queimado. Não importava a opinião de Angela; Cesare ainda poderia vir, e o que ele pensaria de mim se minha pele estivesse manchada e meus olhos inchados de chorar por ele? Como eu poderia concorrer com a fascinante Dorotea Caracciolo?



A entrega dos presentes na Sala Grande parecia interminável. O duque e sua família estavam sentados sobre um estrado na parte central do hall, com as damas e os cavalheiros da casa forçados a ficar de pé, enfileirados, os homens de um lado e as mulheres do outro, deixando espaço para todos os administradores, os secretários, os tesoureiros, os cozinheiros, os cavaliços, o chefe da fundição de dom Alfonso e seu oleiro-chefe, o homenzinho de pernas tortas que treinava os cavalos de corrida do duque Ercole, os poetas, músicos e pintores da corte, que se dirigiam até o centro do salão para receber seus presentes. Os escravos, que usavam túnicas vermelhas e verdes novas e luvas de camurça, levavam os presentes de uma longa mesa colocada abaixo do estrado para o duque e sua família, na ordem em que eles deveriam ser entregues.

Tentei me distrair da dor nas costas, dos sapatos apertados e dos odores de corpos sem banho, inadequadamente mascarados por perfumes fortíssimos, imaginando o intenso treinamento que os escravos tiveram de receber do administrador principal do duque para garantir que a mulher do subfalcoeiro recebesse o pote de frutas cristalizadas e o assistente pessoal de Sigismondo, o conjunto de lenços bordados, e não o contrário. Criei um jogo mental. Se o

empregado responsável pelos pombos de corrida de dom Alfonso recebesse seu presente antes do encarregado dos pavões de Ferrante, Cesare chegaria dentro de cinco minutos. Se eu conseguisse contar até cinquenta antes que a filhinha do cervejeiro-chefe percorresse a distância da porta do hall até o estrado, ele só chegaria para o jantar. Se mais de três das velas nos enormes castiçais de bronze que ficavam ao lado do estrado se apagassem antes de o duque Ercole encerrar seu discurso de agradecimento a seus assistentes pelos trabalhos do ano, ele só chegaria no dia seguinte. Não importava o que Angela dissesse, meu coração teimoso se recusava a aceitar a ideia de que ele não viria.

Mas eu estava preocupada com as condições do tempo. Quando, por fim, fomos liberadas para nos preparar para as comemorações da noite e atravessamos o pátio em direção a Torre Marchesana, a neve já caía pesada. O calçamento coberto de palha se transformou num tapete azul-acinzentado, salpicado de um abricó brilhante no lugar em que as tochas presas às torres dos portões incidiam sobre ele. Flocos silenciosos e robustos giravam, caindo do céu escuro e pousando em nossos cílios. Angela levantou o rosto e pôs a língua para fora. A pele dela brilhava; estrelas de neve cintilavam brevemente entre seus cachos antes de derreterem com o calor de seu corpo. Abaixando-se até o chão, ela pegou um punhado de neve, fez uma bola e a atirou em mim. A neve atingiu a lateral do meu pescoço e escorreu até meu ombro, um fio de gelo, derretendo, escorreu dos meus cabelos, molhando meu corpete e combinação.

As lágrimas eram quentes; foi assim que notei a diferença.

— Por favor, Violante, por favor. — Angela me envolveu com seus braços e me puxou para perto dela, alisando meus cabelos, pressionando seu rosto frio contra o meu úmido. — Sinto muito. Não chore. Cesare não vir não significa nada. Você sabe como são os homens. Veja Ippolito. O querido Ippolito foi para a cama com Sancha durante todo o tempo em que estive em Roma, mas isso não significa que não me deseje, agora que voltou. Os homens têm memória curta. Podemos até não gostar, mas não temos opção. É a maneira como o mundo gira.

Eu me perguntava se ela estaria tão impassível se fosse Giulio que tivesse ido para a cama com a princesa Sancha, mas teria sido uma maldade dizer uma coisa dessas, e ela estava tentando me animar. Porém, mesmo que ela estivesse certa, mesmo que, quando Cesare estivesse comigo, eu tivesse o poder de desviar seus pensamentos das outras mulheres, eu ainda assim tinha motivo para chorar.

— E aquela outra coisa?

— Meu Deus, aí está você. — Elisabetta Senese. A mancha da água, ainda visível, parecia um esboço de um mapa em seu veludo veneziano amarelo. — Angela, você precisa colocar um pouco de bom senso na cabeça dela. Dona Lucrezia resolveu que quer um banho, mas está muito frio. Já mandou até que preparassem a casa de banho, mas vai demorar horas para aquecer a água, e vamos nos atrasar, então o duque vai ficar furioso, dom Alfonso, de mau humor, e...

— Bom, eu não posso ir aos banhos; estou menstruada. Além disso, dom Giulio me disse que ele e todos os irmãos vão tocar uma nova obra de Tromboncino hoje à noite. Para seis violas. Tromboncino tocará a sexta. Só Deus sabe o que Sigismondo fará, mas é melhor não chegarmos atrasadas.

Não obstante o concerto de Tromboncino para seis violas, *madonna* insistiu em seu banho, mas, como Angela estava indisposta, fui dispensada para acompanhá-la. Deveríamos esperar nas dependências de *madonna*, avisou, a fim de supervisionar a nova escrava. Ela havia sido enviada por Cesare, e usava uma gola dourada estampada com o brasão dele. Era dálmata, ele supunha, e chegara na praia em Porto Cesenatico depois da destruição de uma embarcação pirata pelos canhões que protegiam o porto. Uma moça impressionante, com as maçãs do rosto salientes, a pele clara e os cabelos negros como as plumas de um corvo, e falava uma língua que nenhuma de nós conseguia entender. Dona Lucrezia ainda não lhe dera um nome.

Enquanto eu a observava se movimentando silenciosamente pelo quarto de vestir de *madonna*, arranjando as roupas dela, alisando o pelo felpudo do corpete de veludo vermelho com dedos pequenos e

hábeis, polindo uma joia em sua manga, comecei a me lembrar, contra minha vontade, da praia em Nettuno. Eu dizia a mim mesma que parte de minha vida se acabara, era irrelevante, fora exorcizada junto à minha condição de judia pelo padre que me batizou. Mas parece que a mente humana não pode ser forçada a parar sua atividade; ela continua remexendo em seus antigos registros como um estudioso tenaz, buscando conexões. Como podia o trágico fim de minha mãe não ter propósito, se foi ele que levou meu pai a tomar sua decisão, e a lembrança de sua morte que me fez acatá-la? Se a estrada que começou em Nettuno terminava comigo, tornando-me mãe?

— Você pode se livrar disso, você sabe. Aprendi diversas maneiras. Com Sancha. Não, sua idiota, assim não! Duas gotas de almíscar na água de rosas. Meu Deus, Violante, por que aquele seu amante teve que mandar enforcar Catherinella?

Ele não mandou, pensei, mas não compartilhei meu pensamento.

— O... o quê? Livrar-me...? Sancha? Mas você disse que não era possível ficar grávida da primeira vez.

— Ele só penetrou você uma vez?

— Você sabe que sim. Já lhe disse inúmeras vezes. Michelotto apareceu.

Ela deu de ombros.

— Bom, há sempre uma exceção para comprovar a regra. E, como eu disse, sei como você pode se livrar disso.

— Como fez a princesa Sancha.

— Sim, querida, Sancha. Eu a ajudei várias vezes. Junípero é o menos doloroso, mas uma agulha é provavelmente o mais confiável.

Sentei-me abruptamente no banco do toucador de *madonna* antes que minhas pernas cedessem sob o meu corpo.

— Era... eram... de Cesare?

Angela deu de ombros.

— Quem sabe? A única coisa de que se pode ter certeza é que não eram de Gioffre. Tudo o que ele sempre fez foi apenas olhar.

— Olhar. Entendo.

— Você não quer, não é? — Ela agachou-se diante de mim e tomou minhas mãos nas suas. As dela estavam bastante quentes. — Se quiser ter esse bebê, bom, isso torna você parte da família. Então é melhor você ficar sabendo que tipo de família nós somos. Gioffre é impotente. Ele só gosta de ficar olhando.

— E Cesare...?

— Bom, eu acho que os outros amantes dela não sabiam. Mas Cesare... dê a ele um palco e ele representará.

Soltei minhas mãos das dela.

— Eu sei o que está tentando fazer, Angela, mas não vai funcionar. Não dou importância a essas coisas. Eu amo Cesare. Meu bebê é parte dele. Não vou deixar você matá-lo. — Tentei me levantar, mas Angela pôs a cabeça em meu colo, seu peso me imprensando contra o banco. Seus braços envolveram minha cintura e senti a vibração calorosa de seu riso através das camadas de minha roupa.

— Você já está com uma barriguinha — disse ela, sentando-se sobre os calcanhares. — Vai ter que contar a Lucrezia. Quanto mais cedo, melhor.

— Você acha que ela vai ficar menos zangada se souber que é de Cesare?

— Não sei dizer — respondeu Angela, abaixando a vista. Por um instante, sua semelhança com Cesare era tão grande que me deu até uma dor na garganta.



Eu tinha a intenção de contar a dona Lucrezia no dia seguinte, Festa de Santo Estêvão, mas ela levantou-se muito tarde e somente para receber um mensageiro do irmão. O homem enfrentara nevascas para trazer mensagens secretas para o duque, dom Alfonso e Ippolito, e uma carta para *madonna*, cuja brevidade era assustadora. Sentada na cama, envolta num manto de pele, bebendo água quente e suco de limão, ela virou a folha única, dobrada e selada, repetidas vezes na mão, examinando-a de todos

os ângulos antes de pedir uma faca para cortar o selo. Eu fiz questão de trazer o suco matinal de *madonna* sozinha, para ter a oportunidade de pedir uma audiência particular a fim de lhe contar a novidade. Mas então fiz menção de pedir licença para sair do quarto para ela ler a carta do irmão, porém ela mandou que eu ficasse.

— Eu tenho um pressentimento em relação a isto — disse ela. — Não me deixe sozinha com esta carta.

Permaneci ao lado dela, minhas mãos dobradas dentro das mangas para se aquecer, meus braços apoiados sobre o pequeno aumento em minha barriga, tocando a lateral dos meus seios em crescimento. Ela leu toda a carta em voz alta.

Ilustríssima senhora, começou ela, depois parou para dar um gole em sua bebida e seu rosto se contraiu numa careta devido à acidez, e querida irmã, sentimos informá-la de que hoje pela manhã, Festa da Natividade, executamos Ramiro da Lorqua, ex-governador da Romanha, pelo crime de desvio de dinheiro.

Madonna perdeu o fôlego.

— Ramiro? Ramiro estava com ele... ah... desde nem me lembro quando. Há mais tempo até do que Michelotto. É impossível.

Ramiro, pensei, mas não disse nada, aquele mesmo Ramiro de quem ele falara com carinho poucas semanas antes, quando descrevia o incidente com o lagarto alado. *Madonna* continuou a ler, num tom pesado de dúvida e pavor.

No dia de Santo Estêvão partiremos para Senigallia, para receber a rendição, e pediríamos as suas orações por uma viagem segura.

Seu devotado irmão, que a ama como a si mesmo.

Caesar Valentinus

Entregue em Cesena, no dia 25 de dezembro do ano 1502 de Nosso Senhor.

A carta estava com o secretário confidencial de Cesare, Agapito Geraldini, e fora assinada por ele também.

— Orações? — perguntou dona Lucrezia, franzindo o cenho para mim. — Desde quando Cesare pede orações? — Ela estremeceu. — Mande um recado para meu marido e pergunte se ele pode vir até

aqui, depois volte e me vista imediatamente. Chame a dálmata. Onde está Angela?

— Vou chamá-la agora mesmo, *madonna*. — Angela, eu sabia, estava em nosso quarto, aguardando notícias do meu encontro com dona Lucrezia.

— E, Violante, talvez seja melhor rezarmos...

— Sim, *madonna*.

Pelo resto do dia e a maior parte do seguinte, nós, as damas de companhia de *madonna*, fomos deixadas por nossa própria conta enquanto ela se reunia com o marido e a família dele para falar sobre o conteúdo dos despachos de Cesare. Embora passássemos nosso tempo principalmente na Camera Dal Pozzolo, onde nossos pequenos teares e bastidores de bordado ficavam guardados e onde mantínhamos um bom suprimento de livros de poesia, folhas com músicas e alguns antigos alaúdes, até lá o frisson da agitação nervosa que tomara conta do Corte chegava até nós. Sempre que ouvíamos vozes nos jardins, ou cascos de cavalo no pátio, alguém corria até uma janela ou para o pé da escada para olhar e escutar. No meio do segundo dia, Strozzi, desconsolado, nos visitou em nossa torre, mas, embora tenha se esmerado em suas rimas e brincadeiras e gracejado com os palhaços de *madonna*, até as moças ferrarenses, para quem Cesare não era senão um nome, um sopro frio na nuca, um espírito disfarçado de cavaleiro de São João, permaneceram distraídas e sérias.

Eu estava em agonia. Tentei rezar, mas minhas orações retornavam para mim, inúteis como ecos. Para que Deus eu poderia rezar uma oração solicitada por um ateu? O que ele quis dizer com aquele pedido? Seria alguma espécie de código? Se era o caso, obviamente *madonna* não o entendera. Ou alguma coisa teria acontecido para que Cesare se assustasse ao ponto de crer na religião? Teria a Senhora Fortuna o desertado? Estaria ele morto? Certamente eu sentiria se ele estivesse, agora que sua semente crescia dentro de mim.

Então aconteceu. A mensagem chegou. Deixei cair um novelo de lã que estava enrolando com Fidelma e, quando me inclinei para

pegá-lo, percebi um pequeno leão no desenho do tapete embaixo de minha cadeira. San Leo. Tudo havia começado com a rebelião em San Leo. Forcei a mente para lembrar a rude interrupção de Michelotto de meu encontro amoroso com seu senhor. O que ele dissera? O que exatamente? *Ele já tem a avaliação das fortificações em San Leo que você pediu a Leonardo.* Cesare pedira a seu engenheiro para fazer uma pesquisa. Como se já soubesse, como se tivesse seu próprio plano.

Entreguei o novelo a uma das outras moças, dizendo que precisava atender a uma necessidade fisiológica. Angela me lançou um olhar significativo; a vontade frequente de urinar, ela me assegurou, era um dos sinais garantidos de gravidez. Fechei a porta com cuidado quando saí e corri para os aposentos do duque no Corte. É desnecessário dizer que eu nunca estivera lá. Mas, quando me vi do lado de fora da porta de seu solar, esperando o porteiro descobrir se dona Lucrezia se encontrava ali, não senti nervosismo algum, apenas uma terrível ansiedade para garantir a *madonna* que seu irmão não corria perigo.

Eu escutava vozes por trás da porta, o ruído surdo dos homens, uma leve e eventual interjeição proferida por *madonna*, mas não conseguia distinguir o que diziam. De repente, Fonsi começou a latir e um cão de caça rosnou em resposta, e se seguiram sons de risos cansados. Um dos gatos exóticos do duque se lançou pela barra da porta, sua cauda eriçada semelhante a uma escova usada para limpar chaminés. Então ouvi a voz de um criado, uma breve e brusca resposta do duque, e o som dos sapatos macios do serviçal em direção à porta. Respirei fundo, endireitei os ombros e entrei na sala.

As cenas de caçada nas paredes pareciam vivas à luz do fogo e das fileiras de velas em castiçais de latão, os cães ladrando atrás de veados fugitivos, as lanças dos caçadores enfiadas nos flancos de um porco malhado. O Este e dona Lucrezia estavam sentados em torno de uma grande lareira, *madonna* sentada num faldistório baixo; Ferrante e dom Alfonso posicionavam-se lado a lado num banco de madeira, e Giulio encontrava-se no chão com o *spaniel* em

seu colo. Sigismondo não estava ali. O duque inclinou-se para a frente em sua cadeira de espaldar alto quando entrei e me dirigi ao grupo familiar, seus lábios finos comprimidos até quase não serem visíveis, os olhos tão vazios quanto os de uma cobra. Ele tinha na mão direita um pequeno martelo de prata, do tipo usado para quebrar nozes, e batia com ele ritmicamente contra a palma de sua mão esquerda. O duque gostava de mim, e eu mantinha esse pensamento enquanto me aproximava; várias vezes ele demonstrara isso.

— Você tem alguma coisa que queira dizer à duquesa? — perguntou ele, seu tom assustadoramente calmo. Quando dona Lucrezia se voltou para mim, notei nas maçãs de seu rosto um rubor de agitação que me dizia que, por baixo da calma exterior, ela estava muito zangada. Hesitei.

— O que quer que tenha a dizer, diga em frente à minha família — ordenou ela, aproximando-se mais de dom Alfonso, de maneira quase imperceptível. Passei a vista pelo sorriso abatido e inescrutável de *madonna* e pelos rostos dos Este, que me fitavam curiosos, pelos olhos azuis pequenos, duros e injetados de sangue, de dom Alfonso até dom Giulio, o olhar deste último atento e violeta como o céu de uma noite de verão. Como eu poderia falar na frente deles, todos ainda irritados, embora discretamente, com o tratamento dado por Cesare ao duque e à duquesa de Urbino? Mas então que desculpa eu poderia inventar para a minha intrusão? Minha mente entrou num turbilhão; eu não conseguia mais pensar.

— Desculpem — eu disse sem jeito, sentindo meu rosto se afoguar, o som do martelo do duque quebrando uma noz disparando como um tiro em minha cabeça. Virei-me e fugi, percebendo, no limiar da consciência, Ferrante levantar-se do banco e vir em minha direção.

Corri de volta para a Torre Marchesana, ignorando a neve que agora virava gelo sob meus pés, me tranquei em nosso quarto, meu e de Angela, e esperei que o mundo desabasse sobre mim. Não demoraria e *madonna* mandaria me chamar. Angela foi sua

mensageira, o rosto pálido como o ovo de um ganso quando olhou para dentro do quarto e disse que eu estava sendo procurada.

Fui imediatamente; embora um atraso em nada agravasse a situação, decidi que era melhor enfrentar o meu destino logo, antes que eu tivesse tempo de pensar no assunto. Quando entrei na sala, fiz uma profunda reverência a *madonna*. Com um chiado de veludo, a batida surda de seus pés pequenos no piso, ela chegou perto o suficiente para me agarrar pela orelha e me puxar para que eu ficasse de pé. Então ela me esbofeteou com tamanha força que senti os ossos de meu maxilar se chocarem e, diante de meus olhos, vi uma explosão de estrelas.

— Pelo amor de Deus, menina, o que você pretendia com aquele comportamento? — gritou ela a centímetros de meu rosto, seu hálito cheirando a cravo em minhas narinas. — Como se já não bastasse que meu irmão, que “me ama como a si mesmo” — desdenhou ela —, pareça decidido a pôr em risco tudo o que nós... eu... Você acha que esse seu joguinho de égua e garanhão com ele lhe dá o direito de interferir nos negócios de Estado? Se esse fosse o caso, metade das mulheres na Itália faria fila para me dar conselhos. Você acha que eu não sabia? — prosseguiu ela, pausando apenas tempo suficiente para ler a pergunta que deve ter se formado em meu rosto. — Você pensa que, quando eu pergunto a Michelotto onde meu irmão está, e ele diz que o duque não quer ser incomodado, não sabemos perfeitamente bem o que ele quer dizer? Ah, cresça e apareça, Violante.

Dona Lucrezia, sem conhecer minha verdadeira motivação para lhe dizer o que eu sabia, ou pensava que sabia, ou havia deduzido de umas poucas palavras mal-interpretadas, havia tentado me humilhar. Mas, em vez disso, me despertou raiva. Meus olhos ficaram quentes e secos; um pequeno músculo começou a ferver em minha face machucada; o ódio fez minha barriga se contrair de tal forma que temi que o bebê fosse esmagado.

— Eu tenho todo o direito — gritei de volta, apressando-me antes que dona Lucrezia pudesse se recuperar da perplexidade. — Meu

único erro foi achar que eu poderia dizer o que tinha a dizer diante do duque e de dom Alfonso.

— Do que é que você está falando, garota?

— Eu estou grávida, *madonna*. Esperando um filho de Cesare. Acho que isso me dá pelo menos o direito de me preocupar com o bem-estar dele tanto quanto a senhora.

Silêncio. Uma lenha se acomodou na lareira com um estalido. Ouvi o arrulho tolo e monótono de um pombo do lado de fora da janela. Dona Lucrezia me fitava, punhos cerrados ao lado do corpo, seios erguendo-se sob o lenço rendado que ela usava para parecer modesta diante do sogro. Um sorriso forçado se abriu em seus lábios, embora seus olhos parecessem ampliados pelas lágrimas contidas.

— Claro — disse ela. E assumiu uma expressão introvertida, o cenho franzido, como se procurasse alguma coisa. — O apetite.

— Apetite?

— Sim. Certamente já notou como Cesare come? Ele está sempre esfomeado.

— Na verdade, não tive a oportunidade, *madonna*.

Ela pareceu surpresa com isso.

— Não, suponho que não. Quando ele nasceu, era adoentado, entende, não se esperava que sobrevivesse. Vivia doente até fazer 5 anos. Tinha que passar as tardes descansando. Você pode imaginar isso?

Eu não podia. Cesare era conhecido por se manter acordado até altas horas, realizando audiências no meio da noite com embaixadores sonolentos, por fazer caçadas durante a madrugada com companheiros que frequentemente cochilavam em suas montarias, enquanto ele observava seus leopardos treinados lançarem-se, com esperteza e agilidade, contra os velozes veados e porcos selvagens temperamentais. Talvez ele tivesse acumulado o descanso de uma vida em cinco anos de sonecas à tarde. Talvez ele tivesse nascido ciente de que chegaria uma hora em que seria

forçado a correr contra a idade avançada de seu pai para construir um Estado forte o suficiente para resistir à morte do papa.

— De qualquer forma — continuou *madonna* —, por ter passado cinco anos vivendo com pouco mais do que pão e leite de cabra, quando se tornou bastante forte, ele desenvolveu um enorme apetite. Parece que esse pequenino — e ela fez um sinal com a cabeça em direção à minha barriga — vai ser assim também.

O alívio pela maneira suave com que ela pareceu ter recebido a notícia me deixou um pouco tonta, de tal forma que tive medo de desmaiar e precisei pedir permissão para me sentar. A própria *madonna* puxou um banco para mim e perguntou se eu queria água. Sentamo-nos, cada uma de um lado da lareira, dona Lucrezia em sua alta cadeira almofadada, as pontas de seus pés mal tocando o chão, eu, em meu banco, tentando ignorar a dor nas costas. Vendo-me tentar pegar uma lenha e o atizador, ela imediatamente me repreendeu e tocou a sineta, chamando sua escrava.

Assim que a escrava ajeitou o fogo e saiu, ela me perguntou:

— Bom? O que você queria me dizer?

— Eu não sei muito bem. É só que, o que quer que esteja ocorrendo agora, parece ter começado com a rebelião de San Leo.

Madonna assentiu com a cabeça, como se concordasse com minha análise.

— Continue.

— Bom, quando Michelotto nos descobriu, a mim e a Cesare...

— Sim, sim, pare com esse risinho tolo e diga logo o que tem a dizer.

— Ele disse que um mensageiro tinha chegado, algo a ver com Vitellozzo, e que Leonardo tinha preparado os planos de San Leo pedidos por Cesare. Fiquei me perguntando então se Cesare não teria organizado ele próprio a rebelião. Para se livrar dos conspiradores de Magione.

Dona Lucrezia balançou a cabeça afirmativamente.

— Então você acha que não há nada com que se preocupar? Que ele tem tudo sob controle, e que o pedido de oração é uma espécie

de blefe? Ou você é muito ingênua, ou a única mulher que eu conheço que pensa de maneira tão tortuosa quanto ele. Tudo o que podemos fazer agora, eu suponho, é esperar para ver qual das duas situações é a correta, mas pelo menos sua informação nos dá algo em que pensar.

— Sim, *madonna*. — Mas parecia que minha gravidez era também uma questão de esperar para ver.

— É preciso achar um marido para você. E vai ser ainda mais difícil agora do que antes. Você sabe que o duque ainda retém o pagamento de parte do dinheiro que eu trouxe com meu casamento, então não tenho muito para oferecer como seu dote, e você, minha querida, é uma pílula que precisa ser bem dourada. Uma *conversa*, e agora grávida. Por outro lado — ela refletia, parecendo conversar mais consigo mesma do que comigo —, Cesare adotará a criança e será generoso, então, se acharmos um homem preparado para tolerar um cuco já formado no ninho... Sim, bom, deixe isso comigo. E cuide-se. Precisa descansar e evitar choques. Nada de dançar, nada de... Bom, é improvável, imagino. Precisa evitar o vento, mas não pode se sentar perto do fogo...

— *Madonna?*

— O que é?

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Onde é Senigallia?

— Fica um pouco ao sul de Pesaro. Por quê? — Minha expressão deve ter lhe dado todas as respostas de que ela precisava. Inclinando-se para a frente de modo a colocar sua mão sobre a minha, ambas entrelaçadas em meu colo, ela disse: — Sinto muito, Violante. Mas acho que ele não vem por esses lados tão cedo, não importa o que tenha dito a você.

— Então vou ter que escrever para ele e contar sobre o bebê. — Eu preciso olhar para a frente, não para trás.

— Não — apressou-se em dizer *madonna* —, deixe que eu faça isso. Se a notícia for dada por mim, será mais convincente. Ele não

vai achar que você está tentando enganá-lo.

— Por que eu faria isso?

— Porque as mulheres fazem isso. Ele é rico e poderoso, e, como sabe ser gentil e charmoso quando quer, elas pensam que podem fazê-lo acreditar em mentiras sentimentais. Pensam que o conhecem. Não cometa esse erro, Violante. Você poderia estudá-lo pela vida inteira e não o conheceria.

Ela tocara num ponto que me deixou envergonhada. Um rubor me subiu ao rosto, mas parecia crescer e espalhar-se, até que senti como se um braseiro tivesse sido aceso em minha barriga. Atenta às instruções de dona Lucrezia, afastei meu banco do fogo.

— Mas a senhora vai contar a ele logo, não vai? Eu não gostaria que as pessoas tomassem conhecimento da minha gravidez enquanto a paternidade de meu bebê não for reconhecida.

— Quando for a hora certa, eu prometo. Não se preocupe. O seu filho tem o meu sangue também, lembre-se disso. Eu providenciarei para que ele seja bem-cuidado. Você tem a minha palavra.

— Obrigada, *madonna*.

— Pode ir. Vou descansar agora. Teremos uma longa noite à nossa frente no baile de Roverella, e prometi uma dança a Ferrante. Ele me disse que os músicos de Roverella não praticaram outra coisa por uma semana, então não posso estar muito cansada na hora de dançar. — Fiquei aliviada de saber que ela dançaria com Ferrante, pois achava que ele estava sendo deixado de lado desde a morte de Catherinella, quase como se dom Alfonso soubesse...

Era a temporada dos bailes. Quase todas as noites, nos reuníamos no pátio do castelo depois do jantar para irmos caminhando ou a cavalo até a casa de um dos cidadãos mais importantes de Ferrara para dançar, ouvir os *intermezzi* e comer palácios feitos de açúcar cristalizado e creme de amêndoas. Já se passara quase um ano do casamento de *madonna* com dom Alfonso, e a frieza inicial da sociedade ferrarense fora substituída, se não por afeição pela nova duquesa, pelo menos por uma cautelosa aceitação. O severo Castello Estense não fora afetado por orgias, não houve

envenenamentos nem corpos flutuando no fosso, nada mais extraordinário, na verdade, do que uma nova decoração e novos arranjos nos jardins. Ao olhar para trás, para a situação do duque de Urbino, ainda no exílio em Mântua, alguns dos cidadãos agradeciam a Deus em silêncio por dona Lucrezia, que se interpunha entre eles e o duque Valentino muito mais eficazmente do que os velhos muros da cidade, que não suportariam a artilharia francesa dele.

Alguns dias depois da Epifania, Ercole Strozzi deu um baile em homenagem a dona Lucrezia. Embora a família Strozzi, constituída de banqueiros bem-sucedidos, estivesse entre a elite da sociedade ferrarense, Ercole, por ser um poeta e um homem conhecido por seus intensos e incorrigíveis casos amorosos, era diferente. Como *madonna* disse quando recebeu o convite dele: "pelo menos naquela casa seremos tratados como convidados, e não como celebridades." Strozzi gostava de *madonna* mais por ela mesma do que pelo título que ela detinha. Eles partilhavam a paixão pela poesia e por roupas extravagantes, e cada um trazia consigo um passado pitoresco como a cauda de um manto mágico; a verdade de cada um era totalmente invisível para aqueles fora do círculo encantado traçado em torno de si mesmos.

Eu deveria estar ansiosa pelo baile dos Strozzi, mas não conseguia me livrar de uma sensação desconfortante. Nenhuma de minhas roupas cabia em mim direito, mas eu tinha de aparecer de espartilho como sempre, uma vez que *madonna* não queria ainda que minha condição fosse conhecida. Pelo que eu sabia, ela não dera nenhum passo no sentido de dar a notícia a Cesare, e sem dúvida ele deveria saber antes de qualquer outra pessoa. Eu entendia o motivo de seu atraso; não havíamos tido nenhuma notícia dele desde sua mensagem délfica sobre Da Lorqua e sua marcha sobre Senigallia. Mas eu estava ansiosa. Se ele estivesse em perigo, se corresse risco de morte, eu queria que soubesse sobre a criança caso... antes... mas não conseguia transformar meus medos em palavras. Se as únicas preocupações de *madonna* eram quais sapatos combinariam melhor com seu vestido de baile branco, e quando chegaria de Veneza o veludo amarelo para fazer os tabardos que ela prometera

aos alaudistas de Cesare, tudo que eu podia fazer era seguir seu exemplo e guardar minhas preocupações para mim mesma.

Eu sentia falta dele. Não importava quais fossem os sentimentos próprios à minha condição, eu o desejava. Sua semente crescia em meu ventre, mas sua ausência deixara dentro de mim uma dor que as mudanças físicas em meu corpo pareciam só tornar mais aguda. *Madonna* recomendou uma pasta de sementes de figo misturadas com óleo para aliviar a sensibilidade em meus seios, porém, quando a usei, senti desejo pelo bálsamo da língua de meu amado circulando meus mamilos. Angela disse que eu deveria também ungir minhas partes íntimas de mulher com óleo regularmente, pois isso facilitaria o parto e evitaria flacidez depois. Os homens, ela disse, podiam desfrutar um momento de sentimentalismo com o nascimento de um bebê, mas isso poderia se transformar em ressentimento caso levasse ao embotamento de seu prazer. Eu não conseguia aplicar o óleo sem sucumbir ao êxtase de minhas lembranças do toque de Cesare, e então tive medo de o bebê se contaminar com minha luxúria e vir a este mundo já sofrendo de amor.

Portanto, embora o céu noturno estivesse coberto de estrelas e a luz de nossas tochas brilhasse sobre uma crosta de neve fresca enquanto seguíamos a pé pela longa entrada para carruagens até a casa de Strozzi, e um pedaço de gelo da fonte se partisse com o tilintar do riso de uma fada, eu me sentia mal e irritada. Meu corpete exercia pressão sobre a gordura que se formara sob minhas axilas e esfolava a pele já sensível do dia anterior, e, apesar do frio, meus pés incharam de tal modo que meus sapatos, assim como o gelo, pinicavam meus dedos. Se *madonna* estivesse grávida, pensei irada, ela teria sido carregada para percorrer essa distância. Não teria andado como eu estava sendo obrigada a fazer, cada passo afetando minhas costas e seios doloridos. Ela merecia que eu perdesse essa criança e que Cesare se zangasse com ela.

Porém, *madonna* me emprestara um diadema de safira, que combinava com meus olhos, ela disse, para complementar minhas mangas debruadas de cetim azul. E ela preparara chá de folhas de

framboesa para mim com as próprias mãos, após a refeição da noite. Meu mau humor era deselegante e injustificado. Ah, se ao menos Cesare estivesse comigo, tudo estaria bem. Ele usaria seu feitiço, e eu estaria flutuando sobre a neve em vez de me arrastar por ela. Mas eu seria obrigada a vê-lo dançar com outras moças, enquanto ficaria sentada entre as matronas, as avós e as mocinhas. A observá-lo sorrir, flertar e iludir seus corações como um impostor mascarado. Se ao menos ele desse notícias dizendo que estava fora de perigo... Isso seria suficiente.

Após o primeiro *intermezzo*, o próprio Strozzi passou a chama para *madonna* para começar a dança da tocha. Respeitosamente, ela deu os primeiros passos e depois levou a luz para dom Alfonso.

— Então, nenhuma surpresa aí — observou nosso anfitrião, acomodando-se na cadeira a meu lado. Ele colocou sua bengala entre nós e começou a massagear seu joelho enrijecido. — Frio demais. Eu deveria ir morar no sul. Ou talvez em *Outremer*. O que você acha, *monna* Violante?

— Eu acho que sentiríamos muito a sua falta se deixasse Ferrara, *ser* Ercole.

— Tolice. Sua senhora é a própria imagem da mulher que consegue a submissão do marido. Olhe agora, como ela sussurra coisinhas doces ao ouvido de dom Alfonso.

— Eu imagino que esteja dizendo a ele para tirar dona Angela para a próxima dança, para que ela possa passar a tocha para dom Giulio.

— Espero que sim. Aqueles dois formam um belo par no salão de dança, embora eu duvide que o cardeal concorde comigo. — Ele fez uma pausa, quando nós dois olhamos na direção de Ippolito; o vermelho o colocava em evidência, e um ar de isolamento o rodeava, apesar de estar envolvido num jogo de dados com o embaixador húngaro. — Mas, por falar em belos pares — retomou a conversa Strozzi —, não vai dançar? Será que devo acreditar que não está dançando para fazer companhia a um velho aleijado? — Ele me lançou um olhar inquisitivo, embora eu tenha certeza de que já havia adivinhado o motivo pelo qual eu não estava dançando e

procurava apenas confirmar suas suspeitas. Strozzi era assim, rápido na solução de mistérios, mas incapaz de deixá-los de lado se houvesse potencial para criar boatos.

— Eu não conheço os passos da dança espanhola, senhor.

— Estranho. Logo você, o par escolhido por Valentino, segundo a opinião geral.

— Ele conduz bem. Não é preciso saber os passos para acompanhá-lo.

Strozzi riu, deu uma palmada na coxa e se retraiu quando um de seus anéis bateu no joelho fraco.

— Eu gosto de você, Violante, gosto muito de você. Mas preciso me privar de sua companhia agora, pois há alguém aqui que quer conhecê-la.

Meu coração tremeu em sua base. Por um segundo pensei, “é ele”; estão pregando uma peça em mim. Ergui a vista, esperando uma figura alta, de preto, usando uma máscara, emplumado e adornado de joias, exibindo um sorriso alvo e uma barba da cor do sangue e da luz solar. Eu vi um homem de meia-idade, corpulento, de ombros largos e estatura baixa, características típicas dos homens de Padano. Ele estava vestido ricamente, uma toga que ia até o joelho, de um veludo azul sóbrio, com debrum em pele de zibelina, e um gorro com uma substancial pérola.

— *Monna* Violante, permita-me apresentar-lhe *ser* Taddeo di Occhiobello.

Estendi a mão. Taddeo di Occhiobello curvou-se diante dela. Seus olhos não eram bonitos; eram pequenos e astutos, de um marrom-esverdeado como o de uma castanha madura. Ele talvez tivesse a idade de meu pai. Sem uma única palavra pronunciada, eu sabia exatamente por que ele desejava me conhecer, e essa descoberta pareceu me encolher. Minha língua grudou no arco do palato de minha boca seca; meus lábios, eu achava que eles rachariam se eu sorrisse. Minha mão, na de *ser* Taddeo, era uma folha de inverno. Procurei Strozzi, na esperança de um comentário espirituoso que me fizesse transpor essa impossível barreira, mas ele se evaporara em

meio às pessoas que se aglomeravam em torno dos dançarinos, e então, com um forte suspiro da plateia, e até mesmo aplausos de alguns que haviam deixado suas inibições no fundo de uma jarra de vinho, Giulio e Angela começaram a dançar.

— Eles não são lindos? — Não me contive. Como todos os outros, eu fora atraída pela paixão do par. Eles dançavam tão próximos um ao outro que Angela parecia dar passos dentro da filigrana de fogo desenhada pelos movimentos circulares da tocha de Giulio. Ela própria se movia como uma chama, sinuosa, sem esforço, tão perfeitamente no ritmo da música que não se ouvia o som de seus passos e ela parecia estar flutuando numa almofada invisível de desejo. Então a apresentação deles se encerrou, Giulio girou-a e lançou-a no meio de um grupo de moças, todas rindo com afetação entre suas damas de companhia, como um bando de galinhas por trás de uma cerca. Ele entregou a tocha a Fidelma, que a segurou firme e reta diante de si enquanto arrastava os pés chatos e grandes, tentando acompanhar os passos da dança. Giulio se transformara em água fluindo por sobre uma pedra. Só então percebi que havia prendido a respiração. Somente quando comecei a relaxar, senti a dor nos ombros, que haviam se tensionado como se prontos para uma fuga.

Voltei-me para *ser* Taddeo.

— Perdoe-me. Eu gosto muito de dançar, mas... torci o tornozelo. É muito frustrante.

— Eu também não sou um grande dançarino — respondeu ele. Ele pareceu defensivo, irritadiço. Percebi os olhos de dona Lucrezia sobre mim do outro lado da sala. Quem mais me observava? Cesare tinha seus espiões em todos os lugares; provavelmente dona Lucrezia não lhe escrevera sobre mim porque não era necessário; provavelmente a moça que sabia apenas contar até quatro e se responsabilizava por colocar as pilhas de panos limpos em meu baú de roupas na semana em que eu menstruava fosse paga por ele; era possível que até mesmo *ser* Taddeo também o fosse. Eu fizera minha escolha quando me apaixonei por Cesare; não havia outra.

— Tenho certeza de que um homem de negócios como o senhor tem coisas muito mais sérias em que pensar. — Sorri, e meus lábios não racharam, embora talvez meu coração sim, um pouco. Ele respondeu a meu comentário dizendo-me que era, de fato, um homem ocupado, que dividia seu tempo entre sua propriedade às margens do Pó, onde plantava vinhas e criava lúcios num viveiro, e suas obrigações como secretário do Savi, o conselho do governo de Ferrara, do qual seu bom amigo, *ser* Strozzi, era membro. Ele era, apressou-se em me informar, viúvo e tinha três filhos crescidos, uma filha de 20 anos e dois filhos mais jovens. O caçula gozava da patronagem do cardeal Ippolito e estava destinado a uma carreira na Igreja.

Ele era perfeito de todas as maneiras, não dava para negar. Podia me dar um bom nome e uma casa confortável. Com dois filhos criados e uma filha em idade de casamento, não precisava me importunar por um herdeiro, mas aceitaria qualquer dote que *madonna* propusesse para garantir uma parte para o casamento da própria filha. Indubitavelmente, abrigar um neto do papa em nada prejudicaria as ambições eclesiásticas de seu filho caçula. E, quanto a meu amante, Occhiobello fecharia os olhos, a menos que quisesse ter seus olhos fechados à força. Sorri e concordei, concordei e sorri, e dona Lucrezia virou-se de costas, satisfeita, para olhar os cavaleiros dançarem a galharda.

Após a galharda e antes de o jantar ser servido, Strozzi anunciou um segundo *intermezzo*. *Ser* Taddeo ficou em silêncio e esperamos. Meu estômago reclamava. Eu esperava que ele não notasse. A fome de meu amado parecia estar crescendo dentro de mim no mesmo ritmo de seu filho. Esperamos por um coro, pela mudança de lugar dos músicos para abrir espaço para os virtuosos, os atores, por uma máquina inteligente que representaria o movimento dos corpos celestes, ou Leda transformando-se num cisne. Nada. Nada a não ser um homenzinho vestido com a cor preta dos acadêmicos, que se dirigiu ao centro de nosso círculo de espectadores com a leve sonoridade de sapatos macios sobre o chão polido.

Um murmurinho de empolgação teve início no salão. Bembo. É Bembo. Será Bembo? Uma pergunta respondendo a uma afirmação, que respondia a uma pergunta, como se uma dança de palavras fizesse eco às danças da música e dos pés. Strozzi dirigiu-se mancando ao centro do círculo de espectadores e ergueu sua mão livre, pedindo silêncio.

— Caros amigos — começou ele —, é uma honra apresentar *ser* Pietro Bembo, o mais célebre poeta de sua geração. *Ser* Pietro ficou isolado durante muitos meses, como meu hóspede ou de Sua Graça — e, nesse ponto, Strozzi fez uma mesura em direção ao duque Ercole —, trabalhando em seus versos dialéticos sobre o amor intitulados por ele *Gli Asolani*. Finalmente, me assegurou, ele considera adequado que algumas partes sejam ouvidas pelo público, e hoje, cortesmente, resolveu nos presentear com uma declamação.

Aplaudimos enquanto Strozzi se dirigia com dificuldade para se sentar ao lado de dona Lucrezia, e Bembo pigarreou, pálido e delicado como um lírio. Ótimo, pensei. A despeito do grandioso poeta que era, Bembo era apenas um homem pequeno, de fala suave. Seu recital me daria tempo para pensar em minha nova situação, sem a distração da música e da dança ou de engenhocas mecânicas. Eu tinha convicção de que dona Lucrezia procuraria saber minha opinião sobre *ser* Taddeo logo que nos chamasse para prepará-la para dormir, e eu deveria achar uma maneira de mostrar meu agradecimento por sua escolha. Eu queria falar com Angela primeiro, para ensaiar as palavras adequadas para expressar esse meu sentimento.

Levantei a vista, procurando-a entre a plateia de Bembo. Candelabros altos haviam sido trazidos para a frente para iluminá-lo, de modo que as inúmeras chamas refletidas numa infinidade de espelhos, cálices e joias ofuscaram meus olhos, mas em pouco tempo localizei-a. Ela ainda se encontrava em meio ao grupo de moças em que Giulio a deixara no fim da dança com a tocha, mas agora ele estava atrás dela novamente, de pé. A cabeça de Angela parecia apoiar-se no ombro dele, o pescoço estendido, os lábios entreabertos. Um copo de ponche, de prata, era levado a sua boca.

Ela estava tão imóvel como a fonte congelada no pátio de Strozzi, sem piscar, quase sem respirar, sua atenção fixa no poeta.

Comecei a prestar atenção.

*Agora o amor fez uma curva no caminho da minha vida;
O tempo feliz e os dias límpidos
Que jamais conheceram o amargo sabor das lágrimas
Desapareceram nas noites negras e atormentadas...*

Não era Ovídio, nem Petrarca, este Pietro Bembo, mas havia dignidade na maneira como recitava seus versos, numa voz mansa, porém lúcida, que se destacava acima do ruído de sedas e sapatos, do tilintar de copos, do riso abafado dos poucos espectadores desatentos. Ele havia tocado meu coração e ordenado suas confusões em *rimas* petrarquianas. E, assim como às vezes se encontra uma carta perdida ou um par de sapatos no fundo de um baú que se arruma, ele descobrira uma verdade, não nova, mas havia muito enterrada. Eu via que Angela achava a mesma coisa, e desviei o olhar.



Madonna não me perguntou sobre *ser* Taddeo naquela noite, apesar de ter falado muito sobre Bembo e a excelência de seus versos.

— Embora eu ache que seja mais na apresentação do que na construção — disse ela, enquanto a preparávamos para dormir. — Pode-se esperar apenas a perfeição saindo de lábios tão belos. A grande ilusão platônica. — *Madonna* estava muito bonita, seus olhos brilhando e as maçãs de seu rosto coradas, mesmo depois que ela removeu o creme de cochonilha.



Nem ela nem dom Alfonso haviam ainda se levantado quando o mensageiro de Senigallia chegou, sem fôlego e cheio de desculpas

pelo atraso, seu libré quarteado nas cores amarela e vermelha, quase indistinguíveis por baixo da lama da estrada. Sem saber o que fazia, conduzi-o direto à porta do quarto de *madonna*, e ali tossi alto, minha tosse abafada pelo pulsar do sangue em meus ouvidos, antes de entrar no quarto para anunciar a chegada do mensageiro. Somente as más notícias chegam rápido, eu disse a mim mesma, somente as más notícias chegam rápido.

— Ele está aí fora? — perguntou *madonna*, surpresa. Seus cabelos estavam soltos, sua respiração, curta, e o lençol que ela segurava mal lhe cobria os seios. A seu lado, dom Alfonso parecia um jovem fazendeiro, a pele de seu tórax avermelhada das horas que passava nu da cintura para cima em seu forno de olaria e em sua fundição, as palmas das mãos com marcas de queimaduras em vários estágios de cicatrização.

Ele olhou zangado para mim, mas *madonna* falou com uma gentil exasperação quando disse:

— Não posso recebê-lo enquanto não estiver vestida adequadamente, Violante. Você pode voltar para me ajudar a trocar de roupa dentro de alguns minutos, para dar tempo a meu marido de se retirar.

— Está bem, *madonna*. Desculpe. — Fiz uma reverência e saí, meu rosto enrubescendo da vergonha que senti quando fechei as portas e ouvi uma explosão de risos de dom Alfonso e sua mulher.

Eu não havia sequer tido tempo de encontrar um escravo para levar o mensageiro até as cozinhas para se lavar e refrescar quando a dálmata apareceu atrás de mim para me dizer, com uma combinação de sinais e rosnados guturais que serviam de língua para ela, que *madonna* me chamava de volta.

— Onde ele está? — perguntou dona Lucrezia assim que entrei no quarto. *Madonna* ainda estava na cama, mas usava uma camisola casta de gola alta e mangas compridas e um toucado na cabeça, dentro da qual enfiara a maior parte de seus cabelos. Os lençóis estavam esticados, os travesseiros sobre os quais dom Alfonso se deitara haviam sido afogados. A dálmata agachou-se diante da lareira com uma pederneira e galhos de pinheiro.

— Esperando lá fora, *madonna*.

— Bom, vá buscá-lo então. Estou bastante decente agora, não estou?

— Acho que sim. — Nossos olhares se encontraram. Ele fará o relato completo, eles tinham dito um ao outro, tudo deve ser exatamente como Cesare desejar. Dona Lucrezia enfiou mais uns fios de cabelo soltos por baixo do toucado. Arqueei as costas, de modo a deixar minha barriga um pouco mais protuberante do que o normal. *Madonna* franziu o cenho, depois deu de ombros e em seguida sorriu.

— Entre — disse ela ao mensageiro.

Ele trouxe consigo os cheiros de lama, de neve e de cavalos. Enquanto o rapaz se ajoelhava diante de *madonna* e eu lia as letras C E S A R E expandindo-se e contraindo-se em suas costas arqueadas quando ele respirava, eu me perguntava se ele levaria de volta consigo em seu relatório os aromas de angélica e lavanda, dos lençóis do leito conjugal e da resina de pinheiro quente. A princípio, pensei que era a conjugação estranha de odores que revirava meu estômago. Eu ainda não havia quebrado o jejum, e a fome me deixou tonta. Coloquei a mão sobre a barriga para acalmar a agitação lá dentro.

— Sim, sim — disse *madonna* irritada, acenando com a mão para que ele se levantasse. — Vamos, ande com isso. O que tem para mim de meu senhor duque?

— Ele lhe envia os cumprimentos, senhora.

— Ah, pelo amor de Deus, me entregue essa carta.

O nervosismo continuava. Meu estômago revirava e parecia não querer parar. Vi a carta, envolta num linóleo, passar da luva de couro do mensageiro para os dedos brancos roliços de dona Lucrezia. Ela enfiou a unha, bem-tratada, embaixo do selo que prendia o linóleo e quebrou a cera. O nervosismo continuava e tomou conta de mim. Somente as más notícias chegam rápido.

A carta tinha diversas páginas. Quanto tempo ela levaria para lê-la? Como eu iria aguentar a espera? Incapaz de ficar parada, mexi

em frascos de perfume e potes de cosméticos, caixas de joia e lençóis de cama, dizendo a mim mesma que eu estava arrumando. Só arrumando.

— Fique quieta, menina. Assim não consigo me concentrar. — *Madonna* pegou três das páginas e colocou-as sobre a cama a seu lado. — Para o duque Ercole. Para meu marido. E Ippolito. — Apenas uma página era para ela. Fiquei trêmula de alívio.

— Está bem, *madonna*. — Fiquei ao lado da cama, minhas mãos envolvendo as mangas, segurando meus antebraços para evitar que tremessem. O mensageiro esperou de joelhos, caso houvesse uma resposta. O nervosismo continuava.

Madonna prendeu a respiração.

— Ó, meu Deus! — exclamou ela, e em seguida: — Meu bom Deus! — Ela então sorriu, depois deu um riso silencioso, uma mera expulsão de ar pela garganta e pelo nariz, e, por fim, me entregou a carta. — Bom, Violante. Parece que você tinha razão.

Excelentíssima senhora, eu li, querida irmã,

A cobra foi controlada, e os conspiradores de Magione não mais existem. Agora, finalmente, posso dizer isso. Você deve perdoar minha discricção, mas um segredo absoluto foi essencial. Nem mesmo a nosso pai revelei meu plano até ser realizado, pois você sabe que, mesmo que ele utilizasse palavras dissimuladoras, seu rosto e conduta o trairiam. Ele tem me agredido com palavras impróprias aos ouvidos de uma dama, ouvi dizer, porque não tenho escrito para ele, gastei todo o seu dinheiro e, como ele diz, tudo o que faço é jogar calcio e outros jogos que requerem colhões (desculpe minha indelicadeza, eu meramente cito Sua Santidade) em Cesena. Como sempre, isso tanto é verdade quanto não é.

Tudo remonta a Ramiro; não, ainda antes, à rebelião de San Leo, pois deu aos traidores a confiança de mostrar as suas intenções. Eles pensaram que me distrairiam, mas, na verdade, aquilo serviu apenas para concentrar minha atenção. Como eu disse ao desprezível governador quando ele chegou a Veneza

para relatar seu fracasso, ao perder San Leo, ele garantiu que esta fosse recuperada.

Eu já suspeitava da cumplicidade de Ramiro com os Orsini e o restante dos patifes de Magione. Três meses atrás, eu tive de depô-lo do posto de governador da Romanha, porque sua administração corrupta estava minando minha autoridade lá. Falei com ele durante muito tempo na véspera da execução (privando-me assim dos favores da mulher de Marescotti, que havia sido apresentada a mim em um baile oferecido pelo marido, e ela era uma moça bem bonita). Eu me lembrei de como ele tinha estado a meu serviço desde os meus 14 anos, quando fui enviado para a escola em Perugia, como tínhamos sido amigos, bem como patrão e empregado, camaradas espanhóis longe de casa, apoiando-nos um no outro, no exílio. Nós dois choramos, embora ele com mais intensidade do que eu, e, finalmente, ele me disse o que os conspiradores estavam planejando contra mim. Que eles pretendiam me armar uma cilada em Senigallia, certificando-se de que Doria, o castelão, somente me entregaria a rocca em pessoa, para eles então se voltarem contra mim quando eu estivesse na cidade, cercado das tropas que eles tinham aquartelado lá.

Que Deus me conceda inimigos mais inteligentes, querida irmã! Foi o engodo mais simples e mais belo do mundo. Mande embora todos os meus oficiais franceses. Isso se prestou a um propósito duplo; tanto avisou a Luís que eu não precisava mais dele e que seguiria meu próprio caminho no futuro, quanto levou os conspiradores a sentir uma falsa segurança. Para garantir esta última, dispersei minhas tropas de Cesena para o sul em pequenos grupos, por rotas diversas, e fingi que eles estavam sendo liberados para as férias. Esperei então pela mensagem que, eu sabia, chegaria de Doria. Você teria notado que eu estava nervoso, mas desafiaria qualquer outra pessoa a perceber isso. Parti para Senigallia usando uma armadura de batalha completa, embora, para todos os efeitos, eu estivesse indo para aceitar formalmente a rendição já concedida de um

homem cercado por todos os lados por tropas leais a mim. Refleti sobre a sensatez disso brevemente, mas logo decidi que não fazia sentido arriscar a própria pele, que eu estava tentando salvar, indo desarmado.

Meu exército se reuniu a mim próximo a Fano, e eu enviei ordens para meu condottiere fazê-los evacuar a cidade para que eu pudesse aquartelar minhas próprias tropas lá. Eu gostaria que você tivesse visto a cara deles quando cheguei, querida irmã. Eles eram a imagem do pânico, pálidos como os cadáveres que estavam destinados a se tornar, suando em abundância apesar do frio. Paolo Orsini não conseguia falar, apenas chalreava como um papagaio, mas Vitellozzo era o melhor. Ele estava tão doente do mal-francês que não conseguia montar sem ajuda, e usava um manto verde que o tornava ainda mais bilioso. Quanto a mim, eu era a personificação do charme. Beijei a todos; se eu passar a língua pelos lábios agora, enquanto escrevo esta carta, imagino que possa sentir o sal do medo que eles sentiram, e, meu Deus, ele é doce.

O único portão da cidade foi trancado depois que passamos por ele, fechando minhas tropas dentro e as deles do lado de fora. Ordenei que me seguissem até uma casa que Michelotto havia encontrado para mim, onde uma refeição foi servida numa sala perfeita para esse propósito, num andar superior, com apenas uma porta e janelas trancadas. Uma espécie de última ceia. Mas posso ver você balançando a cabeça e estalando a língua em desaprovação, com medo que eu blasfeme, então não vou levar adiante a analogia.

Falei com meus hóspedes durante algum tempo, alimentando-os com um monte de tolices sobre o quanto eu precisava confiar neles agora que o rei Luís havia reconvocado suas tropas, e como eu estava satisfeito, porque eles eram os capitães mais bravos e leais que um homem poderia encontrar neste lado dos Alpes. Oliverotto da Fermo até riu uma vez, e Vitellozzo bebeu um pouco de vinho, embora eu temesse que viesse a pôr tudo para fora de novo.

Então pedi licença para atender a uma necessidade fisiológica, e Michelotto bloqueou a passagem pela porta depois que saí. Ouvi alguns gritos, móveis se arrastando e louças sendo derrubadas. Oliverotto e Vitellozzo, após darem generosos detalhes da extensão da conspiração ao atento Michelotto, foram garrotados na manhã seguinte, culpando-se por sua conduta não cavalheiresca e pedindo a absolvição de nosso Santo Padre. Enviei os três Orsini para Roma. Devo estar voltando para lá em breve; dei licença aos meus soldados em Senigallia, que logo deixou de ser um lugar confortável para se ficar. Vou aproveitar o Carnaval ainda mais só de pensar que aqueles três filhos da puta estão presos em Sant'Angelo, à espera do destino que nosso ilustre pai por fim lhes dará para vingar o assassinato de Juan.

Está vendo, querida irmã? Dada a ocasião, eu soube muito bem o que fazer. Nosso irmão pode descansar em paz agora, e eu espero finalmente ter conseguido provar ser um sucessor digno de seu título como gonfaloneiro da Igreja. Meu único arrependimento é Vitellozzo. Ele era o melhor atirador da Itália de sua época.

*De seu irmão que a ama como a si mesmo,
Cesare*

Meus olhos devoraram a letra cursiva familiar, marcando a transição da consciência para o caos na medida em que os pensamentos dele aceleravam-se diante de sua pena. Enquanto eu lia, o nervosismo voltou. Ao me deixar ver aquela carta por completo, percebi que dona Lucrezia havia me admitido no seio de sua família. Vendo-me pressionar o diafragma com a mão livre, ela me perguntou se eu estava bem.

— Um pouco irrequieta, *madonna*, é só. Muita agitação antes do café da manhã.

— Venha cá. — Dei um passo à frente, e ela colocou a palma da mão na minha barriga e deu um gritinho de alegria. — É nosso

bebê, Violante. Dançando para o talentoso papai.

O nervosismo parecia tomar conta de mim. Certamente agora ela contaria a ele; agora não havia dúvida de que a criança era real e crescia forte. Certamente logo ele viria para reivindicá-la.

— Sinto que a Senhora Fortuna está prestes a sorrir para nós, finalmente — disse ela.

CAPÍTULO 2

FERRARA, JANEIRO DE 1503

Minha vida não se acabou, não é? Tão cedo assim?

Talvez a Senhora Fortuna não tenha tido outra escolha senão sorrir para nós, com Cesare golpeando-a, torcendo-lhe o braço nas costas, mas, sinceros ou não, todos os seus sorrisos possuem o mesmo efeito. Poucos dias depois de receber a notícia do “belo engodo” de Cesare, o duque Ercole finalmente concedeu a última parte do dinheiro do dote de *madonna*. Isso significava que meu casamento com *ser* Taddeo poderia ser realizado e minha gravidez, reconhecida. Eu deixaria de lado o corpete para que meu bebê não precisasse dançar numa jaula de couro fervido e hastes de madeira.

Um motivo ainda maior de alegria pessoal, no entanto, era a felicidade de Angela. Ela estava convencida de que o duque agora aceitaria seu casamento com Giulio. Era a última dose de remédio necessária para ela se restabelecer completamente, depois da febre do verão anterior, fazendo-lhe voltar o frescor ao rosto e acendendo a antiga centelha de travessura em seu sorriso. Seus desaparecimentos noturnos recomeçaram, e, dessa vez, eu tinha certeza, não era para a cama de Ippolito que ela ia.

Sem conseguir dormir por conta do bebê, que parecia tão ativo quanto o pai durante a noite, eu ficava deitada no escuro do inverno, intensificado pela ausência da respiração de Angela ou do ruído de seus lençóis quando ela se virava em seu sono, fazendo especulações. Teria ela ido para a casa de Giulio ou ele a encontrara em algum lugar no castelo? Eu preferia pensar que ela ia para a casa dele, mascarada, caminhando silenciosamente sobre a neve, de tamancos, acompanhada somente por um carregador de tocha, suas sombras longas e azuladas reluzindo nas ruas vazias. Eu a imaginava

indo em direção ao abraço dele no vestíbulo escuro, ambos trêmulos ao subirem as escadas no silêncio da ausência dos empregados, seu lindo corpo indo ao encontro do dele com um suspiro de êxtase, porque era isso o que ela havia procurado durante toda sua vida e que agora havia encontrado.

O papa escreveu à filha dizendo que Cesare passaria o Carnaval em Roma, onde, ele previa alegremente, *fará mil loucuras e jogará fora milhares de ducados*.

— Se meu pai está tão tranquilo com os gastos de Cesare, então meu irmão deve realmente ter conseguido o impossível — disse *madonna* em tom jocoso ao ler o trecho em voz alta para nós, enquanto decorávamos as máscaras com bordados em fios de ouro e penas de pavão roubadas das aves no jardim do duque Ercole. Cesare, continuou o Santo Padre, iria dar a cidade de Camerino a seu irmãozinho, Giovanni, e eu me perguntava que presente ele daria a nosso filho. Urbino, talvez. Isso seria adequado.

Deveríamos em breve receber a visita de dona Isabella, que escrevera dizendo que nada lhe daria mais prazer do que passar o Carnaval com sua querida cunhada e celebrar com ela a grande sorte de sua família. Ela enviara a seu nobre irmão, o duque Valentino, um presente de cem máscaras de Carnaval, vinte das quais em ouro e decoradas com pérolas e pedras preciosas, vinte em prata, e o restante nos mais finos veludos e sedas. *Após o estresse e a fadiga que vem sofrendo nesses seus gloriosos empreendimentos*, ela disse a ele, *o senhor também deveria arranjar tempo para se distrair*. Cesare escreveu para *madonna* dizendo que havia gostado muito das máscaras, uma das quais era adornada com bigodes anelados, feitos de crina de cavalo e um turbante de tecido de ouro, o que o fizera lembrar o príncipe Djem.

Ele escrevia para ela, como sempre, quase todos os dias. Eu às vezes me perguntava quantas peles de bezerro, quanto tanino de carvalho e quantos potes de goma arábica haviam sido investidos no relacionamento deles ao longo dos anos, e se essa relação se devia mais a tinta e pergaminho ou a carne e sangue. Então, quando ela me chamou, numa manhã próxima à Festa de São Valentim, e eu a

encontrei sentada à escrivaninha com um pergaminho dobrado na mão, pensei que, finalmente, ela escrevera uma carta a Cesare contando-lhe sobre a criança e queria que eu a visse antes de enviá-la.

— Como você está? — perguntou ela, esfregando os olhos. A luz de fevereiro que entrava pela janela profunda era fraca, sufocada entre a nuvem baixa e a neve escurecida, e nenhuma lâmpada estava acesa; escrever devia ter sido difícil.

— Bem, obrigada, *madonna*. A criança está bastante ativa, e crescendo, eu acho.

Madonna sorriu, mas seu olhar se desviou de mim e pude ver que ela não havia, de fato, escutado minha resposta.

— Eu tenho demonstrado meu afeto por você, não tenho? — perguntou ela.

— Tem, sim, *madonna*. — Eu estava confusa. Olhei para a carta na mão dela, desejando poder enxergar as palavras dobradas lá dentro através da superfície densa e cremosa do pergaminho.

— Eu exijo sua lealdade.

— Claro, *madonna*.

— Escolhi você, entende, porque agora nós duas passamos a ter um relacionamento especial.

— Escolheu para quê, *madonna*? — Talvez eu tivesse sido um pouco brusca. Aborrecia-me sua lentidão em ir direto ao assunto, mas principalmente porque era óbvio, pela maneira como estava falando, que a carta em sua mão não tinha nada a ver nem com Cesare, nem comigo, nem com nosso filho. Notei então que não havia selo algum nela; se fosse para Cesare, teria, com certeza, sido selada pela própria dona Lucrezia.

— Para levar esta carta. — Ela me entregou o pergaminho e eu o segurei, mas ela não o soltou de imediato; enquanto permanecíamos nesse impasse, o pergaminho creme esticado entre nós como uma frágil ponte, vi que a carta não tinha sequer o nome do destinatário. Em branco, anônima e virgem: era assim que a pele se apresentava ao mundo. — E, preste atenção, você deve seguir com precisão as

minhas instruções — admoestou quando, por fim, entregou a carta a meus cuidados.

— Claro, *madonna*.

— Atrás da casa de banho, aonde se dirigem os jardineiros para a coleta da água suja. Strozzi estará esperando lá, a partir da décima quinta hora. Você lhe entregará a carta e, o que ele lhe der, traga diretamente para mim. — Ela fez uma pausa. — Seria melhor que você não fosse vista.

— Está bem, *madonna*. Eu entendo.

— Não diga isso, Violante. Não tente entender. Leve Fonsi — acrescentou ela. — Então, se for vista, poderá dizer que levou Fonsi para se exercitar.

Seriam ela e Strozzi amantes?, eu me perguntava enquanto me dirigia à casa de banho com o cãozinho correndo atrás de mim. Certamente eram íntimos, mas sempre achei que a amizade deles fosse mais como a de duas mulheres, baseada em boatos e na habilidade de Strozzi de adquirir camafeus, tecidos finos e perfumes raros por um bom preço, por meio de suas conexões em Veneza. Mas o que teria sido minha amizade com Angela, antes de Cesare, e depois Giulio, abalar sua estrutura?



— O cenário é apropriado, não acha? De um lado, uma árvore-de-judas, do outro, um tanque de água suja. — Strozzi apareceu por trás da casa de banho, sua bengala esmagando o caminho de cascalho que circundava a rotunda de arcos. Ele parecia estar com frio, o rosto contraído e azulado acima da gola de pele de seu manto. Tive curiosidade de saber quanto tempo ele havia esperado. Fonsi pulou em cima dele, a língua para fora, as patas arranhando sua bota.

— Eu não sei de nada, *ser* Ercole. Só sei que devo entregar esta carta.

— Ela foi prudente em tê-la escolhido. Você mantém sua curiosidade em rédea curta. É uma boa moça.

— Eu não quero saber de nada que possa colocar em risco o meu filho.

— E como vai o pequeno acólito de São Valentim? — Ele deu uma batidinha em minha barriga. O bebê deu um chute, e ele retirou a mão abruptamente, embora tenha sorrido para mim, como se tivéssemos compartilhado uma piada íntima. — Está cuidando bem de sua saúde? Você está desagasalhada. Não deve pegar um resfriado.

— Eu não sinto mais frio. A criança é como um pequeno forno em minha barriga.

— Uma espécie de hipocausto. — Rimos, os dois.

— Ele está crescendo bem forte. Vai nascer em maio, eu acho.

— E é provável que seja bom no jogo de *calcio*.

— Como o pai.

— Está vendo, Violante — e eu podia ler em sua expressão a maneira como ele me via, uma moça jovem sendo enganada por amor —, como a paixão nos deixa fora de nós mesmos? Seja bondosa com sua senhora. Não a julgue. Você acha que, por um instante sequer, ela intencionalmente poria em risco o filho do irmão? Ela confia em você por causa dele; respeita você, e, se ela não está pensando com a clareza que deveria, seja compreensiva. Não podemos, nenhum de nós, escolher quem amamos. — Ele falou com autoridade; vivera durante dez anos à sombra de um amor sem esperança por uma mulher casada com um homem tão poderoso que seu nome jamais era mencionado.

Pensei em meu irmão, Eli, arrastando-se na lama à procura de seus óculos, no riso apiedado de La Fiammetta e em Catherinella, de pescoço quebrado na jaula. No meu íntimo, entendi Strozzi. O amor é fortuito e completamente traiçoeiro.

— Tem alguma coisa para eu levar de volta? — perguntei timidamente. Strozzi me entregou um pergaminho dobrado, anonimamente selado e dirigido a dona Niccola. Eu devo ter parecido perplexa.

— Esse é o nome que ele prefere, é só — disse Strozzi com um encolher de ombros. *Quem?*, desejei saber, mas não perguntei. Senti a solidez da Torre Marchesana em minhas costas, com o peso da prisão de Ugo e Parisina. Senti olhos em todas as janelas. E, de repente, sem nenhuma razão aparente, as palavras que irmã Osanna dissera na Quaresma do ano anterior me vieram à mente. *Você deve cuidar das fundações, filha. Fogos podem ser ateados lá. Não lhes dê ar para respirar.*

Abri a boca para me despedir de Strozzi, mas ele desaparecera, como se fosse incorpóreo, como as pequenas nuvens de vapor que saíam do tanque da água usada nos banhos. Eu também não achava Fonsi, apesar de tê-lo chamado diversas vezes. As pegadas de Strozzi, de espaçamento irregular e pontuadas por sua bengala, estavam no cascalho, sem dúvida. Eu não podia me demorar no lugar onde havíamos nos encontrado. Simplesmente esperava que o cãozinho tivesse voltado para dentro de casa sem mim. Além disso, se *madonna* estivesse aguardando meu retorno com a carta de um amante, era improvável que se preocupasse com o cachorro.

Então o escutei latindo, persistente, como se estivesse preso em algum lugar e tentasse atrair a atenção para seu problema. O som parecia estar vindo do caminho de treliças dos pessegueiros que ligava a casa de banho ao antigo palácio. Quando passei sob o primeiro arco, vi Fidelma, o cãozinho se contorcendo em seus braços. Ela tentava prender o focinho do animal para silenciá-lo. Parecia tão culpada como se fosse ela que estivesse num encontro amoroso ilícito, e esse pensamento me fez abrir um sorriso genuíno ao cumprimentá-la.

— Pensei que ele estivesse perdido — disse ela, seu olhar desviando-se do meu rosto e dirigindo-se à minha barriga protuberante. Uma vez eu dissera a Angela que temia que a desaprovação de Fidelma secasse meu leite. Ciúmes, dissera Angela, uma boa trepada é tudo de que ela precisa, e não vai conseguir isso com aquele Fra Raffaello de cara pálida.

— Eu só estava dando um passeio com ele. — Agora era a minha vez de não olhar para ela. Ela me seguira, tenho certeza disso, mas

por quê? E o que teria visto? E a quem ela diria o que vira? Senti a carta no corpete de meu vestido, local onde eu a escondera, o pergaminho duro enfiando-se em meus seios sensíveis. Certamente Fidelma sabia que ele estava ali. Eu não podia levá-lo direto a *madonna*. Precisava tirar Fidelma do caminho primeiro.

— Olhe — eu disse —, preciso ir urgentemente à latrina. Esse moço — bati na minha barriga, sentindo-me uma enorme rosa ao lado da alta e magra Fidelma — está sentado bem em cima de minha bexiga. Leve Fonsi de volta, e não deixe que ninguém sente naquela cadeira que eu gosto para costurar. Sabe? Aquela que tem o espaldar alto.

Ela saiu correndo sem nenhuma outra palavra, estupefata com meu atrevimento, o cãozinho ainda se contorcendo em seus braços, olhando para trás e me implorando com seus olhos que pareciam botões pretos.

Fui para nosso quarto, embora por um caminho tortuoso, entrando no castelo pela Torre Leone e seguindo através de uma série de salas que faziam a ligação com a Torre Marchesana, as quais estavam sendo redecoradas e só eram visitadas pelos trabalhadores. Quando cheguei lá, puxei o baú que estava embaixo de minha cama com o objetivo de esconder a carta no fundo, mas, quando levantei os compartimentos móveis, minha atenção foi desviada. Lá, em cima da pequena pilha das cartas que recebi de Cesare, estava o desenho, feito por Leonardo, que ele me enviara. Notei que havia, e ao mesmo tempo não havia, uma semelhança com ele, que aquela imagem capturara um olhar especial que ele tinha quando estava pensando ou lendo, seus olhos velados e lábios estendidos num gesto de concentração. No entanto, o desenho sacrificava outras tantas coisas. Quantas expressões, eu imaginava, não teriam atravessado aquele rosto ágil, inteligente e belo durante o tempo que Leonardo precisou para fazer aquele esboço? Coloquei-o de volta no baú e escondi-o sob as cartas, porque havia o perigo de registrar aquela imagem na memória. Eu poderia esquecer todo o resto, todo o senso de humor, a impaciência, a afeição, a tristeza, a paixão e a raiva que mudam a forma da boca, a luz no olhar, a cor

no rosto, que tanto mascaram como revelam o mistério definitivo das faces que apresentamos ao mundo.

Que expressão ele teria, eu me perguntava, quando viesse a saber sobre nosso filho?

— Aqui está você. — Angela. — Fidelma me disse que você teve que ir à latrina, então dona Lucrezia disse que você tinha saído fazia muito tempo e que estava preocupada, e me mandou procurá-la. O que está fazendo? — Ela se agachou a meu lado no chão. — Não me diga que está pensando no primo Cesare. Ainda? — Seu tom foi gentil, porém mais exasperado do que solidário. — Você sabe que ele não vai se importar; é assim que são os homens. Eles plantam a semente e deixam para nós, mulheres, cuidarmos.

Eu acreditava que ela estava errada, mas não sabia dizer por quê.

— Mas *madonna* se importa — eu disse em minha defesa.

— É porque... — Mas ela nunca terminou a frase. Sua atenção foi distraída pela carta que Strozzi me dera. — O que é isso? — Ela a apanhou, testando a qualidade do pergaminho, passando o dedo pelos cantos dobrados onde havia sido esmagada contra meu peito. — Quem é Nicola?

— Ninguém.

Angela pareceu confusa por um momento, depois deu uma gargalhada, quando entendeu o que se passava.

— Conheço esta letra — disse ela —, é de Bembo. Nicola. Claro. Ele tem uma prima ou irmã predileta ou... Meu Deus, poderia ser a governanta. De qualquer forma, sei que existe uma Nicola na vida dele. É um pseudônimo, não é? É por isso que Lucrezia está inquieta como um gato sobre tijolos quentes. Não tem nada a ver com você poder abortar; é essa carta. De Bembo. Para ela.

— Bembo e *madonna*?

— Claro. Não é surpresa nenhuma, na verdade; ela está sempre falando sobre a boca bonita que ele tem e nas vogais maravilhosamente pronunciadas desde a festa de Strozzi. Se você não estivesse tão concentrada em seu próprio romance, teria notado.

Para Angela era fácil falar, pensei. Ela não havia passado uma noite sequer em sua própria cama durante semanas.

— Se você tivesse aparecido por aqui algum dia, talvez tivéssemos falado sobre isso.

— Violante — ela sentou-se sobre os calcanhares, seus enormes olhos acinzentados fixos nos meus —, se Cesare estivesse aqui, morando num palácio a pouco mais de 500 metros de distância, sozinho, e ele desejasse você, quantas noites você dormiria neste quarto? O que acontece com as pessoas apaixonadas que estão sempre pensando que são as únicas? Querida, não é que eu não entenda, talvez eu até entenda demais. Eu não fico feliz com seu sofrimento; portanto, não me negue meu prazer.

— Desculpe. É que eu me sinto no limbo, entende? Esperando. Pelo bebê. Que ela conte a Cesare para que tudo possa ficar às claras. Do jeito que as coisas estão, todo mundo sabe que o filho é de Cesare, mas faz de conta que é de Taddeo, e nós dois temos que fazer as pessoas aceitarem a improvável ideia de que não conseguimos esperar até o casamento. E quando será isso? Ele nem sequer vai se comprometer com um anel de noivado até que veja o que Cesare vai fazer pela criança e como isso pode ser proveitoso para ele.

— Ela já devia ter contado a ele, a essa altura.

— Você pode falar com ela?

— Não sobre isso. Ninguém pode falar com nenhum dos dois sobre o outro. Você sabe como eles são. Eles têm regras próprias.

— Eu detesto sua família. Uma hora eles são simpáticos, incluem todos, na hora seguinte, se fecham, e ninguém é bom o suficiente.

— E todas as famílias não são assim?

— Como posso saber? A minha me negociou. Eu fui apenas parte de um pacote que meu pai preparou para ajudar seu tio Rodrigo a comprar as chaves de São Pedro.

— E nunca lhe ocorreu que Lucrezia, e eu, e até Cesare, fomos também parte desse pacote? Apesar de que, talvez, depois de Senigallia, Cesare tenha crédito suficiente para arcar com o preço de

suas ações. — Ficamos um instante em silêncio, entregues aos nossos próprios pensamentos, então Angela continuou: — Vamos parar com essa discussão. Se quiser continuar gozando dos favores de Lucrezia, é melhor entregar essa carta, ou então, com filho ou sem filho, você vai se ver banida para Occhiobello apenas com a companhia de *ser* Taddeo. — Ela levantou-se e deu a mão para me ajudar a me levantar.

— Fidelma me viu pegar a carta; tenho certeza. Foi por isso que eu trouxe para cá. Para escondê-la até achar uma hora melhor.

— Entregue isso a mim. Ela tem um porta-joias com um fundo falso, que já usamos antes.

— Antes? — Fiquei surpresa. Dona Lucrezia, por alguma razão, dava a impressão de ser uma pessoa constante em seus relacionamentos, mas era uma boa atriz. Tinha que ser.

— Lucrezia sempre teve amantes, sua tolinha. Isso não é novidade. Só estou surpresa por ela ter demorado tanto para escolher alguém. Esta é a única vez que ela foi fiel por tanto tempo a alguém, exceto ao pobre Bisceglie.



Na semana seguinte, dona Isabella chegou de Mântua, criando um caos em nossa casa semelhante às preparações da cidade para o Carnaval. Dona Isabella e sua comitiva ocuparam as dependências do duque Ercole no antigo palácio, o duque se mudou para os aposentos de dom Alfonso, e este foi se instalar num chalé de caça em Barco que pertencia a Ippolito, que se encontrava em Roma. Com Cesare, talvez.

Exceto pela antiga aia espanhola de dona Isabella, que acompanhara seu crescimento desde criança no Castello Estense, nenhum de seus empregados mantuanos sabia onde encontrar nada, e viviam se perdendo; se dona Isabella quisesse água quente, a água estaria fria quando chegasse a ela; se pedisse limões cristalizados, ela receberia em seu lugar papel de carta de alguma empregada atordoada, temendo retornar de mãos vazias. Nessa

atmosfera confusa, ninguém notava minhas idas furtivas à casa de banhos para me encontrar com Ercole Strozzi sob a árvore-de-judas.

O que quer que Bembo escrevesse naquelas cartas para *madonna*, parecia agradá-la. Não me lembrava de tê-la visto tão alegre e tão jovial, embora Angela tenha dito que aquele comportamento era o mais verdadeiro desde que retornara do exílio a que se impusera em Nepi e o anúncio de seu casamento com dom Alfonso. Sua energia parecia inesgotável. Naquele ano, ela não se restringiu a assistir à Guerra dos Ovos da galeria que ficava sobre os portões do palácio, mas desceu para o meio da multidão, fantasiada e mascarada, e se juntou a ela. Passou a se levantar cedo e ir caçar com os homens, cavalgando entre os cães e os falcoeiros, enquanto a neblina cobria a base das árvores e o aroma matinal estava maravilhoso. Todas as noites, ela programava diversões para dona Isabella. Concebia coreografias de danças espanholas extravagantes com castanholas e pandeiros, nas quais ela e Angela eram as protagonistas, balançando seus cabelos longos e soltos e sapateando como ciganas.

Dona Isabella não tinha essa agilidade e se portava apenas como espectadora nesses eventos. Ela cavalgava mal e era pesada demais para dançar bem, e, enquanto a duquesa de Ferrara ficava contente em receber uma chuva de ovos em seu manto e enfiava suas botas de pelica na lama e na bosta de cavalo, a marquesa de Mântua se preocupava com sua dignidade. Eu ficava em sua companhia quando ela não estava com o pai, ou visitando os amigos em Ferrara. Ela falava incessantemente do casamento do filho, Federigo, com a filha de Cesare, Luisa. Eu me perguntava se ela temia que ele tivesse ambições maiores para Luisa desde o sucesso de Senigallia. Perguntava-me se ela sabia que ele era também o pai de meu filho. Tratando-se de dona Isabella, era impossível dizer; selecionar o que era importante em suas conversas era como procurar um canal seguro num rio perigoso. Ela ia do equilíbrio de poder entre a França e a Espanha ao uso de alegorias nas pinturas, da maneira como eu deveria impor minha autoridade na casa de *ser* Taddeo quando eu me casasse à última moda em Milão numa única respiração.

Certa manhã, quando eu a acompanhava num passeio pelo jardim de rosas que fora cultivado por sua mãe e que agora se encontrava sob os cuidados de dona Lucrezia, ela interrompeu o que comentava sobre pulgões e me perguntou o que havia acontecido com a escrava negra.

— Que escrava negra? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

— A moça trazida de Roma, claro. Naturalmente ela não pode tê-la vendido ou trocado por isso aí. — Ela fez um gesto para trás, em direção à pálida dálmata de ossos proeminentes, que nos seguia com os braços cheios de mantas de lã. — Ela me disse um dia que era muito apegada à moça. Um presente do último marido, eu creio.

Eu não sabia disso.

— Ela morreu, infelizmente — respondi, na esperança de que dona Isabella não me perguntasse como.

— Que lástima! Ela era de uma beleza impressionante, de um negro intenso e brilhante. Eu ia pedir a Lucrezia para me emprestar a escrava para usá-la como modelo da empregada em *Judite com a cabeça de Holofernes*, que eu encomendei a Squarcione.

— Sinto muito, *madonna*. — A voz de dona Isabella era como um arame que atravessava meu cérebro de orelha a orelha. Que importava, tive vontade de perguntar, que diferença fazia se a moça era uma judia ou uma negra? Que falsa hierarquia ela havia estabelecido para retratar Judite como uma entre os seus, uma grande dama com seus cãesinhos no colo e escravas, e a cabeça do amante numa bolsa de seda?

— Não importa. Acontece o tempo todo. Elas parecem fortes e então sucumbem a um simples resfriado. Isso serve para provar a superioridade de nossa raça. Agora, me diga, quem ganhará a Battagliuola este ano?

— *Madonna* acha que serão os ferrarenses, e dom Alfonso, a força papal.

— Ah, eles estão sendo gentis um com outro. E você, quem acha que vai ganhar?

— O lado cujas mãos cheguem ao mercado em primeiro lugar, *madonna*, e comprem os maiores legumes.

A Battagliuola era um evento tumultuado no qual grupos de crianças se enfrentavam no Campo Franco ao lado do Convento de Corpus Domini atirando frutas e vegetais com estilingues. Faziam isso em comemoração a uma antiga vitória dos Este sobre um exército papal. Para dona Lucrezia, sua participação era uma questão de honra, pois as pessoas poderiam ver que agora ela pertencia à família Este e devia obediência a Ferrara, não a Roma.

Do castelo até lá era uma distância pequena, e seguimos a pé, dona Lucrezia e dom Alfonso de braços dados à nossa frente, os empregados atrás com cadeiras, mantas e braseiros, e dois baús contendo os prêmios para o primeiro e segundo colocados. Com o herdeiro do ducado agora casado com a filha do papa, não poderia haver perdedores. Dom Giulio, com uma máscara de Spavente, suas penas negras de avestruz oscilando no alto de sua cabeleira loura, caminhava ao lado de Angela, fantasiada de Colombina.

— Eu gostaria que tivesse visto as máscaras que mandei para o querido Cesare — observou dona Isabella, mais para *ser* Taddeo do que para mim, eu suponho, uma vez que eu já ouvira aquela descrição nos mínimos detalhes inúmeras vezes. — As de ouro e prata, especialmente. O jovem ourives que as fez para mim é um prodígio, um grande achado. Entende exatamente o que eu quero dizer quando explico que toda arte deve ter um belo significado. — Sua voz era abafada pela própria máscara de veludo preto, enfeitada com caudas de arminhos, que balançavam de ambos os lados de suas bochechas gordas quando ela andava.

Ser Taddeo deu o sorriso de um leão benevolente.

— Sem dúvida ele deve estar agradecido por ter uma patrona tão sensível e compreensiva, *madonna* — disse ele. Dona Isabella ergueu o queixo, e seus ombros se acomodaram numa atitude de grande orgulho próprio.

Enquanto esperávamos na praça até que nossas cadeiras fossem armadas, e um empregado circulava com jarras de vinho quente condimentado e bolinhos, *ser* Taddeo lhe pediu o nome do ourives.

— Eu sou um noivo muito relapso — comentou ele. — Sequer dei um anel de noivado à minha noiva. Ele parece a pessoa certa para a tarefa, para investir um belo significado ao nosso casamento. — Ele apertou meu cotovelo.

Teria *madonna* finalmente contado a Cesare sobre o bebê, então? Teria ela recebido resposta dele? Quais seriam suas intenções para com o filho? Devia haver uma carta para mim.

— Ele se chama Gideon. Gideon da Quieto d'Arzenta.

Devia haver. Cesare não deixaria essa notícia passar sem resposta.

— Ele é meu irmão, *madonna*. — Quem estaria falando? Irmão de quem? O vinho. Era forte demais.

Um gritinho de dona Isabella me fez retornar à consciência. Dona Isabella estava abraçando Fidelma. Era como se uma enorme vela envolvesse o mastro que o corpo aprumado de Fidelma parecia ser.

— Gideon é seu irmão! — exclamou dona Isabella, sua voz aguda de tal forma na palavra "irmão" que as pessoas pararam o que estavam fazendo e viraram-se para ela.

— É, sim, *madonna* — disse Fidelma, cambaleando discretamente sob o peso de dona Isabella. — Antes de eu vir para Cristo, eu era Juditha da Quieto d'Arzenta.

Aquela era a primeira vez que eu via Fidelma fazer referência a sua família ou a sua vida antes da conversão. Lembrei-me da negociação que ela havia feito com o pai, e achei seu novo nome apropriado, porque ela era fiel. Ela não quebrava suas promessas. Uma rajada de vento soprou poeira em meus olhos, fazendo-os lacrimejar. Meu bebê me chutava e revirava como se quisesse se juntar aos empolgados combatentes, que esbarravam nos homens em librés papais e dos Este para receber deles as munições e conselhos táticos no último minuto. O que ele seria, eu me perguntava, pressionando minhas mãos contra a barriga para acalmá-lo, esse filho da quebradora de promessas e do conquistador de Senigallia?

— Ah, olhem — disse Taddeo, apontando para um grupo ducal que se acomodava nas cadeiras montadas pelos empregados. — Lá

está nosso poeta. — Taddeo referia-se de maneira cortês a Bembo como “nosso poeta”, porque seu recital na festa de Strozzi havia sido a ocasião de nosso primeiro encontro. Olhei. Bembo, óbvio em seu preto acadêmico, abria caminho em direção a dona Lucrezia. Passei a vista pelas pessoas à procura de Strozzi, que não era visto em lugar nenhum, mas interceptei um olhar duro de dona Isabella, que se afastara de Fidelma e observava o poeta atravessar a praça lotada de gente com total concentração, como se tivesse apostado na hora em que ele ia chegar a *madonna*.

— Com licença, meu senhor — eu disse a Taddeo. — Preciso me certificar de que eles darão as almofadas corretas a *madonna*. Ela tem dores atrozes nas costas desde que perdeu o bebê, no verão passado.

Como nos diz Pitágoras, duas retas que se movem na direção uma da outra se cruzam num vértice. Usando minha barriga já bastante crescida para abrir caminho entre a confusa massa de crianças que gritavam e mães que as repreendiam, entre pilhas de laranjas murchas e pastinacas deformadas, e empregados em torno dos braseiros que haviam montado para aquecer o vinho e torrar as castanhas, consegui chegar a Bembo a poucos passos da cadeira de dona Lucrezia.

— *Monna Violante*. — Ele curvou-se e, quando ergueu o corpo, vi que enrubescia. Então ele sabia que eu era a portadora das cartas. — Eu estava só... A duquesa me pediu para declamar em homenagem aos vencedores. — Ele retirou um pergaminho dobrado de uma bolsa que carregava atravessada junto ao peito como um cinto de munição de um arcabuzeiro.

Eu não havia ainda tomado fôlego para falar quando ouvi a voz de dona Lucrezia atrás de mim:

— Ah, senhor Pietro, finalmente chegou. Eu já estava pensando que íamos começar sem o senhor.

Bembo esticou o pescoço para vê-la por trás de meu corpo.

— Sinto muito ter deixado o que me pediu para o último minuto, duquesa. Perdoe-me. Talvez queira dar uma olhada no trabalho,

para garantir que tem a sua aprovação.

Olhei para trás para ver a reação dela. Dom Alfonso pareceu interessado, mas *madonna* fez um gesto de recusa com a mão enluvada. Ao mesmo tempo, eu percebia pelo canto do olho que Bembo me empurrava o pergaminho com certa insistência. Peguei-o. Só então percebi que um segundo pergaminho estava enfiado nas dobras do primeiro. O que eu deveria fazer? Dom Alfonso já estendia a mão para pegar os versos que eu segurava. Apressada para evitar que ele conseguisse, pulei em direção aos pergaminhos, mas eles escaparam do meu alcance. Impossibilitada de me abaixar para apanhá-los, olhei horrorizada para o canto do pergaminho secreto com a ponta de fora de seu invólucro. Bembo abaixou-se rapidamente para pegá-los, mas não tão veloz como Vittorio, que eu não havia notado até o momento.

— Permita-me, *monna* Violante — disse ele, entregando-me os pergaminhos com um olhar que dizia: eu sei o que é isso; meu mestre sabe; ele não vai fazer nada por enquanto, mas tenha cuidado.

— Obrigada, *ser* Vittorio, minha senhora agradece sua gentileza. — Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça e desapareceu na multidão. Eu sabia que havíamos nos entendido. De alguma forma, de costas para dom Alfonso, consegui enfiar o segundo pergaminho na manga de meu vestido antes de entregar a homenagem de Bembo a dona Lucrezia para sua aprovação. Meus batimentos cardíacos começavam a voltar ao normal quando ela se levantou da cadeira.

— Sr. Pietro — disse ela —, aproxime-se. — Ó, Deus, o que seria agora? O que eles andaram escrevendo um ao outro nas cartas que eu levava e trazia para torná-la tão indiscreta?

Dom Alfonso franziu o cenho.

— Sente-se, mulher, e vamos dar início à brincadeira antes que essas crianças comecem a chorar querendo as mães.

Dona Isabella, bastante sensível a qualquer indício de discórdia entre o irmão e a esposa Borgia, havia dispensado Fidelma e

observava dom Alfonso e dona Lucrezia como se eles fossem adversários num jogo de tênis bem disputado. Dona Lucrezia fez um ace.

— Eu queria pedir a *ser* Pietro para dar uma olhada em alguns versos que fiz. Eu tenho medo de que eles sejam muito pobres para aqueles que os inspiraram. — Ela deu um sorriso significativo para o marido. — Espero que *ser* Pietro possa me ajudar a melhorá-los.

— Ah. — Dom Alfonso pigarreou; mexeu-se na cadeira, e sua cor já intensa ficou ainda mais forte. — Ora, ora, mulher. Tenho certeza de que qualquer coisa que você escreva honrará alguém tão indigno. — Ele tomou a mão dela na sua dando-lhe umas palmadinhas. Apanhou Fonsi, que escorregara do colo de *madonna* quando ela se levantou e passara a roçar nos joelhos dele. E, enquanto dom Alfonso se distraía com o cachorro, dona Lucrezia entregou os “versos” a Bembo, os dois entreolhando-se de maneira tal que os invejei no íntimo de meu ser.

Somente bem depois, quando a Battagliuola estava em plena atividade, pude considerar a importância de Vittorio. O ruído das crianças gritando e dos adultos aplaudindo, de abóboras batendo nas portas dos conventos e de repolhos chocando-se contra os braseiros mantinha meu bebê desperto. Enquanto ele se revirava na barriga e me dava pontapés, uma pequena abóbora passou voando a poucos centímetros de meu nariz, e fiquei imaginando se, nos anos que se seguiriam, ele participaria da Battagliuola, e se teria irmãos para lutar a seu lado.

Quanto tempo após seu nascimento eu poderia voltar à cama de meu amado para começar a fazer seus irmãos? Qual seria o regulamento da Igreja nessas questões? Será verdade que a amamentação impede a gravidez? Quando seria seguro ir para a cama com ele novamente? Eu nunca deixara de desejar Cesare, embora ficasse curiosa, sempre que me olhava no espelho, de saber o que em mim me tornara desejável para ele. Eu estava ansiosa para que ele soubesse da existência de seu filho, viesse para Ferrara, colocasse a mão na minha barriga e sentisse nosso bebê tentando alcançar o calor dela, mas temia sua reação ao ver meu

umbigo estufado e minha pele esticada e brilhosa em meus transbordantes seios.

Então pensei em Vittorio, no olhar que ele me lançou ao entregar os pergaminhos de Bembo. Cesare deve saber, claro que sim. Estava longe de depender apenas das cartas da irmã para informações sobre a corte de Ferrara. Talvez seu silêncio indicasse que suspeitava de que o filho não fosse seu. Ele me dera meu nome porque uma vez quebrei uma promessa que lhe havia feito. Por que acreditaria que eu era uma amante fiel? Então eu deveria contar a ele. Se *madonna* não lhe escrevia, então eu deveria fazê-lo.

Eu não conseguia mais prestar atenção à competição. A carta que eu teria de escrever clamava por, efetivamente, ser escrita. Quase podia sentir a pena em minha mão, fazendo cócegas na minha palma, a ponta deslizando sobre o couro em branco e formando as palavras. Que palavras? Eu deveria relatar os fatos simplesmente ou adorná-los com declarações de amor? Ater-me aos aspectos práticos ou falar sobre nosso filho como a personificação da nossa paixão, o elo que nos uniria por toda a vida? Eu deveria permear minha notícia com humor, ou isso o faria me achar frívola demais para ser a mãe de seu filho? Quanto mais eu pensava nisso, tanto mais impossível se tornava a tarefa.

Nesse momento, lembrei-me da carta na manga de meu vestido, a carta do poeta para sua amante. Certamente não poderia haver melhor exemplo para eu seguir. Mas, se queria ter uma oportunidade de ler a carta antes de entregá-la a dona Lucrezia, eu deveria deixar a Battagliuola antes dela; eu deveria partir naquele instante. Voltando-me para *ser* Taddeo, que estava de pé atrás de minha cadeira, toquei sua manga para chamar sua atenção.

— Não estou me sentindo muito bem, querido — eu disse a ele. — Acho que gostaria de descansar um pouco, se fizer o obséquio de me acompanhar de volta ao castelo.

— E a duquesa permitirá isso? — perguntou ele, lançando um olhar duvidoso em direção a *madonna*, que se concentrava em dar doces a seu cãozinho enquanto dom Alfonso aplaudia uma investida

das forças ferrarenses por trás de uma barricada de oponentes de listras verdes e amarelas.

— Como o senhor sabe, ela se preocupa muito com o bem-estar desta criança. Ela me dispensará se o senhor lhe explicar a razão e voltar para cá imediatamente.

— Não seria melhor dona Angela acompanhá-la?

— Eu preferiria que fosse o senhor. — Apertei seu pulso e sorri para ele, na esperança de parecer calorosa e vulnerável.

Taddeo foi abrindo o caminho cautelosamente, atravessando a praça cujo chão se tornara traiçoeiro devido aos legumes e frutas esmagados, projéteis arremessados, e encolhendo-se com os gritos estridentes de crianças superagitadas. Eu o vi curvar-se diante de *madonna* e dom Alfonso, dona Lucrezia levando o ouvido até ele para poder escutar o que ele tinha a dizer no alvoroço da batalha. Ela me lançou um olhar preocupado, eu franzi o cenho e pressionei a barriga com as mãos. Ela assentiu e, impaciente, dispensou *ser* Taddeo quando ele tentava uma segunda medida.



Eu negligenciei um pouco minha frágil condição no retorno ao castelo, de modo que levou certo tempo até eu conseguir persuadir Taddeo de que ficaria bem sozinha e não precisava de um médico. Logo que fechei a porta de meu quarto, depois que ele saiu, curvando-se diante de mim com uma expressão ansiosa, tirei a carta de Bembo de minha manga. Sentada na beira da cama, abria-a, com cuidado para não deixar nenhum traço de meu estratagema na forma de lágrimas, dobras no pergaminho ou manchas de tinta. Fiquei imaginando por que uma correspondência tão delicada não estaria selada, então imediatamente entendi que uma massa informe de cera e laços a tornaria ainda mais óbvia. Longe de se tornarem descuidados por sua paixão, aqueles dois eram versados na prática de romances ilícitos. Conheciam as regras do jogo.

Quando abri a carta, queimando de vergonha diante de minha deslealdade e curiosidade do que encontraria ali, um pergaminho

ainda menor caiu de dentro dela. Teria parado em meu colo, se eu ainda tivesse um. Sendo assim, escorregou por minha enorme barriga até o chão. Agachei-me para apanhá-lo e depois me apoiei na cama para ficar de pé. O esforço me fez ver luzes dançando diante de meus olhos, e não consegui tomar fôlego de imediato. Temi estar sendo punida por mentir a Taddeo e minha mentira se tornar realidade. Forçando-me a respirar calmamente, tentando fazer meu coração desacelerar, li o maior dos dois pergaminhos. Continha apenas umas poucas palavras.

Como eu poderia melhorar isso? Eu lhe retorno seus versos, doce senhora, como a única possível expressão de meus sentimentos, o espelho perfeito de sua beleza perfeita. Abri a página menor, na qual havia um verso com a letra de dona Lucrezia. Eu o guardei na memória. Lembro-me dele ainda, embora meus motivos sejam mais complicados do que se possa esperar. Li então:

*Penso que se tivesse de morrer
E com toda a minha dor
Parar de desejar,
Negar um grande amor assim
Poderia deixar o mundo
Sem amor
Quando considero isso
A longa espera da morte é tudo
O que devo desejar,
Já que a razão me diz que
Sentir felicidade é
Ser escravo
Desse fogo.*

Seriam aquelas palavras, de fato, de *madonna*? Ela fazia poesia muito bem, mas não melhor do que o restante de nós quando compúnhamos sonetos ou *maccheroni* para passar o tempo em dias de chuva. Inventávamos padrões de palavras e significados com

menos reflexão do que bordávamos camisas ou toalhas de altar. Eu achava difícil acreditar que ela fosse capaz de escrever de forma tão simples e tão cheia de significado. Mas, se o poema era dela, será que eu me atreveria a usá-lo? Certamente Cesare o reconheceria. Mas, como ele poderia reconhecer? Por que ele se interessaria pelos versos compostos por *madonna* para seus amantes? Ele teria mais satisfação em ler sobre Vitruvius ou as Guerras Gálicas de César do que em ler poesia de qualquer tipo. Além disso, Vittorio não poderia ter lido esta carta; ele a entregara diretamente a mim depois que Bembo a deixara cair. A menos que tivesse os olhos no tinteiro de Bembo, ou um espião alojado no coração do poeta, Cesare não poderia saber o que o pergaminho continha.

Li a poesia novamente. Pensei em como às vezes acordava apavorada no meio da noite. Convencida de que meu bebê estava morto, eu pressionava as mãos abertas contra a barriga e esperava-o chutar. Então, sentindo como se meu corpo preenchesse todo o espaço escuro do quarto, empurrando lâmpadas e gavetas repletas de lençóis, até a cama geralmente vazia de Angela, eu tinha certeza de que morreria dando à luz um monstro, meu ventre arrebatado e sangrando, meu coração explodindo com o esforço. O medo tensionou os nervos em meus braços e pernas até eu ser forçada a sair da cama e andar sem rumo, embora as articulações em meus joelhos ficassem enrijecidas e doloridas durante a noite. Como eu poderia morrer enquanto Cesare ainda vivia? Que bem o céu me faria enquanto ele permanecesse na Terra? *Negar um grande amor assim poderia deixar o mundo sem amor.*

Minha decisão estava tomada. Eu lhe enviaria o poema, e isso lhe garantiria, muito mais do que minhas pobres palavras, que eu era uma amante fiel e que a criança em meu ventre era dele. Seu filho, se Deus quisesse, seu primeiro filho homem.



Com o Carnaval chegando ao fim, *madonna* se distraía das terríveis privações da Quaresma dedicando-se aos preparativos para minha reclusão, que começaria após a Páscoa. Talvez sentindo um

prazer vicário no fato de que minha condição me dispensava do jejum da Quaresma, ela supervisionava minha dieta de perto. Se a criança fosse um menino, eu deveria comer somente comidas quentes. Ela mandava preparar meus pratos em suas próprias cozinhas, em geral sob sua orientação pessoal ou a de Angela, que não fazia segredo de seu ressentimento desse período de afastamento forçado de Giulio. Não se deveria pensar em amor nesses dias, admoestava *madonna*. Nem em carne com pimentas, nem em pudins de frutas vermelhas, replicava Angela, colocando à minha frente compotas de figo em mel de gengibre, numa tigela decorada com a gravura de um robusto bebê do sexo masculino urinando um arco dourado num riacho. Coma, dizia *madonna*. Eu me sentia como um ganso sendo engordado para ser transformado em *pate di fegato*.

A tigela pertencia ao conjunto que dom Alfonso havia feito para dona Lucrezia durante sua malograda gravidez no verão anterior. Fazia-me lembrar do monte de pele enrugada e ossos que Cesare havia jogado dentro do fosso, de sua boca contraída e da maneira como ele abaixara a vista para que nenhuma dor pudesse ser lida em sua expressão, nem frustração, nem qualquer outra coisa. Eu temia que esses pensamentos prejudicassem meu filho, mas não podia dizer nada. Deixar-me usar aqueles pratos era um sinal do favorecimento de *madonna* e da tolerância de dom Alfonso com a generosidade dela comigo em minha difícil situação. Então eu comi, mas *madonna* deve ter notado a relutância em meu rosto, visto alguma hesitação tão mínima que até eu quase não percebera, quando levei a colher aos lábios. Aproximando a cadeira dela da minha, de modo que não pudéssemos ser ouvidas, ela murmurou:

— Sabe, se eu não tivesse ficado tão doente, ele não teria sequer vindo. Seu bebê foi concebido devido à perda do meu. Talvez a alma dele possa entrar em seu filho e viver.



Depois de passada a Páscoa, deixei o quarto que eu dividia com Angela e fui para outro, um andar abaixo dos aposentos de

madonna, onde não havia o risco de correntes de ar entrarem pelas janelas. Lá eu teria de ficar até receber minha bênção após o parto, seis semanas depois do nascimento da criança. Nem mesmo sentar entre os braseiros no jardim de laranjeiras era recomendado pelos médicos de dona Lucrezia e pela parteira que ela contratara para me assistir, se quiséssemos nos certificar do sexo do bebê. Eu tinha uma leve curiosidade de saber como *madonna* se propunha a manter a correspondência com Bembo, mas não tinha energia para me preocupar com isso, uma vez que meu corpo estava inchado e eu andava indolente.

Para garantir que eu não me expusesse ao frio, pois aquela era uma primavera fria, com ventos úmidos e salgados soprando do Adriático, dona Lucrezia providenciou para que as paredes de meu quarto fossem cobertas com diversas camadas de tapeçarias e a parte inferior da porta fosse fechada com uma espécie de rolo, um tubo de tecido de linho com enchimento de lã, amarrado dos dois lados com um barbante. Cortinas de brocado vermelho circundavam minha cama, que estava cheia de cobertores macios feitos apenas da lã de carneiros novos. O fogo era aceso dia e noite, alimentado e abanado pela escrava dálmata, que *madonna* me emprestara com certa hesitação, porque sua tez amarelada indicava um excesso de bile em sua constituição. Um escravo teria sido melhor, mas os homens não podiam entrar no quarto de uma mulher que estava para dar à luz.

Agradava-me o silêncio da escrava e o brasão de Cesare estampado em sua gola. Fazia-me sentir que parte dele estava ali comigo, embrulhada em meus vestidos de lã e sufocada na fumaça aromática do fogo, no qual sementes de coentro pipocavam para garantir um parto rápido e fácil.

Eu nunca estava sozinha. A própria dona Lucrezia passava o tempo que suas obrigações permitiam em meu quarto de resguardo, quase como se a gravidez fosse algo contagioso que ela desejasse pegar de mim. Nós, mulheres, jogávamos *biribissi* e cartas, líamos umas para as outras ou cantávamos para passar o tempo. Fidelma lia passagens de *De regimine praegnantium*, de Michele Savonarola,

avô de Fra Girolamo, cujo exemplo havia inspirado seu querido Fra Raffaello. Para minha surpresa, *madonna* tolerava as leituras e até elogiava a profundidade dos conselhos de *ser* Michele; os Savonarola eram uma família respeitada em Ferrara, médicos e professores na universidade. As mulheres ferrarenses que serviam *madonna*, muitas das quais já eram casadas, contavam histórias de seus períodos de resguardo, histórias que se tornavam sinistras e mais sombrias sempre que dona Lucrezia se ausentava. Eu sabia que elas se ressentiam de serem obrigadas a dar assistência à nova concubina de Valentino e que queriam me assustar, talvez até precipitar o nascimento do bebê. Mas eu estava além do alcance delas, absolutamente satisfeita por ficar sem fazer nada, observar minhas companheiras costurando roupinhas de bebê ou apostando suas joias numa partida de *cacho* e ouvir Angela cantando as músicas de Giulio, sua voz rachada como um coração partido na atmosfera fumacenta.

Uma manhã, depois de assistir à missa, dona Lucrezia foi ao meu quarto na companhia de um casal que eu nunca vira antes, pessoas do campo, pela roupa que usavam, roupa simples embora de boa qualidade, limpa e sem remendos. Nos braços, a mulher carregava um bebê de bochechas cor-de-rosa e olhos solenes sob uma touca rústica de renda. Minha mente encheu-se com a imagem de meu filho, encurvado em meu ventre, enroscado como uma mola, esperando o sinal para começar sua vida no mundo. Seria assim que ele pareceria, aquele boneco enrolado no lençolzinho com uma expressão estranha no rosto? Coloquei a mão na barriga e senti-o chutar, forte e raivoso.

— Deixem-nos a sós — ordenou *madonna* a minhas companheiras. — Todas vocês — acrescentou, quando Angela fez menção de ficar. Então, sorrindo primeiro para a mulher com o bebê, depois para mim, ela disse: — Esta é Giuseffa. Ela é de Medelana. — O Este tinha uma casa de veraneio em Medelana, não muito longe de Ostellato, onde Pietro Bembo era um hóspede frequente na vila Strozzi. Giuseffa curvou-se. Seu marido, que era mais baixo do que

ela, retirou o boné da cabeça parcialmente calva e fez uma reverência.

— Já vi diversas mulheres — prosseguiu *madonna* — e creio que Giuseffa é a mais indicada. Ela criou quatro filhos saudáveis como este aqui. Examinei todos eles, e eles têm membros retos, olhos límpidos e respiração saudável. O mais velho até já lê um pouco, acredito.

O marido de Giuseffa sorriu e anuiu com a cabeça. Não tinha os dentes frontais superiores.

— Indicada para quê, *madonna*? — perguntei.

— Ama de leite, criança. — Ela falou como se isso fosse uma coisa óbvia. No entanto, eu sabia que ela mesma amamentara Rodrigo. Isso serviu de motivo para os comentários dos mexeriqueiros romanos, de tão incomum que era para uma mulher da posição de dona Lucrezia. Ela teria feito isso por amor ao duque de Bisceglie e seu filho ou para mantê-lo longe de sua cama por mais alguns meses?

Deixando de lado minhas boas maneiras, encarei-a, depois me recompus e olhei então para Giuseffa, para a pele áspera de seu rosto, suas mãos vermelhas maltratadas, para o bebê plácido e inexpressivo em seus braços.

— Mas...

— O quê? — Ela me lançou um olhar duro o suficiente para cortar diamantes, mas era sobre meu filho que estávamos falando, não de um vestido rasgado ou de uma luva perdida.

— Tenho certeza de que não preciso de uma ama de leite, *madonna*. Já tenho muito leite.

— Você é muito jovem, Violante. Giuseffa me disse que tem 30 anos. Nessa idade, o leite dela já está bastante forte.

Abri a boca para protestar, mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, *madonna* acrescentou:

— Minha própria mãe já tinha mais de 30 anos quando me amamentou.

E quando ela amamentou Cesare, ele ficou tão fraco que ninguém esperava que sobrevivesse aos seus primeiros anos.

— Como a sua respeitável mãe — comecei cautelosamente —, eu não sou de família nobre e não estou acostumada à maneira dos que são. Giuseffa, quantos anos tem seu filho mais velho?

— Minha filha vai fazer 15 anos, Vossa Graça. Ela vai se casar logo que... quer dizer... — O olhar da mulher se dirigiu meio inseguro na direção de *madonna*.

— Concordei em conceder um dote para a moça.

E uma ama de leite para o primeiro filho?, perguntei a mim mesma.

— Então você tinha 16 anos quando sua filha nasceu?

— Deve ter sido, senhora.

— E ela foi alimentada com seu leite?

— Ah, sim, ela sempre foi muito saudável. — Giuseffa sorriu para mim. Eu sorri de volta.

— Não se pode comparar, Violante — disse dona Lucrezia —, e você sabe bem disso. Para começar, há a questão da sua saúde.

— Minha saúde, *madonna*?

— Sim, mocinha. — Ela me puxou para o lado e falou num sussurro: — Eu sei que meu irmão lhe deixou com mais do que apenas um filho na barriga, e Torella me explicou que o mal-francês pode ser transmitido através do leite materno.

— Mas eu estou curada, *madonna*. Estou em perfeita saúde há meses. Tenho medo de ficar doente se não amamentar meu filho. A mulher de um dos amigos de meu pai enlouqueceu porque o filho morreu e o leite saturou o cérebro dela.

— Você não acha que deve ter sido a morte do filho que a fez enlouquecer? Creio que a perda de um filho deva ser o golpe mais forte que Deus, em Sua Misericórdia, pode infligir a uma mulher. — Os olhos dela não se encheram de lágrimas; seus lábios não tremeram. Ela simplesmente fixou em mim um olhar do qual eu não

conseguia desviar a vista. — Esteja prevenida — continuou ela —, esteja preparada. Até mesmo uma judia é uma mulher.

— É isso, não é? — Não era minha tenra idade, nem mesmo minha saúde, mas o fato de eu ser judia que tornava meu leite inaceitável para o filho de seu amado irmão. Era esse o contágio a que o filho de Cesare estaria sujeito: mamar em meus seios. Eu ri, embora meu riso tenha soado sem alegria aos meus ouvidos. Giuseffa olhou para mim alarmada e apertou a criança contra o colo. — Como a senhora deve se julgar insignificante como minha madrinha, *madonna*, já que teme que eu ainda tenha sangue hebreu.

Dona Lucrezia virou-se para Giuseffa e o marido.

— Podem ir — disse ela. — Esperem por mim lá fora e fechem bem a porta depois que saírem.

Eles fizeram uma reverência e deixaram o recinto. Uma centelha de triunfo acendeu em mim, mas foi logo apagada no momento em que desviei o olhar da porta e fitei dona Lucrezia. Ombros encurvados, rosto contraído de dor, de repente ela pareceu dez anos mais velha. Com um suspiro profundo, ela sentou-se num banco e apoiou a cabeça em uma mão.

— Sente-se — ordenou ela.

Acomodei-me na beira de minha cama alta.

— A senhora está bem, *madonna*?

Ela ergueu a cabeça; a pressão das pontas de seus dedos havia deixado três marcas brancas em sua testa.

— Às vezes — disse ela — o coração expressa o que a mente não reconhece. Talvez eu não tenha agido tão conscienciosamente como deveria em relação a você. Acredito até que, nessas circunstâncias, muitas pessoas diriam que não agi, por ter deixado você se tornar... uma presa de meu irmão dessa maneira.

— Mas isso não foi erro seu, *madonna*. A senhora estava doente, e ele, preocupado com a senhora, e eu...

Ela ergueu a mão para que eu parasse antes que pudesse ir adiante.

— Sim, sim, eu conheço os modos de Cesare muito bem. Não precisa me dizer nada.

Entretanto, para mim, eu precisava revivê-los, como fazia mil vezes por dia.

— Desculpe, *madonna*.

— Não, sou eu que devo pedir desculpas. Falei como uma pessoa covarde e intolerante. Fui descortês com você e traí a minha fé. — Ela levantou-se e ficou em frente a mim, tomou minhas mãos nas suas, apertando-as de tal modo que os seus anéis afundaram em minha pele. — Minha única desculpa é que... essa criança é muito importante para mim, entende?

Uma vez mais, eu tinha a sensação de que ela estava tentando me dizer mais do que estava dizendo, a mesma sensação que eu tivera na manhã de nossa partida de Roma, quando Cesare me mandou levar as crianças para as amas, e eles haviam olhado para mim, com o mesmo olhar que os gaviões lançam a suas vítimas.

— Então eu fico agradecida, *madonna*, e me arrependo de ter dado motivos para a senhora duvidar de mim.



Embora nossa conversa parecesse ter ficado inacabada, a questão da ama de leite foi silenciosamente posta de lado. Novos pratos começaram a aparecer no cardápio, caldos de cevada e vinho aquecido com sementes de erva-doce para promover a lactação. Todas as quartas-feiras, sextas e sábados, *madonna* enviava um de seus capelães a meu quarto para me dar a comunhão, e da biblioteca do duque Ercole ela levou a *Vida de santa Margarida de Antioquia*, que, tendo sido salva por Deus do ventre de uma serpente, tornou-se a padroeira das mulheres cristãs na hora do parto.

Dona Lucrezia resolveu que Fidelma deveria me fazer companhia dia e noite. Ordenou que um colchão de penas fosse levado para meu quarto já lotado e posto no chão ao lado de minha cama, para que, sempre que eu me levantasse da cama ou deitasse nela

durante a noite, esbarrasse com meus pés no corpo esquelético de Fidelma.

— A dálmata não é confiável — disse *madonna*. — Precisamos ter alguém que possamos entender, se alguma coisa acontecer no meio da noite.

Precisamos ter um cão de guarda, pensei, para a minha moral cristã, e o que era melhor do que uma judia sinceramente convertida? Não há ninguém mais piedoso do que um convertido, embora *madonna* tivesse ficado horrorizada se soubesse do curso que meus diálogos com Fidelma haviam tomado.

Eu sentia um pequeno e maldoso prazer no fato de Fidelma ser obrigada a dormir no chão como uma empregada e ter de ficar acordada à noite por causa de minha crescente insônia. Incapaz de me acomodar, independentemente do número de travesseiros que Fidelma empilhava com cuidado em minhas costas ou sob minha barriga se me deitasse de lado, eu frequentemente me levantava, acendia todas as velas e, sob uma luz crepitante, lia e relia as cartas de Cesare. Passei a mantê-las sob meus travesseiros, porque não podia mais me curvar para pegar meu baú embaixo da cama.

— Ele escreveu para você de novo, então? — Fidelma sentava-se, esfregando os olhos, empurrando para dentro da touca de dormir fios de cabelos soltos. Eu sempre fingia que elas eram cartas novas, imaginando ser capaz de fazer seu aspecto velho passar por manchas de viagem. Mas, na verdade, eu não tinha notícias de Cesare, nem mesmo uma resposta à carta que eu enviara com o poema para Bembo. Talvez dona Lucrezia a tivesse interceptado. Eu acreditava ter tomado as precauções necessárias para mantê-la em segredo, escolhendo um mensageiro da confiança de Angela e Giulio que eu nunca tinha visto falando com Vittorio, e que eu achava não estar a serviço de Cesare. Eu havia colocado a carta de Bembo para *madonna* no porta-joias de fundo falso como era de costume. Mas era impossível saber com certeza.

— O que ele disse? — perguntou Fidelma.

... *Havia um alemão na Universidade de Bolonha... Se nós não somos o centro do universo de Deus, então para que estamos aqui?*

O que mesmo ele dissera? Qual era o mundo para o qual eu estava prestes a trazer uma criança?

— Ah, ele me disse que seu irmãozinho Giovanni foi investido no domínio do Ducado de Camerino e que ele ficou contente com a pequena coroa e o cetro, porque podia brincar com eles. — Eu soubera disso através de dona Lucrezia.

— Você sabe que isso não pode continuar, esse abuso de poder dos papas.

— Do que você está falando? — Desviando meu olhar da carta de Cesare e minha mente das perguntas sobre seus pensamentos, olhei para ela, que, deitada no colchão, segurava os joelhos angulares, sua expressão atenta e com um brilho que ia além da luz da vela. Era um rosto inteligente, mas feio, muito feio.

— Fra Raffaello disse... — Respirei forte com um ar de desdém, mas ela não se deteve. — Fra Raffaello disse que há um forte movimento de oposição. Começou com Fra Girolamo, mas ele cometeu o erro de tentar manter o elo entre o espiritual e o temporal. É preciso separar os dois. Os servos de Deus não devem ser corrompidos pela posse de propriedades ou pelo controle do poder terreno. A Igreja deve se reconectar com os antigos princípios de pobreza e castidade, e o poder da oração.

— Tenho certeza de que é nisso que Cesare crê. Não esqueça que ele escolheu abandonar a Igreja porque não conseguia manter os votos. Pelo menos ele não é hipócrita.

— Mas ele não parece ser melhor no que se refere a manter os votos do casamento.

Enrubesci. Senti como se alguém tivesse acendido um braseiro em minha barriga e estivesse alimentando as chamas. Isso, porém, não era incomum; acontecia diversas vezes por dia. O suor me dava coceira na pele, irritando a erupção que recentemente aparecera atrás de meus joelhos e embaixo dos braços. Todas as minhas companheiras insistiam em que eu deveria suportar isso com alegria, porque indubitavelmente significava que eu esperava um menino.

— Ele mantém os votos com a Igreja. Como capitão-geral do Exército. Nenhum outro foi bem-sucedido em manter os Estados papais sob controle.

— Sob controle de quem? Não do papa, eu acho.

Embora nada fosse abertamente reconhecido, era de conhecimento geral que Cesare havia voltado a atenção para além da Romanha, para a Bolonha e até mesmo para Florença e Veneza. Com a França e a Espanha uma vez mais disputando Nápoles, diziam alguns, ele conferiria a si mesmo os poderes de rei da Itália enquanto os dois países se digladiavam.

E, eu pensava, ele precisaria de um herdeiro.

— Então ele está fazendo exatamente o que você e o seu Fra Raffaello querem que seja feito. Ele está tomando o Estado das mãos da Igreja.

Os olhos de Fidelma, que eram escuros e, na verdade, eu admitia, bem bonitos, embora um pouco proeminentes, percorreram o quarto.

— Ainda bem para você que essas paredes isolam o som — disse ela. — Não consigo imaginar ninguém que quisesse ouvir o que você está dizendo. Duvido que seu... amante expressasse isso de forma tão direta.

Senti-me uma tola. Eu, a favorita de Roma, amante de Valentino, enganada por essa magricela provinciana.

— Claro que ele não está fazendo nada disso. Eu estou cansada. Você me confundiu com essa conversa séria a esta hora da noite.

— Então apague as luzes e vá dormir.

Apaguei as velas e voltei para a cama, mas não consegui dormir. Nem Fidelma, ao que me parecia.

Após um curto silêncio quebrado apenas pelo farfalhar de lençóis quando eu tentava acomodar minha barriga e Fidelma, proteger seus ossos do chão, ela disse:

— Meu pai disse que o papa arrecadou um imposto dos judeus em Roma para custear os jogos de guerra de Cesare. Ele disse que os cofres de São Pedro não conseguem manter o ritmo das demandas

para reconstruir as cidades dele e depois comprar novas armas vindas de Borgonha para destruí-las de novo. — Fidelma, diferentemente de mim, mantinha contato regular com a família.

Mas não dei crédito ao que o pai de Fidelma lhe contara. O papa faria o que sempre fizera. Pediria dinheiro emprestado a homens como meu pai, camaradas espanhóis, antes de serem judeus, e eles emprestariam com prazer. Haveria sempre cardeais idosos que morriam e deixavam suas fortunas para a autoridade eclesiástica, e os homens indicados para substituí-los pagavam altas somas por suas mitras escarlates. Haveria sempre dinheiro para saldar as dívidas dos empréstimos e, embora o papa não pagasse juros, ele dava presentes generosos.



À medida que minha hora se aproximava, a espera em si parecia consumir toda a minha energia. Mesmo quando, um dia, *madonna* foi ao quarto de resguardo tendo em mãos um saco de veludo verde cor de cipreste, com o brasão de Cesare bordado em ouro, tudo o que senti foi uma leve curiosidade. Minhas costas doíam, meus seios estavam quentes e doloridos, meus pés, tão inchados que eu tive de me recostar em Angela para manter o equilíbrio enquanto fazia uma reverência a *madonna*. A erupção espalhara-se pelas dobras de meus cotovelos e coçava de uma forma insuportável. Eu ansiava por um banho em água fria, mas isso era proibido, uma vez que o próprio frio da água poderia afetar minhas chances de dar à luz um menino. Naquele momento, para ser sincera, a lembrança de Cesare e do breve e interrompido prazer que ele me dera me deixava mais irritada do que sentimental.

— Os carpinteiros entregaram o berço — disse *madonna*, testando com a ponta do sapato o enchimento do rolo que impedia o vento de entrar por baixo da porta. — Eu gostaria que você pudesse vê-lo, mas é grande demais para entrar aqui. A porta teria que ficar aberta por um tempo muito longo. As colunas são todas entalhadas com querubins, e o dossel é pintado de maneira a parecer um céu de primavera com pássaros e nuvens brancas macias. E há um

mecanismo inteligente de modo que poderá ser balançado com o pé quase sem nenhum esforço. Experimentamos Fonsi nele. Ele tem mais ou menos o peso de um recém-nascido. Há penugem de cisne suficiente para dois acolchoados, então, moças, vocês devem bordar mais e jogar menos.

Murmúrios de concordância acompanharam as suaves batidas das cartas sobre a mesa.

— Eu trouxe uma coisa para você — continuou ela, entregando-me o pequeno saco de veludo. — Abra — ordenou, enquanto eu alisava e apalpava o presente, na esperança, contra toda a lógica de meus sentidos, de que houvesse uma carta lá dentro. Abri-o, soltando os barbantes dourados com as unhas. Ao enfiar a mão lá dentro, meus dedos fecharam-se em torno de uma pedra, não muito grande, talvez do tamanho de um ovo de cotovia, montada sobre um suporte delicado de ouro trabalhado com diamantes. Quando a retirei do saco, veio dela um som sibilante, como o da maré batendo na areia fina à distância.

— É a pedra de água — disse *madonna*, enquanto eu erguia o cristal leitoso diante da vela e via em seu centro oco pequeníssimos fragmentos que reluziam e sussurravam à medida que eu a inclinava. — Está vendo, é como um pequeno ventre cheio de sementes cintilantes. Ela tem propriedades benéficas que ajudam a reduzir a dor do parto e facilitar o nascimento. Foi presente do meu irmão. Vai fazer seu filho brilhar. Você precisa guardá-la sempre do seu lado direito.

No instante em que ela disse isso, percebi que aquilo era uma invenção. *Madonna* obtivera a pedra, talvez de algum charlatão na Via dei Volte, e mandara bordar o saco com o brasão de Cesare. Senti-me presa na trama que unia os dois, sufocando-me nas palavras e pensamentos que eram trocados entre eles. Eu precisava escapar. Tentei ficar de pé e me lancei para a porta. A manga de meu vestido esbarrou na chama de uma vela. Quando me virei para apagar o fogo com minha mão livre, preendi o pé na bainha de minha *cioppa* e caí.

Não senti dor quando *madonna*, Angela e o restante das mulheres apressaram-se para me ajudar a voltar para a cama. Somente quando elas haviam parado a agitação em torno de mim, ajeitando travesseiros, arrumando a coberta de veludo vermelho, aparando a borda queimada de minha manga, teve início uma estranha sensação na base de minha coluna, um peso que se espalhava entre minhas coxas como um sentimento de tristeza, até se transformar num desejo intenso de urinar. O urinol foi trazido. Levantei minhas saias e agachei-me, apoiada por duas das ajudantes de *madonna*, que me seguravam pela parte de baixo de meus braços. Em segundos, o urinol transbordava, encharcando o tapete turco sobre o qual estava.

— A bolsa d'água — eu disse. Minha voz era fraca e queixosa, embora eu estivesse calma. Enquanto *madonna* se alvoroçava, dando ordens como um dos oficiais do irmão, tive a primeira contração. Senti como se uma mão tivesse alcançado o interior de minha barriga e apertado meu ventre como se fosse uma laranja. Então a pressão cedia por um tempo longo o suficiente para eu sorrir com a perfeição da ideia, e para a parteira, uma mulher de lábios finos e mãos enormes como pás enferrujadas, observar que logo o sorriso desapareceria de meu rosto. Nada de parteiras delicadas, dissera *madonna* quando contratara a mulher. Fiquei curiosa de saber como ela surgira tão de repente. Eu tive a estranha sensação de que *madonna* a mantinha guardada num armário e a pegara como se pega uma roupa limpa ou uma muda de lençóis.

Cheia de uma energia que era demais para meu corpo conter, eu andava de um lado para o outro da sala, batendo na mobília, afastando a mão ansiosa de minhas assistentes, reclamando com *madonna* que eu precisava de ar fresco, que se eu não pudesse escapar daquelas paredes que isolavam o som eu explodiria como um melão podre.

— Respire fundo — ordenou a parteira quando senti a contração seguinte.

— Respirar o quê? Fumaça? — gritei, dobrando-me sobre uma cadeira baixa, cujo espaldar soltou-se em minhas mãos. Joguei-o em

cima da parteira. Ela esquivou-se com um ar de pessoa experimentada. — Ainda bem que o pai não está aqui — disse ela a dona Lucrezia. *Madonna* pressionou a pedra na minha mão.

Mais tarde eu me senti cansada, minhas costas e pernas doíam, então me deitei na cama. Devo ter adormecido, porque, quando acordei, os tapetes tinham sido tirados do chão, e no meio do quarto haviam colocado uma cadeira de parto. Eu conversei em sonho com minha mãe. Uma cabeça de galo, ela me lembrara; é preciso que haja uma cabeça de galo presa acima da porta do quarto para afastar os maus espíritos que estão à espera para roubar o bebê. Quando abri os olhos, Angela se agachou a meu lado, colocando panos molhados em água de rosas em minhas têmporas. Segurei o pulso dela. O líquido frio escorreu para dentro de meu ouvido, fazendo minha voz soar como se não tivesse conseguido escapar de dentro da minha cabeça.

— Eu preciso de uma cabeça de galo — disse a ela.

— Para quê?

— É um costume judaico — disse Fidelma.

— Então não cabe aqui — interferiu *madonna*.

— Tire essa vaca esquelética daqui — eu disse a Angela através de dentes trincados no momento em que senti uma nova contração. Percebi o olhar sério e especulativo de dona Lucrezia.

— Mande alguém à minha cozinha para ver se acha uma cabeça de galo, Angela. Mas vamos amarrar a oração a santa Margarida na coxa esquerda dela também. Devemos fazer tudo o que pudermos.

Eu me senti mais confiante. Por um instante, as dores se tornaram mais fáceis de suportar. Algumas horas voaram, outras se arrastaram. Quando *madonna* disse que precisava ir jantar porque estavam recebendo o embaixador imperial que viera com a esposa, pensei que ela já devia ter faltado a algum jantar, e a preocupação dela comigo me fez chorar alto, e os soluços se transformaram em gemidos e gritos enquanto as dores esmagavam minha barriga e forçavam o ar para fora de meus pulmões.

— Eu não consigo fazer isso — me lastimei para Angela enquanto o monstro em minha barriga tomava fôlego. — Eu quero morrer.

— Não, você não quer morrer. — O rosto dela estava pálido e suado, os cabelos caídos sobre os olhos e grudados no rosto. — Pense... — Seu olhar percorreu o quarto, como se meus pensamentos devessem se voltar para as teias de aranhas que estavam penduradas nos cantos ou dançando na fumaça das lâmpadas. — Pense em como você logo voltará a ficar magra e a usar vestidos bonitos. E verá Cesare.

Creio que bati nela. Eu queria machucá-la da maneira que eu me sentia machucada. Principalmente, ao olhar para seu rosto longo e sério, de olhos grandes e nariz aquilino, e para o vermelho de seus cabelos, eu queria machucar Cesare. Todos aqueles meses de aceitação plácida, dando desculpas e alimentando esperanças. Castelos no ar. Castelos na Espanha. Eu ria, ou gritava. Ele não se importava. Ele me entregara a Taddeo e seguira adiante. Eu era como uma pequena cidade que ele conquistara a caminho de algum outro lugar, espoliada e destruída, deixada aos cuidados de um governador a seu serviço.

— Você acha que eu deixaria aquele cretino enfiar seu pau em mim de novo? Depois disso?

Um silêncio, uma calma, se instaurou, como se o próprio recinto tivesse levado um choque. Ouvei uma voz de algum lugar entre as sombras que se moviam, apenas uma voz que poderia ter pertencido a qualquer das mulheres que prestavam serviço a *madonna*.

— Você não pode falar do duque dessa maneira.

— Pelo contrário, eu me lembro de ter falado do duque de Bisceglie da mesma forma quando nosso filho nasceu. Todos os gatos são pardos no escuro. — Então *madonna* havia retornado. — Como ela está indo?

A parteira segurou meus calcanhares e me arrastou na cama até que minhas nádegas chegassem à beirada, depois enrolou minhas saias e me disse para abrir as pernas e dobrar os joelhos. Suas mãos enfiadas dentro de mim pareciam trazer lembranças de outras mãos,

da mão de minha mãe protegendo o círio das correntes de ar enquanto ela acendia as velas do Shabbat, dos dedos ásperos de Mariam em minha cabeça quando ela ensaboava meus cabelos em meu primeiro *mikveh*, dos dedos hábeis de Angela e dos polegares de Cesare alisando meus mamilos enquanto me contava como dom Cristóbal havia descrito a forma da Terra a sua querida rainha.

— A cabeça está bem baixa, duquesa, e o canal de nascimento bem dilatado. Está na hora de ir para a cadeira de parto, eu sugiro.

Minhas ajudantes me auxiliaram a ir da cama à cadeira de parto e me seguraram lá, pois era uma estrutura simples em formato de V, com um encosto baixo e sem braços. Finalmente, com as ripas impelindo a parte traseira de minhas coxas e a parteira ajoelhada à minha frente com suas mãos ásperas unidas à espera da criança, numa onda de pânico irrefreável motivada pela contração seguinte, minha situação se tornou real para mim. Eu tinha 16 anos, era solteira e prestes a me tornar mãe. Como eu poderia criar um filho? Eu era jovem demais, estava cansada demais. Não tinha mãe para me orientar. Eu precisava encerrar aquilo imediatamente; não podia deixar acontecer.

— Parem com isso! — supliquei, mas ninguém parecia me dar ouvidos.

— Empurre mais uma vez — disse a parteira.

— Agora — complementou *madonna*, e senti seu hálito em meu pescoço. Ela estava ajoelhada atrás de mim, seus braços me firmando por baixo de meus seios. Angela e uma das mulheres ferrarenses seguravam meus braços, uma de cada lado. — Empurre. Vamos, faça o máximo de força. Não vou deixar você escorregar. A pedra está ao seu lado, e invocamos santa Margarida. Vai dar tudo certo.

Empurrei porque não tive outro jeito, e depois porque tudo o que importava no mundo era expelir aquele íncubo de meu corpo. De repente, após longos meses sendo apenas uma hospedeira dessa nova vida, valorizada somente pela capacidade cega e muda de meu corpo de procriar da mesma forma que a natureza gera árvores, arbustos ou nuvens de chuva, o início estava à vista, e eu lutava em

direção a ele. O sangue pulsava em minhas têmporas, meus ossos estalavam. Eu respirava sal e ferro, cera de vela, cânfora e perfume velho. Prendi a respiração e empurrei de novo, e então passei a flutuar no perfume de água de lavanda, trazida pelas asas dos anjos, moldadas no linho engomado. O pensamento de que eu estava morta me passou pela mente, e eu o examinei com indiferença.

— Um menino! — O rosto de dona Lucrezia apareceu acima de mim, afogueado e brilhante, os cabelos desgrenhados. Preciso pentear os cabelos dela, pensei, mas estava muito cansada.

— Você teve um filho perfeito, Violante. Olhe. Ele é até ruivo. Ah...

— O quê? O que foi? — Fiz esforço para me sentar, sentindo o fluxo de sangue ensopando a bandagem entre minhas pernas. Algo no tom de voz dela trouxe o mundo de volta a um foco nítido e amedrontador.

— Ele tem... uma mancha. — Ela colocou meu filho em meus braços. Ainda sem ser lavado, seu corpinho engordurado se contorcia como um coelho sem pelo e ele olhava firme para mim com seus olhos azul-escuros. Seus cabelos avermelhados enroscavam-se na cabeça como caracóis achatados, e seus dedos longos faziam gestos complicados no ar, como se tivessem ainda de aprender as limitações das mãos humanas. Em sua coxa esquerda, bem no ponto em que a medalha com a oração a santa Margarida havia deixado uma impressão na minha própria coxa, havia uma mancha azulada na pele. Essa mancha, eu notei, tinha a forma da Espanha dos mapas de meu pai. O sorriso dentro de mim explodiu numa risada.

— É a *mancha mongólica*. Todos da minha família nascem com ela, mas desaparece aos 7 anos.

— Mas o que isso significa? É uma maldição ou uma bênção?

— Mostra que ele é judeu — respondi, mas *madonna* não parecia me escutar.

Voltando-se para Elisabetta Senese, ela disse:

— Mande o escrevente trazer meu livro de anotações. Precisamos registrar a hora do nascimento e mandar fazer o horóscopo. —

Dirigiu-se então à parteira: — Prestou atenção à hora pela vela quando cortou o cordão? Era pouco depois da décima oitava hora, eu acho.

— Sim, duquesa, bem entre a décima oitava e a décima nona hora. E vai notar que eu deixei um bom pedaço do cordão para que ele seja bastante homem quando crescer. — Umas risadas foram ouvidas no quarto; algumas piadas grosseiras foram contadas. Naquele quarto, em nosso cubículo abafado, havíamos abandonado todas as demonstrações de respeito pelos homens. Que o mundo os aplaudisse por fazerem filhos homens! Sabíamos muito bem que não era assim.

Então algo começou a me importunar, deixando-me menos complacente, algo que eu precisava fazer, algo motivado por aquela conversa de corte e cordão.

— Que nome vai dar a ele? — perguntou *madonna*, quando uma das mulheres tomou meu filho de mim para lavá-lo e envolvê-lo em lençóis. *Bris mila*, era isso; eu não podia lhe dar outro nome antes de sua circuncisão no oitavo dia.

— Ainda não decidiu? — insistiu *madonna*.

— Girolamo — apressei-me em dizer, sentindo os olhos brilhantes e curiosos de todas aquelas mulheres cristãs em cima de mim —, em homenagem a meu pai. — Surpreendi-me ao dizer isso. Era verdade que eu não havia pensado em nomes. Eu tinha, suponho, em algum lugar no meu íntimo, esperança de ter os sete dias da Criação para encontrar um nome para ele. E, mesmo então, não esperava encontrar o nome de meu pai.

— Ótimo. Bem adequado. E você acrescentará Cesare, claro.

Olhei para meu filho, deitado no colo de Angela, enquanto ela começava a envolvê-lo numa faixa de linho, levantando os braços dele antes de passá-la por seus ombros. Eu via desaparecer diante de meus olhos a nudez com que o Criador o fizera, assim como Ele havia feito seu pai.

— E Giulio — disse Angela. — Giulio deve ser um dos padrinhos. Girolamo Giulio Cesare. O que acham?

— Quase tão comprido quanto ele.

— Ele crescerá e o superará.

E ele cresceria completo, sem perder nenhuma parte do que Cesare e eu déramos a ele. Ele não poderia ser aperfeiçoado por sofrimento.

— Você quer ser madrinha dele? — perguntei. — Não posso imaginar ninguém melhor.

Angela olhou desconfiada para dona Lucrezia, que desviou a vista.

— Eu sou a tia dele — disse *madonna*. — É melhor compartilhar as honras, e dar a ele o maior número de protetores possível.

— E presentes — acrescentou Angela. — O que você quer de presente de batismo, menininho? Colheres de prata? Um gorro de damasco? Um cavalinho de brinquedo? — Nenhuma das sugestões dela parecia impressionar Girolamo. Ele havia começado a choramingar, reclamando do aprisionamento de seus membros, um som agudo, zangado e mágico que acelerou a produção de leite, fazendo meus seios formigarem.

— Angela, me dê ele — pedi. — Acho que deve estar com fome.

Quando o coloquei em meu peito e senti a forte sucção de sua boca em meu mamilo, um tipo de força tranquilizante tomou conta de meu corpo, uma sensação poderosa de bem-estar que fez desaparecer a pressão em minha barriga e o desconforto dos panos ensanguentados entre minhas coxas. Inclinando-me para beijar aquela cabecinha cheia de penugem, fiquei encantada com o mistério da existência. Admirando seus olhos fixos, eu me perguntava que pensamentos ele teria trazido consigo das águas escuras do ventre, e se eles seriam meus ou de Cesare, ou dele próprio.



Um surto de febre na cidade fez *madonna* ordenar que Girolamo fosse batizado imediatamente, bem antes de minhas bênçãos. Como eu não poderia participar da cerimônia, o mais importante para mim era escolher o homem certo para ser seu outro padrinho, e eu

queria escolher Ferrante. Entretanto, desde a morte de Catherinella, tinha sido difícil estar em sua companhia. Sua presença era como minha consciência culpada, que se materializava e tornava amargas minhas preciosas lembranças de Cesare, mas eu sabia que sua atitude demonstrava o tipo de coragem e compaixão que eu gostaria que meu filho tivesse e que, aparentemente, não encontrava em mim mesma. Eu queria que a vida de Girolamo servisse de reparação pela morte de Catherinella.

Ferrante não tivera permissão de me visitar durante meu período de resguardo por não ser parente, embora ele tenha enviado presentes, um manto e um gorriño de tafetá para Girolamo, amarelo como um raio de sol, com franjas vermelhas, e uma caixa de porcelana com doces confeitados e *pane bianchi* para ajudar a me fortalecer. Tentei escrever para ele, mas, sempre que eu tentava colocar a pena no papel, as linhas na página pareciam se transformar nos círculos tatuados no rosto de Catherinella. Então eu terminava chorando, minhas lágrimas caindo na página e manchando minhas palavras.

Dos homens da corte, somente Taddeo, como meu noivo, tinha permissão de entrar no meu quarto. Portanto, no final, eu pedi a ele que fosse o outro padrinho de Girolamo. Ele enrubesceu de prazer, sem conseguir me olhar nos olhos, e, ao concordar, abriu o sorriso de um pretendente tolo, mas eu não me iludi. Vi onde pousou seu olhar quando me disse como se sentia honrado, como isso firmaria seu elo com meu filho e como ele seria um pai para ele em tudo, menos no sangue.

Mais cedo naquele mesmo dia, chegara um barco de Cesenatico. Foram necessárias seis mulas para transportar a carga das docas até o castelo, disse-me Angela, seu tom um misto de entusiasmo, gracejo e certa admiração. Todo aquele carregamento era destinado a mim, ou melhor, a Girolamo e a mim, e viera sob a supervisão de um administrador da casa de Cesare. Meu quarto, já lotado de coisas, agora tinha pilhas dos presentes dele, e eu me sentei na cama, com meu filho nos braços, como se presidisse um bazar turco.

Havia metros de tecidos de todos os tipos, desde algodão egípcio e renda de Bruxelas para acabamentos dos lençóis do bebê até veludos e brocados pesados e adornados para os vestidos da mãe do herdeiro do duque da Romanha. Dobradas ao lado do berço havia tapeçarias de damasco branco, bordadas em ouro com os signos do zodíaco, esperando para serem penduradas nos pilares do corrimão. Um conjunto de colheres de prata brotava de uma *cuchiaiera* de marfim e esmalte. Num canto do quarto, encerrado numa estrutura de madeira com bandeiras exibindo o brasão de Cesare, encontrava-se um flautista, usando o libré quarteado vermelho e dourado de seu senhor. Ele parecia não falar italiano. Creio que era francês, ou possivelmente de algum lugar do império, mas por meio de sinais me fez entender que estava encarregado de tocar para aquecer o bebê.

Moedas de ouro estavam espalhadas por minha cama como um mapa das campanhas de Cesare: ducados venezianos, florins dos Médici, *louis d'or* e *doblons* espanhóis, e outras das Casas da Moeda de Urbino e Pesaro, algumas exibindo as chaves de São Pedro. Elas fascinaram Girolamo, que olhava sem pestanejar para o padrão de discos brilhantes em minha colcha carmesim. Taddeo admirava-os também, enquanto se servia dos doces de Ferrante.

— Acho que seremos felizes — disse ele.

— Tenho certeza de que sim, meu querido, mas, agora, se me perdoa, Girolamo precisa ser amamentado.

Havia uma carta junto aos presentes que vieram de Cesenatico, que eu enfiara embaixo de meus travesseiros, e estava ansiosa para ler. Logo depois que Taddeo se despediu e se dirigiu para a saída do quarto em meio a rolos de tecidos e caixas de cera perfumada, retirei-a de onde estava e abri o selo.

A letra não era de Cesare, e sim de seu secretário, Agapito.

Para a digna e virtuosa monna Violante, começava a carta, e eu enrubesci de raiva ao imaginar como o secretário e seu senhor deviam ter rido com a escolha da maneira de se dirigir a mim. Continuei a ler com o coração gelado, como se todo o sangue quente de meu corpo tivesse se concentrado em meu rosto.

Desejamos parabenizá-la calorosamente e oferecer nossas orações de agradecimento pelo parto seguro de seu filho... “Seu” filho, ele escrevera; não “nosso” filho, não “meu” filho, mas “seu” filho. Bom, ele estava apenas sendo cauteloso, escolhendo as palavras com cuidado diante dos fortes interesses da família da esposa. Certamente a extravagância dos presentes provava que ele reconhecia Girolamo como seu filho, mesmo que considerasse prudente não dizer isso. Examinei as linhas, ansiosa por algum sinal, alguma frase codificada que demonstrasse seu orgulho e prazer, e também amor a mim.

Não havia nada, uma mera meia página de trivialidades formais que se encerrava com sua assinatura oficial, *Dux Valentinus*. Lutando contra o peso de uma terrível solidão, deixei a cama, atravessei o quarto até a lareira e joguei a carta lá dentro. Observei a cera do selo borbulhar e fumaçar, o touro, as chaves e os lírios derreterem. Muito bem, eu pensei, muito bem. Somos somente Girolamo e eu então, Girolamo e eu contra o mundo.



— Lucrezia me disse que está pensando em seu casamento. — Angela deitou-se a meu lado lendo a carta dela enquanto eu amamentava Girolamo. Eu parecia passar a maior parte do tempo com ele ao peito ou deitado sobre meus joelhos por causa dos gases. Ele era uma criança esfomeada. Como o pai, *madonna* dissera, e eu me agarrei à sua observação. Apesar da frieza em relação a mim, Cesare pelo menos não havia negado o vínculo familiar de Girolamo com sua irmã. — Ela quer que você se case e volte para a corte. Sente sua falta e a de seus... serviços especiais.

— Você quer dizer serviços de mensageiro. Podemos falar abertamente, Angela. Estamos fora do alcance do universo.

Estávamos na casa de Taddeo em Occhiobello, viagem que, para uma nova mãe e seu filho, leva um dia inteiro, partindo de Ferrara numa liteira. A tarde de agosto estava quente, e havíamos nos abrigado sob a sombra de um pomar murado, cultivado no lado

norte da casa, distante do rio e do miasma que pairava em suas águas lentas. Abelhas zumbiam e uma fonte esguichava no jardim simétrico do outro lado dos muros de tijolos. Havíamos aberto um tapete velho no chão e fazíamos um piquenique de morangos e vinho *frascati* frio da adega. Angela ficara apenas de combinação e eu removera os cueiros e lençóis que envolviam Girolamo para que ele pudesse mexer os braços e as pernas livremente. Eu não tinha dúvidas de que seus membros seriam retos. Ele se fortalecia rapidamente e, pelo menos aos meus olhos, era tão bonito quanto o pai.

Dona Lucrezia convencera Angela a me acompanhar até minha nova casa porque, ela dissera, se Angela pudesse ser vista como uma moça capaz de uma conduta modesta, moderada e leal com a amiga, isso pesaria muito quando ela tentasse convencer o duque Ercole do casamento de sua prima com Giulio. Além disso, o duque enviara Giulio numa missão a Veneza para tentar persuadir o famoso cantor Gian de Artigianova a deixar os serviços prestados ao doge.

Quando transferi Girolamo para meu outro peito, Angela sentou-se e beijou minha face.

— Por que isso?

— Porque você está muito linda. Faz bem a você, tudo isso... o bebê, o campo. Começo a acreditar que você possa ser feliz. — Na ausência de Giulio, com Taddeo fora na maior parte do dia resolvendo negócios de Estado, Angela e eu retomamos muito de nossa velha intimidade. — O primo Cesare vai ficar satisfeito com você.

— Ah, eu acho que isso não faz a menor diferença para ele. — Eu não acreditava ser capaz de dizer essas palavras, mas elas pairavam ali no ar entre nós duas, entre as borboletas e as partículas dançantes de poeira. E eu não estava diferente em nada, apenas me situava num lugar diferente da estrada. — Ele não reconhece Girolamo, você sabe.

— Não em palavras, talvez. Essa não é a maneira de Cesare ser. Ele faz coisas estranhas, descuidadas, mas no fundo é cauteloso e

esperto como um camponês catalão, assim como tio Rodrigo. Nunca aposta sem calcular os riscos.

— Suponho que sim. — Eu havia chegado à mesma conclusão, mas o medo de que ele não acreditasse que Girolamo fosse seu filho persistia, e eu não queria abandonar essa sensação, porque ela poderia ainda me servir de proteção contra outras decepções. Eu não podia me permitir pensar bem de Cesare; não podia desperdiçar com ele minha reserva de amor, agora que eu tinha meu filho para criar.

— Que presentes você acha que Giulio vai trazer de Veneza para mim? Eu pedi somente uma caixa de cera de baunilha, porque sei que ele está até o pescoço com as encomendas de Lucrezia e as sugestões de Strozzi dos melhores lugares para comprar. Mas ele vai trazer mais alguma coisa, tenho certeza.

Eu ri, mas ela estava séria. Embora os presentes de Cesare não significassem nada para mim, os de Giulio eram tudo para Angela, porque eram dados com sinceridade.

— Ah, Violante, eu gostaria que tivéssemos nos casado antes de ele viajar, então poderíamos ter nossa lua de mel em Veneza. Não seria maravilhoso? Tenho muita vontade de ir lá.

— Iremos. *Madonna* disse que iremos todos no outono, porque dom Alfonso quer que ela o acompanhe até lá. Imagino que você e Giulio já estejam casados, então terá sua lua de mel. — Fiz Girolamo arrotar e coloquei-o no tapete para dormir. Ele choramingou um pouco, até Angela fazer-lhe cócegas na barriga com uma pena e ele rir. Angela então passou a pena em mim, descendo do pescoço até meus seios, segurando minhas mãos quando tentei fechar o corpete. Envolvi-a com meus braços e a beijei na boca, imaginando, com minha visão obscurecida pela proximidade, que seu rosto delicado era o rosto de meu amado.



Estávamos ainda deitadas sobre o tapete, cochilando nos braços uma da outra, Girolamo dormindo a meu lado, quando ouvi Taddeo

chamar meu nome. Retirando o braço de Angela do meu ombro, fiquei de pé, endireitando minha roupa e afastando os cabelos dos olhos. Angela disse alguma coisa, virou para o outro lado e voltou a dormir.

— Acorde — sussurrei, apanhando o corpete e jogando-o para ela. — Taddeo voltou. — Girolamo começou a choramingar enquanto Angela se sentava, esfregando os olhos. Ela pegou o bebê nos braços e começou a cobri-lo. Ele sempre resistia a ser embrulhado nas mantas, e seus protestos logo se transformaram em berros.

— Passe Girolamo para mim. É melhor você se vestir decentemente. — Nossos olhares se encontraram e rimos como duas estudantes pegas numa travessura.

— Aqui estão vocês. — Percebi que Taddeo tentava sorrir diante de meu ar de desalinho, os cabelos soltos e meu filho nu nos braços. A madona campestre. Mas ele parecia não saber controlar suas feições. Sua boca se esticava mais numa careta do que num sorriso. Ele não sustentava meu olhar nem olhava diretamente para Angela. Com um repentino fluxo de sangue me subindo ao rosto e ao pescoço, eu me perguntava se ele estivera no pomar mais tempo do que pensávamos, se vira a mim e a Angela juntas. Bom, não era pecado; somente entre homens essas coisas eram pecaminosas, porque as mulheres não tinham meios de penetração. Ergui meu queixo de forma desafiadora.

— Estávamos fazendo um piquenique — eu disse a ele. — Quer um copo de vinho?

— O quê...? Não... eu... eu trouxe novidades. — Seu tom me deixou com um mau pressentimento. As palavras dele caíram como gotas de água gelada no calor letárgico da tarde. Angela terminou de fechar o corpete e seus pés se recolheram para dentro da saia. Segurei Girolamo no colo, como um escudo.

— Vocês precisam ir. As duas. Imediatamente. O papa morreu — disse Taddeo subitamente.

— Tio Rodrigo? Não pode ser — disse Angela, mas claro que podia. Ele tinha mais de 70 anos. Angela começou a tremer; os

dedos dela mexiam na renda da saia. Ela começou a chorar baixo, de forma contida, prendendo os soluços nos lábios, depois abriu a boca e começou a gritar. Tentei colocar uma das mãos em seu ombro para acalmá-la, mas Girolamo estava irrequieto e chorava tanto que eu precisei de ambos os braços para não deixá-lo cair. Seu choro era tão alto que eu quase não escutei o que Taddeo disse a seguir.

— Veneno — complementou ele. — Estão dizendo que o duque também vai morrer.

— O duque? Quer dizer...? — Meu cérebro estava lento e pesado, como uma esponja molhada. Absorvia as palavras, mas não conseguia entendê-las.

— Cesare — esclareceu Taddeo, tossindo de vergonha diante da falta de hábito de pronunciar o nome de batismo do duque. — É provável que já esteja morto.

Apertei meu bebê com tanta violência que pensei que sua pequena caixa torácica viesse a se fundir às minhas mãos curvadas como garras. Ele engasgou-se e de repente ficou em silêncio. Eu me preparei para o ataque violento de tristeza, mas nada aconteceu. Em seu lugar, senti raiva, uma fúria gélida e lúcida que me deu vontade de bater em Taddeo, mas ao mesmo tempo me dizia que essa não era a atitude que eu deveria tomar.

— Ele não está morto. Se estivesse, eu saberia. Ele não vai morrer.

Talvez influenciado por minha calma implacável, Taddeo finalmente conseguiu me olhar nos olhos.

— No que diz respeito a mim e a senhora, não faz diferença alguma que ele esteja morto. Que poder ele teria sem o pai? Quanto tempo levaria para que aqueles a quem ele usurpou as terras voltassem para suas cidades e o jogassem no Tibre à noite como lixo? Ou o irmão dele, Gandia?

— É melhor retirar o que disse, senhor, se não quiser, o senhor mesmo, terminar afogado. Os olhos e os ouvidos do meu primo estão em toda parte. — Angela, uma Borgia dos pés, de dedos

curvos pelo hábito de usar sapatos de pontas finas, à cabeça, de cabelos vermelhos, empertigou-se e enxugou o nariz nas costas das mãos. — Assim como aqueles que o amam — acrescentou ela, colocando um braço em torno de minha cintura e encarando Taddeo com um olhar impassível, que me fez imaginar qual seria a reação de Cesare ao ouvir isso à porta da sala de jantar do andar superior em Senigallia.

— Amor — disse Taddeo, num tom de arrependimento e de mágoa, de um homem que descobria que a Vênus clássica a quem dedicara o coração era apenas uma imitação moderna — é assim como os meus lúcios. Coloque um pouco de sal em seus viveiros e eles morrem.

— Então o senhor nunca teve a intenção de se casar comigo? Sabia que o pai do duque era um homem idoso e que poderia morrer a qualquer momento.

— Conceda-me a honra de não duvidar da minha palavra, senhora. Eu não mantive a promessa que lhe fiz, apesar de seu duque não ter reconhecido a paternidade do seu bastardo?

Senti, então, as lágrimas no fundo dos olhos, a tristeza apertando minha garganta, mas aproximei meu corpo do de Angela e lutei contra elas.

— Então, o que mudou?

— Veneno, senhora, veneno. Isso me diz que o duque deu um passo maior do que as pernas. Ele ficou descuidado. Homens descuidados perdem suas propriedades tão rapidamente quanto podem perder um par de meias ou um lance de dados.

— Vamos ver o que dona Lucrezia tem a dizer sobre isso — disse Angela.

— Eu imagino que ela fará o que o marido quiser que ela faça, finalmente.

— Venha, Violante, vamos voltar para Ferrara. — Ela me empurrou à sua frente, dando as costas a Taddeo com um gesto altivo de cabeça. — Pode nos conceder cavalos, *ser* Taddeo, até mesmo para apressar a hora de estarmos fora de sua vista?

Ele não respondeu imediatamente e, embora eu tenha me recusado a encará-lo de novo, pude perceber certa luta sendo travada em seu interior; o conflito parecia perturbar o pesado ar com aroma de pêssago ao passarmos por ele. Taddeo então disse de maneira mais gentil:

— Você pode levar a carruagem, Violante, e os suprimentos de que precisarem para a viagem.

Mesmo um farsante pode ter algum valor, se for bom.



Ao chegarmos a Ferrara, encontramos o castelo deserto e a corte transferida para Medelana. Enviamos a carruagem de volta para Occhiobello e fizemos a viagem pelas montanhas a cavalo, escanchadas, com estribos, como duas prostitutas, disse Angela, e acho que ambas nos perguntávamos se algo desse tipo era o que nosso futuro subitamente aterrador e vazio nos reservava. Estávamos desacompanhadas, e era provável que nosso futuro nos reservasse apenas uns bandoleiros com enormes facas e um olhar perspicaz para apetrechos valiosos para cavalos. Mas a estrada estava tranquila e o ar cada vez mais límpido quando deixamos a cidade, então seguimos cavalgando pelas planícies beirando o rio. Até cantávamos de vez em quando, para alegrar Girolamo, que estava numa cesta de vime presa à parte frontal de minha cela. Angela o chamou de Moisés.

Havia uma hospedaria, nós sabíamos, em Quartexana, onde grupos que partiam de Ferrara para Medelana geralmente pernoitavam. Eu achava que devíamos parar ali, mas somente para trocar de cavalos. Angela, porém, insistiu para que passássemos a noite. Seria loucura viajar no escuro.

No salão da hospedaria, reinavam os boatos. Embora tenhamos nos sentado num lugar reservado, uma espécie de cabine, para nossa refeição da noite, as conversas dos hóspedes eram claramente audíveis através das cortinas fechadas, palavras quentes que transformavam em cinzas a comida em nossa boca.

— Estão dizendo que ouviram o Santo Padre fazendo um pacto com o demônio em seu último suspiro.

— A seu confessor, entre todas as pessoas.

— Suplicando alguns anos mais, ouvi dizer.

— E o demônio lá ao lado dele disfarçado de macaco preto.

— Ouvi dizer que o velho beerrão estava tão inchado que não conseguiram colocar o corpo dele dentro de um caixão.

— E os homens do duque saquearam seus aposentos a tal ponto que não sobrou uma roupa com que enterrá-lo.

Tentando me forçar a comer a carne de cordeiro fibrosa feita pela mulher do hospedeiro com um gole de vinho, olhei para Angela, e vi minha própria miséria refletida em sua expressão desolada. Fazia quanto tempo que o papa havia morrido?, eu me perguntava. Até os boatos podem viajar na velocidade de um cavalo rápido. Mesmo que Cesare ainda estivesse vivo quando as notícias da morte de seu pai deixaram Roma, neste momento, ele poderia estar morto, suspenso como um espírito maligno entre seu suspiro final e os primeiros sussurros das histórias que se tornariam sua lenda. Imaginei que nossos hóspedes estivessem falando dessa forma simplesmente para que escutássemos. Eu tinha certeza de que eles sabiam quem nós éramos. A cortina que nos protegia era um tanto transparente para eles, embora não para nós. Éramos ridicularizadas, aviltadas, indefesas.

— Deveríamos viajar hoje à noite — eu disse a Angela num murmúrio, quase engasgada com um pedaço da carne fibrosa. — Não estamos seguras aqui.

— Ninguém sabe quem somos, querida; como poderiam saber? E, eu juro, mais daquela estrada à noite e meus dentes tremerão a ponto de não me sobrar nenhum. — Ela abriu um sorriso para mim. — Imagine se eu tivesse que me apresentar a Giulio como uma velha desdentada?

— Você acha que Cesare também está morto?

— Cesare? Ele tem a constituição de um touro e uma digestão semelhante. Eu duvido que já tenham inventado um veneno que

pudesse matá-lo.

Pensei na criança enferma que *madonna* descrevera para mim, de lábios e unhas de cor arroxeadas, sobrevivendo com pedacinhos de pão e leite de cabra e sentindo falta de ar em tardes quentes.

— Mas, se alguém tentou isso um dia, tentará de novo. Com algo um pouco mais certo. Uma espada ou a *garotta*. — A predileta dele.

— Se tentaram... e, lembre-se, não temos certeza disso... não terão uma segunda chance. Vamos, estamos exaustas. Tudo vai parecer menos desolador pela manhã.

Ela estava certa. Era impossível, mesmo depois do terrível jejum preparado pela dona da hospedaria, do pão de centeio que parecia mais uma sola de sapato e do queijo tão salgado que picava a língua, não se sentir otimista. O gramado estava coberto de pequenas flores, touceiras perfumadas de saxífragas e juníperos. As gencianas pareciam flocos azuis que haviam sido recortados da face do céu. Pedras de um cinza claro rangiam, se desfazendo como açúcar sob as patas dos cavalos, e, quando parávamos com sede, a água dos riachos correntes tinha o sabor do límpido ar das montanhas. Mas, quando atravessamos o portão com o tropel de nossos cavalos em direção a Medelana e erguemos a vista para as casas que dominavam a encosta da cidade acima, tremi ao ver como seu muro alto e cego seguia céu adentro, um céu azul pálido como o dos ovos do sabiá.



Fomos recebidas por Ippolito. De pé no pátio, a brisa poeirenta soprando em sua batina, ele dispensou o cavaliariço e segurou nossos cavalos para desmontarmos. Embora tenha dado um sorriso superficial para Girolamo, que ele não conhecia até então, quando tirei o bebê da cesta, nada conseguia dissipar a expressão preocupada e austera de seu rosto. Ele não beijou nenhuma de nós duas; não fez comentários sobre nossa chegada, desacompanhadas, sem chapéu e queimadas do sol como duas camponesas.

— Eu tive que contar a ela — lamentou Ippolito. — Meu bom Deus, eu só desejava que vocês duas estivessem aqui. Foi terrível. Pensei que ela tinha enlouquecido. — Lembrando-me das cenas em Belfiore, quando ela recebera a notícia de que Cesare havia invadido Urbino, eu podia bem imaginar. — E o melhor que consegui para lidar com a situação foram Fidelma e aquela cabeça oca da Elisabetta Senese.

— Pode nos levar a ela? — perguntou Angela. Será que ninguém ia direto ao ponto?

— Quais são as notícias de Cesare? — perguntei. Ippolito abanou a cabeça. Minhas pernas, ainda trêmulas das longas horas de cavalgada, ameaçavam desabar. Ao tropeçar num fio solto de minha saia, desejei cair, bater com meu rosto nas pedras gastas e frias e nunca mais me levantar.

— Ela recebeu uma carta de Cosenza hoje pela manhã. Segundo informações, Cesare continua resistindo, mas é só. Ele mandou sitiar o Vaticano. Ninguém entra nem sai, nem mesmo para o funeral de Sua Santidade. Michelotto está no comando. Dizem que Cesare delira a maior parte do tempo. Cosenza esforça-se para ser encorajador, mas, lendo-se as entrelinhas, aquilo lá parece mais o inferno de Dante.

— Foi veneno? — perguntou Angela.

— Cosenza acha que não. Os médicos afirmam que é a febre palustre. Parece que este foi um verão particularmente afetado pela febre. O problema é que, com Cesare mantendo-os todos presos no palácio, em seu próprio quarto, Cosenza diz que não há ninguém para dar notícias, de modo que os boateiros estão se divertindo.

— Ele perdeu o juízo, então — concluiu Angela, um tom de irrevogabilidade na voz. O cardeal Cosenza era um informante confiável, um velho amigo, leal a todos da casa em Santa Maria in Portico e um antigo cardeal do palácio.

— Mas ele pode ficar bom. Muitos sobrevivem à febre palustre, e ele é jovem e forte.

— Ah, Violante, se seu amor fosse remédio, ele já estaria curado.
— Angela deu um risinho e apertou meu braço, mas Ippolito tinha um ar sombrio e preocupado. O sentimento das mulheres estava claramente longe dos pensamentos dele.

— Quem está aqui? — perguntou Angela, tentando parecer despreocupada ao subirmos os degraus rasos e amplos que iam do pátio ao primeiro andar, cuja arcada estava coberta de folhas de buganvília empoeiradas. Nessa época do verão, as flores já haviam caído.

— Giulio está em Belriguardo com nosso pai. Alfonso e Ferrante também estão lá. Eu só estou aqui porque tive que trazer a notícia sobre o pai dela. — Ele deu um sorriso irônico. — Por ser o padre da família, suponho que eles acharam que eu seria a pessoa apropriada para lhe trazer conforto.

— E trouxe? — quis saber Angela, muito frustrada.

— Veja por você mesma. — Ele parou diante de uma porta fechada e bateu. Nós esperamos. Ele bateu novamente com maior insistência. A porta foi entreaberta e o rosto pálido da dálmata surgiu nas sombras.

— Diga a sua senhora que a prima dela e *monna* Violante estão aqui — ordenou Ippolito, falando alto e com firmeza, como se isso pudesse fazê-la entender. A incapacidade da dálmata de falar ou entender italiano havia, eu suponha, se transformado num ato positivo de vontade, numa forma de negar a argola que levava em torno do pescoço e manter livre o caminho para casa em sua imaginação. Seu rosto desapareceu outra vez, uma lua amarelada engolida pela nuvem. Ippolito abriu um pouco mais a porta e pôs-se de lado para nos deixar passar.

Todas as venezianas estavam fechadas, e, a princípio, não consegui ver nada. Enquanto meus olhos se ajustavam ao escuro, percebi que não havia, de fato, nada a ser visto. O quarto estava desmobiado, exceto por um catre, encostado numa das paredes. Lá estava *madonna*, sentada, com os braços em torno dos joelhos, seus cabelos soltos, caindo pelas laterais do rosto. Seu vestido era de linho grosso preto, sua combinação rasgada onde um bordado fora

arrancado. Não usava joias, a não ser a aliança, e a cruz de cinza, sinal de luto, fora marcada em sua testa. Eu não estava certa de que ela percebera nossa entrada, então vi o branco de seus olhos brilharem por alguns segundos na faixa de luz da tarde que entrava através de uma abertura nas venezianas quando ela olhou para nós e desviou a vista uma vez mais.

Fizemos uma reverência.

— Angela — disse *madonna*. Sua voz estava rouca de tanto chorar. Suas palavras soavam como soluços, como se a tristeza em seu interior fosse explodir se ela abrisse a boca. — Eu falo com você depois. Agora, tenho assuntos a tratar com Violante. Sozinha.

— Mas...

— Mais tarde. Vá se refrescar. Mude de roupa. Essa viagem toda a cavalo deve ter exaurido você. — Como ela podia saber os detalhes de nossa viagem? Angela me lançou um olhar de completa estupefação e se retirou. Fazendo um sinal para que eu me sentasse ao lado dela no catre, *madonna* continuou: — Não posso enfrentá-la ainda. Ela vai me perguntar sobre Giulio e, ah, Violante, eu fiz tudo errado.

— Errado, *madonna*?

— Quando Alfonso veio me dar os pêsames, eu não devia ter deixado que ele fosse embora; eu devia ter me grudado a ele. Agora eles todos estão planejando a minha queda em Belriguardo. Você sabe que já há boatos de que meu casamento não é legal porque eu não estava devidamente divorciada de Giovanni Sforza.

— Ah, *madonna*, isso é boato antigo. A senhora não pode achar que o duque Ercole vá dar atenção a isso. Ninguém pode provar agora, de uma forma ou de outra, se aquele casamento foi consumado ou não.

— Mas há sempre a palavra de Giovanni. Enquanto meu pai era vivo, ninguém o levava a sério. Agora, no entanto... Ó, Deus, eu gostaria de poder falar com Cesare, eu gostaria de... Você acha que ele ainda está vivo, Violante? — Ela começara a se balançar para a frente e para trás como uma louca. A seu lado havia um copo e uma

jarra de barro. Enchi o copo de água e o ofereci a ela, tanto para distraí-la das mórbidas especulações como para matar a sede. Ela olhou para o copo e fez que não com a cabeça. Naquele instante, Girolamo, que dormira docemente enquanto sua cestinha oscilava nas costas do meu cavalo, acordou e começou a choramingar.

— Ah, deixe-me vê-lo — exclamou dona Lucrezia. — Imagino que tenha crescido bastante no campo.

— Agradeço ao Criador por ele ser forte, *madonna*.

— Ponha seu filho nos meus braços, deixe-me segurá-lo.

Passei-o para os braços estendidos dela e imediatamente seus choramingos se transformaram em berros.

— Desculpe, ele deve estar com fome — eu disse.

— Nele, de alguma maneira, o pai vive. — Ela beijou-lhe a testa e entregou-o de volta a mim. — Dê de mamar a ele — disse com um sorriso caloroso e melancólico. — Se eu tivesse dado um filho homem a Alfonso, as coisas seriam diferentes, para mim e para Angela.

— Então a senhora acha que o duque não dará permissão a Giulio para se casar com ela?

Dona Lucrezia balançou a cabeça em negação.

— Mesmo que Cesare se recupere, quanto terreno ele não terá perdido? E se tivermos um papa hostil que não o indique para permanecer como gonfaloneiro? Della Rovere quer o Trono de São Pedro, e ele tem muitos defensores e nenhuma simpatia por Cesare.

— Cesare também tem pessoas que o apoiam. Claro que deve haver cardeais suficientes cujos votos ele poderá influenciar para manter o cardeal Della Rovere à distância.

— Ele sempre tentou garantir isso. Nós... ele tentou se preparar para a morte de papai. Ele já estava velho, embora nunca tenha se comportado como um, não é? Mas quem poderia imaginar que Cesare estivesse à beira da morte quando isso acontecesse? Esse foi um truque que a Senhora Fortuna manteve bem guardado em sua manga. E Della Rovere é esperto, tão esperto quanto Cesare, provavelmente, e tem amigos na França.

Mudei Girolamo para o outro peito, me contraindo porque estava com feridas nos mamilos. Meu filho sugava forte e tinha pouca consideração pelo conforto de sua mãe.

— Folhas de repolho — disse *madonna*.

— Já experimentei — respondi, embora minha mente estivesse em outras questões. — Della Rovere não tem parentes consanguíneos na França como Cesare. A filha de Cesare tem sangue real nas veias. — Tentei manter meu tom neutro, mas era claro, pelo olhar de compreensão que *madonna* dirigiu a mim, que eu não havia obtido sucesso. Ficamos em silêncio por um instante, a luz penetrando pelas venezianas, uma mistura de cores entre o ouro envelhecido e tons de abricó; o único som no quarto, o barulhinho de sucção feito por Girolamo enquanto mamava. Então dona Lucrezia suspirou e estendeu o braço para tocar os cachinhos ruivos do menino com as pontas dos dedos.

— Há uma coisa que você precisa fazer por mim — disse ela. — É perigoso, mas você está em melhor posição do que qualquer outra pessoa. Você precisa ir a Roma.

— Roma? Eu?

— Você precisa ir até meu irmão, em meu lugar, Violante. — Ela deu um breve riso amargo. — Sabe, logo antes de irmos de Ferrara, o querido *messer* Pietro foi acometido de uma febre. Alfonso estava viajando, e eu fui visitá-lo. Eu me sentei na beira da cama dele e lhe dei uma decocção feita com casca de salgueiro para baixar a febre. Enxuguei o queixo dele, alisei o cabelo, e ele segurou a minha mão e disse que, se não morresse de outras coisas, morreria de amor por mim. Coisas simples, mas arriscadas.

— Sim, *madonna*, muito. — Mas eu fiquei tão chocada quando ela me disse para ir a Roma que não consegui sentir o impacto de sua franqueza em relação ao caso amoroso dela com Bembo.

— E agora o mundo virou às avessas, e é mais seguro eu dar assistência ao meu amante do que ao meu querido irmão. Não posso arriscar mais a minha posição aqui indo até ele. Se... quando

ficar bom, ele vai precisar de amigos como os Este. Então você precisa ir em meu lugar. Ele gosta de você...

— E de muitas mulheres, *madonna*.

— Mas eu não conheço nenhuma outra que ele tenha visto salvar a irmã de uma convulsão. Essa é uma experiência que dá a ele confiança em você como curandeira, algo que agora é muito mais importante do que... bom... outras coisas. E, Violante...

— Sim, *madonna*.

— Você não deve voltar.

— Eu juro que a senhora não vai me ver em Ferrara até que Cesare se restabeleça. *Madonna*, eu me sinto honrada pela confiança que tem em mim...

— O que eu quis dizer, Violante, é que você não deve retornar, nem mesmo quando meu irmão se restabelecer. Não ajudará em nada a minha posição se acharem que estou protegendo o filho bastardo de meu irmão.

— Ah, sim... entendo.

— Vá para sua família. Ele estará a salvo lá.

— A senhora quer dizer que ninguém terá a ideia de procurar o filho do duque da Romanha na casa de um judeu?

— Antes que você fuja com sua língua ferina, mocinha, lembre-se de que não seria a mãe do filho do duque da Romanha se não fosse pelos favores que eu lhe concedi. Será que tudo que nós, Borgia, dizemos tem um duplo sentido? Será que simplesmente não é possível que, com minha própria família de luto e espalhada por aí, eu respeite o valor das famílias?

— Desculpe, *madonna*.

— Você deve partir quando clarear o dia, e há preparativos para serem feitos. Mande Sancho vir falar comigo. Vou pedir a ele que prepare um salvo-conduto para sua viagem. Escolha um bom cavalo, e eu posso lhe ceder um dos soldados de minha guarda pessoal. Ah, e mais uma coisa...

— Sim, *madonna*.

— Tente me mandar notícias de Giovanni.

— Certamente a família da mãe terá tomado conta dele, *madonna*.

— Ele é um Borgia. Quem, senão nós, vai querê-lo agora?

— Eu ainda quero Girolamo.

— Você é diferente.

— Eu sou simplesmente uma mãe, como dona Giulia. Ela não deixaria que nada acontecesse a seu filho.

— Bem, é. Espero que ele esteja com Cesare. — Por alguma razão, me veio à lembrança a imagem do punho gorducho de Giovanni segurando os dedos de Cesare quando ele deixou o menino sob meus cuidados no dia em que partimos de Roma.

— Então eu também espero, *madonna*.

— Eu não a verei mais antes de você partir, Violante. Desejo boa sorte.

— E eu rezo para que tudo fique bem com a senhora.

— É melhor eu ir falar com Angela agora.

— Está bem, *madonna*.

Só depois que fechei a porta ao sair e parei por um momento, olhando para o pátio, uma parte do chão de pedras amareladas pelo sol, o canto de um cocho de água emoldurado por folhas de buganvília, foi que pensei no papa. E em como certa monotonia na luz, como se o mundo que eu conhecia se tornasse subitamente apenas um retrato de si mesmo, marcou sua partida deste mundo.

CAPÍTULO 3

ALPE DI SAN BENEDETTO, AGOSTO DE 1503

Minha vida assumiu a qualidade de sonho, mas eu não sei qual delas é real, esta ou a outra, em que você ainda vive.

Ele está usando luvas finas e macias com punhos rendados, e seu rosto está pálido, muito pálido, oco como um esqueleto, embora não seja um esqueleto. Seus olhos brilham com lágrimas prateadas, o que me faz concluir que não é para ele que estou olhando, mas para sua imagem refletida num espelho. Estendo meu braço para tocá-lo, mas meus dedos atravessam o espelho como se penetrassem a água. A imagem ondula, quebra-se, dissolve-se, e dá à água no espelho o mesmo tom azulado de sua pele. Junto as mãos, e ele bebe nelas, lambendo o líquido leitoso como um gato, sua língua fazendo cócegas em minhas palmas...

— Não se dê o trabalho com essa daí. Olhe para a mão dela. Você pegaria uma doença venérea de quebra.

Era verdade, por mais que eu tentasse me convencer do contrário. A erupção apareceu na palma de minhas mãos logo que deixamos Medelana, e nada mais podia tê-la causado além da recidiva do mal-francês. Fiquei imóvel, escutando as passadas dos homens que se afastavam, suas botas se arrastando na pedra quebradiça e espalhando a lama. Dois pares, era o que parecia. Suponho que foi o que me salvou, embora me salvar fosse a última coisa em minha mente enquanto eu permanecia ali, sentindo o frio da água penetrar minhas vestes e o cobertor. Um ressalto da rocha servira de abrigo na noite anterior, mas o vento devia ter mudado durante a madrugada, soprando a chuva direto para a saliência do rochedo onde havíamos acampado.

Eu queria morrer. Meus ossos doíam, e meus dentes rangiam em decorrência da febre. Não podia regressar a Ferrara; por outro lado, como poderia me apresentar a Cesare doente e desfigurada pelo mal-francês? Como isso me ajudaria a convencê-lo de sua responsabilidade com Girolamo? Ainda assim, eu teria de convencê-lo, ainda que a invenção de Angela com as galinhas mortas não tivesse me curado. Pensei em Sigismondo e em sua guerra declarada contra o rato-rei, e na velha prostituta que pedia esmolas para as pessoas em luto que carregavam seus mortos pela Porta di Guidizio. Ela protegera o que lhe restava do nariz com um pedaço de couro velho, provocando muitas piadas sobre como deveria ter se protegido antes. Meu corpo havia me traído; não obedecia mais à minha vontade, mas ao capricho aleatório da doença.

— Leve os cavalos. Parece que eles nos renderão um bom preço — disse o outro homem, aquele que não havia observado minhas mãos à luz de sua tocha antes de me considerar imprópria até mesmo para um estupro. Sua voz arranhava os ouvidos como o ranger de uma roda de carroça. Onde estava Beppo?, eu me perguntava. Ele os impediria de levar os cavalos. Eu deveria me levantar, mas meu corpo estava rígido e cansado, e o peso do cobertor molhado me grudava ao chão, empurrando-me para a lama, o escuro, o frio mortal. Eu não me importava com os cavalos.

— Ela deve ter algum dinheiro na roupa.

— Bom, não vou procurar. Não vou tocar nela.

— Vamos matar, então.

— Não faz sentido. Ela não viu nada. De qualquer maneira, parece meio morta. Um preço baixo demais para vender nossa alma ao diabo. — Eles riram, e seus passos afastaram-se.

Um choro fraco me atravessou o corpo como um arame quente. Eu queria tapar os ouvidos, mas não conseguia mover as mãos. Elas estavam atadas pelo arame, presas em torno do corpinho quente de Girolamo. Como Talia, da antiga lenda, fui despertada de meu estupro pelas necessidades de meu filho. Livrando-me do cobertor, sentei-me e olhei em volta, meus seios doloridos latejando à medida que os gritos do bebê estimulavam meu leite matinal.

— Espere um pouco — eu disse. Algo estava errado. Tudo estava errado. Alguns pássaros madrugadores cantavam, tentando fazer surgir o dia de um céu chuvoso encoberto de nuvens. O riacho caudaloso rugia e revolia no vale estreito montanha abaixo, local em que havíamos nos abrigado na noite anterior. Mas estava tudo quieto, muito quieto. Nenhum ruído de cascos de cavalo no pasto pedregoso, nenhum soar de arreios, nenhum fogo crepitando. Eu não ouvia Beppo cantar. Nunca poderia imaginar que sentiria tanta falta de uma voz tão desentoada, mas eu já havia me acostumado a ela. A cada manhã de nossa jornada, eu acordava com a cantoria de Beppo e sentia o cheiro de algo cozinhando no fogo. O choro de Girolamo aumentou e tornou-se mais insistente, como se ele também sentisse falta das canções de Beppo e estivesse tentando preencher o espaço deixado por sua ausência.

— Beppo! — Nenhuma resposta, só o eco de minha voz retornava das paredes do desfiladeiro. Chamei de novo, mas, no meu íntimo, sabia que ele não iria responder. O pânico cresceu em mim como um gênio numa lâmpada, mas eu lutava para contê-lo. Precisava alimentar Girolamo. Eu controlei a ânsia de gritar e romper em lágrimas e me arrastei para perto da rocha, onde uma saliência permitia um pouco de proteção da chuva. Mal conseguia me lembrar do último dia em que não choveu, e o sol de agosto encheu meus ossos de esperança, cegando meus olhos para a triste verdade de minha situação.

Demorei um pouco para acomodar Girolamo. Coberta por camadas de roupa permanentemente molhada, as rachaduras em meus seios não tinham chance alguma de cicatrizar, tornando a amamentação uma dura prova para os dois. Mas meu filho parecia ser forte, seu queixo pequenino e pontudo e seu olhar firme me davam a certeza de que ele estava destinado a sobreviver, independentemente do que acontecesse comigo. Algumas vezes me pergunto se minha mãe viu a mesma característica em mim, na praia em Nettuno. Logo que ele parou de virar a cabeça de um lado para o outro e lutar para se soltar dos lençóis, seu sugar rítmico me acalmou, e comecei a tentar avaliar minha situação.

Tínhamos viajado sozinhos, mantendo-nos afastados das estradas principais. Beppo disse que isso seria o mais sensato. De início, protestei. Eu tinha dinheiro costurado no meu vestido e uma carta de recomendação de dona Lucrezia para os governadores das cidades de seu irmão e os administradores de suas fortalezas. Exatamente, disse Beppo, que havia lutado como soldado na Romanha quando Cesare ainda estava aprendendo as declinações do grego e lutava com uma espada de madeira. As cidades de lá mudavam de mãos com tanta frequência que a desconfiança nos governantes já corria na veia dos cidadãos. Ele não acreditava que esses homens dessem muito valor ao dinheiro de *madonna* ou à sua carta de recomendação. Provava estar certo em Ímola, onde o guardião do portão, na falta de uma assinatura de Cesare, nem mesmo notificou o governador. Em Forli, encontramos um grupo de flageladores do lado de fora dos portões, protestando contra o papa e se chicoteando com feixes de galhos espinhosos sob a mira de uma falange de arqueiros com dedos inquietos. Beppo considerou prosseguir uma atitude mais sábia do que nos revelar aos flageladores ou aos arqueiros.

Assim, tomamos o caminho das montanhas, a espinha rochosa da terra que dividia o ducado de Cesare da República Florentina.

— Lá, eles atirarão antes de fazer perguntas — disse Beppo. — E não queremos responder perguntas, não é? E eu mesmo sou um bom atirador.

Onde estava ele? Eu apressei a alimentação de Girolamo, fiz o que pude para limpá-lo e trocar sua roupa, e me arrastei em direção à trilha escavada no desfiladeiro ao lado do riacho que, segundo Beppo, nos levaria a Arezzo. Beppo tinha um primo na cidade. Voltei a chamar seu nome. Disse a mim mesma que ele tinha ido caçar para nosso desjejum, ou fora atrás dos ladrões e estava voltando para o desfiladeiro com nossos cavalos, ou simplesmente havia ido para trás de uma pedra para defecar. Esse pensamento deu início a uma contração abdominal, motivada por uma de minhas constantes ondas de disenteria; sem tempo de me esconder, agachei-me no

riacho para me aliviar, meus gemidos retornando das paredes do desfiladeiro, como se a própria montanha estivesse doente.

Na noite anterior, havíamos cavalgado descendo o desfiladeiro, seguindo o fluxo do rio, antes de pararmos. Portanto continuei nessa direção. Eu sabia que Arezzo estava em algum lugar ao sul, mas, enquanto o sol permanecesse escondido, eu não tinha outro meio de navegação senão confiar que Beppo sabia para onde estava indo. À medida que a manhã transcorria, meu estômago vazio ansiava pelo reaparecimento dele, embora mentalmente eu me dissesse que agora estava por conta própria e listasse sem remorsos tudo o que havia perdido para os ladrões. Todas as minhas roupas secas, as fraldas limpas e os lençóis de Girolamo haviam sido empacotados nos alforjes pendurados nas selas de meu cavalo. Meus melhores sapatos, eu me lembrei quando tropecei numa pedra, estavam entre as coisas transportadas no cavalo de Beppo. Eu não tinha nenhuma pederneira para fazer um fogo, nem meios de conseguir carne para assar, se Beppo estivesse morto. Tudo o que eu tinha eram as moedas de ouro que *madonna* me dera, costuradas no meu corpete, e sua carta de recomendação embrulhada em um linóleo preso a minha anágua.

Minha situação era tão desesperadora que parecia me restar apenas rir. Então, eu ri, e algum idiota preso nas montanhas riu de volta, e talvez houvesse hienas rindo, e gralhas, e todas as formas de tolos sagrados do Criador, gargalhando até não poderem mais da queda do duque Valentino, de sua prostituta judia e de seu bastardo ruivo. Ri tanto que perdi o equilíbrio e escorreguei numa pedra solta, os pedregulhos dando risos contidos sob o peso de meu corpo. Algo esquisito interrompeu minha queda, algo duro, mas que cedia, e de uma forma estranha.

Um corpo. Parei de rir e limpei as lágrimas dos olhos com a ponta suja de meu xale. O corpo de Beppo. Eles devem tê-lo pegado desprevenido, pois não havia sinais de luta, nem cortes ou arranhões, nem roupas rasgadas, apenas uma ferida limpa, quase sem sangue, do lado esquerdo do peito. Apoiando Girolamo na rocha, revirei o corpo como um ladrão de covas experiente, o tempo

todo me observando e me interrogando. Teria eu aprendido essa prática cruel tão rapidamente por pura necessidade, ou aquilo estaria em meu sangue judeu, herança de Moisés, cuja negociação com o inimigo o havia marcado como o tipo de homem de que o Senhor das Hostes precisava para pôr Seu povo em boas condições?

Não que houvesse muito o que encontrar. Os ladrões haviam roubado a espada e o arco de Beppo, seu corselete de couro, suas botas e luvas. Havia, no entanto, ignorado a faca de carne, talvez pela maneira como ele havia caído, ocultando-a, ou talvez por possuir apenas valor doméstico: a lâmina era entalhada em osso e imprópria para vários tipos de carne, a menos que bem cozida. Eu a apanhei, de qualquer forma, e também seu gibão acolchoado, que foi de grande utilidade graças à perfeição do golpe fatal. Eu não podia enterrá-lo ali, onde o esqueleto da montanha tinha apenas uma leve camada de terra, então fiz um túmulo de pedras, cobrindo-o para afastar os urubus, e repeti alguns versos dos cânticos de Davi.

Alguns confiam em carruagens, e outros em cavalos; mas nós confiamos no nome de Yhwh Elohim.

Eles se encurvam e caem; mas nós nos levantamos e nos mantemos firmes.

Eu não conhecia nenhuma oração cristã aos mortos, e, sendo uma mulher, não podia recitar o *kaddish*. Além disso, as palavras pareciam, de alguma forma, adequadas para nós dois.



Meu instinto me sugeria descer a montanha e tentar achar as estradas principais. Eu não sabia caçar nem fazer fogueiras facilmente. Teria de arriscar a companhia de outros viajantes e gastar um pouco do dinheiro de dona Lucrezia em comida e abrigo, se quisesse sobreviver. Se a sorte não me abandonasse, minha doença manteria os outros afastados de mim como mantivera os assassinos de Beppo. Quase como se aprovando meu plano, o sol

nascia enquanto eu caminhava, a princípio lançando uma luz fraca, amarelada, e projetando sombras poeirentas pelo caminho, depois ficando mais forte até que seu calor em minhas costas me deu vontade de cantar e tentei me lembrar das cantigas militares de Beppo enquanto jogava meu filho para cima em meus braços, fazendo-o rir.

— Oferecemos Beppo ao sol em sacrifício, e o sol se regozija — gritei. Então tive a certeza repentina e aterradora de que não estava mais sozinha. Não importava. Olhe para mim, escute-me. Uma mulher louca com o mal-francês. Ninguém se aproximaria de mim.

— Eu não sei quem era Beppo, mas agradeço a influência dele sobre o sol. — Uma voz com um timbre ao mesmo tempo grave e agudo, um menino tentando falar como um homem. Um sotaque que eu não reconheci, gutural, cheio de pequenos cristais. — Está sozinha?

— Exceto pelo meu filho.

— E Beppo era... seu marido? — Ele hesitou, amedrontado, talvez, com uma mulher que aparentemente oferecera o marido ao sol em sacrifício. Abanei a cabeça. Um sorriso aliviado abriu-se em seu rosto imberbe. — Tempos estranhos — disse ele.

— Realmente estranhos.

Atravessamos um lugarejo deserto, o silêncio local impondo-se sobre nós. Um cão magro nos lançou um olhar esperançoso, e nós dois lhe demos as costas.

— Como os cachorros fazem isso? — perguntou o jovem. Ele portava uma espada grande demais para ele, e um corselete de placas de couro sobrepostas que o faziam parecer uma tartaruga magra. Um desertor, talvez? Mas de quem, de que conflito? O que estaria acontecendo no mundo lá embaixo, fora das montanhas? Apertei meu passo. O rapaz parou para observar o lugar onde se assava pão no vilarejo, mas o forno estava frio, vazio como meu estômago.

— Vamos — eu disse —, não há nada aqui para nós. Devemos tentar encontrar uma hospedaria antes do anoitecer.

— Você tem dinheiro? Ou alguma coisa para trocar? — Seu tom soara estranhamente desaprovador para um soldado, mas, antes de eu ter a chance de pensar sobre isso, seu olhar se desviou do meu rosto para um ponto qualquer atrás de mim, e um novo som me chegou aos ouvidos. Um barulho, um rangido metálico rítmico. Rodas de carroça que precisavam de lubrificação. Meu companheiro levou a mão ao punho da espada, mas em seguida abriu um grande sorriso, deu uma gargalhada e passou por mim correndo, os braços abertos em direção à carroça que se aproximava.

— Felice? — O homem que empurrava a carroça, que, na verdade, era mais uma padiola, falou num tom que lhe fazia parecer desconfiado da boa sorte.

— Claro que é Felice — confirmou o velho na padiola, sua cabeça apoiada sobre sacos dobrados, suas pernas fracas penduradas como galhos quebrados sobre a beirada de seu veículo. — Ao que me consta, ela cortou o cabelo e está usando calções masculinos.

Pensei em Ferrante e Vittorio. Perguntava-me se estávamos próximos a Ímola e percebi que, mesmo que estivéssemos, eu não estaria. Procurei ao meu redor, mas não encontrei sequer uma sombra de mim mesma, um eco da virgem inexplorada e de pele sedosa que se perdera no castelo e havia descoberto uma verdade bem mais vergonhosa do que meramente o caminho para as cozinhas. Enquanto os dois homens e o jovem, que aparentemente era uma moça, cumprimentavam-se, permaneci à parte, lutando com um segundo e mais antigo conjunto de imagens que me vinha à mente: a lembrança de homens e meninos correndo e esbarrando uns nos outros, escorregando e suando, de óculos esmagados na lama e de pernas longas e bem-torneadas, cobertas por calças colantes de seda. Fiammetta, a mulher-rapaz de Cesare, receptáculo do amor de um desajustado.

Tudo isso significava algo, tinha de significar. Esses temas não se repetem acidentalmente na vida, não mais do que na arte. Mas o quê? Girolamo começou a chorar e procurar meu peito. Felice e os dois homens me dirigiram o olhar. O perfil de Felice era tão claro para mim que eu me perguntava como não notara antes a maneira

como as lâminas sobrepostas de seu corselete não se ajustavam achatadas sobre seu tórax.

— É melhor passarmos a noite aqui — disse o homem mais jovem.
— Os prédios nos darão certa proteção. Felice, ajude-me aqui com vovô, depois você pode pegar a padiola e ir catar lenha.

— O que eu posso fazer? — perguntei, querendo afastar minhas lembranças, sentir-me menos isolada. Enquanto Felice e o homem que eu supunha ser seu pai ajudavam o velho aleijado a se levantar da carroça e a encostar-se num muro de pedras quebrado, eu senti que não pertencia mais sequer a mim.

— Amamente o seu filho, ou nenhum de nós conseguirá escutar os próprios pensamentos — respondeu ele, seu tom caloroso e normal. Fiquei tão agradecida, tão desesperadamente agradecida, ao perceber que ele olhava para mim e via apenas a jovem mãe com um filho faminto, que minhas pernas quase cederam. E me sentei de forma tão abrupta ao lado do avô aleijado que senti os ossos de minha coluna estalarem.



Viajei com meus novos companheiros por vários dias. Fiquei sabendo que Felice havia fugido de casa com um soldado suíço um ano antes e que havia tomado seu lugar quando ele fora morto a serviço de um conde tirolês quando um barril de pólvora explodiu. Como sua morte fora acidental, o conde não concedeu pensão alguma, deixando Felice sem muita escolha.

— Você podia ter voltado para casa — disse o pai dela.

Felice deu de ombros.

— O senhor diz isso agora.

— As coisas mudaram. — Ele parecia dirigir suas palavras mais para mim do que para Felice, mas eu devia estar imaginando aquilo. Eu não falara a ninguém sobre mim, nem mesmo dissera que Roma era meu destino, embora eu soubesse que o deles era Citta di Castello, de onde eu esperava seguir viagem pelo rio.

Logo que deixamos Sansepolcro, pegamos uma carona numa carroça de transporte de grãos meio vazia. O tempo, reclamou a mulher que a conduzia, ficou quente como o inferno e, em seguida, chuvoso, sem mencionar o fato de que, desde a morte do Santo Padre, todos os homens brandiam suas espadas uns contra os outros em vez de fazerem a colheita do que havia para ser colhido. Ela desejou a rápida recuperação do duque; ele podia ter um pacto com o demônio, mas pelo menos garantia celeiros cheios, e os *campesini* conseguiam um preço justo por seus produtos.

— Um homem justo, o duque — comentou o pai de Felice.

— Como pode dizer isso depois do que ele fez conosco?

— Segure essa língua, mocinha.

— Agora chega, não se fala mais nas coisas que mudaram. — Felice suspirou, cruzou os braços e, mal-humorada, guardou silêncio. Minha curiosidade era mordaz.

— Se eu não guardo rancor do duque, por que você guardaria? — perguntou o avô de Felice.

— Não vamos mais falar sobre ele — disse o pai, exasperado.

— Sábias palavras — concordou nossa condutora, fazendo para mim, que estava ao seu lado no banco, um gesto afirmativo de cabeça —, pois temos aqui uma moça sem aliança de casamento, com um filho de cabelos ruivos.

Puxei meu xale de modo a proteger mais Girolamo, enquanto meu rosto ficava em brasa, fazendo a erupção na pele coçar. Senti os olhares de meus companheiros de viagem incidirem sobre mim, e o ar quente da tarde de repente ficar repleto de perguntas que eles não expressavam.

— Vamos perguntar a ela, então — disse Felice. — Se esse for o filho bastardo do duque, vamos ver o que ela pensa.

— Felice...

Mas ninguém conseguiria impedi-la de falar.

— Vou contar uma história. Era uma vez um duque que cercou Ímola, e a cidade foi dominada sob a mira de suas armas. Não podíamos recolher os corpos das ruas, porque ele continuava

atirando contra nós, durante a noite e também durante o dia; um senhor respeitável, carpinteiro por profissão, dirigiu-se à *rocca* com uma delegação de outros homens respeitáveis para pedir a dona Caterina que se rendesse antes que a cidade fosse destruída. Dona Caterina os ameaçou com um arcabuz e os mandou embora.

“Então, no cair da segunda noite, o carpinteiro deixou a cidade às escondidas e se apresentou no acampamento do duque. Os soldados do duque o teriam feito em pedacinhos ali mesmo, mas o duque ficou curioso para saber o que ele tinha a dizer. O carpinteiro havia trabalhado na edificação da *rocca*, ele explicou, e conhecia um ponto frágil por onde eles poderiam penetrar. Daria essa informação ao duque em troca de sua palavra de que os homens dele não saqueariam a cidade, nem estuprariam as mulheres, e o duque repararia o dano que suas armas haviam causado, arcando com as despesas. O duque deu sua palavra, e o carpinteiro fez um pequeno desenho para ele. Sem dúvida, em pouco tempo, a *rocca* capitulou.

“O duque manteve a palavra. Os soldados, em geral, comportaram-se bem, e aqueles que desobedeceram às ordens foram enforcados na praça da cidade. Ímola foi reconstruída a baixo custo para os cidadãos. Então, um dia, o duque mandou chamar o carpinteiro, que compareceu à presença dele alegremente, acreditando que lhe seria oferecida uma recompensa. O duque, entretanto, explicou a ele que não poderia ser visto como alguém que perdoa uma traição e que deveria, portanto, com grande lástima, punir o carpinteiro. Não ordenou a execução do homem, uma vez que isso pareceria injusto. Em vez disso, mandou amarrá-lo a um potro selvagem e ficou olhando enquanto o potro galopava seis vezes em torno da praça, arrastando o carpinteiro atrás dele. Depois disso, embora o próprio médico do duque tenha lhe dado assistência, os ossos dele haviam se quebrado em tantas partes que o homem ficou aleijado pelo resto de seus dias.”

Então ela perguntou:

— O que acha disso?

— Eu... não sei o que dizer. — As lágrimas me afloraram aos olhos, mas não pelo carpinteiro. A história de Felice por um

momento tornara Cesare tão vívido para mim, tão próximo, que eu não podia crer que ele estivesse realmente morto, e chorei aliviada.

— Deixe a moça em paz — disse o velho gentilmente. — Eu fiz o que tinha que ser feito, como também o duque. Nós nos entendemos. Eu não teria feito de forma diferente.

— Bom, eu teria uma república, como eles têm nos cantões suíços. Não há guerras na Suíça.

— Sim, e eles são uns branquelos que fazem queijo que tem gosto de sebo.

Todos riram e a tensão cedeu, mas, no portão de Sansepolcro, enquanto eles discutiam com o cobrador de impostos sobre quanto era devido pelos grãos, eu deixei para eles uma das moedas de ouro de dona Lucrezia e parti furtivamente. Eles haviam sido bons para mim, e eu não queria expô-los ao perigo. Tenho pensado neles desde então e me perguntado se as cicatrizes deixadas neles por Cesare sararam melhor do que as minhas.



Comprei uma passagem para Roma numa barcaça que transportava tufo e mármore de Carrara. O tráfego do rio que passava por Sansepolcro era intenso, e eu poderia ter procurado uma embarcação mais veloz, mas o barqueiro viajava com a mulher e os filhos, o que me fez sentir mais segura. E os blocos de mármore, exibindo o branco cintilante através dos encerados que lhe serviam de forro, deram-me mais confiança. Roma ainda estava em construção. O mundo não se acabara. Talvez até algumas daquelas pedras fossem destinadas ao palácio de Cesare. Talvez ele estivesse examinando os planos com seus arquitetos naquele momento ou importunando seus operários, porque teria de se mudar do Vaticano logo que um novo papa fosse eleito. Teria, finalmente, que decidir sobre o local de seus estábulos e se construiria um terraço. Imaginar aquilo me fez sorrir, e a mulher do barqueiro sorriu também. Estava preocupada comigo, ela disse, uma moça tão séria, com um aspecto doentio, e um filho para criar.

Talvez pela maneira tranquila dela de me demonstrar carinho, como se eu fosse apenas mais um de seus filhos, um bando de crianças mirradas, ou pelo fato de eu poder estender minhas roupas para secar nos blocos de pedra, ou ainda simplesmente pela chance de descansar, me sentar com as costas no tufo quente e áspero com o rosto voltado para o sol, quando passamos por baixo dos muros da cidade de Roma, tudo o que restava de minha doença era a pele ressequida das mãos e do rosto. Sentia-me fortalecida e em forma, em virtude dos dias que passei cavalgando ou andando pelas montanhas, descansada e calma. Se ele estivesse morto, eu poderia lidar com isso, mas ele não estava morto. Se ele estivesse morto, eu não sentiria essa leveza, essa onda de felicidade crescendo em mim como uma melodia. Logo eu o encontraria, talvez até mesmo naquele dia. Nós atracaríamos no cais Campo Marzio, e dali era apenas uma curta caminhada através do Borgo até o Vaticano. Decidi passar por San Clemente, caso ele já estivesse lá.

Embora tivéssemos sido forçados a permanecer a bordo por certo tempo depois que a barcaça ancorou, os acontecimentos anteriores haviam me enchido de esperança, e a esperança me deixara paciente. Imediatamente antes de atracarmos, homens armados se aproximaram de nós; um deles permaneceu em terra firme, na margem, segurando a cabeça do cavalo que puxava a barcaça, e dois outros subiram na embarcação. Não eram os cobradores de impostos regulares, de modo que o barqueiro, com a mulher a seu lado, desafiou-os. O mais baixo dos dois empunhou uma adaga e levou a ponta dela ao queixo do barqueiro.

— Somos homens do Borgia — disse ele. O soldado tinha um sotaque espanhol forte. — Ele ainda não morreu. — Suas palavras entraram em meus ouvidos como o ritmo de uma dança.

— E eu devo impostos à cidade, não ao Borgia — vociferou o barqueiro. O cavalo dele abanou a cabeça, quase derrubando o homem que o segurava.

— Queremos apenas nos certificar de que estão transportando o que foi declarado — disse o mais alto dos dois com um sorriso frio e

conciliatório. — Vamos dizer que é para garantir que a cidade receba o que é devido por todos os produtos que trouxeram.

O barqueiro lançou um olhar infeliz em minha direção. Sua mulher cutucou-o nas costelas.

— Família — resmungou ele, o que podia ter um grande número de possíveis significados naquelas circunstâncias.

O mais alto riu.

— A minha está em Nápoles, e eu me certifico de que fique por lá. Dê uma olhada — ordenou ele ao espanhol, que atravessou o convés cambaleante, levantando com a ponta de sua adaga os forros da pedra, rindo para os filhos do barqueiro com o riso de um pirata; um de seus dentes superiores frontais havia sido substituído por um bloco de ouro.

— Nada — disse o espanhol, parecendo frustrado.

— Obrigado — disse o outro para o barqueiro, e lhe devolveu a declaração com uma leve mesura. — Nunca é demais ter cuidado. Existe um exército francês ao norte e um espanhol ao sul, e dom Cesare prefere conferenciar com os generais deles a ter que falar com os espiões.

Comprimi os lábios e me forcei a engolir as perguntas que me vinham à tona. Estaria Cesare bem novamente, ou blefando? Onde estaria ele? Quem estaria com ele? Ele mantinha o controle da cidade ou somente do Borgo?

— Alguma notícia de um novo papa? — perguntou o barqueiro em tom de conversa. O homem mais alto se virou, um pé sobre a amurada da barça.

— Ainda não. Suas Eminências estão trancadas na Sopra Minerva como galinhas num viveiro.

— A Sopra Minerva? O que há de errado com a Basílica de São Pedro?

— Se quiser saber, terá que perguntar a dom Cesare.

Logo que os guardas se foram, deixei a barça com abraços, lágrimas e votos de boa sorte do barqueiro e da mulher, e segui para o Vaticano pelas ruas velhas e sinuosas que circundavam o Campo

Marzio. Aquele era, em geral, o quarteirão mais movimentado da cidade, onde as pessoas haviam morado, segundo os historiadores, desde antes dos tempos de Eneias. E algumas casas pareciam ser dessa época, gracejavam os gaiatos. Mas estava, então, praticamente vazio, as calçadas estreitas e esburacadas e os telhados desalinhados invadidos pelos gatos, cachorros e pombos. As partes inferiores dos muros ainda exibiam as marcas de sal seco das recentes inundações. Sacos de arroz rasgados e toras de madeira encontravam-se espalhados pelos terrenos vazios e passagens entre as construções. Quando o Tibre inundava, os moradores locais geralmente buscavam abrigo no Castelo de Sant'Angelo, protegido das enchentes do rio por sua posição alta e pela barreira de muros.

Mas, logo que as águas começavam a baixar, eles retornavam. Onde estariam agora? O que havia acontecido ali? Eu tremia, e Girolamo, influenciado por meu estado de espírito, começou a choramingar. Eu me sentei para lhe dar de mamar recostada no parapeito de um poço, onde lavei meu rosto e meus pés, mas não bebi a água com medo de ter sido contaminada pela enchente. Sabia que San Clemente ficava na esquina seguinte, tendo como limite um dos lados da *piazzale* que dera nome ao palácio.

Todas as janelas da rua estavam fechadas e encobertas pelas sombras da tarde, o que dava à casa de meu amado um aspecto hostil e abandonado. Logo percebi que ele não poderia estar lá, embora um grupo barulhento de homens caminhasse de um lado para o outro em frente à porta principal e quatro morteiros de bronze estivessem armados na *piazzale*, suas bocas apontando para uma fileira de lojas do lado oposto. Quando parei, hesitante entre falar com os guardas e simplesmente seguir em frente para o Vaticano, um deles afastou-se do grupo. Embora caminhasse em minha direção, eu obviamente não era o foco de sua atenção, pois ele não me viu, e até achei que precisaria me desviar para deixá-lo passar. Era um homem alto, de cabelos ondulados, com alguns fios ruivos, e um rosto no qual se sobressaía um nariz aquilino. Sua barba bem-cuidada encobria um queixo maldelineado. Estava

vestido de forma extravagante, calças almofadadas, mangas com aberturas e luvas com punhos adornados com joias. Quando me viu, seus olhos grandes e protuberantes abriram-se, e sua tez já pálida ficou lívida, como se ele tivesse visto um fantasma.

— Lucrezia?

— Meu nome é... — E, enquanto eu lutava para decidir que nome usar, percebi quem ele era. — Dom Gioffre — eu disse.

Ele pareceu desconfiado.

— Quem é você? — Sua mão direita no punho da espada.

— Sou uma amiga de seu irmão, dom Cesare.

Ele pestanejou ao olhar para mim, examinou meu vestido surrado, sobre o qual eu ainda usava o gibão de Beppo, embora mais como uma lembrança do que por necessidade, uma vez que o sol havia reaparecido. Examinou meus cabelos desalinhados e também Girolamo, embrulhado em meu xale sujo.

— Mais uma — observou ele aborrecido. — Eu me pergunto como ele tinha ainda energia para governar o Estado quando gastava tanto tempo fazendo bastardos para povoá-lo. Não me faça perder tempo, mulher.

Ele teria seguido em frente se eu não tivesse bloqueado seu caminho.

— Eu estou aqui por ordem da duquesa de Ferrara. Espere. Aqui. — Empurrei meu filho para seus braços e ele esperou, olhando-me admirado e equilibrando o bebê nos braços sem jeito enquanto eu procurava entre minhas anáguas a carta de recomendação de *madonna*. — Conhece o selo dela? — perguntei, enquanto pegava Girolamo de volta e lhe entregava a carta. Ele fez que sim, quebrou o selo e leu a carta.

— Então, o que aconteceu a você? — perguntou ele quando terminou.

— É uma longa história. Onde está Cesare?

— Ainda nos aposentos dele no Vaticano. Violante... posso chamá-la assim? — Ele tocou meu braço com as pontas dos dedos

enluvados. — Ele ainda está gravemente enfermo. Eu não tenho certeza de que venha a sobreviver.

— Leve-me a ele. Sou uma boa enfermeira. Ele sabe disso. Ele acreditará que eu posso curá-lo.

— Por quê?

Contei a dom Gioffre sobre a febre de dona Lucrezia no verão anterior e o que *ser* Torella dissera sobre mim. Ele pensou por um momento e depois disse:

— Minha irmã diz na carta que você tem família em Roma.

— Tenho.

— Então vá procurá-los e passe a noite lá. Vou dizer a Cesare que você está aqui e mando buscá-la pela manhã. Ele não pode receber nenhuma notícia inesperada. Não está muito forte. Vou mandar um dos meus soldados acompanhá-la, então saberei onde vai ficar.

Embora o dia seguinte parecesse extremamente distante e embora nada que eu tivesse escutado de dom Gioffre me levasse a crer que ele fosse confiável, o que disse fazia sentido. Sua preocupação com o irmão era genuína, mesmo que fosse somente por medo do que lhe aconteceria caso Cesare morresse. E ele não estava morto. Tudo ainda era possível. Eu o veria no dia seguinte. Ele ficaria curado. Garantiria a eleição de um rosto amigo para a cátedra de São Pedro, e todos nós despertaríamos do pesadelo.

Dom Gioffre me arranjou uma mula e fez um degrau com as próprias mãos para que eu montasse no animal. Quando seus soldados seguraram as rédeas e saíram me conduzindo, ele gritou para mim:

— Minha irmã é uma raposa astuta, sabe? Nunca a subestime. — Eu mal consegui escutar o que ele dizia. Minha mente estava tomada por Cesare e pelo dia seguinte.

— Para onde quer ir? — perguntou minha escolta quando dobramos na Praça de São Pedro. Olhei para o Santa Maria in Portico, que parecia destruído e abandonado, as venezianas empenadas pela ação do sol, a porta da frente sem o porteiro, que sempre estivera ali, supervisionando nossas idas e vindas com total

indiferença. Então, quando lancei meu olhar para o Vaticano, algo reluziu no canto de meu olho, o brilho plano e azulado de vidro quebrado refletindo o céu da tarde de verão. E, no lugar dos muros do palácio, as janelas fechadas e o quarteado vermelho e dourado dos guardas de Cesare, vi uma plataforma de madeira decorada com bandeirolas, lotada de cortesãos em toda sua elegância. No centro, encontrava-se o antigo papa, e eu podia jurar que o ouvira rindo, e seu riso não soava como se viesse de além-túmulo.

Um pouco à sua direita, uma moça de *camorra* verde-esmeralda lutava contra o assédio de um belo homem, cujos dedos apertavam suas coxas enquanto a prendiam na cadeira, deixando-lhe marcas que demorariam semanas para desaparecer. Mas, na verdade, eu não a havia notado até que ela escapou das garras do homem e fugiu, gritando, na direção da basílica. Mesmo então eu não conseguia vê-la claramente. Eu havia perdido minhas lentes de aumento. Elas haviam caído enquanto eu corria e foram pisoteadas na lama por meus adversários. Eu não via que ela era minha irmã; não via as contusões deixadas nela por Valentino.

— Senhora? — dizia o soldado de dom Gioffre. — Para onde?

— Pode me deixar. Eu tenho a mula; consigo ir sozinha.

— Dom Gioffre quer a mula de volta — disse o homem com ar de dúvida.

— Eu mando devolver. Por favor, deixe-me ir; não vai haver perigo, e saberão que eu cheguei bem a meu destino pelo retorno da mula. Diga a dom Gioffre que eu não quis que me acompanhasse. Tenho certeza de que ele já tem preocupação demais para perder tempo com raiva de mim. — Ele pareceu me dar razão e voltou para San Clemente. Pela postura de seus ombros, vi que ele estava aliviado de se ver livre de mim, como eu, de me ver livre dele.

Até hoje, não sei ao certo o que ocorreu comigo naquela tarde na Praça de São Pedro. Ao olhar para trás, sou inclinada a pensar que foi simplesmente uma peça pregada por uma mente exausta da viagem e da doença. Naquela época, contudo, a lembrança de reconhecer Eli correndo com os outros judeus, procurando na lama

seus óculos quebrados, aquela estranha sensação de ser ele em vez de mim mesma, parecia estar me dizendo para ir para casa, como eu de fato estava indo, com meu filho e uma mula. Naquela noite, eu me sentaria à mesa de meu pai. Tomaria um banho, trocava de roupa e acenderia as velas como se nunca tivesse ido embora. Minha família me abraçaria e me chamaria de Esther, e eu me deitaria em minha velha cama e acalantara meu filho com histórias de todos os meus nomes até ele dormir.

Libertando-me do delírio provocado pela conversa com dom Gioffre, montei escarranchada na mula e segui num bom trote. Há dentro de mim um relógio que toca um sino em meu cérebro cerca de uma hora antes do poente. É um hábito judeu, uma necessidade de estar dentro de casa antes do aparecimento da primeira estrela no céu, que sinaliza o início do Shabbat. Alguns homens me pararam na ponte Sant'Angelo, mas me deixaram passar depois que mostrei o selo de dona Lucrezia, e dali em diante minha breve viagem foi tranquila. Passei por algumas pessoas na rua, mas elas seguiam apressadas, absortas em seus pensamentos, ombros curvados e olhos fixos no chão à frente de seus pés.

Os embaixadores e *avvisi* escrevem em termos apocalípticos sobre a desintegração da sociedade sempre que há manifestações contra o preço do pão, ou há um número maior de mortos pela peste do que o do ano anterior, ou ainda quando sofremos uma ameaça turca. Mas isso, eu pensei, à medida que as sombras azuis se estendiam sobre o Tibre e os cascos de minha mula ressoavam com pequenos ecos agudos nas paredes das lojas e das casas, era como tudo verdadeiramente se revelava, nessa fragmentação, cada homem recolhido a sua própria concha, olhando menos de um palmo à frente para o futuro.

O bairro judeu parecia mais miserável do que eu me recordava, as ruas mais sórdidas, os cães mais magros. Notei pessoas me olhando, e me iludia pensando que eu estava tão bem quanto o arreio vermelho de couro de minha mula. Desde que eu mantivesse meu olhar à frente, desde que minhas mãos ressecadas e unhas quebradas estivessem fora da minha linha de visão, desde que eu

evitasse pensar nos buracos em meus sapatos e na bacia esgarçada de minha saia... Precisei desviar de um prédio desmoronado, que havia bloqueado completamente a Via di Sant'Ambrogio. Quando desmonei e bati à porta da frente da casa de meu pai, já estava escurecendo, e as estrelas brilhavam intensamente na ruela de onde se avistava um céu púrpura entre os telhados.

O portão tinha um ar de abandono. A madeira estava lascada em várias partes, quase como se um machado tivesse sido usado, embora sem muito vigor. A *mezuzá* que minha mãe e eu havíamos trazido de Toledo ainda estava presa à ombreira da porta, mas num ângulo estranho e oscilando com a brisa que soprava com o pôr do sol. Estendi o braço para ajeitá-la, embora não conseguisse ver direito o que eu estava fazendo. Parecia não haver nenhuma lâmpada acesa no pátio. Bati pela segunda vez e ouvi então o som de passadas suaves sobre o piso do pátio e o rangido de dobradiças sem lubrificação, ruído que fez a mula se agitar e, incomodada, abanar as orelhas, enquanto o postigo era aberto.

— Desculpe — disse uma senhora idosa —, não consigo levantar a trave; está muito torta. Vai ter que entrar por esta porta.

— Mariam! — Ela estava mais encurvada do que quando a deixei, mais gorda também, e a luz de sua tocha revelava rugas e dobras da pele implacáveis em torno dos olhos e da boca. Pela segunda vez naquele dia, eu me defrontava com alguém que parecia ter visto um fantasma. — Mariam, não está me reconhecendo? Eu sou Esther. — Minha voz era fina e persuasiva, como a de uma criança queixosa.

— Você não pode ficar aqui — disse ela, olhando para trás.

— O quê?

Antes que ela pudesse se explicar, ouvi a voz de Eli do outro lado do pátio.

— Quem é, Mariam? — A voz dele soava cheia de medo e resignação, como se tivesse muitos convidados noturnos, mas nenhum deles fosse bem-vindo. Onde estava meu pai? Mariam pareceu confusa, e não conseguiu responder. Passei por ela em

direção ao nosso pátio, carregando meu bebê adormecido no colo como um escudo.

— Meu Deus! — exclamou Eli, e logo fez uma oração pedindo perdão ao Senhor por chamar Seu nome. — Eu estou atônito com sua coragem de vir aqui.

— O que está querendo dizer? Onde está papai? — É possível que a recepção de Maria na hospedaria em Belém tivesse sido mais calorosa do que aquela.

— Como se você não soubesse — explodiu Eli. Seus cachos tremiam sobre as orelhas, sua boca, uma abertura raivosa entre os pelos negros e anelados de sua barba. Cachos sobre as orelhas? Quando ele teria começado a usá-los? Papai sempre mantinha a barba e as suíças bem aparadas.

— Eu não sei — eu disse. Minha voz tremia. A frieza e a súbita raiva de Eli me assustaram.

— *Ser* Eli, talvez... — começou Mariam.

— Você está proibida de falar. E o que está fazendo fora das acomodações das mulheres?

Acomodações das mulheres? O que estava havendo ali?

— Não tinha ninguém mais para atender à porta.

— Teria sido melhor não ter atendido.

Com um suspiro de exasperação, Mariam seguiu em direção à cozinha, mas a maneira de portar os ombros não era em nada aquiescente.

— Eli, o que está havendo aqui? Chame meu pai. Ele não vai gritar comigo dessa forma.

— Nosso pai está morto, Esther. Você vai fingir que não sabia?

O chão sob meus pés parecia balançar como o convés de um navio. Cambaleei, ou talvez tenha sido apenas minha imaginação, porque ninguém estendeu a mão para me aparar. Tentei dar um passo em direção a Eli, mas ele levantou o braço à frente do rosto como se quisesse se proteger de mim.

— Eu não sabia — sussurrei, inclinando-me para beijar a cabeça do meu filho, sentindo-me confortada somente pelo calor de sua pele sob a touca. — Quando? Como isso aconteceu?

— Olhe à sua volta. — Eli abriu um dos braços. Olhei ao meu redor. A fonte, eu agora via, estava obstruída, com tijolos quebrados na base, parecendo ter sido destruída por pauladas de uma grande criança raivosa. Muitos dos ladrilhos do pátio estavam rachados ou estilhaçados. Argolas haviam sido arrancadas das paredes, quebrando pedaços do reboco. A glicínia em torno da porta de entrada, que fora o grande orgulho de meu pai, embora ainda viva, encontrava-se caída no chão, as treliças quebradas aparecendo entre as folhagens e os galhos retorcidos. — Isto é obra do seu amante — disse Eli, emitindo a palavra “amante” com extremo desprezo. — Roma inteira sabe disso, e Roma inteira sabe por quê. E você tem o desplante de vir até aqui, fingindo inocência, procurando nosso pai. Você me causa asco. — O olhar dele se dirigiu ao bebê em meus braços, seus olhos por trás das lentes duros como pedras. — Filho dele, eu suponho. Ah, não tente negar. Eu vi você, sabe, sentada com a mão dele sobre seu joelho. Não preciso de meus óculos para tudo.

Tive a impressão de que outros olhos me espiavam de dentro da casa, movendo-se nas venezianas entreabertas, brilhando nas sombras em arco da colunata. Senti-me insignificante, malvestida e tola. O que eu podia dizer? Que eu tinha um filho de meu amante, mas não tinha sua confiança? Fiquei em silêncio.

— Agora, saia. Vá procurá-lo. Compartilhe o destino dele, se lhe resta o mínimo de lealdade. Que o Juiz dos Homens tenha piedade de você, porque eu não posso ter. Não tenho mais irmã. — Ele me deu as costas e foi engolido pela escuridão que aumentava na varanda, seu hábito escuro prendendo-se num galho retorcido da glicínia quando ele entrou e bateu a porta na minha cara. Sem saber o que fazer em seguida, fiquei onde estava. Apesar da recomendação de dom Gioffre, achei que deveria ir para o Vaticano. Eu não tinha outro lugar. Dona Adriana talvez me recebesse, mas o palácio de Santa Maria parecia estar vazio quando passei por ele

mais cedo naquele dia. Além disso, dona Adriana era casada com um Orsini e provavelmente considerava mais sensato arriscar sua sorte com eles em vez de com seus parentes Borgia, uma vez que Alexandre estava morto e Cesare, gravemente enfermo. Eu teria de procurar Cesare, não importava o risco. Ele não poderia rejeitar Girolamo agora. Precisava de um filho. Se viesse a morrer, de que lhe adiantaria uma filha na França? Não tardaria a anoitecer. Eu precisava me apressar.

— Srta. Esther.

— Mariam? — Eu me vi falando num sussurro também, forçando a vista para ver onde Mariam estava escondida.

— Por aqui. Para as cozinhas.

Ao me aproximar do arco no muro do pátio que conduzia até as cozinhas por trás da casa, uma mão agarrou meu braço.

— Rápido — disse Mariam. — Venha para o meu quarto. Ninguém terá ideia de procurar a senhorita lá. — Percebi a verdade da situação com certa vergonha; eu nunca fora ao quarto de Mariam, não sabia nem como nem onde, nas dependências por trás da casa principal, ela vivia. Decidi melhorar sua situação quando Cesare se recuperasse, tudo voltasse ao normal, e ele nos estabelecesse, a Girolamo e a mim, em nossa própria casa em Roma.

Mariam quase me arrastava, tropeçando por caminhos escuros e desconhecidos, sob um lintel tão baixo que até eu tive de me abaixar para evitar bater com a cabeça. Enquanto ela se ocupava em acender uma lamparina, fiquei escutando o ressoar de meu sangue nos ouvidos e o confortável canto de galinhas por perto. Um pavio flamejou, e a luz cálida de uma lamparina iluminou um quarto simples. O chão de terra batida era coberto com um tapete claro feito de trapos. Bancos resistentes, bem-polidos, encontravam-se ao redor da lareira, e uma cômoda, grosseiramente pintada com uma cena campestre de pastores e pastoras, transformava-se numa mesa no centro do quarto.

— A senhorita pode dormir na minha cama hoje — disse Mariam, colocando a lamparina sobre a cômoda. — Parece morta de cansaço.

— Caminhei uma boa parte da viagem.

— De Ferrara?

— Meu cavalo foi roubado, então...

— Shhh. Sente-se aqui. — Ela pegou um cotoco de vela num prato de ferro e acendeu-o na lamparina. — Vou até a cozinha pegar água quente e comida. Se alguém se aproximar, sobre a chama e tente não respirar.

— Eu vou embora. Não quero trazer problemas para você. Eu tenho uma mula. Consigo chegar no Vaticano num instante.

— E o que pensa que vai achar lá? Não vai a lugar nenhum enquanto não tomar um banho, jantar e tiver uma boa noite de sono. Seu irmão devia ter vergonha dele próprio. Ele se diz um judeu íntegro e não abre a casa dele para a própria irmã quando ela mais precisa. Seus pais se revirariam na cova.

— Mariam, o que aconteceu aqui?

Entendendo que minha necessidade de saber era maior do que minha vontade de comer e descansar, ela sentou-se diante de mim, colocando a vela no chão ao lado de seu banco.

— Na primavera passada, o papa cobrou novos tributos dos judeus. O dinheiro deveria ser usado para a construção de um novo poço público. Como a senhorita sabe, o único que temos é aquele da Piazza Giudecca, e quase secou no verão passado. Mas logo descobrimos que o dinheiro era para pagar tropas para seu... para o duque Valentino. Então muitas pessoas se recusaram a pagar. Os espancamentos dos judeus aumentaram. Grupos de rapazes grosseiros ficavam em torno da sinagoga aos sábados, gritando e nos empurrando. Ninguém, na verdade, disse que eles eram homens do duque, mas todo mundo sabia disso. Seu pai combinou um encontro com o papa para ver se resolvia o problema. Eu não sei o que aconteceu, mas ele voltou para casa inflando de ódio como um sapo raivoso, e, naquela noite, o duque ordenou ataques às casas das famílias judias importantes. Eles roubaram dinheiro e joias, até mesmo nossas menorás. Quando entraram aqui, seu pai tentou conversar com eles, mas um dos homens bateu nele com o cabo da

lança. Ele morreu três dias depois. — Mariam inclinou-se para dar uma batidinha no meu joelho, para me reconfortar, embora eu não sentisse tristeza, não naquele momento, apenas uma fúria que parecia transformar meus órgãos vitais em gelo, um a um, duro e cortante. — Ele nunca recobrou a consciência. Sofreu muito pouco, graças sejam dadas. O papa enviou uma mensagem de pêsames e prometeu a Eli que o duque daria aos agressores o castigo merecido.

Ah, ele é bom em castigos adequados, pensei. Mariam esperou que eu dissesse alguma coisa, mas o que eu tinha a dizer não era a ela. Com um pigarro de constrangimento, ela levantou-se, apanhou a vela e foi para a cozinha à procura de comida e água quente.

Cedi à bondade dela e deixei que tirasse minhas roupas sujas da viagem e passasse água morna suavemente com uma esponja em meus ombros, enquanto eu, sentada numa pequena bacia de lavar roupa, curvava-me diante da lareira. Ela suspirou quando viu meus mamilos feridos e procurou um unguento ou alguma outra coisa entre suas mezinhas. Enquanto eu me enxugava, ela descosturou o restante do ouro de dona Lucrezia de meu corpete e empilhou as moedas cuidadosamente em cima da cômoda antes de jogar toda a minha roupa velha na lareira, até o gibão de Beppo, embora o enchimento de lã ameaçasse abafar as chamas. Então ela me deu roupa íntima e um vestido que eu reconhecia.

— Este é um dos meus antigos vestidos — exclamei. — Não vai dar em mim mesmo.

Mas deu, vestiu razoavelmente bem, embora estivesse um pouco curto no comprimento e apertado no corpete, e então percebi como havia se passado tão pouco tempo desde que eu partira.

— Você guardou todas as minhas roupas? — perguntei, enquanto Mariam punha em meu colo um prato de alcachofras fritas no óleo e alho.

— Nunca se sabe quando as coisas vão ser úteis. Agora coma enquanto eu tomo conta do bebê.

As alcachofras eram uma das especialidades de Mariam, mas tinham um sabor amargo e metálico, como se tivessem sido

deixadas tempo demais na frigideira, e a viscosidade do óleo me deu náuseas. Minha pele aquecera-se com o banho, mas meu sangue ainda estava frio, as lágrimas por meu pai, congeladas. Coloquei a comida de lado e tentei me distrair com meu filho deleitando-se na água morna, mexendo os braços e pernas fortes e dando gritinhos de alegria enquanto Mariam jogava água na barriga dele e lhe fazia cócegas com a ponta do paninho usado para o banho. Para uma mulher sem filhos, ela demonstrava grande segurança com ele. Desde que eu a conheci, quando fui entregue aos seus cuidados pela Sra. Abravanel no fim de nossa viagem de Toledo, Mariam já era velha, e a única família que tinha era a nossa. Talvez Eli e Josefa já tivessem filhos. Pensei em perguntar a ela, depois decidi que não queria saber. De qualquer forma, não importava. Mariam secou Girolamo, depois o colocou sobre o tapete e começou a passar gordura de ganso nas coxinhas e no bumbum dele para aliviar a pele irritada.

— Não foi circuncidado, então — observou ela com uma leve contração dos lábios.

— Nem o pai dele — repliquei e vi como ela estava prestes a dizer mais alguma coisa, e como algo em minha expressão a impediu. Perguntava-me se ela jamais teria estado com um homem, ou mesmo visto um homem adulto nu, e de repente me senti muito mais velha do que ela.

“Como eu sei pouco sobre você, Mariam.”

Ela deu de ombros.

— Não há nada demais para saber — disse ela, ao começar a enrolar Girolamo com panos limpos.

— Pode deixar. Ele gosta de brincar. — Lembrei-me de quando ele estava deitado sobre a manta no pomar de Taddeo, enquanto Angela e eu comíamos morangos e bebíamos vinho frascati. Percebi que não havia pensado em Angela nenhuma vez desde que havíamos deixado Medelana. Com um sentimento de culpa, tentei imaginar como ela deveria estar se sentindo, agora que não tinha a perspectiva de casar-se com Giulio; entretanto, qualquer outra emoção além da raiva que eu sentia por Cesare estava além do meu

alcance. Ela tomara conta de mim como uma refeição pesada em meu estômago, seu gosto em minha boca, suas cores nas sombras que oscilavam nas paredes de Mariam.

— Durante todo esse tempo, pensei muito pouco na honra da minha família, Mariam.

— Você obedeceu a seu pai. O que mais pode se esperar de uma moça? Se quer saber...

— Meu pai queria que eu servisse a dona Lucrezia e conseguisse um bom casamento. — Nós duas olhamos para o bebê, que sorriu, gorgolejou e estendeu os dedos longos como pétalas de um lírio abrindo-se ao sol.

— Ele sabe que é o centro das atenções.

— É. — Tal pai, tal filho. Eu o peguei no colo e o apertei contra mim, envolvendo-o no xale limpo que Mariam me dera. Ele me fitou com aquele seu olhar fixo. *Madonna* dizia que os bebês olham assim porque nascem cegos, mas, mesmo que isso fosse verdade, Girolamo não estava cego naquele momento. Estava sedento de tudo o que o mundo tinha a lhe oferecer, quer isso frustrasse ou encantasse seus sentidos.

— Cuide do meu filho para mim, Mariam. Providencie a circuncisão. Ensine a Torá a ele. Faça dele um judeu. Fique com o ouro, que deve cobrir a maior parte dos gastos que tiver; eu não preciso disso. — Agora que eu sabia o que queria dizer a ela, as palavras saíam facilmente de minha boca.

— A senhorita sabe que eu não posso. Sabe que *ser* Eli proibiria terminantemente. Podem passar a noite aqui e ir embora antes do dia amanhecer. Isso é o máximo que posso fazer pelos dois, em memória de sua mãe.

— Por favor, Mariam. Eu é que sou repudiada por Eli, não Girolamo. Ele é um bebê. Você pode fazer dele o que quiser. Ele não tem que ser um Borgia. Pode ser um Sarfati, crescer com os filhos de Josefa, participar dos negócios de meus irmãos. Eu dei a ele o nome de meu pai, sabe.

— Acha que pode dar seu filho assim? — Mariam não levantou a voz, mas falou com um tom furioso, como um ganso raivoso. — Acha que sua pobre mãe trouxe a senhorita para cá, vinda de Toledo com o maior esforço, e morreu ao fazer isso para que agora ficasse dando seus filhos, como se eles crescessem em árvores? É Ele quem nos dá os filhos e somente Ele pode decidir tomar de volta. A senhorita vai para a cama com o filho do papa e acha que é maior do que o Todo-Poderoso?

— Eu só quero que ele esteja em segurança. — Eu parecia uma criança queixosa.

— Seguro? Não existe segurança neste mundo, mas, Esther...

— O quê?

— Existe o amor. Siga o amor.

— E o dever?

— Siga o amor. — Os olhos dela brilharam entre as rugas suaves de seu rosto, e suas mãos cobertas de manchas escuras puxavam a própria saia. Ela fazia aquilo parecer tão simples, mas e se o amor dilacerasse? Parecia que Mariam não tinha mais nada a dizer sobre o assunto. Ela me mandou ir para a cama, como fazia quando eu era criança, e acomodou meu filho entre meus braços. Tenho apenas a vaga lembrança de ela ter se deitado a meu lado, de o colchão ter afundado com seu peso. Meu sono foi profundo e sem sonhos, e, quando Mariam me acordou antes do amanhecer, nada estava mais claro do que antes. Eu parecia estar participando de uma corrida de revezamento, na qual os pais passavam aos filhos o sofrimento.

Enquanto eu amamentava Girolamo, Mariam preparou uma pequena bolsa com o que restara do pão da noite anterior, um frasco do unguento que ela me dera para os seios e, mais particularmente, o ouro de dona Lucrezia, contando as moedas com grande determinação. Então ela foi até a prateleira onde mantinha seus remédios caseiros e alguns galhos de erva seca e pegou o que parecia um livro. Um livro? Mariam?

— Eu guardei isso para você também — disse ela. A capa de couro estava manchada de sal e danificada; o que já podia ter sido um

marroquim vermelho tornara-se cor de ferrugem, pelo tempo e os maus-tratos.

— O que é isso?

— O livro de receitas de sua mãe. Estava entre as suas coisas quando chegou aqui. Não deve se lembrar. Nunca houve uma boa oportunidade de lhe entregar, mas agora que é uma mulher feita com a própria família, deve ficar com ele.

O livro parecia ao mesmo tempo estranho e familiar em minhas mãos, o couro tão cálido ao toque como a pele de meu amado. Quando soltei a tira de couro do fecho, ele se abriu, e umas folhas soltas caíram no chão, carregando com elas antigos odores de nossa cozinha em Toledo, de amêndoas fritas e óleo de laranja, de canela e cordeiro assado, e da preciosa baunilha, como um revestimento de seda para as narinas; aromas suaves e desidratados, semelhantes a flores prensadas. Sem saber o que Mariam esperava de mim, abaixei-me e apanhei as páginas soltas para esconder meu rosto. Lokum, eu li, *um doce feito com água de rosas pelos mouros de Al-Andalus. Acho que não há um nome espanhol para isso. Lokum.* No exílio, Cesare me ensinaria a fazer *lokum*, e nós seríamos felizes. Mariam me aconselhara a seguir o amor, e agora o amor me mostrava um sinal.

— Obrigada, Mariam. Você precisa saber que os homens de dom Gioffre Borgia podem vir a minha procura. Se vierem, diga a eles que estou indo para o Vaticano e que mandarei a mula para o San Clemente. — A mula. Eu me esquecera dela até então. Se tivesse sido colocada no estábulo ou deixada no pátio, Eli saberia que eu ainda estava ali. Talvez os homens de dom Gioffre já tivessem vindo à minha procura, e Eli os tivesse mandado embora. Não, claro que não; quase não havia claridade, nenhum sinal do dia ainda, apenas um tom pálido na janela de Mariam recoberta de papel encerado.

— Eu acho melhor esquecer a mula, Esther. Vou levar a senhorita até o portão dos fundos. Se alguém perguntar, diga que está indo para o mercado no Campo de' Fiori. Tem que ir cedo para encontrar os melhores legumes. — Mal ouvi o que ela disse, pois minha impaciência falava mais alto em minha cabeça. Meu pai estava

morto, e meus irmãos não se importavam comigo. Agora, por fim, eu era verdadeiramente Violante, a *conversa*, a moça sem nome de família a não ser o que o meu filho me dera. Borgia.



Uma névoa prateada pairava sobre o rio, da qual figuras de outros madrugadores, barqueiros e mendigos, mulheres encurvadas com grandes cestas cobertas, emergiam com o silêncio dos espectros. A névoa parecia abafar os sons e também impedir a visão. Tive de descer apressada para a barragem do rio para dar passagem a um grupo barulhento de caçadores, homens e mulheres jovens, em veludos brilhantes e chapéus de plumas, montados em cavalos ágeis, com falcões equilibrados nos pulsos. Achei ter reconhecido um dos rapazes, um primo dos Orsini que havia acompanhado dona Lucrezia a Ferrara, mas ele não pareceu ter me visto. A beira do rio era um mundo diferente, onde os indigentes que dormiam sob as pontes encontravam-se na lama como Adão à espera da mão do Criador. Uma fileira de homens algemados pelos pulsos e tornozelos, acorrentados uns aos outros pelo pescoço, de modo que as cabeças pareciam contas do colar de um ogro, retiniam a bordo de uma barcaça que seguia em direção a Óstia e às galés.

Porém, quando subi os degraus na extremidade oeste da Ponte de Sant'Angelo, um raio solar irregular começou a aparecer acima dos telhados e torres a leste. As gaivotas grassavam ao voar no céu acima da névoa, a parte inferior de suas asas captando o tom dourado do sol. Sorri para elas, meu coração tomado por uma súbita felicidade verde-mar, rosa-pérola e amarelo-claro. Pensei nas gaivotas circulando e passando perto das janelas altas das acomodações de Cesare no Vaticano, em seu pajem abrindo as venezianas para ter mais claridade ao barbeá-lo, e nos raios do sol nascente incidindo sobre sua barba avermelhada. Siga o amor. O amor é o que há de mais constante entre todas as coisas.

Uma multidão aglomerara-se na Praça de São Pedro. Não haveria nada de estranho nisso, se não fosse pela hora. Grupos de peregrinos e outros visitantes estrangeiros que vinham para ver o

palácio do soberano do cristianismo surgiam sempre mais tarde, após a missa, o café da manhã e a habitual negociação com os guias da cidade. Todas as cabeças estavam voltadas para o lado norte da praça, na direção da Porta del Popolo. Quando me juntei às pessoas, fui empurrada e conduzida adiante aos trancos.

— O que está acontecendo? — perguntei, sem poder ver nada, por ser baixa e haver muitos homens à minha frente.

— O duque está indo embora — disse um deles, olhando para trás. Indo embora? Como ele poderia? Dom Gioffre prometera que eu o veria naquele dia pela manhã. Alguma coisa devia ter acontecido, mas o que teria sido? Amarrando Girolamo mais firmemente em meu xale para ficar com os braços livres, forcei a passagem entre a multidão, ignorando aqueles que me empurravam e xingavam enquanto eu seguia na ponta dos pés e às cotoveladas. No momento em que me esquivei de um enorme piqueiro que usava o libré de Cesare e lutava para manter o caminho aberto para o cortejo de seu senhor, a massa humana atrás de mim de repente ficou quieta e em silêncio. Por um segundo, foi como se o mundo inteiro houvesse parado; eu tinha a impressão de que pássaros cairiam do céu, mil pequenos Ícaros despencando por aquele que havia verdadeiramente voado próximo demais ao sol.

Os sinos da basílica começaram, então, a tocar o Ângelus matinal, e o piqueiro se colocou em posição de sentido, enquanto um grupo de soldados montados deixou os portões do palácio num trote lento e com ar solene. Eles foram seguidos por oito homens que carregavam uma liteira fechada com cortinas de damasco vermelho, seguida por um cavalo de guerra de passo imponente, adornado com veludo preto e exibindo a pequena coroa ducal e outras insígnias numa almofada presa ao lombo do animal. Vi algumas pessoas benzerem-se e ouvi uma mulher começar a chorar atrás de mim.

Eu precisava saber. Ignorar era a pior coisa. O que se sabe pode ser enfrentado. Mais cedo ou mais tarde. Atravessei correndo o espaço vazio entre a multidão e a liteira. A distância parecia interminável; ao estender a mão em direção às cortinas de franjas

douradas, meu sangue latejou e pulsou em meus ouvidos como se eu tivesse percorrido toda a distância correndo, desde Ferrara. Por isso não ouvi os gritos, o ruído dos cascos dos cavalos, nem o som de uma espada sendo retirada da bainha. De repente, meus pés estavam no ar, com vários objetos pontiagudos espetando a lateral do meu corpo. E minhas narinas se encheram do odor de cavalos e de couro.

— Afaste-se dela, dom Gioffre! — gritou uma voz familiar.

— Michelotto? — Ele não podia ter me ouvido; mal consegui tomar fôlego para falar.

Alarmados, os homens que carregavam a liteira pararam, embora não a tivessem colocado no chão. Michelotto me pôs em pé gentilmente, enquanto a multidão exclamava admirada ao assistir ao show de acrobacias.

— Que diabo...? Ela estava... ela pode ter... — Dom Gioffre, ofegante, de rosto vermelho, a espada ainda em punho, refreou seu cavalo para que ficasse cara a cara com o de Michelotto e olhou para ele. Dom Gioffre era bem mais alto do que o seguidor fiel do irmão, e de posição superior, entretanto não havia dúvida de quem exercia o comando naquela situação.

— Ela é inofensiva — disse Michelotto, e dom Gioffre desviou o olhar. Ele embainhou a espada, puxou as rédeas, fez seu cavalo dar meia-volta e retornar para a coluna de onde havia saído. Michelotto sorriu para mim, exibindo uma fileira de dentes gastos e escuros. — A criança está bem?

Girolamo chorava bastante forte para me garantir que não sofrera nada. Fiz que sim.

— Obrigada. Cesare...? — Balancei Girolamo em meus braços para acalmá-lo, a fim de poder ouvir a resposta de Michelotto.

A cara de romã de Michelotto estava séria.

— Você ajudou dona Lucrezia. Vai ajudar dom Cesare.

— Michelotto, eu não sou... Ela teria ficado boa de qualquer jeito, eu suponho.

— Não é o que ele acha. Deixe que ele veja você. — Michelotto inclinou-se na sela e ergueu uma das cortinas. Sua ação parecia interminável, seus movimentos eram tão lentos quanto o do sol atravessando o céu, mas o momento em que eu pude espiar o interior escuro da liteira veio tão subitamente como o desaparecimento do sol na linha do horizonte.

O cheiro foi o que primeiro senti, uma mistura fétida de vômito, fezes e suor azedo. Um cachorro velho. Ele levava seu cão de caça cego com ele, como sempre. Era difícil acreditar que qualquer animal ou ser humano pudesse respirar numa atmosfera daquelas. Uma mão se estendeu no escuro e segurou meu xale, a pele tão emaciada que havia adquirido a cor dos ossos, e eu pensei que poderia ser a mão de um fantasma atormentado. Puxando-me para perto de si, para aquele espaço fechado e sombrio, de odor insuportável, ele sussurrou:

— Lucia. Você veio para me salvar. Como fez antes. Tudo vai ficar bem agora. — Então ele sofreu um acesso violento de vômitos e cuspes.

Vislumbrei seu rosto enquanto ele deitava a cabeça de volta nos travesseiros e sorria. Seu sorriso me aterrorizou. Eu não podia suportar o peso de sua confiança. Então percebi que o peso não era para ser carregado por mim.

— Quem é Lucia? — perguntei a Michelotto enquanto ele me escoltava para a parte traseira do cortejo, onde, ele disse, conseguiria um lugar para mim na carruagem.

— Ah, é só um nome. Ele fica confuso. Torella fez tantas sangrias nele que duvido que tenha sobrado sangue suficiente para manter sua mente ativa. Você conhece Cesare e... as mulheres. — Ele tinha um ar constrangido, que me deixou pouco à vontade.

— Michelotto, por que está sendo tão bom para mim assim de repente?

Ele fez um gesto com a cabeça em direção a Girolamo, então totalmente absorto nos raios de sol refletidos nos arreios e nas armas.

— Filho dele, meu filho — disse, e senti vontade de abraçá-lo; se Michelotto não duvidava da paternidade de Girolamo, então, com certeza, Cesare também não. — Aqui — continuou ele, aproximando-se com o cavalo de uma carruagem fechada, puxada por seis belos animais cinzentos. — Suba aqui.

Quando abri a porta, uma voz de mulher perguntou:

— O que está acontecendo? Por que paramos? — Era uma voz forte, quase tão grossa quanto a de um homem, a voz de quem está acostumada a receber respostas.

— Dom Cesare deseja que esta moça se junte à senhora, *monna* Vannozza, se puder fazer o favor.

— Se eu posso ou não fazer o favor, sem dúvida não importa para meu filho, uma vez que a moça já está entrando em minha carruagem. Será que a visita da morte não ensinou a ele nenhuma humildade?

— Eu preciso dar ordens para continuar, senhora. Dom Prospero Colonna não vai querer esperar para sempre. Meus cumprimentos, *monna* Violante. — Ele curvou-se e se afastou, gritando ordens enquanto prosseguíamos.

Então eu iria viajar com a mãe de meu amado, a temível Vannozza dei Cattanei, cuja força da ausência na vida em Santa Maria in Portico sempre parecera para mim mais forte do que teria sido sua presença. Que mãe simplesmente entrega a única filha aos cuidados de outra mulher e não toma parte em sua educação? Ela era uma visita assídua nas casas dos filhos, e eles, na dela, mas *monna* Vannozza nunca colocara os pés no Santa Maria enquanto eu vivi lá. Com esses pensamentos, não foi difícil para mim manter os olhos baixos e uma expressão adequadamente séria enquanto me encontrava diante dela.

— Oi, Violante! — Uma voz infantil, aguda e ofegante.

— Giovanni! — Apesar de eu nunca ter tido uma afeição especial pelo menino, virei-me e abracei o Infante Romano com tal paixão que quase o sufoquei.

— Ei — disse ele, afastando-se de mim e passando a mão na pena de seu chapéu. — Você quebrou a minha pena? Onde está Lucrezia?

— Sagrados Jesus, Maria e José — disse *monna* Vannoza. — Você é a judia. É verdade, então, o que dizem.

— Nasci judia, mas me converti, *madonna* — eu disse. Seu tom não era amigável, e eu me perguntava se ela era uma daquelas pessoas que desconfiavam dos *conversi*. Ela era conhecida como uma mulher piedosa.

— Lucrezia é madrinha dela, *nonna* — explicou Giovanni.

— Eu sei, querido — disse *monna* Vannoza, mas continuou a olhar para mim, como se não conseguisse desviar a vista. A carruagem deu partida, parou novamente, depois continuou numa marcha lenta. O rangido das rodas vibrava no chão; os murmúrios da multidão chegavam até nós abafados pelas cortinas, que permitiam a entrada de uma tênue claridade. — Olhe, Dorotea, olhe. Ela não é a cara da minha ilustre filha?

— Nunca tive a honra de conhecer a duquesa de Ferrara, *madonna*. — A voz era suave, fraca, um pouco hesitante, como se a fala fosse algo que sua dona raramente praticasse. Dorotea? Seria ela, então, a misteriosa Dorotea Caracciolo, a mulher que alegavam ter sido sequestrada por Cesare? Olhei de esguelha e percebi que ela fazia o mesmo, embora olhasse menos para mim do que para Girolamo, em quem seus olhos escuros e tristes recaíam com uma espécie de pia resignação. Ela transferiu o peso de um pacote que levava sobre o joelho esquerdo para o direito. Um choro veio do pacote. Um bebê. Ela levava um bebê.

— Bom, ela é, pode acreditar em mim. É estranho.

Achei que *monna* Vannoza se prolongava demais naquele assunto, mas talvez não conseguisse se lembrar da filha muito bem. A criança no colo de Dorotea começou a reclamar.

— Ela está com fome? — perguntou *monna* Vannoza.

— Espero que ela não comece a chorar de novo — disse Giovanni, bufando e cruzando os braços como um adulto irritado.

— Não devia estar. Ela mamou pouco antes de sairmos.

— Passe a neném para mim. — *Monna Vannoza* estendeu as mãos enluvadas e cheias de joias. Os anéis brilhavam em cada um de seus dedos, até nos polegares, e tinha três ou quatro pulseiras em cada pulso. Ela devia estar usando a maior parte de sua riqueza portátil. Dorotea lhe entregou a menina. Ela parecia ter quase a idade de Girolamo.

— Quantos meses ela tem? — Eu quis saber, já arrependida de ter feito a pergunta, esperando parecer meramente amigável.

Dorotea sorriu. Tinha uma linda boca, os lábios cheios e bem-delineados, de um rosa-escuro similar ao de uma azeitona em novembro.

— Ela nasceu logo depois da Páscoa. — Não mais do que seis semanas antes de Girolamo. Senti o ciúme se alojar por trás de minhas costelas como um ícubo e esperei que não azedasse meu leite.

— E o seu filho? — perguntou *monna Vannoza*.

— Em maio, *madonna*. — *Monna Vannoza* parecia estar orgulhosa; Dorotea desviou o olhar de mim para a cabeça da filha, e achei ter visto um leve rubor em seu rosto alvo como o de uma santa. Fiquei me perguntando se ele a tinha mantido dentro de casa durante esses dois anos, como um brinquedo guardado no armário que ele pegava quando quisesse. A pele dela parecia fina demais para ser exposta ao vento e ao sol. Pelo menos aquela não fora minha sina. Senti-me melhor. Então me senti como uma camponesa e escondi as mãos nos lençóis de Girolamo; fiquei satisfeita por meus cabelos estarem soltos para poder deixá-los cair em torno de meu rosto de pele irritada.

— É um menino ou uma menina?

— Um menino, senhora.

— Excelente!

— Ótimo — disse Giovanni. — Ele pode ser meu amigo. Tem só Camilla, e ela é uma menina. Onde está seu marido, Violante? Ele também morreu da febre, como meu papai?

Senti os olhos das duas mulheres sobre mim e vi que estavam esperando para ouvir o que eu tinha a dizer. Se, até então, Dorotea não sabia quem era o pai de Girolamo, ela ficou sabendo.

— Ele esteve muito doente, querido, mas está melhorando agora.

— Ótimo. Você é boazinha. Cesare sempre disse que você era a mais engraçada das moças de Lucrezia. Ele disse que você sabia contar piadas em grego.

— Só uma, e não era minha; foi algo de Aristófanes que tive que memorizar quando era criança. Imagino que dom Cesare tenha captado o sentido rapidamente. — Olhei, então, para Dorotea para ver como ela recebera a observação de Giovanni. Ela se ocupou ajeitando a filha no colo de *monna* Vannoza e pareceu não tê-lo escutado. Meu olhar não cruzou com o dela, e sim com o de *monna* Vannoza e, por um segundo, os olhos de Cesare me encararam, semicerrados e escuros, inteligentes e perspicazes.

— As meninas geralmente não aprendem grego, não é? — comentou Giovanni.

— Bom, na verdade, eu só assistia às aulas dos meus irmãos. — Pensei no pequeno instrutor, de olhos ardentes e marcas da tuberculose no rosto, que teria ficado decepcionado se viesse a saber que tudo o que ele me ensinara se reduzira a ser capaz de flertar numa língua morta.

— Aposto que Dorotea não sabe falar grego. — Giovanni fez com que essa deficiência na educação dela soasse imperdoável. Peguei a mão dele e a apertei.

— Honestamente! — exclamou *monna* Vannoza. — Você é precoce demais, menino, fique calado.

— Desculpe, *nonna*. — Ele parecia contrito, mas, quando viu que *monna* Vannoza não estava olhando, piscou para mim. Eu me perguntava quantos anos ele tinha. Seis, talvez? Sete?

Chegamos rapidamente a Porta del Popolo, considerando a multidão que enchia as ruas estreitas e o tamanho de nosso grupo, com soldados montados e a pé, as carroças de bagagens, os comboios de mulas e, sem sombra de dúvida, as jaulas especiais, de

rodas, nas quais Cesare transportava seus leopardos para as caçadas. Ali paramos, supostamente para encontrar dom Prospero, que, segundo explicou *monna* Vannoza, fora proibido de entrar na cidade por ser o chefe de uma tropa da infantaria espanhola. Ela também me informou que dom Prospero pusera à disposição de Cesare, para auxiliá-lo em sua recuperação, a vila de Tivoli, que era para onde nos dirigíamos naquele momento.

Enquanto ela me explicava isso, a porta da carruagem foi aberta, e o rosto de dom Gioffre apareceu, o diamante em seu gorro cintilando fortemente ao sol do meio-dia.

— Você vem comigo — disse ele, apontando o queixo para Dorotea. Confusa, ela franziu o cenho, mas virou-se sem questionar para pegar a filha dos braços de *monna* Vannoza. Depois de dois anos com Cesare, suponho que ela estivesse acostumada a ordens misteriosas e súbitas mudanças de planos; embora tudo que Cesare realizasse fizesse sentido para ele, ele se esforçava para que não fizesse sentido para ninguém mais. — Sem a criança — disse dom Gioffre. Sua voz era mais ríspida do que a do irmão, e não tão bem-disciplinada. Dom Gioffre, eu concluíra, era um homem preguiçoso.

— Mas...? — Os elegantes dedos brancos de Dorotea tensionaram-se em torno da filha. As mãos cobertas de joias de *monna* Vannoza fizeram o mesmo. Num Julgamento de Salomão, não haveria dúvidas de qual mãe sairia vencedora; o amparo de uma força superior pode transformar qualquer inverdade numa causa justa.

— A criança será muito bem-cuidada pela minha ilustre mãe e pela ama de leite. Seu marido quer você, mulher, tolo apaixonado que é. Mas ele certamente não quer nenhuma lembrança de sua visita ao duque. Não se preocupe, tenho certeza de que ele fará muitos outros filhos com você, se ainda restar tinta na pena dele. — Dom Gioffre e a mãe trocaram sorrisos maliciosos idênticos. Lágrimas encheram os olhos incrédulos de Dorotea; ela pestanejou, e as lágrimas escorreram pelos cantos de sua linda boca. Agarrei Girolamo com tanta força que ele começou a se contorcer e chorar, e agradei ao meu Criador por me fazer teimosa e manipuladora, e por

dar consciência a dona Lucrezia. Eles não poderiam fazer isso comigo. Girolamo não tinha ama de leite.

— Vamos, mova-se, Dotti — disse rispidamente dom Gioffre. — Há muitos homens de Veneza esperando por você, e eles parecem não estar muito à vontade ao lado de meu irmão. — Ele deu uma gargalhada. — Creio que acham que ele ressuscitou dos mortos.

— Gioffre! — *Monna Vannoza* soltou uma das mãos que seguravam Camilla e se benzeu. Quando Cesare era um bebê, dizia-se, ela posara com ele para uma escultura da Madona e a Criança, porém, proibiu a exibição da estátua por achar que fosse um sacrilégio. Ao evocar isso, senti certa pena dela, tentando apaziguar qualquer sorte maligna que houvesse colocado seu filho na sombra da morte.

Dorotea hesitou. Suas mãos tremiam, seus olhos volviam-se como se não conseguisse fixar a vista na filha. A menina, talvez influenciada pelo estado de espírito da mãe ou pela irritação de meu filho, começou a chorar. Com o urro de um animal, Dorotea pulou para fora da carruagem e se lançou contra dom Gioffre como se quisesse derrubá-lo, mas, apesar de alta, não era uma mulher forte. Dom Gioffre, pego de surpresa, se desequilibrou um pouco, porém logo se recompôs e segurou Dorotea pelos pulsos. Ela lutou contra ele e pensei que quebraria os punhos, mas de repente todo o espírito de luta a abandonou e ela se entregou, a cabeça baixa e os joelhos dobrados, mantida em pé somente pela força das mãos de dom Gioffre.

— Muito bem — disse ele —, assim é melhor. Vamos. — Ele a virou em direção à frente do cortejo e a levou dali, a palma de uma das mãos dele nas costas dela. Os pés finos de Dorotea se arrastavam e tropeçavam no chão de terra.

Curvei-me para beijar a cabeça de meu filho. Nunca, meu coração disse a ele, nunca ninguém jamais nos fará uma coisa dessas.



— Vou falar com você em latim — disse *monna* Vannoza. Giovanni, aborrecido e mal-humorado, fora mandado para cima para sentar-se ao lado do cocheiro, e a ama de Camilla tomou o lugar dele na carruagem. Eu me perguntava o que *monna* Vannoza tinha para me dizer que não deveria ser entendido pela ama e se, na verdade, eu a entenderia, uma vez que tinha pouca prática no latim falado.

— Vamos procurar nos entender. Como é a mãe do meu neto, eu vou tolerar você. A criança não pode ser culpada pelo que quer que você e minha filha tenham tramado para ter este filho, então pode ficar e cuidar dele até que planos melhores sejam feitos. — Ela fez uma pausa; sua boca era uma linha contraída de desagrado, as mãos cruzadas no colo. Suas joias reluziam de vez em quando à medida que os raios do sol contornavam as venezianas. Achei que a havia entendido mal, pois não tinha ideia do que ela estava falando.

— Sim, senhora.

— Mas não espere ganhar as minhas boas graças.

— Não, senhora.

— Sim, senhora, não, senhora. Fingir inocência não me convence, mocinha.

Aquele ataque injustificável estava me deixando com raiva.

— Senhora, perdoe-me, mas não tenho ideia do que está falando. Espero ter servido bem e com lealdade a sua ilustre filha, e estou... Eu amo muito o duque e desejo a recuperação dele. Estou aqui somente porque ele mandou me chamar, como Michelotto pode atestar. — A menção de Michelotto pareceu lhe fazer pensar; quaisquer que fossem os defeitos dele, sua dedicação a seu mestre era inquestionável. Se eu tinha o apoio dele, eu não podia ser de todo má.

— Talvez você ame meu filho. Talvez, afinal, Lucrezia tenha enganado você também, mas é complicado e acho que meu latim não é suficiente para explicar. — Ela virou-se para a ama. — Você aí, moça, tape os ouvidos. Se repetir uma palavra do que eu disser a

monna Violante aqui, fique certa de que ficarei sabendo e contarei ao duque, e ele mandará arrancar sua língua. Está claro?

A moça fez que sim. Eu me perguntava se ela também se lembrava do destino do homem que havia espalhado a informação da carta de Savelli.

— Muito bem. — *Monna Vannoza* se acomodou no lugar como se fosse narrar um conto de fadas. A história que ela me contou era estranha e, como todos os bons contos, começava com um castelo. — Todos os meus filhos, quer dizer, os filhos que dei a Rodrigo, nasceram no castelo dele de Subiaco, no topo do monte. A ambição dele fez com que fosse algo discreto na ocasião, sabe? Os filhos nasceriam no campo e só seriam trazidos para Roma quando ele pudesse fazê-los passar por seus sobrinhos ou protegidos. Desde então a casa foi reformada, mas naquela época era um castelo propriamente dito, com torres altas e ameias. Não tinha esses muros espessos e feios como os de hoje em dia, feitos para resistir a tiros de canhão.

“A tarde em que entrei em trabalho de parto para ter Cesare estava maravilhosa, exatamente o que se espera em meados de setembro, o sol dourado, as uvas amadurecendo, a segunda colheita de feno recém-terminada. Mas, à noite, o demônio se manifestou em Subiaco. Pela manhã, o chão estava coberto de geada. Mesmo durante meu trabalho de parto, eu senti um frio que gelava meu suor e as mãos da parteira quando ela me examinou para ver como eu estava indo. Quando Cesare nasceu, ela cortou o cordão e soprou o rosto dele para que chorasse, e naquele momento eu soube, da maneira que uma mãe sabe, que com aquele choro ele tinha inspirado o gelo do demônio. Eu o via depositado em seus pulmões, secando como secava as uvas nas vinhas. Imaginei ouvir o som dos pedaços de gelo no ar quando ele respirava. Ele mamava pouco, os lábios e as unhas eram azulados, a pele úmida como um túmulo. A própria parteira o batizou, porque achamos que ele não sobreviveria. É por isso que ele recebeu o nome de Cesare, sabe, e não um dos nomes dos Borgia, Juan, Pedro Luis ou Rodrigo. Era como se chamava o irmão da parteira.

“Mas subestimamos a teimosia dele. Ele sobreviveu. Juan nasceu e logo ficou maior do que o irmão. Rodrigo tratava os dois da mesma maneira, deu a eles espadas, pôneis e pequenas armaduras, mas Cesare não tinha vigor físico para montar e aprender a destreza dos cavaleiros, embora desse para ver como ele invejava Juan com todas as forças quando o irmão se exibia em seu pônei ou usando a espada. Mas ele tinha o tipo de mente que era determinada a aprender. Aprendeu a ler muito jovem, e era grande observador e ouvinte. Uma vez ele me disse que o que mais se lembrava daquela época era de estar deitado numa cama armada para ele no jardim da casa de meu marido e de ouvir uma barata atravessando o terraço e o gato correndo atrás dela. Ele era uma criança extraordinária.

“Quando Lucrezia nasceu, ele tinha 5 anos. Rodrigo ficou tão feliz de ter uma filha que insistiu em levar os dois meninos para Subiaco para conhecer a irmã. Eu não queria que Cesare fosse. Tinha maus pressentimentos quanto a isso. Achava que a viagem o mataria. Lá estava eu, de cama e com um bebê novo no berço ao meu lado. Juan entrou no quarto saltitando e pulou em cima de mim, cobrindo-me de beijos, contando como ele tinha aprendido a fazer seu pônei saltar e que papai tinha prometido a ele um falcão de aniversário. Nem vi Rodrigo, que trazia Cesare no colo, colocar o menino no chão ao lado do berço e dizer ‘olhe, aqui está sua irmãzinha’. Mas eu me lembro do que aconteceu depois a cada nova respiração.

“Cesare olhou para dentro do berço, e ela olhou de volta para ele. Ela não pestanejava, olhava fixo para o irmão, os olhos dela antigos como a eternidade. Então Cesare disse em alto e bom som, sem ofegar, sem um único pigarro: ‘Isso muda tudo.’ Isso muda tudo. Que tipo de coisa é essa para um menino de 5 anos de idade dizer, mesmo um menino como Cesare? Aquilo me deu arrepios. Juan parou de falar, e até Rodrigo parecia um pouco hesitante. Foi então que eu soube. Eles haviam levado meu bebê e colocado um ente sobrenatural em seu lugar.

“Tentei dizer isso a Rodrigo, mas ele deu uma batidinha na minha mão e me deu um anel de diamante. Mães novas estavam sujeitas a

se deixar levar pela imaginação, ele disse, e mandou a parteira me dar alguma coisa para reduzir meu ventre e secar meu leite. 'Vamos fazer você voltar ao normal', ele disse, com um brilho inconfundível nos olhos. O tempo passou, e eu aprendi a guardar as minhas suspeitas para mim mesma. Cesare cresceu e ficou mais forte. Por ocasião do primeiro aniversário de Lucrezia, ele já era mais alto do que Juan e melhor do que o irmão na maioria dos esportes, embora Juan competisse ferozmente com ele também pela atenção da irmã. Já naquela época, ela era capaz de encantar até mesmo os pássaros nas árvores, e o pai e os irmãos lhe faziam todos os gostos. Rodrigo disse que a influência dela sobre Cesare tinha sido um milagre, mas eu não confiava nela naquela época, nem confio agora. Ela é uma bruxa, e, qualquer que tenha sido o motivo que tinha para salvar a vida de Cesare, era diabólico, tenho certeza disso.

"Eu tenho medo de você, Violante. Você foi mandada aqui por bruxaria, e vou fazer o possível para mantê-la longe do meu filho."

Eu me perguntava se ela realmente acreditava naquilo que dissera. Se não, estava insultando minha inteligência ao pensar que podia me fazer crer que era verdade. Olhei para a ama, mas ela continuava concentrada em alimentar Camilla, sua cabeça inclinada sobre o bebê, cujos sonzinhos de sucção pareciam pedrinhas no abismo do silêncio que se abria entre mim e *monna Vannoza*, enquanto eu pensava na história dela.

Verdade, Cesare e a irmã eram íntimos, muito mais íntimos, pensei, com certa tristeza dentro de mim, do que meus irmãos e eu. Mas, se havia um desequilíbrio no relacionamento, era Cesare quem dominava, não dona Lucrezia. *Foi ela quem sofreu a raiva impotente pelas ações dele em Urbino; foi ela quem aguardou no terror da ignorância pelos resultados em Seniglallia. Não o contrário.* Será que *monna Vannoza* conhecia tão pouco o filho? Se havia poderes mágicos envolvidos em sua sobrevivência, seriam dele próprio, não de dona Lucrezia. Ela era um ser sobrenatural tanto quanto eu.

Então me lembrei de algo mais, de uma cena que remontava a minha infância. Rachel Abravanel puxando meus cabelos, dançando ao meu redor com um punhado de cabelos meus em sua mão, meu

pescoço sendo torcido até eu ser forçada a me virar, e cantando: "Esther é um *dybbuk*, Esther é um *dybbuk*." Rodando e rodando. Repetidas vezes. O que exatamente dona Lucrezia vira em mim que a agradara? Fechei os olhos e desejei que *monna* Vannozza achasse que eu havia adormecido. Talvez eu tenha adormecido. Talvez as imagens de Cesare e da irmã, que convergiam e se afastavam e convergiam de novo dentro de minhas pálpebras, fossem as manifestações de um sonho.

CAPÍTULO 4

NEPI, SETEMBRO DE 1503

Você sempre me acusa de eu ter deixado Nepi sem dizer adeus. Não vê que o adeus já havia sido dito?

Percebi imediatamente que não estávamos em Tivoli. Eu estivera lá inúmeras vezes com dona Lucrezia, que amava a cidade e costumava dizer que imitaria o imperador Adriano e algum dia construiria lá, ela própria, uma residência. Descemos da carruagem e alongamos nossos membros tensos no pátio de uma fortaleza, não uma casa construída para divertimento. Estávamos cercados pelo mesmo tipo de muros antiartilharia baixos e espessos, dos quais *monna* Vannoza havia reclamado ao descrever Subiaco, e as dependências pareciam uma série de torres redondas com seteiras como janelas. As muralhas deviam ser a última invenção em ciência militar, mas as construções dentro delas pareciam ter centenas de anos, com musgo saindo pela argamassa e manchas antigas de água escorrendo por elas como lágrimas.

— Nepi — disse *monna* Vannoza, estendendo os braços em direção ao azul-celeste profundo da tarde, suas joias cintilando sob a suave luz do sol. — Aquele menino nunca faz nada do que diz que vai fazer. Aposto que não vou ter vestidos suficientemente quentes.

Nepi. Meu coração pareceu saltar atrás de minhas costelas quando vi *madonna* outra vez em Belfiore, seus pés descalços ensanguentados, pisando em cacos de vidro e de cerâmica, gritando como se Cesare pudesse ouvi-la de Urbino: “*Você prometeu. Em Nepi. Jurou que não interferiria.*” Olhei à minha volta, para as torres cegas que lançavam suas sombras profundas sobre a confusa mistura de homens, animais, carros de mão e carroças no pátio. O que eles estariam escondendo? Eu conjecturava enquanto meu olhar

recaía sobre a liteira de Cesare, colocada enigmáticamente no centro de toda aquela atividade, cercada por seus guardas, as cortinas ainda fechadas. Que palavras estariam presas naquelas pedras, que ações haviam sido realizadas sob as pequenas réstias de luz que atravessavam as seteiras e as sombras além de seu alcance?

Monna Vannoza, talvez notando a direção do meu olhar, passou tão próxima a mim que senti o roçar de suas saias em meus tornozelos nus e deu instruções aos guardas, que se mexeram, incomodados, mas não deram nenhuma indicação de que obedeceriam a ela. Michelotto veio em seu auxílio, afastando-se de um grupo de homens que levava um pequeno canhão para ser colocado em frente à mais alta das quatro torres do castelo. Ele abriu as cortinas da liteira.

Nas aulas de desenho no convento, irmã Arcangelo usava um boneco de madeira articulado. Um dia, o rapaz encarregado de encher os tinteiros afrouxou todos os seus pinos, de modo que, sempre que irmã Arcangelo tentava firmá-lo, o boneco despencava. Lembrei-me disso quando dois dos guardas de Cesare juntaram as mãos, formando uma base de apoio, e dois outros o puxaram da liteira. Quando os homens o seguraram por baixo dos braços, os membros dele oscilaram e sua cabeça pendeu-lhe frouxa. Sua pobre cabeça estava raspada, os cachos irregularmente substituídos por cabelos que despontavam.

Ouvi um grito de dor, seguido de um súbito silêncio de choque. Todos interromperam o que faziam. Voltaram-se para mim, lavadeiras boquiabertas segurando suas trouxas contra o peito, mulas de olhos melancólicos e orelhas abanando, a robusta guarda suíça e anões de gorros com sinos nas pontas, exibindo bexigas de porcos em bastões como se estivessem prontos para se apresentar diante de seu mestre. A ama de Camilla pôs uma das mãos reconfortantemente em meu braço. Teria sido eu, então, quem havia gritado? Eu supunha que havia sido ele.

— Ah, Violante — sussurrou Giovanni, segurando minha mão. — O que vai ser de nós? Eu ainda serei duque de Camerino?

Embora tudo o que eu tenha feito fora apertar a mão do menino para lhe dar segurança, pensei que o que nos aguardava no futuro já estava acontecendo agora. A história não é feita das notícias de novos mundos ou dos relatos insípidos de Heródoto, Plutarco ou Lívio que um dia eu estudei com meus irmãos, é este pequeno e triste caos, essa confusão de mulheres desnordeadas, crianças, cachorros e leopardos enjaulados.

— Não se preocupe — eu disse, porque de nada adiantava se preocupar.



Cesare foi instalado na Torre do Governador, protegido não somente pelos lanceiros suíços, mas também pela mãe com seus padres. Ela se cercava daqueles homens, fitando-nos de suas vestes pretas de ombros adornados como um soldado observando o inimigo por trás de uma barricada. Eu, nesse meio-tempo, aguardava o momento propício, explorando o antigo castelo e suas imediações, caminhando pelos sólidos bastiões e espiando dentro das pequenas grutas de pedras que serviam de quartos, à procura de pistas do que teria acontecido ali, de quais promessas Cesare teria feito à irmã e depois catastroficamente quebrado ao invadir Urbino.

Então, um dia pela manhã, encontrei Michelotto no caminho bastante usado para se chegar à latrina. Quaisquer que fossem as instalações sanitárias feitas na Torre do Governador, reformada para dona Lucrezia quando ela foi indicada governadora de Nepi, o restante de nós teríamos de utilizar a latrina coletiva próxima aos muros do castelo, no topo do desfiladeiro; um local precário, porém higiênico, por haver ali uma queda-d'água que desembocava numa garganta, muitos metros abaixo. Após os cumprimentos matinais, *monna Vannozza* passou por nós com o ruído de chaves e o farfalhar da pesada seda damascena de que ela tanto gostava. Seu grupo de padres apressava-se atrás dela, as cabeças baixas contra a forte brisa, deixando vestígios de incenso e cânfora no ar que cheiravam a pedra fria e folhas mortas.

— O outono está chegando — observou Michelotto, olhando para o céu, que estava cheio de nuvens em rápido movimento.

— Como está o seu senhor esta manhã?

— Ele precisa descansar, mas, com apenas dom Gioffre para tomar conta dos negócios dele, bom... — Michelotto deu de ombros.

— Eu gostaria de poder vê-lo.

— Eu gostaria que pudesse. — Ele lançou um olhar duro às costas de *monna* Vannoza e depois sorriu para mim, fazendo uma fantástica exibição de seus dentes destruídos. — Todos nós temos nossas fraquezas, entende?

— É correto para um homem respeitar a mãe.

— Se ele estivesse bom, estaria demonstrando respeito distribuindo pontapés — disse Michelotto de forma amigável. — Venha hoje. Ela que não pense que fará tudo ao seu modo. Dê-me licença, agora meus intestinos estão dizendo que não podem mais esperar.



Eu não temia *monna* Vannoza. Achava que ela tinha mais motivos para ter medo de mim se acreditasse que eu era uma bruxa. Deixei Girolamo aos cuidados da ama de Camilla, com quem eu agora compartilhava uma cama num quarto lotado, repleto de todo tipo de mulheres, na torre onde se encontravam também as cozinhas e a área de serviço do castelo, e me dirigi aos aposentos de Cesare. Dois guardas estavam postados do lado de fora de seu quarto como de costume, mas a porta se encontrava entreaberta e ouvi murmúrios baixos e aflitos vindos do interior. Surgiu então um médico de rosto sério tendo nas mãos uma tigela coberta, seguido de uma empregada carregando uma trouxa de lençóis sujos, seu rosto manchado de lágrimas. Senti calafrio. Quando a moça passou apressada por mim, limpando o nariz na manga, tive vontade de perguntar a ela o que havia acontecido, mas meu coração parecia fechar minha garganta, como se não quisesse saber. De repente, ouvi um grito, quase um urro, que se transformou numa lamúria.

— Lucia? Lucia, onde está você? Tragam Lucia aqui, eu não posso...

Não esperei para ouvir o que ele tinha a dizer, entrei bruscamente pela porta entreaberta, antes que os guardas pudessem me impedir.

— É a mim que ele quer — eu disse, indo direto até a cama, afastando um bando de padres e médicos e outra criada que lutava sozinha para colocar um lençol limpo por baixo do paciente que se contorcia agitado.

— Levem essa mulher daqui. Ela significa perigo.

Ouvi o ruído de espadas sendo desembainhadas atrás de mim, mas não me importei. Se eu tivesse de morrer, pelo menos que fosse por estar tentando ajudá-lo. Enquanto minha pele esfriava, debelaria a febre na dele. Pois ele estava tão quente que quase não se podia tocá-lo; irradiava calor como um demônio na Geena. Segurei os ombros dele e tentei acomodá-lo sobre os travesseiros. Ele gritou de novo, e o velho cão rosou, acuado embaixo da cama. Recuei, minhas mãos molhadas do suor de Cesare. E do sangue. Sua roupa de dormir estava ensopada, e suas costas e tórax, cobertos de manchas de onde exsudava um sangue escuro e um pus amarelo. O suor se acumulava acima do lábio superior e cintilava em seus cabelos cortados. Seus olhos estavam vazios, as pupilas, dilatadas, e neles havia apenas o reflexo de meu rosto, daquela Lucia, quem quer que ela fosse.

— *Vamos* — disse Michelotto em algum lugar atrás de mim. Eu não sabia se ele se dirigia aos guardas, a *monna* Vannozza ou a qualquer uma das pessoas que se aglomeravam em torno da cama. Isso não me importava.

— Ele precisa de ar fresco para baixar a febre — eu disse, controlando-me para não vomitar. — Todos vocês, afastem-se. Olhem, ele já está mais calmo. — Cesare havia parado de lutar contra mim e se acalmara, os olhos semicerrados, as mãos puxando os lençóis da cama em pequenas e inúteis contrações. Vi naquele instante que sua pele, onde era visível, estava coberta de pústulas e feridas abertas nos locais em que outras pústulas haviam estourado. Seus pulsos e os nós dos dedos estavam inchados como os de

peessoas com febre reumática. Sua respiração era curta e audível, e um mau hálito saía de sua boca aberta. De qualquer forma, logo ele teria parado de se debater, pensei, pois estava exausto, mas os padres faziam o sinal da cruz, os médicos não conseguiam falar, pigarreavam e esfregavam a nuca, e a criada exclamou:

— É um milagre!

Monna Vannoza reuniu seu séquito, saiu do quarto com o queixo empinado e uma expressão de reprovação no rosto. Logo estávamos sozinhos, exceto por Michelotto.

— De que precisa? — perguntou ele, e eu podia ouvi-lo fazer a mesma pergunta a Cesare em circunstâncias diferentes.

— Água e panos limpos. E uma esponja se conseguir encontrar, e vinho diluído em água doce, se houver. — O que Cesare teria respondido? Um espião, uma espada, a cabeça de um homem numa bandeja, uma prostituta saudável?

Quando Michelotto saiu, dando ordens aos guardas em seu bárbaro navarrês, eu me deitei na cama ao lado de Cesare. Seu cão arrastou-se para o lado em reação à ponta de meu sapato e deixou uma mancha de pelos brancos sobre a colcha de seda roxa bordada com o brasão dos Bisceglie. As cortinas do dossel eram iguais, todas feitas, eu suponho, para o período de luto de dona Lucrezia, mortalhas para seu coração partido. Acariciando a cabeça dele, eu lhe disse que no dia seguinte procuraria uma mobília mais alegre para auxiliar sua recuperação. Tive o cuidado de manter minha voz animada, embora não tivesse certeza de que ele estivesse me ouvindo. Ao sentir os frágeis ossos de sua cabeça na minha mão, perguntei-me se ele já estaria além do reino da audição humana. O que a criada chamara de milagre, para mim parecia-se mais com a proximidade da morte.

Então o ritmo da respiração de Cesare mudou, ficou mais profundo, e ele virou a cabeça em minha direção, aconchegando-se em minha cintura.

— O seu vestido é muito bonito — disse ele, embora seus olhos tenham permanecido fechados. Ele falou baixinho, com intimidade.

Obviamente não era sobre meu vestido que ele estava falando, pois eu ainda usava o velho vestido que Mariam achara para mim, simples, de gola alta, saia muito curta e apertado demais nos seios. — Você será uma noiva linda, mas sabe que não vou poder estar lá.

— Por que não? — Achei prudente não contrariá-lo.

— Você sabe por que não. — Agora ele parecia impaciente e de imediato me arrependi de minha decisão. Recomecei a acariciar sua cabeça e tentei fazê-lo ficar quieto, mas daquela vez minha “mágica” não funcionou. Empurrando-me para o lado, ele sentou-se, seu olhar fixo e vazio outra vez, sua boca retorcida pela agitação. A pele de seu lábio inferior rachou e começou a sangrar. — Dê-me os seus sapatos.

— O quê? — Ele falava em catalão; talvez eu não tivesse entendido direito.

— Seus sapatos. Os que você vai usar. Vamos, vamos, depressa. Não temos o dia todo.

Tirei os sapatos e entreguei-os a ele. Colocando um em seu colo e mantendo o outro na mão, ele começou a mexer embaixo dos lençóis com a mão livre.

— Faca — pediu —, onde está a minha faca? Emprésteme a sua, querida.

Fiquei receosa, mas soltei minha faca, a que eu usava para comer, da tira de couro trançado que a prendia ao meu cinto e a ofereci a ele. Não era muito afiada; eu lhe causaria menos mal entregando-lhe a faca do que negando seu pedido. Observei admirada enquanto ele trabalhava nas solas dos meus sapatos, cuidadosamente riscando o couro na diagonal, do salto à ponta, numa direção e depois na outra, da maneira como um porco é preparado para ser assado.

— Pronto — disse ele, devolvendo-me os sapatos. — Agora não vai mais escorregar quando aquele desengonçado dançar com você. Porque passaram dias encerando o assoalho, e não se pode confiar que ele segure você adequadamente. — Enquanto eu voltava a calçar meus sapatos, que, apesar de terem as solas destruídas, eram melhor do que nada no chão de pedras frias do antigo castelo, ele

me segurou pelos ombros, seus dedos apertando meus ossos com uma força inesperada. — Eu estou sempre com você, está vendo? Sempre tomando conta de você. Nunca se esqueça.

Ele então me beijou, um beijo forte, sedento, furioso, seus dentes chocando-se contra os meus, sua língua circulando minha boca, seu coração batendo contra meu peito.

— Eu estou indo agora, mas não se preocupe. Não somos como o bezerro em Caprarola. Não morreremos. — Ele me soltou, deitou-se de novo, virou-se de costas para mim e pareceu adormecer, deixando o gosto de seu sangue em meus lábios. Eu ainda tremia quando Michelotto voltou.

— Aqui está o que pediu. — Ele colocou uma jarra, uma bacia e uma pequena pilha de guardanapos dobrados em cima da cômoda de lençóis, ao pé da cama. — Está tudo bem? Você parece um pouco febril.

Contei a ele o que havia acontecido.

— O que isso pode significar? — perguntei.

Michelotto deu de ombros.

— Não tenho ideia. — Eu tinha certeza de que ele estava mentindo, mas demonstrava tanta segurança em sua mentira que eu sabia que de nada adiantaria contestá-la. Mais tarde, nas masmorras do Castelo Sant'Angelo, mesmo sob tortura, ele não disse uma única palavra; seria possível até mesmo acreditar, comentava-se, que ele jamais ouvira falar em Cesare Borgia. — De qualquer forma, ele parece estar calmo agora.

— É. Acho que está dormindo. Talvez a febre tenha cedido. — Toquei sua testa com as costas de minha mão. Estava mais fria, menos úmida. — Você vai ficar com ele? Preciso amamentar Girolamo. — Eu não arriscaria deixar que a ama de leite tomasse meu lugar, não depois de testemunhar a maneira como Dorotea Carracciolo havia sido separada da filha. Aquilo não iria acontecer comigo.

— Vou, sim. — Ele sorriu para mim, sua pele curtida enrugando-se em torno de seus olhos escuros. De qualquer forma, o que essa

Lucia importava? Ela não estava ali; eu estava. — Fez um bom trabalho, moça.

— Voltarei assim que puder.



Aconteceu, no entanto, que eu não retornei naquele dia, nem no seguinte, porque Girolamo foi acometido de uma febre, e eu não tive coragem de sair de perto dele. No terceiro dia, *monna* Vannozza veio pessoalmente perguntar por ele e se eu precisava de alguma coisa.

— Como está o duque, senhora? — indaguei, ignorando sua pergunta. Eu era a mulher cujas mãos curavam, não era? Do que eu precisaria para tratar meu filho? Além disso, eu tinha certeza de que as bochechas quentes dele e seu choro eram apenas devidos ao nascimento de seus dentes. A ama de Camilla, que havia criado seus cinco filhos e amamentado outros três, dera a ele um anelzinho de osso para morder, que parecia tê-lo acalmado.

— Ele está sentado numa cadeira recebendo uma delegação do cardeal Carafa — admitiu ela. — Imagino que estejam discutindo a eleição. — Ela procurou com a vista um lugar para se sentar no cômodo lotado. O jovem padre que a acompanhava por fim entendeu a mensagem e foi buscar um banco baixo de três pés do outro lado da sala, tropeçando em trouxas de roupa e montes de lençóis. Ela limpou-o vigorosamente com a mão antes de sentar-se e ajeitar as saias sobre os joelhos. Ocorreu-me que ela devia manter as hospedarias que comprara em Roma com o dinheiro do papa Alexandre num alto padrão, e pobre da criada que deixasse um canto sem limpar ou uma cama por fazer.

Girolamo virou a cabeça em direção à avó e, com seus olhos escuros, olhou para ela sem pestanejar. Será que imaginei vê-la estremecer um pouco? Uma brisa forte fazia as venezianas baterem e as anáguas penduradas na parede próxima a uma das seteiras esvoaçarem.

— No desjejum, ele tomou dois pratos de caldo de galinha com leite de amêndoas e tentou exigir presunto. *Ser* Torella disse temer

ser desaconselhável — continuou. — Violante, deixe-me lhe dizer uma coisa. — Ela inclinou-se em minha direção, os cotovelos sobre os joelhos, e falou numa voz baixa para não ser ouvida pelo padre: — Eu preferia que ele tivesse morrido na infância, como certamente era o desígnio de Deus. Preferia que ele não tivesse vivido para frustrar todas as minhas expectativas em relação a ele.

Eu não podia imaginar coisa mais terrível e antinatural para ser dita por uma mãe, no entanto, ouvi aquilo quase com alívio, pois agora eu sabia, sem sombra de dúvida, que ela era louca, e que, apesar do que ela pensava sobre dona Lucrezia e do que diziam sobre mim na sinagoga em Toledo, nós duas não éramos bruxas. Se Cesare persuadira o destino a se render à sua vontade, ele fizera aquilo sozinho.

— Eu achava que ele também seria papa um dia, mas não, ele tinha outras ideias, ideias que, mais cedo ou mais tarde, fariam com que entrasse em conflito com o pai. E ele sempre precisou da proteção de Rodrigo, independentemente do que ele pensasse.

— Mas certamente a senhora não acreditava que ele tivesse inclinação para a Igreja, não é?

— Lá, ele estaria protegido, protegido contra... ela.

— Na verdade, *monna* Vannozza, eu não posso mais continuar a ouvir isso. Sua ilustre filha tem sido bondosa e generosa comigo. Ela é minha madrinha, e eu tenho a obrigação moral de não aceitar o que a senhora atribui a ela. Por favor..

— Muito bem, eu vou me retirar, mas você é uma moça ingênua e idiota, que não enxerga o que está diante do seu nariz. As paredes deste lugar transpiram isso nos dias úmidos. Ou talvez você seja meramente teimosa. — Ela saiu, quase esbarrando em Fatima, a moça morena que usava brincos feitos de cascatas de pequenas moedas de ouro e cujo suor cheirava a cominho. O jovem padre seguiu rapidamente atrás dela, o pescoço enrubescendo diante dos lábios cor de carmim e dos braços nus de Fatima.



Mais tarde naquele dia, Michelotto me procurou na área de serviço, onde eu lavava as roupas de Girolamo.

— Ele está chamando você — disse ele, recostado no vão da porta em arco. Nuvens moviam-se por trás de sua cabeça, o vapor subia no ponto em que a encosta de pedra e arbustos descia até o riacho que alimentava o poço do castelo.

— Não posso... — Aprumei-me no tanque de pedra, afastando dos olhos mechas de cabelo úmido com uma mão avermelhada e unhas aparadas como as de uma lavadeira. — Irei assim que terminar aqui.

— Na verdade, ele exigiu sua presença — Michelotto disse quase num tom de desculpa. Era a indicação de como tudo havia mudado.

— Mas...

— Bom, ele também não está com sua melhor aparência.

Tirei o lençol com o qual me enrolara para proteger o vestido e o segui.

Cesare estava sentado numa poltrona de espaldar alto voltada para a janela de seu quarto. Os aposentos do governador tinham boas janelas, parcialmente envidraçadas, que davam para um pequeno jardim e para os desordenados telhados amarelo-musgo e avermelhados da cidade de Nepi, ao pé do monte. Raios oblíquos cor de mel do sol outonal incidiam sobre as costas da mão direita de Cesare, apoiada no braço da poltrona, sua queimadura de pólvora, uma mecha de seus pelos vermelho-dourados e a safira de seu anel de casamento. O anel estava frouxo e escorregara até o nó do dedo. Havia uma pequena mesa ao lado da cadeira, cheia de documentos cujos selos pendiam de seus laços como cachos de uma fruta estranha, vermelha e roxa, verde e dourada, e um deles num tom escuro de amora, a cor predileta de dona Lucrezia.

Atravessei o quarto e fiz uma medida, ciente de que Michelotto havia se retirado e fechado a porta ao sair.

— Bom, Violante, será que eu deveria mudar o seu nome? Chamá-la Panaceia, talvez, ou Egéria? Disseram-me que você salvou a minha vida.

— Somente Ele, que dá a vida e a toma de volta, pode fazer isso, meu senhor, e não me atrevo a dizer que sou instrumento Dele. O senhor é forte e tem sido bem-cuidado.

— Ah, pelo amor de Deus, vamos acabar com esse “meu senhor” e tudo mais. Não já ultrapassamos essa fase? Trouxe o menino com você? Eu gostaria de vê-lo. Minha mãe disse que ele é a minha cara. É mesmo?

— Agora que estou vendo que está bem, vou trazê-lo. Eu não tinha certeza... você não respondeu à minha carta.

Percebi que Cesare queria que eu olhasse para ele, assim como fazem os leprosos quando se passa por eles de rosto virado para o outro lado com um lenço sobre o nariz. Porém, da mesma forma que com os leprosos, eu não podia.

— Carta? — Ele pareceu surpreso.

— Eu escrevi para lhe dizer que estava grávida. Talvez a carta nunca tenha chegado em suas mãos. Mandei... um verso de Pietro Bembo.

Silêncio. Eu me senti extremamente tola. Quantas moças, eu me perguntava, haviam escrito, ou pagado um escriba para fazê-lo, ou sonhado em escrever uma carta como aquela para um homem como Cesare? Que direito eu tinha de pensar que ele se lembraria da minha?

— Ah, sim — disse ele devagar e depois pigarreou. Segurou entre os dedos pregas da veste solta decorada com brocados que usava e passou a mão de leve sobre os punhos de zibelina. — O verso não é de Bembo. — Ele parecia saber como eu havia chegado àquele verso, parecia ter me descoberto. — Você não devia ter mandado. Foi por isso que não respondi.

Olhei para as mãos dele, abri a boca para perguntar por quê, vi seus dedos curvarem-se subitamente e seus punhos se fecharem, agarrando o tecido de sua roupa como se fosse rasgá-lo. As palavras morreram em meus lábios.

— Desculpe — sussurrei e tentei engolir a saliva, mas minha boca estava seca.

Então ele ergueu as mãos num gesto de quem não dá importância àquilo, as palmas para cima, mantendo-me à distância.

— Não importa. São águas passadas agora. Eu gostaria de ver meu filho.

— Agora?

— Por quê? Está me achando feio demais? Tem medo de que ele fique assustado? — Ele deu uma risada ríspida. — Notei que está evitando me encarar quando, não fazia muito tempo, não conseguia tirar seus olhos apaixonados de mim.

Fitei meus sapatos destruídos. Talvez eu tivesse sido afetada pelas estranhas superstições de *monna Vannoza*, mas, de alguma forma, achei que aquela figura encolhida, cansada, quase engolida pela cadeira de espaldar alto na qual se encontrava, não era Cesare em absoluto. E, se eu olhasse para seu rosto, descobriria isso; não podia mais fingir o contrário, e todos os meus sonhos e lembranças fugiriam diante de seu olhar de morto.

— Então você é uma Dalila atual. Eu estou fraco, meus cabelos foram raspados, e você fugirá para os seus filisteus.

— E, neste instante, meu senhor, acho que também está aleijado dos dois pés. — Pois as articulações dos pés e tornozelos dele, apoiados num escabelo, estavam tão inchadas quanto as de seus pulsos e mãos.

— Não consigo acompanhar seu raciocínio.

— Somente se eu for bem devagar.

— Eu não estou com espírito para jogos de palavras. — Para falar a verdade, eu também não estava.

— Desculpe. Na lenda judaica, Sansão é aleijado.

— Faz você pensar no que ela viu nele, não faz? — Ele dirigiu a piada a si mesmo como se direcionasse a luz de uma tocha.

Naquele momento, olhei para ele, atraída pelo súbito retorno de seu antigo humor irônico, eco de uma época em que eu não sabia que era feliz, em meio a planos e sonhos com o casamento no Santa Maria in Portico. Os ossos de sua face eram afiados como facas e às vezes, até mesmo agora, quando estou cansada, fecho os olhos e

sinto as cicatrizes que ele deixou na parte inferior de minhas pálpebras. O olhar que ele me devolveu era o de uma criança corajosa, determinada, incerta do futuro, assustada e desafiadora. Com cada máscara removida, cada camada de encanto eliminada, eu parecia entendê-lo menos.

— Sente-se, Violante — disse ele. Encontrei um banco e puxei-o para junto da janela, onde sua cadeira havia sido colocada. Sentei-me e esperei. Ele mexeu no anel, alisou os punhos de sua veste e por fim prosseguiu: — Os filhos são importantes para mim.

— Claro que são. Você precisa de herdeiros.

— É verdade, mas não foi isso que eu quis dizer. — Ele fez uma pausa, como se não tivesse certeza do que dizia, depois recomeçou: — Quando Juan foi nomeado gonfaloneiro, meu pai encomendou, para a cerimônia, um novo acompanhamento musical para a oração *Beatus Vir*. Depois que Juan morreu, e a honra me foi concedida, ele ordenou que a mesma peça fosse tocada na minha nomeação. Agora ele está morto, e eu nunca consegui que ele me amasse o suficiente; eu sempre fui o substituto de Juan. Menos atraente, menos charmoso, mais difícil de ser amado. Eu não era importante o suficiente para ter uma peça musical nova escrita para mim. As coisas em que eu era melhor, estratégia, tática, política, governo, diplomacia, só tinham importância na mente de meu pai, não em seu coração. Ele nunca chamou por mim quando soube que estava morrendo. O tempo todo eu estava enfermo, apenas em um estágio menos avançado do que o dele, e ele nunca se interessou em saber como eu estava. Não consegui conquistar um lugar no coração dele, e agora é tarde demais. Ele se foi. Pó. Entende? — Palavras de pedras, bem-esculpidas demais.

Senti um aperto dentro de mim, um nó no estômago.

— Sabe por que estou aqui, Cesare?

Ele fez que não com a cabeça.

— Não tinha pensado nisso, para ser sincero.

— Dona Lucrezia me mandou de volta para meu pai. Por causa de Girolamo.

— Girolamo? É esse o nome do menino?

— Girolamo Giulio Cesare. Dom Giulio d'Este é o padrinho dele.

— Bom. Giulio é um homem honesto. Então, por que você não está na casa de seu pai?

— Porque, quando eu cheguei lá, descobri que meu pai tinha morrido, e meu irmão não quis me receber. Por sua causa.

— Minha causa?

— Meu pai sofreu um ataque repentino depois que os seus homens foram... — Fiz uma pausa, respirei, tentei controlar minha voz — ... cobrar impostos, creio que foi isso que disseram. Eles levaram até a menorá que tínhamos trazido da Espanha, minha mãe e eu. Para pagar seus soldados. Atravessei a Romanha para chegar a Roma, claro. Vi soldados, embora tenha me mantido longe deles. Eles não se comportavam como homens que estavam sendo bem-pagos, Cesare.

— A artilharia é cara — comentou ele mal-humorado.

— Cale a boca e me escute. Eu tive vontade de matar você. Então uma boa mulher me lembrou que o amor é mais importante do que o dever. Embora, pelo que eu saiba, ela cumpriu o dever dela durante toda a vida; logo, não sei de onde veio essa sabedoria. Então eu trouxe o seu filho para você. Ele é seu único filho e precisamos pensar nele agora. Haverá tempo suficiente para lamentarmos a morte de nossos pais mais tarde. — Meu coração imprimiu um ritmo tão forte em meu peito que eu tive medo de desmaiar. Minha vista escureceu e minha cabeça parecia uma bexiga inflada; eu tive a impressão de que ela ia se desligar do pescoço e sair flutuando janela afora.

— O que você acha que seria melhor fazer por ele? — perguntou Cesare. Ele falou com carinho, quase humildade, mas não conseguiria me desarmar assim tão facilmente.

— Você está perguntando a mim? Você é o grande Valentino, o vitorioso de Senigallia, o...

— Poupe-me do seu sarcasmo, mulher. Ele tira o brilho de sua última bela fala. Eu poderia dar a ele um monte de títulos, mas,

francamente, mantê-lo vivo, manter todo este... — Ele abriu o braço em direção à janela, ao quarto, ao castelo. Sua manga bateu numa pilha de pergaminhos e os espalhou pelo chão — ... circo funcionando é minha prioridade no momento. Quantas pessoas você acha que existem aqui? O que irão comer quando chegar o inverno? Eu só tenho o que Michelotto conseguiu pegar antes que os abutres começassem a sobrevoar o Vaticano em bando, e esse pouco devo usar para manter o idiota do Della Rovere longe do Trono de São Pedro, ou eu estou arruinado. Eu mal consigo me levantar desta cadeira, que dirá cavalgar à frente de um exército. Sabe, eu pensei em tudo. Tudo, Violante, exceto que, quando meu pai morresse, eu estaria de cama com a febre. E agora estou muito cansado. Às vezes, sinto como se um espírito do mal estivesse preso a meus ombros, como o velho do mar da princesa Sherezade, e ele me envolvesse com pernas e braços com tal força que mal consigo respirar, e muito menos me mover, ou pensar, ou fazer qualquer coisa.

Eu estou doente, ele escrevera. A doença queima em mim como o fogo em um monte de feno úmido; ela bate as horas à noite como o relógio da morte na cumeeira. Agora eu compreendia.

— Você deveria fazer as pazes com seu Deus, Cesare.

— Por quê? Mudou de ideia em relação a mim, minha senhora médica? Afinal, estou morrendo?

— No momento em que há uma separação entre o homem e seu Criador é que a melancolia se instala.

— Torella me disse que é um desequilíbrio da bile negra e me recomendou alimentos de cor branca para contrabalançar. E eu ousei dizer que nós, cristãos, precisamos fazer um caminho mais indireto até Deus, por não sermos o povo escolhido por Ele.

— Você precisa ser tão desrespeitoso? Eu estou tentando ajudar.

De repente, ele ergueu as mãos, as costas delas viradas para mim. Um gesto de resignação? As mangas largas de suas vestes escorregaram por seus braços, expondo sua magreza e as feridas de sua pele frágil. Mas não era aquilo que ele queria me mostrar.

— Está vendo as cicatrizes? — perguntou, virando as mãos de um lado para o outro. Havia, talvez, seis cicatrizes nas costas de cada uma das mãos, pontes finas de pele em relevo sobre as veias, deixadas pelas lancetas de sangria dos médicos. — Elas me fazem pensar na freira da minha irmã. Percebi que a profecia dela estava correta.

— Correta, como? — Enchi a voz com imediato bom senso, mas me lembrei, e pude ver que ele também, da palidez chocante de seu rosto e da maneira como ele havia cambaleado, quase como se as palavras de irmã Osanna o tivessem atingido fisicamente.

— Ela me deu o número vinte. Eu pensei que estava se referindo à minha idade. Como eu tinha completado 26 anos, ignorei-a como uma charlatã que queria meramente me lisonjear. Se Lucrezia queria cedê-la a Ercole d'Este, tudo bem, pensei. Mas, recentemente, percebi que, se você contar os meses desde a data da profecia dela até a morte do meu pai, são vinte. E então, sempre que vejo uma maneira possível de sair dessa confusão, olho para as costas das minhas mãos e me lembro de que não adianta, não há plano que eu possa elaborar, nem atitude que valha a pena ser tomada.

— Ah, Cesare. — Levantei-me e atravessei o curto espaço entre nós, levada pela simples ideia de confortá-lo, e tentei abraçá-lo, mas ele recuou e gemeu de dor quando minhas mãos entraram em contato com seus ombros. Afastei-me e pedi desculpas. Ele deu uma risada cruel.

— Mantenha-se longe de mim, Violante, porque eu sou o imperador do reino da dor, encerrado em gelo.

— Cesare, você não está delirando de novo, está?

Ele fez que não com um gesto de cabeça.

— Apenas citando Dante erroneamente. No ápice da minha febre, os médicos me mergulharam num barril cheio de gelo para evitar que meu sangue fervesse. O gelo rasgou a maior parte da pele do meu corpo. *Eu não morri, nem também permaneço vivo.*

— Mas você permaneceu vivo. Dante não desistiu, e você não pode desistir.

— Dante tinha fé. Dante tinha Beatrice.

— E você só tem a mim. É isso o que você está pensando?

— Não se lisonjeie. Eu já lhe disse o que estou pensando. Estou sendo honesto com você. Pode aceitar isso como a gentileza que deve ser?

— É uma carga, uma responsabilidade. Você espera que eu não faça nada com tudo que você me disse? Eu devia pegar uma faca e enfiar nas suas costelas.

Ele pegou minhas mãos. Olhei para minha pele, áspera e avermelhada do sabão de lavar roupa e do mal-francês, e para a dele, inchada e cheia de cicatrizes.

— Você não desiste, não é?

— Se eu tivesse uma tendência a desistir, eu teria morrido quando a minha mãe morreu e nunca teria encontrado você, e você não teria um filho. E, antes que comece de novo a dizer por que não pode ajudar seu filho, pense no que me disse sobre Juan e seu pai. Mesmo que você não tenha cidades, nem armas, nem anéis de diamante, pode dar a ele seu amor, e isso vai significar muito mais para ele do que qualquer outra coisa.

— Traga-o a mim, e veremos. Amanhã. Estou cansado agora. Vou dormir um pouco.

— Deixe-me ajudá-lo a ir para a cama.

— Eu posso andar essa distância sozinho, pelo amor de Deus! Vá embora.

Quando me virei para sair, o salto de meu sapato, que ficara meio solto como resultado do ataque de loucura de Cesare, ficou preso num espaço entre duas tábuas do assoalho e eu tropecei.

— Olhe aqui — disse ele —, pegue. — Mas eu me virei devagar demais, e a chave tiniu no chão. Quando me abaixei para apanhá-la, ele continuou: — Há um quarto no andar abaixo deste onde minha irmã deixou algumas roupas e coisas. Suponho que seja do mesmo tamanho dela. Pegue o que quiser. — Era impossível saber se ele se lembrava do que havia feito. Ou de que me beijara.

Não tive intenção de aceitar a oferta dele. Parecia-me um tanto impróprio pegar as roupas de *madonna* na ausência dela, assim como ler suas cartas íntimas ou escutar suas conversas às escondidas. Mas, no momento em que a ideia de um vestido novo que coubesse em mim com perfeição, de lençóis limpos, de meias sem remendos e sapatos à prova d'água se estabeleceu em minha mente, não pude deixá-la passar. Percebi que me desviava em direção à Torre do Governador, a chave pressionada em minha mão, imagens de vestidos que eu lembrava e de outros imaginados passavam por minha mente como se estivessem num catálogo de uma costureira. Eu sabia que estava sendo observada por Michelotto e *monna* Vannozza, e por dom Gioffre quando ele atravessou o pátio para falar com seu secretário. Um mensageiro de dom Prospero Colonna havia trazido recentemente para ele a informação de que sua mulher pretendia acompanhar dom Prospero a Nápoles, para consolá-lo pelo ardil de Cesare, e dom Gioffre estava trabalhando firme em sua resposta. Achei que deveria pelo menos destrancar a porta, nem que fosse apenas para mostrar a todos que eu não estava meramente sonhando com Cesare, para tirar os vários e complicados sorrisos daqueles rostos.

Dois cômodos ocupavam o andar abaixo dos aposentos de Cesare: aquele do qual eu tinha a chave e o cofre-forte, vigiado por quatro homens da infantaria suíça do duque, com suas lanças altas e uniformes pomposos. Segurei a chave à minha frente como um salvo-conduto quando me dirigi à porta, e o olhar frio dos montanheses incidiu sobre mim.

A porta estava difícil de abrir. Não, estava obstruída. Tive de forçar com o ombro para abri-la, e mesmo assim precisei entrar de lado pela estreita abertura. *Não vou levar nada*, disse a mim mesma, *só olhar*. Poderia haver coisas que *madonna* quisesse de volta, coisas que eu pudesse empacotar e enviar pelo próximo mensageiro que chegasse de Ferrara. Foram os relâmpagos que me fizeram mudar de ideia. Eu não notara o tempo se fechando enquanto estava conversando com Cesare, nem depois, quando me apressei para amamentar Girolamo, cantando para niná-lo com os pensamentos de

saias, corpetes e combinações bordadas rodando em minha mente. Mas a súbita explosão de luz chamou minha atenção para a seteira, o barulho da chuva no parapeito de pedra, uma folha marrom retorcida que, dançando, atravessava a faixa estreita de céu cor de chumbo. O inverno estava chegando. Eu precisava de sapatos fortes e de um bom manto. Eu devia a meu filho não pôr em risco minha saúde.

Trovejava quando fechei a porta ao entrar. A princípio, o quarto estava cheio de sombras, formas indistintas, estranhas, que só gradualmente se transformaram em baús fechados e pilhas de roupa. Mas aquelas não eram roupas de *madonna*, percebi ao mexer nelas. Gibões decorados com rosetas e fitas, como as fantasias dos bufões, mangas e calças com cortes verticais decorados com seda colorida e tecido de ouro, gorros com aplicações de pedras preciosas e pérolas do tamanho de ovos de pássaros, mantos forrados de pele com fecho de filigranas, botas macias e esporas de ouro encontravam-se espalhados como corpos desmembrados num campo de batalha, tudo jogado num extremo abandono. Com o relâmpago seguinte, fiquei ofuscada pelo brilho das gemas.

Movia-me com dificuldade naquele fabuloso mar, apanhando coisas aleatoriamente como um andarilho nas praias de algum reino de contos de fada. Aqui, um gorro de veludo cor de violeta, tão cheio de pedras preciosas que pesava como uma coroa, ali, uma espora decorada com diamantes. Havia camisas tão finas que escapavam dos meus dedos como o ar, um sapato de dança com sola de couro folheada a ouro que parecia nunca ter sido usado, ao lado de um par de botas verdes de pelica, cuja parte frontal estava coberta de lama. Ergui as botas à altura do nariz, como se o cheiro da terra me indicasse qual viagem elas teriam feito, mas a terra era velha e seca e se desmanchou a meu toque, e não cheirava a nada. Uma pena de pavão oscilava com a ventania da tempestade, uma cascata azul-escura que brotava de um turbante de cetim dourado, decorado com um pedaço de coral polido. Imaginei o fantasma do príncipe Djem rindo, como um tio condescendente com as loucuras dos jovens, e me perguntava se Cesare alguma vez já o usara, ou se

seria apenas um *memento mori*. Ali estavam todas as peles que ele trocara, e agora a sua última, a que lhe dava beleza, se fora, a barba, a cabeleira ruiva, a musculatura, até mesmo a pele com a qual nascera. Agora só restavam o sangue e os ossos, o fogo em seu coração e uma vontade férrea.

Coloquei as botas no chão; meus dedos percorreram a pena de pavão e passei por cima dos estojos de maquiagem e das caixas de joias, chegando do outro lado do quarto. Lá, uma fileira de saias e corpetes se encontrava rigorosamente pendurada numa arara. Roupas de luto, percebi, quando o relâmpago seguinte destacou, num breve lampejo, o cetim preto, um fino babado de rendas no pescoço ou nos punhos, ou na borda de uma saia. Foi por isso que *madonna* os deixara para trás.

Escolhi uma saia violeta-escuro e um corpete listrado de preto e branco que supus ter sido desenhado para o período de meio-luto. Eram um pouco antiquados e imponentes demais para mim, mas bem-talhados e com tecido suficiente na saia para cortá-la e fazer um segundo vestido, se eu precisasse. Um baú com um cadeado quebrado guardava roupas íntimas feitas com algodão egípcio e lindamente bordadas em seda preta, com caminhos de hera e pequenas figuras de Orfeu olhando para trás. Tirei de dentro dele meias de seda nas cores violeta e amora com laços pretos nas ligas, dobradas com esmero e com perfume de cedro. Troquei de roupa rapidamente, com um sentimento de transgressão, quase como se dona Lucrezia estivesse me vendo pôr suas saias, prender suas meias e amarrar seu corpete na frente de meus seios fartos, assim como ela deveria ter feito algum dia, sozinha, por trás daquelas paredes espessas com seu próprio bebê.

Sapatos, eu pensei, ou será que *madonna* pusera a palavra em minha mente, uma palavra prática e valiosa, que deixava um rastro de riso suave e música para dançar tocando nos cômodos vizinhos? Pelo menos uma dúzia de pares se encontrava em uma fileira embaixo da barra de vestidos: chinelos de veludo, botas de pelica com solas douradas e botões de pérola e plataformas venezianas de cano alto para a chuva. Apanhei um por um, procurando o mais

resistente, examinando as solas à procura de sinais de uso. Num instante, encontrei um par adequado, botas de montaria marroquinas que pareciam nunca ter sido usadas e que não apertavam meus pés. Mas, quando me sentei sobre a tampa de um baú para calçá-las, outro par me chamou a atenção.

Esse não era preto, e sim confeccionado com cetim cor-de-rosa com adornos de pequenas pérolas e esmeraldas. Apanhei-o só para examinar o trabalho, eu disse a mim mesma, por mera curiosidade. Aqueles sapatos haviam sido usados, os saltos, gastos, as pontas, amassadas, e uma delas escurecida com o que parecia ser uma mancha de sangue antiga. Senti um aperto no coração ao lembrar-me de quantas vezes havíamos dançado até nossos pés sangrarem, e que depois passávamos o dia conversando umas com as outras com aplicações de cataplasmas em nossos dedos e tornozelos para cima, prontas para fazer tudo de novo na noite seguinte. Como se o ciclo continuasse para sempre, como se tivesse a certeza do alvorecer e do crepúsculo. Um relâmpago incidiu sobre as lágrimas em meus olhos e me cegou. Segurando os sapatos, contei o intervalo entre o relâmpago e o trovão e esperei que minha visão retornasse, seguindo com o dedo o desenho do bordado nos sapatos, sua ponta fina e a curva de seus saltos. Algo mais. As solas daqueles sapatos estavam rachadas, não, cortadas, com incisões cruzadas.

Joguei-os fora como se eles tivessem queimado minhas mãos. No súbito silêncio deixado pelo trovão, ouvi a mim mesma engolir em seco e resmungar uma recusa. Achei até ter ouvido os ossos de meu pescoço estalarem quando balancei a cabeça. Pegando minhas roupas velhas, fugi. Não parei sequer para trancar a porta, consciente apenas do assobio galanteador dos guardas suíços penetrando o pulsar do meu sangue e as pisadas dos saltos das botas de *madonna* no pavimento de pedra.



— Quem é ela? — Não havia guardas na porta dele, nada e ninguém que pudesse me impedir de entrar no quarto com a

pergunta inflando dentro de mim até quase querer estourar em meu peito. — Quem é Lucia?

As venezianas estavam fechadas. A tempestade espreitava do lado de fora, fazendo-as chocalhar com a força de seu eco. *Monna Vannozza* encontrava-se rodeada de velas flamejantes, seu bastidor no colo. O rosto que virou para mim, pálido, enterrado num volumoso capuz armado, os enormes olhos calmos e inquisitivos, parecia o de uma coruja.

— Ele está dormindo — disse ela, como se não houvesse possibilidade de ele ter sido acordado pelos trovões e relâmpagos, nem por meus gritos, nem pela porta batendo de encontro à parede. Como se ele não estivesse por trás do cortinado escutando a tempestade, o ruído da cera das velas derretendo, o som das linhas de coser atravessando o tecido, seu próprio batimento cardíaco, o demônio tagarelado ao seu ouvido. Ela se dizia muito orgulhosa da capacidade auditiva dele. Olhou para mim de alto a baixo, e respirou por seu enorme nariz com desdém. — Então, além de sua impertinência, agora você rouba também, não é?

— Sua Graça disse que eu podia. Ele me deu a chave. Meus sapatos... A senhora viu as condições de meu vestido. O inverno está chegando. E dona Lucrezia não precisa mais dessas coisas, agora que está casada novamente.

Monna Vannozza preferiu ignorar minha última observação.

— Você fala de coisas práticas, mas eu conheço o seu jogo. Ponha esses objetos de volta onde os encontrou. Eu proíbo você de aparecer diante de meu filho com as roupas daquele ente sobrenatural. O choque o mataria.

Endireitei as costas, ergui os ombros e fechei os punhos ao lado do corpo para evitar que minhas mãos tremessem.

— O seu filho manda nesta casa, não a senhora. Trocarei de roupa se ele mandar, e não de outra forma. — Não esperei pela resposta dela. Eu queria que Cesare dormisse; queria que acordasse no dia seguinte e voltasse a ser ele mesmo, que estivesse forte, bem-humorado e no controle da situação. Eu temia o fantasma de suas

mãos frágeis como mariposas mortas e suas falas sinistras sobre demônios muito mais do que temi o terrível duque que piscava para mim durante as lúgubres apresentações teatrais e me fazia rir. Eu queria poder perguntar a ele sobre Lucia, na certeza de que receberia uma resposta com alguma mentira plácida e divertida.



Dois dias de frio e chuva foram seguidos pelo último hálito suave do verão. A colheita da uva começou nos terraços abaixo do castelo, e, no pomar, de repente estávamos todos ocupados colhendo peras, as primeiras maçãs e os carnudos abricós dourados, cálidos como a pele, que ficavam ao sol junto aos muros. Após as tempestades e uma apatia induzida pelas nuvens baixas, a luz acinzentada e os lumes fumacentos, ficamos impregnados de uma sensação de premência, de que não podíamos permanecer ali para sempre.

Em Roma, havia começado o conclave para eleger o sucessor do pai de Cesare, e entre aqueles que esperavam ansiosamente pelo resultado estavam, sem dúvida, muitos dos homens espoliados pelo duque em sua conquista da Romanha. Contudo, ao mesmo tempo que limpávamos e conservávamos as frutas, nós, mulheres e crianças, que ríamos, cantávamos e tagarelávamos ao redor da enorme mesa montada na cozinha, repleta de marcas de facas e suaves talhos causados por anos sovando o pão sobre ela, sabíamos que estávamos também no centro de algo. Uma teia de informações vinha de Nepi e para lá voltava novamente; embaixadas chegavam todos os dias, às vezes a toda hora, de todas as partes da Itália e de outros lugares de fora, mensageiros indo e voltando, alguns usando o libré de Cesare e portando cartas seladas, outros anonimamente vestidos e sem nenhuma encomenda.

Pensei que ele havia esquecido Girolamo e, por enquanto, eu preferia deixar assim, porque sabia que, quando eu o visse de novo, teria de descobrir a verdade sobre Lucia e não estava certa de que teria coragem para fazer isso. Apesar da hostilidade de *monna* Vannoza, eu, como mãe do filho do duque, gozava de uma posição especial entre as mulheres no castelo. Elas me tratavam como se eu

fosse, de fato, a amante dele, e eu me satisfazia em prolongar o faz de conta. Talvez, se todos nós fingíssemos bastante, no final aquilo viesse a se tornar realidade. Então, quando eu inesperadamente me vi face a face com ele no jardim, meu coração reagiu de uma maneira complexa, tanto com medo quanto com desejo.

— Está vendo, Violante — disse ele, agitando uma bengala de ébano em minha direção —, eu desafio o enigma da Esfinge caminhando sobre três pernas ao meio-dia. — Era óbvio que as articulações dele ainda o incomodavam, embora ele tivesse ganhado um pouco de peso, as maçãs do rosto tivessem adquirido mais cor e seu sorriso, emoldurado por uma barba áspera crescida, tivesse o aspecto feroz do riso de um pirata. Eu saíra com Girolamo para encontrar um lugar tranquilo onde pudesse amamentá-lo e repousar as costas nas pedras mornas após horas debruçada sobre a mesa da cozinha. Ele estava acompanhado de toda uma comitiva. Seu secretário, Agapito, que retornara recentemente de Roma, e Torella conversavam enquanto caminhavam, como um par de corvos negros. Um pequeno pajem os seguia quase escondido por trás de uma pilha de almofadas, enquanto outro cambaleava sob uma pilha de livros e um violão. Uma moça reservada de pulsos esqueléticos equilibrava uma jarra de vinho e uma taça numa bandeja, enquanto se esforçava para manter embaixo do braço um leque de cabo longo.

Fiz uma reverência.

— Fico satisfeita por vê-lo de pé novamente, meu senhor.

— Estou me sentindo bem mais forte. Venha e sente-se comigo. Apresente-me ao seu filho.

Uma cama havia sido montada para ele num pomar de limoeiros com vista para plataformas de oliveiras com nós semelhantes a punhos fechados escuros em contraste com a terra vermelha. As folhas dos pés de limão brilhavam contra um céu azul-claro, embora estivéssemos a uma altitude inadequada para bons limões e a fruta ainda estivesse verde, seu perfume, cítrico e balsâmico. Esperamos um pouco para que seus empregados arrumassem a cama com almofadas e cobertores. Girolamo começou a choramingar. Tentei

acalmá-lo, alisando-lhe a cabecinha cheia de penugem e sussurrando ao seu ouvido, mas eu estava tensa, temerosa de que Cesare perdesse a paciência com um bebê chorão e nos dispensasse. Meu filho, com fome, sentia o cheiro do leite.

— Eu vou cantar para ele — disse Cesare e pigarreou. Tentou umas cantigas de ninar, mas logo desistiu. — Não consigo. Minha voz está fraca desde minha doença.

— Vai se recuperar. Sua voz é agradável, meu senhor, eu me lembro.

— Bom, mais agradável do que a desse seu filho, sem dúvida. Não, duas atrás de mim, rapaz — reclamou ele ao jovem que arranjava as almofadas. — E ponha o vinho ali, onde eu possa alcançar — acrescentou, trocando olhares com a moça reservada, o que eu preferia não ter visto.

— Desculpe. Ele está com fome — eu disse.

— Então dê de mamar a ele.

Senti que eu começava a enrubescer.

— Aqui. Se eu chegar um pouco mais para trás, você pode se sentar na ponta da cama. O que é? Acha que eu nunca vi uma mãe amamentando um filho antes? Pelo amor de Deus, mulher, feche a boca dele antes que eu fique surdo. — Ele disse isso como se estivesse orgulhoso do fato de Girolamo ser capaz de ensurdecê-lo. — Vocês todos, deixem-nos aqui. Mestre Agapito, prepare as cartas de que falamos e traga-as para eu assiná-las.

Com um alvoroço de medidas, seu séquito partiu, desaparecendo em meio aos limoeiros como se nunca houvesse estado ali, como se o espírito das árvores tivesse feito aquela pérgola para nós, com almofadas exalando o perfume de cedro, livros com capas adornadas com joias, a jarra de vinho de prata, o delgado violão espanhol recostado ao lado da cama.

Cesare me observou com quase a mesma fome de Girolamo quando abri meu corpete e coloquei meu filho no peito, e eu sabia o que ele escondia pela maneira constrangida como pegou um livro da pilha a seu lado e abriu-o sobre o colo. Mas tudo o que ele disse foi:

— A roupa de minha irmã veste bem em você.

— Obrigada. — Sorri para ele, mas o olhar que me devolveu pareceu estranhamente cheio de dor. Estendi a mão e toquei o pé dele, e talvez, devido ao calor de sua pele através da meia fina, ou ao bálsamo dos limões, ou ao canto de um passarinho em algum lugar, como se fosse a primavera, ou ainda à deliciosa sensação do bebê sugando meu seio, em vez de perguntar a ele sobre Lucia e os sapatos de dança retalhados, eu disse: — Eu ainda amo você. — Disse quase como se ele tivesse me falado que não estava mais em condições de ser amado, naquele seu estado de desintegração, o corpo debilitado, a pele esfolada e o crânio branco e esquelético quando ele tirou o gorro e passou os dedos pelos cabelos ruivos que começavam a crescer.

E, assim que eu deixei escapar aquelas palavras, parecia que todas as que haviam estado presas num nó apertado dentro de mim começaram a se soltar, e eu não conseguia parar.

— Deixe que eu fique com você. Eu não pediria muito, só para ver você algumas vezes. Poderíamos ter mais filhos. Eu seria discreta; jamais o constrangeria ou à sua mulher. Eu me casaria, se esse fosse o seu desejo, com alguém mais velho e respeitável. Eu não esperaria fidelidade, nem mesmo que me amasse, particularmente. Mas gostaria de passar uma noite com você de vez em quando, e acordar no dia seguinte ao seu lado. Tudo o que quero é poder amar você, ou então eu... não sei... eu deixaria de respirar ou coisa assim.

A boca de Girolamo soltou meu mamilo, seus olhos estavam fechados, e ele começou a risonhar feliz. Em vez de me cobrir, virei-me para Cesare, oferecendo-lhe meu corpo, meus seios não mais aquelas almofadinhas batidas que ele acariciara no jardim das laranjeiras da irmã, e sim seios fartos, determinados, os mamilos macios e eretos sob o toque provocante da brisa. Eu estava tão bela como Helena, ou como Eva quando os olhos de Adão recaíram sobre ela pela primeira vez. A lembrança do toque de Cesare iluminou minha pele; senti o calor de sua barriga na minha, a impetuosidade de quadril contra quadril, a suave dor de senti-lo dentro de mim, sua

língua na minha boca com gosto de alecrim, como se tudo fosse tão real como havia sido então.

Por um instante, ele ficou imóvel; tudo havia parado, exceto meu coração que disparara em meu peito e a luz dançando entre as folhas dos limoeiros. Ele então sussurrou:

— Não. — E ergueu a mão para me afastar. — Você realmente acha que era isso o que ela tinha em mente, a mulher cumpridora de seu dever, quando falou com você sobre o amor? — Seus olhos fixaram-se nos meus com o rigor de um monge.

Ele aprendeu a escutar, sua mãe dissera, o som de um besouro rastejando num chão de pedras, o grito fino de minha vergonha arrastando-se em minha pele. Dei as costas a ele, encobrendo minha nudez enquanto tentava fechar a roupa, mas minhas mãos tremiam de tal forma que coloquei os ganchos nas presilhas erradas.

— Desculpe.

— Dê-me o menino — disse Cesare, de forma amável. Ele achava, eu suponha, que era seu perdão que eu estava pedindo.

Virei-me apenas o suficiente para ele poder pegar Girolamo, mas evitei mostrar meu rosto.

— Eu costumo...

— Vou desembulhá-lo — comunicou Cesare. — Quero ver se as pernas dele estão retas.

— ... desembulhá-lo — terminei a frase, e a coincidência nos fez rir. — Quer que eu faça isso?

— Eu posso fazer.

Eu tinha minhas dúvidas e observei ansiosamente enquanto ele puxava uma das almofadas de suas costas, acomodava-a sobre seu colo e colocava o bebê nela, para então começar a abrir os lençóis que o envolviam. Ele completou a tarefa com bastante segurança, e sem reclamação de Girolamo, que acordara e mantinha o olhar fixo no rosto do pai. Livre daqueles panos, ele deu um gritinho de alegria e fez xixi na almofada.

— Ah, não!

— Não tem importância, ele tem boa pontaria. Conseguiu desviar das minhas roupas e das dele — disse Cesare, levantando os testículos de Girolamo com a ponta do dedo e depois passando uma das mãos por suas pernas como se testasse a firmeza de um cavalo.

— Nada como uma boa mijada ao ar livre, hein, Girolamo?

— É muito paciente com ele, meu senhor.

— Ah, é que sempre houve muitos bebês por perto. Você acaba se acostumando.

— Essa não é a maneira como em geral é visto, meu senhor, como um grande patriarca.

— Eu não era o chefe da minha família até recentemente — respondeu ele com tranquilidade. Então deu um riso tenso e esfregou o queixo com as juntas dos dedos da mão livre. — E agora que eu realmente preciso da minha barba patriarcal, meus médicos me privaram dela.

— Eu acho que era mais bonita do que a de Moisés. Mas está crescendo de novo. Quando os dentinhos da frente de Girolamo nascerem, tenho certeza de que sua barba causará inveja a toda a Itália.

— Somente a minha barba, você acha? Esta eleição me preocupa, Violante. Della Rovere deve ser um candidato, e eu tenho medo da inteligência viva dele. E ele nunca me terá como aliado. O que ele quer está muito próximo daquilo que eu quero.

— Quem quer que venha a ser o papa, precisará de um bom gonfaloneiro. E não há ninguém melhor do que você.

— Mas, ora, eu já mostrei minhas intenções. Todos sabem que minhas ambições vão além da coleta de impostos dos vigários para encher os cofres de São Pedro. Della Rovere preferiria colocar um escorpião nos sapatos do que me conceder um exército. Além disso, ele provavelmente iria querer a tarefa para si mesmo. Fora Ippolito, ele é o único cardeal que eu conheço que se sente melhor numa armadura do que em seda escarlate.

— Ippolito? — Eu não conseguia imaginar Ippolito numa armadura.

— Não se engane com as boas maneiras dele. Ele é louco pela máquina de guerra tanto quanto Alfonso; só é melhor em esconder isso. Os homens jovens aprendem a dissimular para se dar bem no mundo.

— E você está agindo com dissimulação comigo?

— Eu tenho sido o mais correto possível com você. — Ele pareceu magoado.

Girolamo choramingou.

— Acho que ele está ficando com frio. Passe ele para mim que eu vou vesti-lo. — Cesare me devolveu Girolamo e, enquanto eu punha a roupa nele, inclinei-me para beijar-lhe a testa. Ao cheirá-lo, senti o odor de leite azedo, de baunilha e de lençóis secos sobre lareiras fumacentas. — Então, quem é Lucia?

— Ninguém, é imaginação. — Sua resposta foi muito rápida, conveniente demais. Ele nem tentou disfarçar a mentira. Deixou-me irritada saber que eu não merecia sequer uma falsa verdade, uma falsa demonstração de perplexidade, a pantomima de procurar na memória o nome de outra amante meio esquecida.

— Uma pessoa imaginária que você chamou em seu delírio. Eu encontrei os sapatos, Cesare, escondidos entre as coisas de dona Lucrezia. As solas cortadas da mesma maneira que você cortou as minhas.

Naquele momento, ele realmente pareceu confuso.

— O quê?

— Você pegou meus sapatos, quando estava com febre, e cortou as solas em tiras. Assim. — Com a palma da mão, imprimi no ar à minha frente o formato de losangos. — E há um par igual no armário, entre as coisas de dona Lucrezia.

— Bom, isso não me surpreende. Era um truque dela para evitar escorregar quando dançava. Ajuda o sapato a se manter preso ao chão. Certamente você viu outros pares dela recortados daquela maneira, ou você é uma dama de companhia desatenta?

— Mas você... — Beijou-me, eu ia dizer, porém as palavras ficaram presas na minha garganta. Se eu falasse sobre o beijo dele, ele se

dissolveria no ar assim como ocorre com os perfumes, ou a neblina matinal à luz do sol.

— Não é de admirar que ela tenha mandado você embora.

— Ela não me mandou embora, ela...

— Sim? — Ele cruzou as mãos na barriga e esperou. O que eu poderia dizer? De que adiantaria dizer algo de que ele já soubesse a resposta? Eu me levantei. Iria embora. Pegaria um cavalo e deixaria Nepi naquele mesmo dia. Voltaria para Roma e me lançaria à misericórdia de Eli, renunciaria à minha conversão e jamais pisaria entre os cristãos. Cesare podia ser lançado ao Tibre como seu irmão Juan, ou ser eleito Sacro Imperador Romano, e não faria a menor diferença para mim. Eles podiam viver e morrer como quisessem, ele, a irmã, a mãe, Angela, todos eles com seu brilho frio e seu charme fatal.

De repente, ouvi passos correndo em nossa direção, com pisadas fortes pelo caminho de terra. Alguém chamou pelo nome de Cesare em voz alta.

— Onde está você, irmão? Acabou. *Habemus Papam*. — Dom Gioffre, de rosto vermelho e respiração ofegante, enxugando o suor acima do lábio superior com as costas da mão. Um mensageiro, cuja face parecia uma máscara de poeira branca, parou atrás dele e curvou-se.

— Quem é? — perguntou Cesare. Seu tom era calmo, mas começou um tique nervoso no seu olho esquerdo, e seus dedos fecharam-se com força. Suponho que tenham se passado apenas alguns segundos até dom Gioffre responder. Entretanto, olhei para as mãos de Cesare e pensei em tudo que elas sabiam: de como provocar prazer, apertar um garrote e afagar um cavalo a escrever um soneto ou assinar uma ordem de execução. Pareceu terem se passado horas antes de dom Gioffre dizer *Piccolomini*, e eu perceber que havia prendido a respiração.

Nós todos olhamos para Cesare, à espera de sua reação, mas ele hesitou, pareceu indeciso.

— O que acha, Gioffre? — perguntou ele, por fim.

— Eu? — As maçãs do rosto dele passaram de vermelhas a lívidas.
— Bom, eu...

— Cardeal Piccolomini é um erudito — apressei-me em dizer. Lembrava-me dele como um homem frágil e sério, que demonstrara interesse em minha conversão, porque os agentes de meu pai haviam certa vez negociado a compra de Bíblias em várias línguas para ele. — Acho que ele não irá se preocupar em mudar as coisas no plano temporal desde que elas fluam bem. Acredito que o reempossará, Vossa Graça.

Cesare pareceu aliviado; eu diria quase agradecido.

— É. E o tio dele, Pio II, era agradecido a meu pai por sua eleição e o preferia para muitas coisas. Que nome ele vai adotar?

— Pio, também — respondeu Gioffre.

— Bom, muito bom. Então escreverei para lembrar a ele que poderá imitar o tio de formas mais práticas do que meramente adotando o nome dele. Como foi a votação?

Gioffre estalou os dedos com impaciência para o mensageiro, que tirou uma carta da bolsa e a entregou a ele. O irmão do duque rompeu o selo e passou a vista pelo conteúdo.

— Della Rovere saiu na frente na primeira votação. — Cesare rosnou. Gioffre apressou-se em continuar: — Então D'Amboise e Ascanio Sforza aliaram-se na segunda e propuseram Piccolomini.

— Então Agapito uniu corretamente minhas ordens e sua própria iniciativa e aconselhou-os bem — disse Cesare. — Ninguém faria objeção a Piccolomini. Ele não tem interesses políticos, nem familiares em busca de promoção. Mas precisamos agir rápido. Logo meus inimigos estarão cochichando em seu ouvido, tentando convencê-lo de que eu os expulsei ilegalmente de seus vicariatos. Preciso conquistar a confiança dele antes que outros se antecipem.

— Ele também não está bem de saúde, dizem — complementou Gioffre satisfeito. As possíveis implicações de um papado curto não representariam ameaças para ele se Cesare tivesse redescoberto sua determinação característica. — Ele está sofrendo terrivelmente com a gota.

— Então — disse Cesare, escolhendo as palavras com cuidado — ele olhará com bons olhos para a minha difícil situação. Venha, Gioffre, dê-me o seu braço, temos muito que fazer. — Gioffre ajudou-o a levantar-se, mas ele se adiantou e saiu mancando rápido, o que me fez lembrar seu pai. Então de repente ele parou, tão abruptamente que o irmão precisou dar um rápido passo para o lado para evitar chocar-se contra ele. — Ah, eu ia me esquecendo — disse ele, procurando num bolso oculto entre as camadas de tecido acolchoado de seu gibão. — Pegue. — Ele me lançou uma pequena caixa e fez um gesto de agradecimento com a cabeça quando eu consegui apanhá-la com a minha mão livre. Era a caixa de ouro e esmalte que *ser* Torella lhe dera para guardar seus comprimidos contra o mal-francês. — Eu notei... uma pequena cicatriz quando você... — Ele procurou palavras discretas para usar na frente do irmão e do mensageiro de Roma, mas terminou fazendo um vago gesto com as mãos em concha em frente ao peito. — Cuide bem da saúde de meu filho.

Dom Gioffre deu um riso de desdém e afastou-se um pouco de mim. Ele teria o mesmo mal, eu pensei, um rubor de fúria me subindo ao rosto, se algum dia aquela prostituta napolitana com quem era casado concordasse em ir para a cama com ele.

— Mas você não precisa delas? — perguntei a Cesare.

— Ah, estou curado. O mal-francês não pode existir ao lado da febre terçã. Torella me disse que eles são péssimos vizinhos, e que a febre terçã elimina o outro mal. Tome esses comprimidos, e vou pedir a Torella para preparar mais para você.

— Obrigada — eu disse, embora gratidão não fosse o que eu estava sentindo.



O novo papa rapidamente confirmou Cesare em todos os seus títulos, porém, aparentemente, negou permissão de ele voltar para Roma. Ele lamentava não poder garantir a segurança do duque, e

jamais se perdoaria se julgasse que suas ações haviam posto em risco o filho de seu querido antecessor.

— Mas aqui eu não estou seguro — irritou-se Cesare, mandando o empregado da cozinha buscar depressa uma tampa. Ele estava mostrando a Giovanni como matar um lagostim, e foi o homem que havia trazido o crustáceo, um de uma dúzia num barril de água do lago de Bracciano, quem lhe contou que Guidobaldo de Urbino estava tentando sublevar um exército para avançar sobre Nepi. Ele enfiou sua faca na cabeça do lagostim e depois virou a criatura habilidosamente, formando o ângulo de Pitágoras até que a lâmina se alinhasse com o meio de sua parte traseira. As pinças do crustáceo agitaram-se já fracas. Giovanni observava boquiaberto e com olhos redondos como castanhas. — Você precisa ser rápido, está vendo? Ou vai fazer a maior bagunça.

— Talvez você devesse ir para Romanha — eu disse, entendendo seu duplo sentido.

Ele enfiou toda a faca na parte traseira do lagostim.

— Pronto — disse ele a Giovanni —, agora você limpa. O estômago e todas as partes escuras da cauda. Isso seria covardia — respondeu ele.

— Ou bom senso. Construa sua base de poder lá de novo, e depois vá para Roma.

— As mulheres não sabem de nada. Não, Giovanni, isso é a ova. Você vai precisar aprender a diferença, menino, ou nunca irá muito longe em seus galanteios. — Ele olhou para mim e riu, e algo pareceu derreter logo abaixo de minhas costelas. Eu gostava de sua mente aberta e da maneira como sempre me fazia rir. E sabia que não iria deixá-lo.



O papa Pio mudou de ideia muito rapidamente, na verdade, mas, para nós, após termos visto Cesare se irritar em Nepi, a espera pareceu interminável. Ele era nosso sol e lua, e seu mau humor nos afetava a todos como uma mudança de tempo. O outono

permaneceu dourado e agradável, contudo meus ossos doíam de ansiedade como se afetados pela febre do inverno. Fiquei impaciente com Girolamo, que começava a ter dentinhos e que se ressentia de meus esforços de desmamá-lo. Seu choro me irritou de tal forma que lhe dei uma palmada e então, cheia de remorso, amoleci e deixei que mamasse em meu peito. *Monna Vannoza* sugeriu que eu o entregasse à ama de Camilla para que ela o amamentasse. Ela me disse que eu havia me apegado ao meu filho da mesma maneira que algumas pessoas se viciam em ópio. Não repetirei as coisas que eu respondi a ela porque me envergonham.

Então, numa tarde, depois de eu caminhar no morro por trás do castelo, tentando acalmar meus nervos e tirar a mente dos meus seios doloridos, encontrei dom Gioffre ao portão com uma pilha de cartas. Ele era sempre o primeiro a saudar os mensageiros que chegavam diariamente de Roma, de Ferrara ou da corte francesa, sempre na esperança de receber uma carta da princesa Sancha, e sempre destinado à decepção. Mas naquele dia um sorriso se abriu em seus lábios de canto a canto, revelando seus três caninos restantes e o espaço no qual ficava o quarto antes de perdê-lo numa luta.

— Ele conseguiu, finalmente — gritou Gioffre, abanando o pergaminho que levava o selo papal. — Cesare persuadiu o bode velho a nos deixar voltar para casa.

— Eu preferia que você não lesse as minhas cartas, irmãozinho. — Cesare, nu da cintura para cima e arrastando uma velha espada de dois gumes no chão de terra do quintal, falou suavemente, mas encarou dom Gioffre com um olhar fulminante.

— Eu... eu pensei que estivesse descansando. Não quis incomodar você com coisas sem importância.

— Eu estava lutando com Michelotto. Preciso ficar mais forte, agora que vou ser gonfaloneiro novamente. — Seu tórax ainda guardava as cicatrizes causadas pelo banho de gelo, manchas muito brancas e pele enrugada onde não nascia pelo, como se a taça que eu um dia havia delineado com a ponta dos dedos tivesse sido quebrada e mal remendada. — Me dê a carta, Gioffre. — Gioffre

entregou-a a Cesare. Ele sacudiu o pergaminho enrolado, passou nele a vista e abriu os lábios num sorriso.

— Ele escreveu e disse ao velho Piccolomini que estava morrendo, entende? — disse-me Gioffre. — Suplicou para receber permissão de ir para casa e morrer em paz. E o velho idiota acreditou nele. Ao que parece, ele disse ao embaixador ferrarense que jamais imaginara sentir piedade pelo duque, mas que então se viu com uma profunda compaixão por ele. — Gioffre deu seu irritante risinho de desdém.

— Cale essa boca. Você está tagarelando como uma moça.

— Sua Santidade ficará muito surpreso quando o vir, meu senhor — eu disse. — Agradavelmente surpreso, tenho certeza.

— Ah, mas há muitas maneiras de se morrer, Violante.

CAPÍTULO 5

ROMA, OUTUBRO DE 1503

Lembro-me sempre do lugar em que costumávamos nos esconder entre as hastes das frutas, onde eu esmaguei uma joaninha porque tinha certeza de que jamais precisaria de sua pequena reserva de sorte.

E para cada maneira de morrer há uma maneira de se proteger da morte.

Roma estava repleta dos inimigos de Cesare. Abutres, ele dizia, prontos para devorar sua carcaça, e mais perigosos do que nunca, pois agora estavam condenados a passar fome. Retornamos ao Palácio de San Clemente, e Cesare raramente o deixava, nunca depois de escurecer. Os portões principais permaneciam trancados e protegidos por uma barricada, e, a despeito das objeções feitas pelo Vaticano e por todas as famílias romanas importantes, uma fileira de pequenos canhões se encontrava alinhada do outro lado da praça, forçando os carroceiros a usarem caminhos alternativos através do labirinto cacofônico do Borgo. Cesare mandou erguer plataformas de madeira improvisadas ao longo dos muros de seu jardim, às quais os guardas teriam acesso por meio de escadas de corda, fazendo com que as paredes adquirissem o aspecto das laterais altas de um navio pronto para o embarque. O caminho que ia do palácio ao Tibre era patrulhado por homens e cães, e havia várias reclamações dos donos de barcaças, cujos cavalos haviam sido tratados cruelmente. No próprio jardim, ele deixava seus leopardos soltos, e eles estavam irritados depois da viagem de Nepi a Roma, na qual sofreram com os solavancos na parte traseira de uma carroça causados pelas estradas esburacadas.

Cesare andava sempre armado, e, diziam alguns boateiros, até mesmo dormia com sua espada sobre o travesseiro. Ele começou a usar um anel que eu nunca vira, com um camafeu e um compartimento pequeno cuja tampa, dizia-se, continha o lendário veneno chamado *cantarella*. Ríamos a respeito da *cantarella*, que se acreditava ter sido preparada por dona Lucrezia para se livrar do primeiro marido, Giovanni Sforza.

— Bom — dizia Cesare brincando —, um fraco como Sforza poderia ter morrido com o sopro de um cogumelo. — Mas naquele momento, pensando bem, eu não conseguia me lembrar se ele já havia negado a existência da substância.

E, olhando para Cesare, eu me perguntava se ele mantinha o veneno no anel para usar em seus inimigos ou em si mesmo. A pele fina sob seus olhos assemelhava-se a um pergaminho manchado de tinta, e suas pálpebras preguiçadas pelo cansaço pareciam as de um homem muito mais velho. Linhas similares a cicatrizes profundas iam do nariz aos cantos de sua boca. Eu duvidava que dormisse, mesmo quando ele, por fim, ia para a cama e a aurora começava a sobrepujar a magia das luzes das velas, e os sinos da cidade tocavam para anunciar a primeira hora do dia. Sua imaginação era muito fértil; mesmo uma espada sobre o travesseiro e guardas armados às portas e janelas não conseguiam afastar todas as terríveis possibilidades que deviam estar rondando sua mente, os espectros do fracasso aparecendo em cantos escuros, a solidão, a tentação da morte. Suponho que havia mulheres para a solidão, mas agora eu podia ver que elas apenas a agravariam.

Entretanto, para o mundo exterior, ele mantinha a máscara sorridente do otimismo. Os trabalhadores que haviam erigido as plataformas de madeira e verificado se havia pontos frágeis nos muros do palácio foram mantidos para retomar o trabalho de modernização que havia sido abandonado por ocasião da morte de seu pai. Aonde quer que Cesare fosse, ele era seguido por seu encarregado de obras, que segurava uma pilha de plantas manuseadas e com pontas dobradas. Discutiam uma série de questões e observações sobre construções estáveis com

hipocaustos, sistemas de descarga para as latrinas, janelas para a biblioteca, e se seria possível ou não construir um *studiolo* giratório com um sistema mecânico capaz de acompanhar a trajetória diária do sol. O próprio palácio parecia tomado pela mesma sensação de impermanência e transformação que tomava conta das pessoas que ele abrigava. Era possível entrar num cômodo num dia e, em outro, vê-lo oscilando à beira de um penhasco. As paredes apareciam, desapareciam e reapareciam em novas formações como se realizassem uma estranha dança, lenta e empoeirada. Candelabros de vidro veneziano encontravam-se pendurados nos tetos e envolvidos em lençóis, como crisálidas de mariposas gigantes. Figuras em afrescos pintadas pela metade pareciam, sob uma luz, possuir a energia de Adão lutando para sair da lama, e, sob outra, fantasmas que se dissolviam no emboço claro das paredes. A casa exalava vapores de cal, que irritavam nossas gargantas e faziam nossos olhos lacrimejarem.

Enquanto os operários, os pintores e os carpinteiros reformavam o castelo, Cesare trabalhava para reconstruir seu corpo debilitado. Lutava diariamente com o gigante africano que ele mantinha para esse fim e passava horas praticando tiro ao alvo com arcos e arcabuzes, ou praticando esgrima com seu mestre de armas. Organizava partidas de *calcio* entre seus guardas e os serviçais da casa, sendo ele o capitão de um dos times e dom Gioffre, respirando com dificuldade, reclamando e parando com frequência para beber *grappa* num cantil, o líder do outro. Ele então decidiu que os jogadores deveriam fortalecer os pés jogando descalços, porque, logo que se realizasse a coroação do novo papa, eles marchariam de volta para Romanha sob a bandeira do gonfaloneiro papal. Ele já havia despachado Michelotto com uma guarda avançada para Rocca Soriana.

Os unguentos que tínhamos para cortes e bolhas logo se acabaram, e todas as combinações e camisas velhas haviam sido cortadas em tiras para curativos. O responsável pelos cavalos não sabia se conseguiria adquirir mulas ou carroças puxadas por bois em número suficiente para transportar os inválidos em direção ao norte

quando fosse necessário. Além disso, que tipo de exército viajava em carroças com pés enfaixados como as cortesãs de Catai? A saúde dos homens também sofreu com a quantidade de apostas que se faziam, resultando em acusações de jogos de cartas marcadas e lutas que levaram a várias costelas fraturadas e narizes quebrados, além de um homem que quase morreu depois de receber uma punhalada no pulmão.

Pouco tempo depois, o sargento de armas, abanando a cabeça e reclamando do estado mental do duque, pediu-me para persuadir Cesare a encerrar aqueles jogos, já que ele, aparentemente, não conseguia. A única constante naquele mundo transitório, encerrado nas muralhas cegas do San Clemente, era o meu estranho não relacionamento com Cesare, a série de perguntas não feitas e não respondidas, que davam às pessoas a impressão de tratar-se de um caso de amor.

— Fale com ele; ele escutará a senhora — diziam, e eu gostaria de acreditar nisso.



Ele estava em seu jardim. Eu não conseguia vê-lo enquanto espiava por uma abertura iluminada pelo sol numa das três portas que se abriam do salão do andar térreo para o jardim, mas sabia que ele estava lá devido ao número de homens armados em posição de guarda em meio às estátuas e árvores podadas nas mais diversas formas. Ele tinha muitas sombras, como se precisasse delas para provar sua importância. Abri a porta com um pouco mais de cuidado, dizendo a mim mesma para ser cautelosa. Se os guardas de Cesare estivessem despreocupados, os leopardos deveriam estar seguramente acorrentados, pelo menos dessa vez. Um dos homens virou-se bruscamente quando saí sob os claustros, sua mão dirigindo-se ao punho da espada. A mão estava enfaixada, percebi, as ataduras ensopadas com manchas escuras de sangue.

— É Violante — eu disse, esperando ter falado bastante alto, pois minha garganta ainda estava seca diante da possibilidade de

encontrar os leopardos.

— Ele está no jardim de rosas — respondeu o homem. E olhou como se fosse dizer algo mais, porém, pensou melhor e virou-se de costas para mim em direção ao jardim das cozinhas, com seus muros cheios de pessegueiros enfileirados, cujas frutas, em sua maior parte, apodreciam no chão fervilhando de vespas. Andando com cuidado para evitar os excrementos dos leopardos, cujo mau cheiro era forte e persistente, cheguei ao jardim de rosas.

Cesare estava sentado no chão, as costas apoiadas no pedestal de um busto de mármore de Cícero. Um mosquito tardio pousou na testa do nobre orador, e seus olhos cegos fitavam a cabeça do duque, lábios contraídos em estoica desaprovação. Da mesma forma que ele devia ter olhado para o César de seu próprio tempo. Aproximando-me, vi a lâmina fina e longa de uma faca biscaia pendendo dos dedos de Cesare. Estava escura de sangue. As mãos dele e os punhos de renda flamenga também estavam manchados. Senti a respiração abandonar meu corpo, como se eu tivesse sido atingida no peito. Devo até ter cambaleado um pouco. Pensei que ele estivesse morto, que seu demônio houvesse retornado, pegado a faca biscaia e a enfiado na barriga dele.

Não conseguia me mover. Deveria chamar os guardas? Será que eles pensariam que eu o assassinara? Teria um deles feito aquilo? Nem todos eram homens que haviam estado conosco em Nepi. Aqueles que ficaram para trás poderiam facilmente ter sido trazidos pelos inimigos de seu mestre quando ele virou as costas, e a morte pela febre o rondava todos os dias. Pegadas. Eu deveria procurar pegadas no chão coberto com pétalas de rosas mortas.

Enquanto estava ali paralisada pela indecisão, Cesare virou a cabeça e olhou para mim.

— Violante. — Seu tom era sem vida e desinteressado, como se eu fosse inevitável. Estremeci de alívio. Sem saber como eu havia parado ali, me vi de joelhos a seu lado, puxando-lhe a manga com dedos frágeis e trêmulos.

— Pensei que estivesse morto. Vim para falar com você sobre o *calcio* e... De onde vem todo esse sangue? Está ferido? O que

aconteceu? — As perguntas saíam aos borbotões tão sem sentido como o relincho de um burro.

— Tirésias. — Ele gesticulou com o queixo em direção a algo na frente de seus pés. Um monte de pelo branco e carne sangrenta encontrava-se ali, o chão ao redor manchado de um vermelho vivo.

— Tirésias? — repeti.

— Ele deve ter vindo passear aqui fora, pobrezinho. Os leopardos o pegaram. Não havia mais nada que eu pudesse fazer quando o encontrei. Eu tive que... — Ele passou a faca pelo pescoço, a lâmina quase raspando sua barba. Olhei para o cão morto, vi o corte, perfeito e belo, entre os restos de carne e pelo deixados pelas garras dos leopardos.

— Não deixou que ele sofresse. E ele já estava muito velho.

— Nasceu no mesmo mês em que meu pai foi eleito papa. — Sua voz estava embargada como se tentasse evitar o choro. Seus olhos, notei então, estavam vermelhos, mas os olhos de todos encontravam-se da mesma forma, devido ao forno de cal dos trabalhadores. — Eu deveria ter mandado afogá-lo, mas pensei que um cão cego poderia se tornar um bom caçador de trufas. O sentido de olfato mais aguçado, sabe? Então eu o mantive. E ele se tornou um caçador.

— Você deu a ele uma vida boa. Os velhos se vão. Nós continuamos a viver. É assim que as coisas são.

— É. — Ele suspirou, e o novo ar em seus pulmões pareceu trazê-lo de volta à consciência. Limpou a lâmina da faca na manga de sua roupa e inclinou-se para a frente para recolocá-la na bainha presa à parte de trás de seu cinto. Depois examinou as mãos sujas de sangue e os punhos manchados com um ar de vergonha. — Eu vou às Vésperas com a minha mãe hoje — disse. — É melhor eu ir trocar de roupa. Vou pedir a Bernardino para projetar um túmulo para ele — acrescentou ao se levantar e me ajudar a ficar de pé, deixando pequenas manchas do sangue do velho cão em minha manga. — Ele está em um dos quadros de Bernardino, sabe, no enorme afresco que ele fez acima da porta da Sala dei Santi, aquele em que me

retratou como imperador e Lucrezia, como santa Catarina. Tirésias está aos pés do cavalo de Juan, olhando para ele com adoração, o que somente um cão cego faria. — Ele riu. Eu correspondi com um sorriso cauteloso, sem saber ao certo quais eram os sentimentos de Cesare para com o irmão assassinado.

Ele passara a assistir à missa regularmente, em geral na companhia da mãe, na capela da família dela em Santa Maria del Popolo, onde Juan estava enterrado. Nos *avvisi*, dizia-se que a proximidade da morte o tornara mais escrupuloso; os homens de Cesare os arrancaram da estátua de Pasquino e os queimaram em frente à multidão que se reunia em torno da estátua todos os dias para comentar os últimos boatos. Era impossível saber se isso havia sido feito por ordem de Cesare, ou sem seu conhecimento.

Certa manhã, quando eu estava sentada no jardim com Girolamo, vendo-o tentar rolar e virar-se de frente, escutei vozes altas que vinham da casa.

— Mas, se eu deixar a base de gesso agora, ela vai secar e toda a parede vai precisar ser emboçada novamente antes de eu recomeçar o trabalho. — Reconheci o sotaque mantuano do pequeno pintor Bernardino, chamado a Roma por *monna* Vannozza para decorar as paredes da capela de Cesare.

— O trabalho de Deus deve vir primeiro.

— A pintura é um trabalho de Deus. Senão, de que maneira as suas congregações entenderiam as coisas que o senhor repete em latim, sem as pinturas para ilustrá-las?

— Por mais belos que sejam seus afrescos, *ser* Bernardino, deve admitir que o desejo do duque de se confessar é quase um milagre.

— Eu teria cuidado ao dizer essas coisas, padre.

— E o senhor tenha cuidado com o que escutar, pintor, pois não está protegido pelo confessor, e eu me arrisco a dizer que alguns em Roma iriam a extremos... criativos para descobrir o que o duque teria para confessar. Uma parede de gesso estragado seria menos importante para o senhor do que alguns dedos esmagados.

Então, com uma série de sons triunfantes, Girolamo finalmente virou-se de bruços e ficou rindo para mim, uma bochecha pressionada contra o cobertor sobre o qual se encontrava. Quando voltei minha atenção para a conversa, os palestrantes haviam se distanciado de mim. Mas as palavras deles permaneceram, assim como o silêncio entre eles, e eu fiquei imaginando como Cesare quebraria o silêncio, o que ele escolheria para confessar.

Por certo, nos dias seguintes, ele se comportou como um homem que havia se libertado de um peso, embora intimamente eu acreditasse que se alegrara por ter assumido uma nova responsabilidade, e não por ter se liberado de outra. O novo papa foi coroado, e, como havia prometido, devolveu a Cesare a lança branca de gonfaloneiro e capitão-geral de seu exército. Embora os Orsini e seus partidários ainda rondassem o Borgo como lobos ao redor de uma fogueira, Cesare anunciou que daria uma festa para celebrar e agradecer àqueles que o haviam apoiado em meio a suas dificuldades. Os operários e os decoradores agora trabalhavam 24 horas por dia, os martelos batendo como fortes batimentos cardíacos, pisos de mármore recém-colocados brilhando à luz das tochas, poeira em toda parte, embotando as estrelas e sufocando a lua.

Peças inteiras de bois e porcos, uma grande quantidade de peixes de todos os tipos e bandos de aves eram devorados pelas entranhas das cozinhas. Uma tiara papal se materializou, confeccionada com pasta de amêndoa, decorada com joias feitas de pedacinhos de fruta cristalizada e uma pirâmide gigantesca de ovos de pata dourados contendo *bottifacci*, que teve de ser elaborada no salão de jantar, apesar da presença dos carpinteiros que trabalhavam nos ornamentos do teto. Eu diria que muita serragem e muitas folhas de ouro terminaram entrando na confecção da tiara, embora, no final, ela provavelmente tenha sido consumida pelo pessoal da cozinha, que não teria reclamado.

O chef que sugeriu óleo condimentado com trufas para fazer um ensopado de lebre foi sumariamente despedido, uma vez que Cesare declarara que jamais voltaria a comer trufas depois da morte de

Tirésias. Foi contratado um novo chef, que trouxe consigo uma caixinha de madeira com seus temperos, a qual nunca perdia de vista; o ajudante de cozinha que simpatizava com ele disse que o chef até mesmo dormia com a caixa presa ao peito por uma tira de couro, “assim como um judeu com suas caixinhas de feitiços na cabeça e no braço”. Espalhou-se o boato de que ela continha as sementes de cacau, muito apreciadas pelos selvagens do Novo Mundo e usadas por eles em suas cerimônias religiosas. Isso foi seguido pela história sinistra de que Cesare pretendia esconder um veneno nas sementes, pois, como ninguém sabia o gosto que elas tinham, ninguém acharia o sabor estranho.

Cesare nunca parecera menos inclinado a envenenar alguém. Ele comandava as operações da casa com entusiasmo e bom humor, sendo o mediador, com toda a sua velha habilidade diplomática, entre os chefs intolerantes e os pintores impertinentes. Testava os músicos e inspecionava os novos recrutas para o exército papal, e passava horas trancado com dom Gioffre e uma jarra do vinho forte de Avignon, seu predileto, planejando espetáculos para distrair e surpreender seus convidados.

De repente, éramos todos convocados a assistir a um desses. Reuníamos-nos na sala de jantar, abarrotada de andaimes, banquetas de trabalho e baldes de tinta, enquanto Cesare e o irmão subiam numa plataforma suspensa no teto por roldanas, içada de tal maneira que todos pudessem ver claramente. Eles tinham consigo um prato raso sobre um braseiro e coelhos já estripados e recheados. Girolamo, influenciado pela agitação da sala, dava gritinhos e se mexia em meus braços como um porquinho; eu já desistira de tentar embrulhá-lo em lençóis, porque ele simplesmente gritava até ser solto. *Monna Vannozza*, que já poderia ter retornado para a própria casa agora que Cesare fora confirmado como gonfaloneiro, mas que preferira ficar no San Clemente, franziu a testa em nossa direção antes de as palhaçadas de seus filhos atraírem sua atenção.

Gioffre colocou um dos coelhos no prato. Os espectadores ficaram em silêncio. O coelho começou a chiar no fogo e um odor de carne

frita misturava-se aos cheiros de tinta, serragem e corpos sujos. O burburinho recomeçou e ficou ainda mais alto, como uma maré subindo. Gioffre virou-se para Cesare, que pareceu perplexo, depois envergonhado, passando repetidamente a mão pela densa cobertura de cabelos escuros que agora cobriam sua cabeça. Ele sussurrou algo ao irmão, que pegou uma pinça e estava prestes a erguer o coelho do prato quando suspiros na fileira da frente fizeram com que nos empurrássemos e esticássemos nossos pescoços para termos uma visão melhor. Segurando meu filho firmemente com um braço, usei o outro para me firmar ao subir numa trave de madeira baixa e olhar por sobre as outras cabeças.

O coelho virou no prato como um peixe fora da água, o ventre se movendo em ondulações e tremores que se intensificavam até que suas pernas começaram a subir e descer na insana imitação de uma corrida. Gioffre soltou uma gargalhada e deu uns passinhos de dança que fizeram com que a plataforma balançasse e deixasse cair algumas brasas sobre as pessoas. Cesare, segurando-se na corda da roldana para se equilibrar, deu uma risadinha como a de um menino entretido em arrancar as asas de uma mosca.

Ouviu-se então um estrondo. Uma mulher gritou, e Girolamo começou a chorar. Os dois homens pularam para trás, e a mão livre de Cesare voou para o punho de sua espada. Gioffre perdeu o equilíbrio e caiu nos braços de uma mulher de seios fartos, encarregada da lavanderia, e pareceu inclinado a permanecer em seus braços enquanto observava Cesare se reequilibrar e olhar cautelosamente para o prato agora vazio.

— O que aconteceu? — perguntou Gioffre.

— Se eu soubesse...

— Bom, eu sei — disse uma voz vinda do chão. — O coelho explodiu. Uma carne meio crua caiu em cima de mim e... gotas de chuva prateadas?

— Mercúrio — disse Cesare. — Coloca-se mercúrio no estômago do coelho, depois cozinha-se o animal, e ele salta como se estivesse vivo. Eu queria ver se funcionava antes de usá-lo diante de meus convidados.

— Honestamente! — exclamou *monna* Vannoza, virando-se para deixar o recinto, a multidão abrindo caminho para ela. Olhei para o rostinho molhado de lágrimas de meu filho e fiquei imaginando quanto tempo levaria para ele inventar brincadeiras. Eu não via humor nelas, pois tudo o que eu podia enxergar era o perigo, a terrível fragilidade de sua vida.

— Ele está bem? Sinto muito se ele se assustou. — Era a voz de Cesare, bem próxima agora. Olhei para baixo, do lugar onde estava, para o rosto dele voltado para cima, que parecia tanto estar se divertindo como sentindo remorso. Ele estendeu uma das mãos e me segurou firme para que eu pulasse da trave de madeira para o nível em que ele se encontrava. — Eu não tinha a menor ideia de que o mercúrio reagia dessa forma quando muito aquecido. Só tinha visto o mercúrio amornado nos banhos que Torella me prescreveu. — Ele pigarreou. — Os comprimidos...? Estão funcionando?

— Eu estou muito bem, obrigada.

— Ótimo. Sim, eu me lembro de Sandro Farnese, sabe, o irmão de Giulia, me dizendo que tinha visto esse truque feito com galinhas, e eu sempre tive vontade de fazê-lo. — Ele deu seu sorriso de criança e continuou segurando minha mão. Por isso, não tive outra opção senão acompanhá-lo quando ele deixou o salão de jantar. Senti os olhos do pessoal da casa em minhas costas, suas especulações sobre mim, e lutei contra a tentação de dar meia-volta e gritar para eles. *Isso não significa nada*, eu diria. *Não sou em nada diferente de nenhum de vocês. Deixem-me em paz. Parem de me dar esperanças.*

Mas eu não disse nada. Estava gostando do calor e da firmeza de sua mão, do leve roçar de meu ombro em seu braço, e de como eu acertara meus passos com os dele enquanto caminhávamos. No pé da escada que levava aos seus aposentos particulares, ele parou e disse:

— Tenho trabalho para fazer agora, mas estive pensando. Depois da festa, você quer jantar comigo? Um jantar privativo? — Ele fez um sinal de cabeça em direção aos cômodos do andar superior. Minha voz ficou presa na garganta pela empolgação. Sem conseguir

falar, tentei sorrir, em dúvida se meu corpo me obedeceria a esse ponto.

Cesare me lançou um olhar curioso, as sobrancelhas arqueadas.

— Isso é um sim?

— É — consegui dizer com a voz estrangulada, e fugi antes que fosse obrigada a dizer qualquer outra coisa.



Não haveria mulheres na festa, em deferência aos cardeais que convidara, disse Cesare, exibindo sua nova piedade como um presente de uma dama. *Porque há trabalho pesado para ser feito*, foi isso o que ele quis dizer. *Porque Pio é idoso e fraco, e Della Rovere ainda ronda minha casa como um lobo faminto*. Eu, no entanto, me preparava com intensidade e empolgação como se fosse a convidada de honra.

Um vestido adequado era minha primeira exigência. A saia e o corpete que eu pegara no armário abandonado de dona Lucrezia em Nepi mostravam sinais de uso, a barra estava esgarçada e empoeirada, o corpete, manchado de leite. Mas eu não tinha nem tempo nem dinheiro para comprar algo novo. A lembrança de todos os vestidos e joias que eu deixara em Ferrara me incomodou e me fez sofrer por certo tempo, com frustração diante da impotência, até que me libertei da inércia e comecei a pedir emprestado o que podia das outras mulheres da casa. Eu fingia que o motivo era simplesmente precisar de roupa limpa até eu lavar e remendar as que eu trouxera de Nepi, mas não consegui enganar ninguém; elas todas haviam visto Cesare segurar a minha mão; todas nos viram conversar ao pé da escada que dava para os aposentos privados dele.

Algumas se irritaram e se recusaram a ajudar; outras se contagiaram com minha empolgação e, juntas, trabalhávamos com linha, agulha e o que conseguíamos aproveitar de nossos pertences, do que negociávamos no mercado ou do que roubávamos dos donos que se encontravam imersos em autopiedade. Desde a morte de

Tirésias, Cesare ordenara que os leopardos voltassem a ficar presos em suas jaulas, então, nos dias ensolarados, um grupinho nosso sentava-se no jardim, com Camilla e Girolamo, e às vezes Giovanni, brincando sobre um tapete no centro de nosso círculo, enquanto nós costurávamos e tagarelávamos. Uma linha tesa e sonora de possibilidades nos unia. Era fácil saber o que as outras estavam pensando pela febre de seus olhos e os voos da imaginação em suas conversas. Eu podia ter minha chance dessa vez, mas e da próxima? E da vez depois da próxima? Seu sultão dera sinais de querer visitar seu harém, e elas haviam começado a lutar por uma posição como pombos num sótão superlotado.

Eu não me importava. Podia ser generosa. Uma tarde, Fatima se ofereceu para ler minha sorte no *tarocchi*. Depois disso, como todas começaram a exigir sua vez, ela simplificou a leitura, usando somente o Arcano Maior e três cartas escolhidas. Ela virou primeiro A Grã-Sacerdotisa, com sua Torá no colo; em segundo lugar, Os Amantes; e, por fim, O Imperador; não era preciso ser especialista para saber o que aquilo significava. Então eu raramente dava ouvidos à interpretação dela; recusava-me a ver a expressão em seus olhos quando falava sobre escolhas e dualidades e a tênue linha divisória entre sabedoria e loucura, e sobre como o poder não pode ser sempre controlado.

Na véspera da festa, furtei um limão das cozinhas, espremi o suco numa bacia de água e lavei meus cabelos com um pedacinho de sabão com perfume de rosas que eu vinha guardando, porque era de um tipo que Angela gostava e que me fazia lembrar dela. Trancei meus cabelos enquanto estavam ainda molhados para deixá-los mais cacheados, depois sentei-me em frente ao braseiro no quartinho que eu e Girolamo tínhamos para nós dois e esfreguei a casca do limão em minha pele para alvejá-la enquanto meus cabelos secavam. Meu rosto e meus antebraços estavam inaceitavelmente morenos de todas as cavalgadas e caminhadas que eu tinha feito desde que deixei Medelana.

Na tarde da festa, enquanto os convidados de Cesare chegavam em meio ao caos da gritaria dos cavaleiros, dos ruídos dos arreios,

a batida das liteiras no calçamento de pedras, eu me despi e lavei meu corpo cuidadosamente com o restante do sabão. Seu perfume forte me fez ter saudades de Angela. Como seria tão mais divertido se ela estivesse ali com seus conselhos francos sobre a arte do amor, seus dedos longos e fortes, cujas pontas estavam sempre levemente calejadas de tocar violão, mexendo em minha caixa de joias, sua maneira de rodopiar pelo quarto com diferentes tipos de saias e corpetes, combinações e xales colocados à frente de seu corpo enquanto decidia qual deles ficava melhor. Olhei para baixo, para o emaranhado triângulo de pelos escuros que encobriam minhas partes femininas e para minhas pernas. Embaixo dos meus braços a situação era igualmente ruim. Eu precisava de cera quente e de uma tesoura, mas não tinha nenhuma das duas. Além disso, se eu me depilasse com cera, terminaria parecendo uma galinha recém-depenada.

— Ele provavelmente me faria engolir mercúrio e atearia fogo embaixo de mim — eu disse a meu filho, que não entendia nada e que continuava concentrado em seu esforço de se erguer sobre os braços.

Eu consegui arrumar melhor meu jardim com a ajuda de um pente e de minha faca de carne, e me consolei com a ideia de que já haveria escurecido quando ele... quando nós... E, além disso, ele provavelmente já estaria um pouco embriagado. Vesti-me devagar para estender a longa tarde, endireitando todos os laços da minha roupa branca limpa, alisando minha meia de seda, só um pouco gasta na altura dos joelhos. Ao amarrar meu espartilho, tive o cuidado de puxar meus seios para cima de modo a exibi-los em toda a sua opulência. Embora Girolamo estivesse quase desmamado então, eu ainda o amamentava de vez em quando à noite para que meus seios permanecessem cheios e firmes, e os mamilos bem-definidos, tendo em suas terminações nervosas a lembrança da língua e das pontas dos dedos de meu amante e de seu estranho conhecimento das cartas pessoais de dom Cristoforo Colon.

Finalmente entrei em minha saia amarelo-pálido com poucas faixas de renda de ouro, fechei meu corpete de brocado verde-claro,

entrelaçado na frente para que eu mesma conseguisse lidar com ele, calcei os sapatos de seda cor de pêssego, que prendiam meus dedos dos pés só um pouco, e me sentei para aguardar. Aguardar o quê? O que aconteceria em seguida? Será que algum de seus escravos seria enviado para me buscar? Será que Cesare sabia onde era meu quarto naquele palácio superlotado, cuja forma parecia mudar a cada dia? Quanto tempo duraria aquela festa? Tentei fazer uma estimativa do número de pratos, do tempo que cada um demoraria para ser consumido, dos entretenimentos deles e, por fim, de quanto tempo Cesare teria de passar falando com cada um daqueles homens, agradecendo aos amigos e lisonjeando os inimigos. Certamente levaria a maior parte da noite, e então ele estaria exausto para me levar para jantar. Ou simplesmente esqueceria que havia me convidado.

Eu gostaria de ter alguma distração, um bordado para fazer ou um livro para ler. Pelo menos daquela vez eu havia permitido que Girolamo ficasse aos cuidados da ama de Camilla, então não tinha sequer ele para brincar, cantar ou ninar à medida que o quadrado de claridade que entrava pela pequena janela diminuía, tornando-se alaranjado quando as tochas foram acesas no pátio. Levantei-me para acender uma vela, parando diante da bacia para ver meu reflexo na superfície da água, uma vez que eu não tinha espelho. A água estava turva da espuma do sabão, o que me dava a impressão de ver meu reflexo através de uma neblina, mas, mesmo assim, no gratificante brilho de minha vela e da luz da tocha de minha janela, eu pude ver como minhas feições haviam afinado e envelhecido nos últimos meses, como eu ficara parecida com minha mãe.

Recuei como se um punho fechado tivesse emergido da água e me dado um soco. O que minha mãe pensaria de mim, com aquele decote no vestido e bijuteria barata como uma prostituta das ruas? Eli tivera razão ao impedir minha entrada em sua casa e manter a esposa escondida de mim. Mas, se minha família não fosse tão ansiosa em explorar minha beleza, eu agora seria uma boa esposa judia, observando a *kashrut*, ensinando a Torá a meus filhos, acendendo minhas velas no *Shabbat*. E eu não era uma prostituta.

Tinha um único amante, jamais olhara para outro homem, e lhe dera seu único filho homem. Para todos os efeitos, e a despeito da princesa francesa, eu era a mulher de Cesare.

Então não havia nada que me impedisse de me dirigir a seus aposentos. Não precisava esperar para ser chamada como se fosse uma escrava que ele procurasse para satisfazer suas necessidades. Eu simplesmente me dirigiria a seu quarto e esperaria por ele, e, se ele me deixasse esperando tempo demais, eu poderia até mandar um escravo lhe lembrar de seu compromisso.

— Bom, não é preciso nem perguntar para onde está indo assim tão enfeitada e com esse cabelo todo cacheado — disse *monna* Vannozza. Ela estava ao pé da escada privativa ladeada por dois guardas suíços como um pequeno corvo cortejado por um par de papagaios. Enquanto ela me olhava de cima a baixo num silêncio desdenhoso, eu ouvia um vozerio abafado de conversa vinda da sala de jantar e sentia o delicado perfume de baunilha e cera de abelha, uma combinação que até hoje me faz pensar em castanhas. — Com certeza ele vai deixar você esperando — continuou. — Há muito mais em jogo aqui do que o seu coração agitado.

— Claro que eu sei disso, senhora; não sou idiota.

— No entanto, você age como se fosse. Violante, caminhe comigo por um momento. — Ela pegou meu braço, não muito firmemente, mas com uma atitude que deixava claro que não esperava que eu resistisse, e me conduziu a uma distância em que os guardas não pudessem nos escutar. Entramos em uma alcova que abrigava uma *Vênus* clássica sem braços.

— Eu já lhe falei sobre o perigo que você representa para o meu filho — começou ela — e você preferiu não me ouvir e seguir seu próprio curso egoísta. Talvez, então, você escute se eu lhe disser que acredito que você e seu filho estão correndo risco com ele. — Ela fez uma pausa, raspando a poeira nas dobras da túnica da *Vênus* com uma unha ligeiramente amarelada. — Meu filho é um homem passional, Violante.

Eu quis dizer “eu sei”, mas então entendi. Vira Cesare irado e voluntarioso; conhecera-o amável e sedutor, risonho, mas nunca

apaixonado, nunca isso. Para mim, em seu íntimo ele tinha algo de frio, insensível e calculista, era uma espécie de deus pessoal de um submundo onde todas as paixões congelavam. Se ele fosse capaz de fazer o mal, eu queria descobrir por mim mesma, e não ficar sob uma Vênus de mármore e receber ordens de sua mãe.

— Tenho que ir — eu disse.

— Espere, deixe-me terminar. Essa... paixão dele, não existe outra palavra. Isso é algo muito peculiar, e muito profundo. Permanece escondido, talvez, num lugar onde não se pode ver. Mas eu vejo, e vejo que está sugando você. Você é como um barquinho no vórtice de um navio naufragando. Escute o que estou dizendo. Volte para seu próprio quarto, eu lhe suplico.

Se ela tivesse falado sem rodeios sobre a paixão de Cesare como era seu costume falar sobre a maioria das coisas, talvez eu tivesse feito o que ela pediu. Talvez não. Essa súplica sem substância simplesmente despertou meu ódio.

— A senhora acreditava que levar Cesare para a missa todas as manhãs o faria mudar? — respondi com rispidez. — Imaginava que ele pediria ao papa Pio para lhe restituir o chapéu vermelho em vez de a lança branca?

Para minha surpresa, ela deu um riso irônico.

— Eu não sou tola, mocinha, e conheço Cesare muito melhor do que você. Ele vai à igreja não para ser visto por Deus, mas pelos homens próximos de nosso novo Santo Padre. Pio é um homem piedoso e ele se cerca de servos devotos. Acredito que Cesare tenha até recebido a Sagrada Comunhão bem antes da coroação. Aposto que houve alguma comemoração no Hades naquele dia. E acho até que foi um gesto de compaixão de Nosso Senhor meu filho não se sufocar quando recebeu o sacramento.

Uma prova a mais, pensei, da falta de fé de Cesare, pois quem quer que parasse para refletir sobre a ideia de que o pão e o vinho eram miraculosamente transformados no corpo e sangue de um homem quando o padre os consagrava estava sujeito a se sufocar. Mas eu não estava disposta a discutir teologia.

— Bom, a senhora sabe como Cesare dá valor à comida. Então não devo deixá-lo esperando pelo jantar. Com licença, senhora. — Empurrei *monna Vannozza*, forçando a passagem, e deixei o aposento. Desconcertada com a minha indelicadeza, ela me deixou passar.



Eu não precisava me preocupar em deixar Cesare esperando pelo jantar. Exceto pelo guarda à sua porta, que compreendeu por que eu estava ali, mesmo não sabendo quem eu era, e se afastou para eu passar com uma inequívoca malícia no olhar, seus aposentos particulares estavam vazios. Uma lareira encontrava-se acesa na sala de recepção, e a luz que vinha dela me permitiu ver uma mesa baixa posta para dois com jogos de delicada porcelana e talheres de ouro. Havia até mesmo garfos, notei com certo receio, porque não era muito adepta de seu uso. Dom Alfonso trouxera alguns de Veneza pouco antes de eu deixar Ferrara, e, embora os tivéssemos experimentado em jantares particulares nos aposentos de dona Lucrezia, a maioria de nós não conseguia manuseá-los e até deixava cair comida no colo.

Peguei um pavio num vaso de alabastro que se encontrava ao pé da lareira e acendi as velas, elegantes e perfeitas, num castiçal decorado em prata. O doce e límpido aroma da cera se misturou à resina de pinho da mecha incandescente e a um leve aroma de jasmim que deixou minhas partes íntimas formigantes. Sentei-me num dos almofadões colocados em lados opostos da mesa, as mãos comprimidas entre as coxas para controlar o tremor. O desejo vibrava dentro de mim como uma mariposa presa. *Não se preocupe com os garfos*, pensei, pois eu não sentiria nenhum apetite pela comida. O vinho reluzia numa jarra de cristal num tom dourado de mel, mas eu não me servi para não arriscar derramá-lo na mesa. Olhei ao redor da sala, na esperança de encontrar alguma coisa que me distraísse.

Ela era ricamente mobiliada, os painéis nas paredes decorados com cenas da vida do imperador César, o teto ornamentado com

blocos dourados que representavam touros, lírios e as chaves de São Pedro. Um conjunto de cadeiras de ébano com incrustações em marfim e madrepérola guardava as paredes como sentinelas, e o almofadão onde eu estava sentada e seu par eram estofados em veludo alexandrino. Um lema fora cravado num painel de mármore colocado acima da lareira: *Aut Caesar, aut nihil*. César ou nada. Nada, pensei, olhando novamente em torno da elegante sala vazia, um palco à espera de seu ator principal.

A lenha partiu-se na lareira numa chuva de centelhas. Juntei as brasas e alimentei o fogo com outro pedaço de lenha da pilha que se encontrava numa caixa de cobre ao lado. À medida que o calor se intensificava e as velas queimavam, minhas pálpebras ficavam pesadas, mas eu precisava permanecer acordada. O que Cesare pensaria se me encontrasse dormindo? Peguei uma vela do imenso candelabro e resolvi explorar o lugar. Afinal, eram apenas algumas salas pequenas, e eu ouviria facilmente as passadas dele na escada, o ruído das armas quando seus guardas se colocassem em posição de sentido. Eu teria tempo suficiente para retornar à sala de recepção e me acomodar no almofadão como se nunca tivesse saído de lá.

As salas tinham comunicação entre si por portas de noqueira; primeiro, um pequeno *bureau* com uma mesa de trabalho repleta de material para escrever. Uma lente de aumento sobre um livro aberto, de Euclides, pela aparência, ou talvez de Vitrúvio, pois estava cheio de diagramas com anotações e apenas linhas esparsas e texto latino. Vitruvius, dona Lucrezia costumava dizer, era a Bíblia do irmão, e as armas, seus Sagrados Apóstolos, que ensinavam um evangelho de poder e destruição. Havia também uma estante de livros trancada, seu conteúdo por trás de grades metálicas trabalhadas. As trancas adornadas com joias emitiam, à luz de minha vela, um brilho melancólico. Textos tão valiosos talvez tivessem vindo da biblioteca de Urbino. O pensamento me fez tremer de emoção quando empurrei a porta seguinte e me vi na soleira do quarto de meu amado.

E ali fiquei, presa por um sentimento esmagador de intrusão. Senti-me como uma criança que inadvertidamente se depara com os pais fazendo amor. Por quê? Não era ali que eu queria estar, e onde Cesare queria que eu estivesse? Olhei para a cama, o cortinado aberto revelando travesseiros bem-acolchoados, lençóis de seda e uma colcha de brocado dobrada em um dos cantos. Desejei deitar-me ali, levantar os lençóis e entrar embaixo deles, colocar a cabeça nos travesseiros como ele fazia todas as noites, mas fui impedida pela ausência de qualquer traço pessoal. Nem dobras, nem vincos revelavam o fato de alguém jamais ter dormido naquela cama, sonhado ou feito amor nela, ou simplesmente ter ficado horas acordado olhando para o escuro aguardando o dia clarear. Poderia quase ter sido colocada ali junto aos garfos de ouro e às novas velas, para montar o palco para uma sedução.

No entanto, a fragrância de jasmim era mais forte ali, atraindo-me. Havia também uma lareira acesa, e em sua luz irregular e bruxuleante eu via nas paredes rostos olhando para mim, zombadores, impassíveis, sem olhos. Eles esboçavam súbitos risos desdentados, emitiam gritos silenciosos e faziam beijo para mim com lábios cor de rubi. Embora eu soubesse que estavam pendurados nas paredes, pareciam flutuar diante delas, desafiando minha percepção do real e trazendo-me à mente *monna* Vannozza e suas histórias de encantamentos e seres sobrenaturais.

Mas *monna* Vannozza era tão louca quanto dom Sigismondo, e eu sabia o que eram aqueles rostos luminosos. Eram máscaras, máscaras de ouro. Sem dúvida eram as máscaras feitas pelo irmão de Fidelma e presenteadas a Cesare por dona Isabella. Sorri ao imaginar a expressão dela se soubesse que ele as usara para enfeitar seu quarto, aquela toca de vícios misteriosos. Caminhei devagar ao redor das paredes, erguendo minha vela diante de cada uma delas, admirando a habilidade e a delicadeza do trabalho, a peculiaridade das expressões que as faziam adquirir vida à luz da lareira.

Pendurada bem ao lado de sua cama, no lugar onde um homem piedoso colocaria um crucifixo, encontrava-se uma máscara com a

forma de caveira, a mandíbula articulada com pequenos pinos de ouro e com dentes de madrepérola. Um diamante fora incrustado num dos caninos, o que dava ao sorriso aberto da caveira um certo charme jocosos. Aquela caveira tinha o tipo de sorriso que forçava outro em retribuição. Amanhã de manhã, perguntei a ela, estendendo o braço para tocar na curva delicada do malar, eu vou acordar olhando para você? Se não amanhã, algum dia, pode ter certeza, respondeu a caveira. O fogo estalou e cuspiu brasa, e a cera de minha vela chiou suavemente antes de pingar sobre minha mão, onde endureceu e secou. O silêncio deixado pela ausência de Cesare encobria tudo quando retornei à sala de recepção, fechando cuidadosamente cada uma das portas ao sair.

Quanto tempo mais? Dirigi-me à janela e abri um pouco as venezianas, mas não havia nada para se ver, nem para se ouvir, exceto a irrequieta conversa das folhas quando o vento soprava, e mais à frente o rio banhando suas margens. Aqueles cômodos davam para o jardim do palácio, mas as atrações estavam todas dentro de casa naquela noite devido ao atraso da estação. De repente, um grito animal soou na escuridão, apenas um coelho, talvez, ou um castor, e eu me lembrei dos leopardos, seus corpos ágeis e silenciosos, o brilho secreto de seus olhos, os pedaços de carne sangrenta em seus dentes. Não havia descanso, não naquela casa. Fechei as venezianas, recoloquei minha vela no castiçal que estava sobre a mesa e me sentei de novo para esperar.



Um gosto se sobrepôs ao estado entre o sono e a vigília em que eu me encontrava, um gosto seco, forte e amargo na ponta da língua, na parte interna de meu lábio inferior. Abri os olhos e vi um rosto esculpido na escuridão pela luz da vela, o rosto de Cesare, tão próximo ao meu que era pouco mais do que uma abstração de sombra e luz. Mas meu corpo o reconheceu, atraindo-o e envolvendo-o como um punho que se fecha.

— O pó do cacau — sussurrou ele. — Uma oferta de paz.

Passei a língua pelos lábios, descobrindo com ela a ponta do dedo que havia aberto a minha boca, sentindo então o gosto de sal misturado à estranheza dos grãos de cacau.

— Que horas são? — murmurei, ainda meio adormecida.

— Não tenho ideia. A quinta ou sexta hora, talvez. De qualquer forma, ainda é noite. Não pude sair mais cedo. O embaixador florentino chegou muito tarde com uma história sobre uma aventura amorosa que tinha dado errado e há muita coisa para ser negociada entre mim e Florença. Além disso — acrescentou, levantando-se de onde se agachara à minha frente, alongando-se e bocejando —, eu gosto de *messer Niccolo*. Ele tem a mente ágil.

Sentei-me, ajeitando os cabelos e a saia, e passei a ponta do dedo no que restava do cacau em meus lábios.

— O que achou?

— Estranho. Amargo. Tem gosto de... casca de árvore. O que se faz com isso?

— Aparentemente, havia um pouco no molho de vinho que foi servido junto com a lebre, mas eu não senti o gosto. Foi por isso que mandei moer este daqui separadamente. — Ele bateu na tampa de uma caixinha usada para guardar pimenta, que estava sobre a mesa ao lado do sal.

— Sabe o que vão dizer? Que você trouxe isso para cá para misturar a veneno. A carreira do grão de cacau estará encerrada antes de começar. — Rimos, e ele se sentou a meu lado, suas pernas compridas estendidas à frente e cruzadas na altura dos tornozelos.

— O cacau como metáfora. Está com fome? — Fiz um gesto negativo com a cabeça. Ele serviu duas taças de vinho. — Beba, então. Você estava dormindo com a boca aberta. Deve estar seca. — Senti o sangue subir ao meu rosto e ele acariciou minha face enrubescida com um dedo, traçando uma linha como uma cicatriz feita num duelo, de minha têmpera ao canto de minha boca. — Não se preocupe — disse —, você estava linda. Eu quase não quis acordar você, mas na verdade eu queria. Música? — Sua boca

estava tão próxima à minha que eu podia sentir seu hálito em meus lábios, o cheiro de vinho, cardamomo e jasmim. Eu via apenas os olhos dele, enormes e negros com uma pequena pinta prateada em algum lugar no centro, mas devia haver um músico conosco no quarto, porque um alaúde começou a tocar, várias notas sendo derramadas na fonte quente do desejo que me dissolvia.

Beijamo-nos, primeiro superficialmente, depois com avidez. Algo caiu da mesa e se espatifou no assoalho, então ouvimos mais, batidas, gritos e arrastar de pés, um baque do lado de fora e a pancada de um corpo batendo contra a porta. O alaudista parou de tocar. Cesare ficou de pé, adaga em punho.

— Você, me dê cobertura — ordenou ele ao alaudista, esperando, com a mão livre na maçaneta da porta, o homem colocar o instrumento no chão, empunhar uma espada curta e se alinhar ao mestre. Então Cesare abriu a porta e saiu de um salto, enquanto dom Gioffre caía na entrada do quarto. Fui tomada por um ataque de riso irracional e descontrolado, embora nenhum dos dois visse graça naquilo. Cesare estava com um ar assassino. Chutou o irmão, virando-o para cima, com as costas no chão, e prendeu-o ali com um pé plantado em seu esterno. O alaudista mantinha a ponta de sua espada na garganta de Gioffre, e vários homens armados com lanças bloqueavam o topo da escada.

— O que é isso, irmão? — Cesare emitiu a palavra “irmão” como se fosse o maior insulto que conseguia produzir. Porém, o que mais decepcionou Gioffre foi que Cesare falou com ele em italiano, e não no patoá valenciano que os membros da família reservavam para usar entre si.

— Deixe-me levantar, Cesare. Não vim trazer problemas. É o papa.

— O papa? — Cesare retirou o pé do tórax de Gioffre, e o músico levantou a ponta de sua espada, apesar de permanecer em guarda e deixar claro para dom Gioffre que seria tolice fazer qualquer movimento brusco. Gioffre levantou-se cautelosamente, esfregando seus ossos machucados.

— Ele está vomitando e com febre alta. Dizem que está morrendo, Cesare.

Cesare colocou a adaga de volta na bainha.

— Pelo corpo e sangue de Cristo — disse ele aos berros, pegou uma cadeira de ébano e a atirou pela porta. Os lanceiros no topo da escada afastaram-se quando a cadeira passou por eles e despencou escada abaixo, espalhando uma chuva de lascas de madeira na queda. — Será que ele não podia esperar uma semana? — Uma segunda cadeira se seguiu à primeira.

— Fique calmo — disse Gioffre.

— Ficar calmo? — Cesare agarrou o irmão pela barba, torcendo-a de tal maneira que Gioffre foi obrigado a levantar a cabeça tão bruscamente que parecia ter quebrado o pescoço. — Ficar calmo? — repetiu Cesare. — Eu sou ridicularizado e contestado em cada esquina e tudo o que você sabe dizer é “fique calmo”. O que, em nome de Deus, eu fiz para merecer tamanhamá sorte?

— Por onde você quer que eu comece? — replicou o irmão, pouco preocupado com a própria segurança, pensei. Mas a raiva de Cesare havia passado, ou talvez ele tivesse percebido que se arriscava a tornar-se refém de sua própria retórica.

— Mande Sassatelli vir falar comigo, e ache um mensageiro que cavalgue rápido.

— Da última vez que vi Sassatelli, ele estava inconsciente na sala de jantar.

— Então jogue um balde de água em cima dele e diga que o papa está morrendo. Isso certamente curará sua ressaca. — Ao dar as costas a Gioffre, seu olhar recaiu em mim. Ele parecia desnortado, surpreso, como se tivesse se esquecido da minha presença completamente. — Ah, Violante — disse ele, passando a mão pelos olhos como se tentasse me apagar de sua visão.

— Você está cansado — eu disse, surpresa com minha própria ousadia. — Nada vai acontecer esta noite. Não pode enviar mensageiros no escuro. Espere até amanhecer.

Para surpresa ainda maior, ele pareceu escutar. Segurando-me as mãos, ele me fez ficar de pé e me encarou.

— O que você quer? — perguntou ele. — Quer o prazer rápido de um homem com questões mais urgentes em vista? Quer ser tratada como uma escrava ou prostituta de meio de rua? Ou prefere deixar isso para uma hora melhor, quando eu vou poder lhe dar toda a minha atenção? Eu fiz uma promessa a você, me lembro bem, no jardim das laranjeiras da minha irmã. O mínimo que pode fazer é permitir que eu a cumpra. Agora vá, tome conta de meu filho. Confio em você para mantê-lo em segurança.



Eu perseguia uma fera, algo leonino com uma juba vermelho-escura e as laterais do corpo salpicadas pela estranha luz subaquática de uma densa floresta. Eu tinha medo, mas queria que a fera soubesse que eu estava ali, então chamei-a em voz alta. Por algum tempo não houve resposta; a única coisa que eu ouvia era a minha própria respiração e a batida rítmica das patas do animal no chão de terra da floresta. Então de repente a fera se virou e revelou o rosto de uma caveira dourada. Caminhei na direção a uma cavernosa órbita ocular, seguindo um pontinho de fogo que brilhava no centro, mas não era um fogo; era a cara da fera, dando um sorriso perolado. Eu sabia que deveria correr, mas estava presa por trepadeiras com folhas como palmas suadas e pequenas ventosas que pinicavam minha pele. A fera fechou as mandíbulas em meu ombro e começou a me balançar.

— Você é uma máscara — eu disse.

— Eu sou o cego Tirésias — respondeu o animal.

— Violante, acorde.

Abri os olhos. Uma criatura alta sem rosto segurava meu filho contra o peito, a palma de sua mão apoiada na cabeça do menino, os cachinhos ruivos brilhando como chamas recém-acesas em meio aos dedos em forma de garras.

— É um sonho — eu disse, embora meu coração batesse como um sinal de alarme.

— Acorde, moça.

Eu queria permanecer em meu sonho e seguir o desejo da fera, mas não podia deixar Girolamo nas garras de uma criatura sem rosto com mãos que queimavam.

— Me dê meu filho — gritei. — Me dê meu filho!

— Aqui está ele. — *Monna Vannoza* me entregou o bebê, inclinando-se para a frente de modo que a luz da tarde clareou seu rosto, retalhos de sombras magras no interior de seu capuz armado.

Sentei-me, afastando os cabelos dos olhos, arrumando minhas saias emboladas.

— Nós precisamos ir para a minha casa — disse *monna Vannoza*.

— Nós? Sua casa? — repeti, ainda entorpecida de sono. — É o Ângelus da tarde que está tocando? Que horas são?

— Em torno da vigésima hora. — Cedo demais para o Ângelus. — Cesare disse que irá para a Romanha pela manhã. Quer que levemos as crianças antes de ele partir, enquanto ainda tem tropas aqui para nos proteger.

A sensação de terror caiu sobre mim como um manto molhado.

— Então o papa morreu? — As leis de Roma exigem que todos os soldados se retirem da cidade em *sede vacante*.

— Ainda não, mas é certo que não demorará muito. Ele não pode mais defender Cesare dos inimigos. Sua maior esperança é se unir a Michelotto e aguardar durante o interregno em sua própria base de poder.

Levantei-me, coloquei os sapatos, senti um aperto nos seios que me dizia que Girolamo devia estar com fome e uma pressão na bexiga que me fez supor que eu devia ter dormido durante várias horas. Lembrei-me da conversa que havia tido com Cesare em Nepi, quando ele condenara aquela atitude como a saída de um covarde e me criticou por minha falta de compreensão.

— Quero ir com ele — eu disse. — Certamente Girolamo estaria mais seguro fora de Roma.

Girolamo choramingou e, impaciente, ficou batendo com a cabeça em meu tórax até eu me sentar de novo na beirada da cama e colocá-lo no peito.

— Vai haver conflito — disse ela, olhando com um sorriso falso e melancólico para as bochechas do neto e o trabalho vigoroso de seu queixo ao sugar o leite. — Ele me disse que foi informado de uma reunião na casa do embaixador veneziano ontem à noite. Annibale Bentivoglio estava lá, e Giovanni Sforza, e algumas pessoas dos Manfredi. Com sua habitual ironia, disse que era improvável que eles estivessem fazendo um verso de apoio a ele.

Então foi por isso que se atrasara tanto.

— Eu me lembro do Sr. Annibale — eu disse com ar de idiota — de nossa viagem a Ferrara. — Era difícil imaginar aquele homem galante e sincero planejando um assassinato. Por outro lado, nossa breve estada lá, onde Giulio e Angela se conheceram e dona Lucrezia representou a esposa honesta e enamorada para seu novo marido, parecia igualmente irreal.

— Uma pena que minha filha não conseguiu conquistá-lo.

O sino ainda ressoava, um toque de luto.

— O que é isso? — perguntei de novo.

— Não se importe — ordenou *monna* Vannoza. — Não é da nossa conta — acrescentou, para convencer tanto a ela quanto a mim, eu achei.

Logo ficou claro que havia muitos outros que não seriam tão facilmente dissuadidos. Ao juntar meus poucos pertences e os de Girolamo, o som de vozes alteradas e de passos apressados aumentou do outro lado da porta. Quando saímos para a estreita passagem, nos vimos misturados aos outros.

Todos apressavam-se em direção ao pátio principal. Juntamo-nos a um grupo de padeiros, secretários, padres e lavadeiras chorosas, todos acotovelando-se e esbarrando uns nos outros nos caminhos estreitos e portas baixas e antigas que surgiam por trás da fachada moderna. Quando nos aproximamos, o toque do sino se tornou mais alto, até eu perceber que deveria ser o sino do próprio campanário do San Clemente.

O que significava que o palácio estava sendo atacado.

Irrompemos no convento que fazia limite com o pátio no meio de uma onda de meninos, coristas, percussionistas e ajudantes de cozinha. Cesare estava no parapeito do poço, cercado por um grupo hostil de homens armados gritando. Inúmeras espadas reluziam sobre suas cabeças ao sol do meio-dia que brilhava no pátio e reacendia o fogo nos cachos curtos do duque. Senti meu estômago se apertar com um misto de terror e desejo.

— Estão querendo me matar? — Ele não parecia gritar, mas sua voz era claramente audível acima das reclamações de suas tropas insurgentes. — Então venham. Estou sozinho e desarmado. Aproveitem a oportunidade. — O que ele dizia não era propriamente a verdade. Quando minha mente começou a processar o que meus olhos viam, compreendi que o poço estava cercado por um cordão de lanceiros suíços gigantescos que constituíam a guarda pessoal de Cesare. Mas a maneira como ele colocou uma das mãos na garganta e afrouxou a gola da camisa nos deixou, a todos que o observávamos, atentos a sua vulnerabilidade. Ninguém viu os lanceiros; ninguém notou a maneira como eles se acercaram de seu líder e abaixaram a ponta de suas lanças. Tudo o que qualquer um de nós se lembraria daquele momento era da pele frágil na base do pescoço dele.

Ouvi *monna* Vannozza prender a respiração. Ela se benzeu, tocando na testa, no peito e nos ombros com dedos rígidos e fervorosos.

— O que ele está pensando? — murmurou ela. — Eles vão reduzi-lo a pedacinhos.

O vento assobiava. Como se as palavras de *monna* Vannozza a tivessem materializado, uma faca longa fez um pequeno arco, atravessando o quadrado de céu limitado pelos muros do palácio. Os raios do sol incidiam sobre ela e borbulhavam como água num ferro quente. Eu pensei que ela ficaria no ar para sempre, enquanto os olhares dos rebeldes então silenciosos erguiam-se em sua direção em algo similar a uma prece, e Cesare abria os braços com um grito que era quase de exultação. Fechei os olhos, senti o cheiro de suor e de banha aquecida, o odor do medo de *monna* Vannozza e do leite

vazando em meu corpete. Eu parecia estar caindo para a frente, inclinada sobre meu filho, minha mão sobre seu crânio macio, seus dedos agarrando meus cabelos, puxando-me, puxando-me para baixo...



Quando novamente abri os olhos, estava ajoelhada, a mão de *monna Vannozza* agarrando a manga de meu vestido.

— É um milagre — sussurrou ela. — Um milagre.

O pátio estava vazio exceto por Cesare, então sentado no parapeito do poço, seus cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos cruzadas atrás do pescoço curvado, e dois de seus lanceiros suíços que faziam deslizar as grandes barras de ferro atravessadas no portão principal. O brilho do aço revelava a faca sobre o parapeito ao lado dele. Havia no chão o corpo de um homem de bruços, a uma distância de dois braços do poço, com a lâmina de uma acha enfiada em sua coluna.

— O que aconteceu?

— A faca chegou perto, então o portão de alguma forma se abriu, e os suíços os expulsaram para a rua.

Quando ficamos de pé, um homem passou por nós e por um grupo de meninos surpresos e paralisados como um bando de Cupidos de mármore sujos. Chamou por Cesare, que atravessou o pátio correndo.

— O que é agora? — perguntou *monna Vannozza*. Cesare ficou de pé de um salto, enquanto o homem gesticulava apressado em direção à Praça de São Pedro. Embora a maior parte do que ele dizia fosse inaudível para mim, ouvi a palavra "Orsini", então Cesare rogou uma série de pragas que fizeram *monna Vannozza* dar um assobio de desaprovação e pediu uma couraça e um cavalo. O pátio encheu-se novamente de soldados, mais suíços dessa vez, além de um contingente liderado por dom Gioffre, cuja única proteção era um peitoral e que parecia nervoso sobre um cavalo espantado. Após certa altercação entre os irmãos, Cesare pegou o cavalo e o

esporeou ao chegar ao portão do palácio, enquanto os homens que haviam acabado de trancá-lo abriram-no outra vez. Espada em punho, ele atravessou o portão a galope e saiu à frente do que parecia mais uma turba do que um exército. O portão já se fechara de novo quando o escudeiro de Cesare, Juanito, que era um homem idoso, embora leal e meticoloso, chegou ao pátio com a armadura do duque.

Foi o homem que estivera tocando o sinal de alarme no campanário e que presenciara tudo quem depois nos explicou o que havia acontecido. Os guardas que haviam expulsado os revoltosos para a Piazza San Clemente descobriram que, quase no mesmo instante, um contingente hostil dos Orsini e seus seguidores havia invadido os portões do Borgo e avançava em direção ao palácio. Muitos dos amotinados foram mortos, e alguns se juntaram aos Orsini, mas outros retornaram para o lado de Cesare quando ele apareceu entre os homens, agitando a espada acima da cabeça e gritando que, de qualquer jeito, nunca tivera a intenção de morrer em sua cama.

Não, pensei, com a imagem de sua garganta exposta e da faca zunindo contra o céu azul ainda nítida na mente, mas ele não se importaria de morrer ali, na grande praça onde um dia dançara com os touros, sob os olhos dourados de César. Fiquei com raiva. Como ele podia ser tão descuidado e cheio de si? Claramente o sentimento que demonstrara para com os filhos em Nepi fora movido apenas por sua fraqueza, e agora estava forte de novo e disposto a fazer qualquer pacto que quisesse com seu demônio, e ao inferno com o restante de nós.

— Ele é uma verdadeira criança — eu disse furiosa a Girolamo, mas meu bebê apenas me olhou com aqueles seus olhos negros calmos por alguns segundos e em seguida adormeceu.

Eu não conseguia imaginar o que poderia estar acontecendo além dos portões do palácio, então fui para o jardim e caminhei até o rio, distanciando-me ao máximo do lado do edifício que dava para a rua. Fui sair no jardim de rosas, embora mesmo lá o barulho do conflito se espalhasse pelo ar e competisse com o letárgico zunido das

abelhas e os gritos dos barqueiros, que não se importavam com quem quer que fosse o papa desde que os romanos ainda precisassem de trigo e azeitonas, queijo, salsichas e rolhas de cortiça para suas garrafas de vinho. Alguém havia revolvido a terra no lugar onde o sangue de Tirésias se infiltrara, deixando uma faixa do solo livre de ervas daninhas e pétalas caídas. Após as touradas, eles costumavam espalhar pó de serragem na praça para absorver o sangue, depois recolhiam as pilhas cor-de-rosa em carrinhos de mão e as levavam para serem queimadas nos depósitos de entulho fora dos muros do palácio. Eu esperava que alguém fizesse a mesma coisa com Cesare quando ele morresse.



— Enxugue essas lágrimas, mocinha.

Eu nem notara que estava chorando, mas, quando *monna* Vannozza chamou atenção para o fato, senti as lágrimas secando em meu rosto à brisa que soprava do rio.

— Eles estão em segurança. — O rosto dela, emoldurado pelo capuz escuro e severo, era velho, a pele flácida dobrando-se em rugas finas e secas em torno da boca e do nariz. — Estão em Sant'Angelo.

Senti-me, de repente, fraca e trêmula de alívio e quase deixei Girolamo cair antes de me recompor.

— O que aconteceu?

— Eles foram forçados a bater em retirada, mas conseguiram entrar no Vaticano pela porta da basílica e depois seguiram pela passagem subterrânea para o castelo. Eu ousou dizer que Pio não descobriu que eles estavam lá até chegarem ao outro lado. — Trocamos sorrisos contidos, ambas sem dúvida encobrimo nossas lembranças pessoais das portas ocultas e passagens secretas, do ar frio saturado de medos e romances antigos. Passou-me pela cabeça querer saber o que La Fiammetta estaria fazendo naquele momento, para quem ela transferira seus favores quando Valentino caiu. — Ele

negociou um salvo-conduto para a família. Para nós. Deveremos nos juntar a ele imediatamente em Sant'Angelo.



O papa morreu dois dias depois, mas a vida no antigo castelo já era quase insuportável. Apesar das melhorias feitas pelo pai de Cesare, as dependências ainda estavam superlotadas, como Cesare as descrevera para mim no jardim das laranjeiras em Ferrara, e os protestos dos prisioneiros nas masmorras chegavam aos nossos ouvidos através das paredes grossas com uma persistência assustadora, tanto distante quanto imediata. Então deixamo-nos contaminar pelo otimismo com que Cesare inicialmente recebeu a perspectiva de uma nova eleição. Ele chamou Michelotto de volta da Rocca Soriana e outras tropas que haviam estado a serviço dos franceses, e os cardeais cordialmente permitiram que ele os mantivesse ali. Conseguira sua última eleição quando estava doente de cama em Nepi. Dessa vez, restabelecido e de volta ao centro das atividades, conseguiria a próxima também. O circuito das embaixadas recomeçou, com procissões formais de comitivas através da Ponte de Sant'Angelo e duras negociações nas úmidas passagens subterrâneas entre o castelo e o Vaticano.

Então as notícias começaram a chegar da Romanha, mensageiros em andrajos, desculpando-se e pedindo ao duque que compreendesse a situação deles. Haviam sido informados da prisão de Cesare em Sant'Angelo. Tudo indicava que Della Rovere ganharia a eleição; tinham ouvido falar que ele recebera o apoio da França e da Espanha. Como eles poderiam resistir? Que garantias havia de que o duque tinha condições de protegê-los? Eles precisavam pensar no bem-estar de seus cidadãos. Obviamente, seus vigários mais idosos eram tiranos vorazes e caprichosos, mas, como dizia o velho ditado: mais vale um mal conhecido... Eles imploraram ao duque que fosse misericordioso. O duque mandou que os jogassem nas masmorras ou, se achasse que as pessoas certas estavam observando, ordenava que os garrotassem e os atirassem no rio.

Quando não havia ninguém olhando, ele se sentava por longos períodos mergulhado num silêncio profundo, seus olhos vagos, suas mãos vazias no colo, e eu sabia que seu demônio estava exercendo uma forte influência sobre ele e gostaria de poder exorcizá-lo. Esperava que ele renovasse seu convite para um jantar particular, mas privacidade era um bem escasso no Sant'Angelo, exceto, suponho, para certos prisioneiros nas masmorras abaixo de nós. Ele parecia sentir-se mais confortado na companhia de Giovanni do que de qualquer outra pessoa. Sua paciência com as manhas do garoto me causava inveja, mas também me dava esperanças de que, quando Girolamo crescesse, ele teria prazer em lhe ensinar os truques com as cartas, em responder perguntas sobre como adestrar cachorros, de que eram feitas as estrelas e quanto tempo seria necessário para se chegar ao reino de Preste João.

Ele até levou Giovanni a uma reunião no Vaticano com Della Rovere e alguns outros cardeais. Uma mudança de ares faria bem ao menino, ele disse. Giovanni já completara 7 anos, e, segundo Cesare, era hora de pôr em prática sua educação. Observei os dois atravessarem a ponte de volta, Giovanni sentado à frente de Cesare, enquanto este conduzia o pônei do irmão. O menino parecia adormecido, o rosto encostado no peito do duque. Enquanto ele esperava no pátio por um cavaliço para retirar a criança da sela, eu o vi inclinar-se e beijar o topo da cabeça do menino num gesto de carinho que me fez desviar o olhar, como se eu o tivesse pegado fazendo algo secreto e vergonhoso.

Dois dias depois, Della Rovere foi eleito papa e, com uma ironia que não escapou a nenhum de nós, adotou o nome Júlio. Seu predecessor, Cesare lembrava-se de seus estudos de teologia em Pisa, fora um santo reverenciado por seu papel na decisão da Controvérsia Ariana, mas ele duvidava de que fora aquilo que levara Della Rovere a escolher um nome tão famoso, que se equiparava ao de César. Então, com um sorriso enigmático, ele desapareceu no pequeno quarto de vestir que usava para audiências particulares com Agapito, que afiava uma pena enquanto o seguia.

Já havia escurecido quando Cesare apareceu. Eu havia colocado Girolamo na cama e estava pondo os pratos e os copos na mesa para a refeição da noite. Havia uma estranha igualdade de condições em nossas acomodações ali. Apertados como estávamos em nossos cômodos de paredes grossas e tetos baixos, comíamos juntos, homens, mulheres, crianças, soldados e seus oficiais, além dos poucos serviçais que vieram conosco do San Clemente. A maioria de nós compartilhava até os quartos, com cobertores pendurados em cordas atravessadas nos cômodos maiores para separar os homens das mulheres e crianças. Apenas Cesare e *monna* Vannoza tinham quartos para si próprios.

Entretanto, até Cesare entrar, eu estava sozinha. A ama de Camilla tomava conta das crianças, e *monna* Vannoza fora buscar pão na cozinha. Ele não disse nada, fez apenas um gesto com a cabeça e ficou me observando até eu sentir um calor me subir pelo pescoço e pelo rosto e descer até meus seios. Continuei meu trabalho de forma desajeitada e deixei cair um copo de chifre no chão. Ele deu um passo à frente, o apanhou e o colocou num suporte sobre a longa mesa.

— Deixe o resto — disse ele — e vamos para o telhado. Quero falar com você.

Livre-me da pilha de copos e pratos, enxuguei as mãos suadas na saia e o segui, enquanto ele se arqueava para atravessar uma porta rebaixada e subir correndo a escada em espiral que parecia a espinha retorcida da antiga torre central. Ao lutar com minhas saias naqueles degraus estreitos, desgastados por séculos de passadas, senti um grande amor por ele diante de seu passo firme. Um soldado em sua essência, ele se sentia em casa ali, independentemente do que dissesse, naquele velho castelo acinzentado, cujos muros eram revestidos com histórias de heróis.

Ele atravessou o telhado, cheio de pedregulhos e excrementos de pássaros, até uma escada de incêndio que dava para o rio e a cidade, e para o Vaticano.

— Eu venho aqui para respirar — disse ele, apoiando os braços no parapeito do muro. No momento em que me aproximei dele, os

guardas que patrulhavam aquela área, ao verem que seu senhor estava na companhia de uma mulher, desapareceram na escuridão. Algumas luzes ainda brilhavam abaixo de nós: as tochas daqueles descuidados ou desesperados o suficiente para estar nas ruas ao anoitecer, a mecha de lampiões nas portas das tabernas, as pequenas fogueiras das pessoas que viviam sob as pontes e os braseiros dos barqueiros preparando-se para partir. O Vaticano estava às escuras.

A lua brilhava intermitentemente entre linhas de nuvens salpicadas de pequenas e distantes estrelas. Soprava um vento frio e penetrante, que me fez desejar ter trazido meu manto. Ou pressionar meu corpo contra o dele para me aquecer.

— Eu vou me mudar de volta para o Vaticano pela manhã — disse Cesare, mexendo no camafeu de seu anel.

— Vai por vontade própria? Ou do papa?

— Eu sou o gonfaloneiro. A vontade dele é a minha.

— Então você o apoiou no final.

— E eu tinha escolha? O colegiado rejeitou D'Amboise, e não havia chance de se conseguir eleger outro espanhol. — Ele fez uma pausa por um segundo. Talvez esperasse que eu respondesse com algum comentário lisonjeiro sobre seu pai. — *Você voltará para o Vaticano como meu convidado* — continuou ele. — Foi o que Della Rovere me disse. Eu vou ser hóspede dele, segundo ele me garantiu, embora não solicite minha companhia, mas a ordene. Hóspede é uma palavra com muitas interpretações. O contexto é tudo.

— Você pode olhar por outro lado — eu disse, tentando parecer confiante. — Em latim, a ênfase vem no final da frase, não no começo.

Ele deu um riso cruel.

— Júlio César. Como você acha que ele se sentiu nos Idos? Você acha que ele sabia para onde estava se dirigindo ou confiou em Brutus? Della Rovere tem a reputação de ser um homem de palavra.

— Assim como Brutus. — Eu gostaria de ter dito algo diferente, mas na ocasião pareceu o certo, e nós dois rimos; ele elogiou minha presença de espírito, dizendo que minha mente era tão afiada quanto a de um homem.

— Bom, vamos torcer para que Della Rovere seja um homem melhor do que Brutus, ou pelo menos mais temeroso de cair nas garras de Satã. Mas, Violante... — Ele voltou-se para mim no momento em que a lua emergiu de trás das nuvens, lançando seu reflexo no mármore. — Embora esperemos o melhor, devemos estar prontos para o pior.

Senti um aperto no peito.

— As crianças irão para a casa de campo da minha mãe em Caprarola. Quando eu estiver estabelecido em Cesena, mando buscá-las.

— Sua mãe e eu estamos nos dando melhor — eu disse, e imediatamente me envergonhei de minhas palavras, de sua extrema inverdade, de sua vã esperança.

— Você não irá com eles.

A minha incapacidade de lidar com esse novo fato provocou em mim um súbito fluxo quente de náusea. Como ele podia continuar falando naquele tom calmo e decidido, como se estivesse ordenando a disposição de tropas ou planejando os detalhes de uma brincadeira de Carnaval?

— Há algo mais que eu gostaria que você fizesse para mim. Você vai voltar para Ferrara e entregar isto a minha irmã. — Quando ele retirou o anel de camafeu do dedo, um grito irrompeu de meu interior, um berro explosivo que o fez dar um passo atrás, perder o equilíbrio e quase despencar do parapeito. Num breve instante de calma no âmago de minha fúria, pensei em empurrá-lo. Talvez eu tenha posto as mãos nele, porque, logo em seguida, Cesare estava me segurando, um braço em minhas costas, a outra mão por trás de minha cabeça, pressionando meu rosto contra seu peito de modo que eu sentia o coração dele batendo e os bordados em ouro de seu gibão machucando minha pele. Como um falcão com um penacho

recente, envolta na escuridão daquele abraço, de repente fiquei dócil, entregue, presa a ele por uma confiança cega.

Exceto que eu não era um falcão; era uma mulher ameaçada de perder o filho. A imagem de *monna* Vannozza com Girolamo nos braços, seu rosto enterrado na sombra do capuz, os cachinhos cor de fogo dele entre os dedos semelhantes a garras da avó, surgiu entre mim e Cesare, forçando-me a desvencilhar-me dele.

— Não! — gritei, escapando de seu braço. Ele agarrou meu pulso, mas eu me libertei e saí correndo. Um guarda barrou minha passagem com sua lança. Ouvi Cesare, atrás de mim e, meio sem fôlego, ele ordenou ao homem que voltasse a seu posto. Vi a porta para a escada ainda entreaberta, como a havíamos deixado. Se eu conseguisse passar por ela e fechá-la depois que passasse, isso me daria tempo suficiente para pegar meu filho e fugir. Eu iria para o rio, procuraria um barco para Óstia. Iria para casa na Espanha, pois não havia nada que me prendesse àquele lugar. Melhor ter minha fé testada pela Inquisição do que desistir de meu filho. Talvez eu pudesse até roubar uma carroça e deixar a cidade à noite.

Então uma rajada de vento fez a porta se fechar. Lancei-me contra ela, mas a lua desapareceu por trás das nuvens, e eu não consegui achar a maçaneta. Empurrei a porta, mas meus dedos estavam fracos, sem controle, meu peso muito leve para fazer pressão sobre uma porta de carvalho pesada.

— Muito bem — sussurrou ele ao meu ouvido, seu hálito quente em meu pescoço, suas mãos em torno de minhas costelas. Ele as quebraria se fosse necessário, pensei, e o faria meramente como se estivesse abrindo o peito de uma ave no jantar. Então percebi, com uma obstinada sensação de prazer, que sua mão deslizara para cima e segurava meu seio. — Você venceu. Seu bebê está a salvo. Agora venha para a cama.

Quase como se ele tivesse ordenado, a lua saiu de trás das nuvens e brilhou sobre o trinco da porta. Ainda me segurando com um braço, usou a outra mão para abri-lo e empurrou a porta com um chute, depois me ergueu do chão e desceu a escada carregando-me. Será que atravessamos o salão dessa forma, sob os diversos

olhares das pessoas que ali jantavam? Eu acho que não. Tenho uma vaga lembrança de uma passagem estreita, úmida, escura e com um piso desnivelado. Sinto o toque mágico de teias de aranha e o cheiro de pedra fria, e lembro-me de ter aberto meus olhos num ambiente aconchegante e ricamente decorado como um quarto no coração do amor.

Cesare me deitou gentilmente na cama, depois sentou-se ao meu lado e tirou as botas.

— Você — perguntou ele, enquanto abria meu corpete e beijava o cálido espaço entre meus seios — continua tomando os comprimidos de Torella?

Fiz que sim com a cabeça, incapaz de falar.

— Ótimo.



Ele me amou naquela noite de forma lenta e generosa, como se a única coisa que o aguardasse pela manhã fosse um desjejum tardio. Sua boca e mãos me percorriam tão delicadamente que me senti como se fosse a primeira mulher cujo corpo ele explorava, e seu toque era sábio e receptivo, quase como se ele despisse as camadas comuns dos sentidos expondo o nervo, o âmago do prazer. E quando, por fim, adormeci, seus braços ainda me envolviam e seus olhos negros sorriam para os meus.



Acordei com a sensação de que meu sono havia sido interrompido. À medida que retornava à consciência, notei as venezianas batendo e a chuva entrando pela janela estreita e sem vidraça. Levantei-me, tremendo, e procurei algo no quarto com que me cobrir. Percebi então o que mais havia de errado. Cesare se fora. Não recém-levantado para ir à latrina ou chamar seu pajem do topo da escada, mas havia sumido totalmente, como se nunca tivesse estado ali. Ao ver os lençóis em ordem e os travesseiros arrumados de seu lado da cama, comecei a me perguntar se a noite anterior

não havia sido um sonho, mas ao tocar meus lábios machucados e sentir a deliciosa e leve tensão nos músculos da coxa ao andar, percebi que não.

Naquele instante, notei o anel de camafeu sobre a mesinha de cabeceira onde ele o colocara, dizendo que atrapalhava o delicado trabalho de suas mãos. Apanhei-o. O ouro devia ser de grande pureza, pois era macio e havia se moldado à forma de seu dedo, mas a armação era simples, decorada apenas com uma inscrição esculpida. O camafeu em si representava o suicídio de Lucrecia. Que inscrição, perguntava-me, teria sido escolhida para acompanhar aquilo? Li, girando o anel devagar enquanto soletrava o que estava escrito: *Age debendo quidquid accidet*. Então vi que havia mais palavras na parte interna, e dessa vez em catalão. *Un cor, una via*. Sentei-me na beirada da cama, cobrindo-me com a colcha de seda, e olhei para a imagem da mulher apontando a faca para o coração. O que aquilo significava? Meus pensamentos voaram para Nepi. Teriam eles feito algum pacto lá, um plano triste e sinistro para uma futura catástrofe que parecera então apenas um jogo perigoso? E qual seria meu papel naquilo tudo? Por que ele teria me escolhido para levar as sombrias instruções para a irmã? Eu não queria fazer parte daquilo. Queria meu filho e o curso normal de nossos dias, e verificar se mais algum dente havia saído naquelas gengivinhas firmes durante a noite.

No entanto, em primeiro lugar, se havia veneno no anel, eu teria de me livrar dele. Dona Lucrezia era a madrinha que me dera nova vida e, por mais vaga que fosse minha crença em sua religião, seria um desvirtuamento levar para ela o meio de sua morte. E se o Senhor da Vingança tivesse decidido se vingar Ele próprio desse ato de traição com meu filho? Não éramos todos Abraão; não podíamos contar com uma ovelha num arbusto. Tentei abrir o anel com a unha, mas ele não se mexia. Procurei nas bordas um trinco ou um ponto de pressão que o fizesse abrir, mas de nada adiantou. Talvez eu pudesse achar uma ferramenta que me ajudasse. O quarto de vestir de Cesare seria o lugar onde eu poderia achar. Lá eu encontraria pentes, lixas de unha, lâminas de barbear, broches.

Com o anel em minha mão fechada, abri a porta do quarto de vestir cuidadosamente. Estava vazio também, os baús de roupas haviam sido levados, deixando quadrados sem poeira no chão, e a mesa onde ele havia trabalhado estava vazia, exceto por uma pena quebrada e um toco de vela enfiado em sua própria cera. Uma teia de aranha pendurada num dos cantos do teto oscilava ao vento; nem ela tinha ali uma moradora. O ar de abandono grudou-se à minha pele como um espírito do mal, cheirando a poeira, pedra e jasmim. Faltava-me coragem para abrir a porta seguinte, por medo do que eu não encontraria.

— Então está acordada. — Michelotto. Meu rosto abriu-se num sorriso de alívio. Se Michelotto estava ali, seu mestre não poderia estar longe. Eu estava cansada, exaurida. Uma janela batendo e uma teia de aranha, e lá estava eu imaginando que havia sido desertada.

— Acho que passei da hora. Sua Graça deve ter se levantado sem fazer barulho.

Michelotto fez um som discreto com a garganta.

— Bom, é melhor eu me vestir e ir procurar meu filho. — O anel pressionado contra a palma de minha mão; embora Cesare o tenha confiado a mim, eu relutava em deixar Michelotto saber que eu o possuía. Precisava afastar-me daquele homem para algum lugar privado, onde eu pudesse examinar o objeto à vontade.

Michelotto levantou-se do banco onde estava sentado ao lado da porta e deu um passo em minha direção. Ele não era muito mais alto do que eu, mas seu corpo era largo e forte, e sua atitude deixava claro que ele estava determinado a não me deixar ir embora.

— O que é? — perguntei.

— Ele foi embora.

— Quem? Cesare? Para o Vaticano? — Senti-me uma tola, deixada de lado, como uma camisa suja ou um par de meias rasgadas.

Michelotto fez um gesto negativo com a cabeça, depois pareceu mudar de ideia e fez um breve movimento afirmativo.

— Sim. Quer dizer, não. Sim, ele foi embora, mas não foi isso o que eu quis dizer.

— Por que você não está com ele? — Tentei usar um tom de autoridade, mas minha voz soou irritadiça e estridente.

— Porque ele ordenou que eu ficasse aqui com você.

— Ah, foi? — De certa forma, eu não podia imaginar maior honra.

— *Monna Violante*... — Ele pôs uma das mãos sobre meu braço. Aquilo me pareceu intimidade demais, um comportamento que seu mestre não permitiria se estivesse presente, e eu retirei meu braço. Ele entendeu meu gesto e deixou cair a mão com um suspiro. — Eles foram todos embora — disse. — Dom Cesare, *monna Vannoza*, as crianças...

— Não, você está enganado. Ele disse...

— Eu não estou enganado. Eu mesmo coloquei seu filho na carruagem. Eles partiram na noite passada. A esta hora, devem estar a caminho de Caprarola.

— Então devemos pegar cavalos velozes e tentar alcançá-los.

— Violante...

— Não quero essa intimidade comigo.

— Ah, pelo amor de Deus, escute a você mesma, sua prostituta tola. Não, pensando bem, me escute. — Ele deu uma pancadinha no banco. — Sente-se aqui, não se mova, e ouça o que tenho a dizer. Você vai para Ferrara. Eu vou acompanhá-la. Vai entregar...

Eu sabia o que ele ia dizer, e abri a mão para revelar o anel.

— É isso — confirmou ele. — Vai entregá-lo a dona Lucrezia. Quando vir o anel, ela receberá você de volta. Seu filho vai ser educado pela avó. É improvável que volte a ver o menino. Está entendendo?

Minhas pernas começaram a tremer. Caí sobre o banco, vagamente ciente de que Michelotto havia me aparado pelo cotovelo e desejosa de que ele me deixasse cair e continuar caindo, longe daquele castelo vazio, longe da traição de Cesare e de minha

humilhação, do vazio doloroso que se formava dentro de mim no mesmo local em que se encontrava a alegria que meu filho me dava.

— Na noite passada, você disse?

— Sinto muito.

— Sente mesmo? Tenho minhas dúvidas. Eu não significo nada para ele, então por que significaria para você?

Ele não teve resposta para isso.

— Cubra-se — disse ele, puxando a colcha que havia escorregado de meu ombro. — Vá se vestir. E não tente nenhuma besteira. Vou ficar à porta, e a outra está trancada por fora. A queda da janela é muito longa. E talvez seja melhor deixar que eu cuide do anel. — Ele estendeu a mão e eu coloquei o anel na sua palma.

Pensei na longa queda até o rio, claro que pensei, depois me lembrei de que, por mais desolada que eu estivesse, meu filho não estava morto. E se ele viesse à minha procura algum dia e recebesse a notícia de que eu havia desistido facilmente dele e me jogado pela janela quando foi tomado de mim? Que tipo de amor frágil seria esse? O amor me obrigava a permanecer viva e acreditar que poderíamos voltar a nos reunir. *Siga o amor*, Mariam me dissera; ela não me disse que seria fácil.

Vesti-me apressadamente. Queria cobrir meu corpo o mais rapidamente possível para esconder a vergonha e aprisionar a rebeldia em barbatanas de baleia, laços e camadas de roupa. Era hora de crescer agora, eu disse a mim mesma, apertando bem o espartilho sobre meus seios machucados e puxando para cima o decote de minha combinação para esconder o lugar onde os dentes de meu amante haviam arranhado minha pele. Quando apanhei meu corpete do chão e comecei a endireitar os laços, notei um fio de cabelo ruivo preso em um dos ilhoses. Lembrei-me de como Cesare havia apreciado as mudanças ocorridas em meu corpo com a maternidade, ao passar suas mãos desleais sobre meus seios, minha barriga e entre minhas pernas. Mudanças permanentes, que não desapareceriam como mordidas e machucados nem se transformariam em mentiras como as carícias de meu amante.

Lembrei-me da inscrição no anel. *Faça o que tem de fazer, sejam quais forem as consequências*, eu disse a mim mesma. *Um coração, um caminho.*

O LIVRO DE GIDEON



*Quem é esse que anda sempre a seu lado?
Quando conto, há você e eu juntos somente
Mas quando olho para a estrada à frente
Há sempre um terceiro caminhando a seu lado*

T.S. Eliot, The Wasteland

CAPÍTULO 1

REGGIO, OUTUBRO DE 1505

Envie-me alguma coisa que você usou. Envie-me meias com que tenha dançado ou uma combinação que tenha usado para dormir numa noite quente. Envie-me sua fronha ou sua escova de cabelo. Faça-me ver que ainda não morri.

- *Madonna* está de bom humor esta manhã.
- Talvez o bebê esteja um pouco mais forte.
- Não sei. Acho que tem a ver com umas cartas que recebeu do irmão.

Somente naquele momento, a despeito de mim mesma, comecei a prestar atenção à conversa, a identificar quem estava falando e entender o que diziam. Um grupo de novas moças havia se juntado ao pessoal da casa de *madonna* desde a morte do velho duque no inverno anterior. Eram todas iguais, todas incrivelmente jovens e cheias de esperança, preocupadas com decotes, ornamentos para os cabelos e o formato dos saltos de sapato, como se a vida delas dependesse dessas coisas. E, de certa forma, acredito que dependesse. Eu não tinha nenhum interesse em diferenciá-las. Apesar de Angela me censurar e me lembrar de que eu já havia sido assim um dia, eu acreditava que a memória dela era falha; eu jamais fora tão frívola; nunca tive essa chance.

— Ah, gostaria de tê-lo conhecido — disse a primeira a falar. — Dizem que ele é belíssimo.

— Bom, eu acho que não deve ser mais, não depois de um ano e meio numa masmorra espanhola. Violante, você se lembra dele? Ele era muito bonito?

Percebi que Fidelma interrompeu o trabalho, sua agulha no ar como uma antena.

— Então? — provocou a moça curiosa.

— Nariz de falcão — escutei-me dizendo —, e os olhos dele eram muito próximos um do outro. — Então coloquei meu trabalho de lado e resmunguei algo sobre precisar ir à latrina, porque não queria mais falar sobre ele.

Fui buscar meu manto e procurei um escravo para me acompanhar até a casa onde Angela e Giulio moravam. Eu precisava sair da *rocca* antes que dona Lucrezia mandasse me buscar, como eu sabia que faria se tivesse recebido cartas de Cesare. Ela se recusava de forma definitiva a aceitar que eu achasse doloroso ter notícias dele, ou mesmo que eu simplesmente tivesse perdido o interesse.

Quando reclamei com ela, contando como ele havia me enganado em relação a Girolamo e como ele agira de forma absolutamente cruel, ela reagiu com um sorriso frio nos lábios e disse:

— É a lei da traição, Violante, aproveitar-se da suscetibilidade da vítima contra ela própria. E, além do mais, que mal ele lhe fez? A criança está segura; ele se certificou de que você fosse trazida para cá incólume. Certamente não esperava manter seu filho com você para sempre. Não é assim que funcionam as coisas. Veja o meu próprio Rodrigo.

E olhe para a senhora, tive vontade de dizer, para os presentes que compra para ele, as cartas que lhe escreve das quais seu marido não tem conhecimento, como fica perturbada quando há boatos da praga em Nápoles, quando os verões são quentes demais e os invernos muito frios.

— A senhora teve tempo de se despedir dele, *madonna*. — *Não estava entregue aos braços de seu amante enquanto seu filho era arrebatado no escuro, reduzido à lembrança com todas as suas armadilhas.*



A própria Angela me recebeu à porta. Com os cabelos presos sob um chapéu de palha de abas largas, a saia dobrada acima dos tornozelos e os pés enfiados em botas velhas de montaria, ela parecia uma bela camponesa.

— Estamos cuidando do jardim — disse ela, e eu esperava que o dono da casa, que havia sido desalojado com a chegada do irmão do duque, não se importasse com as consequências da paixão de Giulio. — Venha se juntar a nós. Você está muito pálida.

— E olhe para você, morena como uma camponesa.

Angela e Giulio estavam vivendo juntos abertamente como marido e mulher, e aceitava-se que eles viessem a se casar, uma vez que o duque Alfonso havia convencido o irmão, o cardeal, que passara a ser seu conselheiro-chefe. Nas semanas seguintes ao nascimento do filho de *madonna*, o casal havia se tornado ainda mais confiante de sua felicidade. Ao provar ser capaz de dar à luz um filho homem, dona Lucrezia havia por fim varrido a última mancha possível de seu nome. E o último desentendimento entre Ippolito e Giulio a respeito do *cappellano* Rainaldo fora convenientemente encerrado com o súbito desaparecimento do músico. Giulio achava que ele estivesse morto; Angela disse ser provável que ele estivesse cansado de ser a causa das brigas e havia se mudado para a corte de alguma outra pessoa. Ippolito não fez nenhum comentário.

— Olhe quem está aqui — disse Angela, enquanto me conduzia por sob os arcos da colunata até o jardim. Giulio surgiu como um fauno empoeirado de um canteiro de fúcsias, tirando os brincos-de-princesa cor-de-rosa dos cabelos.

— Violante. — Ele saiu de entre as flores e me envolveu em seus braços e no seu cheiro de terra, suor e plantas, o cabo de madeira de sua pá arranhando minhas costas.

— Cuidado, querido — censurou Angela, tomando a pá dele e limpando a terra da lâmina com uma mão cujas unhas, eu pensei, provavelmente continham terra suficiente para fazer um novo canteiro.

— Você está sozinha?

— Eu vim com um escravo. Ele foi à cozinha.

— Devia ter nos avisado que estava vindo. Como vê, não estávamos preparados para visitas.

— Não tem importância.

— Violante não é propriamente uma visita, Giulio.

— Decidi vir ainda há pouco. Precisava espairecer um pouco. — Dirigindo-me a Angela, acrescentei: — Há notícias...

— De Cesare — disse Angela, liberando-me da necessidade de pronunciar o nome dele. — Então Sancho deve finalmente ter feito uma visita a ele. Você sabe como ele está?

Eu quis retrucar que nem sabia nem me importava, mas mordi a língua. Afinal, ele era primo dela. Fiz que não com a cabeça.

— Eu saí antes que dona Lucrezia mandasse me chamar.

— Bom, imagino que ela me avise, se houver alguma notícia importante.

— Imagino que sim.

— Deixe esse assunto de lado, Angela. Violante não veio aqui para falar sobre Cesare. Ao contrário, eu suponho. Vamos dar a volta por aqui para a varanda do lado oeste, pegar o restinho do sol e beber algo. — Batendo palmas para chamar um escravo, Giulio nos conduziu para o outro lado da casa até o terraço com uma balaustrada, ordenando que pisássemos nos tufos de tomilho que cresciam entre as pedras do calçamento. — Isso vai alegrar seu coração, Violante. Todo o sol do dia capturado por essas folhinhas. Um milagre.

— Você alegre meu coração, Giulio.

Ele nos ajudou a sentar nas velhas e confortáveis cadeiras, cobertas com mantas que se deterioravam de bom grado à luz do entardecer, assim como eu imaginava que aconteceria a ele e a Angela quando já estivessem com idade avançada e os canteiros vazios abaixo de nós estivessem cobertos de plantas adultas. Um escravo da casa apareceu com uma jarra de refresco de limão.

— Conseguimos gelo hoje de manhã — disse Angela —, mas já derreteu todo. A carroça deveria passar duas vezes por dia.

Tomamos um pouco de nosso refresco e contemplamos as longas sombras azuis lançadas pelas fruteiras no fundo do jardim, a face abrasadora do sol poente riscada por seus galhos. Em silêncio, escutávamos a terra respirar, os últimos cantos animados dos pássaros ao ar fresco, o sussurro da névoa subindo do rio e seguindo pelas ruas estreitas da cidade.

— Já estamos em outubro — disse Angela, jogando um xale sobre os ombros.

— Graças a Deus — observou Giulio com sensibilidade. Fora um verão terrível, quente e assolado pela praga, e, como o velho duque tinha vendido a maior parte do suprimento de grãos do ano anterior para pagar seu arquiteto, muitas pessoas em Ferrara haviam passado fome. *Madonna* sempre nos dizia que, se não fosse pela generosidade de Francesco Gonzaga de prover transporte através de seus territórios para entregar os grãos de Piemonte, muito mais gente teria morrido de inanição do que da praga.

— Mas o frio antecipado não ajudará Alessandro em nada. — O novo herdeiro era pouco saudável, estava abaixo do peso e relutava em aceitar o peito. Tal como o tio Ferrante, brincavam os gaiatos, embora aquilo me lembrasse outro de seus tios. Eu observava o bebê com frequência para descobrir quanta determinação havia em seus lábios pálidos e nas dobras de seus pequeninos pulsos.

— Ele sobreviverá, se quiser — eu disse.

— Como alguém pode não querer viver? — perguntou Giulio.

— Uma criança certamente não tem vontade própria para decidir isso.

— Ah, tem sim — afirmei, e, quando Giulio estendeu a mão para Angela, arrependi-me do que dissera. Ela temia ter se prejudicado ao tentar abortar e nunca mais ser capaz de dar filhos a Giulio, e demonstrava acreditar que eu estava revelando algum tipo de conhecimento concedido apenas às mães. Achei que deveria partir;

não havia lugar para meu espírito empedernido e amargo em seu paraíso. Levantei-me e apresentei minhas desculpas.

— Quando voltarmos para Ferrara, você precisa ir nos visitar e jantar conosco, você e Ferrante — disse Angela. Fazia parte dos planos de vida de Angela e Giulio promover meu casamento com Ferrante. “Ele é carinhoso”, Angela me dissera. “Será um consolo. E, quando você encontrar um novo amante, bom, ele certamente não sentirá nenhum ciúme, não é mesmo?” Simples.



— Por onde você andou? — Fidelma, com um ar mais grave do que a própria voz, de vestido preto e um capuz que escondia por completo seus cabelos. — Ela requer sua presença. — Durante todo o tempo em que estive fora, e Angela deixara a casa da prima para ir viver com Giulio, Fidelma tornara-se uma das damas de companhia mais antigas de *madonna* e parecia sentir-se com o direito de adotar um tom autoritário. Era a posição que ela ocupava como auxiliar de dona Lucrezia que dera a Fra Raffaello a oportunidade de fazer sermão na capela de *madonna* três vezes durante a Quaresma anterior.

— Fui visitar Angela. Vou precisar de cinco minutos para trocar os sapatos e pentear meu cabelo.

— Ela não devia fazer isso. O que aconteceu com duque Valentino é desígnio de Deus, e não há como negá-lo. Se ela acha que algum dia ele vai receber permissão para voltar para a Itália, ela está se iludindo... e iludindo você.

— Não a mim, Fidelma. Nem a ele, eu suponho.

Quase como se confirmando minha suposição sobre o estado de espírito de Cesare, a primeira coisa que *madonna* me disse quando entrei no quarto dela foi:

— Tenho uma boa notícia. Eles o transferiram para La Mota.

La Mota era a grande fortaleza real de Medina del Campo, o coração inatacável da Espanha. Eu não via como isso era uma boa notícia.

— Ele disse que é visitado lá com frequência por emissários de Filipe de Flandres, que se empenha em sua libertação. Disse que Filipe quer confiar a ele a tarefa de levar dom Carlos a Castela, agora que a mãe dele é rainha.

— Então ela vai receber permissão para governar? — A mulher de Filipe, Joana, rainha nominal de Castela desde a morte de Isabel no inverno anterior, era em geral considerada louca e mantida virtualmente em prisão domiciliar pelo pai, o rei Fernando.

Dona Lucrezia deu de ombros.

— Ela não é motivo de preocupação para meu irmão.

— Onde está dom Carlos agora?

— Em Flandres, eu creio.

— Então Cesare não volta para a Itália.

Madonna pôs uma das mãos sobre a minha.

— Sinto muito. Ainda não. Ele precisa reconstruir sua posição antes de poder voltar e confrontar o papa Júlio.

Eu não lamentava; minha preocupação era Girolamo. Dona Lucrezia fora bondosa o suficiente em me manter informada sobre ele, embora algumas vezes eu achasse que teria sido mais fácil se ela não o tivesse feito.

Cesare conseguira negociar sua liberdade com o papa Júlio sob a condição de exilar-se em Nápoles. As três crianças, Girolamo, Giovanni e Camilla, haviam ido com ele para lá, para a casa de dom Gioffre e da princesa Sancha. O papa, entretanto, o traía. Ou talvez tenha sido o contrário. Entre Júlio e Cesare era impossível saber quem estava enganando quem. Cesare fora preso novamente, dessa vez sob as ordens da rainha Isabel, que queria que ele fosse julgado na Espanha pelos assassinatos de dom Juan e Alfonso de Bisceglie. Se Cesare voltasse algum dia para a Itália, tenho certeza de que a vida de seu filho e herdeiro estaria correndo o maior risco de toda a sua vida.

— Mas Sancho o viu — continuou dona Lucrezia, com o mesmo tom rápido e alegre que usava quando lidava com petições para as quais ela não tinha resposta fácil — e disse que ele está bem. Um

pouco magro, mas animado. E estas cartas — ela agitou um leque de pergaminhos com manchas de viagem em minha direção — só falam de como suas acomodações são mais confortáveis do que eram em Chinchilla. E de como o rei Fernando demonstra boa vontade para com ele desde a morte da rainha. Afinal de contas, Fernando é nosso parente.

— O duque terá um inverno mais aconchegante, de qualquer forma.

— Ele estará em Flandres no inverno — replicou *madonna*, como se ela não admitisse ser contrariada em sua opinião. — Livre.

— Como vai dom Alessandro hoje? — perguntei, olhando para o berço coberto de rendas que se encontrava ao lado da cama de *madonna*. Embora ela estivesse vestida, ainda se encontrava confinada a seu quarto, impossibilitada de usar sapatos devido ao inchaço em seus pés e tornozelos causado pela febre que sofrera após o nascimento do filho. O bebê parecia sereno, seu rostinho, entre o gorro e os lençóis em que era embrulhado, pálido e estático como o de um santinho. Com o forte golpe típico das perdas, lembrei-me de Girolamo naquela idade, as bochechas vermelhas, suas feições apertadas com todas as frustrações de estar preso, abandonado e dependente.

— Ele mamou um pouco — disse *madonna* —, mas está muito quieto.

— Imagino que esteja escutando.

Eu nunca falara com dona Lucrezia sobre as conversas que tive com a mãe dela. No meu retorno, vira apenas Michelotto lhe entregar o anel, e depois comunicar as notícias que o irmão dela achara adequadas. Eu fizera aquilo de que fora encarregada; ele não poderia dizer jamais que eu o traíra como ele me havia traído. Voltei para o quarto que um dia compartilhara com Angela, para os vestidos antiquados e o cheiro envelhecido de perfume, e retomei as tarefas de casa como se eu nunca tivesse me afastado dali.

Porém, *madonna* disse:

— Ah, então você sabe? Sobre Cesare? Eu tenho esperanças. Alessandro tem o mesmo sinal de nascença dele, sabe.

Eu sabia. *Esperança*, ele me dissera um dia, tentando, eu acho, ser bondoso, *é a coisa que mais deveríamos temer*. Estendi a mão em direção ao berço, com a intenção de acariciar o rosto do bebê, mas não consegui tocar naquela pele macia. Balancei o berço algumas vezes e murmurei uma daquelas tolices acalentadoras que parecem entrar na cabeça de uma mulher assim que a semente de um homem se enraíza nela. As feições dele se contraíram um pouco. O bebê abriu os olhos. Pensei que ele ia chorar, então notei que suas íris se reviraram nas órbitas, de modo que se via apenas o branco dos olhos. Uma bolha de saliva apareceu no canto da boca.

— *Madonna*, eu acho...

— Nossa Senhora, é outra convulsão, não é? Rápido, corra e vá buscar Castello e a *comatre*.

O médico e a enfermeira haviam ficado por perto. Alessandro tivera diversas convulsões à noite, e percebi, pela expressão em seus rostos, sorrisos animadores fixos como máscaras antes de entrarem no quarto de *madonna*, que a vida do bebê era um caso perdido. Fiz menção de me retirar, porém dona Lucrezia me pediu para ficar. Puxei um banco para o lado da cama dela e me sentei segurando-lhe a mão, enquanto o médico e a *comatre* faziam o que podiam.

Quando a morte entrou no quarto, o médico afastou-se um pouco, de cabeça baixa. A *comatre* retirou o corpinho rígido do berço e colocou-o nos braços da mãe. Dona Lucrezia beijou-lhe a testa e sussurrou para ele em sua antiga língua:

— *Adeu, nen petit*. — Então ela docilmente entregou-o ao padre, que disse o que tinha a dizer e levou o corpo para ser preparado.

Castello guardou todos os seus instrumentos e partiu com uma rápida medida. A *comatre* tentou dar alguns conselhos sobre como enfaixar os seios e o uso de um unguento de óleo de rosas e de comprimidos de romã para reduzir a barriga, antes de eu expulsá-la dali. Dada a sua profissão, ela deveria ter aprendido a lidar com

mais tato com as mães que perderam seus bebês, mas viera para Reggio sob recomendação de dona Isabella, cuja afinidade com a cunhada não havia aumentado durante os meses que eu estivera fora. E agora, sem dúvida, voltaria correndo para dona Isabella, pois ela também estava grávida. Pela quarta vez.

— E, sem dúvida, tão saudável como uma égua parideira — dissera *madonna* quando a *comatre* chegou com uma carta desdenhosa de dona Isabella. Como se ser saudável como uma égua parideira a deixasse numa posição social desvantajosa.

Chamei uma escrava para retirar o berço do quarto, mas dona Lucrezia agarrou-se ao cortinado de renda e se recusou a separar-se dele. Ela pegou o travesseiro sobre o qual Alessandro havia se deitado e o segurou no colo com carinho, enfiando o rosto na fronha branca de algodão como se quisesse se sufocar. No entanto, ela respirou forte pelo nariz, aspirando o cheiro de leite e de pele nova que era tudo o que restava de seu filho. Então ergueu-se, alisando o travesseiro diversas vezes com seus dedos roliços, dobrando as pregas e as pontas do tecido entre as unhas perfeitamente tratadas.

— Meu marido precisa ser informado. — Embora as maçãs de seu rosto brilhassem com as lágrimas, a voz dela era firme. O duque Alfonso estava em Belriguardo. Havia passado o verão lá supervisionando as reformas que iniciara desde a morte do pai. — E há outra carta que eu preciso escrever. Você vai me ajudar com ela.

— Não, *madonna*, eu...

— Não para meu irmão, Violante. Para Francesco Gonzaga. — Algo na maneira como ela havia pronunciado o nome Francesco Gonzaga me deixou curiosa por um momento acerca da filiação de Alessandro, mas afastei o pensamento no mesmo instante em que surgiu. Eu poderia terminar enforcada numa jaula na Torre Leone por muito menos. Mas um eco amargo permaneceu, uma vozinha malévola que me dizia que *madonna*, pelo menos, tinha o consolo de um novo amor para amenizar a tristeza da perda do filho.

Ela escreveu a carta de próprio punho, e eu a levei, como fora instruída, para um lugar próximo ao portão principal da cidade, onde fora montada uma barraca de venda de aves imediatamente abaixo

de uma placa no muro da cidade em comemoração àqueles que haviam morrido na Batalha de Legnano. Ercole Strozzi surgiu cambaleante por trás de uma pilha de gaiolas de madeira, repletas de galinhas raivosas e perdizes desnorteadas. Ele curvou-se e me cumprimentou como se nos víssemos diariamente. Perguntou sobre a saúde de *madonna* e desejou que dom Cesare estivesse bem em seu novo ambiente. Comecei a me questionar se o último ano e meio não havia sido senão um pesadelo do qual eu havia despertado, encontrando tudo da mesma maneira que era antes de o papa Alexandre morrer. Respondi que não tinha notícias de dom Cesare e que *madonna* estava se recuperando bem, mas, quando entreguei a carta a Strozzi e me virei para ir embora, ele colocou uma das mãos sobre meu ombro.

— A vida não quer que sejamos prisioneiros, sabe, minha cara. A senhora duquesa sabe disso e você deveria seguir o exemplo dela.

— Obrigada, *ser* Ercole, o senhor é um homem sábio.

— Meramente prático, minha querida, meramente prático.



A resposta do duque Alfonso à perda do filho foi chamar a mulher para encontrá-lo em Belriguardo.

— Ele tem esperanças de que eu me distraia ao ver todas as mudanças que está fazendo lá — disse dona Lucrezia enquanto nos orientava na arrumação de sua bagagem. — Dossi está exausto, disse ele, então mandou buscar um pintor de Capri para terminar o *salone* principal em tempo para uma apresentação daquele cantor... como é mesmo o nome dele? Sinceramente, minha memória... é isso o que a gravidez faz com vocês, moças, fiquem sabendo... — E continuou a falar, alegre e delicada como uma borboleta.

“Fique um momento — ordenou ela, assim que todos os baús de roupa haviam sido levados para as carroças que aguardavam no pátio, e as caixas de joias confiadas a seu mordomo. — Eu tenho mais uma tarefa para você antes de partirmos. — Sua expressão era um misto de exaustão e invencibilidade que me evocava, contra

minha vontade, o irmão naquela última noite nos parapeitos do Sant'Angelo. — Você precisa ir se encontrar com *ser* Ercole como antes. Ele terá algo para mim.”



Strozzi não estava lá quando cheguei à barraca das aves. Esperei, a princípio com impaciência, sentindo o vento das montanhas, cortante com a queda dos primeiros flocos de neve, soprar a serragem das gaiolas em direção aos meus olhos. Então, quando o dono das aves começou a resmungar sobre as pessoas que perambulavam por sua área sem comprar nada, fiquei mais ansiosa e me movimenteí um pouco, fingindo examinar uma pirâmide de maçãs amarelas numa barraca vizinha. Eu havia acabado de apanhar a menos machucada e entregar as moedas ao dono da barraca quando notei outra figura circundando o vendedor de aves. Um homem que eu nunca vira antes, alto, magro, com roupa muito surrada, como se para compensar sua altura e magreza impressionantes. Ele deve ser um espião, pensei; o subterfúgio de *madonna* havia sido descoberto. Puxando o capuz para encobrir meu rosto, segui na direção oposta, controlando-me para não correr, para não fazer nada que chamasse atenção para mim. Eu era apenas uma moça comprando uma maçã. O que poderia ser mais comum?

Mas um caldo pegajoso entre meus dedos me fez perceber que eu havia enfiado as unhas na maçã. Então senti o peso de uma mão em meu ombro. Um grito escapou de mim com o ar. De algum lugar me vinha o som de uma espada sendo retirada da bainha. Uma voz começou a repetir as orações que fazemos na hora do parto e em outras situações perigosas, uma voz de mulher, sem fôlego e trêmula. Minha voz.

Então alguém mais estava falando, um homem. O espião.

— Guarde sua espada, não vou machucá-la.

Minhas pernas fraquejaram, e eu caí de joelhos na poeira, nas folhas de repolho e nas fezes de cachorro da rua.

— Desculpe, eu não quis assustá-la — disse o espião. Colocando uma das mãos embaixo de meu cotovelo, ele me levantou e começou a limpar a poeira de minha saia.

— Quem é você?

— Fui enviado por *messer* Ercole.

Meu alívio foi tão grande que minhas pernas quase cederam pela segunda vez, o que me deixou irritada.

— Bom, por que não disse logo, em vez de ficar se esquivando por aí como um... um...

— Um chef à procura de aves? Um criador de pombos?

— Não há pombos aqui — retruquei, mas ouvi o tom de gracejo em minha voz, e me pareceu que o substituto de *ser* Ercole também o percebeu, porque seu rosto magro sério se abriu num largo sorriso. Seus dentes, eu notei, eram grandes e meio tortos; um homem de educação mais refinada certamente os teria mantido cobertos quando sorrisse.

— Deve estar esperando alguma coisa de mim, não é?

Poderia ainda ser um embuste.

— Está enganado, senhor.

— Acredito que seja *monna* Violante.

— Como sabe?

— Eu não sabia até ouvi-la repetir a *Bircat Hagomel*. Então tive certeza. *Ser* Ercole me disse que você era uma *conversa*. A outra *conversa*, ele disse. — Ele fez uma leve mesura. — Eu sou Gideon da Quieto d'Arzenta de Mântua, irmão da moça que acredito que conheça como Fidelma.

— O ourives — exclamei.

— Ele mesmo.

— Se estivesse usando sua estrela, eu teria percebido. — Ao olhar para ele naquele momento, era óbvio. O rapaz tinha a estrutura física desajeitada de Fidelma, o mesmo rosto magro e os olhos bonitos e proeminentes. Parecia uma lebre, pensei.

— Você acha? Pela minha experiência, os *conversos* são os piores antissemitas. Mas, na verdade, eu estou usando a estrela. — Ele abriu o casaco feito em casa, que usava por cima de seu gibão, e revelou uma estrela de tecido amarelo costurada na roupa por dentro. — Não seria nada interessante ser preso em uma das missões clandestinas de *ser* Ercole. Agora, posso lhe entregar a carta?

— Por que *ser* Ercole mandou você? Por que não veio pessoalmente?

— Pare de segurar seu manto desse jeito, faz você parecer uma ladra. Ele não me mandou, fui eu que pedi para vir. — O rapaz riu e me puxou para o lado, afastando-me do caminho de uma mula carregada de cestos grandes. — Não se envaideça, minha bela dama. Não foi a beleza de seu rosto que me inspirou, embora ele seja muito bonito, e, se o tivesse visto antes, teria falado com *ser* Ercole há mais tempo. Foi a influência que exerce sobre a duquesa. Minha irmã me disse que ela tem grande confiança em você, e estou ansioso para conseguir um serviço encomendado por ela. O irmão dela conhece meu trabalho e...

— Eu sei. — Perguntava-me o que teria acontecido com aquelas máscaras agora. O San Clemente fora totalmente saqueado pelos Orsini depois da batalha na Praça de São Pedro. Eu tinha curiosidade de saber qual dos membros daquela família teria tido a *huspa* de pendurar uma caveira de ouro ao lado da cama e concluí, com um forte sentimento de orgulho, que nenhum deles faria isso. — Mas a minha senhora não está muito inclinada a fazer alarde da intimidade dela com o irmão nas presentes circunstâncias. Você poderia — continuei, escolhendo minhas palavras com cuidado — tirar maior proveito da rivalidade dela com dona Isabella Gonzaga.

— Então isto é de dom Francesco?

— Shhh. Mantenha os olhos abertos quando a duquesa deixar Reggio, é só.



Era razoável viajar para Borgoforte, de onde, eu suponha, continuaríamos de barco para Belriguardo, mas, quando dom Francesco nos encontrou lá, ele e dona Lucrezia logo fizeram outros planos. Ele foi firme ao dizer que dona Isabella queria ver a cunhada para lhe dar os pêsames pela criança, mas que, com a gravidez muito avançada, não podia deixar Mântua. Então, após uma noite em Borgoforte, seguimos para lá. Embora eu achasse plausível que dona Isabella quisesse exibir a gravidez para minha pobre senhora, era óbvio, pelo comportamento de *madonna* enquanto eu a vestia para a viagem, que ela e dom Francesco haviam aproveitado a oportunidade para conversar a sós na noite anterior. Se dona Isabella planejava um triunfo, desconfio de que teria uma decepção.

Eu gostaria que Angela estivesse conosco, mas ela e Giulio estavam voltando para Ferrara. Não tinham a menor vontade de ir para Belriguardo, onde estariam sujeitos a encontrar Ippolito. Eu não podia confiar minhas suspeitas a Fidelma, mesmo que quisesse, pois não desejava revelar o papel de seu irmão nesse caso. Nem o meu, afinal. Então fiquei quieta, e, se houve boatos, eu não os escutei. Minha presença em geral tinha o efeito de deixar as novas damas de companhia de dona Lucrezia sem fala. Angela costumava dizer que isso se devia ao fato de eu ter vindo de Roma; havia ao nosso redor, ela brincava, o odor da santidade dos Borgia. Mas eu sabia que era mais do que isso. Embora nenhuma delas estivesse sequer ciente da existência de Girolamo, eu vestia a perda de meu filho como uma mortalha; eu era um fantasma, indesejada em seu animado círculo de moda, flertes e festas.

Eu não estava presente quando *madonna* foi recebida por dona Isabella, mas, quando embarcamos no bucentauro de dom Francesco, a forçada intimidade da vida a bordo tornava os boatos redundantes. *Madonna* certificou-se de que somente aqueles em quem confiava viajassem com ela e dom Francesco; os outros seguiriam num segundo barco. Então fiquei surpresa quando, debruçando-me sobre a proa, em nossa segunda manhã de viagem, me vi ao lado de Gideon d'Arzenta. O rangido e o chapinhar dos remos misturavam-se a fragmentos de música dos instrumentos de

corda dos músicos de dom Francesco, criando uma cortina de som entre nós e os amantes, que se encontravam sentados num caramanchão improvisado na popa do barco. O cheiro de alcatrão fresco e fumaça de seus braseiros deixou meu nariz ardendo.

— Acho que vai começar a chover — observou Gideon, concentrando o olhar na nuvem baixa e amarelada sobre as águas marrons do rio. — Aposto que não esperava me ver de novo, não é? — continuou ele quando não respondi.

— Não pensei nem que sim, nem que não, *ser D'Arzenta*.

— E eu que pensava que você não perderia a chance de me recomendar à sua senhora...

— Se tivesse havido uma oportunidade, eu não a teria perdido.

Então ele riu, erguendo o queixo de modo a expor a pele morena do pescoço e a saliência de seu pomo de adão. Virando-se de costas para a balaustrada do convés e apoiando nela os cotovelos, ele disse:

— Você é esperta, Violante. Não invejo seu marido. Acho que seu abraço deve ser mais afiado do que os pregos de uma dama de ferro.

— Como exatamente veio parar aqui, *messer*?

— Ah, eu sou os olhos e ouvidos de dona Isabella. — Uma expressão de alarme deve ter se estampado em meu rosto, porque ele riu de novo e tocou a parte interna de meu cotovelo com as pontas dos dedos. — Você é um alvo fácil para uma brincadeira, senhorita.

— Há algumas coisas com as quais não devia brincar.

— E o romance de pessoas como a duquesa e o nosso honrado marquês de Mântua é para ser levado a sério?

— O amor é um assunto sério.

— Se estivéssemos falando de amor, eu concordaria com você. Mas aquilo — ele gesticulou com a cabeça em direção à popa do barco —, aquilo é meramente um jogo. Eu levaria mais a sério um jogo de *calcio*.

Uma parte de mim sabia que ele tinha razão, que a mão de dom Francesco no colo de dona Lucrezia não causava dano a ninguém. Entretanto, se eu não acreditasse na sinceridade daquele tipo de amor, então meu coração teria se partido por nada?

— Mesmo assim — eu disse —, creio que a consciência da minha senhora é suficientemente sensível para que ela resista à presença dos olhos e ouvidos de dona Isabella.

— Em troca de minha vaga promessa de lhe relatar sobre o marido e a cunhada, dona Isabella me deu uma carta de recomendação para dona Lucrezia. Eu contarei para ela algo que não comprometa ninguém. Afinal de contas, o que eu vi? Uma senhora e um senhor à vontade num barco. Uma mãe enlutada buscando o consolo de um amigo. Eu durmo no convés entre os escravos nas galés, e tudo o que abala meu sono é o ruído das correntes deles quando se levantam para mijar. Desculpe minha rudeza.

— Já estou ficando acostumada a ela.

— Fico satisfeito, porque espero ter mais conversas com você quando eu estiver instalado em Ferrara. Acho que há camadas profundas para serem exploradas.

— Suponho que isso seja um elogio. Vindo de um ourives.



Em Sermide, na fronteira entre Mântua e Ferrara, dom Francesco se despediu de nós, e aqueles que haviam viajado no segundo barco passaram para o nosso, para que dom Francesco tivesse um meio de transporte para casa. Em meio ao burburinho das moças de dona Lucrezia cercando-me com suas perguntas e especulações, somente Fidelma mantinha-se em silêncio, se por desaprovação ou por um tipo mais sutil de curiosidade, eu não saberia dizer. Eu esperava que ela pelo menos abordasse o assunto do irmão, mas não falou nada. Eu os vira juntos conversando apenas uma vez, enquanto levava Fonsi para seu passeio diário pelo convés. Eles pareciam pouco à vontade na companhia um do outro, os ângulos agudos de seus

corpos cortando o ar entre eles em formas estranhas, seus enormes pés arrastando-se em torno um do outro numa dança desajeitada.

Lembrei-me de como o Santo Padre gostava de observar Cesare e dona Lucrezia dançarem juntos, de como o sangue que compartilhavam fluía em uníssono quando os dois conduziam as *sardanas* catalãs, e a voz persistente do *flaviol* fazia o pai deles chorar. Vi de novo mentalmente os velhos sapatos de dança de dona Lucrezia com as solas entalhadas, e Cesare em seu delírio, riscando meus sapatos com minha faca de comer. E talvez eu tivesse visto mais, porém naquele exato momento nosso barco passou deslizando pelo lado do píer ao fundo do jardim de *ser* Taddeo di Occhiobello. Eu me virei e me dirigi para baixo do convés.

Eu pensei que *madonna* estivesse descansando, mas, quando descii a escada, ela me chamou de sua cabine. Quando entrei e fiz uma mesura desajeitada no espaço apertado, ela deu um tapinha no colchão a seu lado e me mandou sentar. Não havia lugar para uma cadeira, nem mesmo um banco; todo o espaço disponível no chão estava tomado pelos baús de roupas de *madonna*. Eu me vi pensando em como dom Francesco deve ter parecido deslocado em meio a todas aquelas sedas e rendas espalhadas. Coloquei o cãozinho sobre sua almofada de cetim e tentei me equilibrar na beirada da cama.

— O que você sabe sobre o rapaz que Fidelma diz ser irmão dela?

— Quis saber *madonna*.

— Eu acredito que seja irmão dela. Não resta dúvida de que eles se parecem. *Ser* Strozzi confia nele.

— Strozzi?

— Da última vez que a senhora me pediu para encontrar *ser* Strozzi em Reggio, ele enviou *ser* D'Arzenta no lugar dele.

— Você quer dizer...?

— Eu fui prudente, *madonna*. Não aceitei nada dele até ter certeza de quem era.

— Certeza? Como você podia ter certeza, sua tola? Ele podia ter sido mandado por qualquer pessoa. Dona Isabella, meu marido... —

Ela fez uma pausa, depois continuou com uma voz mais suave, como se falasse para si mesma: — Não, ele não. Isabella, talvez. Fidelma não disse que ele tinha trabalhado para ela?

— *Madonna*, eu conversei um pouco com ele. Realmente não acho que esteja interessado em...

— Ele vai se interessar pelo que for pago para se interessar. Essa é a forma como o mundo funciona. Fonsi, cachorro feio. — O cão, cansado de não ser o centro das atenções, havia pulado no colo de *madonna* e estava sob as patas traseiras tentando lambe-la a face. Em geral, isso fazia dona Lucrezia rir, mas naquele momento ela deu um tapa no focinho dele. — Tire esse cachorro daqui, Violante — ordenou, elevando a voz acima dos protestos de Fonsi. — Vamos ver quais são as intenções desse rapaz.

Encontrei-o ainda no convés com Fidelma.

— Dona Lucrezia quer falar com você — eu disse.

O rosto dele se iluminou com aquele sorriso torto.

— É verdade?

Até mesmo Fidelma pareceu menos cerimoniosa do que de costume e começou a se agitar em torno dele, escondendo uma linha solta em seu punho desgastado, dizendo-lhe para pentear os cabelos, esconder sua estrela, e não parecer tão... bem, tão judeu.

— E você está com seus desenhos? — perguntou ela, finalmente.

Ele bateu de leve na bolsa de couro desgastada que trazia no cinto.

— Sempre — respondeu.

— Eu não alimentaria muitas esperanças — preveni, mas ele já seguia à minha frente em direção à escada, e o vento levou minhas palavras para longe de seus ouvidos.



Perguntava-me o que ele teria visto ao parar à porta da cabine e fazer uma mesura. Teria visto riqueza e influência, o foco de sua ambição? Teria visto poder e majestade, ou um último resquício da

decadência magnificente da corte do pai dela? Ou teria visto o que eu vi? Uma mulher deitada na cama, vestida de luto fechado, com os cabelos soltos e a cruz de cinza na testa, que nós refazíamos a cada manhã com a cinza sagrada que ela guardava junto a seus potes de pasta carmesim e chumbo branco. Teria ele notado o aço nos olhos acinzentados dela, ou ela o surpreenderia?

— *Ser D'Arzenta* — disse ela.

— Duquesa. É uma grande honra para mim.

— Pelo contrário, sou eu que devo me sentir lisonjeada com a sua atenção. Deve me perdoar por não tê-lo notado antes. — Ela acenou com uma mão ilusoriamente frágil. — Tantos homens, sabe... Sempre foi assim.

Ele caiu direto na armadilha.

— Sua grande beleza, duquesa...

Dona Lucrezia sentou-se empertigada, empurrando uma das almofadas, que atingiu o focinho de Fonsi. O cão reagiu latindo freneticamente. Vi Gideon se retrair enquanto aquele som cortava o ar embolorado.

— A minha beleza não lhe diz respeito, rapaz — disse *madonna*, e sua voz, embora baixa com a ameaça, era perfeitamente audível acima dos latidos do cão. Gideon fitava-a então, e eu lhe suplicava em silêncio que desviasse o olhar. Ambicioso ele podia ser, mas era óbvio que não aprendera os modos da corte.

“Então desvie esse olhar de mim e diga exatamente o que o traz a bordo do meu barco.”

Eu peguei o cachorro e pressionei minha mão contra o focinho dele para que se calasse, embora eu nunca tivesse conseguido realizar esse truque com tanta eficácia quanto Cesare. Achei que os ombros de Gideon relaxaram um pouco quando o ruído surdo de Fonsi e o chapinhar dos remos predominaram no cômodo.

— Minha preocupação é somente servi-la, duquesa. — Ele desviou o olhar para o convés, mas eu achei que ele não parecia contrito, como *madonna* teria desejado.

— Uma bela frase, mas já ouvi outras mais bonitas antes mesmo de largar os cueiros. Durante toda a minha vida fui cercada por bajuladores.

— Então deve saber que não estou lisonjeando a senhora. Não sou um cortesão, duquesa...

— Isso você não é mesmo.

— ... mas tenho qualificações que, acredito, agradariam à senhora.

— E quais são elas, exatamente? Malandragem? Subterfúgio? Espionagem? O hábito de ler as cartas particulares das outras pessoas? Por muito menos do que isso, eu poderia mandar pendurar pedras no seu pescoço e jogá-lo no rio como muitas das sobras da cozinha.

A mão dele se dirigiu à bolsa, que estava presa ao seu cinto ao lado da faca. Dona Lucrezia se retraiu.

— Violante, o que ele está fazendo? Onde estão meus guardas?

— Eu não acho que ele vá lhe fazer nenhum mal, *madonna*.

— Só quero fazer uma demonstração de minha habilidade, duquesa. — Ele a importunava, percebi, com um misto de choque e admiração. Ninguém importunava dona Lucrezia, nem mesmo o duque Alfonso. Bom, quase ninguém.

O rapaz retirou uma pilha de papéis da bolsa e a entregou a mim.

— Conceda-me a honra de examiná-los, duquesa. São croquis de uma encomenda que me foi feita pela marquesa de Mântua no último ano do pontificado de seu ilustre pai.

Observei cada uma das folhas antes de colocá-las no colo de *madonna*. Vi rostos estranhamente familiares, apesar de cada folha estar marcada com linhas retas e rabiscada com anotações de ângulos e medidas de comprimento. Em uma se via um potentado de turbante; em outra, um gato de bigodes. Um querubim de cabelos cacheados seguido de um mandarim de olhos repuxados. O último deles exibia um crânio com um riso malicioso e um diamante em um dos dentes.

— Eu acho que conheço estes — disse *madonna* num tom de entusiasmo contido que me fez ter esperanças de que o perigo já havia passado. Ela tinha reconhecido o talento do trabalho de Gideon e pressentia a possibilidade de arrancá-lo de dona Isabella. — Essas são algumas das máscaras feitas para meu irmão, não são? Um presente da marquesa?

— São, duquesa. Ela me encomendou 25 máscaras em ouro e 25 em prata. Eu ia fazer só as de prata, mas então meu mestre ficou doente, e a encomenda não podia ser atrasada. O custo do ouro, a senhora entende. Então, fiz os desenhos e os moldes, eu mesmo, sob a supervisão dele.

— Elas são fundidas, não forjadas? — perguntou *madonna*, com a sagacidade de uma dona de casa testando a qualidade da roupa de cama e o aspecto do peixe.

— Todas estas foram fundidas, duquesa. Algumas foram forjadas, como exigia o desenho.

— E quem foi seu mestre, rapaz?

— Sperandio, duquesa.

— Ah, sim, acredito que o conheço. Uma vez ele moldou uma medalha para o meu nobre sogro, creio. E é conhecedor de liga metálica usada na fabricação de armas.

— Ele morreu no ano passado, duquesa. Já tinha quase 80 anos.

— Que Deus tenha misericórdia da alma dele. — Dona Lucrezia se benzeu, e Gideon olhou para mim para ver se eu ia fazer a mesma coisa.

— Então agora você é seu próprio mestre?

— Espero um dia ter minha própria oficina. Por ora, pego trabalho onde o encontro.

— E você não teme fazer imagens de homens?

— As máscaras não representam os vivos, duquesa. São apenas máscaras.

— Bom, talvez tornemos você um cristão, *ser D'Arzenta*. Sua irmã é uma moça muito piedosa.

Com isso, ele fez um pequeno cumprimento, mas havia uma expressão rebelde em sua boca que me fez pensar ser improvável que ele algum dia seguisse o caminho até o Cristo de Fidelma.

— Então eu tenho um desafio para você. Você fará uma medalha com minha imagem na frente e um desenho de sua escolha no verso, para comemorar meu primeiro ano como duquesa de Ferrara. Logo, ela deve ficar pronta antes do início da Quaresma do ano que vem.

— Obrigado, duquesa. A senhora não se arrependerá de ter depositado sua confiança em mim.

— Você sabe com que objetivo a marquesa encomendou as máscaras?

— Todos sabem, duquesa.

— Então eu gostaria de lembrar a você o que aconteceu com aqueles homens que conspiraram contra meu irmão em Senigallia. Caso você queira tentar qualquer coisa que me faça perder a confiança em você.

— Eu entendo, duquesa. — Ele inclinou-se e deixou a cabine, piscando para mim ao virar-se para subir a escada.

CAPÍTULO 2

FERRARA, NOVEMBRO DE 1505

Hoje pela manhã me trouxeram um espelho, de prata boa, polida, e vi meu rosto pela primeira vez em não sei quantos meses. Que tipo de presente era aquele?, eu me perguntava.

Quando retornamos para Ferrara, no fim da temporada de caça de Strozzi, em Ostellato, *madonna* já havia recebido as bênçãos da Igreja, e eu não tinha dúvida de que ela e dom Francesco haviam, de alguma forma, conseguido consumir sua paixão, embora tanto o duque Alfonso como Ippolito estivessem entre os convidados na casa de campo de *ser Ercole*. Apesar de ser bastante provável que o duque estivesse absorvido demais na competição e em seu objetivo de obter o maior número possível de caça para perceber o que a esposa andava fazendo, o que me surpreendia era eles terem sido capazes de enganar Ippolito. Para mim, o relacionamento deles era bastante óbvio, embora ela e dom Francesco não pudessem compartilhar a cama um do outro, e eu supus que eles tivessem aproveitado todas as oportunidades possíveis nas grutas dos jardins de *ser Ercole*, ou em suas cavalgadas pelo bosque, ou ainda na casa de barcos, onde ele mantinha sua barcaça de rio suntuosamente equipada. Mas dona Lucrezia deixava transparecer uma animação extrema, como eu ainda não vira desde a morte do pai, e dom Francesco, cujo apetite sexual era notório e indiscriminado, mostrava-se descuidadamente atencioso com ela. Eles exsudavam luxúria como suor de cavalo, e eu me sentia como uma mulher faminta diante de uma confeitaria.

Portanto, embora *madonna* tenha ficado mal-humorada e intolerante assim que chegamos a Ferrara para o inverno e dom Francesco tivesse retornado a Mântua para aguardar o período de

resguardo da mulher, eu me sentia aliviada por estar de volta. Aguardava com ansiedade as calmas semanas do Advento, as noites iluminadas por fogueiras, quando costurávamos vestimentas para a catedral e nossos próprios vestidos para a festa de Natal, distraíndonos com intrigas baratas e grandes leituras, ambos igualmente voltados a nos preparar para a estação seguinte. Eu encontrava serenidade no fato de que nem fé, nem romance importavam para mim e apreciava as pequenas coisas, o aroma de madeira de macieira queimando, o som da chuva nas venezianas no meio da noite, uma teia de aranha cintilando com o orvalho. Esse era o alcance do meu pensamento, e eu não queria nada mais.

Visitas a irmã Osanna também faziam parte da preparação de dona Lucrezia para o Advento, embora as condições em Santa Caterina estivessem menos espartanas do que costumavam ser. Logo após a morte do duque, começaram a circular rumores de que irmã Lucia da Narni era um engodo, que infligira em si própria o estigma de Cristo e mantinha as feridas abertas cutucando-as com um pau afiado no recolhimento de sua cela à noite. Em poucas semanas, ela fora confinada àquela cela permanentemente, sem sequer receber licença para assistir à missa na capela, e o prestígio de irmã Osanna aumentou, uma vez que ela era a única pessoa autêntica com os estigmas de Cristo em Ferrara. Ela rapidamente revelou uma predileção por doces e por móveis estofados até então bastante escondida, e a habilidade, como a de uma criança tirânica, de impor sua vontade.

Fora planejada uma visita numa manhã fria de final de novembro, o hálito do rio pairando sobre a cidade numa névoa baixa que se condensava nas paredes externas do castelo, por trás das tapeçarias que haviam sido penduradas em seu interior para o inverno. Mas *madonna* acordou reclamando de dor de cabeça e rigidez nos membros, então mandou que eu fosse a Santa Caterina em seu lugar, levando como sinal de penitência velas de cera de abelha perfumadas e amoras em calda. As velas, ela me disse, seriam usadas em orações para a libertação de Cesare, e eu sorri e anuí

com a cabeça, sentindo-me uma rica tapeçaria com o suor frio do inverno escorrendo por trás de mim.

A viagem me fez passar pelo palácio de Giulio e, num capricho momentâneo, decidi parar e fazer uma visita a Angela. Mal a vira desde nosso retorno, e uma breve pausa na minha curta viagem ao convento era bem-vinda, pois minhas articulações doíam cruelmente no ar úmido. Eu tinha certeza de que o farmacêutico que assumira a responsabilidade de confeccionar os comprimidos de *ser* Torella para mim fizera a receita errada.

Já havia diversos cavalos no pátio, e uma mula, cujo manto escarlate me fazia supor ser a montaria de um cardeal. Senti um calafrio que não tinha nada a ver com o tempo frio. Desde a questão com Rainaldo, Ippolito e Giulio não haviam trocado uma palavra cortês; a presença de Ippolito na casa de Giulio só podia ser um mau augúrio. Mesmo antes de o escravo da casa abrir as portas duplas do *piano nobile*, eu podia escutar vozes alteradas.

— Onde ele está? — perguntou Ippolito. — É melhor você me dizer. Mandei os homens procurarem na casa e nas imediações. Eles vão achá-lo.

— Tire suas mãos de cima de mim — gritou Angela. — Giulio não está aqui e, de qualquer forma, eu não sei de nada sobre seu miserável cantor. E pouco me importa. — Apesar de suas palavras serem desafiadoras, sua voz soava tensa e amedrontada.

O escravo hesitou, suas mãos de luvas brancas pairavam sobre as maçanetas de prata. Eu lhe fiz um sinal com a cabeça para que prosseguisse.

— *Monna* Violante — anunciou ele com uma reverência perfunctória e desapareceu. Ippolito segurava um dos pulsos de Angela. Soltou-o como a um carvão em brasa assim que me viu. Ela correu para me abraçar, e senti seu corpo tremendo contra o meu, seus lábios secos em minha face. Ela continuou ao meu lado, segurando minha mão, enquanto Ippolito permanecia de costas para o fogo, punhos cerrados, sua seda vermelha apertada no peito. Ele começara a engordar, a ficar compacto e poderoso como um bom touro, e sua raiva parecia tomar conta da sala.

— Eu estava a caminho de Santa Caterina — expliquei, minha voz fraca e abafada. — Pensei em... — Nesse instante, a porta se abriu de novo. Percebi que Angela relaxou e em seguida ficou tensa novamente quando viu que não era Giulio e, sim, um dos homens armados de Ippolito.

— Nada, Excelência — disse ele, fazendo uma continência, batendo calcanhar com calcanhar de maneira elegante. — Olhamos em toda parte, até mesmo no depósito de gelo.

— Todos os cômodos domésticos? A gruta por trás da cachoeira? O Templo das Graças?

— Sim, Excelência.

Bufando de irritação, Ippolito caminhou e se postou em frente a nós duas, tão perto que eu podia sentir o cheiro do vinho e do óleo de cravo em seu hálito e o leve odor de cânfora de sua roupa. Fitando Angela como se eu fosse invisível, ele perguntou:

— Por que esse bastardo quer tudo o que é meu?

— Eu não pertencço a você, tampouco Rainaldo. Deus nos deu o livre-arbítrio.

— Você se atreve a falar comigo sobre Deus, sua ordinária? — Ele levantou a mão como se fosse atingi-la, mas Angela manteve-se empertigada, seu belo queixo erguido na direção de Ippolito numa atitude desafiadora, que o fez abaixar a mão. — O que ele pode lhe dar que eu não posso, Angela? Eu tenho mais riqueza, tenho poder, e não pode fingir que não sei como satisfazer você.

— Não se pode definir amor por riqueza, poder e perícia na cama, Ippolito — retrucou ela, não de forma indelicada, mas com a paciência cansada de um adulto falando com uma criança persistente. — Eu amo Giulio. Um olhar daqueles olhos significa mais para mim do que qualquer coisa que você possa me dar. Sinto muito.

— Sente? — repetiu ele. — Você não conhece o significado dessa palavra. — Ippolito fez uma pausa, respirando pesadamente. — Mas conhecerá.

Chamando seus soldados aos gritos, ele nos deixou, e Angela sentou-se no banco próximo à janela, recostando-se na veneziana aberta. Sentei-me ao seu lado e esperei em silêncio enquanto ela olhava além do jardim, seu olhar espelhando a inquietude da água que jorrava na fonte abaixo de nós, agitada pela brisa. Ela então se recompôs, sorriu para mim e segurou minhas mãos.

— Estou grávida — anunciou. — Acho que já faz muito tempo, mas pensava que fosse somente... sabe... desde o aborto. Mas, uma noite dessas, senti o bebê se mexer. Quer dizer, pensei que fosse indigestão. Tinham servido um macarrão muito pesado no jantar, mas Giulio disse que massagearia minha barriga, e então ele percebeu. — Ela pressionou minha mão contra seu diafragma. — Aqui. Sinta. — Embora a barriga dela não estivesse muito grande, estava bem rígida, e após alguns segundos senti o movimento de uma nova vida sob minha palma.

— Quantos meses, você acha? — perguntei, fazendo minha voz soar alegre e empolgada.

— Cinco, seis talvez. Não é maravilhoso? Agora eles devem permitir nosso casamento.

— Espero que você não tenha dito a Ippolito.

— Você é a primeira pessoa a quem contei. Se não tivesse vindo aqui hoje, eu teria procurado você, até mesmo antes de Lucrezia. Fique feliz por mim, Violante.

Sorri e esperei que meu sorriso servisse de cataplasma na ferida em meu coração. Eu queria compartilhar a alegria dela; não podia me curar da perda de meu próprio filho ressentindo-me da felicidade dela. Depois de certo tempo, o calor daquela felicidade começou a me derreter. Deixamos o assento à janela e fomos para o banco acolchoado ao lado da lareira. Um escravo atizou o fogo, depois trouxe uma bandeja de *crostini*, pequenas saladas e orelhas de lebre fritas que Angela recusou com medo de vir a ter um filho com lábio leporino. Falamos sobre a necessidade de comer comida quente e energética para ter um filho homem, sobre descanso, exercícios e nomes, e sobre como ela decoraria seu quarto de resguardo. Angela esperava que eu pudesse ficar com ela durante o tempo de reclusão

e me disse que Giulio já estava compondo canções para acalmá-la na hora do parto. A porta da sala de parto ficaria aberta, ela explicou, tendo apenas uma cortina para decoro, e Giulio ficaria do lado de fora com sua bela voz e seus músicos. Falamos sobre dona Lucrezia e dom Francesco Gonzaga, e sobre a frequência da correspondência entre os dois. *Madonna* disse que dom Francesco a estava ajudando em seus esforços para garantir a libertação de Cesare, e talvez estivesse. Esse era o caminho mais garantido ao coração dela.

A noite começava a cair e, quando um escravo apareceu para acender as velas, eu de repente me lembrei de minha obrigação para com a irmã Osanna. Angela foi até o pátio comigo. Montei em minha mula, e ela ficou acariciando o focinho do animal enquanto nos despedíamos e prometíamos nos encontrar novamente no dia seguinte, quando ela pretendia comunicar a notícia de sua gravidez à prima. De súbito, o portão da frente foi escancarado, e Ferrante entrou no pátio galopando, assustando os gatos e as galinhas e quase atropelando um ajudante de cozinha que pegava água no poço. A família ainda observava o luto por duque Ercole, e os cabelos longos e a barba de Ferrante emolduravam seu rosto angustiado como serpentes. O cavalo arfava e seus flancos estavam escuros de suor e cobertos de secreções.

— Angela, você precisa vir comigo. Graças a Deus você está aqui, Violante — falou ele, engasgando-se e pulando da sela.

— O que aconteceu? — Minha reação instintiva foi ficar ressentida com a intrusão dele em nossa intimidade, mas havia algo muito sério subjacente àquele drama, algo que me assustou. Ao olhar para Angela, vi que ela sentia a mesma coisa. Eu gostaria de ter chamado Ferrante ao lado para descobrir o que ele tinha a dizer sem que ela ouvisse, mas era tarde demais para isso.

— É Giulio — disse ele. — Foi atacado.

— Atacado? — A voz de Angela era um grito estrangulado. Ela oscilou e segurou-se à rédea da mula para se equilibrar. O animal jogou a cabeça para trás e se moveu, e, enquanto eu lutava para

controlá-la, Ferrante pegou Angela pelo braço e a sentou num banco usado para montar cavalos. O terror dela pareceu acalmá-lo.

— Ele sofreu uma emboscada na estrada de Belriguardo.

— Giulio foi até lá hoje de manhã — disse Angela. — Caçar com falcão no prado, ele disse. Eu ia com ele mas...

— Eu sei — disse Ferrante. — Você está grávida. Ele me disse mais cedo. Estive com eles durante um certo tempo.

— Ele está...?

Ferrante balançou a cabeça, e percebi que eu havia prendido a respiração. A súbita retenção de ar em meus pulmões me deixou tonta.

— Eles o levaram para o castelo. Eu acho que você deveria voltar comigo.

— Ele está muito machucado?

Ferrante fez uma pausa, e eu imaginei quase poder ver sua mente escolhendo as palavras e depois as rejeitando. No final, não se pode maquiar nem as melhores notícias nem as piores, somente as transigências e os equívocos entre elas.

— São os olhos dele — disse Ferrante, colocando um braço em torno de Angela e segurando-lhe o ombro, como se tivesse medo de que ela desmoronasse. — Quem quer que tenha feito isso, tentou cegá-lo.

— Então eu sei quem é o culpado.

— Você sabe?

— É Ippolito.

— Ippolito? Não diga esse absurdo.

— Você precisa acreditar em mim, Ferrante. Não me pergunte como eu sei, mas eu sei.

Ferrante olhou para mim apelando para minha sensatez.

— Acredito que Angela esteja certa. Mas não se preocupe com isso agora. Certamente é melhor irmos até ele.

— Eu não posso — disse Angela.

- Mas ele precisa de você; ele está chamando por você. Vamos.
- Ferrante tentou fazê-la ficar de pé, mas ela não saiu do lugar. Ele a puxava como se o corpo de Angela fosse tão pesado como o banco de montaria, depois desistiu, balançando a cabeça, perplexo.
- Por quê?
- Eu não vou poder olhar para ele. E se ele estiver cego? E se isso causar cegueira no bebê?



Durante duas semanas, Giulio ficou num quarto escuro e, embora não houvesse dúvida de que ele viveria, com suas feridas limpas e livres de infecção, sua visão era um caso desesperador. Ele foi assistido não somente por seus próprios médicos, mas por dois outros enviados de Mântua por dona Isabella. Giulio era seu irmão predileto, e ela ficou prostrada de tristeza com o ataque sofrido por ele. O duque Alfonso e dona Lucrezia o visitavam diariamente, e Ferrante quase não saía de seu lado, colocando em risco sua própria visão, eu temia, por ler para Giulio durante horas à luz de uma única vela encoberta. Até dom Sigismondo foi visitá-lo. Ele culpou os ratos pelos ferimentos de Giulio e garantiu que estava preparando sua ofensiva contra eles e lhes daria uma punição à altura. Os médicos o toleraram porque ele parecia ser o único que fazia Giulio sorrir. Fra Raffaello, por outro lado, que fez uma única visita a pedido de dona Lucrezia, foi proibido de voltar, porque suas lições de moral pareciam agravar a tristeza de Giulio.

A ausência de duas pessoas foi notada: a de Ippolito e a de Angela. Embora a notícia oficial fosse de que ele havia sido atacado por bandidos, todos sabiam do desentendimento entre ele e Ippolito, e, quando começaram a circular boatos de que os responsáveis haviam fugido para a Hungria, onde Ippolito exercia um arcebispado, dois e dois foram somados com uma precisão maior do que a usual. Entretanto, o duque Alfonso não mostrou sinal de querer tomar uma atitude contra o cardeal, e até lhe deu licença para visitar Mântua, onde dona Isabella aparentemente o recebeu com carinho apesar de sua tristeza com o que ocorrera com Giulio. A

corte ficou sob uma nuvem de descontentamento e inquietação, o que tornou até mesmo minhas visitas a Angela, que permanecia trancada como uma eremita no palácio de Giulio, um alívio.

Eu ia lá quase todos os dias, em geral por sugestão de Ferrante, para tentar persuadi-la a visitar o amante. Ele sempre perguntava por ela; sua ausência o fazia chorar, e o sal das lágrimas nos olhos tornava seu sofrimento quase insuportável. Ferrante não podia entender a crueldade de Angela. Eu insistia na preocupação dela com o bebê, na esperança de que isso amenizasse a dor de Giulio, mas sabia que a verdade era outra, mais sombria e desoladora, profundamente enraizada no sangue Borgia de Angela. Ela não o visitava porque não toleraria olhar para ele. Ela o amara por sua beleza, pela plumagem dourada de sua juventude, e não havia piedade em seu coração por um homem repleto de cicatrizes, destruído pela cegueira. Ao ouvir as desculpas cada vez mais incoerentes de sua ausência, comecei a entender algo sobre dona Lucrezia também, sobre a maneira como o assassinato de dom Alfonso de Bisceglie parecia ter imergido para o fundo do oceano de seu coração. O que elas amavam, as mulheres Borgia, o que abraçavam para sua sobrevivência, era o sucesso. Ao caírem nas mãos de seus agressores, tanto Giulio quanto o duque de Bisceglie haviam fracassado.



Dona Lucrezia oferecera meus serviços aos médicos, afirmando que eu tinha conhecimento de cura e permanecia inabalável em situações que poderiam arrasar um temperamento menos forte. Ela não sabia nem da metade, pensei, enquanto eu curvava a cabeça com modéstia, e os médicos, em suas togas pretas, sorriam como gralhas roubando quinquilharias. Em uma manhã, depois que removi as ataduras de Giulio para que os médicos pudessem examinar o progresso de seus ferimentos, *ser* Andrea, o mais antigo dos dois médicos de Mântua, disse que gostaria de experimentar no olho direito um tratamento que vira em Florença, e me mandou ao mercado que ficava ao lado da catedral para comprar dois pombos

brancos. O próprio Giulio, embora meio tonto com o efeito do suco de papoula que eu lhe dera antes de retirar os curativos, sussurrara em meu ouvido, pedindo que eu acendesse uma vela a santa Luzia para ele e que pedisse à santa para abençoar os esforços dos médicos. Ele sorriu para mim com um ar travesso.

— Se acha que ela vai ouvir as minhas súplicas... — eu disse.

— Ah, sei que ela sempre me atende bondosamente. Estou vendo você esta manhã. Por este olho. — Ele apontou para seu olho esquerdo, mantendo o dedo distante do terrível corte, suturado de forma grosseira, que seguia a linha da órbita, mas que milagrosamente não havia atingido o olho em si.

— O que você está vendo? — perguntou *ser* Andrea, abrindo um pouco a veneziana.

— Um anjo num halo de luz.

Ser Andrea se benzeu, e Giulio riu. Seu riso deixou meus olhos embaçados de lágrimas; fazia tanto tempo que eu ouvira aquele som pela última vez.

— Não tenha medo, doutor, não estou morrendo. A luz que está incidindo sobre o cabelo de *monna* Violante está causando um efeito extraordinário. Como se eu olhasse para ela através de um prisma. Esta terra onde vivemos, sabe, é cheia de milagres.

Deixei o recinto rapidamente, antes de começar a chorar de verdade. Para mim, ele próprio era um milagre, com seu temperamento estoico e generoso. Enquanto minha escrava e eu lutávamos para atravessar o mercado, ela com sua cesta, e eu com meus cotovelos, senti raiva, em parte pelo que Giulio havia sofrido e em parte dele próprio, por não se rebelar contra Angela, por não prometer se vingar de Ippolito, nem sequer reclamar da crueldade de sua sorte.

— Ele devia se tornar um monge — resmunguei, forçando meu caminho para atravessar a multidão e chegar à barraca do melhor vendedor de aves. O homem tinha uma banca ao lado das portas principais da catedral, que exibia orgulhosamente os braços dos

Este e do arcebispado em bandeirolas que oscilavam acima das fileiras de aves gordas amarradas.

— Quem seria? — Uma voz masculina, num lacônico divertimento, perto demais do meu ouvido. Eu não estava com espírito para afabilidades. Uma chuva fina desagradável havia começado a cair, o que não ajudava em nada a melhorar meu humor. Em vez de responder a pergunta, dei um passo para trás com força, pisando no pé de meu inquisidor. Ele assobiou de dor, e eu me concentrei em chegar antes de uma mulher forte, de turbante na cabeça, para pegar o último par de pombos.

Mandei a escrava de volta para o castelo com a compra e entrei na catedral para manter a promessa que fizera a Giulio. Peguei minha vela na loja da capela lateral onde minha Madona dos Estrangeiros olhava para os padres e coroinhas, para as freiras que vinham da zona rural, para os comerciantes e homens de negócio, e para as moças que lançavam olhares furtivos aos rapazes por trás de seus véus e de suas aias. Giulio me dera um *scudo* de ouro para pagar minhas orações, então achei que podia comprar uma segunda vela para rezar por Catherinella. Acendi minhas duas chamas e as adicionei ao conjunto de velas votivas e tocos fumacentos ao lado do altar. Depois me inclinei de encontro à misericórdia em um dos pilares que ladeavam a capela e deixei meus pensamentos me transportarem para onde quer que fossem. Pensei em Giulio, na coragem não aclamada de Ferrante, no charme de Ippolito, no reservado e severo duque, e no que deveria estar se passando em sua mente, tendo perdido o pai, o filho e a lealdade dos irmãos no espaço de um único ano. Por um breve instante, lembrei-me de meus próprios irmãos, antes que minha mente se inquietasse com a última lembrança de Eli, irado entre os galhos da glicínia caída em nosso pátio. E, como não podia deixar de ser, transferei o pensamento para o irmão de dona Lucrezia, Cesare, inimaginável numa prisão, e para nosso filho, então com mais de 2 anos, que eu provavelmente não reconheceria, mesmo que voltasse a vê-lo um dia.

— Bom dia, senhora. — Gideon d'Arzenta endireitava o corpo de sua mesura quando voltei a mim e percebi que alguém me dirigia a palavra.

— *Ser* D'Arzenta. O que está fazendo aqui?

— Orando por meu pé — respondeu ele com um sorriso magoado.
— Alguém pisou nele na barraca do vendedor de aves. Temo que possa estar quebrado.

Minha vergonha me fez ser brusca com ele.

— Bem feito para você por falar com uma mulher sem se dar a conhecer devidamente.

— Tem razão. Meus modos são terríveis. Minha irmã vive me dizendo isso. Por favor, me desculpe. — Ele colocou no chão sua cesta de legumes e um ganso amarrado que, de costas no chão e com os pés presos no ar, batia as asas furiosamente.

— Como está indo seu trabalho? Espero que esteja estabelecido aqui e já se sentindo em casa.

Ele deu de ombros.

— Uma coisa sobre os judeus: eles não pertencem a lugar nenhum, então o mundo todo é a casa deles.

O ganso grasnava, atraindo o olhar hostil de um padre que havia começado a mexer no altar da Madona negra.

— Talvez fosse melhor sairmos — disse Gideon. — Temo que meu ganso possa me denunciar, não importa quão bem-escondida esteja a minha estrela.

— Parece que está planejando uma grande festa.

— É Chanucá. Já esqueceu?

Chanucá, ocasião em que eu tinha permissão de ficar acordada até tarde para ajudar minha mãe, e depois, Mariam, a acender as velas. Mariam e eu sempre conversávamos sobre a mesma coisa. Eu a observava mergulhar queijo adocicado numa massa de farinha com ovos para fazer *bimuelos* e perguntava a ela por que sempre comíamos queijo no Chanucá.

— Para lembrar como Judite enganou Holofernes — respondia ela.

— Por que ela o enganou?

— Porque ela era uma mulher corajosa que fez o que tinha que fazer.

Fiz um gesto negativo com a cabeça, mas não consegui olhar para Gideon, e sabia que ele devia ter percebido que minha negação era uma mentira.

— Por que não vem comemorar conosco? — perguntou. — Vá hoje à noite à casa onde estou morando para a festa das luzes. E para o jantar, claro — acrescentou ele, apontando para o furioso ganso —, se seu marido permitir.

Estávamos abrigados numa das duas portas do lado oeste da catedral, de onde eu podia ver a Torre Marchesana e a passagem que levava à Torre Leone e ao jardim de laranjeiras da duquesa Eleonora, onde a chuva fazia os braseiros fumegarem.

— Preciso dar assistência a dom Giulio.

— Até mesmo à noite? Ele está tão doente assim? As notícias são de que ele sobreviverá.

— Ah, ele vai sobreviver. Seu corpo, pelo menos. Embora a luz tenha abandonado o coração dele como abandonou os olhos. Ele é o homem mais bondoso e mais terno que existe, e como ela pode tratá-lo tão... bom, ela não sabe como tem sorte, é só.

— Você é claramente fã dele. Espero que não deixe seu marido com ciúmes.

— Desculpe, não devia estar falando sobre essas coisas. Esqueça o que eu disse. Esses são assuntos de família. E por que — acrescentei, depois de uma pausa durante a qual meu bom senso deveria ter prevalecido — você sempre fala do meu marido? O que faz você achar que eu sou casada?

Gideon pigarreou e de repente pareceu concentrado nos legumes em sua cesta.

— Eu supus... quer dizer, você *parece* casada.

— Não sou.

— Mas gostaria de ser. Existe alguém, não existe?

— Não existe ninguém, posso lhe garantir, *ser* D'Arzenta.

— Ótimo, então está resolvido. Encontro você no Portão de San Romano ao cair da tarde.

— Não posso prometer — respondi. — Preciso da permissão de dona Lucrezia. — Era inconcebível que ela concordasse com a minha ida a uma festividade judaica, mas, enquanto eu me apressava em atravessar a praça, cabeça baixa para me proteger da chuva, eu já imaginava um jeito de escapar da corte naquela noite.



Usei Angela como desculpa. Ela mentiria por mim se fosse necessário, ao menos para fazê-la se sentir melhor em relação a Giulio. Escolhi um escravo para quem eu já havia recomendado com sucesso um cataplasma de tussilagem para suas hemorroidas, mandei que fosse até ela com um recado e lhe disse para não retornar até que toda a casa tivesse se retirado para dormir. O sol já se pusera quando deixei o castelo; *madonna* mudara de ideia diversas vezes quanto ao vestido para a noite, embora, ou talvez por isso mesmo, ela fosse jantar sozinha com o duque. Então Fidelma aproximou-se de mim e pediu que eu lesse o sermão que Fra Raffaello propusera dar no último sábado do Advento; se eu o achasse persuasivo, argumentou ela, certamente tocaria até mesmo o menos piedoso de sua congregação.

Iluminando meu rosto com sua luz, o guarda da segurança me reconheceu e me deixou passar. Embora o céu estivesse encoberto, as nuvens pareciam reter a última luz do dia por tempo suficiente para que eu atravessasse o portão que conduzia ao distrito judeu, na esquina da praça da catedral. Era elevado e escondido, e, embora eu não conhecesse o lugar, eu sabia bem o que encontraria ali atrás. Quando Gideon surgiu da sombra do muro, segurando ao alto uma tocha cuja luz tremulava sobre o cenário irregular e acidentado de seu rosto, fiquei tão apreensiva que quase me virei e saí correndo de volta para o castelo. Mas ele pusera a mão sob meu cotovelo para me guiar, e o guarda já havia aberto o portão, avisando a Gideon

para não deixar para a última hora da próxima vez. Então já era tarde demais.

As ruas estavam vazias, mas a mistura confusa de casas altas e velhas parecia pulsar com vida, como se suas paredes descascadas e telhados em desalinho mal conseguissem conter a pressão provocada pela humanidade dentro delas. Todas as venezianas do térreo estavam abertas, e as janelas, repletas de pequenas constelações de luzes. Fragmentos de conversas, risadas repentinas ou gritos agudos de crianças agitadas espalhavam-se na escuridão da noite e, quando passamos por uma casa, ouvimos homens cantando acompanhados pelo alegre retinir da cítara. O ar úmido estava tomado pelo odor de alimentos cozinhando; sempre que eu inspirava, aromas fortes de óleo quente e caramelo, ganso assado e cebolas fritas se juntavam em minha garganta, fazendo-me salivar.

Quase perdi a entrada estreita da ruazinha onde Gideon morava, de modo que, quando ele se virou para a direita, eu continuei em frente e nos chocamos. Por um segundo, nossos corpos roçaram um no outro, e era como se as luzes, os risos e a música houvessem se transformado num aperto, numa espécie de bola na boca de meu estômago, um *bimuelo* de alegria imerso numa delicada calda de desejo. Afastei-me e caminhei à frente dele pela rua estreita, sem dar atenção a seus avisos para andar com cuidado porque a rua estava enlameada e podia haver ratos, e na casa vizinha havia um galo novo que tinha um horário estranho para uma ave. Eu não podia, de forma alguma, desejá-lo; não tinha certeza sequer se gostava dele. Então, do meio das sombras dançantes lançadas pela tocha de Gideon, por algum poder mágico, as feições de Cesare apareceram para mim, o rio vermelho de seus cabelos, o encanto de seu sorriso, os ossos angulares e brutais de seu rosto. Fora isto em que ele havia me transformado: uma mulher tomada pelo desejo por qualquer homem que acidentalmente a tocasse?

— É aqui — disse Gideon, abrindo a porta da frente e afastando-se para o lado para me deixar entrar.

A porta estava empenada, e o ruído que fez sobre as pedras da calçada provocou o latido de um cão e trouxe toda a família para nos

receber. Talvez porque o pátio era muito pequeno e quase todo tomado por uma fonte quebrada, cujo piso rachado refletia um tom azulado como um mar de verão sob a luz de uma tocha, tive a impressão de haver ali pelo menos vinte pessoas chocando-se, sorrindo e me dando as boas-vindas à casa delas para a comemoração de Zot Hanukkah. Várias crianças foram para a frente dos adultos e me fitaram com olhos redondos, sérios, de coruja, e lembrei-me, com uma pontada de culpa, que deveria ter levado presentes. No entanto, lá estava eu, de mãos vazias e sem nada no coração a não ser os amargos ecos de um amor malogrado. Um homem que eu achei ser o chefe da família ralhou com as crianças, e elas foram embora correndo, dando voltas como peixes entre as saias das mulheres e os mantos escuros dos homens.

Eles haviam adiado o acender das luzes até nossa chegada, e então nos conduziram a uma sala que estava às escuras exceto pela vela *shamash*, a menorá por trás dela como uma pequena árvore brilhando no escuro. Reunimo-nos ao redor dela, os adultos arrastando os pés educadamente, empurrando as crianças para a frente, passando os bebês de mão em mão até que todos estivessem acomodados. Fiquei do lado de fora do círculo, com meus olhos baixos para evitar olhar para Gideon, que continuava fazendo sinais para que eu me aproximasse. Quando a primeira vela foi acesa, me retraí, mas talvez tenha sido mais um recuo da alma do que do corpo, porque ninguém pareceu notar, nem mesmo Gideon, cujo olhar eu podia sentir sobre mim, insistente e preocupado. À medida que a cerimônia prosseguia, eu relaxava mais. Descobri que ainda me lembrava de todas as palavras das bênçãos e podia até notar os pontos em que os costumes daquela família variavam daqueles da casa de meu pai.

Quando todas as velas haviam sido acesas, e a menorá, levada para ser colocada à porta da frente da casa, as lamparinas foram acesas na sala principal, e as mulheres começaram a trazer as comidas para a longa mesa que reluzia com o brilho da prata, do bronze e de vidro colorido. Eu conhecia aquelas pessoas, pensei, quando uma mulher idosa, de preto, me entregou uma travessa de

maiólica com repolho amanteigado e me disse para colocá-la sobre a mesa. Elas eram as mesmas com quem eu havia compartilhado as festividades em Roma quando criança e que viviam despercebidas em casas simples e pequenas com tudo o que tinham de valor ou de belo em caixas, prontas para partir. Mas, quando se ia às suas casas nos festejos de Purim, Chanucá ou Yom Kippur, era possível ver como desabrochavam, tão repentinamente como flores no deserto quando chove. As moças mais velhas e suas mães trocavam as roupas gastas, modestas, até mesmo surradas, por outras de seda listrada e veludo de cortes alongados, e lenços de cabelos que tilintavam com pequeninas moedas de ouro. Louças e talheres de madeira e chifre eram substituídos por prata e vidro, e havia pratos coloridos com açafrão e cúrcuma, com fragrância de canela e noz-moscada e extrato de flores de laranja. Meu pai, com sua grande autoconfiança e suas raízes amplas na cidade, tinha uma casa muito diferente. Nos limites do bairro judeu, ela parecia uma daquelas casas que os gentios construía no interior, com dinheiro emprestado por ele. Se meus irmãos e eu subíssemos nas ameixeiras mais altas de nosso pomar, podíamos avistar o interior das janelas do andar superior das casas cristãs.

Após a ceia, as crianças foram encarregadas de tirar a mesa, e então Gideon levantou-se e pôs as mãos no bolso de forma teatral. À medida que as crianças o rodeavam, ele retirava do bolso, um a um, *sevivot* belamente esculpidos e decorados, um para cada criança, e todos originais.

— Ele tem feito isso há semanas — disse uma moça com um tom de orgulho e propriedade, o que me fez prestar especial atenção a ela. Achei-a bela, com o mesmo ar delicado e etéreo de Dorotea Caracciolo. Vi que não usava uma aliança de casamento, e observava Gideon para ver quantas vezes ele olhava em sua direção. Mas o rapaz estava completamente entretido em distribuir os pequenos piões e explicar as regras do jogo a sua plateia entusiasmada de crianças. Uma delas havia então subido na mesa e tentava tirar o solidéu de Gideon. Tive uma sensação passageira e estranha de que estava olhando através de um tipo de telescópio

mágico para o futuro, vendo-o como ele seria dentro de dez ou vinte anos, um patriarca benevolente à frente de sua família. A perspectiva me enterneceu por um momento, e então desejei nunca ter ido ali, porque o que era o futuro para ele era passado para mim, e o passado é um lugar para o qual não se pode voltar.

Levantei-me abruptamente.

— Você está se sentindo mal? — perguntou a moça, talvez com um pouco mais de esperança do que de preocupação.

— Preciso ir — eu disse, dirigindo-me a Gideon. — Se ficar até tarde, não conseguirei passar pelos guardas do portão.

— Ah, não se preocupe com eles. Estão acostumados comigo, sabem que eu passo por eles nas horas mais estranhas. — Ele riu. — Eu digo a eles que a duquesa me chamou para falar sobre a encomenda dela. — Um riso nervoso espalhou-se pela mesa, olhos viraram-se em minha direção e se desviaram de novo. As crianças, sentindo a tensão entre os adultos, ficaram em silêncio.

— Bom — comentei, forçando um sorriso —, é verdade que nos recolhemos tarde. Suponho que acreditem em você.

— Então vai ficar um pouco mais?

— Não, na verdade, eu... foram todos muito atenciosos comigo e o jantar estava maravilhoso, mas...

— Vou buscar seu manto — disse a moça, levantando-se da mesa.

— Então vou acompanhá-la até em casa — disse Gideon.

— Você vai perder o Cordoban — interferiu um homem mais idoso de barba e cachos sobre as orelhas.

— Não demoro. Vão para o meu quarto quando ele chegar. Está tudo pronto.

A noite havia clareado e esfriado ainda mais, e uma lua nebulosa prateava os telhados úmidos. A maioria das luzes de Chanucá havia sido então extinta, e as ruas antigas abrigavam apenas gatos fugidios e os leves odores residuais de ganso assado e açúcar queimado. E nós dois, Gideon e eu, escutando constrangidos o ruído forte de nossos passos.

— Quem é Cordoban? — perguntei, para puxar conversa. — Desculpe por você perdê-lo por minha causa.

— É melhor não perguntar — respondeu ele, seu tom decidido e prosaico em desacordo com suas palavras. Abriu-se um abismo entre nossos mundos e os segredos ferveram nele.

— Foi muita bondade sua, Gideon — eu disse —, mas não me convide de novo.

— Você disse meu nome. — Ele parecia triunfante. — Usou o meu nome de batismo. Claro que vou convidar você de novo. Não se divertiu? A comida não estava maravilhosa? Não foi bem-recebida?

— Os donos da casa se comportaram exatamente como deveriam quando recebem um hóspede num dia de festa, mas não foram calorosos comigo. Estavam curiosos em relação a mim, é só. Uma *conversa* na corte. Eles provavelmente teriam enfiado alfinetes em mim se tivessem coragem, para ver se meu sangue é da mesma cor do deles.

— Não, há uma proibição quanto a isso na Torá. — Ele falou tão seriamente que eu não entendi logo que era uma brincadeira, então ele beliscou meu braço para me fazer rir. Mas minha risada era falsa e desejei muito estar de volta em meu quarto.

— Eu não pertencço mais a este lugar, é só. Não sou mais uma judia. — O único lugar que eu tinha era aquele quarto, onde os vestidos antigos de Angela acumulavam poeira, o desenho de Leonardo começava a desbotar e a carta de Cesare havia se rasgado nas dobras no fundo de meu baú de viagem. Eu não tinha família, senão Girolamo, e Girolamo era um Borgia. — Eu sou Violante; aquela que quebra as promessas.

— Você será sempre uma judia. Até a minha irmã ainda é uma judia. Não pedimos para sermos judeus, somos escolhidos. Não prometemos nada a Ele; a promessa é somente da parte Dele.

Havíamos atravessado o portão e estávamos quase do outro lado da praça da catedral. A visão da enorme e antiga fortaleza surgindo do fosso me fez sentir saudade, como se eu tivesse estado fora por um longo tempo. Queria retornar para o interior daqueles muros,

estar envolta em suas intrigas como uma mosca enroscada na seda da aranha.

— Pode me deixar aqui — eu disse a Gideon.

— Se você tem certeza. Bom... — Ele me ofereceu sua tocha. — Tenho certeza de que encontro você quando for à corte para mostrar meus desenhos à duquesa.

Fechei a mão em torno do cabo da tocha, mas ele não a soltou imediatamente, e ficamos ali, as mãos se tocando, presos numa batalha silenciosa e digna pela luz.

— Não me procure — avisei a ele. — Você não sabe nada sobre mim. Nada.

— Mais razão ainda para procurar sua companhia. Sou um homem curioso, *monna* Violante. — Ele curvou-se e me deixou, atravessando a praça a passos largos com as mãos nos bolsos. A aba de seu chapéu de feltro estava enrugada como uma alface sob a ação do ar úmido.

Quando cheguei a meu quarto e me aprontei para dormir, não consegui adormecer. O fogo se acabara, as roupas de cama estavam úmidas, e o jantar de Chanucá pesava em meu estômago. Talvez tenha sido por isso que o livro de receitas de minha mãe me veio à mente. Encontrava-se no fundo de meu estojo de viagem, junto ao resto de minha pobre história. Eu o colocara lá quando retornei a Ferrara, e desde então não o abrira. Acendi a vela na minha mesinha de cabeceira, retirei o livro do estojo, depois voltei para a cama e, de joelhos dobrados, usando-os como apoio, abri-o na primeira página.

Leah Sarfati, ela escrevera; pareceu ter mais confiança em sua mão quando escreveu seu nome de batismo do que quando adicionou o sobrenome de meu pai. A data embaixo, deduzi que fosse a do casamento deles, uma vez que a cerimônia ocorrera cerca de um ano antes de Eli nascer. *Neste livro eu mantereirei um registro de tudo o que aprendi e aprenderei sobre como manter uma boa casa judaica e educar os filhos à vista de Nosso Pai. Por Sua Graça possa eu ter um dia uma filha e passá-lo para ela no dia de seu*

casamento, mas rezo primeiro por filhos. Abaixo disso, na caligrafia de meu pai, estavam escritas algumas palavras em hebraico que eu supus serem orações e bênçãos para a casa e a família.

As páginas que se seguiram continham receitas de pratos para os dias de festa e as refeições diárias, remédios para cortes, machucados e febres comuns, fórmulas contra a peste e a varíola, compostos para limpar a prata e o bronze e para colar panelas quebradas. Ela havia registrado seu horário para os preparativos do Shabbat, em que ordem a preparação da comida e a lavagem de pratos e panelas deveriam ser feitas, como a roupa dos meninos deveria ser disposta e, por último, como meus cabelos deveriam ser trançados antes do pôr do sol da sexta-feira para me dar a oportunidade de estar arrumada até o final do Shabbat. Seus utensílios de cozinha estavam meticulosamente listados para que não houvesse engano entre os que eram para a carne e os que eram para o leite.

Os registros começavam sempre da mesma forma organizada, com a caligrafia cuidadosa usada para escrever seu nome de recém-casada. Mas, à medida que os anos se passaram, a família cresceu, e a Espanha se tornou um lugar ainda mais assustador para os judeus viverem, os escritos se tornaram mais apressados e menos asseados, a tinta, borrada e seca, a caligrafia inclinada cada vez mais para a frente, como se ansiosa por chegar ao fim. Como minha mãe deve ter sido feliz, pensei com uma forte dor pela perda, quando, por fim, teve uma filha para quem pudesse passar toda essa sabedoria acumulada. Havia uma seção de fórmulas para o parto e de remédios caseiros para dor na hora da parturição, para mamilos e estrias na barriga em torno da época do nascimento de Eli. Era seguida por poções para fazer os bebês dormirem, unguentos para aliviar as gengivas quando os dentes estivessem nascendo, conselhos para manter as pernas das crianças retas e encaracolar seus cabelos. A história de cada um de nós estava ali para ser lida, entre as linhas das recomendações para o desmame, remédios para cólica, unguentos para a catapora e cataplasmas para joelhos ralados. Entretanto, nenhum de nós foi mencionado pelo

nome, como se o amor dela pelos filhos fosse uma força perigosa que devesse ser contida pela cuidadosa listagem dos ingredientes e das proporções, dos métodos e das dosagens, da maneira como os espíritos podem ser contidos por encantamentos.

A vida doméstica de minha mãe pareceu terminar abruptamente com uma receita de um lustre-móveis com cera de abelha que lhe fora dada, ela anotou, por Yasmin Abravanel durante o mês de Elul no ano 5251. Um ano inteiro antes de deixarmos Toledo.

Lentamente, fui passando as páginas em branco, até que cheguei a uma outra, próxima ao fim do livro, na qual ela começara a escrever novamente. *Simpatias para reacender a paixão*, ela havia escrito no topo da página. *Você precisa pegar uma boa vela de cera e untá-la com óleo de canela. Queime em sua chama uma folha de louro na qual você escreveu o nome de seu amado. Coloque um travesseiro recheado de cravos e flores de baunilha no lado dele da cama. Guarde uma semente de um limão que consumiu e plante-a, e dê a planta a seu amado para manter seu amor renovado e verdadeiro. Você precisa fazer uma boneca com cabelos ou pontas de unhas da rival dentro e cercá-la com folhas de angélica e, assim, você a expulsará de sua casa.*

Consegui esses da Sra. Da Souza, a lavadeira portuguesa em Cal' Ebraico, ela acrescentou abaixo das simpatias. *Eu suponho que elas sejam um absurdo, mas o que posso fazer contra uma mulher com magia tão poderosa que consegue atraí-lo a Roma? Ele partiu de novo esta manhã, dizendo que era um negócio inevitável, mas ele tem empregados na cidade. Por que tem que ir lá, ele mesmo, antes de fazer seis meses de sua última visita? Na noite passada, ele repetiu o nome dela no sono, então hoje fui fazer uma visita a Sra. Da Souza, que tem a reputação de ser discreta (pelo menos foi o que me disseram). O nome da mulher é Mariam.*

Fechei o livro abruptamente, como se, por não ver o que minha mãe escrevera, eu o tivesse apagado da memória. Então foi por isso que ele nos deixou para trás. Não tinha nada a ver com meus cabelos louros e olhos azuis, embora, é claro, ele tivesse feito bom proveito deles desde então. Como qualquer homem de negócios

bem-sucedido, ele explorou o que tinha e não lamentou o que perdeu. Fui tomada por um sentimento confuso de deslocamento, a súbita noção de que a pessoa que eu acreditava ser, e o lugar que eu imaginava ocupar no mundo não haviam jamais existido, e eu era outra pessoa. Foi somente quando percebi que não era culpada pela enigmática e assustadora partida de minha mãe de Toledo e de sua desditosa morte que entendi como eu vivera oprimida pela culpa. Eu poderia simplesmente livrar-me dela agora, como fizera com tantas coisas, dos trabalhos caseiros ao amor de minha família, e a Mariam.

Siga o amor, ela dissera. Mas para onde o amor a conduzira, ou a meu pai? Eles não haviam se casado, mesmo quando ele soube que estava livre para fazê-lo. Busquei na memória, mas não consegui trazer à mente uma única ocasião em que eles houvessem demonstrado afeição um pelo outro. Estaria minha mãe seguindo o amor quando me levou de Toledo, embora pudéssemos ter permanecido lá em segurança e passado por cristãs, ou teria sido motivada por algo completamente diferente? E aonde o amor havia levado Angela, ou o pobre Giulio, agora todo marcado por cicatrizes? Ou a mim? Quando terminei de ponderar essas perguntas já era dia claro, e eu não estava nem perto de encontrar respostas. Eu acabara de fechar os olhos, pensando em tentar dormir por uma hora, quando o sino da catedral começou a tocar e lembrei que era a véspera de Natal e que eu seria obrigada a acompanhar dona Lucrezia à missa matinal.

Minha cabeça latejou de dor durante toda a missa, que parecia interminável, e meus joelhos protestavam contra o frio, que subia através do piso de mármore da capela de *madonna*. Eu esperava ter me resfriado, mas pensei que era provável que fosse minha outra doença manifestando-se de novo, e resolvi que teria uma conversa com o incompetente boticário. Fra Raffaello não fez o sermão, graças ao Senhor; seu estilo era mais adequado às datas menos alegres do calendário da Igreja. O capelão-chefe de *madonna*, um homem tão lustroso e roliço quanto uma foca, não nos segurou por muito tempo com suas reflexões sobre o iminente nascimento de

Cristo. No fim da missa, perguntei a dona Lucrezia se eu poderia ser dispensada para descansar um pouco, mas ela proibiu minha saída.

Ela me fez acompanhá-la a seu quarto, segundo ela para guardar seu livro de orações e rosário, mas eu temia que quisesse falar comigo sobre Cesare. Seu mordomo, Sancho, havia retornado da Espanha poucos dias antes. Sancho estivera com Cesare em Medina del Campo e trouxera cartas dele. Poderia haver uma para mim? Fiquei curiosa, mas em seguida afastei o pensamento; mesmo que ele tivesse escrito para mim, eu não queria saber o que ele tinha a dizer, nem pôr os olhos naquela caligrafia familiar com suas linhas sinuosas e entrelaçadas para ler suas belas mentiras.

Então fiquei aliviada quando ela pediu:

— Quero que me acompanhe aos aposentos do duque, Violante. Ele conseguiu reunir o cardeal e dom Giulio. Quer que façam as pazes antes das festividades amanhã. Depois iremos visitar Angela. Tenho uma proposta para ela também.



Foi uma reunião terrível. Giulio, usando uma venda no olho direito, e com o esquerdo ainda muito inchado e sem cor, a despeito do tratamento com sangue de pombo, ficou num canto sombreado da sala de recepção privativa do duque, fora do alcance da luz lançada pelas lâmpadas. Ippolito, que tinha sido convocado pelo duque a voltar de Mântua, parecia um buldogue amuado. Ficou o mais distante possível de Giulio na sala íntima, recusando-se a aceitar a provocação da beleza destruída do irmão. Afora os três irmãos Este, *madonna* e eu, apenas o assistente do duque, o poeta Niccolo da Corregio, estava presente. Perguntava-me se ele estaria ali para compor um tributo ao acontecimento.

O duque dirigiu o olhar a Ippolito para que ele abrisse a reunião, mas o irmão se recusou a falar, então ele disse a Giulio que Ippolito sentia muito o mal que lhe havia feito. Em seguida, Giulio, livrando-se do empregado que o segurava pelo cotovelo para guiá-lo, deu um passo em direção à luz. Percebi dona Lucrezia, ao meu lado, retrair-

se e desviar o olhar. Mantive os olhos baixos, porque assim requeria minha posição, e vi os pés calçados de escarlate de Ippolito arrastarem-se um pouco sob a batina.

— Meu senhor — disse Giulio, dirigindo-se ao duque como se estivessem sozinhos ali —, está vendo o meu estado. Mesmo assim — ele virou-se para Ippolito —, devo agradecer a Deus e a nossa Virgem Maria por me concederem a visão. E, embora meu caso tenha sido cruel e desumano, perpetrado contra mim sem ter havido falta minha, ainda assim, eu perdoo Vossa Senhoria e não deixarei de ser o mesmo bom irmão que sempre fui.

O duque Alfonso, que parecia alheio à ironia no tom de Giulio, o que talvez somente eu tenha percebido porque, de cabeça baixa, contava apenas com meus ouvidos, resmungou algo, então parou e não conteve o choro. Nesse momento, Correggio rezou para que os irmãos amassem uns aos outros e que aceitassem sua condição, ou o duque seria forçado a agir contra sua tendência natural ao perdão.

— Vocês terão que dar o beijo da paz — disse o duque Alfonso, recompondo-se. Ninguém se moveu. Eu prendi a respiração e tenho certeza de que dona Lucrezia fez o mesmo. Finalmente, Giulio deu um passo em direção a Ippolito.

— Vossa Graça? — instigou o duque, e Ippolito deu também um passo à frente. Achei não ter ouvido nenhum beijo, somente o roçar de barbas.



— Apresentei meus planos na hora certa — disse dona Lucrezia logo que o escravo da casa de Giulio fechou a porta. Ficamos sozinhas com Angela numa pequena sala com vista para o jardim, onde, agora, ela passava a maior parte dos seus dias. Embora ela não tivesse ideia de quando o bebê iria nascer, era claramente uma questão de semanas, e não de meses. Angela se encontrava deitada, enorme e inerte, numa cama ao lado da única e alta janela do quarto. Sua roupa fina revelava não somente o volume de sua barriga e de seus seios, mas também a gordura que se acumulara

em suas coxas, ombros e braços. Sobre uma mesa a seu lado, havia um prato cheio de doces, bombons e frutas cristalizadas, e uma jarra de vinho doce amarelado. Ela nem olhou para nós, nem nos ofereceu algo, e continuou a olhar fixamente pela janela por sobre o jardim molhado e marrom, enquanto sua mão se movia mecanicamente entre a boca e o prato de doces. Não havia nenhuma lareira acesa, e o quarto estava gelado. No silêncio que se seguiu à observação de dona Lucrezia, ouvi apenas o canto fino de um tordo do inverno, e percebi que até as fontes do jardim haviam parado de funcionar.

Dona Lucrezia deu um suspiro de exasperação. Sentada, inclinada para a frente, os antebraços apoiados nas coxas, ela fazia sinais para que eu puxasse uma cadeira para o lado de Angela. Aquela era uma pose masculina; lembrava-me seu irmão.

— Bom, se não quer falar comigo, pelo menos você pode me escutar. Hoje de manhã, meu marido conseguiu a reconciliação entre os irmãos. Se você ainda se importa com Giulio, ele está livre para deixar o Corte e voltar para casa.

Outro silêncio. Era o dia dos silêncios eloquentes, aparentemente.

— Nesse caso — continuou *madonna* —, ele deve permanecer onde está até... se acostumar à sua condição. Você terá que se casar, claro. Falei com o senhor de Sassuolo, Alessandro Pio, a esse respeito, e ele a receberá com satisfação. Ele é bastante generoso, pois seu dote não vai poder ser alto. O que eu tenho, terei que usar para a libertação de Cesare. Escrevi para seu irmão. Basta dizer que, se ele fosse tão rico em ducados como é em desculpas, não haveria problemas. Ainda assim, vamos conseguir. Dom Alessandro elogiou a sua beleza — ela lançou um negligente olhar cético à prima — e os seus dons, e me disse que se considerava um homem de muita sorte. Tenha cuidado para não decepcioná-lo.

“Realizaremos o casamento no Carnaval. Nesse meio-tempo, você irá para Medelana para o nascimento do bebê. É um lugar longe o suficiente para ser discreto. O duque ofereceu generosamente seu bucentauro para a viagem. Violante a ajudará a empacotar suas coisas.”

Com isso, Angela virou a cabeça em nossa direção e fixou um olhar indiferente à prima. Seus olhos eram tristes, sua tez, oleosa, e ela apresentava espinhas na testa. Seus cabelos estavam desgrenhados, e uns cachos que pareciam fios de cobre enferrujados pendiam sobre suas têmporas. Tive vontade de chorar. Queria pegá-la em meus braços e dizer a ela que nada havia mudado; continuávamos as duas juntas com nossas brincadeiras e nossos planos, e os homens podiam ir todos queimar na Geena.

— Não posso ir hoje. Preciso descansar — disse ela. Quando abriu a boca para falar, notei que sua dieta de doces começava a lhe manchar os dentes.

— Você vai estar a bordo de uma barcaça hoje antes de escurecer — disse dona Lucrezia. — Violante irá com você. Contratei uma parteira e *comatre* que viajará com você. Não precisa ter medo de nada. O ar do campo lhe fará bem. Agora, levante-se dessa cama e comece a empacotar suas coisas.

Enquanto *madonna* e eu segurávamos Angela pelos braços e a levantávamos da cama, meu primeiro pensamento foi de satisfação por ir com ela. Meu segundo foi sobre a cara feia e charmosa de Gideon d'Arzenta.



Quando finalmente Angela e eu embarcamos no bucentauro do duque, a luz já havia desaparecido das nuvens baixas e o rio, espesso e escuro como melado, batia contra o píer. Olhando para a cidade que ficara para trás, eu via o Corte e o castelo iluminado para as comemorações da noite de Natal, e buscava em meu coração algum sentimento de inveja ou de exclusão. Ainda assim, eu estava contente, feliz de ficar sozinha com minha amiga, mesmo nessas circunstâncias, quando estávamos prestes a seguir rio afora na escuridão do inverno para um tipo de exílio, embora temporário. A barcaça ducal era luxuosa como um pequeno palácio, com as paredes do cômodo particular acolchoadas em veludo e revestidas de tapeçarias para a proteção contra o frio e a batida dos remos.

Assim como a parteira e *comatre*, tínhamos também escravos para nos servir, além de um cozinheiro, e *madonna* nos emprestara La Fertella para nos manter distraídas. Talvez nem ela nem Angela lembrassem que o palhaço Ihe havia sido dado por Ippolito.

Mas, apesar de todas essas coisas terem contribuído para o meu contentamento, se elas fossem levadas embora, não o teriam diminuído. Enquanto aguardávamos a liteira de *madonna* ser trazida para o palácio de Giulio para nos levar à doca, ela me chamou de lado.

— Tenho notícias que vão alegrar você — anunciou. — Sabe que Sancho voltou via Nápoles? Ele passou uma noite com meu irmão, dom Gioffre.

— E o meu filho está bem? — Eu não devia tê-la interrompido, mas não me contive, e ela parecia satisfeita de dar prosseguimento ao assunto.

— Muito bem — disse ela, sua expressão viva com uma alegria caridosa —, como verá por você mesma. Ele vai viajar para Ferrara com a irmã Camilla e o duque de Camerino, no ano-novo. — Talvez eu tenha Ihe perguntado como haviam resolvido isso, talvez ela simplesmente tivesse decidido me honrar com uma explicação, eu não me lembro. Naquela ocasião, mal registrei aquilo, o motivo da visita de meu filho parecia insignificante se comparado com o maravilhoso fato de ele estar vindo, de que em poucas semanas estaríamos novamente reunidos, e eu poderia me sentir inteira de novo. A razão, parecia-me, era que dom Gioffre, que enviudara devido à súbita morte da princesa Sancha no ano em que Cesare foi enviado para a Espanha, desejava casar-se outra vez, e sua noiva relutava em tomar conta dos três pequenos bastardos dos Borgia. Sob certas condições, o duque Alfonso havia concordado que eles viessem para Ferrara. Não perguntei que condições eram aquelas, e *madonna* não me contou. Não naquela ocasião.

CAPÍTULO 3

FERRARA, CARNAVAL DE 1506

Eu era muito jovem naquela época e confundia luxúria com amor, como fazem os jovens.

Olhando por sobre o ombro nu de Angela, para seu reflexo iluminado pela vela no espelho longo, pensei em como nossas vidas avançam em pequeníssimos saltos. Como uma maré de primavera, somos lançados com ímpeto para a frente e para trás, porém cada elevação da água é apenas um pouco mais alta do que a anterior.

No dia de Natal, enquanto navegávamos para Medelana, ela deu à luz uma menina a bordo do bucentauro. A criança era pequena, nascida prematuramente talvez pelo transtorno da viagem, mas era forte. Angela estava decidida a chamá-la de Giulia, mas logo entregou a filha à ama de leite e não demonstrou mais nenhum interesse pela criança. Durante todo o tempo que passamos em Medelana, ela lamentou os estragos da gravidez em seu corpo e passou a tentar lhe devolver a antiga glória. Prendia os seios com faixas ensopadas numa pasta de sementes de figo trituradas para lhes restabelecer a firmeza e me fazia esfregar sua barriga com óleo de amêndoas doces e lavanda para eliminar as estrias. Mesmo antes de parar de sangrar, Angela fazia caminhadas e andava a cavalo na propriedade. Eu temia que isso viesse a causar uma queda do ventre, mas ela estava convencida de que esses exercícios ajudariam a enrijecer suas partes femininas para que seu novo marido sentisse prazer com ela. Pelo menos, ela disse, na única referência que a ouvi fazer à filha, a criança foi uma menina, e pequena, então não distendeu a vagina como se tivesse sido um menino.

Dona Lucrezia havia escolhido a *comatre* sabiamente. A mulher havia assistido a muitas parturientes que, por uma razão ou outra,

desejavam retornar à cama de um homem o mais rápido possível após o nascimento da criança. “Transforme isso numa brincadeira”, ela sugeriu com uma risada nada respeitosa. “Misture um pouco de água de rosas em azeite de oliva e deixe que ele a massageie.” Bom, Angela e eu não tínhamos nem amante, nem marido, mas tínhamos uma à outra, e assim passávamos o tempo no campo, com brincadeiras com as quais a *comatres* provavelmente jamais sonhara.

Mas, naquele momento, com seu casamento a menos de uma hora, Angela ainda não estava satisfeita com sua aparência.

— Meu Deus! — exclamou ela, mexendo-se de um lado para o outro enquanto a luz da vela tremulava em sua pele. — Estou parecendo uma bruxa horrorosa. Minha barriga está caída como a de uma porca, e meus peitos, achatados como panquecas. Ele vai sair correndo e gritando para a mãe, e ela se sentirá inteiramente vingada. — A mãe do noivo não estava nada satisfeita com o casamento, motivo pelo qual Angela não viajou para Sassuolo para a cerimônia, mas se casaria em segredo na capela de dona Lucrezia e depois permaneceria na corte. Angela aceitou esse plano com alívio; não tinha desejo algum de ser enfurnada no campo, ocupando-se apenas com a produção de leite e com os pomares.

— Ele vai amar você, assim como todos nós — eu disse.

— Será? — Ela virou-se para mim. Em nada suavizado pela prata polida do espelho, seu rosto parecia cansado, a pele sob os olhos frágil e inchada, e havia linhas um pouco mais acentuadas nos cantos da boca, causadas pelos risos. Não importa o que digam os artistas, são as imperfeições que fazem a beleza humana. Talvez tenha sido por isso que o Criador não abandonou Adão quando ele comeu do fruto.

— Com certeza.

Eu tinha razão. Dom Alessandro, acompanhado de um primo de Carpi, não tirou os olhos da noiva durante a curta cerimônia e o longo jantar que foi servido em seguida. Pensei que o noivo explodiria de felicidade quando *madonna*, por fim, sentiu pena dele e, levantando-se da mesa, ordenou que Perro e Gatto acompanhassem o feliz casal até o aposento nupcial. Na calma que

se seguiu, enquanto esperávamos que abrissem um espaço para os atores e os músicos que se apresentariam para nos entreter, enquanto dom Alessandro e Angela faziam suas promessas mútuas no cômodo contíguo ao nosso, parecia haver mais ausências ali do que somente a deles. Pensei em Giulio, ainda no Corte Vecchio, em sua filhinha em Medelana, em sua casa fechada e nas fontes silenciosas de seu jardim. Fiquei me perguntando sobre Girolamo, na estrada que vinha de Nápoles, como fazia mil vezes por dia, suplicando num desespero silencioso, a qualquer divindade que se dignasse me escutar, pela segurança de meu filho. Tentei imaginar como seria ele então, mas tudo o que me vinha à mente era o rosto de seu pai, e essa era a maior de todas as ausências.

— Você sente falta dele? — perguntara-me Angela uma noite em Medelana, quando nos deitamos juntas em frente à lareira, bebendo vinho temperado com mel e cravos.

— Ele quem? Tome aí, coma. — Joguei um punhado de passas para ela.

Ela jogou-as de volta.

— Estou de dieta. Você sabe disso e sabe de quem estou falando também.

Talvez porque tivesse bebido mais vinho do que estava acostumada, eu me vi lutando para dar uma resposta honesta.

— Aqui — respondi, batendo de leve os dedos em minha testa —, não poderei jamais perdoá-lo pela maneira como ele me enganou. Mas o restante de mim... sim, sinto falta dele.

— Ele sabe?

— Ele se importaria?

Ela deu de ombros, fazendo sua combinação deslizar sobre seu ombro dourado.

— Escreva para ele e veja se ele responde. Algumas cartas dele parecem chegar aqui.

— Não. — Sentei-me, sentindo de repente um desconforto em meu corpo, ciente da brisa fria do desolado palácio de verão em minhas costas. Tremi e abracei meus joelhos. — Não há nada em

meu coração que me motive a ser delicada com ele. Ele não merece e não me agradecerá por tratá-lo de forma carinhosa.

Angela começou a aplaudir devagar.

— Ah, que belo discurso! — Ajoelhou-se atrás de mim e envolveu meus ombros com meu vestido como se fosse um manto. — O que você realmente está querendo dizer é que tem medo de que ele não responda. Você continua fugindo da verdade em relação ao meu primo, não é, Violante? Só porque ele é pródigo nos favores dele não quer dizer que possa ser comprado por um preço barato.

— Eu sei disso. Já não tenho mais muita certeza de que ele valha o preço.

As mãos dela congelaram em meus ombros naquele momento, e eu sabia que havia revelado mais do que era minha intenção. Eu dera voz ao que estava dentro do próprio coração de Angela em relação a Giulio.



Após o casamento, dom Alessandro voltou para casa sozinho, para a companhia da mãe, enquanto Angela se lançou no Carnaval como um homem em chamas pula num rio. Ela dançou a noite toda, várias vezes com o primo de dom Alessandro, de Carpi, e acompanhou dona Lucrezia diariamente em cavalgadas mascaradas pela cidade na companhia de alguns dos prediletos do duque. Na primeira fileira, em todos os espetáculos, ela atraiu vários campeões para a Batalha dos Ovos e mandou um beijo para um homem que, de olhos vendados, conseguiu espetar um porco. Ela deu os mais extravagantes suspiros de admiração por *il Cingano*, o cigano do duque, quando ele atravessou a praça sobre uma corda bamba com barras de ferro acorrentadas a seus calcanhares.

A corte prendeu a respiração quando Ippolito, usando uma extravagante máscara de pérolas e penas de pavão, mas ainda o Ippolito de sempre, convidou-a para ser seu par numa antiga dança espanhola. Suspiramos quando ela aceitou, e dançou com uma graça incomparável por trás de sua própria máscara de cetim branco

com acabamento em laços de tule, que esvoaçavam em torno de sua cabeça como sopros de anjos. O duque Alfonso e dona Lucrezia estavam tão vigorosos e esplêndidos como seria possível estar, a presença deles no centro das festividades era como uma máscara feita para encobrir os lamentos de nosso castelo de fantasmas.

Na Terça-feira de Carnaval, fui visitar Giulio. Levei-lhe panquecas e um prato de *pane perso* da cozinha pessoal de *madonna*; eu não podia imaginá-lo entrando na longa privação da Quaresma sem um pouco das guloseimas do feriado para animá-lo. Quando cheguei, entretanto, ele já tinha companhia. Ferrante e o primo de dom Alessandro, dom Alberto Pio da Carpi, estavam com ele. Uma jarra de vinho vazia se encontrava numa mesinha entre eles, e já havia uma segunda, prestes a terminar. A presença de dom Alberto me surpreendeu. Envergonhado pelo rosto cheio de cicatrizes e pela falta de jeito causada pela visão afetada, Giulio havia permanecido totalmente isolado durante o Carnaval, recebendo pouquíssimas pessoas. Ferrante o visitava diariamente. Giulio teria, ele disse, recebido com alegria seus irmãos, o duque e o cardeal, mas nenhum dos dois achou que valia a pena interromper os festejos para passar horas monótonas com um inválido. Sobre Angela e a filha, ele não disse nada, embora sua disposição para passar o tempo em minha companhia, para me ouvir lendo, ou mesmo ficar em silêncio, fosse bastante eloquente. A fragrância da corte de dona Lucrezia se grudara a mim. Eu era a amiga de Angela e estivera com ela no nascimento de seu bebê. Para ele, talvez, eu fosse a personificação da esperança, da possibilidade.

Portanto, embora eu tenha colocado a comida sobre a mesa e pedido licença para ser dispensada, Giulio insistiu para que eu ficasse, e seus companheiros, já relaxados pelo vinho, deram suas opiniões entusiasmadas, apesar de um tanto confusas, em favor de minha permanência ali. Sentei-me e respondi suas perguntas sobre minha saúde, se eu tinha gostado do Carnaval, quais haviam sido minhas máscaras e apresentações prediletas, porém o tempo todo eu tive a sensação de ter interrompido alguma coisa. Nossa conversa educada deslizava pela superfície de um debate mais profundo e

mais sombrio, e fiquei irrequieta. Quando a escrava dálmata de *madonna* apareceu à porta da sombria sala de visitas de Giulio e me disse, num italiano que mal dava para entender, que dona Lucrezia exigia minha presença na Camera di Paravento, eu quase lhe dei um abraço.

A Camera di Paravento era uma nova adição às suas instalações, um cômodo com uma tela divisória de treliça, por trás da qual *madonna* se sentava com suas damas de companhia, enquanto os homens dançavam do outro lado. Era um stratagemma que ela usava para permitir que as moças solteiras sob seus cuidados observassem os rapazes que ela tinha em mente para elas, sem comprometer o recato das moças. Eu estava certa de que a escrava não havia compreendido suas ordens, ou eu não a entendera. Não houvera nenhuma conversa sobre estarem procurando um marido para mim desde minha volta de Roma; na minha idade, e com o meu histórico, eu estaria fora de todas as possibilidades de casamento. E já não me restava mais muito recato para acordos. Mas a dálmata seguiu seu caminho com determinação pela passagem contígua ao Corte Vecchio e à Torre Marchesana, e eu a acompanhei sem fazer perguntas, andando pelos postes de andaimes como uma criança de contos de fada perdida numa floresta. Depois do feriado, começariam a levantar um telhado por sobre a passagem, e já não era sem tempo, pensei, quando meu pé afundou numa crosta de gelo de uma poça.

Madonna era auxiliada somente por Fidelma, o que era também estranho, pois admirar os contornos da perna de um rapaz ou rir da sinuosidade dos quadris dele ao dançar a moresca não era seu passatempo predileto. O coração de Fidelma era devotado a Fra Raffaello com toda a sua imaculada palidez e o brilho prateado de santidade em seus olhos negros, embora ela acreditasse ter se entregado ao deus dos cristãos e solicitasse a *madonna* permissão para entrar num convento em todas as oportunidades. Ela cumprira a promessa feita ao pai; seu irmão recebera uma encomenda de trabalho da duquesa; certamente agora ela poderia viver sua própria

vida. Eu achava a ingenuidade dela comovente, quando não irritante.

— Olhe — disse *madonna* quando entrei, e a escrava apressou-se em servir o vinho e um prato de tâmaras confeitadas com marzipã. Ela ergueu um disco de prata de bordas ásperas. — O desenho para minha medalha. *Ser D'Arzenta* me entregou ontem. — Ele havia estado na corte no dia anterior e não procurara por mim? Bom, eu dissera a ele para não me procurar. — O que acha? — *Madonna* me entregou o disco. De um lado havia uma imagem de perfil bastante fiel a dona Lucrezia. Eu temi que ela achasse que não a favorecia o bastante, pois não a poupou de seu queixo recuado, nem de uma tendência a bochechas rechonchudas. Por outro lado, ele havia capturado a boca meio torcida e determinada como se a conhecesse por toda a vida.

— Acho a imagem muito agradável, *madonna*.

— Ótimo. Eu também. É fiel, como observou Fidelma. — Ela não deixaria de fazê-lo; sempre metia o nariz onde não era chamada. — Fidelidade é um traço que eu admiro, como duquesa.

— Sim, *madonna*. — O que eu podia dizer? Talvez, como a condutora escolhida de suas cartas de amor e como a mulher que, ela acreditava, amava seu irmão tanto quanto ela própria, eu era a única pessoa no mundo com quem ela podia ser honesta.

— E eu não gostaria de ser representada como uma moça magrinha. Isso não inspiraria confiança de meus súditos. É correto que eu pareça um pouco... matriarcal. Agora — continuou, antes que qualquer uma de nós tivesse a chance de se ater à ironia assustadora da palavra "matriarcal" —, vire a medalha. Olhe o reverso.

O reverso era decorado com um Cupido vendado preso a uma árvore de louro, e, ao lado da árvore, um violino com o arco e o atril, seu voluptuoso contorno tocado pelas extremidades das penas das asas do Cupido.

— Está muito bem-feita, *madonna*. — A composição era perfeita, a árvore em arco por sobre a figura do deus, sua curva refletida no

ângulo do corpo do Cupido enquanto ele tentava soltar suas amarras. Tudo era fluido, soprado pelo vento, capturado no limite da mudança, e dava a impressão de que, se fechássemos os olhos por um segundo, quando os abrísssemos, a imagem estaria diferente. Eu não podia equiparar a graça da peça com as enormes e magras mãos de Gideon, seus dedos de pontas achatadas e articulações desgastadas.

— Como você interpreta isso? — perguntou dona Lucrezia.

— Deixo isso para a senhora, *madonna*. A senhora teve o privilégio de uma educação superior.

— Tolice absoluta. Quando nos conhecemos, você me acompanhou citação por citação de Dante, e seu grego é... bastante sutil.

Pensei em Giovanni e em minha única piada em grego, e que ele, meu filho e Camilla estariam ali em poucos dias.

— Bom — comecei —, o Cupido preso ao louro nos adverte contra amar sem sabedoria.

Madonna sorriu e fez um sinal de concordância com a cabeça, embora, na luz do inverno que nos chegava somente através da tela, fosse difícil dizer se seu sorriso se estendia ou não a seus olhos.

— Continue — disse ela.

— O violino talvez represente seu ilustre marido, uma vez que ele toca tão bem, e o arco sua... virilidade. — Ouvi Fidelma engolir em seco. — E... o arco aponta para o Cupido, e suas asas tocam o violino, e ele abençoa sua união, *madonna*.

— Bom, mas eu vou além. Eu postulo que *ser D'Arzenta* quer que vejamos o violino como feito da madeira do louro, que simboliza a castidade de Dafne. E a cegueira do Cupido faz me concentrar no que meus outros sentidos me dizem, para confiar não no que vejo, mas no que ouço. Meu marido me diz que é casto e que tudo está bem em Ferrara. E é nisso que eu devo crer.

— Ele lhe dá o segredo da harmonia conjugal, *madonna*.

Ela riu.

— Veja como ele é inteligente. O trabalho dele deu margem a um debate, e quase me esqueci do motivo por que mandei chamar você. Fidelma, pode nos deixar. Procure seu irmão e diga a ele que estamos satisfeitas, e que ele pode ir adiante e fazer doze medalhas em ouro para os doze meses do reinado de meu marido, e trinta... não, digamos, 29... em prata. Sancho combinará o pagamento com ele, se ele passar em seu escritório amanhã.

Quando Fidelma partiu, percebi uma súbita corrente de ar e uma mudança na claridade trazida pela abertura da porta da parte principal da sala, no outro lado da tela divisória de treliça. Um murmúrio nos chegou aos ouvidos, e um arrastar de pés, como se alguém estivesse sendo empurrado ou arrastado pela soleira da porta. Então um grito agudo de “Não”, seguido de batidas rápidas sobre o salão de dança. Passos, leves e ligeiros. Passos de criança. Encostando-me à treliça, chamei:

— Girolamo! — Então percebi que era uma menina correndo, depois não tive certeza. Afinal, Girolamo ainda estava muito distante de usar calções e cortar os cabelos. Madeixas vermelhas, temperamento forte e aversão à autoridade, poderia tanto ser Camilla quanto Girolamo, ou qualquer outra criança que fosse filho de Cesare.

— Shhh — ordenou *madonna*. — Não deixe que saibam que estamos aqui.

Todas as crianças haviam entrado na sala naquele momento, com um grupo de aias de ar cansado e um homem empoeirado da viagem, carregando um cavalinho de pau, uma braçada de bonecas, um aro e um bastão. Giovanni, eu notei, estava mais alto e mais magro, embora sua semelhança com dona Lucrezia e o pai permanecesse nítida. Voltando minha atenção para as outras duas crianças, percebi, num instante de culpa e pânico, que quase não distinguia uma da outra enquanto pulavam à frente do homem com os brinquedos e puxavam a manga da camisa dele para que liberasse sua carga. Ambas as crianças usavam vestidos de lã simples, mas finos, e gorros macios puxados sobre suas cabeças

para protegê-las do frio. As duas tinham cabelos longos, ruivos e rebeldes.

— Girolamo? — Mas elas faziam barulho demais para me ouvir. Uma delas pegou uma boneca, que a outra imediatamente quis tomar, e se iniciou um cabo de guerra. Inevitavelmente, a cabeça da boneca se separou do corpo, e a criança que a segurava perdeu o equilíbrio e caiu sentada de forma abrupta. A outra soltou um grito de satisfação, balançando o corpo decapitado no ar, e deu uma volta triunfante ao redor da sala, permitindo-me um vislumbre de pernas fortes com meias de lã. Para aumentar o caos, Fonsi, que estava o tempo todo com o focinho pressionado contra a treliça, escapou por baixo dela e pulou, latindo, entre as crianças. A que segurava a cabeça da boneca olhou em direção à treliça e, embora ela não o soubesse, por um segundo nossos olhos se encontraram. Os dela eram negros, com um olhar profundo de maturidade e indiferença, que eu conhecia muito bem. Ela então voltou sua atenção para o cachorro e jogou para ele a cabeça da boneca. Aquela criança era Girolamo.

— *Madonna*, por favor, posso ir até o meu filho?

— Não, Violante. — Ela me deteve pondo uma das mãos em meu braço. — É melhor não ir.

— Não estou entendendo — eu disse, um sentimento de pavor correndo em minhas veias, sem muita certeza de se eu queria entender.

— Eu quis lhe dar essa oportunidade de ver que ele está bem, mas não vou devolver o menino aos seus cuidados. Ele deverá ir para Carpi sob a tutela de dom Alberto Pio. Dom Alberto goza de boa reputação e tem homens talentosos entre a sua criadagem. Ele pode garantir a Girolamo uma educação com todas as habilidades apropriadas à sua posição.

— Mas...

— Não há discussão. Se você fosse casada, poderia ser diferente, mas não teve sorte nesse assunto, e temos que aceitar nosso destino, como meu irmão, sem dúvida, seria o primeiro a lhe dizer.

— Eu estou disposta a me casar, *madonna*. Quando foi que eu disse que não estava?

Ela me lançou um triste sorriso.

— Há um abismo entre querer e poder que eu não tenho condições de transpor. Eu teria que pagar a qualquer homem um alto preço por você e, simplesmente, não tenho esse dinheiro. O papa Júlio se apropriou de todos os bens de Cesare, você sabe. Você poderá ver o seu filho. Vou providenciar para que ele seja trazido a Ferrara algumas vezes. Mas terá que me prometer que não vai dizer a ele quem você é. — Após uma pausa, ela continuou: — Essa também é a vontade de Cesare, Violante.

Os filhos são importantes para mim, ele dissera, e provara isso: concedera a mim a cortesia de uma noite inteira em sua cama. A ideia de resistir atravessou minha mente e se desintegrou como uma estrela cadente, mas eu vi tudo com clareza na escuridão que se seguiu. Resistir ao plano deles só me separaria ainda mais de meu filho; se me ativesse aos planos de *madonna*, ao menos eu o veria algumas vezes e teria notícias dele. Saberria como fora educado, o que aprendera, quando teria sido acometido pelas doenças da infância, o momento em que recebesse seu primeiro pônei, se apaixonasse pela primeira vez. Saberria mais sobre ele do que minha própria mãe jamais teve a chance de saber sobre mim. *Siga o amor*. Não é um caminho reto, nem, talvez, muito moral.



Via-me cada vez mais atraída por Giulio. Embora Angela tivesse retornado ao quarto que compartilhávamos e retomado a vida como se nada tivesse mudado desde que viemos para Ferrara, quatro anos atrás, eu não podia confiar a ela meu profundo sentimento de traição quanto a Girolamo. A filha dela, ainda em Medelana sob os cuidados da ama, parecia ter deixado uma marca no coração da mãe menor do que deixara em seu corpo belamente reconstituído. Ela simplesmente teria dito que as coisas eram assim mesmo, que eu tivera meu divertimento, pagara o preço, e que era hora de seguir

adiante. O ar inflamado de nostalgia na casa de Giulio era mais apropriado a minhas inclinações.

Mesmo com a aproximação da Páscoa e com os dias mais prolongados, Giulio permanecia dentro de casa, por trás de venezianas fechadas, dizendo que a luz incomodava seus olhos. As dependências de sua casa continuavam mergulhadas num inverno perpétuo, embora a primavera avançasse em todos os outros lugares. Às vezes, eu lia para ele e, outras, nos divertíamos recitando de memória ou cantando juntos, embora meus dons musicais fossem muito pobres comparados aos dele. Era um alívio para mim quando Ferrante estava lá, ou o cantor de Artigianova que o duque favorecia e emprestara ao irmão para apressar sua recuperação.

— Um maldito cantor — disse Giulio, com uma deselegância incomum, quando Gian Cantore chegou a seus aposentos —, eu mesmo o obtive para meu irmão, em primeiro lugar. O que eu preciso é de dinheiro. Por Cristo, não consigo sequer caçar meu alimento, nem assinar a conta do tecido usado para fazer os emplastos do meu olho. Como vou viver? — Ele exagerava, claro, e o cantor sabia disso tão bem quanto eu, e bastou apenas uma nova *barzelletta* de Tromboncino para restabelecer seu equilíbrio. A música sempre o alegrava, porque ele não precisava dos olhos para contemplá-la; pelo contrário, descobriu que seu ouvido era mais eficiente, seus dedos mais sensíveis ao tremor das cordas sem a distração da visão. Ele uma vez brincou, com amargura, dizendo que, se Angela algum dia voltasse para ele, ela descobriria que seu toque poderia lhe dar mais prazer do que antes. À noite, ele acrescentara, com todas as velas apagadas. Ele se desculpou imediatamente pela linguagem grosseira e nunca mais a mencionou. Em geral, restava a mim quebrar o silêncio, o que eu fazia falando sobre Girolamo. Embora nunca tenhamos falado sobre Giulia, de alguma forma eu sabia que Giulio entendia minha dor e que me escutar o ajudava a minorar a sua própria.

Logo após a Páscoa, o duque Alfonso partiu para uma visita a Veneza e nomeou *madonna* governadora na sua ausência. Ele

mandou informar a Giulio que ele deveria retornar a seu próprio palácio, pois queria que a duquesa, sua esposa, ocupasse as instalações dele no Corte Vecchio enquanto estivesse ausente, e os cômodos em uso por Giulio seriam necessários para instalar o pessoal da casa. Ele guarneceu o castelo com um grupo de mercenários suíços, embora não parecesse haver razão para aquilo, o que causou agitação e inquietude por toda a corte. Fez-me lembrar do San Clemente durante meus últimos dias em Roma. Sempre que eu ia ao castelo, ele soava como o San Clemente, repleto do descontentamento gutural dos suíços, do retinir das esporas e armaduras, do som dos copos de dados. Cheirava como o San Clemente também, a couro, gordura e aço, a vinho passado e suor masculino.

Eu acreditava ser essa a fonte de minha inquietação, até que, ao ajudar Giulio a se estabelecer de volta em sua casa, deixei cair um de seus livros e uma carta surgiu de entre as páginas. Eu não a teria olhado, exceto que vi o nome de Alberto Pio escrito lá, e não consegui resistir. Giulio estava em seu jardim com Ferrante; eu podia ouvir suas vozes através da janela aberta, Giulio reclamando da luz e Ferrante lhe dizendo que ele precisava de ar fresco e exercício e teria de se acostumar a isso.

A carta era de Francesco Gonzaga, embora não escrita de próprio punho, o que eu teria reconhecido imediatamente. Ele agradeceu a Giulio por seus gestos de amizade e lhe assegurou o amor que tinha pelo cunhado e a tristeza que sentia pela maneira como ele havia sido tratado. *Dom Alberto Pio, ele escrevera, lhe terá comunicado em pessoa, eu creio, minha aprovação à atitude que você e dom Ferrante propõem para se vingar do mal cometido à pessoa de Vossa Excelência pelo reverendíssimo cardeal...* Não me atrevi a continuar a leitura. O que isso significava? Aquilo me soava como traição, pois qualquer que fosse a vingança que Giulio estivesse propondo contra Ippolito seria também um ataque ao próprio duque, tão íntimo que ele era do irmão cardeal. Entretanto, se planejavam uma vingança, como podiam Giulio, Ferrante e seus associados ser tão ingênuos a ponto de se comprometerem por escrito? Talvez tudo

aquilo não passasse de uma brincadeira, afinal, ou fosse uma carta antiga, cuja relevância ficara no passado, enfiada dentro do livro e esquecida. Examinei o livro: versos de Ariosto recém-impresos, alguns dos quais eu lera para Giulio apenas uns dias antes. Olhei para a carta novamente para ver se estava datada; fora escrita durante a Semana Santa. Colocando-a dentro de meu corpete, me dirigi aos homens no jardim através da janela aberta avisando que eu precisava ir embora, pois a duquesa deveria estar me procurando para ajudá-la a vestir-se para as audiências da noite.

— Aparentemente, uma senhora de Cento deseja lhe solicitar que permita uma competição de senhoras a ser realizada no Barco em Corpus Christi — comuniquei a eles, surpresa com a minha própria tranquilidade.

— Espero que ela concorde — respondeu Ferrante. — Seria um bálsamo para os olhos. — Nesse instante, então, Giulio o cutucou nas costelas, e eles começaram a lutar como duas crianças. Não tinham a menor ideia do que eu encontrara, nem do que eu pretendia fazer com aquilo.

O que eu poderia fazer com aquilo? E quanto tempo levaria para Giulio descobrir que a carta desaparecera e as suspeitas recaírem sobre mim? Pensei em levá-la direto para dona Lucrezia; ela faria o possível para evitar mais uma discórdia entre os irmãos. Mas havia uma dificuldade. Em seu retiro durante a Semana Santa no Convento de Corpus Domini, *madonna* fora acometida de uma febre terçã e ainda estava fraca. Eu temia uma recaída caso lhe mostrasse a carta. Na minha caminhada de volta pela Via degli Angeli em direção ao Corte Vecchio, entretanto, passei por um homem carregando um bando de aves amarradas, penduradas numa vara atravessada nos ombros, e aquilo me deu uma ideia.

Após escutar a petição da senhora de Cento, que ela negou, e outras em questões mais corriqueiras de disputas de propriedade, dispensas de casamentos, solicitações de pensão e pedidos de proteção, *madonna* foi descansar, e eu pude escapar. A influência de dona Lucrezia permitira que Gideon se estabelecesse na oficina de um ourives popular, cujo negócio se localizava sob as arcadas em

torno da praça, assim não precisei ir muito longe. A noite estava agradável, as pessoas ainda gastavam com entusiasmo depois das privações da Quaresma, e a antiga cidade estava lotada de comerciantes e carregadores, peixeiros com o cheiro do rio grudado em suas roupas, *campesini* com terra sob as unhas empurrando carrinhos de mão cheios de abóboras ainda cobertas de pequenas flores amarelas. Um fabricante de espadas e um amolador de facas enfrentavam-se num duelo de palavras sobre a qualidade de seus produtos, quase me deixando surda, enquanto eu entrava numa ruazinha ao lado da loja do boticário, onde o cheiro de noz-moscada moída misturava-se ao fedor de porcos. No final da ruela, depois de passar por um chiqueiro, uma loja de madeira e uma banca de tigelas com sal cheias de sementes de azeitona em processo de secagem, encontrava-se a oficina do ourives, onde eu esperava encontrar Gideon.

Ao entrar, após empurrar a grossa cortina de couro da porta para o lado, ouvi silvos e batidinhas leves de alguém que trabalhava com pequenos instrumentos. Não havia lâmpadas acesas, mas feixes de luz surgiam em meio à escuridão através de fendas nas paredes feitas de pranchas de madeira e do telhado, formando uma grade brilhante, na qual partículas de ouro e prata flutuavam e mudavam de posição com a corrente de ar. À medida que minha vista se ajustava, aquela prisão de luz parecia dissolver-se, e avistei Gideon, debruçado sobre sua bancada de trabalho, burilando algo com um cinzel tão pequeno quanto a pinça que eu usava para fazer as sobancelhas de *madonna*. Ele tinha uma lente de aumento amarrada a uma espécie de fio preso à sua testa, e, a seu lado, havia um prato de pão e fatias de enguia defumada ainda intocado. A comida brilhava com o pó de ouro. Pigarreei, e de repente me senti envergonhada por interrompê-lo. Ele endireitou o corpo subitamente, quase batendo com a cabeça numa viga do teto. A lente balançou, depois escorregou por sobre um olho e, se ele não tivesse erguido a mão com rapidez para segurá-la, ela teria caído. Desamarrando a tira de couro que prendia o suporte à sua cabeça, ele colocou todo aquele aparato sobre a bancada de trabalho. As

costas de sua mão, eu notei, também brilhavam com o ouro, e o ouro marcava as linhas de seu rosto quando ele sorria para mim, como se todos os poros de sua pele estivessem cheios do metal.

— Ah — disse ele, como se me esperasse.

— Preciso de sua ajuda — eu disse, percebendo que era importante não fazê-lo perder tempo.

Ele se sentou na bancada e cruzou os braços.

— Entendo. De que maneira posso ajudá-la? — Ele não se preocupou em desviar o olhar quando eu enfiei a mão em meu corpete à procura da carta, que havia caído mais para dentro de meu vestido enquanto eu caminhava. Quando minha mão tocou meu seio, tive a súbita sensação da mão dele ali, decorando minha pele com pó de ouro, e um fogo lento se acendeu na boca de meu estômago.

— Há algo que eu possa fazer? — perguntou ele, com um tom divertido na voz. Virei-me de costas para ele. Eu não devia ter ido ali. Devia ter ido direto a dona Lucrezia.

— Encontrei isto — eu disse, finalmente conseguindo pegar a ponta da carta e retirando-a pelo decote de meu vestido. Ao entregá-la a ele, eu tinha consciência de que estava quente ao toque e de como o pergaminho se dobrara de acordo com a forma de meu corpo. Segurando-a perto de uma das réstias de luz, que ficava menos intensa e mais oblíqua à medida que a noite avançava, ele passou uma vista rápida pela carta, sua boca contraindo-se e a testa franzindo entre as sobrancelhas.

— Onde achou esta carta?

— Caiu de um dos livros de Giulio. Eu não tive intenção de... é só que... — Mas como eu poderia explicar? Aquele não era o momento de lhe contar minha história.

— O melhor a fazer é colocá-la de volta no lugar.

— Mas, se Giulio está planejando... — Eu não conseguia pôr aquilo em palavras. — E Ferrante. Eles precisam ser impedidos de fazer isso. Dom Francesco está claramente usando-os, talvez por causa de *madonna*, talvez por conta de alguma nova discussão que

ele tenha mantido com o duque. E, se eles forem pegos, você acha que dom Francesco os protegerá?

— Eles também são cunhados de dom Francesco — disse Gideon, porém não parecia convencido disso. — Mas, de qualquer forma, o que isso tem a ver comigo?

— Eu me lembrei do que você disse no barco. Sobre ser o espião de dona Isabella. Sei que isso foi dito em tom de brincadeira, mas não importa. Se ela lhe dá ouvidos, você poderia avisá-la, e ela contaria a dom Francesco, e...

— Seria mais provável que ela fosse direto ao duque ou ao cardeal. E ela exigiria uma prova; iria querer saber como eu cheguei a essa informação. — Eu não havia pensado nisso. Perguntava-me se havia pensado em alguma coisa, exceto que o homem com as aves me lembrara Gideon com o ganso de Chanucá. — Por que não vai falar com dona Lucrezia? Ela claramente gosta de você, e me parece o tipo de mulher que se prestaria a apaziguar uma briga entre irmãos.

— Ela está doente. Eu não quis incomodá-la.

— Bom, talvez você possa culpar o mensageiro, este tal de... — Ele passou os olhos pela carta para se lembrar do nome. — ... Pio. Diga apenas que você tem certeza de que ele se equivocou, mas...

— Não! — protestei.

Gideon pareceu alarmado momentaneamente, mas, de súbito, seu rosto revelou compreensão.

— Aha! — exclamou ele. — Então você tem um namorado. Eu sabia.

— Não... não, você está enganado, Gideon. Eu não tenho namorado, mas... não gostaria de fazer uma acusação sem fundamento a dom Alberto. — Minha explicação não era convincente, mas como eu poderia começar a justificar minha preocupação com a boa reputação de dom Alberto? Subitamente, de todo o coração, eu não queria que Gideon soubesse que eu era a amante abandonada do desgraçado Valentino, a mãe de um filho que eu era considerada incompetente para educar. Desejei que ele

me derretesse em seu forno como faria com um ornamento mal-acabado e me transformasse em algo novo. Lutei, pestanejei, engoli em seco e rangi os dentes, mas não consegui evitar os soluços que me sufocavam.

Gideon se desencostou da bancada de trabalho e me tomou em seus braços.

— Desculpe — disse ele. — O que quer que eu tenha dito ou feito, não foi intencional. Sinto muito, muito mesmo.

Ele deveria ser, pensei, quase da mesma altura de Cesare, porque sua clavícula pressionava minha têmpora da mesma forma que a de Cesare costumava pressionar, mas o toque da roupa próxima à minha bochecha era de um tecido caseiro, não de veludo, e todo respingado de cera. Ele cheirava a fumaça de madeira queimada, a lã e a vinho forte, não à sedução sombria e perigosa do jasmim e a medos de outros homens. Um bom rapaz, pensei, com um misto de decepção e alívio.

— Está tudo bem — eu disse, afastando meu rosto das dobras da túnica dele. Funguei. Ele retirou um lenço puído da manga e o ofereceu a mim. Assoei o nariz, e ele riu.

— Agora você tem um nariz de ouro — replicou ele, o que me fez rir também.

— Me diga, a sua roupa é lavada de graça, e você deixa a lavadeira garimpar a água da lavagem à procura de ouro?

— Elas fazem fila para lavar minhas camisas. Não dá para ver?

Puxei a manga amassada de sua camisa, que um dia, eu supunha, fora branca. Sob ela seu braço era morno, seus músculos, firmes e vigorosos. Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo em sua boca larga com seu sorriso torto. Ele recuou, sobressaltado, com uma expressão de perplexidade, deixando-me envergonhada.

— Preciso ir — eu disse. — Você tem razão, devo ir simplesmente a dona Lucrezia e deixar que ela resolva. — Nossa conversa já havia ido longe o suficiente, talvez longe demais; eu não queria arriscar outra menção a dom Alberto Pio. Virei-me para ir embora.

— Espere — pediu ele, pondo a mão em meu braço. Enrijeci; o elo passageiro forjado por minhas lágrimas quebrara-se, e sua familiaridade era imprópria. Ele retirou a mão como se tivesse encostado em fogo. — Você pesca?

— O quê? — Aquela pergunta era tão bizarra que me voltei para ele, para ver o que a teria motivado.

— Pesca — repetiu ele, como se fosse a coisa mais normal do mundo. E naturalmente era, no mundo de certas pessoas. — Venha pescar comigo no domingo.

— Tenho que ir à missa no domingo.

— Não pelo dia todo, é claro.

— Duas vezes.

— Ótimo, então você pode vir.

— Duvido que *madonna* permita. — Apesar de ter dito isso, eu sabia que dona Lucrezia não se importaria. Eu daria uma desculpa formal qualquer, alegaria doença, talvez, para explicar minha ausência da sessão de bordado e de leitura sobre a vida dos santos, e ela me desejaria uma rápida recuperação. Ambas saberíamos que a outra estava mentindo e que, embora ela gostasse de mim e algumas vezes confiasse em mim, como eu não era mais moeda válida em seu mercado casamenteiro, estava livre para fazer o que quisesse.

— Ela quer ver as medalhas prontas. Eu as levarei amanhã, e poderemos juntos persuadi-la.

— Por que pescar? Uma moça geralmente espera um convite para visitar um jardim ou ouvir música.

— Então pescar será algo novo e original para você. Aposto que *ser* Pio não a leva para pescar. Ou apostaria, se eu fosse um jogador.

— Eu mal conheço dom Alberto Pio, sinceramente.

Gideon respirou forte com ceticismo.

— Agora — disse ele —, vá, antes que escureça. Amanhã nos veremos de novo. E boa sorte.

— Boa sorte?

— Com a carta.

Eu quase a esquecera. Estava pensando na pescaria.

Quando dobrei na ruazinha em direção ao Corte Vecchio, uma figura emergiu das sombras da arcada e deu um passo à minha frente. Seu gorro estava puxado sobre os olhos e o manto envolvia a metade inferior de seu rosto. Não reconheci Ferrante de imediato.

— Violante.

Retraí-me. Minha mão voou involuntariamente para meu seio, onde eu recolocara a carta.

— Sou eu, Ferrante. Nada a temer. — Ao abaixar o manto, ele revelou um sorriso irônico que não conseguia dissipar a ansiedade em seus olhos. — Acompanho você de volta.

— É muita delicadeza sua. — Minha pele formigava com o suor; talvez a tinta escorresse e as perigosas palavras de dom Francesco se tornassem apenas uma mancha preta em minha pele. Ferrante me ofereceu seu braço. Eu o tomei.

— Obrigado por ajudar Giulio. Ele tem tão pouca autoconfiança, e você tem sido muito atenciosa com ele.

— Eu me considero amiga dele.

— Em qualquer circunstância?

— Creio que sim.

— Então devia devolver a ele o que pegou.

— Eu? Não peguei nada. — Minha voz soou forçada e pouco natural. Senti a pressão da carta como uma pedra em meu peito.

— Ah, bem, talvez eu tenha me enganado. — Seu tom era leve, coloquial, mas ele puxou meu cotovelo para a lateral do seu corpo, prendendo minha mão contra suas costelas. — Já que você se diz amiga de Giulio, então não resta dúvida de que não há motivo de preocupação.

— Espero que não, Ferrante, espero mesmo.

Àquela altura, já havíamos quase chegado ao Corte, mas, ao portão, Ferrante me desviou da entrada e continuamos ao longo do muro do palácio. A escuridão aumentava na praça, e a multidão de

consumidores do final de tarde se reduzia à medida que os comerciantes fechavam as portas e se preparavam para contar seu dinheiro. Ferrante e eu, encobertos na meia-luz, poderíamos ser talvez as únicas pessoas no mundo, e me veio à mente que ele pudesse querer me matar, enfiando seu punhal em minhas costelas ou quebrando meu pescoço. O pensamento me acalmou, porque, se aquela fosse sua intenção, não havia nada que eu pudesse fazer. Como todos os irmãos Este, Ferrante era um homem grande.

Ele parou, então, e virou-se para me olhar de frente, como se tivesse chegado a alguma decisão. Pensei em Gideon e me perguntei quanto tempo ele esperaria por mim no domingo antes de desistir. Fiquei ponderando sobre a dor, a prece, e, se em algum recôndito de seu coração, Girolamo se lembraria de mim.

— Você podia se juntar a nós — disse Ferrante. Interpretando meu confuso silêncio como permissão para continuar, ele prosseguiu: — Ajude-nos a ter acesso a Alfonso e a Ippolito, e nós lhe devolveremos seu filho.

Meu coração balançou.

— Como?

— Logo que eles estejam... fora do caminho, eu passarei a ser duque. Podíamos nos casar. Eu precisaria ter uma esposa, presumo, para manter as aparências, e o que seria melhor para mim do que uma mulher que já tem um filho? Eu tornaria Girolamo meu herdeiro. Ele poderia vir a ser o próximo duque de Ferrara, pense nisso.

Tentei pensar no assunto, mas minha mente parecia um turbilhão de poeira, no qual formas e possibilidades assomavam aos olhos, mas nunca se tornavam claras. Então, para minha surpresa, o pai de Girolamo veio em meu socorro. Pensei em como ele havia arrancado meu filho de mim, como ele e dona Lucrezia o enviaram para Carpi como se ele fosse apenas mais um presente, como mulas para carruagens ou *cedri* cristalizados. Se eu concordasse com a proposta de Ferrante, eu certamente não seria em nada melhor do que Cesare. Eu, também, estaria usando Girolamo para meus próprios

fins. *Siga o amor*, disse Mariam, mas às vezes ele o leva na direção oposta à indicada.

— Não, Ferrante, não vou me envolver.

— Você está com a carta?

— Já lhe disse, não vou me envolver, e você e Giulio deveriam parar agora antes que mais algum mal seja feito. Vocês só vão agravar a ferida.

Ferrante soltou meu braço abruptamente e arriou-se contra a parede, embaixo de uma das janelas altas e gradeadas do Corte Vecchio, de frente para a rua.

— Meu Deus, estou cansado de tudo isso. Não quero ser duque. Você pode imaginar uma coisa dessas? Eu só queria ajudar Giulio, e agora... bem, tudo está fora de controle.

— Saia daqui por uns tempos. Vá para os banhos em Porretta. Eles têm distrações do seu gosto lá, não têm?

— Eu nunca deixo de me surpreender com você, Violante. Como uma *monna* como você sabe o que se passa em Porretta?

— Dom Francesco falou sobre isso.

— Na frente das senhoras?

— Para explicar... à duquesa.

Ele deu um riso de desdém.

— Eu vou lhe dizer uma coisa, Violante, você e eu seríamos um duque e uma duquesa mais honráveis do que Alfonso e a mulher. Eu, o dia todo num prostíbulo, e você, excitando-se com histórias dos banhos em Porretta.

— Nunca mais volte a falar sobre isso, Ferrante. Suma daqui e diga a Giulio para ir também. — Eu me virei e fui embora.

— O que você vai fazer? — Ouvi-o me chamar, mas fingi que não.



Dona Lucrezia ficou em silêncio por um bom tempo enquanto lia a carta; depois, voltou à página anterior e a leu novamente. Embora ela estivesse pálida, não temi por sua saúde, porque, ao mesmo

tempo, suas feições se desenharam numa expressão sagaz, calculista e determinada, uma daquelas expressões que afinavam e aguçavam seu rosto, fazendo-me lembrar de seu irmão.

— Deixem-nos — ordenou ela a suas moças. Angela hesitou. — Você também — disse *madonna*, e Angela jogou sua mão de cartas sobre a mesa. Lançou-me um olhar venenoso por sobre o ombro ao sair. — Olhe pela janela — determinou ela. — Veja se há venezianas abertas em qualquer lugar a uma distância que se possa escutar, e preste atenção para que não haja ninguém no fosso do castelo. Estavam dragando-o hoje cedo.

O fosso era dragado toda primavera para manter sua profundidade constante e sua água limpa, e para evitar o mau cheiro na época do calor. Na primavera, meu coração lembrava-se da máscara de olhos vazios que Cesare apresentara a mim quando subiu no revelim e esvaziou a bandeja de *ser* Torella, e eu temia a descoberta dos ossinhos da criança morta. Uma ideia irracional; quantos ossos haviam afundado no sedimento do fosso ao longo dos anos, o que haveria ali para distinguir os ossos dela daqueles de um animalzinho de estimação morto ou do resto de uma refeição jogada fora das cozinhas?

— Você tem que me contar tudo o que sabe sobre isso — disse *madonna* quando fechei as venezianas atrás de mim por precaução, embora não tivesse visto indícios de espiões. Mas os espiões encontram-se em toda parte; eles são a essência das cortes, assim como a madeira é a essência de uma árvore, e sem eles as cortes seriam algo diferente.

Contei a ela como havia descoberto a carta e sobre a visita que eu fizera a Giulio, quando encontrara Alberto Pio em sua companhia. Contei tudo o mais de que pude me lembrar, mas não mencionei minha visita a Gideon d'Arzenta. Nem minha conversa com Ferrante.

— Bom, com Pio é fácil de lidar — disse ela quando terminei meu relato. — Procure um escravo e mande-o buscá-lo. — Apesar de Girolamo ter sido mandado para Carpi com sua aia, um criado e um grupo de tutores, dom Alberto havia permanecido em Ferrara; seus motivos eram agora óbvios. — Depois, vá buscar as cartas de meu

irmão. Você sabe onde eu as guardo. — Ela retirou a chave de sua escrivaninha do espartilho e entregou-a a mim. Acho que ela sempre acreditou que me confortaria saber onde eram guardadas as cartas; às vezes, eu me perguntava se ela queria que eu as lesse, embora eu nunca as tenha lido.

Quando retornei com o estojo de couro, tão fino que não dava para notá-lo sob o fundo falso da escrivaninha, a menos que se soubesse que ele estava ali, dom Alberto encontrava-se diante de *madonna* parecendo um pouco um coelho sob uma luz brilhante. A carta de dom Francesco estava sobre a mesa de jogo, largada descuidadamente entre as mãos descartadas de *cacho* e montes de moedas pequenas. Sempre que dona Lucrezia olhava para ela, o olhar de dom Alberto era lançado na mesma direção, para o seu nome, escrito lá como se num mandado.

— Ah, Violante, obrigada — disse ela quando lhe entreguei o estojo, e fez uma encenação ao abri-lo. — Achei que gostaria de saber, dom Alberto, que tenho excelentes notícias de meu irmão. — Ela pegou um pergaminho e o ergueu em direção a ele. O monograma de Cesare, sua assinatura pessoal, estava à vista. A data da carta, não. Dom Alberto acenou positivamente com a cabeça, engoliu em seco, virou-se e julguei ter percebido um ar de desagrado em seu rosto. Sua tentativa de sorrir foi frustrada. — Sim — continuou *madonna*. — Na carta, ele disse que acredita que as acusações contra ele serão retiradas, pois não há provas, sabe, e que o rei Fernando o soltará. Ele disse — acrescentou, talvez acreditando que, ao se manifestar por palavras, o que ela dizia poderia se concretizar — que espera passar o Natal com a família em Ferrara. Ele dá grande valor à família, dom Alberto, e àqueles que nos prestam serviço leal.

— Sinto-me honrado por poder servir ao seu nobre irmão, duquesa.

— É mesmo, dom Alberto? O senhor acha que está dando o melhor exemplo a dom Girolamo? Será que meu irmão aprovará os seus cuidados para com o menino da próxima vez que vir o filho?

Dom Girolamo, pensei, meu bebê, concebido de dois tipos diferentes de sonhos.

— A senhora mesma escolheu os tutores dele, *madonna*. — Claramente dom Alberto pensou que poderia se refugiar por trás de uma justa indignação.

— Sim — disse dona Lucrezia, com uma voz tão cortante que parecia capaz de gravar um padrão numa lâmina de espada —, e eu o escolhi. E, só porque eu lhe dei preferência e porque o seu primo está casado com a minha prima agora, não pense que isso lhe dá o direito de se meter em meus negócios.

— *Madonna*, eu...

— Não me interrompa, dom Alberto. E, se dá valor a essa sua cabeça nada desagradável, use o cérebro que Deus lhe deu para decidir de que lado seu pão leva manteiga. Fui clara o bastante?

Ele fez um gesto que combinava um meneio de cabeça e uma reverência.

— Ótimo. Então sugiro que retorne para Carpi o mais rápido possível e tome conta de meu sobrinho, ou terei que discutir seu futuro com meu irmão. E meu marido, é claro.

Dom Alberto fez nova reverência e, sem firmeza, deixou o quarto recuando.

— Vinho — disse *madonna* para mim. — E sirva-se de uma taça você também. Não deve ter sido muito fácil para você. Mas — continuou ela, antes que eu pudesse responder — talvez tenhamos matado dois coelhos com uma única cajadada, e ele vá a Giulio e Ferrante e avise a eles que foram descobertos. Eu prefiro não ter que envolver Alfonso nisso. — Ocorreu-me que também preferia que ela não envolvesse o marido, e rezava para que Giulio e Ferrante escutassem dom Alberto, se não a mim. Bebemos nosso vinho em silêncio por alguns instantes, e então ela deu um suspiro profundo.

— Ó, Deus, como sinto falta dele!

— Ele logo vai voltar, com certeza, *madonna*. Foi somente a Veneza. — *E a senhora tem dom Francesco*, acrescentei em silêncio.

— Cesare, Violante. Quisera Deus que ele estivesse apenas em Veneza. Quisera Deus que o que eu disse a dom Alberto fosse verdade. Sabe, se eu não tivesse você com quem conversar, acho que ficaria louca de preocupação.

— A senhora me honra, *madonna*.

— Não, não é isso. É simplesmente que nós duas... temos a mesma preocupação.

Pensei em Gideon e em seu convite, em Cesare e em convites em geral, nos óculos quebrados de meu irmão reluzindo na lama e uma cadeira espatifando-se contra degraus de pedra. Meu coração pulsava em meu peito com a agitação de uma criatura enlouquecida no cativeiro e não me deixava falar, mas *madonna* parecia contente com meu silêncio.

— Quando éramos crianças, claro que não morávamos juntos. Eu ficava com tia Adriana, como você sabe, e os meninos tinham sua própria criadagem, sob a direção do cardeal Vera. Mas costumávamos passar as semanas mais quentes do verão juntos na fazenda da minha mãe em Caprarola. Num certo ano, nasceu um bezerro com duas cabeças e seis pernas. Surpreendentemente, nem ele nem a mãe morreram de imediato, então o homem que administrava a fazenda deixou o bezerro lá.

A razão me fazia perguntar por que ela estaria me contando essa história, mas o instinto me disse para ficar quieta e escutar.

— De início, o bezerro ficava num campo próximo à casa, mas Juan costumava atirar pedras nele, então o vaqueiro levou-o para um estábulo a certa distância do vilarejo. Melhor assim, porque ele deixava as pessoas nervosas, por seis ser o número do demônio. Eles culpavam o animal por uma série de tempestades que tivemos naquele verão e, quando um vendedor ambulante judeu apareceu, como fazia todos os anos, os habitantes do vilarejo atiraram pedras nele na rua principal e se recusaram a comprar suas mercadorias.

Achei que talvez ela tivesse se esquecido de mim, mas, com um sorriso súbito e malicioso, ela disse:

— Cesare tentou impedir as pessoas de fazerem aquilo. Ele disse que achava que o diabo não escolheria um vendedor ambulante judeu para representá-lo, pois isso se assemelharia muito à escolha de Deus de um carpinteiro judeu. Ele achava que o demônio seria mais original. Naturalmente, ninguém entendeu a piada e por certo tempo pareceu que eles iriam começar a apedrejá-lo também. Sua carreira como o braço direito do demônio começou cedo, está vendo?

— Quantos anos a senhora tinha nessa época? — arrisquei-me a perguntar.

— Deixe-me ver... ele devia ter uns 12 anos, porque foi o penúltimo verão antes de ele ir para Perúgia. Então eu devia ter 7.

— E o que aconteceu com o bezerro?

— Um dia ele morreu. O vaqueiro tinha certeza de que ele estava se transformando em dois bezerros. Então um dia ele decidiu que o cortaria ao meio. Fomos ver. Quer dizer, Cesare e Juan receberam permissão para ir. Gioffre e eu, não, mas insisti com Cesare e ele me tirou da casa às escondidas durante a sesta, enquanto mamãe e minha ama estavam dormindo. Fazíamos isso o tempo todo, por uma janela, e descíamos a escada dos fundos da galeria.

Onde estaria ela agora, eu me perguntava, a menina travessa que pulava as janelas para se aventurar com os irmãos, saias dobradas até os joelhos magros e sementes de grama nos cabelos? Se eu removesse as camadas de pompa e costumes refinados, de pó feito de chumbo branco e cosmético vermelho, as cicatrizes do coração e as linhas de expressão do rosto que a faziam parecer ter mais do que seus 25 anos, aquela menina ainda estaria lá?

— Havia uma plateia grande, mas fomos reconhecidos, e deixaram que passássemos à frente, embora uns olhares desaprovadores tenham sido lançados a mim, eu lhe digo. Prefiro pensar que eram destinados aos meninos, por terem me levado, mas Juan teria desarmado todos eles com seu sorriso, e Cesare sempre, de alguma maneira, bloqueava os olhares sobre ele, como se tivesse escudos à sua volta. O bezerro foi pendurado num gancho no telhado do estábulo. Ele mugia por uma das bocas e revirava um dos pares de

olhos enormes. A outra cabeça não havia crescido adequadamente. Seus olhos eram azuis e embaçados. Era mais como uma espécie de carbúnculo grande e complexo. O vaqueiro tinha um pequeno malho para fazer o animal perder os sentidos. Juan tentou impedir que ele usasse a ferramenta. Comecei concordando com meu irmão, mas então Cesare disse duas coisas. Primeiro, que o malho mostrava a maneira de pensar do vaqueiro. Se ele acreditava que o bezerro deveria ser nocauteado antes de iniciar o processo de separação, era porque sabia que o animal iria sofrer e provavelmente morrer. Depois, me disse para olhar para os olhos do bezerro, e que, se eu fizesse isso com cuidado, veria tudo o que seria preciso ver. Finalmente, desde que viajei para a Espanha, compreendi o que ele quis dizer naquele dia.

Não somos como o bezerro em Caprarola. Não morreremos.

— É outra das pistas que ele tem me dado. Durante toda a minha vida. — Eu tinha certeza então de que ela esquecera que eu estava ali e falava para si própria, trazendo à luz algo que ficara algum tempo esquecido. — Eu acho que havia pensamentos em minha mente quando eu nasci que ele tinha colocado lá, no ventre de minha mãe, para que eu os encontrasse. — Um ente sobrenatural, a mãe dela acreditava. Um *dybbuk*. Como eu.



A conversa de *madonna* com dom Alberto pareceu ter sido bem-sucedida em seu propósito. Ele voltou para Carpi no dia seguinte. O duque retornou inesperadamente de Veneza no sábado, mas parecia relaxado, e partiu de novo no domingo de manhã para a feira anual em Lanciano. Ele gostava da temporada de feiras e da desculpa que ela lhe proporcionava para desfrutar as prostitutas, a bebida e as discussões nas tavernas.

Na confusão de sua partida, foi fácil para mim escapar para manter meu compromisso com Gideon, que me encontrou na Porta Mare, lugar por onde eu passara pela última vez com Angela a caminho de Medelana. Uma terrível discussão estava em andamento

entre um rapaz que empurrava uma carroça carregada de material de construção e um homem diante de um queijo esmagado caído no meio da rua. Era um dos enormes queijos salgados feitos em Parma, quase tão duros quanto o mármore. Ferrante costumava brincar que uma lasca dele seria uma arma perfeita, pois tudo o que se tinha a fazer era dar a prova do crime para os ratos comerem. Uma multidão havia se aglomerado para defender um lado ou outro, ou simplesmente catar pedaços de queijo antes que os vira-latas comessem tudo. Enquanto olhava à minha volta à procura de Gideon, vi um menino de rua ladino roubar um punhado de cordas de andaimes da parte traseira da carroça, e fiquei curiosa de saber por quanto ele venderia aquele material de volta aos operários do duque no dia seguinte.

A altura de Gideon tornava fácil vê-lo no meio da aglomeração. Ele usava um chapéu de abas largas macias que flutuavam sobre a multidão enquanto abria caminho para chegar a mim. A fita do chapéu tinha várias penas pequenas de cores brilhantes presas a ela; lembrava-me os quadros que eu vira dos nativos da Nova Espanha, ou isso é apenas do que consigo me lembrar agora? Suas varas de pescar eram carregadas sobre um ombro, mas ele parecia esquecer que elas estavam ali, de forma que enganchavam o tempo todo nas roupas das pessoas, ou nas pernas delas. Ele continuou a seguir seu caminho acompanhado por um coro de gritos indignados. Quando por fim chegou onde eu estava, eu não me continha de tanto rir.

— Que circo! — exclamou ele como forma de cumprimento, levantando a cesta enorme que carregava para bater num menino pequeno que estava tentando cortar minha bolsa. A tentativa de Gideon foi frustrada, mas a criança fugiu para tentar a sorte em outro lugar.

— É sempre assim aqui.

— Eu preferia ter levado você para a parte norte da cidade. A pesca lá é melhor, mas tudo ali é terra do duque. Vamos ter que andar um pouco. — Ele me segurou pelo cotovelo e, desviando dos homens que brigavam e do queijo despedaçado, me conduziu pelo

portão para a doca pública, onde havia o barulho de sinos e o clamor de vozes, a batida dos cordames contra os mastros e o tilintar de moedas sobre as mesas dos atacadistas e cobradores de impostos. O ar recendia um cheiro de peixe e alcatrão. As gaivotas grassavam sobre nossas cabeças, e, olhando para elas, de repente percebi o céu e toda a sua vastidão, a maneira como se estendia dali, sobre Carpi e Nepi, sobre Nettuno e Roma, até a Espanha, Jerusalém, o Novo Mundo e o Reino de Preste João. Tudo o que eu conhecia se encontrava sob ele, assim como tudo o que eu ainda viria a conhecer. Ele pareceu oscilar, como um toldo sob a força do vento, mas eu é que devo ter perdido o equilíbrio, porque Gideon segurou meu cotovelo com mais força e me perguntou se eu estava me sentindo bem.

— Muita gente — eu disse. — E está bastante quente.

— Perfeito para os peixes. Sem vento, e o tempo quente traz as efeméridas nesta época do ano.

Eu ri.

— É como se você estivesse falando turco comigo.

— Sua ignorância é chocante. Seu pai não pensou em lhe dar educação?

— Eu sou uma moça cidadina, Gideon. Eu cresci em Roma.

— Roma tem um rio, não tem?

— Não um rio de onde você quisesse tirar um peixe para comer.

— Bem, Mântua é uma cidade muito pequena com muitos lagos à sua volta.

— Então você fez todas as suas conquistas à beira dos rios? — provoquei.

— A maioria nos barcos — respondeu ele, e era impossível dizer se ele falava sério ou não.

Ao passarmos pelo píer particular do duque, deserto agora que ele levara seu bucentauro para Veneza, todas as cordas de amarração muito bem-enroladas e o estandarte dos Este içado em seu mastro no ar úmido, Gideon disse:

— Me fale sobre Giulio d'Este.

— Por quê?

— Ele mandou me chamar. Disse que viu a medalha que eu fiz para a duquesa e gostaria de me fazer uma encomenda.

— Ah, então é por isso que eu estou aqui. — Torci levemente meu braço, soltando-me dele, e segui um pouco pela margem para aumentar a distância entre nós. Ele não tentou se aproximar, apenas elevou a voz um pouco como um mau ator tentando projetá-la para o fundo de uma sala grande.

— Pense um pouco antes de me criticar, Violante. Quando eu convidei você para pescar comigo, ninguém tinha visto as medalhas prontas ainda, nem mesmo a duquesa. Isso só aconteceu ontem.

Claro. Qual era o meu problema? Será que minha razão tinha ido para Carpi com meu filho? Ou para mais longe ainda, com meu antigo amante.

— Aqui. Aqui é um bom lugar. — Ele parou onde o rio começava a estreitar, ensombreado por salgueiros que se cobriam de folhas novas, os troncos esbranquiçados e os galhos de um verde-prateado refletidos na superfície da água. Ele colocou a cesta no chão e deitou as varas ao lado, num recanto de praia cinzenta, arredondada como os cantos da unha de um gigante, enquanto eu perambulava pela borda gramada acima, curiosa por saber o que seria mais difícil de limpar da minha saia: as manchas de grama ou o limo do rio. Meu vestido era de seda, pois o tempo estava muito quente para roupa de lã, e, embora fosse apenas meu segundo melhor vestido, eu gostava de sua cor azul-escura e dos bordados de *mille fiori* que eu mesma fizera. Pegando a deixa tão bem quanto um pastor numa écloga, Gideon tirou um cobertor de sua cesta e abriu-o a meus pés.

— Sente-se — disse ele, enquanto procurava algo no fundo da cesta, retirando dela primeiro uma grande quantidade de caixinhas misteriosas e depois comida suficiente para alimentar toda a tripulação de um barco de pesca. Pãezinhos de farinha branca, queijos frescos, frutas e saladas eram colocados sobre o tapete como se ele estivesse esvaziando uma cornucópia. — Eu não sabia

suas preferências em relação à comida — justificou-se —, então trouxe tudo.

— Estou vendo. — Tentei parecer agradecida, mas me sentia culpada. Tanta fartura deveria ter lhe custado mais do que ele podia gastar, mesmo com a promessa de uma encomenda de Giulio.

— Mas, para ter direito à refeição, você tem que trabalhar. — Agachado, ele abriu uma das caixas e retirou de lá um peso de chumbo. De outra, um anzol com penas semelhantes às que decoravam seu chapéu. Ele o prendeu a uma das linhas de pesca, e depois repetiu seu desempenho com a outra. Em seguida, dirigiu-se à beira da água e me disse para observá-lo com atenção enquanto lançava o anzol. — Primeiro, olhe atrás de você. Não há nada mais idiota do que um pescador, ou uma pescadora, com a linha presa numa árvore. Então precisa pensar em sua vara como uma mola. Você põe o peso na linha e lança-a ao longe na água.

Tentei observar tudo o que ele me ensinava, prestando atenção ao ângulo da vara no lançamento para trás, à retidão da linha e a mil outros detalhes técnicos, porém tudo que meus indóceis sentidos percebiam era ele, sua silhueta alta e magra, envolta num halo da luz refletida pelo rio, a inesperada graça de seus movimentos, a forma concentrada de sua cabeça, sua ridícula e infantil alegria todas as vezes que conseguia fregar um peixe, não importava o tamanho. Então eu fui uma má aluna. Deixei minha linha se enroscar, meus lançamentos eram muito curtos e, quando achei que havia fregado um peixe, descobri que era apenas uma bota velha.

— Não adianta muito — observou Gideon —, a menos que encontremos o par dela.

Àquela altura, eu estava ruborizada, com calor e zangada demais para achar graça em suas brincadeiras. Joguei minha vara no chão, subi a borda do rio e me sentei amuada no tapete. Meu corpete me esfolava e meu couro cabeludo me picava com suor sob o toucado. Ao olhar para o rio desenhando seu traçado sinuoso e lento entre as margens, os peixes prateados saltando atrás de libélulas cor de turquesa, as linhas curvas e baixas de andorinhas e andorinhões, tive vontade de nadar, de ser parte da natureza indiferente com suas

necessidades simples. Talvez eu devesse ao menos tirar meu toucado, meus sapatos e meias e refrescar meus pés na água. Achando que Gideon encontrava-se absorto em sua pescaria, me descuidei, levantando as saias até os joelhos para facilitar a retirada da meia. Um súbito silêncio, a sensação de uma respiração presa e mantida, me fez erguer a vista e perceber que ele me observava. Apesar de meus cabelos soltos e pernas descobertas, senti calor enquanto meu corpo lutava contra o que o restringia.

Gideon colocou de lado sua vara de pescar e subiu a margem em minha direção. Ele havia tirado seu gibão. A camisa estava tão desgastada que eu conseguia ver os círculos escuros de seus mamilos e a mancha dos pelos do tórax através do tecido. Um adorno de ouro numa corrente balançava em sua gola aberta enquanto ele andava. Pensei em me cobrir, mas meus braços pareciam pesados demais para serem erguidos naquele calor sufocante. Quando ele se ajoelhou diante de mim, seu rosto, numa moldura de cachos negros, era como o de um anjo ligeiramente cansado, mas o corpo dos homens não é sutil, e o aspecto humano de sua intenção era óbvio. Aproximando-se de mim, ele tocou a parte interna de meus joelhos com a ponta dos dedos, então pegou a ponta de minha saia e puxou-a até meus tornozelos.

— Nunca se sabe — disse ele — quem pode estar passando.

Senti-me suja e envergonhada, e tive uma breve visão de Cesare rindo de mim, de seu castelo na Espanha. Você me fez assim, reagiu meu coração, tendo, no mesmo instante, a consciência de que ele teria dito que nos fazemos a nós mesmos.

— Está tão quente.

Gideon teve a delicadeza de ignorar minha desculpa esfarrapada.

— Vamos comer — disse — antes que fique ainda mais quente. — Ele ajoelhou-se sobre o tapete, enrolou as mangas da camisa e me ofereceu um pedaço de pão com queijo e azeitonas. — Não tão elegante como a mesa de jantar do duque, eu suponho. — A mão dele tremia.



Quando terminamos a refeição, deitamo-nos lado a lado sobre o tapete coberto de migalhas, olhos fechados, ouvindo o murmúrio do rio e o ocasional salto dos peixes no cesto de Gideon. Os pássaros haviam parado de cantar no calor do meio-dia, e as docas mais abaixo ficaram em silêncio. O brilho fragmentado da luz solar que atravessava a folhagem do salgueiro piscava em vermelho através de minhas pálpebras fechadas. Exceto pela respiração de Gideon ao meu lado, eu parecia estar sozinha no universo. Após certo tempo, senti as costas das mãos de Gideon roçarem as minhas, uma pressão cuidadosa, feita mais de ar do que de músculo e ossos.

— Violante.

— Hein?

— Qual é o seu nome de batismo?

Encerrada em minha solidão, eu não fazia objeção em lhe dizer, porque, de alguma forma, era como se eu estivesse dizendo a mim mesma. Mas, ao trazer meu antigo nome à consciência, de repente duvidei de minha capacidade de pronunciá-lo.

— Eu gostaria de saber — insistiu ele, ao ver minha hesitação.

— Por quê?

— Porque Violante é um apelido cruel. Me dói usá-lo.

— É só uma ironia, Gideon. — Mas não era; fora verdade na ocasião, e meu investimento inconsequente, minha falta de prudência em não responder ao convite para as corridas, custara-me juro múltiplos. Eu não iria quebrar mais promessas. — É Esther — eu disse. — Meu nome é Esther Sarfati.

— Está vendo? — Ele dobrou os dedos em torno da palma da minha mão. — Não foi tão difícil assim, foi?

Uma súbita diminuição da claridade me fez abrir os olhos. Gideon virou-se de lado e ficou de frente para mim, seu rosto apoiado sobre o punho esquerdo. O jogo de sombra e luz incidindo sobre ele tornava difícil para mim ver seu rosto claramente.

— Quer se casar comigo, Esther Sarfati? — perguntou ele.

Ri diante do absurdo da pergunta.

— Você não vai querer se casar comigo, Gideon. — Eu não consegui nem lhe agradecer ou dizer que ele me honrava com aquela proposta. — Você não me conhece.

— Eu sei que é inteligente e bela, e sua companhia alegra meu coração.

— Eu não tenho dinheiro, você sabe, nem família.

— Se eu estivesse interessado num dote, eu teria ido primeiro à duquesa. — Teria mesmo, pensei, levantando a vista para ele contra o sol. Não podia ter existido na Itália um homem mais alheio às atividades da corte do que ele. Gideon provavelmente precisava de uma mulher como eu para protegê-lo de si próprio. — Eu posso me sustentar e sustentar você — continuou. — Você não é uma dessas moças fúteis, é?

Balancei a cabeça.

— Eu não sou mais uma moça. — Eu estava com 20 anos então. Mas me considerava uma mulher de 90.

— Pelo menos me faça o obséquio de pensar em minha proposta.

— Eu lhe farei um maior obséquio recusando-a. Acredite, Gideon, eu não sou aquilo que você quer.

— Você diz essas coisas, mas não me mostra nenhuma prova. Sem prova, como posso acreditar que me casar com você seria um terrível engano? Vivemos na era da ciência, Esther. É o conhecimento que importa. Conte alguma coisa sobre você. Justifique essa sua afirmação.

Se eu tivesse lhe falado sobre Cesare e Girolamo, isso certamente poria um fim ao seu interesse por mim. Abri os olhos e fitei-o, como se eu pudesse ler em seu rosto o tipo de conhecimento que o satisfaria. Uma nuvem passou por trás de sua cabeça. Sua forma lembrava um seio de mulher.

— Muito bem — eu disse —, aqui está uma coisa que eu sei. Dom Cristoforo Colon uma vez escreveu para Isabel, a Católica, dizendo que as viagens dele o fizeram concluir que a Terra tem a forma de um seio de mulher.

Gideon não pareceu impressionado.

— Isso não é nenhum segredo, e nem é seu para que você o compartilhe.

— Eu lhe garanto que é segredo. Não creio que a Inquisição queira que uma coisa dessas seja divulgada, nem que se passe a acreditar nela. E eu soube disso de uma fonte que é muito boa em desvendar segredos. Como a fonte foi minha, o segredo é meu.

— Um argumento, sem dúvida, mas talvez não irrefutável.

— E qual argumento não é irrefutável? Agora é sua vez. O que me diz sobre você?

Ele sentou-se, tirou a corrente de ouro do pescoço e colocou-a em minha mão, o adorno cálido como algo com vida em minha mão em concha. Era feito de três círculos concêntricos com um triângulo no centro e ligados por figuras que eu reconhecia como caracteres hebraicos.

— Este é o meu segredo — disse Gideon num tom que tornava claro que ele estava me mostrando algo de grande importância para ele.

— O que é isso? — Senti-me uma idiota e, de certa forma, culpada por tê-lo enganado com a excelente, e decerto falsa, sedução de Cesare.

— É um símbolo de sabedoria. Um conhecimento especial, concedido apenas àqueles que têm ouvidos para ouvir e olhos para ver.

Uma porta de correr se destrancava em minha memória e se abria lentamente, fazendo surgir homens sérios que costumavam visitar meu pai em nossa casa em Toledo nos meses que antecederam sua ida para Roma. Imaginei ter visto alguns deles lá também. Meu pai nunca nos fazia restrições em casa, mas, quando esses homens chegavam, eu era sempre proibida de ficar nas áreas comuns. Um deles, eu conseguia lembrar, era de Córdoba.

— Tem algo a ver com o cordovês?

— Shhh! — Ele recolocou a corrente em torno do pescoço. — Não mencione esse homem. Talvez seja melhor esquecer completamente

que eu lhe mostrei esse símbolo.

— Então, por que me mostrou?

— Porque pensei... imaginei que pudesse ser familiar a você.

Fiz que não com a cabeça.

— Os caracteres são hebraicos, não são? Quantas mulheres você conhece que sabem ler hebraico? Meu pai era um homem culto, mas há limites.

— Os caracteres em si importam menos do que a forma em que são dispostos, o que representam. Eles mostram o universo. As letras no centro representam Aquele Que Não Se Pode Nomear, e é por isso que mantenho o adorno oculto.

— E, no entanto, mostrou-o a mim.

— Quero que você entenda. Que eu não sou apenas o que aparento ser.

Aquilo eu compreendi muito bem.

— Porque você também não é, é o que eu acho — continuou Gideon. — Mas isto — ele pegou o adorno, afastando-o do pescoço e erguendo-o diante de mim — nos ensina que está chegando a hora em que poderemos ser nós mesmos. Em que não teremos mais que nos disfarçar para realizarmos nosso verdadeiro potencial.

Alarmada, sentei-me de repente.

— Gideon, você está falando de rebelião? Porque, se estiver, devo dizer que não vou poder escutar. O que quer que pense de minha posição, dona Lucrezia tem sido boa para mim. Além disso, eu não sei como são as coisas em Mântua, mas em Ferrara os judeus são bem-tratados. Por que estragar tudo?

— Bem, Esther, você acha que os judeus são bem-tratados? Mesmo em nossa terra de Israel, somos proscritos. Temos que nos ajoelhar diante do papa cristão por um lado, e do sultão por outro. Somos saqueados de lugar em lugar, metidos à força nas mais antigas e piores casas, excluídos de cargos públicos, culpados por tudo, da peste às colheitas perdidas. — E de bezerros aleijados, pensei, embora tenha ficado em silêncio e deixado que ele esgotasse o assunto. — Você chama isso de bem-tratado? Eu lhe digo, quando

estivermos prontos aos olhos do Senhor e o Messias chegar, você verá mudanças.

— Ah, eu provavelmente serei lançada às chamas com os cristãos e os muçulmanos.

— Não seja leviana — disse ele gentilmente. — Eu não me expressei bem. Claro que sei que essa conversa messiânica é ridícula. O Messias não é um homem, nem mesmo um deus vestido como homem. Messias é um estado de espírito, uma prontidão, uma abertura. O que o cordovês nos ensina é ir em busca das oportunidades e aproveitá-las, quando e onde a encontrarmos. É isso o que estou oferecendo a você, Esther, uma oportunidade.

— De quê? De me casar com você e ser uma boa esposa judia com dois conjuntos de panelas e uma mezuzá em cada portal da casa? Ou me voltar contra minha duquesa? Apesar de todos os pecados dela, ela é minha madrinha em Cristo, Gideon, e ela e toda a família me deram mais do que a minha própria jamais me deu. — Fiquei de joelhos e comecei a colocar o restante de nosso piquenique dentro da cesta, amassando os queijos e as frutas em vez de bater em Gideon, que era o que eu tinha vontade de fazer. — Agora eu quero ir para casa.

— Seu desejo é uma ordem, senhora — retrucou Gideon, levantando-se de um salto e fazendo-me uma reverência profunda.

— Pare com isso! — Tentei fechar a cesta, mas não consegui encaixar a tampa. Ao puxar o fecho, tudo o que consegui foi arrancá-lo. Tremi como se estivesse com febre, e me perguntei se realmente estava febril. Gideon pegou a cesta de minhas mãos e com algumas torções conseguiu prender o fecho de novo. Ele me ofereceu a mão, mas levantei-me sem ajuda e segui em direção à cidade sem nem mesmo esperar que ele pegasse as varas e todos os apetrechos de pesca. Caminhamos em silêncio em direção às docas vazias, passamos pelo píer do duque, pelas gaivotas empoleiradas nos mastros das embarcações e por estivadores que faziam a sesta nas sombras dos armazéns. Uma série de grunhidos e guinchos chamou minha atenção para uma prostituta atendendo um cliente contra o tronco de uma árvore, suas coxas cinzentas e esburacadas

enganchadas na cintura dele, cujas nádegas arqueavam e tremiam. Minha pele se arrepiou com mil emoções, como se eu tivesse sido lançada num banho de gelo, como havia sido Cesare.

Foi somente quando estávamos quase diante da Porta Mare que percebi que Gideon não trazia nenhum peixe, e quebrei o silêncio vulcânico entre nós perguntando-lhe o que acontecera com eles.

Ele deu de ombros.

— Tive que deixá-los. Você não me deu tempo de prepará-los e embalá-los.

— Que desperdício!

— Eu não acho.

CAPÍTULO 4

FERRARA, CORPUS CHRISTI DE 1506

Nunca escondemos nada um do outro. Essa é a nossa única força, pois temos, ambos, que ser peritos em ocultar verdades dos outros.

Não vi Gideon novamente durante meses. Nossas vidas continuaram com serenidade nas instalações do duque no Corte Vecchio, mas agora, olhando para trás, vejo que nossa pacífica rotina era como a superfície calma de um mar que esconde correntes violentas.

Madonna tornara-se inseparável de Ippolito, com quem dividia a regência do Estado enquanto o duque estava ausente. Um frequente, embora duvidoso, terceiro governante era o pequeno Giovanni, que recebera permissão para ficar em Ferrara. Eu me consolava com a ideia de que o duque devia achar o irmãozinho de *madonna* uma ameaça menor do que o filho de Cesare. Dona Lucrezia se interessou de perto pela educação do menino e acreditava que ele podia aprender muito observando a administração diária do ducado, embora ele geralmente parecesse muito aborrecido e quase sempre atrapalhasse os procedimentos derrubando seus brinquedos ou perguntando quanto tempo mais ele teria de ficar ali. *Madonna* era sempre paciente com ele e toda sorrisos. O que quer que Ippolito achasse daquilo, ele guardava para si.

Ele e dona Lucrezia não apenas trabalhavam juntos, recebendo embaixadas, participando de julgamentos, planejando os entretenimentos para Corpus Christi e revendo as defesas da cidade, como também frequentemente jantavam juntos, rindo das cartas do duque, que contava em robustos detalhes suas aventuras no Adriático com comandantes de navios venezianos que ele encontrara

em Lanciano. Angela também nunca saía do lado de Ippolito, com o marido em segurança na casa da mãe em Sassuolo e a filha ainda no campo.

Minha participação na vida da corte era menos importante, e dava-se apenas por pura necessidade, pois eu ainda intermediava, entre *madonna* e Ercole Strozzi, as cartas destinadas a dom Francesco e as enviadas a ela. Eu era ainda a pessoa com quem ela contava para ouvir, quando ninguém mais se dispunha a isso, sobre seus planos para obter a libertação de Cesare, para ler e aprovar os apelos patéticos que ela fazia ao rei Fernando, confiando num parentesco que todos, exceto os próprios Borgia, sabiam ser uma invenção. Ela escreveu até mesmo para o papa Júlio, que, sem dúvida, rezava diariamente para que a prisão causasse bastante sofrimento a Valentino e o levasse a uma morte prematura. Ele estava preso fazia dois anos, e ainda nenhuma data fora fixada para seu julgamento pelos crimes por que fora condenado. Não tivéramos mais notícias dele desde as cartas trazidas por Sancho, ou, se *madonna* as teve, não as compartilhou comigo.

Entretanto, ela era escrupulosa em me comunicar o progresso de meu filho em Carpi. Ele era uma criança de inteligência precoce, ela disse, e já identificava as letras do próprio nome escrito numa lousa. Dom Alberto comprara um pônei para ele e o conduzia em pequenos saltos, sem acidentes. A mulher de dom Alberto e suas damas de companhia estavam encantadas com ele, embora os criados um pouco menos.

— Ele parece mais com Juan do que com Cesare — observara ela, franzindo o cenho com um leve ar de preocupação. Ou com o pequeno Haim, pensei, que costumava distrair Mariam com sua desordem e uma variedade de truques envolvendo criaturas repugnantes e insetos grandes.

Ferrante visitava a corte com pouca regularidade, e não era boa companhia quando o fazia. Seu companheiro Vittorio parecia ter se evaporado com tudo o mais que pertencia a Cesare, exceto o lugar no coração da irmã. Isso fizera Ferrante mergulhar numa irritabilidade febril que eu conhecia muito bem. Suponho que ele

tivesse outros rapazes, mas não eram Vittorio. Ele permanecia bastante contrariado com a maneira como todos pareciam ignorar Giulio, e observava Ippolito e dona Lucrezia com um trejeito cético na boca que desfigurava seu rosto largo e agradável quase tanto quanto os assassinos contratados por Ippolito haviam desfigurado Giulio. Por fim, ele tentou falar com ela. Se Ippolito não estivesse junto dela, se ela tivesse tido a oportunidade de conversar com Ferrante livremente, muitas coisas poderiam ter sido diferentes.

Madonna realizava suas audiências diárias no castelo, na Sala Grande. Ela e Ippolito ficavam sobre um estrado no fundo da sala, dona Lucrezia engolida pelo trono de espaldar alto do duque, seus pés apoiados num escabelo dourado e vermelho porque não alcançavam o chão. Os assistentes de Ippolito posicionavam-se atrás dele; Giovanni e todas nós, que dávamos assistência a *madonna*, sentávamo-nos em almofadas diante do trono, da maneira como ela costumava fazer quando criança, durante as audiências do pai. Guardas foram escalados para as portas principais e para as secundárias atrás de nós, que conduziam à sala usada pelo Savi como vestiário. Em tempos incertos como aqueles, tínhamos também soldados postados a intervalos regulares ao longo dos muros.

Naquela manhã, Ferrante esperou na parte de trás do salão até que os outros peticionários tivessem sido ouvidos. Logo que a sala foi esvaziada, ele dirigiu-se para a frente, e o barulho de suas botas nas tábuas do assoalho ressoava nas paredes cobertas de afrescos e no teto abobadado. Tirando o gorro volumoso que lhe conferia anonimato, ele fez uma reverência profunda. Ippolito mexeu-se na cadeira como um homem que sofre de hemorroidas, mas *madonna* abriu o mais charmoso de seus sorrisos.

— Irmão — disse ela —, seja bem-vindo!

Ferrante subiu no estrado e ajoelhou-se para beijar a mão de dona Lucrezia, mas ela levantou-se, ergueu-o e beijou-o nas duas faces, ficando na ponta dos pés para alcançá-las. Ele lançou um olhar em minha direção.

— Como posso ajudá-lo, Ferrante? — perguntou *madonna*. — Aflige-me ver você esperar sua vez entre essas pessoas que se queixam de seus caprinos roubados e dos excrementos de animais na cidade. Você sabe que sempre será ouvido por mim. Não é mesmo, cardeal?

Ippolito emitiu um som gutural indistinguível que podia ter sido interpretado como concordância. Ferrante lançou-lhe apenas um breve olhar.

— Estou aqui em nome de dom Giulio — começou ele.

— Ele não podia ter vindo pessoalmente? Voltou a ficar doente? — Antes de partir, o duque deixara claro que Giulio tinha liberdade de ir e vir quando quisesse. O duque Alfonso não dera ouvidos aos rumores de conspiração por parte de seu irmão mais novo, ele mesmo declarara. Confiava nos irmãos, como deveria ser. O reforço das tropas era uma precaução natural durante sua ausência.

— Ele não está saindo de casa, *madonna*. Prefere passar o tempo com os cavalos ou entre as plantas a passá-lo na corte, onde teme que as pessoas fiquem olhando para ele. Presumo que seu orgulho seja mais difícil de curar do que o corpo.

— Pobre Giulio.

— Uma visita sua ajudaria a amenizar o sofrimento dele, irmã.

— Podemos ir? Isso aqui é muito chato — disse Giovanni. Ele era uma criança muito insensível e lhe faltava o instinto da percepção do estado de espírito dos adultos que a maioria das crianças parece adquirir para sobreviver. Mandei que se calasse e tentei distraí-lo com um pequeno cavaleiro de madeira montado num cavalinho que ele trazia consigo.

Madonna lançou um olhar rápido de incerteza na direção de Ippolito.

— Sim... sim, irei em breve.

— Ele se sente prejudicado por tão pouco ter sido feito por ele. Giulio, como eu e Sigismondo, recebeu de nosso pai apenas a casa e uma pensão, e agora ele não tem como aumentar sua renda com espólios de guerra, nem com um casamento vantajoso.

— Nem tampouco Sigismondo — replicou Ippolito.

— Com todo respeito, Vossa Graça, o caso dele é bem diferente. Sigismondo não precisa manter em casa o mesmo padrão que Giulio. Suas necessidades são tão simples quanto ele, se me permite dizer. Talvez... um ou dois benefícios eclesiásticos? Nosso irmão acha que seria melhor se tornar padre. É um devoto, como você sabe, e o amor que tem pela música daria a ele uma boa posição na Igreja. Com uma renda apropriada, ele poderia se tornar um patrono da música religiosa.

— Você espera que eu compartilhe meus benefícios com ele?

— Alguns diriam que isso é uma questão de justiça. Outros, que os servos de Deus na Terra têm o dever de fazer o mesmo que Ele.

— Você fala com sabedoria, Ferrante — disse *madonna*. — Vou escrever para meu marido sobre essa questão.

— Com todo respeito, duquesa — disse Ippolito —, vai descobrir que ele pensa como eu acerca desse assunto. Dom Giulio e eu resolvemos nossas diferenças. Já me desculpei por meu comportamento duro e pouco fraternal. Dom Giulio está sendo cuidado. E, apesar de ele não poder mais fazer parte do exército, creio que não haja nada que o impeça de se casar. Um homem não precisa dos olhos para conseguir herdeiros. Em alguns casos, eu aposto, ele estaria bem melhor sem eles.

Madonna correspondeu à piada de Ippolito com um leve sorriso.

— Se essa é sua última palavra, cardeal, então temo que eu não possa fazer mais nada. Ferrante, por favor diga a Giulio que... sinto muito por ele.

— E a filha dele, *madonna*? Será que ele pode, ao menos, vê-la?

— Temo que essa decisão esteja nas mãos de dom Alessandro Pio, irmão, pois agora ele é o tutor da menina. Dona Angela... dona Angela teme que o efeito dos danos causados ao pai dela seja prejudicial à saúde da criança. Sinto muito.

Ferrante empalideceu; as sardas em seu nariz pareciam quase azuis. Ele olhou para todos nós, tão bem-organizados sobre o estrado, com uma expressão de tamanho desprezo que me fez corar.

Logo em seguida fez uma reverência e deixou o salão a passos largos.

— Não me dê as costas — gritou Ippolito para ele, mas Ferrante pareceu não escutar.

— Que pena! — sussurrou Giovanni. — Eu esperava que houvesse uma briga.

— Talvez ainda haja — sussurrou de volta uma das moças mais novas. Ela própria parecia mal ter saído da infância.

Logo que as portas foram fechadas, dona Lucrezia virou-se para Ippolito.

— Tudo o que você disse parece ter sido calculado para agravar a situação. Foi essa a sua intenção? Se foi, duvido que dom Alfonso fique muito impressionado.

— Você acha que não? Ele sabe tão bem quanto eu que aqueles dois estão aprontando alguma coisa. Quanto mais cedo nos livrarmos deles, melhor.

Meu rosto queimou de indignação. Ocupei-me com Giovanni e esperei que Ippolito não me notasse.

— Você não acha, talvez, que a melhor maneira de conquistá-los seja fazer alguma coisa por Giulio? — perguntou *madonna*. — Que tal o arcebispado aqui? Esse seria um belo gesto.

Ippolito lançou um olhar fulminante por sobre a cabeça de Giovanni.

— Enquanto você for duquesa aqui, duvido que o Santo Padre atenda às solicitações desta família.

— Isso é uma ameaça, Vossa Graça?

— Claro que não.

Eles se entreolharam por um instante como dois pugilistas, então dona Lucrezia disse:

— Bom, se não temos mais nenhum negócio a tratar hoje de manhã, pegarei um cavalo e irei a Barco para verificar as condições da pista de corrida. Minhas damas de companhia querem saber em quem apostar nas corridas de Corpus Christi. E você também, hein,

Gi'anni? — Ela deu uns tapinhas na cabeça do irmão e sorriu para nós. Depois levantou-se, segurando as saias, e passou por Ippolito em direção à pequena porta por trás do estrado que dava para a sala de vestir.



Logo que retornamos à privacidade dos aposentos de dona Lucrezia, e Giovanni foi enviado para seu instrutor de matemática, ela deu vazão à sua fúria. *Madonna* ia de um lado ao outro do quarto, passando tanto as mãos pelos cabelos que cheguei a pensar que seria mais provável passarmos a tarde refazendo o penteado dela do que cavalgando para Barco.

— Por que eu tenho que ser incomodada por brigas de irmãos? — Ela balançou a cabeça e suspirou, falando para si mesma. Finalmente parou diante de mim. Puxando-me para fora do alcance dos ouvidos das outras moças, ela me mandou ir até a casa de Giulio. — Peça a ele para partir. Não, diga a ele que mandei avisar que deixe a cidade o mais rápido possível. Ele deve ir para Mântua. Dona Isabella tomará conta dele e eu falarei em favor dele com dom Francesco.

— Acha que essa é uma boa decisão, *madonna*, diante da carta que eu mostrei à senhora?

— Vou falar com você francamente, Violante, pois não faz sentido ser diferente. Eu já falei sobre esse assunto em minhas correspondências com dom Francesco, e ele me garantiu que não tem intenção de continuar a conspirar contra meu marido. Ele entende que me poria numa posição insustentável e disse que foi motivado somente pelo ciúme, o que, embora me seja lisonjeiro, é indigno dele. Tenho sua palavra como a de um homem de honra.

— Pode escrever um bilhete para dom Giulio, *madonna*?

— Acho que não. Não podemos ter nada por escrito, se pudermos evitar. Mostre isso a ele como sinal de minha boa intenção. — Ela removeu uma enorme pérola de seu corpete, que recebera como presente de casamento de Giulio, e a entregou a mim.

— Voltarei dentro de uma hora, *madonna*, antes que notem a minha ausência.



Cheguei ao palácio de Giulio e fui informada de que ele estaria no Templo das Graças. Era uma casa de veraneio que ele havia construído ao pé de uma fonte, cuja água descia em cascata por degraus e percorria diques que se estendiam por todo o jardim. Um chafariz com golfinhos de bronze que espirravam água separava-a da casa e ficava no centro de um jardim elaborado, cuidadosamente podado, de estilo inglês. Sua entrada, com um pórtico sustentado por colunas de mármore rosado, localizava-se na direção oposta ao palácio e abria-se para uma área de parque onde Giulio mantinha cervos e pôneis, além de uma girafa mantida em uma espécie de aviário gigantesco feito de arame de prata. Eu conhecia bem o jardim de Giulio, então segui para o Templo, desacompanhada.

Ao me aproximar da entrada, imaginei ouvir vozes, mas o mordomo de Giulio não havia mencionado outros visitantes, então pensei que fosse a água que estivesse me confundindo ao jorrar da fonte. Dei um passo sob o pórtico e chamei-o. Não houve resposta, mas as vozes haviam se tornado nítidas e, à medida que eu seguia o som enquanto atravessava o átrio onde Giulio mantinha sua coleção de esculturas clássicas, um rugido gutural assustador juntava-se às vozes, como se alguém estivesse estrangulando um cão. Hesitei, e então apressei o passo.

Encontrei Giulio na sala grande e brilhante que seria um santuário, se seu templo fosse verdadeiro. Ele se inclinara sobre o "altar". Um vira-lata de aspecto feroz encontrava-se ao seu lado, cercado de uma grande quantidade de frascos, bacias e um enorme pilão de pedra, do tipo encontrado na loja de um boticário. A cabeça do animal descansava sobre uma poça de vômito quase seco; seus olhos estavam abertos e fixos e tinham o aspecto vítreo das pedras que às vezes são encontradas nas praias, riscadas pelo sal do mar. Giulio não percebeu minha presença de imediato, pois estava ocupado numa conversa com Gideon d'Arzenta.

Segui em frente devagar, observando os detalhes à minha volta. Assim como o cão morto, havia diversos outros animais sarnentos, cães, gatos, pombos e um lagarto grande, em gaiolas espalhadas pelo chão. O local fedia a medo animal, e poças de urina e fezes manchavam o piso de mármore. Ninfas e sátiros de olhar vazio supervisionavam a cena de seus pedestais. As Graças, belas e bucólicas, todas com feições semelhantes às de Angela, deleitavam-se nos bosques, nas campinas e nas margens dos riachos por todas as paredes e pelo teto. Olhei para Gideon, alisando um punhado de pó esbranquiçado com uma pequena espátula de madeira antes de colocá-lo numa bacia de alabastro, e para Giulio, com seu rosto coberto de pontos e dobras, seu olho direito tapado com veludo preto, e me senti mal.

Eu deveria ter ido embora naquele instante, mas tinha a missão dada por dona Lucrezia a cumprir. Além disso, a luz incidindo sobre os ombros de Gideon refletia um atraente brilho em seus cabelos negro-azulados.

— Bom dia, senhores — eu disse, levantando a voz para garantir que seria ouvida acima dos vários miados, arrulhos e batidas de asas. Ambos ergueram a vista com a rapidez e o sentimento de culpa de meninos flagrados em alguma travessura.

— Violante — disse Giulio, seu tom apreensivo.

— *Madonna*. — Gideon curvou-se com uma formalidade que achei irônica.

— A que devemos o prazer? — perguntou Giulio.

Aproveitando a deixa de seus modos bruscos, não perdi tempo com delicadezas.

— Podemos falar sozinhos?

— Não tenho nada a esconder de *ser* D'Arzenta — replicou ele, como se soubesse muito bem que eu tinha.

— Minha senhora me encarregou de lhe trazer um recado.

— Pode falar.

— Ela disse que você deveria deixar Ferrara. Sugeri que vá ficar com sua irmã em Mântua.

— Por quê? Ela pensa que uma mudança de ares vai trazer minha visão de volta?

— Giulio, posso falar francamente? — Olhei para Gideon, que se ocupava com seus pés como se não estivesse ouvindo nenhuma palavra do que dizíamos.

— Eu disse que sim.

— Muito bem. Ferrante foi à audiência de *madonna* hoje pela manhã. Ippolito estava lá, como sempre. Ferrante foi interceder por você. Ippolito não quis saber. Ele disse... bom, ele disse que acreditava que você e Ferrante estavam tramando alguma coisa e que era necessário se livrar disso.

Gideon deixou cair um frasco, o que provocou latidos frenéticos dos cães enjaulados. Um líquido roxo viscoso efervesceu entre os cacos de vidro azul como se o chão de mármore estivesse se dissolvendo nele como sal. Giulio riu.

— Se ela está tão preocupada comigo, por que não veio ela mesma?

— Você sabe que ela não pode ser vista fazendo nada contra o marido.

— Quer dizer, outra coisa que não seja ir para a cama com o cunhado dele?

— Não sei do que você está falando.

— Ah, Violante, não banque a moralista; não combina com você. Você tem sido a intermediária dela durante todo esse tempo.

Eu quase podia ouvir a voz de Angela, seu riso agudo e insinuante ao fazer mexericos sobre mim, sua cabeça ao lado da dele no travesseiro. Ou enquanto a empregada lhe amarrava o corpete e ele a observava da porta. Se ele também podia ouvi-la naquele momento, não deu nenhum sinal disso. É difícil decifrar o semblante de um homem quando seus olhos são inexpressivos.

— As cartas que eu levo são todas relacionadas à campanha de *madonna* para garantir a libertação do duque Valentino. Dom Francesco está dando apoio a ela.

— Dom Francesco está tão ansioso quanto todos nós para que o ex-duque não volte nunca mais a toldar as costas da Itália. Minha querida, seu velho amante está em vias de acabar na corda de um carrasco; conforme-se com isso.

Por um segundo que pareceu uma vida, a cena em torno de mim adquiriu o aspecto congelado dos afrescos nas paredes. As gaiolas dos animais, o cão morto deitado em seu vômito, o riso sardônico de Giulio desfigurando seu rosto como mais uma cicatriz, Gideon sobre os joelhos com uma escova, limpando o vidro quebrado; éramos todos como figuras num conto de fadas, atingidos por um súbito encantamento.

— Com licença — disse Gideon —, vou jogar isso fora. — Então ergueu a pá de cacos de vidro e se foi. Observamos as costas dele, Giulio e eu, até desaparecer na beirada da porta.

— Eu fiz algo, não fiz? O que foi que eu fiz? — perguntou Giulio, parecendo magoado, da maneira como costumava ficar quando Angela discutia com ele, e ele vinha a mim, porque não conseguia entender o que havia feito para irritá-la.

Seu tom me tranquilizou.

— Já que estamos falando francamente, eu vou lhe dizer. Ele me pediu em casamento duas semanas atrás. Tentei avisá-lo de que não sabia nada sobre mim. Bom, agora ele sabe, eu suponho.

— Você estava considerando o pedido dele?

— Não, claro que não. Ele é judeu e ourives. Não seria o marido apropriado para mim.

— Bem, então, nenhum mal feito.

— Não. Giulio?

— O quê?

— Por favor, vá para Mântua. Mesmo que Ippolito esteja errado, ele já provou que pode ser perigoso para você.

— Vou pensar sobre isso. Agora eu preciso ir buscar *ser* D'Arzenta. Ainda temos trabalho a fazer.

— Claro. — Olhei uma vez mais para o cachorro morto e os animais enjaulados e decidi que não queria saber em que tipo de trabalho eles estavam envolvidos.

Vi Gideon quando parti, uma silhueta embaçada do outro lado da fonte com os raios de sol poente por trás de suas costas. Tive a impressão de que ele me viu, então peguei outra rota de volta aos portões do palácio, passando ao longo do caminho de ciprestes e do pequeno anfiteatro onde Giulio costumava realizar apresentações nas noites de verão.



Dois dias mais tarde, a primeira vítima foi sugada pela corrente que passava sob o nosso calmo mar. Um empregado de Giulio, um homem que eu não conhecia, mas que disseram ter sido empregado nas cozinhas para manter as moscas longe da comida, foi preso na Via San Romano carregando uma cesta cheia de gatos de rua. De início, ficamos surpresos, pois não podíamos imaginar que pegar gatos na rua pudesse ser considerado um crime. Então surgiu a notícia de que, ao ser apresentado à estrapada, o prisioneiro havia confessado que dom Giulio queria os gatos para seus experimentos. Experimentos?, perguntou seu inquisidor. Com venenos, respondeu o homem. Eles o colocaram nas masmorras do castelo; se ao menos ele tivesse força para subir pelas grades da janela, pensei, teria uma visão privilegiada das corridas de barcos no fosso durante a celebração de Corpus Christi.

Entretanto, não houve corrida de barcos, apenas as habituais corridas de cavalo em Barco, e elas foram um acontecimento de menor importância, tendo apenas a presença de *madonna*, Ippolito e Giovanni no camarote ducal. O menino, pelo menos, parecia estar se divertindo, apostando entusiasmado contra seu mestre de equitação com uma caixa de moedas antigas e pequenas contas que dona Lucrezia lhe dera. Eu tinha esperanças de que dom Alberto trouxesse Girolamo para a cidade para assistir às festividades, mas *madonna* o havia aconselhado a não fazê-lo em vista das incertezas do momento. Procurei me convencer de que ela estava certa. Disse

a mim mesma que ver meu filho apenas reabriria a ferida em meu coração e pensei em dona Dorotea, curiosa de saber se ela pensava em Camilla com frequência. Camilla também não viera para as corridas, pois havia sido entregue às freiras no Corpus Domini.

O único momento de agitação do festival foi causado por Sigismondo, que, num raro instante de lucidez, lembrou-se de que alguém lhe dissera que dormir com uma virgem o curaria do mal-francês. Como nunca fazia nada pela metade, ele foi flagrado tentando invadir o Convento de Corpus Domini. Já estava a meio caminho subindo a escada, totalmente nu, quando a madre prioriza o viu e deu o alarme. Os médicos dele chegaram e o levaram de volta ao palácio, envolto num cobertor grosseiro e com um saco sobre a cabeça. Assim como seus ratos, pensei, enquanto Angela fazia piadas previsíveis sobre a possibilidade de se encontrar uma virgem num convento.

Uma semana depois de Corpus Christi, os homens de Ippolito prenderam dois serviçais de Ferrante na Romanha. Apesar de eles terem sido liberados sem fiança, essa atitude do cardeal teve o efeito de um tremor de terra. Nenhum prédio ruiu, não se abriram fendas na estrada, mas tudo sofreu um pequeno abalo, ficando mais escuro e menos estável. Permanecemos no Corte Vecchio, caminhando às vezes pelo jardim do duque, embora ele estivesse implementando mudanças na ocasião que para mim pareciam apenas uma preparação do terreno, com pequenas estacas marcando a promessa de canteiros de tomilho, labirintos de sebes ou um emaranhado de cravos para as estações seguintes. Fonsi se divertia, cavando vários buracos e sujando de terra seu pelo branco.

Ferrante passou a nos fazer companhia, como um homem que usa sua capa aberta para mostrar ao mundo que não porta armas escondidas. Giulio, finalmente, foi para Mântua, e Fidelma mencionou que o irmão dela havia ido com ele. Isso me deixou aliviada.

Outros foram presos ou desapareceram, deixando atrás de si ecos de especulações. Um planejava envenenar o duque em Veneza, outro, apunhalá-lo pelas costas num dos seus bordéis prediletos.

Dom Giulio, dizia-se, tramava tornar dom Ferrante duque, porque ele havia prometido duplicar sua pensão e conhecia médicos no Oriente que poderiam curar seus olhos e fazê-lo ficar ainda mais bonito do que antes. Ippolito e dona Lucrezia riam de tudo isso em público como se fosse apenas mais uma das comédias de *ser* Niccolo da Correggio, porém o mais leve ruído nas tábuas do assoalho ou a batida de uma veneziana à noite acordava *madonna* com um sobressalto. Angela dizia que Ippolito estava com o humor de um urso enjaulado e faminto.

Uma noite, ao ouvir um grito de dona Lucrezia, fui até seu quarto e a encontrei sentada na cama, sua vela acesa, e o anel de Cesare em sua mão. Sem saber bem o que fazia, pulei para tomá-lo. Com um olhar assustado e desaprovador, ela o segurou de encontro ao peito.

— *Madonna*, a senhora não deve...

— Não deve o quê, menina?

— O anel... nada pode ser assim tão ruim. Pense no duque. Pense em... seu filho. — Muitas vezes eu me perguntei se o apego dela a Giovanni teria alguma coisa a ver com sua separação de Rodrigo e seu constante fracasso em produzir um herdeiro para o duque Alfonso.

Ela olhou momentaneamente perplexa, depois explodiu numa gargalhada. Olhando para ela, seu rosto sem nenhuma maquiagem, seus cabelos escapando da touca de dormir, vi como ela ainda era jovem.

— Você achava que ele guardava veneno? — perguntou. — Estou surpresa de você nunca ter olhado dentro dele.

— Eu não descobri como abri-lo — confessei, com uma terrível honestidade.

— É uma das invenções mais engenhosas de meu irmão, é verdade — admitiu —, mas lhe garanto que não há nada perigoso nele. É só... — com um movimento destro de uma das mãos, pouco nítida na luz fraca de nossas velas, ela abriu o tampo do anel e estendeu-o para mim. — ... isto.

Aproximando mais a vela, espiei dentro do compartimento, que era forrado de madrepérola. Enroscada no centro encontrava-se uma pequena trança desarrumada, bastante desbotada, mas ainda com muito da cor original para eu perceber que ela tinha os tons louro-platina e vermelho-escuro.

— Eu fiz essa trança há muitos anos, numa tarde de verão, num lugar secreto que tínhamos entre as tenras árvores frutíferas da minha mãe. Cesare deveria estar estudando grego, mas ele e Juan batizaram o vinho do tutor com xarope de figo e escaparam enquanto o homem sofria as consequências. Acredita que dava para amarrar em torno do pulso dele? — Ela continuava a olhar para a trança, como se visse novamente o pulso do menino, magro e moreno, com os ossos salientes e as veias sob a pele. — É muito forte o cabelo humano, e muito flexível.

— Será que foi por isso que ele lhe mandou o anel?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. De certo modo, talvez. — Ela sorriu. — Vou perguntar a ele da próxima vez que nos encontrarmos. Vou dizer que Violante quer saber.

— Duvido que isso o influencie, *madonna*. — Mas ruborizei de prazer, de todo jeito.

— Eu nunca disse isso a você antes porque... bom, não importa. Ele é agradecido por seus cuidados e amizade num momento tão difícil.

Encorajada pela intimidade provocada pelo pequeno círculo de luz que nos unia, eu arrisquei:

— Então foi por isso que ele tomou meu filho de mim e me mandou para cá como... como um cavalo que havia experimentado e achado insatisfatório?

— Ah, Violante, se você ainda não entende as atitudes dele, eu não posso ajudá-la. — Ela recolocou o anel na mesinha de cabeceira. — Vá agora. Preciso dormir, e você também. — Ela apagou a vela, e eu voltei para a cama, embora não tenha dormido muito. Minha mente fervia de vergonha, e eu tinha a sensação de

que algo importante se encontrava além de meu alcance, de que mais uma vela iluminaria a pista que eu procurava, mas eu não tinha a pederneira para acendê-la. Tudo estaria mais claro pela manhã, pensei, era só questão de esperar.



Junto com a manhã chegou um mensageiro apressado do duque Alfonso, dizendo que ele estava retornando a Ferrara. Os venezianos haviam detido os amigos de seu comandante como espiões e recusavam-se a ouvir os apelos do duque em seu favor, então ele decidira voltar para casa para refletir sobre a melhor maneira de responder à arrogância de *La Serenissima*. Isso, pelo menos, foi o que *madonna* disse a Ippolito e a Ferrante. Mais tarde, ficou claro que ele tinha outros motivos também. Quando ambos retornaram de Monastirolo, para onde haviam ido na esperança de encontrar o duque, Alfonso já estava em Ferrara e conversava seriamente e em particular com *madonna* e com um homem chamado Capiluppo, que muitas vezes levava cartas entre as cortes de Mântua e Ferrara.

Eu não participava de nada daquilo, naturalmente; porém, juntando as peças mais tarde, acho que foi isto o que aconteceu: quando soube da fuga de Giulio para Mântua, o duque ficou mais convencido do que nunca de que seu irmão tramava contra ele, então usou o incidente dos comandantes como desculpa para interromper a viagem. Ele também escreveu a Giulio chamando-o de volta para casa, mas o irmão recusou-se a voltar. Segundo Niccolo da Correggio, Giulio acreditava ter tão bom motivo para temer retornar a Ferrara quanto tivera para deixar a cidade. Mais prisões de homens próximos a Ferrante e Giulio foram efetuadas. Ferrante foi ao duque para interceder por eles, mas, em vez disso, contou tudo ao irmão sobre as experiências de Giulio com venenos e sobre os planos deles de assumir o ducado. Esperei, passando mal do estômago, para ver se ele contaria sobre a proposta que me fizera. Ninguém acreditaria que eu a tivesse rejeitado, não se ela significasse ter meu filho de volta, não quando eles descobrissem

que eu havia testemunhado os acontecimentos no Templo das Graças e não dissera nada.

Havia muitos que diziam que Ferrante era um covarde, mas nunca acreditei nisso. A seu próprio modo, Ferrante era o mais bravo dos homens. Ele não estava mais disposto a ser desonesto, a procurar justiça para Giulio por meios injustos. Como eu, acredito que ele tenha visto os ossos brancos de Catherinella em seus sonhos. Ao contrário de mim, era possível que ele também se recordasse da expressão do rosto dela quando ele abriu a jaula e jogou a corda.

Ferrante ficou confinado em um quarto embaixo das acomodações de *madonna* na Torre Marchesana, no mesmo andar das cozinhas que a serviam. Quando um dos cozinheiros informou tê-lo visto à janela, olhando para o outro lado do fosso e para a praça onde havia sido realizado um enforcamento popular naquele dia de um homem acusado de ter tido relações sexuais com um burro, o duque ordenou que a janela fosse fechada com tijolos. Ouvimos falar que o cantor, Gian Cantore, havia sido preso em Roma e fazia a representação de sua vida para os inquisidores do papa no Castelo de Sant'Angelo. Sua Santidade, dizia-se, aguardava ansiosamente o capítulo seguinte da saga dos Este com o entusiasmo de uma criança que espera pelo próximo episódio de uma história na hora de dormir. Quanto a mim, cada nova revelação parecia vir com olhares curiosos em minha direção, expressões e tons de voz cheios de insinuação. Eu mantinha um rosto sério, fazia sons que demonstravam choque e empatia na hora certa e parecia sentir a fina lâmina do machado nos pelos de minha nuca.

Um sentimento irracional me deixava contente por sofrer dessa forma, porque isso me igualava a Cesare, ele próprio sujeito aos caprichos de poderes além de seu controle. Isso nos colocava na mesma situação.

Nos primeiros dias de agosto, teve início o julgamento dos conspiradores no palácio de Sigismondo. Era chamado de Schifanoia, o palácio do esquecimento. Acho que o nome fora ideia de Giulio. O próprio Giulio permaneceu em Mântua. Dom Francesco e dona Isabella haviam concordado que ele fosse confinado em seu quarto,

mas se recusaram a enviá-lo de volta a Ferrara, mesmo quando o duque mandou uma tropa armada com bestas para buscá-lo.

O julgamento se iniciou com uma paródia sinistra da pompa que marcava a passagem anual de um festival ao outro. Um dos conspiradores, um homem chamado Gherardo, de Carpi, foi puxado ao redor da praça, sentado de costas em seu cavalo e acorrentado nos pulsos e nos tornozelos. Ele era precedido tanto por padres como por soldados, e, proeminente entre eles, encontrava-se Fra Raffaello, que as pessoas aplaudiam com o mesmo entusiasmo com que viaavam Gherardo. Nós assistíamos da varanda por sobre o portão principal do Corte, ladeadas pelas imagens dos ancestrais do duque, Borso e Niccolo, o homem que havia executado Ugo e Parisina.

Gherardo mantinha o olhar erguido em nossa direção enquanto era conduzido diante de nós, e eu me vi olhando-o diretamente nos olhos. Será que ele conhecia meu filho? Fiquei curiosa. Seria possível ver, por trás do brilho de terror, o piscar de surpresa, uma imagem de meu menininho ruivo como estaria agora, montando seu pônei, aprendendo a escrever, brandindo sua espada de madeira contra homens de palha no pátio de competições de dom Alberto? Tolice feminina, eu sei, mas, quando o sino da catedral tocou o que poderia ter sido um dobre fúnebre para a Casa dos Este, cada um de nós precisava de algo a que se apegar. Quando vestimos dona Lucrezia naquela manhã, ela havia escolhido para usar, entre outras joias, o anel de camafeu de Cesare. Era grande demais, naturalmente, e foi preso a seu dedo com um grampo de cabelo de ouro dobrado.

Mais tarde naquele dia, toda a corte e a nobreza da cidade assistiram a uma missa solene na catedral. Ao seguirmos pela nave da igreja, conduzidas por Ippolito e seu clérigo, além dos cantores da própria capela do duque, com quem Gian Cantore costumava cantar como um anjo, desviei o olhar das pedras que pavimentavam o chão sob meus pés o suficiente para enxergar, pelo canto do olho, a Madona negra. Enquanto nos levantávamos e ajoelhávamos, abaixávamos nossas cabeças em silêncio ou repetíamos nossas

respostas, o rosto dela em sua moldura de ouro batido me consolava, com a falta de expressão em suas feições, um sorriso que era apenas tinta e olhos que pareciam amêndoas redondas que nada enxergavam. Ela não vira os ombros tensos de Ferrante no dia seguinte à morte de Catherinella, nem a alegria de Gideon quando me convidou para as comemorações de Chanucá, nem as penas deixadas por seu ganso, flutuando entre os grãos de poeira no ar frio e turvo. Ela não sabia nada sobre nós, nossos amores e ciúmes, nossos medos e frustrações. Ela não tinha coração para ser partido. Perguntava-me há quanto tempo ela estaria ali, o que mais ela não vira, e o que ela não veria nos tempos vindouros. O pensamento de que ela não veria nada teve em mim o efeito consolador de uma oração.

Cedo na manhã seguinte, para evitar o calor de agosto, a corte de dona Lucrezia partiu a cavalo para Belriguardo, passando em nosso caminho pelo lugar onde os homens de Ippolito haviam emboscado Giulio e dado origem a toda a confusão que se seguiu. Apostei num triste jogo comigo mesma. Se não fôssemos parados ali pelos homens do duque enviados para me prender, então eu estaria a salvo; Ferrante não teria mencionado meu nome. No ponto em que a estrada atravessava a campina onde Giulio havia caçado com falcões, mantive os olhos fixos num ponto entre as orelhas de meu cavalo e tentei ignorar o arrepio que me subia pela espinha. Mas eu não pude ignorar a mensagem que chegava aos meus ouvidos ao nos aproximarmos da beira da campina, e o estrondo dos cascos de cavalos aumentava atrás de nós. Minhas pernas começaram a tremer. Agarrei-me ao cepilho de minha sela para não cair e tentei fixar meu pensamento em Cesare. Como ele teria se comportado quando os homens de Gonsalvo de Córdoba foram atrás dele em Nápoles? Ele teria sido cortês ou teria se encolerizado e agido de forma desprezível? Teria rido, chorado, ou amaldiçoado a Fortuna, ou a si mesmo por ter confiado nela? O que eu deveria fazer? Certamente o duque seria compreensivo, teria compaixão. Eu só queria meu filho de volta, era tudo. O que poderia ser mais natural?

Os cavaleiros haviam então nos alcançado, dois homens, resfolegantes, seus cavalos espumando, o pelo escuro de suor.

— Mensagem para a duquesa — disse um deles sem fôlego, enquanto o outro cavalgava para a frente da liteira e falava brevemente com um dos guardas que a ladeavam. A liteira parou. Uma mão enluvada se estendeu para fora e segurou a cortina aberta, enquanto o cavaleiro desmontava, ajoelhava-se e falava brevemente através da pequena abertura.

— O que houve? — perguntei ao outro homem. Minha voz tremeu, mas ele não notou.

— Trouxeram o veredicto sobre dom Ferrante — respondeu ele.



O duque veio pessoalmente para encontrar sua mulher quando retornamos. Parado ao pé da longa escadaria no pátio do Corte, ele tinha uma aparência velha e cansada. Com a cabeça baixa e os ombros inclinados, ele pareceu bem menor e mais frágil do que os guardas que o cercavam. Giovanni, saltando sozinho de seu pônei e correndo em direção a *madonna* enquanto ela fazia uma reverência ao duque, fixou nele os olhos redondos curiosos e perguntou em voz alta o suficiente para ouvirmos:

— Estava chorando?

— Dom Giovanni! — Dei-lhe um bom tapa na orelha e entreguei Fonsi a ele. — Tome, leve o cachorro para o jardim. Ele quer correr um pouco depois da viagem.

Por um momento, ele pareceu querer reclamar com a irmã sobre o tratamento recebido, mas pensou melhor e correu com o cão em seus braços. Creio que fiz um grande teatro ajeitando a cauda do vestido de *madonna* para ela não tropeçar ao subir os degraus, a fim de poder escutar a conversa entre o duque e ela.

— Giulio já está voltando. Mandei duzentos homens dessa vez, inclusive alguns da cavalaria albanesa. Isso fez Francesco recuar, eu garanto. Depois disso, creio que haja somente formalidades. A prova

é esmagadora. Mandava certo judeu fazer os venenos para ele, segundo as informações.

— Ele também foi preso? — perguntou *madonna*, quase como se tivesse sentido minha pressão na cauda aumentar. Quanto ela de fato sabia, eu me perguntava, sobre o que Giulio andava fazendo no Templo das Graças?

O duque negou com a cabeça.

— Francesco já mandou homens à procura dele, claro. Mas, aparentemente, ele é um mantuano, e é bem provável que tenha ido se refugiar entre os seus. Eu não estou preocupado. Atrevo-me a dizer que era no dinheiro de Giulio que ele tinha interesse, mas agora que se foi irá procurar algum outro patrão.

— Tem razão, meu senhor. Já há problemas demais com seus irmãos em suas mãos para sair atrás de um judeu inconsequente.

Terminei meu trabalho e recuei com uma mesura. Então Gideon estava livre e Ferrante não fizera menção de nossa conversa na praça. Ventava muito naquele dia, e por isso não tive dúvida de que fora um logro provocado pelas sombras das roupas penduradas, ou das caudas de cavalos, ou das flâmulas esvoaçando no telhado do Corte, ou talvez por um cisco no olho de *madonna*. Pois eu poderia jurar que ela havia piscado para mim quando deu o braço ao marido e entrou.



A última vez que vi Giulio foi numa manhã de sol brilhante e brisas fortes no início de outubro. O dia anterior fora reservado à execução dos outros conspiradores, e envergonha-me dizer que me sentei atrás de *madonna* e fiquei pensando em minha boa sorte enquanto eles eram executados. Um patíbulo havia sido montado na praça, mas foi quase impossível transportar os culpados pela curta distância das masmorras do castelo até ali, pois a multidão enfurecida acercou-se da carroça, chutando e arrancando os raios das rodas e aterrorizando os cavalos. Uma segunda carroça precisou ser trazida e os cavalos foram vendados. Enquanto os prisioneiros esperavam,

dois de seus guardas e vários espectadores foram atacados. A multidão só se acalmou quando o primeiro dos conspiradores foi conduzido ao patíbulo, onde recebeu a relutante absolvição do padre da casa de Ippolito, foi vendado, privado da consciência, degolado e esquartejado. Todos os outros tiveram o mesmo fim, apesar de a multidão ter deixado claro que preferia que eles estivessem conscientes quando recebessem o golpe do carrasco. As cabeças e os corpos esquartejados foram colocados em lanças sobre os portões da cidade.

Meu sono foi agitado naquela noite e notei que Angela se virava irrequieta na cama a meu lado, embora nenhuma de nós tenha dito nada; era mais fácil fingirmos que estávamos dormindo. Algumas vezes achei que estivesse sonhando, tendo pesadelos sombrios, dominados pela forma sinistra do patíbulo montado como um monstro na praça. Mas não eram sonhos, não verdadeiramente, e o patíbulo estava lá, talvez abrigando alguns mendigos do frio da noite, esperando pela manhã, por Ferrante e Giulio. Por mim, para que eu desse valor à minha sorte.

Todos esperávamos que o duque mudasse a sentença. Houve vozes alteradas quando dona Lucrezia fez essa sugestão. Agora, à medida que a escuridão diminuía e dava lugar aos tons pérola, limão e verde-pálido sobre os telhados e torres da cidade, que as estrelas desapareciam, e os pombos começavam a arrulhar na torre do sino de Alberti e os abutres a circular e crocitar em torno das cabeças, pernas e torsos sobre os portões, eu sabia que não havia mais esperança.

Angela e eu nos vestimos em silêncio, como se ainda fingíssemos estar dormindo. Em silêncio, ajudamo-nos a fechar os laços de nossos vestidos e a pentear nossos cabelos, e, em silêncio, fomos acordar dona Lucrezia com pãezinhos e laranjas de seu jardim no terraço. Encontramo-la já acordada e vestida, embora seus cabelos não tivessem sido penteados, e ela não usasse nem maquiagem, nem joias. *Madonna* estava ajoelhada em seu genuflexório, e Fra Raffaello e Fidelma lhe faziam companhia. Talvez eu tenha visto apenas o reflexo de meu próprio estado mental, mas me pareceu

que o corpo dela, costas retas, cabeça baixa, calcanhares perfeitamente juntos, era um campo de batalha onde seu eu interior e exterior, seu passado e seu futuro, estivessem se estraçalhando.

Quando terminou suas orações, *madonna* dispensou Fidelma e o frade. Pus seu desjejum sobre uma mesa em frente à janela, e Angela abriu as venezianas. Ela sentou-se, mas não fez menção de comer, e nós duas ficamos diante dela, aguardando as instruções sobre seus cabelos e joias enquanto a escrava dalmata cumpria em silêncio sua tarefa de dobrar as roupas de dormir e de arrumar a cama da duquesa. Havia muito tempo que dona Lucrezia não usava mais os adornos que Cesare colocara nela, mas seu pescoço era muito longo e branco, como se eles lhe tivessem dado aquela forma. Finalmente ela pôs a comida de lado e fez um sinal para que a escrava se servisse. A moça aproximou-se discretamente, levou o prato com a pressa tímida de um animal selvagem e agachou-se ao lado da lareira, onde começou a descascar as laranjas com um ruído de carne sendo dilacerada, que pareceu tomar conta do quarto.

— Você se lembra de quando Juan morreu? — perguntou dona Lucrezia a Angela.

— Não me lembro bem. Eu não estava em Roma na ocasião.

— Eu nunca havia perdido alguém tão próximo a mim. Eu me perguntava como era possível suportar uma dor como aquela e continuar viva, e então... entendi. A dor prova que estamos vivos. Deus nos enfia alfinetes para nos manter despertos. — Ela deu um riso triste. — Lembre-se disso, não importa o que aconteça hoje. Deus lhe deu a vida. Aproveite-a.

— Vou tentar — disse Angela com um ar austero, mas era impossível dizer se ela se sentia assim ou se tinha consciência de que austeridade era o que se exigia daquela situação.



A praça já estava lotada de espectadores quando tomamos nossos lugares na sacada acima do portão. As pessoas aglomeravam-se sob as colunatas e debruçavam-se às janelas dos sobrados que ficavam

em torno da praça, cujos donos, sem dúvida, cobravam um bom dinheiro por aquela vista. Meninos apinhavam-se sobre as estátuas de Borso e Niccolo; barcos superlotados oscilavam perigosamente no fosso. Ambulantes com tortas e vendedores de milagres chocavam-se com homens oferecendo bebidas e balas para alimentar os corpos e as almas da multidão. Prostitutas de seios nus recostavam-se à entrada das portas sombreadas. Famílias inteiras vindas do interior equilibravam-se em suas carroças puxadas à mão com os filhos sobre os ombros. O cheiro de carne cozida e de corpos sem banho estava preso sob a cúpula azul do céu, e o brilho das flâmulas e asas dos pássaros, dos trompetes e das bijuterias baratas fazia meus olhos arderem.

Quando chegou a notícia de que a facção do duque havia chegado, todos os rostos de bochechas vermelhas e bocas abertas viraram-se em nossa direção, uma hidra de muitas cabeças de camponeses atarracados de Padano. Um pedaço de papel ordinário voou para dentro da sacada e caiu a meus pés. Apanhei-o para ver o que era. Havia nele uma xilogravura grosseira de dom Giulio e de um judeu narigudo, com um sorriso aterrador, olhando fixamente para um enorme frasco rotulado "VENENO". Apertei-o entre os dedos e o empurrei para dentro da manga de meu vestido, mas era tarde demais. *Madonna* vira-o. Ela falou calmamente com o duque, que enrubesceu, cerrou um punho e bateu com ele diversas vezes contra a coxa. Dona Lucrezia colocou a mão sobre a dele, mas ele a afastou e virou-se para falar com um dos oficiais da guarda que estavam postados atrás de nós. O que eu vi em seguida foi uma breve confusão na praça e um homem com uma bolsa de couro sobre os ombros sendo empurrado em direção ao castelo.

Então alguém percebeu o movimento no portão do castelo, e a multidão se voltou para olhar, o burburinho dando vez ao silêncio enquanto a carroça do dia anterior, transportando as vítimas daquele novo dia, atravessava a ponte levadiça e entrava na praça. Não houve chutes nas rodas nem empurrões nos cavalos dessa vez à medida que a multidão se abria como o Mar Vermelho para a carroça passar. Muitos daqueles que estavam mais próximos tiraram o

chapéu e curvaram-se, e as mulheres fizeram medidas desajeitadas. Seus rostos expressavam vergonha e constrangimento, como se o malfeito dos seus governantes de alguma forma os colocasse no erro também. Um rapaz velho demais para lágrimas começou a soluçar ruidosamente; fiquei curiosa de saber se ele havia sido um dos amantes de Ferrante.

Eu estava ciente da presença de Angela, sentada a meu lado, com a respiração ofegante. Ela não pusera os olhos em Giulio desde o ataque de Ippolito. Estaria ela chocada, eu me perguntava, ou arrependida? Quanto a Giulio, ele estava magnífico. Não usava chapéu, e seus cabelos dourados, que haviam crescido durante seu cativeiro em Mântua, voavam sobre seu rosto de tal forma que não se viam suas cicatrizes. Ao contrário de Ferrante, ele mantinha a cabeça erguida, a linha perfeita e graciosa de seu queixo claramente discernível, apesar da barba malcuidada. Quer nos visse ou não, ele se mantinha voltado para nossa sacada, dando as costas ao patíbulo enquanto a carroça seguia balançando em meio à multidão.

Quando o condutor arriou a parte traseira da carroça, Giulio pulou para fora sem ajuda, apesar dos grilhões que prendiam seus pulsos e tornozelos. Depois virou-se para ajudar Ferrante da melhor maneira que pôde. Ferrante parecia frágil e se movimentava como se o peso das correntes fosse maior do que o que ele podia suportar. Creio até que não deve ter sido tão bem-tratado na Torre Marchesana como Giulio fora em Mântua. Giulio quase teve de empurrá-lo ao subirem os degraus para o patíbulo, e ele cambaleou quando se viu frente a frente com o carrasco. Temi que ele desmaiasse.

Vimos o carrasco pedir perdão aos dois homens, e Giulio pareceu até lhe contar uma piada. Quando, por sua vez, ambos os condenados se ajoelharam para receber a absolvição do padre, e Giulio esforçou-se como pôde para firmar Ferrante, percebi que ele fazia isso tanto por si próprio quanto pelo irmão. *Você e eu somos iguais*, dissera-me Ferrante um dia, *ambos tolerados, mas não aceitos*. Pensei em *madonna* e nas *conversas* que lhe serviam, em Ferrante, ele próprio restituindo a dignidade humana de Catherinella,

e compreendi como todos precisamos de estranhos para demarcar os nossos limites. Então fui distraída pelos dedos de Angela deslizando sobre minha palma, e fechei a mão sobre eles para fazê-los parar de tremer.

— O que ele consegue enxergar? — sussurrou ela ansiosa ao meu ouvido. — O dia está tão lindo. Quero que ele possa vê-lo.

Um jovem diácono com a mão trêmula havia começado a balançar o turíbulo, lançando uma coluna de incenso no ar, quando o duque ficou de pé. Ele tentou exigir silêncio, mas sua voz falhou. Um trompetista teve a presença de espírito de vir em seu socorro e tocou uma fanfarra improvisada. O duque fez um aceno de cabeça em agradecimento.

— Não deixemos que a marca de Caim recaia sobre esta casa — disse ele, sua voz fortalecendo-se à medida que assumia sua tarefa. — Não terei o sangue dos meus irmãos em minhas mãos, mesmo sabendo que eles não hesitariam em ter o meu nas deles. Carrasco, guarde seu machado. Não haverá mais mortes hoje.

Durante sua fala, os irmãos haviam se erguido e agora olhavam para a varanda de mãos dadas, suas correntes entrelaçadas. Vi Ferrante começar a tremer como um homem febril e se arriar contra Giulio, que cambaleou um pouco, mas conseguiu manter ambos de pé. O carrasco depôs o machado, e um aplauso irregular foi ouvido entre algumas pessoas, embora outras parecessem frustradas. Muitos haviam feito uma longa viagem para assistir ao espetáculo, e outros provavelmente esperavam fazer ali o ordenado de um ano inteiro. Harmonizando-se rapidamente com o ânimo incerto dos presentes, o duque continuou:

— Vamos então comemorar o fim da discórdia e do derramamento de sangue entre irmãos e o início de uma nova era de paz e prosperidade. Teremos fogueiras acesas, haverá música e dança e assaremos carne de boi e de porco na praça. — O duque sentou-se, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. — Bom — disse ele, com a brutal compaixão de um cirurgião que enxerta a pele do paciente depois de uma amputação —, agora vamos ao banquete. — Os aplausos transformaram-se num ruído de alegria alto o suficiente

para espantar os abutres de cima dos portões da cidade. Sorrisos e murmúrios de aprovação espalharam-se entre o grupo ducal, embora eu tenha notado que dona Lucrezia não sorriu nem olhou para o marido. Talvez, para ela, aquela decisão não tivesse sido uma surpresa.



Ferrante e Giulio foram levados de volta ao castelo para quartos separados na Torre Leone. As portas desses cômodos foram trancadas, as janelas, fechadas com tijolos. Um espaço não muito maior do que as portinholas usadas pelo gato do duque foi deixado em cada uma delas. Lá eles foram condenados a passar o restante da vida, e seus nomes não podiam mais ser pronunciados no Ducado de Ferrara, nem no Condado de Módena, embora algumas vezes, no sono, minha amiga Angela tenha desobedecido a essa ordem.

Naquele ano dos cristãos de 1506, Ferrante d'Este tinha 29 anos e seu irmão, dom Giulio, 26. Nunca mais vi nenhum dos dois, então, para mim, eles permaneceram com essa idade, seus semblantes capturados, como os que têm morte prematura, em reminiscências cristalizadas.

O LIVRO DO AMOR



*Existe em mim um irmão
Cujas cartas
Eram como água
Quando meu coração estava sedento.
Agora, quando vêm de outros
Não dele,
A lembrança dele escrevendo
É como um fogo interior.*

Shmu'el Hangid, On the Death of Isaac, His Brother



Cabeça de Júpiter, Mântua, sexto dia do Tevet do ano 5267

Para Esther Sarfati, de Gideon da Quietos d'Arzenta, saudações.

Eu tinha prometido a mim mesmo que não faria isso. Fiz a promessa solene de nunca mais entrar em contato com você, mas agora eu soube que Valentino está livre e que voltará para a Itália, então parece haver pouco a perder e muito a ganhar em lhe escrever esta carta.

Suponho que esteja feliz e me alegro por você, sinceramente, se estiver. Porém, lembro-me de algumas coisas que dom Giulio me disse durante o exílio sobre você e Valentino, e me pergunto se está realmente feliz, e então me sinto desarmado, sofro a tentação de procurá-la e ver se o que eu pensei ter visto em você era real ou apenas o produto de uma imaginação inflamada pela perda, a fome, o medo e a falta de esperança.

Terei de começar pelo início, pelo ponto em que a vi fugindo de mim no jardim de dom Giulio. Fiquei observando-a se afastar até que chegou na altura das casas de vidro, então de repente o sol surgiu por trás de uma nuvem e a luminosidade refletida sobre os vidros me ofuscou. Quando voltei a enxergar, você tinha desaparecido.

Dom Giulio teve a delicadeza de se desculpar pela indiscrição. Ele estava com raiva; estava sofrendo e desesperadamente preocupado com o futuro dele. Via-se tão envolto em suas próprias inquietações que não levou em consideração o efeito que suas palavras pudessem causar em outros. E não me culpou por eu ter uma queda por você, porque você era uma moça muito bonita, prendada e divertida, e uma amiga leal de sua amada dona Angela. Ele nunca deixou de falar sobre dona Angela; mesmo depois do casamento dela com Alessandro Pio, uma parte dele acreditava que ela voltaria, e eles viveriam felizes para sempre com a filha. Ao mesmo tempo, outra parte dele se transformava e tramava contra o duque e o cardeal, e

Giulio parecia acreditar piamente que dom Ferrante poderia ser um bom governante. Eu não conhecia dom Ferrante, claro, mas o que via nele era um janota fascinante e preguiçoso, incapaz de conduzir um galinheiro, quanto mais um Estado. Naquela época, a capacidade de dom Giulio de se iludir parecia imensurável.

Pergunto-me agora se foi por isso que continuei a trabalhar para ele, mesmo depois que descobri que o interesse dele era no meu conhecimento de química, e não nas minhas habilidades artísticas. Eu era atraído pela ideia de iludir-me. Vivia num sonho no qual eu era destinado ao mesmo tipo de fama que tinham Michelangelo, Leonardo ou o jovem Rafael. Achava até que me parecia com Rafael. Eu o vi uma vez, quando meu mestre me levou numa viagem a Urbino, e ele era magro, como eu, com cabelos cacheados, embora não tão alto. Na verdade, o rosto dele era belamente proporcional, o que o meu não é, mas, como eu disse, essa parte da minha história é sobre a capacidade que o homem tem de iludir a si mesmo. Talvez você também queira saber que nossa viagem foi infrutífera porque o seu Valentino acabara de tomar a cidade e não estava interessado em contratar artistas. Não tivemos acesso ao palácio, então ficamos uma noite com ser Santi, o pai de Rafael, e voltamos para Mântua no dia seguinte. As estradas, eu me lembro, estavam cheias de soldados.

A ilusão pode também gerar uma coragem extraordinária, e, alguns diriam, imprevidente. Olhando para trás agora, mal posso acreditar no fato de dom Giulio ter ficado em Ferrara por tanto tempo e feito experiências com o veneno que iria — sem, obviamente, ser detectado de forma alguma — matar o duque e o cardeal e vingar seus olhos. Talvez ele devesse ter pedido o conselho do seu Valentino sobre isso. Ele não é um grande conhecedor de venenos?

Por fim, contudo, dona Isabella conseguiu persuadir o irmão a ir para Mântua. Ele gentilmente me convidou a acompanhá-lo, ressaltando que pelo menos uma pessoa na corte — você, é

claro — tinha nos descoberto em circunstâncias comprometedoras, e que eu estaria mais seguro em Mântua. Entre os meus, ele disse, como se um judeu fosse igual ao outro e eu talvez pudesse me misturar entre eles sem esforço, um ourives indistinto de um açougueiro, um artesão de velas ou um amolador de facas. Fiquei feliz de ir. Eu não tinha nenhum trabalho em Ferrara e nada mais que me prendesse ali, e, como dona Isabella já havia sido minha patrona, eu não via motivo algum para supor que ela não poderia sê-lo de novo.

Será que os Borgia são tão bons em envenenamentos porque eles próprios não são feitos de carne, mas de alguma substância venenosa? Logo ficou claro que dom Giulio não era um hóspede de honra na casa da irmã, e sim um prisioneiro, embora usufrísse de muito conforto. Quanto a mim, quando soube que tinha sido “contratado”, como ela mesma disse, pela cunhada, dona Isabella se perguntou se eu não acharia suas modestas encomendas insuficientemente desafiadoras para o meu grande talento. E assim por diante. A razão me diz que ela foi se distanciando de mim porque me via como parte da conspiração de dom Giulio, mas por que não dizer logo isso? Por que se expressar de uma maneira que fazia parecer que eu tinha sido contaminado pela associação com a duquesa Lucrezia? Bom, essa tem sido a moda, não tem, desde a queda de Valentino? E dona Isabella sempre foi uma escrava da moda.

Então, talvez a libertação de Valentino — ou ele teria fugido? Isso não ficou muito claro para nós aqui em Mântua — indique um melhor destino para mim. Talvez o grande homem, ele mesmo, olhe para mim com generosidade, pois, como todos dizem, ele ficou muito satisfeito com as máscaras. Você já as viu? Dona Isabella me disse que ele ficou tão maravilhado com meu crânio de ouro que o pendurou ao lado da cama, então ouse dizer que pelo menos essa você já viu.

O Onisciente sabe que preciso de uma mudança em minha sorte. Antes de os soldados chegarem para buscar dom Giulio, consegui encontrar trabalho em pequena escala, entre patronos

menos escrupulosos do que dona Isabella. Eu fiz um saleiro extremamente vulgar para um homem que tem procurado escapar da atual moda de luvas perfumadas. Eles têm isso em Ferrara também, ou a rivalidade entre a duquesa e a marquesa impede toda e qualquer similaridade no que diz respeito à moda? Fiz umas pequenas peças de joia esmaltada para um comandante de navio que tem quatro esposas entre as índias da Nova Espanha. Voltarei a ele. O próprio dom Francesco me fez uma encomenda, por meio de uma terceira pessoa, de um distintivo de prata para um boné com um grande quartzo para um rapaz corista de quem ele gostara, embora ainda deva o último pagamento da peça. Fico curioso de saber se sua senhora Lucrezia tem conhecimento de quão desregrado ele é em seus amores, ou se ela já está acostumada com esse tipo de coisa na família.

Desde o julgamento, entretanto, eu sou persona non grata em toda parte. Deixei a casa do meu pai porque estou com medo de que a minha presença lá possa colocar minha família em perigo. Pensei que poderia me alojar na oficina do meu antigo mestre, que se encontra vazia desde a morte dele, enquanto a viúva e os filhos discutem sobre o que fazer com ela, mas estava tudo trancado e com barras, e eu não me atrevi a invadir o lugar para não atrair atenção sobre mim e terminar sendo preso. Você pergunta: por que também não deixou Mântua? Bom, claro que não, mas poderia perguntar. Seria uma questão razoável. Eu responderia que, se eu tivesse ido embora de Mântua então, o único lugar para onde eu desejaria ir seria Ferrara. Eu teria sido puxado para lá assim como Platão diz que a alma é atraída pela beleza, mas eu não sei se teria sido bem-recebido.

Bom, o inverno estava chegando, e eu começava a me perguntar se teria de me sujeitar à misericórdia dos franciscanos que dirigem uma hospedaria aqui. Ao menos os homens de duque Alfonso, se aparecessem por lá, provavelmente não procurariam por um judeu numa hospedaria

franciscana. Então me lembrei do Júpiter. Já perto de morrer, o velho Sperandio estava trabalhando num Júpiter de bronze tão grande que não pôde ser moldado numa peça única; teve que ser feito por partes que depois seriam encaixadas. Uma técnica revolucionária, muito difícil de dominar, mas isso não a interessaria. O que talvez possa interessá-la, dado o nome que coloquei no cabeçalho desta carta — ah, um bom jogo de palavras, digno de um cortesão — é que, quando Sperandio morreu, ele tinha completado apenas a cabeça de Júpiter, e ela estava no quintal de sua oficina, pois era grande demais para caber na parte de dentro. Tinha sido feita usando-se o método de cera perdida e era, portanto, oca — e grande o suficiente para acomodar um certo tipo de cama.

Uma recém-casada pondo em ordem sua primeira casa não poderia ter ficado mais maravilhada do que eu quando subi pelas barbas de Júpiter e entrei pela boca aberta no domo oco da cabeça dele. Uma peça fundida dessa maneira é como uma fábula convertida numa imagem — embora seja bela por fora, por dentro pode ser áspera, com depressões feitas pelas bolhas de gás do aquecimento do metal e com saliências pontiagudas onde o bronze esfriou em torno do núcleo de gesso. Então minha primeira tarefa foi martelar, burilar e limar até conseguir um espaço onde eu pudesse colocar meus lençóis sem deixá-los, ou a mim mesmo, em farrapos. Mas fiquei bastante satisfeito com um relevo que encontrei no espaço entre o nariz do Júpiter e seu olho esquerdo, que serviu muito bem de armário para minhas roupas.

Estou aqui há dois meses agora, e é bastante aconchegante. Consegui alguns couros emprestados com o tintureiro para usar como cortinas e impedir a entrada do vento. Eles são pesados, o que é excelente, embora cheirem forte a urina de carneiro. Montei uma prateleira na testa de Júpiter, onde posso acender minhas velas do Sabbath, e coloquei uma prancha atravessada em um dos lados de sua mandíbula, onde eu como e onde estou agora escrevendo esta carta. Eu não tenho sido

perturbado porque, quando as pessoas veem luz ou movimento dentro da boca ou das órbitas dos olhos do deus, elas pensam que a cabeça é mal-assombrada e se mantêm afastadas. Eu poderia, suponho, ficar aqui pelo tempo que dom Giulio permanecer na prisão — até eu morrer de fome ou enlouquecer. Mas Valentino está livre, e isso muda tudo.

Decidi deixar Mântua logo que o tempo melhorar. Irei primeiro para Roma e de lá para Óstia, onde vou me encontrar com o comandante de navio que mencionei antes, o homem com quatro esposas índias. Esther, decidi ir para a Nova Espanha. Não há futuro para mim aqui, e creio que não haja futuro para nenhum de nós. Você sabe, claro, do massacre dos judeus em Lisboa.

Eu sou um homem de talento e, embora ainda tenha ambições de ser um grande artista, sei agora que elas não podem ser alcançadas de forma rápida e direta. As habilidades que aprendi em meu trabalho de artesão são adaptáveis e podem ser postas em prática em qualquer lugar — se for desígnio Dele que eu seja um ferreiro ou um fabricante de espadas, que seja. Como já disse uma vez, o que minhas crenças me ensinam é que eu devo estar sempre de prontidão, aberto a qualquer plano que Ele tenha para mim.

A proposta que eu fiz a você não foi um mero flerte, embora ela tenha me surpreendido pelo menos tanto quanto a surpreendeu. Amo você, e não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Eu tentei. Dom Giulio e eu tentamos todas as coisas que os homens tentam quando querem esquecer uma mulher. Trabalhamos e bebemos, e fizemos amor com estranhas — mas ainda assim nos pegamos falando horas a fio sobre você e dona Angela, e descobrimos que as estranhas com quem fizemos sexo acabavam se parecendo com vocês.

Dom Giulio me disse algo mais sobre você durante uma de nossas longas e sentimentais conversas de bêbados. Suponho que ele achasse que não me abalaria a ideia de ser o rival do perigoso Valentino, então medidas mais drásticas foram

necessárias. Ele me disse que você tem um filho, e que ele é o padrinho do menino.

Não lhe descreverei como me senti mal por pensar que há uma prova viva e pulsante de seu amor por outro, de como um filho liga vocês com laços indissolúveis. Isso trouxe imagens ao meu cérebro e sentimentos ao meu coração que me envergonham. Valentino é ruivo, dizem. Seu filho também é ruivo? Não, não quero saber. Descobrirei isso em breve.

Esther, quer ir comigo para a Nova Espanha? Se não para o seu próprio bem, para o de seu filho. Mesmo que Valentino tome de volta tudo o que perdeu, que oportunidades teria o menino em Ferrara, com dom Giulio como padrinho? Com a ajuda do Pai de todos nós, estou preparado para ser o pai dele, e no novo mundo ele pode crescer livre do passado e de todos os seus perigos. E uma criança pode nos unir, quem sabe?

Bom, se eu estiver enganado, talvez receba notícias suas, de tempos em tempos, na grande casa que seu amante montará para você, e eu me arrependerei do dia em que não fiquei na Itália para que pudesse tê-la como patrona. Mas me dê a honra de pensar com cuidado na minha proposta, caso o que você acha que quer não seja o que você realmente quer, ou se não estiver mais apaixonada por Valentino e não tiver se alegrado com a liberdade dele. No entanto, se eu for honesto, como preciso ser agora, perceberei que essa é mais uma das minhas ilusões, pois sempre achei que havia alguém especial na sua vida, e decidi desconsiderar meus instintos.

Eu gostaria que você tivesse me confiado a história de sua vida antes, então lembro a mim mesmo que tudo o que você faz ainda é você, até mesmo as mentiras que conta. Teve medo de confiar em mim? Você amaria um homem de quem tem medo? Não, essa não é uma pergunta justa. Está tarde e minha cabeça dói do frio. Você comemorou Chanucá este ano, como comemoramos no ano passado? Mais uma pergunta injusta. Escreva para mim. Faça algumas perguntas injustas. Eu ainda ficarei em Mântua por pelo menos um mês, pois meu

*comandante não viajará até o mês do Adar. Diga-me se você
viaja bem de navio.*

*Escravo do seu coração,
Gideon d'Arzenta*

CAPÍTULO 1

FERRARA, 22 DE ABRIL DE 1507

Estas são as cartas que nunca enviarei, o sangue do meu coração. A ação está planejada para amanhã. Estou confiando-as a Juanito, com ordens para levá-las para você, caso eu morra na tentativa. A partir das minhas palavras, você poderá me reconstruir, assim como Ísis fez com Osíris.

Os boatos circularam à nossa volta durante semanas. Tenho certeza de que todos nós havíamos ensaiado o que dizer e o que fazer, como pensaríamos e nos sentiríamos se eles fossem confirmados. Entretanto, quando Juan Grastica chegou e desmontou do cavalo vagarosamente no pátio, como se, ao atrasar o final de sua viagem, ele pudesse também negar seu propósito, ainda não estávamos prontos. Éramos como a milícia de uma cidade, que treina anualmente para as enchentes da primavera e depois fica perplexa quando o rio avança pelas ruas, carregando seus sacos de areia e deixando atrás de si um rastro de lama amarela, porcos afogados e mobília quebrada.

Juanito fora bem-orientado em sua tarefa. Dirigiu-se primeiro a Ippolito para dar a notícia, mas suponho que tenham se atrasado em Pamplona, na terra selvagem de Navarra. A relação entre Ippolito e dona Lucrezia não voltou a ser a mesma depois da *Coniurga*; os nomes nunca mencionados de Giulio e Ferrante pairavam entre eles como os espíritos travessos que azedam o leite. Aquele não era o momento para Ippolito fingir o contrário, então ele encarregou Fra Raffaello de levar a mensagem de Juanito para *madonna*.

A Páscoa chegara cedo naquele ano, e *madonna* estivera bastante ocupada durante o Carnaval com uma visita de dom Francesco,

então alguns casamentos que ela havia negociado para suas damas jovens seriam realizados nas semanas entre a Páscoa e Corpus Christi, uma vez que o Carnaval caíra no auge do inverno. *Madonna* sofrera um novo aborto, que alguns atribuíram ao excesso de danças e de cavalgadas, e outros, secretamente, ao excesso de atividades de outro tipo na companhia de dom Francesco Gonzaga, que viera a Ferrara sem dona Isabella, ela mesma prestes a dar à luz de novo.

Estávamos na Camera Dal Pozzolo, preparando um enxoval para uma prima distante da família Gonzaga que iria se casar com o sobrinho do embaixador veneziano no sábado seguinte. Lembro-me desses detalhes irrelevantes, até mesmo do fato de que eu estava colocando na agulha a linha de seda creme que eu usava para bordar buquês de amor-perfeito em torno do decote de uma camisola. Lembro-me das bochechas ruborizadas e da boca em movimento de Fra Raffaello, do ar de satisfação e de terror conflitando em seus olhos, e da maneira calma como *madonna* colocou seu trabalho no colo no momento em que a escrava deslizou pela porta e ela instruiu:

— Entre.

O que eu não recordo, e que desde então tive de reconstruir em minha imaginação, é como me senti quando Fra Raffaello abaixou a cabeça e declarou:

— *Madonna*, a senhora precisa se preparar. Trago notícias de muita gravidade.

— Sim — disse ela. Tenho certeza de que ela sabia, como eu sabia, a notícia que ele ia dar.

— Notícias do rei de Navarra — continuou ele, concentrando-se em sua tarefa. Dona Lucrezia não fez nada para ajudá-lo; o olhar que ela lhe dirigiu era frio e cinzento como o céu oblongo intempestivo que se via pela janela por trás dela. Embora *madonna* respeitasse seus conselhos espirituais, ele não era, de forma alguma, seu confidente pessoal. Ela lidava com Fra Raffaello apenas enquanto duquesa de Ferrara. Observando-a, ficou claro para mim que ela, a seu modo, usava máscaras tão bem quanto Cesare havia usado. Havia usado. Pensei nele com o tempo no passado. — O

mensageiro dele trouxe a notícia da morte do duque de Valentinois, *madonna*.

— O duque da Romanha — corrigiu ela, sua voz quase inaudível. Fra Raffaello não deu sinal de tê-la escutado.

— Deus lhe concedeu um fim bravo por uma causa justa — continuou ele.

Dona Lucrezia fez um aceno de cabeça como se estivesse ouvindo um poema ou uma obra musical.

— O mensageiro — perguntou ela —, quem é ele?

— Um homem chamado Juan Grastica, *madonna*. Creio que ele seja...

— Eu sei quem ele é, irmão. Eu agradeceria se nos deixasse agora e pedisse a Juan Grastica para nos atender.

— Não vai rezar, *madonna*?

— Claro que vou rezar, mas não aqui, nem agora. Estou aborrecida com Deus neste momento. Quanto mais eu tento agradar-Lhe, mais Ele me põe à prova.

O frade fez um cumprimento e se retirou.

— Fidelma — disse dona Lucrezia —, vá e diga a seu fradezinho que receberei Juan Grastica em meu quarto. Vocês todas, me deixem agora. Você não, Violante — acrescentou ela, enquanto todas nós colocávamos nosso trabalho de lado e nos preparávamos para deixar o recinto. — Você vem comigo. — Ela levantou-se da cadeira, e, num impulso, dei um passo em sua direção e a abracei. Após uma breve hesitação, ela correspondeu ao meu abraço. Não importa quantas vezes eu repita a cena em minhas lembranças, não saberia dizer o que se passou em minha mente. Não sei se procurava consolá-la ou a mim mesma, ou se, por meio dela, tentava entrar em contato com alguma emoção que eu não conseguia sentir.

Juanito não foi admitido no quarto dela enquanto não terminei de vesti-la com suas roupas de luto, que haviam sido guardadas fazia pouco tempo, depois das mortes do sogro e do filho. Ela escolheu o luto mais pesado, uma saia e um corpete totalmente pretos, uma anágua sem rendas nem bordados, meias e sapatos pretos. Lavei a

maquiagem de seu rosto, penteei seus cabelos soltos e não a adornei com nenhuma joia, a não ser sua aliança de casamento e o anel do veneno com o camafeu que eu havia trazido de Roma. Então ela se abaixou para enfiar o dedo na cinza da lareira da noite anterior e fez com ela uma cruz na testa.

— Devia ter deixado o padre fazer isso — murmurou —, mas Cesare teria gostado desta maneira. Estou pronta agora, Violante. Por favor, peça para Juanito vir até aqui. Vou me deitar na cama. Acho que não tenho forças para me sentar.

— Talvez a senhora devesse deixar para falar com Juanito depois, *madonna*.

— Não. Quero vê-lo agora.

— Sim, *madonna*.

Pobre Juanito. Ele não era mais jovem; como Michelotto, passara a fazer parte dos serviços de Cesare quando ele foi para a escola em Perugia. Havia acompanhado cada mudança ocorrida na vida do duque. Quando entrou no quarto, seu semblante estava cinzento de exaustão, de tristeza e da poeira da terrível viagem, que se espalhou à sua volta numa nuvem assim que ele tirou o boné e se ajoelhou diante da irmã de seu senhor. Seus membros estavam tão enrijecidos da longa viagem que tive de ajudá-lo a se erguer.

— Por favor, sente-se, Juanito — insistiu dona Lucrezia, mas ele recusou o convite. Permaneceu em posição de sentido ao lado da cama dela, uma das mãos segurando o boné sobre o peito, a outra aberta protetoramente sobre uma bolsa enorme pendurada na lateral de seu corpo.

— Muito bem, mas quero avisar a você que esta vai ser uma longa entrevista. Eu exijo que me conte tudo.

— Eu imaginei que a senhora iria querer isso, *madonna*.

— Comece, por favor. — Fazendo um sinal para que eu me sentasse a seu lado na cama, ela tomou minha mão na sua. Quando Juanito terminou sua história, meus dedos estavam dormentes e minhas articulações, arroxeadas pela pressão da mão dela.

— O meu senhor, como a senhora sabe, deveria acompanhar Sua Excelência, dom Carlos de Flandres, à Espanha. — Nós duas anuímos com a cabeça. A convicção de Cesare de que tinha um papel a desempenhar no apoio à reivindicação do infante dom Carlos ao trono de Castela não havia sido abalada pela súbita morte do pai do menino, Filipe de Flandres, causada pela *influenza*. Pelo contrário, fora isso que o fizera tomar a decisão de fugir. Como havia escrito para *madonna* ao chegar à corte de seu cunhado em Pamplona, ele não tinha intenção de ficar empoleirado como uma galinha num galinheiro à espera de que aquela raposa velha, Fernando de Aragão, o capturasse. — Como parte de sua preparação, ele e o rei João quiseram fortalecer as defesas de Navarra e pediram ao conde de Beaumont que devolvesse a fortaleza de Viana. Ele se recusou, dizendo que era vassalo do rei Fernando, e não do rei João, então sua majestade, o rei, colocou meu senhor à frente de um exército e exigiu que ele tomasse Viana à força. *Madonna*, a senhora precisava ter visto seu irmão no dia em que seguimos para Pamplona. Foi como nos velhos tempos, os homens aplaudindo e as mulheres chorando na beira da estrada, os meninos pequenos agarrados aos estribos dele, e ele grande e bonito, *soro*, como um falcão jovem. Fomos para Larriaga primeiro e cercamos a cidade.

Eu podia ver que dona Lucrezia estava impaciente, mas ela deixou Juanito continuar por caridade. Entrando nos detalhes da campanha, ele mantinha seu amado senhor vivo em seu coração, e isso lhe dava a coragem para prosseguir. Depois de muita conversa enigmática sobre bravatas, colubrinas, balistas, cálculos da trajetória de projéteis e escavações de trincheiras, ele deu a entender que Cesare havia perdido a paciência com Larriaga, que se recusava a se render. Decidira então suspender o cerco e ir para Viana.

— O rei João tomou a cidade — explicou Juanito —, mas o filho de Beaumont estava escondido no castelo. A comida, no entanto, escasseava, e nem suprimento nem reforço podiam entrar sem que o rei e dom Cesare tomassem conhecimento. Então parecia um trabalho fácil; acabariam rápido e partiriam para Flandres. O tempo lá estava terrível. Montes planos, marrons, sem nada que parasse o

vento ou protegesse da chuva. Nada senão ovelhas e desfiladeiros para elas despencarem de lá. Meu senhor decidiu não colocar sentinelas à noite, porque, como ele disse, as tempestades eram nossas melhores defesas. Tínhamos uma casa decente, boas paredes de pedra, mas mesmo lá dentro estava gelado. O rei João tinha dado a dom Cesare um ótimo manto de pele de lobo, e acho que ele não o tirou do corpo nem uma vez, nem mesmo para dormir. A menos que, desculpem o comentário, senhoras, ele encontrasse outros meios para se manter aquecido.

“Na madrugada do dia 12 de março, uma terça-feira, fomos despertados por um grande tumulto, por gritos, sinos tocando, os guardas sobre os muros da cidade correndo de um lado para o outro como gatos escaldados, dizendo que estávamos sendo atacados. Descobrimos mais tarde que Beaumonte havia conseguido obter suprimentos para o castelo graças à tempestade. O tempo acabou sendo favorável a ele, não a nós, e o que os guardas tinham visto foi somente a escolta dele retornando. Mas eu estou me adiantando.

“Ouvi dom Cesare gritar pedindo a armadura, mas ele estava num de seus ataques de fúria, andando para a frente e para trás como um leopardo enjaulado, praguejando de tal maneira que até a prostituta que estava na cama com ele ficou envergonhada. Só consegui vestir nele uma armadura leve e um corselete, e tive que jogar o elmo escada abaixo, porque ele tinha esquecido.”

Dona Lucrezia sorria enquanto eu pensava na prostituta na cama de Cesare tirando o manto de pele de lobo do corpo dele, desembrulhando-o como um presente, e me perguntava se ela tentara impedir que ele partisse.

— Quando consegui pegar meu cavalo, ele já tinha ido. Nem sequer parou para verificar a cilha, foi o que o cavalariaço me disse, o que não era comum, como a senhora sabe, e isso mostrava como ele estava impaciente com aqueles pequenos navarros e as brigas domésticas deles. Ele estava tão furioso que saiu em disparada como um louco, até mesmo para os padrões dele e, claro, nenhum de nós conseguiu se aproximar, então...

— Continue, Juanito. Quero ouvir tudo. Eu já disse.

— Quando foi capturado na emboscada de Beaumonte, ele estava completamente só. Eu não notei o que tinha acontecido até ver o cavalo dele galopando de volta sozinho em nossa direção. Mesmo naquele momento, eu pensei... bom, ele é um grande lutador e com quase o dobro do tamanho dos pequenos navarros. — Juanito pigarreou. Mexeu no fecho de sua bolsa e lançou um olhar de súplica para *madonna*, mas ela não demonstrou clemência. — Quando cheguei lá, eles já tinham ido embora. Levaram tudo, a armadura, as armas, até as roupas dele. Um dos homens teve a decência de colocar uma pedra sobre os genitais dele, foi tudo. — Lágrimas encheram os olhos do escudeiro e abriram caminho em suas faces empoeiradas. Somente a pressão da mão de *madonna* esmagando a minha me fez conter as lágrimas, oferecendo-me uma dor mais simples e mais imediata em que me concentrar.

“Chovia muito, então o corpo dele estava bem limpo. Somente a terra ao redor estava vermelha. O rei se aproximou e cobriu-o com um manto. Fez uma oração, depois levou o corpo de volta para a cidade. Eu mesmo preparei meu senhor para o enterro, *madonna*. Não ia deixar um estranho cuidar dele. Eu tinha sido o servo pessoal dele desde que ele tinha 14 anos, então era o que eu devia fazer.”

— Obrigada, Juanito. Você fez certo e foi muita consideração sua.

— Ele parecia um noivo quando os seis melhores cavaleiros do rei João o levaram para a Igreja de Santa Maria. Eu tinha penteado os cabelos dele e aparado a barba da maneira como ele gostava, e vesti nele a melhor armadura, a preta com acabamento em ouro no peitoral. Ele sempre dizia que era como uma segunda pele, aquela armadura. Ele estava com a aliança de casamento e com o colar da Ordem de São Miguel que o rei Luís dera a ele, e o rei João lhe deu uma pequena coroa no lugar da insígnia ducal, que tinha se perdido em meio a toda aquela confusão em Nápoles.

— Me diga como estava o rosto dele.

— Como eu disse, *madonna*, ele estava muito bonito e sereno. A igreja estava cheia de mulheres chorando. Me disseram que o corpo dele, coitado, tinha 25 ferimentos, mas o rosto estava intacto. Tudo

o que sei é que eram demais para eu contar, e ele deve ter reagido com uma luta feroz.

— Vinte e cinco. Bom! São cinco vezes as chagas de Nosso Senhor na Cruz. Os olhos dele estavam abertos ou fechados?

— Fechados com moedas de um centavo, *madonna*, naturalmente.

— Quando você o encontrou.

Eu desejei que ela parasse. Não tinha certeza se Juanito teria forças para continuar, mas ela teve, então ele e eu precisávamos ter também.

— Abertos, *madonna*. Um olhar... meio de surpresa.

— E você conseguiu ver alguma coisa neles? Dizem que a imagem do assassino de um homem fica gravada no olho durante certo tempo depois da morte.

— É? Bom, talvez eu tenha chegado lá tarde demais. Não vi nada nos olhos dele a não ser a chuva.

— Os deuses devem chorar pela morte de uma pessoa como ele. Obrigada, Juanito, você falou bem e com bravura. Conhece Sancho, o meu mordomo?

— Conheci Sancho em Medina del Campo, *madonna*.

— Vá procurá-lo. Ele lhe dará dinheiro e arranjará alojamento para você. Logo que eu estiver em condições, lhe arranjarei acomodações permanentes. Eu gostaria que ficasse em Ferrara, Juanito, para podermos conversar sobre os velhos tempos.

O escudeiro fez uma reverência.

— Eu não tenho nenhum outro lugar para ir, *madonna*.

Ao acompanhar Juanito até a porta e lhe dizer onde poderia encontrar Sancho, lhe pedi também para enviar um mensageiro até dona Angela, em Sassuolo.



Angela chegou a cavalo no dia seguinte à noite, acompanhada apenas por um cavaliço. Uma de suas damas de companhia

deveria vir em seguida com sua bagagem, ela explicou, procurando preencher o incômodo vazio entre nós. Eu a vira pela última vez no inverno anterior, quando *madonna*, depois de penhorar algumas de suas joias e vender uma pequena porção de terra que ela esquecera que tinha na Calábria, conseguiu levantar um dote para a prima num valor suficiente para abrandar a mãe de dom Alessandro. Todo o clã dos Pio veio para Ferrara para um segundo casamento público, realizado nos salões recém-decorados do duque, no Corte. Foi servido um banquete com pratos de ostras com laranjas e peras, lúcio temperado com flores cristalizadas de borragem e saladas de anchova; não dava sequer para perceber que era o Advento. Para a sobremesa, havia biscoitos de alcaçuz no formato de corpos nus, o que suscitou das pessoas que os comiam muitas piadas adequadas a um dia de casamento, embora a mãe de dom Alessandro não parecesse ter achado muita graça naquilo. Depois do jantar, formamos um cortejo barulhento, liderado por músicos, acrobatas e um engolidor de fogo trazido por La Fertella, para acompanhar os noivos até seus alojamentos na cidade. Nossos rostos reluziam com o frio e o vinho; a luz das tochas refletia nas joias e dançava pelas ruas cobertas de neve, lançava sombras frenéticas nos muros das casas e iluminava os olhos dos observadores por trás das venezianas.

De forma bastante efêmera, senti a força sinistra da Torre Leone quando passamos por ela. Olhei para cima como eu sempre fazia, para ver se as cestas de comida ainda estavam penduradas pelas roldanas no telhado, pois suas subidas e descidas diárias na face íngreme da torre eram a única prova que tínhamos de que Ferrante e Giulio ainda estavam vivos. De onde eu me encontrava, naquele séquito, não conseguia saber se Angela olhava naquela direção ou não, e meus pensamentos retornaram rapidamente para meu próprio contentamento.

Dom Alberto Pio havia trazido Girolamo com ele para Ferrara, para o casamento. O apego que Giovanni tinha a mim, que havia se iniciado com o elogio que Cesare fizera de minha piada grega, aumentara durante nossa estada em Nepi e em Roma. Éramos, eu

suponho, como soldados que haviam feito uma campanha juntos, unidos por uma experiência em comum, não compartilhada por ninguém mais ao nosso redor. Então, quando ele brincava com Girolamo, geralmente queria me incluir em suas brincadeiras. Alegre e de coração partido, eu os observava apostando corridas de arcos pela Sala Grande ou competindo com seus cavalinhos de pau e cabos de vassoura. Eu servia de árbitro em suas brigas, quando Giovanni tentava dominar o sobrinho, e Girolamo, pequeno e magro, obstinado e corajoso, decidia revidar. Embora não mais gordinho como antes, Giovanni era ainda indolente e, de certa forma, meio lento de inteligência. Girolamo, no entanto, era como eu imaginava que seu pai teria sido se não fosse tão adoentado naquela idade; meu filho era como Cesare, afinal, se tornara depois que dona Lucrezia nasceu e ele decidiu viver.

Tínhamos também acabado de receber a notícia de que Cesare estava livre. Ele havia quebrado a clavícula, algumas costelas e um tornozelo ao pular da corda na qual se pendurara para escapar pela janela, tendo calculado mal a queda. Sua viagem para Pamplona fora uma tortura. Mas Cesare ansiava então por comemorar o Natal com o cunhado e pelo ano de Nosso Senhor de 1507, que, ele sabia, seria seu ano de sorte.

E agora ele estava morto.

Enquanto Angela e eu nos cumprimentávamos no pátio do castelo, no crepúsculo frio da primavera, o contraste da tristeza do presente com a felicidade do passado parecia reforçar o abismo que se abrira entre nós agora que ela era uma mulher casada, com um bom nome e um número substancial de serviçais.

— Como ela está? — perguntou Angela, enquanto nos dirigíamos aos aposentos de *madonna*.

— Não sei descrever. Você mesma verá.



O luto de dona Lucrezia pelo irmão era tão desesperado e visceral como deve ter sido a morte dele. Não havia nele dignidade, nem

controle, nem constrangimento, tampouco razão. Depois que Juanito terminou sua história e nos deixou, ela entrou em colapso total. Rasgou as roupas, puxou os cabelos, a pele do rosto e dos braços, e urrou como se possuída por um demônio, sons guturais sinistros e rugidos que me fizeram pensar em gatos brigando e nos mendigos que não têm a decência de morrer em silêncio à beira da estrada. Ela pegou punhados de cinza e esfregou pela cabeça, pelo rosto e sobre os peitos, e, quando a lareira foi reacendida, ela retirou brasas com uma pá e tentou andar sobre elas. Tive de apagá-las com o primeiro líquido que me veio à mão, o conteúdo de um urinol. A escrava dálmata fugiu aterrorizada, persignando-se repetidamente, seus dedos brancos e longos tremulando em seu pescoço branco.

Eu acreditava que a presença de Angela acalmaria *madonna*, mas ela mal pareceu notar a chegada da prima. Quando tentei sair, entretanto, ela se ergueu um pouco até a beira do abismo em que se metera e me proibiu de sair.

— Você sou eu — disse ela. — Não há lugar nenhum para onde você possa ir.

— Violante só está indo buscar alguma coisa para eu comer e beber, prima — disse Angela —, e uma vassoura para varrer as cinzas.

Dona Lucrezia olhava para Angela como se não tivesse ideia de quem ela era ou sobre o que falava, e balançou a cabeça. Uma mecha de cabelo grudou sobre seu lábio. Ela pôs a língua para fora, levou o cabelo à boca e chupou-o. Isso pareceu distraí-la por um momento, e ela permitiu ser levada de volta para a cama.

— Você acha que devíamos prendê-la? — perguntou-me Angela. — Pelo menos até que possamos trazer o médico para vê-la.

Mas, antes que eu pudesse responder, dona Lucrezia levantou-se novamente, cuspiendo o cabelo, e dirigiu-se à janela do quarto, resmungando sobre cordas e quedas, e sobre como Cesare poderia ter sido um bom matemático se tivesse sido mais paciente. Corri na frente dela, fechei as venezianas e usei a faixa presa em minha cintura para trancá-las, enquanto Angela lutava mais uma vez com *madonna* para levá-la de volta para a cama.

— Vou buscar o médico — disse Angela. — A situação está muito pior do que eu esperava.

— O que você esperava? — Ela me lançou um olhar estranho, tanto calculista quanto preocupado, mas não respondeu minha pergunta.

Quando Angela retornou com o médico, *madonna* quebrou um vidro de perfume e gritou, virando-se para a porta, dizendo que, se alguém que não fosse Angela entrasse ali, ela o feriria com vidro quebrado. Era um perfume floral, com notas de jasmim, e seu aroma espalhou-se como um fantasma em torno da mobília do quarto e dos adornos do teto, das pernas das cadeiras e do crucifixo adornado com pedras preciosas no genuflexório, e se grudou à nossa pele.

Dona Lucrezia havia cortado a mão, mas, quando tentei lhe fazer um curativo, ela se afastou de mim.

— Você acha que isso importa? — perguntou ela num tom cheio de desdém.

Fra Raffaello recebeu o mesmo tratamento, assim como Ippolito e até mesmo o duque, que chegou numa visita relâmpago de Gênova, onde ajudava o rei francês a debelar uma rebelião. Não havia dúvida de que ele estava contente por ter uma rebelião para a qual retornar. Durante duas semanas, *madonna* não quis ninguém ao lado dela a não ser Angela e eu. Esperneava e chorava e chamava pelo nome de Cesare, às vezes fazendo-lhe um apelo em seu rápido e ininteligível catalão como se pudesse persuadi-lo a voltar. Não permitia que trocássemos suas roupas rasgadas, então tentamos cobri-la com cobertores, que ela arrastava pelo quarto atrás de si, virando móveis, derrubando livros, copos, escovas de cabelo, joias e potes de pó de cima da mesa, até o chão ficar grudento e perigoso com vinho derramado, maquiagem e vidro quebrado. Sujava-se toda com a casual obstinação de uma criança. Nas raras ocasiões em que conseguíamos fazê-la comer e beber, ela empurrava a comida na boca com os dedos e lambia a água de uma bacia, e uma crosta pastosa se formava em seus lábios e queixo, que rachava, irritando-lhe a pele.

Quando ela adormecia, o que era raro, e por curtos períodos de tempo, Angela e eu caíamos sentadas num silêncio semiconsciente, sem energia para falar, e menos ainda para tentar limpar o triste caos ao nosso redor. Esperei, preparando-me para minha própria tristeza, que certamente viria, mas que não veio, nem mesmo naquele momento. Era como se o sofrimento de *madonna*, em toda a sua grandeza selvagem, fizesse com que o meu se escondesse de vergonha. Ninguém podia sentir tanto a morte de outra pessoa como ela sentiu; até as mulheres de Troia pareciam tímidas e dissimuladas, se comparadas a ela. E eu estava muito cansada, cansada demais para reunir a força necessária para lamentar adequadamente a morte de meu primeiro amor, pai de meu filho, o homem cujos olhos negros e sorriso inteligente haviam definido o mundo inteiro para mim.

Madonna passou a dormir no chão, enroscada como uma criança, com os joelhos no peito e o dedo na boca. Então, quando acordou, na última manhã, piscando os olhos diante de um feixe brilhante da luz solar que penetrava através de uma abertura nas venezianas, a primeira coisa que viu foi a bolsa suja deixada por Juanito, completamente empoeirada da viagem, e que eu havia enfiado embaixo da cama e esquecido por completo.

— O que é isso? — Ela quis saber, tirando o dedo da boca e limpando-o no que restava de seu corpete. — O que é isso? — repetiu ela, enquanto Angela e eu lutávamos para voltar à consciência e tentávamos localizar o que ela via. — Embaixo da minha cama? Não estava aqui antes.

— Ah. — Por fim, entendi. — Juanito deixou aqui. Não sei o que há dentro.

Ela se arrastou pelo chão, ainda deitada de lado, flexionando o corpo como uma cobra, até estender a mão para baixo da cama e agarrar a bolsa. Ao puxá-la para fora, a bolsa se abriu e alguns documentos caíram. Estavam desbotados e estragados, mas a letra, com suas voltas e curvas e a tendência de se inclinar em direção ao fim da linha, era inconfundível. Dona Lucrezia sentou-se. Tirou os cabelos dos olhos, depois olhou para a mão, as unhas quebradas, as

cutículas, luas crescentes de sujeira, como se aquilo fosse algo incomum e horroroso.

— Me deixem sozinha — disse ela.

— Mas... — começou Angela.

— Vocês não precisam ter medo de nada. Saiam.



Fui para o meu quarto com o intuito de dormir. Porém, embora meu corpo estivesse pesado de exaustão, minha mente estava afiada e irrequieta, esperançosa. Sem conseguir sossegar, puxei meu baú de viagem que se encontrava sob a minha cama e fui direto ao fundo dele à procura da carta que Cesare me escrevera de Roma e do desenho feito por *ser* Leonardo. Primeiro tive de tirar o livro de receitas de minha mãe e a carta mais recente que recebera de Gideon. Surpreendi-me de tê-la guardado na desassossegada paz que se seguiu à *Coniurga*. Achei estranho e impudente de minha parte, e, de qualquer forma, ele já teria partido havia muito tempo.

Coloquei todos aqueles itens numa fileira sobre minha cama e olhei para eles como se esperasse que me dissessem algo. Apanhei a carta de Cesare e a reli, mas ela permaneceu tão elegante e incompreensível como sempre fora. Coloquei-a de lado, e meu olhar se desviou para o desenho, os olhos cobertos por um capuz, a expressão da boca obscurecida pela barba e o bigode. Era um desenho maravilhoso, o rosto verdadeiro e humano com a leve irregularidade do nariz e as bolsas sob seus olhos, mas era sem vida, o produto de madeira queimada e de pele de ovelha, um momento capturado e guardado como uma bela mariposa.

— Lamento — eu disse ao desenho, e de repente lamentei tudo o que não havíamos feito juntos, as festas sobre patins iluminadas por tochas que eu imaginara um dia, as caminhadas no verão em jardins perfumados, as canções não cantadas e as danças não dançadas, os versos que nunca trocamos, as tolices carinhosas que deixamos de dizer um ao outro. Sempre supus que haveria um futuro, e agora, abruptamente, sob o golpe de uma espada navarra anônima, não

haveria nenhum. Amassando o desenho contra meu coração, afundei na cama entre aquelas pequenas relíquias de meu tempo na Terra e chorei até meus olhos queimarem e minha garganta doer, e pensei ter chorado todas as lágrimas que tinha para chorar.

Não tomei consciência da presença de Angela até ela se jogar na cama ao meu lado e me envolver com seus braços.

— Assim é melhor — disse ela, alisando-me os cabelos e as costas, puxando um lenço da manga para eu assoar o nariz. — É importante chorar. — Havia conforto em seu afeto, em sua proximidade física. Consegui dar um leve sorriso, mas o olhar que ela me devolveu foi profundamente sério. — Depois que Giulio foi atacado, eu me sinto fria por dentro. Como se tivesse me transformado numa estátua, ou num daqueles dispositivos mecânicos que eles colocam nos carros alegóricos no Carnaval, que o fazem seguir em frente e fazer coisas automaticamente. — Ela riu de súbito. — E você me repreendeu tanto!

— Não repreendi. — Pensei no tempo que passamos juntas em Medelana, depois que Giulia nasceu. Seria aquilo censura?

— Ah, repreendeu sim, de forma velada. Você achava que eu deveria ter ficado com ele a despeito de tudo. Eu conheço você, Violante, se lembra? Você não precisava dizer nada. E estava certa. Mas eu simplesmente não consegui. Fiquei pensando, e se eu o achasse repulsivo e ele percebesse? Não seria pior do que se eu fizesse o que todos esperavam de nós?

— Nós?

— Eu e Lucrezia. As Borgia. Cruéis. Mas eu estava errada. Se eu tivesse sido mais corajosa e mais honesta, Giulio não estaria trancado naquele quarto. — Ela estremeceu. — Eu vou lhe dizer uma coisa, Violante: não se passa um dia sem que eu pense nisso. E se isso, e se aquilo. E Giulia se parece tanto com ele agora, não há nem um traço meu nela. Como se Deus a tivesse feito para me testar.

— Eu acho que Ele é o senhor da ironia. Ele testa você com a presença da sua filha, e a mim, com a ausência do meu filho. —

Senti outra onda de tristeza no coração. — Eu nunca mais vou tê-lo de volta, não é?

O silêncio de Angela me disse tudo o que eu precisava saber. Depois, ela acariciou meu joelho.

— Cesare não foi criado pela mãe. Eu não fui. A maioria das pessoas não é. Isso não nos faz mal algum.

— A maioria das pessoas pelo menos tem permissão de saber quem é a mãe.

— Ah, Lucrezia será condescendente. Agora que ele está bem estabelecido em Carpi e que não há mais... nenhuma possibilidade de a situação dele mudar de novo, não haverá mal nenhum nisso. Será divertido. Podemos ir juntas fazer uma visita, quando meu marido e dom Alberto se encontrarem. Vou lhe dizer uma coisa. Enfiaremos uma ostra estragada na comida da mulher de dom Alberto, e, quando ela morrer, você pode se casar com ele. — Ela estava então radiante, balançando-se para a frente e para trás como uma criança, cheia de empolgação com seu plano. Era uma repetição de Ferrante e Giulio, outro esquema impossível, que lhe dava a ilusão de controle sobre sua vida. A versão doméstica, pensei, com um lânguido divertimento, daquilo que seu falecido primo havia tentado e fracassado com seus exércitos e suas campanhas políticas.



Se não fosse pelas roupas de luto de dona Lucrezia, pela cruz de cinza na sua testa, as feridas no rosto e nas mãos, eu poderia quase acreditar que havia sonhado tudo aquilo, desde o ar solene e constrangido de Fra Raffaello à intensidade abjeta e animalesca do sofrimento de *madonna*. Poderia quase acreditar que ela havia me chamado para dizer que Cesare retornaria à Itália na primavera. Ela já havia passado algum tempo sozinha com Angela naquela manhã, e tinha recebido Agapito, agora secretário do legado papal em Bolonha, mas com quem ela podia compartilhar lembranças íntimas do irmão. Havia poucos na corte dispostos a falar sobre ele. O duque

não via razão para decretar luto oficial, embora tivesse concordado que Ippolito providenciasse uma missa de réquiem na catedral. Eu esperava que houvesse uma música nova para a celebração.

— Eu lhe devo agradecimentos — disse-me dona Lucrezia, enquanto eu fazia uma reverência. Ela estava deitada na cama, por não se sentir forte o bastante para levantar-se. Tinha a seu lado a bolsa de Juanito e também a caixa de filigrana vazia que um dia me encarregara de entregar a Cesare, caso alguma coisa viesse a lhe acontecer.

— Eu não fiz senão a minha obrigação, *madonna*.

— Violante, desde que a conheci, você sempre fez muito mais do que a sua obrigação. E agora vou lhe pedir mais um favor.

Eu me curvei.

— Preciso falar com Giovanni ainda hoje, mais tarde. Ele sabe que Cesare está morto, claro, mas não falei com ele ainda diretamente, nem sei quais são os sentimentos dele sobre o assunto. Ele, como você sabe, gostava muito de Cesare. Também gosta muito de você, e eu gostaria que você nos fizesse companhia durante a conversa que vou ter com ele. Há muita coisa que ele não consegue entender, e temo que isso só agrave seu sofrimento.

— Claro, *madonna*. Farei o que puder para confortá-lo. — Perguntava-me quem poderia confortar Girolamo, se ele precisasse.

— Existe uma coisa que você precisa saber primeiro sobre Giovanni. — Ela fez uma pausa. Umas notas incomuns em seu tom de voz me fizeram olhar para ela. A pele sob seus olhos tinha manchas acinzentadas, e suas pálpebras estavam inchadas e caídas como as de uma mulher muito mais velha. O olhar que ela me lançou parecia nervoso, em parte culpado, em parte desafiador. Com o ar de alguém que havia tomado uma possível decisão imprevidente, continuou: — Giovanni não é filho de meu pai, e sim de Cesare.

— Entendo. — Notei que eu não estava surpresa. Uma imagem flutuou pela superfície de minha memória: Cesare no pátio do Castelo de Sant'Angelo, inclinando-se para beijar a fronte do menino

adormecido antes de o cavaliariço retirá-lo da sela. Uma atitude carinhosa de um pai afetuoso. Supus que *madonna* havia hesitado porque temia, afinal, minha reação ao saber que Girolamo não era o herdeiro de Cesare. Mas não senti raiva. O que havia sobrado para qualquer um dos dois herdar? Talvez eu devesse estar feliz por Girolamo ter sido entregue aos cuidados de dom Alberto, em vez de ter sido levado de um lugar para o outro em Ferrara, sem local certo, como Giovanni.

— Não, minha querida, você não entende. Cesare é o pai dele, e eu sou a mãe.

Eu devia ter saído na mesma hora. Digo a mim mesma que fiquei por pura compaixão por *madonna*, ou pelo mero hábito de esperar ser dispensada, mas foi minha própria fascinação lasciva que me manteve ali.

Você é a judia. É verdade, então, o que dizem. Olhe, Dorotea, olhe. Ela não é a cara da minha ilustre filha?

— Eu sou uma verdadeira idiota, não sou? — Donata. O dom, o presente. Eles viram a oportunidade e a pegaram.

— Não, Violante, você foi enganada por pessoas que são, por força das circunstâncias, muito boas nisso. Percebi meu erro quase de imediato, assim que vi como você se afeiçãoou, de verdade, a Cesare. Tentei fazê-lo parar...

Ah, então isso melhorava muito a situação; se *madonna* havia tentado agir de acordo com sua consciência, ela, pelo menos, estava perdoada.

— Pelo que diz, dá a entender que ele e eu estávamos muito mais errados do que a senhora — eu retruquei, com certo espanto.

— Eu o amo. — A voz de *madonna* se elevou a um histérico trinado e temi por um momento que ela fosse mergulhar de volta no sofrimento que tomara conta dela depois da conversa com Juanito, mas ela se controlou e continuou: — Assim como você. Mais ainda. Não houve um só dia, um momento sequer, em toda a minha vida, que eu não tivesse sido torturada pela culpa, tanto dele como minha. E agora... — Ela fez um movimento amplo com a mão por

todo o quarto: — Aqui estou eu, com todo esse conforto, e ele está, ele está... — As palavras lhe faltaram. Ela estremeceu.

— A senhora disse a ele para me escrever aquela carta, não disse? — perguntei. Porque eu precisava saber, e porque eu também me contrái ao pensar onde Cesare estava agora. Senti um ímpeto irracional de rezar para que ele estivesse certo, para que a religião fosse um mero conto de fadas e para que ele estivesse reduzido a nada, a não ser a carne que se desprendia dos ossos na terra seca e vermelha de Navarra.

Ela fez que sim, com um ar de tristeza.

— Mas ele não quis romper com você totalmente. Talvez seja uma lisonja a nós duas. Cesare sempre deu valor à honestidade. A maioria das pessoas acha essa atitude estranha, e muitos viam isso como uma fraqueza nele. Muitas vezes, ele confiava mais na reputação da honestidade de um homem do que nas provas diante de seus olhos. Acredito que ele valorizava essa qualidade da mesma maneira que valorizamos coisas que não podemos ter. E ele reconheceu e valorizou essa qualidade em você. Eu estou convencida de que ele gostaria que eu lhe contasse tudo isso, ou talvez seja minha incapacidade de guardar para mim mesma todas essas lembranças, todo o meu... amor. Se eu tiver que continuar vivendo, cuidando do meu filho e fazendo planos para ele, preciso saber que existe alguém mais no mundo para me ajudar a carregar esse fardo. E, obviamente, não posso contar ao próprio Giovanni. Ainda não. Provavelmente nunca.

— O que disse já não é suficiente? A senhora me aceitou como parte de sua corte para eu ser um brinquedo para seu irmão. Meu filho, que eu acreditava ser herdeiro dele, não é. Eu sou a única que não sabia do que estava acontecendo? Angela?

— Angela se opôs totalmente ao meu plano desde o início. Ela se tornou sua amiga para protegê-la. Você tem todo o direito de ficar com raiva, e eu não tenho defesa. Simplesmente peço a você, em nome de sua compaixão natural, que me escute.

Mas não foi o fato de ela me enganar que me fez sentir raiva, e sim não ter deixado nada para lamentar. O homem por quem eu

sofria nunca existiu. Eu não confiava em minha capacidade de atender ao pedido dela, então fiquei observando, num furioso silêncio, enquanto ela retirava pilhas de documentos da bolsa de Juanito.

— Você pode ler estes — disse ela, espalhando-os sobre a cama ao seu redor. Balancei a cabeça, ergui as mãos como se quisesse me proteger de um golpe, mas ela empurrou as páginas para cima de mim com pequenos movimentos abruptos e insistentes das mãos.

Alguns haviam sido escritos em pergaminhos bons e limpos, outros, rabiscados sobre palimpsestos com dobras nas pontas. Havia até uns retalhos puídos de linho que pareciam ter sido cortados de lençóis de cama ou mesmo de camisas. A tinta estava desbotada, empalidecida, num tom de ferrugem amarelado que mal dava para enxergar, e menos ainda ler, no crepúsculo artificial do quarto fechado de *madonna*. Como eu havia notado antes, todos aqueles documentos estavam com a letra de Cesare. Vi então que eram cartas, e todas endereçadas da mesma maneira.

Lucia, mi cor, ele havia escrito no cabeçalho de cada uma delas. Lucrezia, Lucia. Era tão óbvio que eu me senti mais tola ainda, e furiosa comigo mesma, por não ter percebido antes. Sua fé em meu poder de curá-lo, os sapatos cortados, a conversa sobre o bezerro, seu beijo delirante sem artifícios, a pura avidez desesperada que tomava conta de mim, quando eu pensava nele, todas as pistas estavam lá, e eu havia tropeçado naquela confusão cegamente como Cupido.



— Você sabe o começo de tudo isso — disse dona Lucrezia, enquanto eu mexia nas cartas sobre a cama com a futilidade de alguém que tenta encontrar uma combinação vitoriosa numa mão ruim de uma partida de baralho. — Minha mãe já lhe contou.

— Sua mãe me disse que acredita que você é um ente sobrenatural e que manteve Cesare vivo com algum propósito malvado de feitiçaria.

— E você tende a concordar com ela. — Ela deu um riso rápido e contido. — Minha mãe só se sente bem com as coisas que ela consegue explicar. Cesare e eu somos... éramos... talvez iguais, mas mantínhamos um pé num dos lados deste mundo e o outro... em algum outro lugar. Às vezes me sinto como se estivesse vivendo num interminável dia das bruxas.

— O que Cesare achava? — Eu quis fazê-la me dizer.

— Ele se lembrou de que teve a impressão, quando me viu pela primeira vez, de que tudo no mundo se moveu um pouco para abrir espaço para mim. E que, quando Juan o afastou do caminho para poder olhar para mim, ele não ficou com raiva, porque aquilo não era mais importante.

— A senhora não acredita que Cesare matou dom Juan, acredita?
— Era o momento para se falar francamente, para verdades inimagináveis.

— Eu sei que ele não matou. Juan foi morto por ordem dos Orsini. A moça com quem Juan ia se encontrar naquela noite, a doce armadilha, se prefere assim, pertencia à família Orsini. O único crime de Cesare foi persuadir papai a suspender a caçada aos assassinos e deixar que ele próprio cuidasse de uma vingança apropriada. Isso o fez parecer culpado.

“E tem mais uma coisa. No batismo de meu filho Rodrigo, meu bebê foi entregue a dom Paolo Orsini para ser levado da basílica para o Santa Maria. Eu estava olhando pela janela, porque ainda não tinha recebido a bênção pós-parto, então não pude assistir à cerimônia. No momento em que foi colocado nos braços de dom Paolo, o menino começou a gritar, e até aquele momento ele tinha sido uma criança de ouro. Isso certamente era um sinal da culpa deles.

“Cesare era bastante capaz de matar, como eu sei por experiência própria... e ele também, mas não havia razão para ele querer que Juan morresse. Pelo contrário, Juan lhe deu a oportunidade de entrar na corte espanhola, desde que ele se comportasse bem. E ele não era um depravado, você sabe, só muito jovem e meio tolo.”

Espantei-me ao ouvi-la fazer uma análise fria do assassinato de dom Juan. Comecei a entender o que *monna* Vannozza viu na filha, e que a fez temê-la.

— Mas eu estou me adiantando. Você precisa parar de fazer perguntas e me deixar contar a história como ela se desenrola. — Ela não deu o menor sinal de estar ciente do efeito que estava causando em mim. — Eu praticamente não tenho lembrança do tempo em que todos vivemos juntos na casa da minha mãe. Eu tinha 6 anos quando fui levada para a casa de tia Adriana, e Cesare e Juan já tinham ido embora fazia muito tempo. Nós nos encontrávamos no Santa Maria para as visitas de papai, mas, como você sabe, só ficávamos por um longo período de tempo juntos no verão, em Caprarola. — Ela pronunciou o nome com carinho, e sua expressão tornou-se mais suave. — Nas noites quentes, costumávamos dormir sobre o telhado e, às vezes, se eu sentia medo ou solidão... as estrelas podem nos fazer sentir sozinhas, não é mesmo, tão distantes e nem um pouco preocupadas conosco... eu me deitava junto a Cesare e me enfiava embaixo das cobertas dele. Nunca junto a Juan, porque ele fazia uma confusão dizendo que estava muito quente ou que eu roubava as roupas de cama dele ou coisa desse tipo. E Gioffre ainda era um bebê. — Ela fez uma pausa e revolveu as cartas espalhadas sobre a cama. Pegou uma e a entregou a mim. — Tome — disse. — Leia. Deixe que ele lhe diga com as próprias palavras.

— Não. Por favor. De qualquer forma, eu não consigo ler seu idioma.

— Consegue, sim, se quiser.

Era como se eu estivesse invadindo o lugar que contivesse o mais profundo segredo e privacidade, embora não de fato; eu fora convidada, e não havia recusado o convite. Comecei a ler.

Na primeira noite que me deram permissão para ir ao convés superior, na viagem para Villa Nueva del Grao, a lua estava cheia. Você se lembra — claro que sim — como dormíamos no telhado de Caprarola, e você se enfiava embaixo das minhas cobertas e me fazia todo tipo de pergunta que lhe passava pela cabeça e

atrapalhava seu sono? Como os morcegos conseguiam enxergar no escuro? Como os planetas sabiam para onde ir? O que ia acontecer com o bezerro de seis pernas? Você podia se casar comigo quando a gente crescesse? Eu suponho que tínhamos, na ocasião, 11 e 6 anos.

Numa noite de lua cheia, lhe expliquei como a lua controla as marés, e você disse que eu era como a lua, e que você era o mar, sempre me seguindo para todos os lugares. E eu não disse nada, porque eu sabia que, na verdade, era o contrário.

Fiquei extasiada mais uma vez. Ao erguer a vista, nossos olhares se cruzaram e ela entendeu o significado de meu olhar instantaneamente.

— Elas são todas assim — disse *madonna*. — Leia esta. — Ela me entregou outra carta.

Começamos muito jovens, você e eu. Éramos como o barro macio para a modelagem. Nossos corpos são o resultado do que cada um fez do outro, moldados suavemente e alisados para se encaixar um no outro com perfeição. E então colocados no forno da vida, formados para sempre para acomodar apenas um ao outro.

Ela recomeçou a falar:

— Tudo começou a mudar quando Cesare foi mandado para a escola. No primeiro verão em que fomos para Caprarola, e ele veio de Perugia, Cesare estava diferente. Mais alto, mais largo, a barba tinha começado a crescer, e ele só queria sair com Juan para fazer o que chamava de “coisas de homem”. Iam caçar e pescar, brincavam com os filhotinhos de cachorros deles e lutavam com touros pequenos como sempre tinham feito, mas também passavam horas pelos cantos folheando certo livro, que Cesare tinha adquirido e que disse ao marido de minha mãe ser um diálogo platônico ilustrando a conduta adequada para rapazes. Não era nada disso, claro, mas era em grego, e o grego de *ser* Giorgio não era muito bom.

“Nós ainda dormíamos sobre o telhado, e eu me enfiava ao lado dele, mas às vezes ele me dava as costas e ficava impaciente com

minha tagarelice. Então, uma noite, minha mão bateu de encontro...”

— Por favor, *madonna*, não faço questão de ouvir todos os detalhes. — Mas não consegui impedi-la de contar. Talvez aquilo fosse uma maneira de reviver aquilo tudo, ou de procurar reparação, ou talvez um pouco das duas coisas.

— Eu fiquei chocada — prosseguiu ela —, mas ele segurou meu pulso e manteve minha mão ali, e então fiquei curiosa. Sempre fui curiosa, sabe? Não é um atributo muito feminino. E aí fiquei contente, porque percebi que, o que quer que eu estivesse fazendo, me dava poder sobre ele. E nunca mais me senti deixada para trás. Isso nos fez voltar ao que éramos, eu e Cesare juntos, e Juan e Gioffre excluídos. E foi assim que ficou, apesar do custo. Perotto, Pantasilea, Djem...

Os dois primeiros nomes não significaram nada para mim; pareciam personagens de uma comédia, mas não Djem. Lembrei-me de Cesare falando sobre suas impressões de Djem, de *madonna* lhe suplicando para parar por causa da dor ao rir com os seios congestionados.

— Djem? — questionei.

— Você sabe que meu pai herdou o príncipe Djem, por assim dizer, quando se tornou papa. E nós, crianças, o visitávamos nos aposentos dele. Ah, Violante, era como se estivéssemos entrando num outro mundo. Talvez fosse por isso que Cesare e eu nos sentíamos tão em casa lá, embora fosse Juan quem Djem mais queria ver. Até o ar. Ele acendia incenso o tempo todo, mas nunca teve aquele cheiro frio e virtuoso que o incenso da igreja tem. Era temperado, quente, como quando se respira sob o sol no deserto de onde Djem veio. E ele não tinha cadeiras, só almofadas espalhadas pelo chão, então nós todos nos sentávamos juntos, o irmão do sultão e nós três, novos-ricos bastardos marranos, comendo doces. Lá na “tenda” de Djem, nós nos sentíamos como verdadeiros ciganos.

“Muito pouco tempo depois, Djem seduziu Juan. Ele costumava vesti-lo com túnicas e turbantes turcos e... tocá-lo. E, porque

estávamos cheios de vinho misturado com extrato de papoula, aquilo era muito engraçado para nós.”

Eu me perguntava se seria por isso que *madonna*, com toda a sua devoção, sempre aceitara as inclinações de Ferrante com tranquilidade.

— Tão engraçado que Cesare e eu os imitávamos, com Cesare fazendo o papel de Djem, e eu, o de Juan. Bom, nessa época Cesar tinha 18 anos. Ele tinha cursado a universidade; era um homem do mundo, mesmo tendo ingressado então no Sacro Colégio e sido forçado a usar uma tonsura. — Ela explodiu em risadinhas contidas. — Deus do céu, como ele detestava aquilo! Ficava o tempo todo deixando o cabelo crescer e recebendo castigo. Seja como for, quanto a mim, havia muitas conversas sobre casamentos, e tia Adriana já tinha me instruído sobre os deveres das esposas, embora eles sejam muito diferentes, eu acho, dos deveres das moças apaixonadas por seus irmãos.

“Então não posso dizer que não sabíamos o que estávamos fazendo, nem que não mergulhamos no mais grave pecado possível, mas parecia... correto. Era o fim inevitável da jornada que tínhamos iniciado ao nascer.”

Djem nos aceitava como éramos, dissera-me Cesare.

— Mas foi por isso que ele mandou matar Djem.

Eu nunca vou perdoar os franceses pelo que fizeram com Djem.

— Cesare? — questionei.

— Ele não morreu de febre, não Djem. Nunca adoecia.

— Mas eu achava que Cesare gostava de Djem.

— Não tanto quanto gostava de mim ou de sua própria reputação.

Tentei me consolar com o pensamento de que pelo menos o corpo dele não mentira, de que o desejo que sentira por mim havia sido real. Então me lembrei de sua pele imaculada, da elegância de sua ossatura e de seu vigor físico, o belo ardil com o qual aquele corpo havia contaminado o meu com sua doença.

— Ele cuidava de tudo — disse *madonna* —, mas nunca conseguiu controlar o ciúme.

Você tinha tanto ciúme de Sancha, ele escrevera em outra página. Você a acusou de ser meu primeiro amor. Ah! Você é meu primeiro, último e único amor, e sabe disso. Você estava só fingindo, não é?

— Ele se recusou a ir ao meu casamento, sabe, meu primeiro casamento com Giovanni Sforza.

Eu era muito jovem naquela época e confundia luxúria com amor, como fazem os jovens. Houve, talvez, um dia em que acreditei que não poderia viver sem Sancha (provavelmente no dia em que ela me deu a veste de veludo branco. Você se lembra?), um dia de alívio e desespero. Mas eu sempre soube que não poderia viver sem você. É uma constante, assim como o Sol que nasce no leste, ou o fato de eu ter cinco dedos em cada mão. Isso é amor, Lucia, e não requer demonstrações de êxtase nem frases bonitas, nem presentes extravagantes. O amor é plano e profundo, como o mar quando ninguém o contempla.

— Ele veio ao meu quarto pela manhã, no Santa Maria, onde minhas damas me vestiam. Fui muito cruel. Não deixei que ele me abraçasse. Eu estava toda coberta de suco de limão, entende, para clarear minha pele, e estava pegajosa. Fiquei ali de combinação colada ao corpo, vendo-o sofrer. Ele disse que tinha me trazido um presente. — Ela pegou a caixa de filigrana com esforço, como se fosse muito pesada. — Não havia nada dentro, a não ser um rolo de pergaminho, amarrado com uma trança de fios de ouro e cobre. Quando o tirei de dentro da caixa, ele disse: “Aí, agora, dentro dessa caixa, está meu coração, vazio sem você.” Com isso, me desfiz em lágrimas e deixei de lado a cena e a faceirice. Eu estava com muito medo de Giovanni, de ir embora, de perder Cesare. Ele me consolou. — Ela deu um riso triste. — A túnica dele ficou coberta de limão...

— Ele disse que a senhora não seria como o bezerro, não disse, que não morreria com a separação? E fez um corte nas solas dos seus sapatos de dança.

— Como você sabe disso?

— Ele falou comigo sinceramente, uma vez, quando estava delirando.

— Eu sinto muito.

— O que estava escrito no pergaminho?

— Ah, nada de mais, só alguns versos de um poeta catalão de quem gostávamos.

Ela ficou em silêncio. Olhei para as cartas espalhadas, as frases emergindo das linhas escritas da mesma forma que, às vezes, as imagens se formam nas nuvens. *Há uma cigana... eu gostaria de colher suas canções do ar e colocá-las entre as cartas para você, como flores... Acordei durante a noite com o gosto de framboesa na língua... Eu queria lhe contar sobre o pôr do sol... a terra queimada da tristeza da despedida... sempre que danço, estou dançando com você.* Eu me perguntava se mais alguém algum dia leria aquelas palavras, e como saberia se eram verdadeiras. Olhei para *madonna*, segurando firme sua caixa vazia, suas mãos sobrepostas sobre ela da mesma maneira que as mãos de uma mulher grávida repousam sobre a barriga volumosa.

— Conte-me sobre Giovanni — pedi.

Ela pestanejou e pareceu confusa, como alguém despertado de repente de um sono profundo. Colocou a caixa de lado.

— Quando descobri que estava grávida, fui para San Sisto. Eu sabia que era de Cesare, e até mesmo um idiota como Sforza teria sido capaz de entender que não era dele se conseguisse contar até nove. Ele e eu estávamos satisfeitos em Pesaro, mas, assim que voltamos para Roma, as coisas se tornaram difíceis. Cesare tinha a desculpa perfeita para nos manter separados, uma vez que era óbvio que, àquela altura, o casamento não servia a nenhum propósito político útil, e papai estava ansioso para providenciar o divórcio. Eu precisava de tempo para pensar, de algum lugar em que pudesse ficar afastada da família. Levei comigo uma das damas, a minha predileta, chamada Pantasilea, e só aceitei me comunicar com a família por meio de mensageiros. Papai costumava mandar Perotto Calderon, porque sabia que eu gostava dele.

“Isso deixou Cesare ainda mais furioso. Ele logo irrompeu no San Sisto, afastando as freiras como uma raposa entre as galinhas e me

acusando de ter um caso com Perotto. Eu o acalmei e o fiz caminhar comigo para uma extremidade do jardim do convento onde eu sabia que não seríamos ouvidos, e contei que estava grávida e que ele era o pai. — Uma luz suave brilhou em seus olhos. — Ele ficou tão alegre, e tão ridiculamente cuidadoso. Arrependeu-se de ter gritado comigo. Estava preocupado por eu ter caminhado uma grande distância e começou a perguntar sobre a comida do convento, as camas duras e um monte de outras coisas tolas. A comida e as camas do San Sisto não eram muito diferentes das que eu estava acostumada no Santa Maria. — Ela me lançou um olhar malicioso. — Irmã Osanna teria se sentido em casa ali. Você sabe que a mandei de volta para Mântua, a velha fraudulenta? Isabella pode ficar com ela. Tenho pensado em colocar Fidelma no Santa Catarina como madre priora, e tornar Fra Raffaello o conselheiro espiritual delas. O que você acha?”

Ela, porém, prosseguiu sem esperar por minha resposta.

— Por um breve momento, naquele canto abandonado, cheio de urtigas e borboletas brancas, Cesare e eu éramos como qualquer outro casal que se amava e que tinha descoberto que esperava o primeiro filho. Fiquei feliz durante toda a gravidez, pensando no pedacinho de amor, naquele segundo mágico de união que se transformara numa vida completa dentro de mim. Era como se eu estivesse protegida por uma carapaça de contentamento, mesmo quando Juan morreu. Cesare chorou ao me dar a notícia; depois ficou furioso consigo mesmo e quebrou um banco. Ele sempre sentiu falta do irmão, eu acho, porque sempre se comparava com ele. Mesmo quando tive de me apresentar diante do Colégio de Cardeais e mentir para eles sobre meu casamento com Sforza, mantive meus olhos fixos nos de Cesare e me forcei a acreditar que não havia ninguém mais na sala, que a minha elegante e curta declaração era, na verdade, um hino de amor ao meu belo irmão.

“Eu tinha mais ou menos a mesma idade que você quando Girolamo nasceu, então, para mim, ver seu filho crescer na sua barriga, estar com você na hora do nascimento dele, foi como reviver aquele tempo. Eu meço todas as minhas alegrias que vieram

depois por essa. Nenhuma jamais chegou perto, e agora nenhuma jamais chegará.”

Fiquei curiosa em relação ao segundo casamento dela, com o duque de Bisceglie, mas me mantive calada, porque sabia que ela chegaria lá. Ela haveria de falar. Enquanto eu aguardava que ela continuasse sua história, peguei outra das cartas de Cesare.

Tenho tentado pensar num momento em que estive realmente feliz, eu li, e tive a estranha sensação de que ele estava guiando minhas ações de qualquer que fosse o lugar em que ele estivesse naquele momento, como uma maneira de levar adiante a conversa de uma vida inteira com sua irmã, do outro lado da morte. Eu esperava encontrá-lo nas lembranças que tinha de você, mas não encontrei. Nada jamais foi simples para nós, não é?

— Abra as venezianas — disse ela —, ou vai estragar sua vista.

Ao seguir a ordem de dona Lucrezia, olhei para fora, para o segmento de jardim visível da janela, as rosas começando a se abrir em botões, pés prateados de alecrim salpicados de pequenas flores azuis e a alameda de videiras onde um dia eu me sentei para ler a única carta de Cesare para mim. A noite caía, aliviando meus olhos cansados e envolvendo o jardim no esquecimento. Uma lua prateada, pálida e fina como uma unha mantinha o fantasma de sua prévia plenitude em seus braços magros, elevando-se bem acima dos muros da cidade num céu cor de água-marinha. Andorinhas davam voltas e mergulhavam por nossa janela oblonga, deslizando sobre o fosso e depois voando de volta para seus abrigos.

— Vai fazer uma noite linda — eu disse.

— Vai? — Ela deu uma batidinha na cama. — Venha e sente-se aqui de novo. Ainda tenho muito a lhe contar antes de mandar buscar Giovanni, e não quero que ele vá dormir muito tarde.

Abrindo espaço para mim uma vez mais entre as cartas, retomei meu lugar ao lado dela, e dona Lucrezia recomeçou a história.

— O tempo se passou e não sabíamos o que íamos fazer quando o bebê nascesse. Cesare foi inteiramente a favor da antiga ideia de que eu tinha tido um caso com Perotto. Eu teria que “confessar” a

papai, e papai providenciaria os cuidados com o menino. Mas eu discordei. Primeiro porque Perotto teria que ser castigado por algo que ele não fez, e segundo, e ainda pior, era o fato de que papai certamente tomaria o bebê de mim. Ele estava totalmente envolvido na ocasião em negociar minha união com Alfonso Bisceglie, e eu deveria ser apresentada de novo como *virgo intacta*. — Ela deu uma risada de triste ironia. — Eu não ia suportar a ideia de perder meu filho, e acho que, no íntimo, Cesare se sentia da mesma maneira, o que pode explicar sua hesitação, embora aquela parecesse a única sugestão viável.

“Então o Destino conspirou a nosso favor, quase como se os deuses tivessem se convencido de que não tínhamos condições de decidir, e percebeu que teria de intervir para nos salvar do desastre. No mesmo dia em que Giovanni nasceu, Giulia Farnese também deu à luz um filho. Aí estava nossa solução. Giulia não estava bem de saúde, e o bebê fora entregue diretamente à ama de leite. Uma boa soma pela cooperação de Perotto e Pantasilea foi o bastante para efetuar a troca, e Giulia permaneceu alheia a tudo. Ou, pelo menos, assim eu achava. Cesare decidiu... que era preciso mais cautela.

“Giovanni foi entregue à ama de leite como planejado, mas Cesare achava que era necessário mais do que dinheiro para comprar o silêncio dos criados. Mandou matar Pantasilea e Perotto e certificou-se de que os corpos fossem encontrados no rio, próximos à Ponte de Sant’Angelo. Uma medida extrema, você poderia dizer. Dessa forma, ele garantiria que a ama compreendesse a mensagem.”

— E o outro bebê?

Ela fez uma pausa antes de responder, depois disse:

— Ouvi dizer que morreu.

Vi, mais uma vez, Cesare subindo até o revelim ao lado da ponte do castelo e despejando o conteúdo da bandeja de prata de *ser Torella* no fosso. Vi seu rosto se voltar para mim e finalmente entendi aquela ausência de expressão. Fui para o lado da lareira, friccionei uma pederneira na pedra e comecei a acender as lâmpadas.

— Então é isso, Violante. Você pode ir buscar Giovanni agora? — Ela começou a juntar as cartas de Cesare e colocá-las de volta na bolsa. Enquanto fazia isso, uma delas caiu no chão e eu me abaixei para apanhá-la.

Você sempre me acusa de eu ter deixado Nepi sem dizer adeus, li na primeira linha antes de devolvê-la a dona Lucrezia.

— *Madonna*, eu ouvi com paciência e grande sofrimento pessoal o que a senhora me contou. Será que me permite lhe fazer uma pergunta?

Ela me olhou como se preferisse recusar, mas, como o irmão, tinha um senso de honra, apesar de peculiar.

— Claro — ela respondeu.

— O que aconteceu em Nepi? Por que a senhora ficou tão abalada com a medida tomada por Cesare contra Urbino?

— Aí são duas perguntas, mas você tem razão de relacionar as duas, e eu vou responder. Teremos que voltar ao ano do Jubileu, quando Cesare finalmente retornou da França. Ele tinha estado fora por mais de um ano. Havíamos nos correspondido, claro, quase diariamente, como sempre fizemos, mas muita coisa aconteceu para nos mudar durante aquele tempo. Descobri em mim mesma, com o duque de Bisceglie, a capacidade de amar e ser feliz fora de meu relacionamento com Cesare, e tive outro bebê para abrandar a dor de ser forçada a ver Giovanni ser criado como filho de outra mulher. Cesare também tinha uma mulher com quem parecia estar satisfeito, e agora uma filha, embora nunca a tivesse visto. Porém, mais do que isso, ele havia começado a construir o Estado dele. E sua reputação.

“Quando nos reencontramos, tentamos voltar ao que éramos antes, mas não funcionou. Eu não tinha mais prazer quando estava com ele, porque me sentia culpada em relação a Alfonso de Bisceglie, e também em relação a Cesare, por tê-lo machucado. Depois da França, ele achava nossos modos tolos e provincianos, disse. Ficava entre nós como um corvo, com aquelas roupas pretas, e nos entediava ao extremo com os planos para a corte dele em

Cesena, assim que fosse estabelecida, e como tudo seria 'francês assim e francês assado'. E, quanto mais ele exaltava as virtudes da França, mais eu me convencida de que ele amava a mulher, e mais eu me apegava a meu marido. O que acha disso? — Ela revirou as cartas dentro da bolsa e retirou uma de lá; fiquei admirada ao ver como ela a distinguia entre todas as outras, como se conhecesse cada traço, cada dobra do pergaminho, da maneira como uma mãe conhece o filho.

Pego-me pensando em Charlotte, embora mal me lembre de como ela é. Sabe como a conquistei? Pelo meu conhecimento do nome de flores silvestres. Até o momento em que deixei a França, bastava eu sussurrar ao ouvido dela o nome italiano de tussilagem ou de malva, e ela se derramava toda sobre mim como um arbusto de rosa-rubra. Eu nunca disse a ela que conheço as flores silvestres porque a presença ou ausência delas indica a natureza do terreno sobre o qual se está marchando. Um político precisa identificar os rostos dos homens; um soldado tem que considerar os lírios do campo.

— Parece muito... verdadeiro, *madonna*.

— Parece. Mas há alguma coisa que me incomoda. Bom, tenho todo o tempo do mundo para pensar sobre isso agora, não tenho? Onde estávamos? Ah, sim. Você sabe, é claro, como tudo se desenrolou entre a nossa família e a dos Aragão? Não foram somente Alfonso e Sancha que irritaram Cesare, mas o fato de a irmã deles, Carlotta, ter se recusado a se casar com ele, e o pai dela não ter feito nada para forçá-la. O orgulho dele não suportou aquilo, mesmo depois de o rei Luís lhe conceder Charlotte, que também era de boa família e bem mais bonita. Ele ficou inconsolável e terrivelmente solitário, ainda que cercado, em todos os lugares, de pessoas que tocavam suas vidas adiante. Ele também vivia a dele, claro, mas tinha muito menos paciência do que o restante de nós. Não conseguia esperar que nada seguisse seu curso normal, procurava apressar tudo.

“De repente, ele achou que meu casamento com Alfonso era um obstáculo à sua aliança com os franceses por causa da concorrente reivindicação deles de Nápoles. Pelo menos foi o que ele disse. Eu

sabia que era ciúme, não só de Alfonso, mas de todos nós e do grupo familiar caloroso, ele acreditava, que formávamos sem ele. Cesare achava que Sancha tinha seduzido papai e estava tentando enfraquecer sua posição.

“Então tudo desabou, literalmente.”

Lembrei-me disto. Durante uma tempestade de verão particularmente violenta, uma chaminé do telhado do Vaticano despencara sobre o teto de uma sala onde o papa estava sentado. Durante várias horas acreditou-se que ele havia morrido, até os guardas conseguirem tirá-lo dos escombros, ileso, exceto por um corte na cabeça.

— Depois disso — continuou *madonna* —, não havia mais argumentos com Cesare. Era como se ele tivesse um único pensamento em sua mente, que era a necessidade de garantir seu futuro enquanto nosso pai ainda estava vivo. O papa tinha 70 anos na época. Tudo podia acontecer. Cesare nem sequer se preocupava mais em discutir os planos dele comigo. Não procurou mais a minha companhia por motivo algum. Dormia com aquela prostituta dele, La Fiammetta, e costumava dizer que fazia isso porque era mais fácil pagar do que despender esforço atraindo as mulheres para a cama. Para mim, não foi surpresa ele ter mandado Michelotto matar Alfonso, mas fiquei horrorizada com a insensibilidade dele e apavorada com sua falta de escrúpulos.

“Dizem que eu fui para Nepi para suportar a tristeza causada pela perda do meu marido, e fui mesmo, mas era mais complicado do que isso. Eu estava sofrendo pela perda de dois amores, Cesare e Alfonso. E eu precisava pensar. Era óbvio que não podia mais contar com Cesare em relação ao meu futuro, por causa do ciúme dele, mas o meu futuro era vital para o dele, e para o de nosso filho. Pensando em Giovanni, eu tive uma espécie de epifania, por assim dizer. Você conhece Heráclito?”

Fiz que sim com a cabeça. Já ouvira falar dele, certamente, mas conhecia pouco de sua filosofia.

— Ele era o grande favorito de Cesare. “A natureza gosta de esconder-se”, ele afirmou; isso poderia ter sido escrito por meu

irmão. Ele também fala de um *logos* que dá ordem ao caos, mas poucos são os que o compreendem. Bom, em Nepi, por um segundo filosófico, eu o compreendi. Vi o que tínhamos que fazer com absoluta clareza. Escrevi duas cartas; uma para Cesare, suplicando-lhe que viesse me ver em Nepi e me pedir perdão, pois eu achava que meu sofrimento era tão grande que temia não sobreviver. Ele não era o único que podia dizer belas mentiras, entende, ou torná-las plausíveis.

“A outra carta foi para Ercole d’Este, me oferecendo como esposa para seu filho, dom Alfonso. Eu sei. Uma coragem assustadora, mas eu sabia que meu pai já tinha tentado algumas negociações com ele, e as chances eram bem altas para mim. E para Giovanni. Meu pai estava velho e debilitado por causa do acidente, e meu irmão encontrava-se aparentemente enlouquecido pelo ciúme que tinha de mim, mesmo que o resto da vida dele fizesse sentido. Em quem mais eu poderia confiar, senão em mim mesma? E um casamento com alguém de uma família tão distinta como a dos Este me daria segurança e me integraria à sociedade. A despeito de Cesare, aquela era a melhor maneira que se apresentava a mim para garantir o futuro de Giovanni.”

Fomos interrompidas por um discreto toque na porta.

— O que é? — apressou-se *madonna* em perguntar.

— O cardeal mandou saber se a senhora vai jantar com ele hoje à noite — respondeu uma voz desconhecida.

— Por favor, agradeça ao cardeal e diga a ele que não estou me sentindo muito bem. Jantarei no meu quarto.

Aguardamos em silêncio enquanto os passos suaves se distanciavam.

— Essa é uma conversa que eu não gostaria que fosse ouvida por mais ninguém — disse *madonna*.

— Eu gostaria de ter visto a cara do duque Ercole quando ele recebeu a carta da senhora.

— A resposta dele foi rápida e cortês. Na carta, eu tinha dado detalhes da minha religião, do meu interesse nos estigmas de Cristo,

e também lembrei a ele que eu provara minha capacidade de ter um filho saudável — dona Lucrezia deu um riso irônico — e de administrar minha propriedade. Ah, talvez eu tenha mencionado as ambições territoriais de meu irmão e os sucessos militares recentes dele. Dom Alfonso não teve outro jeito senão escutar o que eu tinha a dizer.

— E Cesare?

— Ele veio até mim, como você sabe. Estava a caminho de se unir às suas tropas para uma campanha de outono e passou uma noite comigo. Sim — disse ela, interceptando meu olhar —, uma noite. É estranho como as pessoas reservadas são também histriônicas. Ele entrou no salão do meu castelo usando uma armadura completa, com a cabeça descoberta, parecendo para o mundo todo uma figura de romance de cavalaria, e, sem dizer uma palavra, caiu de joelhos a meus pés e beijou a barra do meu vestido. Você sabe, Violante — a voz dela parecia remota —, eu me pergunto várias vezes se esse foi o último som que ele ouviu.

— Qual?

— O choque da armadura quando ele caiu do cavalo. E se isso o fez lembrar, se ele estava pensando... bom, não importa, isso é pura especulação. Uma parte de mim sabia que aquilo era uma encenação. Era óbvio que ele não tinha vindo a cavalo de Roma com a armadura completa. Deve ter parado um pouco antes de Nepi para vesti-la. Mas a outra parte, a parte que era dele, não conseguia pensar em nada a não ser que ele estava ali, sozinho comigo, com o lindo cabelo solto banhando meus pés como um lago de fogo. Eu me ajoelhei e o abracei por um momento que poderia ter nos custado tudo; eu acreditava que seríamos capazes de permanecer daquela forma para sempre, trancados no velho forte, escondidos do mundo, vivendo de amor.

De repente, fui assaltada por um desejo estranho de tomar as mãos dela nas minhas, para mostrar-lhe que não era apenas a aparência física que tínhamos em comum, mas também nossos sonhos desenfreados.

— Levei-o para o meu próprio quarto e ajudei-o, eu mesma, a tirar a armadura. Assim não seríamos perturbados. Ele pensou... o que os homens sempre pensam, mas eu disse que não, que tinha coisas importantes a dizer a ele. Ele tentou desviar a conversa, insistiu que queria um banho, me disse que eu podia falar com ele enquanto se banhava e que eu podia lavar seu cabelo, porque sempre o lavava melhor do que qualquer outra pessoa. A banheira foi cheia. Ele se despiu diante de mim como se fosse uma prostituta e eu o cliente, e a beleza dele ali, à luz da lareira e no vapor da água, quase partiu meu coração. Como ele sabia que aconteceria.

“Mas, daquela vez, ele me subestimou. Então esperou o momento propício e tomou o banho docilmente; eu lavei o cabelo dele e disse o que pretendia quando o chamei ali. Que ele tinha ido longe demais matando Alfonso de Bisceglie e que, por mais que nos amássemos, não deveríamos mais nos permitir ser levados pela paixão. Porque tínhamos que pensar em Giovanni, sempre Giovanni.

“Eu disse que sabia que ele e papai tinham discutido a possibilidade de me casar com Alfonso d’Este, e que por isso eu tinha escrito para o duque, garantindo que ele teria em mim uma nora piedosa e fiel, que sempre colocaria a vontade do marido antes da vontade do próprio pai e do irmão. Na carta, eu havia sugerido que minha presença em Ferrara impediria qualquer plano que meu irmão pudesse ter em relação àquele Estado, pois certamente Ferrara se tornaria aliado dele nessas circunstâncias. Disse também a Cesare que ele deveria continuar construindo o Estado dele e que minha presença em Ferrara lhe garantiria o limite norte e manteria Veneza fora dos seus planos até que ele fosse forte o suficiente para tomá-la. Um dia, eu disse, nosso filho seria o rei da Itália.

“Cesare começou a tremer. Segurei uma toalha enquanto ele saía do banho e o envolvi com ela, como se ele fosse uma criança. Disse a mim mesma que sentir o corpo dele sob a toalha não significava nada para mim. Tentei tornar meu coração tão duro quanto as antigas pedras que nos abrigavam, mas fracassei. Eu tinha intenção de fazê-lo partir imediatamente, mas não consegui resistir a ele com

a pele limpa e cheirando a sabão. Então nós dois... e depois escovei o cabelo dele enquanto secava ao lado da lareira e a noite avançava.

“Quando acordei, na manhã seguinte, ele já não estava mais lá, então vi que ele havia compreendido. Que aquela tinha sido nossa última vez. Dali em diante, não poderíamos mais pensar em nós mesmos, somente em Giovanni e no Estado que construiríamos para o nosso filho.

“Agora você entende por que fiquei tão furiosa em relação a Urbino? Foi uma decisão temerária; punha em risco aquilo que nos fizera desistir de tanta coisa. Traía o nosso amor. Zombava de tudo o que eu tinha sacrificado por ele.”

Olhei para ela. Já não sabia mais o que pensar. Havia algo de pilhéria cósmica na revelação de que o grande Valentino, flagelo tanto dos tiranos da Itália como das mulheres italianas, entregara seu coração e sua completa submissão à irmãzinha. Ao mesmo tempo, o poder que ela exercia sobre ele deixava-me fascinada. Mexi nas cartas, sem saber se deveria me sentir honrada pela confiança de dona Lucrezia ou ofendida por sua total desconsideração aos meus próprios sentimentos.

Peguei um quadrado áspero do que parecia ser roupa de cama, no qual estavam escritas, numa tinta manchada da cor de barro de tijolos, as palavras que me fizeram tomar uma decisão: *Pio me disse que Girolamo mostra vigor e uma brilhante inteligência. Mantenha-o por perto, Lucia, e não deixe que ele esqueça que Giovanni é meu herdeiro.* Meu filho era tudo que me restava agora, tudo que era feito de Cesare e de mim e do que havia existido entre nós, só nós dois, sem a mediação nem a manipulação de dona Lucrezia. Por que ele deveria, como eu, passar a vida em segundo plano, sempre como o segundo melhor? Eu o tomaria de dom Alberto e iria embora para bem longe, onde o nome Borgia não significasse coisa alguma. Angela me ajudaria, e no final dona Lucrezia veria que havia sido melhor assim. Garantiria que Giovanni não teria um rival na herança do pai.

Encontrei Angela em nosso antigo quarto com sua criada, fazendo as malas para seu retorno a Sassuolo. Quando entrei, ela virou-se

para mim, segurando o corpete preto e branco que eu havia trazido de Nepi contra o tórax.

— Querida, posso levar este? Ficaria tão bem se... — As palavras morreram em seus lábios quando ela viu meu rosto. Dispensando a criada, Angela disse: — Você já sabe, não é? Ela lhe contou. Eu gostaria de saber se ela iria... agora. Venha, sente-se aqui. Isso é terrível para você.

Afastei a mão que segurava a manga do meu vestido.

— Não tenho tempo. Ela está esperando que eu busque Giovanni antes da hora de ele ir para a cama.

Angela ficou estarrecida, seu rosto pálido e angular à luz da vela que ainda tremulava um pouco por causa da corrente de ar que entrara no quarto com a minha chegada. Desviei o olhar para os baús abertos e caixas espalhadas pelo quarto e o vazio subjacente.

— Ela não vai contar a ele, vai?

— Claro que não. Ele é só mais uma desculpa para ela continuar a falar sobre Cesare.

— Você está abalada. Fique um pouco mais. Tenho certeza de que Giovanni pode ir dormir mais tarde, diante das circunstâncias.

— Ah, pare com essa bondade. É um pouco tarde para isso agora. Você sabia sobre... eles, Cesare e... — Eu não conseguia relacionar os nomes deles em voz alta. — Todo o tempo. Por que não me contou? Que tipo de amiga é você? — A imagem de Giulio, seus cabelos brilhantes esvoaçando sobre o rosto marcado de cicatrizes, parecia me dar a resposta.

— Eu tentei — gritou ela —, tentei mil vezes, mas você não quis escutar. Você era tão cega quanto aquele cão velho desprezível de Cesare em relação a tudo que dizia respeito a ele.

— Bom, estou escutando agora. Ajude-me a pegar Girolamo de volta. Diga como fazer isso, e eu nunca mais perturbarei você.

Foi o mesmo que ter pedido a ela para roubar as joias de *madonna* ou seduzir dom Alfonso.

— Ela mataria você antes de lhe entregar o menino. É impossível. Você acha que, só porque Cesare está morto, ela vai desistir das

ambições que tem para ele? Ela agora vai manter esses dois meninos mais perto dela do que antes. Sua única esperança de ver Girolamo é continuar aqui como se nada tivesse acontecido.

— Não. Como eu poderia? Eu vou tirá-lo de lá. De qualquer forma, é em Giovanni que ela está interessada. Girolamo e eu podemos simplesmente... desaparecer. — Pensei na carta de Gideon, e de repente entendi por que eu a guardara apesar da insolência dele, apesar dos riscos. — Eu sei como. Tenho um plano.

Angela fez uma grande encenação cobrindo os ouvidos com as mãos.

— Não me conte. Eu realmente não posso fazer parte disso.

— Não, claro que não. Nunca pôde. Faça uma boa viagem. Eu provavelmente dormirei no quarto das crianças hoje, então acho que não verei você antes de seu retorno a Sassuolo.

Siga o amor. Mesmo que o caminho o leve a negociações, segredos e mentiras vis. Entretanto, como é possível ir além do ponto no qual se deixa de ser uma pessoa para quem o amor significa algo na vida? O que Mariam nunca entendeu, vivendo pobremente nas dependências de empregados com seu chão de terra e sua mobília pobre, foi que o amor requer que se seja honesto consigo mesmo em primeiro lugar.

Cachiquin, no Dia da Expição, 5281

Hoje pela manhã meus captores finalmente decidiram que era seguro me desacorrentar. Estive preso à parede pelos pulsos e tornozelos desde que fui trazido para cá — cinco ou seis dias, eu acho. Evitei enlouquecer de dor e inércia pensando no Natal que passei em Cesena, quando eu era muito cheio de vida e visitava, incógnito, vilarejos em torno da montanha, lutando, dançando, bebendo demais aquelas bebidas assustadoras e fodendo as mulheres gordas de lá. Eu era feliz, Lucia, feliz e sem preocupações. Sabe por quê? Porque ninguém sabia quem eu era.

Há pouca coisa mais a dizer agora sobre o tempo e os diversos serviços que prestei a dona Lucrezia Borgia, duquesa de Ferrara. Minha vida desde que deixei a Itália é parte de outra história, na qual eu não sou nem mãe, nem filha de ninguém, não sou criada, nem concubina, nem substituta, e sim eu mesma. Não há lugar para máscaras e falsidades nessa história, então não a contarei aqui.



Uma missa de réquiem foi celebrada para o mais nobre e ilustre duque da Romanha e de Valentinois, senhor feudal da França, na catedral de Ferrara, numa quarta-feira do mês de maio. A família Este, precedida por seu clero e seguida por suas cortes, atravessou a praça sob uma luz solar brilhante, que já carregava consigo a ferocidade do verão. Todos usavam luto fechado, e flâmulas pretas haviam sido penduradas diante das casas; até o velho Borso e o corno Niccolo usavam fitas pretas. As lojas estavam fechadas; o toque fúnebre do sino soou no campanário de Alberti e alguns

habitantes locais ficaram parados, num silêncio cético e resignado. Se não fosse pela tristeza profunda da irmã, seu rosto arranhado, suas mãos escondidas por trás das luvas e seu véu pesado, Cesare teria gargalhado diante daquilo.

Dona Lucrezia havia insistido para que os filhos de seu irmão assistissem à missa, então Camilla estava lá com duas irmãs do Corpus Domini, seu rosto oval pequeno e sério, os cabelos ruivos ocultos por um véu branco de noiva. Dom Alberto Pio e a mulher haviam trazido Girolamo pessoalmente, em vez de confiá-lo aos tutores, e o menino, sentado no banco entre os dois, mantinha um ar circunspecto enquanto todo o tempo fazia cócegas na filha mais velha de dom Alberto, e ela se esquivava ao lado dele numa alegria aflita. Eu garantira um lugar para mim de onde pudesse observá-lo e refletir, não sobre o pai dele, que era parte de meu passado, mas sobre o futuro, que começaria no momento em que aquela missa terminasse e emergíssemos novamente para a luz.

Logo que *madonna* me disse que Girolamo viria a Ferrara para a missa, fiz meus planos. Eu havia descoberto o paradeiro de Gideon por meio de Fidelma e lhe escrevera, embora duvidasse de que ele recebesse minha carta antes que meu filho e eu chegássemos à costa da Nova Espanha. Eu havia reservado passagem anonimamente a partir de Veneza, através de pessoas envolvidas no negócio de minha família. Enviara toda a pequena bagagem que pretendia levar comigo para a minha nova vida e providenciara cavalos de posta para uma viagem rápida a Veneza. Tudo isso havia sido feito sem atrair a mínima suspeita; não fora à toa que eu havia sido amante de Valentino. Tudo o que restava era esperar pela oportunidade de ter de novo meu filho e levá-lo embora de Ferrara antes que alguém notasse seu desaparecimento. O Corte Vecchio e o castelo estavam em seu caos habitual, causado pelos hóspedes que haviam chegado e que lutavam por espaço e precedência, perdendo-se pelos corredores e passagens lotados de pessoas. Estava pior do que nunca, agora que a Torre Leone encontrava-se sem uso e o duque Alfonso dera o espaçoso palácio de dom Giulio a seu predileto, Niccolo da Corregio. Eu não tinha dúvidas de que

minha oportunidade se apresentaria rapidamente, desde que eu permanecesse alerta.

Assim que a congregação ficou em silêncio para ouvir o discurso laudatório de Ippolito, a filha de dom Alberto retaliou e chutou a canela de Girolamo. Ele deu um grito de dor e puxou os cabelos da menina. Quando Ippolito pigarreou e mexeu em seus papéis, e os adultos lançaram olhares que variavam entre divertimento e desaprovação às duas crianças, a mulher de dom Alberto inclinou-se sobre eles e os repreendeu com suavidade. Eu a vi sorrir para a filha e alisar os cachos de Girolamo. Ele aproximou-se dela e recostou a cabeça na lateral de seu corpo, seu rostinho encaixado na curva da cintura da mulher. Ela continuou a alisar-lhe os cabelos, e em poucos segundos ele fechou os olhos e adormeceu, fazendo biquinho com ar de satisfação.

Ippolito recomeçou a falar, e, em suas frases elegantes e sem sentido, no silêncio de quem ouvia, mas não escutava, no qual o público se perguntava quanto tempo mais aquilo demoraria e o que eles teriam para o jantar depois da missa, ouvi um estalo em meu coração. Soou alto para mim, alto como o gelo quebrando ou o vidro derretendo, então achei melhor deixar a catedral antes que se partisse completamente e distraísse a congregação. Ou acordasse meu filho. Eu não tinha intenção de correr. Sabia que seria uma atitude desrespeitosa, porém menos agressiva, sem dúvida, do que me desfazer em pedaços diante das grandes damas e cavalheiros, intelectuais e comerciantes, membros reunidos de uma sociedade à qual eu não pertencia, nunca pertencera, embora Girolamo, sim. Dona Lucrezia se certificara disso.



Embarquei em Veneza sem nada na mente, a não ser um turbilhão de lembranças fragmentadas, lançadas fora do navio naufragado de meu coração. Durante vários dias passei mal, mareada, torturada pelo perfume de laranjas e o olhar cego da Madona dos Estrangeiros, pelas jaulas que se transformavam em cestas de comida, pele negra e pão branco, ossos brancos

sedimentados na lama preta, olhos escuros e dentes claros, e rios vermelhos feitos de cabelos. Creio que desejei morrer.

A Morte, no entanto, é perversa; raramente chega quando se deseja. Eu me recuperei; readquiri a capacidade de andar pelo convés e passei a me concentrar em como viveria, uma mulher sozinha num mundo novo, primitivo, cuja novidade tornava tudo possível. Um mundo sem regras, que não aprendera ainda suas limitações. Quando, durante a viagem, fizemos uma parada nos Açores, um dos nossos oficiais mais jovens recebeu a notícia de que sua mulher havia dado à luz seu primeiro filho. Ele queria lhe enviar uma carta, mas não tinha escolaridade suficiente para escrever o que gostaria de expressar. Perguntou se eu poderia ajudá-lo; as outras mulheres a bordo eram apenas a esposa do comandante, a quem ele não se atrevia a pedir, e as que viviam abaixo do convés e cuidavam da lavagem das roupas e de outros serviços para a tripulação, que não incluíam escrever cartas para suas esposas. Seus sentimentos, ele achava, eram delicados demais para serem compartilhados com qualquer outro homem.

Ajudei-o. Descobri em mim uma certa habilidade em ordenar e expressar os sentimentos de outras pessoas, e, de qualquer forma, eu sabia muito sobre cartas e o poder das palavras escritas. Quando atracamos em Villa Rica, eu já havia adquirido uma boa reputação entre os companheiros de bordo. Aluguei um quarto numa casa movimentada, parte taberna, parte pensão, parte prostíbulo, por trás da praça principal da cidade, e, com o dinheiro que me sobrara depois de pagar o aluguel de um mês, comprei penas e canivetes, um recipiente, uma boa quantidade de tinta e uns pergaminhos novos. O irmão de minha senhoria fez um cartaz para mim, uma pena de escrever vistosa e flutuante pintada num pedaço de madeira prateada, e o pendurou numa árvore de prosópis que sombreava um pedaço de terra vermelha que minha senhoria cercara e chamava de "seu terraço". Lá eu me sentava, pela manhã e à tardinha, a uma mesa instável, apoiada com pedras, e escrevia cartas de outras pessoas, em troca de dinheiro. Minha senhoria levava seus dez por cento e exultava pela aura de respeitabilidade

que eu conferia à sua casa, como as flores estranhas, brilhantes e rústicas que cresciam no mato ao redor de nós. Quando viu que eu não estava disposta a dar muita informação sobre meu passado, ela pediu ao irmão para acrescentar um desenho grosseiro do brasão dos Este ao meu cartaz.

Acredito que tenha sido isso que fez Gideon me achar. As filas se formavam rapidamente. Algumas vezes, eu já tinha diversos clientes esperando por mim enquanto arrumava meus instrumentos de trabalho à luz aprazível e enganosa das primeiras horas da manhã, sob a sombra azulada e firme da prosópis. Eles me pediam para escrever pedidos de dinheiro ou de notícias de casa, propostas de casamento, relatos de sucessos ou de fracassos, cartas cheias de paixão ou gélidas com uma recusa. A luz incidia sobre a vida de meus clientes da mesma maneira que atravessava o telhado feito de folhas de palmeiras, em forma de manchas e lâminas, cercada de sombra. Eu escrevia orações em pequenos pedaços de pergaminho para serem deixados bem-enrolados nas fendas de pedras sagradas ou nas igrejas, cujas portas apresentavam rachaduras devido ao ar salgado e quente. Escrevia em espanhol, latim, italiano ou francês com a mesma facilidade, como se a liberdade do novo mundo tivesse soltado a minha língua.

As melhores, no entanto, eram minhas cartas de amor. Adquiri fama pela habilidade em moldar os anseios das pessoas enamoradas a frases elegantes e cheias de paixão. Claro, muitas daquelas frases não eram minhas. *Chorei tanto que pareço um homem com cegueira causada pela neve. Eu lhe suplico que beije meus olhos para aliviá-los uma última vez com o bálsamo de seus lábios.* Se a frase fosse minha, duvido que tivesse me lembrado dela. Quando acrescentei o floreio final à ponta do "s", levantei a vista e sorri. Porque eu sabia que o homem que havia chorado naquela noite em Nepi não tivera ninguém para lhe beijar os olhos, e eu esperava que o jovem amante à minha frente, com o futuro resplandecendo em suas faces rosadas, tivesse mais sorte. Meu cliente fez uma reverência diante de mim, e ali, atrás dele, elevando-se sobre aquele corpo baixo e entroncado, estava Gideon, vestido como um nativo, de túnica

branca de algodão, com um cinto entrançado de cores vivas como as de um papagaio. Esperei enquanto meu cliente colocava sua marca sobre a carta e entregava o dinheiro. Gideon observava enquanto eu separava os dez por cento da senhoria e embolsava o restante.

— Eu estava aguardando notícias suas — disse ele, colocando a carta que eu lhe enviara de Ferrara sobre a mesa —, então alguém me contou que havia uma redatora de cartas em Villa Rica. Algo a ser visto, pensei. Já notou como se pode vir para um mundo inteiramente novo, e ele ainda ser dominado pelo mesmo ciclo repetitivo do antigo? Eu, esperando, e você, fugindo de mim?

Fiquei decepcionada. Aquilo não soava como o homem que me escrevera sobre a importância de esperar com um coração aberto.

— Meus planos não deram certo — eu disse a ele.

Ele puxou um banco e sentou-se à minha frente para que eu fosse forçada a olhar para seu rosto. Embora ele sorrisse e seu olhar fosse terno, era uma ternura cansada, uma chama antiga. As costas de suas mãos estavam cheias de queimaduras em vários estágios de cicatrização.

— Esperei durante um mês por você em Óstia — disse ele, apoiando os cotovelos sobre a mesa —, depois que se espalhou a notícia de que Valentino estava morto. Pensei que isso pudesse fazer você mudar de ideia. — Uma mulher indígena de vestido espanhol, seu rosto largo emoldurado por uma mantilha elaborada, começou a arrastar os pés e a suspirar com impaciência por sobre os ombros de Gideon.

— Fechado até a tardinha — eu disse —, até o sol estar ali. — Apontei para a torre do sino da Igreja da Verdadeira Cruz. A mulher retirou-se, resmungando em sua própria língua, algo que fez Gideon rir.

— Então você entende a língua deles.

— Você também poderia entender, se tentasse. Ela fala a língua dos totonacas. Eu moro em Cachiquin agora, que é de onde eles são.

— E de que ela me chamou?

— É melhor não saber.

Dei de ombros. Eu estava trabalhando desde o amanhecer. Meus olhos ardiam e meus ombros doíam das horas que eu passava debruçada sobre os desejos das pessoas. Eu queria comer e depois dormir sem sonhar, até o calor da tarde desaparecer. Não estava com espírito para brincadeiras.

— Então eu tinha razão — disse Gideon.

— Razão?

— Valentino morreu e você veio para cá. Enfim. Seu filho está com você?

Fiz que não com a cabeça. Temia o triste sabor do nome de Girolamo em minha boca. Gideon inclinou-se sobre a mesa e colocou a enorme mão, magra e cheia de cicatrizes, sobre a minha.

— Vamos sair para comer em algum lugar.

— Eu posso comer aqui. É de graça.

— Eu tenho dinheiro — disse ele. — Bastante, na verdade. — Vendo-me erguer a vista para sua veste, a túnica indígena e o chapéu de palha velho que estava sobre seu colo, acrescentou: — Eu me visto de acordo com o clima. Se eu tivesse certeza de que iria encontrar você hoje, teria me arrumado melhor.

Notei que ele não usava mais o ornamento de ouro que me mostrara no dia em que me levou para pescar.

— Alguma coisa mudou, Gideon. Onde está a corrente do seu pescoço? O que aconteceu?

Ele deu de ombros.

— Descobri que valores antigos e mundos novos não se misturam.

Ele me levou para um lugar perto das docas, simples e barato, mas famoso pelo ensopado de peixe e o bom vinho que o proprietário conseguia pilhar do depósito ao lado, pertencente a um genovês que fizera uma fortuna com baunilha. Gideon me disse que também cultivava e comercializava a especiaria em menores proporções, embora dependesse mais da fabricação e do conserto

de prateleiras de arame sobre as quais as vagens delicadas eram espalhadas para secar.

— Daí as queimaduras — eu disse.

— Daí as queimaduras. Logo que cheguei aqui, eu pensava que a ourivesaria seria fácil. Afinal, esta terra é literalmente pavimentada com ouro e prata, ou, pelo menos, cheia de veios. Mas os indígenas acreditam que o ouro é um metal sagrado. Somente os padres deles têm permissão para trabalhá-lo, ou seus ourives são padres. Nunca consegui saber ao certo. E eu... não gosto da maneira como os espanhóis conduzem as coisas. — Por um momento, sua expressão ficou sombria, deixando transparecer uma raiva contida. — Tirei meu amuleto e o derreti. E ele terminou se tornando parte de uma bobagem sem sentido que eu fiz para a namorada de um marinheiro. A quantidade de sangue que tem sido derramado aqui por causa do ouro não o torna precioso; torna-o vergonhoso. — Então ele se animou. — Baunilha é bem melhor, porque, na verdade, você não cultiva, só espera que as vagens floresçam nas árvores. Xanat diz que Deus só dá as flores pretas às pessoas com coração sincero.

— Interessante. Quem é Xanat? — Ele não precisou responder; pude ver por seu olhar evasivo e pela maneira como engoliu a saliva, como se fosse melhor não expressar a resposta que ele havia preparado.

— Ah — exclamei. — E ela tem um coração sincero?

— Mantemos um bom relacionamento — disse ele.



No dia seguinte, ele voltou e esperou no fim da fila de clientes, segurando o chapéu sobre o peito.

— Case comigo, Esther — disse ele, logo que o último cliente foi embora. — Não preguei olhos a noite toda. Discuti minha situação em detalhes com as mariposas, os mosquitos e com um lagarto bem grande, e todos eles me disseram que encontrar você de novo assim

foi obra da providência divina e me persuadiram a passar minhas melhores vestes.

Eu ri. Os músculos de meu rosto pareciam tensos, e eu me perguntava quando tinha rido pela última vez.

— Não me provoque — eu disse, em tom de comando. — Isso é sério.

— Tarde demais, então.

— E Xanat?

Ele deu de ombros.

— Ela é uma nativa. Os costumes deles são diferentes.

Minhas lembranças me trouxeram à tona um quadro, Judite com a cabeça de Holofernes numa cesta carregada por uma escrava negra.

— É exatamente a maneira como as pessoas falam sobre os judeus, Gideon, como se nós também fôssemos pessoas sem sentimentos. Pensei que você tinha dito que havia abandonado os antigos valores. Xanat é uma mulher. Não há diferença entre mim e ela.

— E por que você está aqui, então, se não para me procurar?

Eu não podia dizer a ele. Mesmo agora que dona Lucrezia está morta, não posso dizer a ele, nem a ninguém. Rezo para que as cartas tenham sido destruídas.

— Quando eu era criança, tínhamos uma empregada chamada Mariam. Uma vez, quando cheguei a uma espécie de encruzilhada na minha vida, ela me disse que o conselho que tinha para mim era que eu seguisse o amor. Na ocasião, eu não tinha certeza de que ela soubesse do que estava falando, porém, mais tarde descobri que ela sabia. Tentei seguir o conselho dela. Eu estava tentando, quando vim para cá, e estou tentando agora. Desculpe, Gideon, essa é a melhor explicação que posso lhe dar.

— Então case comigo. Siga meu amor.

— Não é assim que funciona. Eu tenho que seguir a mim mesma, e acho realmente que você não gostaria de ir para onde a vida está me levando. — Peguei minha pena, mergulhei a ponta num copo de

água para limpá-la, e então a coloquei de lado. — Há mais uma coisa que você precisa saber sobre mim e Cesare Borgia, algo que você não ficou sabendo por dom Giulio. Ele me deu meu filho, mas me deu também o mal-francês. — Enquanto Cesare era vivo, eu segui acreditando nos comprimidos de *ser* Torella, mas sua morte me fizera perder toda a esperança, sentimento contra o qual ele me admoestara. Ele tinha razão; a esperança é ilusória. Mais cedo ou mais tarde, ainda que eu conseguisse evitar uma mordida de cobra, ou a febre que deixa a pele amarela ou a que escurece a urina, eu morreria do mal-francês. — Ele era um homem muito ciumento, sabe. Gostava de deixar a marca dele nas amantes.

— É você que eu amo, Esther. A doença não é você.



Ele tinha razão, mas é uma máscara que uso, uma maneira conveniente de esconder meus sentimentos. Eu vim para Cachiquin quando minha saúde começou a se deteriorar, mas não para me casar com Gideon. Encontrei um pouco de paz vendo-o envelhecer junto a Xanat, entrelaçados como uma árvore e uma trepadeira. Eu lhe disse que viveria com ele como irmã, e vivo. Sou uma tia que cuida bem de seus filhos, às vezes mimando-os, às vezes repreendendo-os. Fiz o parto de todos eles e enterrei dois. Cozinho e faço a limpeza, costuro junto a Xanat e às vezes ainda escrevo cartas para outras pessoas. Não há ninguém para quem eu mesma possa escrever, ninguém que saiba exatamente o que a palavra “irmã” significa para mim.



Chego, então, ao fim. Ergo a vista cansada da página e olho através da porta aberta para nosso quintal de terra batida, nossas galinhas e cabras, e para a oficina de Gideon, onde ele constrói as prateleiras de secagem, feitas de fios do aço de Toledo. Vejo rastros de fumaça azulada deslizando diante de meus olhos e, no fundo, a floresta, suas árvores desprovidas dos galhos mais baixos e

entrelaçadas com trepadeiras, seu perfume exótico misturando-se ao cheiro familiar do aço quente. Gideon diz que o amor é um fardo pesado. Penso em meus pais, em Mariam, em Angela e Giulio, em Cesare e sua Lucia, e em dois rapazes criados em Ferrara que não conhecem suas mães, e percebo que ficaria contente em pôr esse fardo de lado.

Meu olhar é atraído para a laranjeira, com duas promissoras laranjas verdes e suas vistosas e brilhantes folhas reluzindo em contraste com a escuridão da floresta de baunilha. Tenho curiosidade de saber se meu filho anda pelo jardim de laranjeiras quando vai a Ferrara, ou se ele se senta sob a arcada onde foi concebido. Quando comecei, acreditava estar escrevendo este relato para mim mesma, mas agora percebo que sempre foi para ele, o menino de olhos negros e sorriso inteligente, com seu rio de cabelos vermelhos, o menino que amei e deixei para trás.

Finis

Esta é uma obra de ficção, um entrelaçamento de pessoas imaginárias e de vidas imaginadas de figuras históricas. Não pretende ter nenhuma exatidão histórica.

Uma judia convertida chamada La Violante estava entre as mulheres que acompanharam Lucrezia Borgia a Ferrara. Cesare teve um filho chamado Girolamo, cuja mãe é desconhecida. A paternidade de Giovanni Borgia, o Infante Romano, foi primeiro atribuída a Cesare e depois ao papa Alexandre. Mais uma vez, a mãe da criança é desconhecida. As provas que possam existir de que Lucrezia estava grávida quando se divorciou de Giovanni Sforza não passam de boatos. Há apenas provas circunstanciais de que a mãe de Camilla fosse Dorotea Caracciolo, ou de que o filho de Angela fosse de Giulio d'Este. Por outro lado, também não existe nada que se oponha a essas suposições.

Lucrezia foi casada com Alfonso d'Este por 17 anos, e eles tiveram cinco filhos. Seu segundo filho, cardeal Ippolito d'Este II, construiu a famosa Villa d'Este em Tivoli. A morte de Lucrezia, aos 39 anos, ao dar à luz um filho, deixou as pessoas sinceramente enlutadas, e ela ainda é lembrada com carinho pelos ferrarenses pela sofisticação de sua corte e a bravura com que ajudou a defender a cidade contra um exército conduzido pelo papa Julio II durante a Guerra da Liga de Cambrai. Ela manteve sua correspondência com Pietro Bembo pelo resto da vida, e sua amizade íntima com Francesco Gonzaga durou até o momento da morte dele, em março de 1519, três meses antes de sua própria morte. Isabella sobreviveu aos dois por vinte anos.

Ferrante d'Este morreu na prisão em 1540. Ele tinha 63 anos e passara 34 anos sem a visita de um único membro da família. Giulio foi libertado na ascensão do neto de Lucrezia, Alfonso II. Tinha 81 anos e havia passado 53 desses anos encarcerado. A história não

registra se Angela Borgia ainda era viva nessa época. Ela desaparece dos registros históricos em torno do ano da morte de Cesare, como também Violante.

Tanto Giovanni como Girolamo Borgia permaneceram na corte de Ferrara. Giovanni parece ter sido um homem inepto, tolerado por Alfonso d'Este por afeição a sua mulher. Girolamo casou-se com uma das filhas de Alberto Pio e foi uma figura popular, porém, foi mais tarde ofuscado por sua associação com diversas mortes misteriosas. As filhas de Cesare tiveram mais sorte. Camilla Borgia tornou-se abadessa do Convento de Corpus Domini e lá morreu em 1573, com reputação de santidade e tino administrativo. Luisa, por meio de seu segundo casamento com Filipe de Bourbon, fundou a linhagem de condes de Bussett e Cahlus, que continua até hoje. A mãe de Luisa, Charlotte d'Albret, nunca voltou a se casar e viveu o resto da vida numa profunda tristeza pela perda do marido.

Vannozza sobreviveu a todos os filhos Borgia, exceto Lucrezia, com Gioffre tendo morrido de repente em Nápoles, em 1517. Participou do funeral dela toda a corte do então papa Leão X, que, assim como Giovanni de Médici, tinha frequentado a Universidade de Pisa com Cesare.

A última vez que se ouviu falar de Michelotto da Corella, ele era *condottiere* pago por Florença, trabalho para o qual fora recomendado por Nicolau Maquiavel, embaixador de Florença na corte de Cesare Borgia. Cesare foi o famoso modelo para o capítulo 7 de *O príncipe*, "Os novos domínios conquistados com as armas alheias e boa sorte".

As limitações deste romance e as questões particulares que eu quis explorar nele obrigaram-me a simplificar drasticamente o cenário político e militar, principalmente em relação à invasão de Urbino e ao golpe de Cesare em Senigallia. O ponto de vista que escolhi também me levou a minimizar a habilidade diplomática e a perspicácia do papa Alexandre VI, cuja exuberante vida pessoal tendia a ofuscar sua contribuição em manter os invasores estrangeiros fora da Itália, consolidando assim o poder temporal do papado. Eu também fundi numa só as duas viagens que Cesare fez a

Ferrara durante a doença de Lucrezia, no final do verão de 1502. Da mesma forma, tomei uma pequena liberdade com o jogo de *calcio fiorentino*, uma forma de futebol cujo registro data do século XVI em Florença, e, portanto, um pouco mais tarde do que o apresentado neste livro. Creio ser provável, entretanto, que os italianos sempre tenham jogado futebol!

Para os leitores que quiserem se aprofundar na história dos Borgia, não posso deixar de recomendar como ponto inicial as elegantes, claras e compassivas biografias de Cesare e Lucrezia escritas por Sarah Bradford, *Cesare Borgia, His Life and Times* e *Lucrezia Borgia: Life, Love and Death in Renaissance Italy*.

A AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Emma Barnes e a todos da Snowbooks, a Shana Drehs e à equipe da Sourcebooks, e a Stephanie Thwaites. Meus sinceros agradecimentos, como sempre, a Mary Allen, Mary-Jane Cullen e Sue Fletcher, a Bernardine Coverly e Ingrid Perrin, e aos membros do Writers Without Walls: Harriet Carter, Karen Cheung, Claire Hynes, Gary Kissick, Claire MacDonald, Michelle Remblance, Iain Robinson e Barrie Sherwood. Grandes contribuições e maravilhoso feedback. E, por último, mas não menos importante, meu amor e gratidão a Mark por compartilhar sua vida com os Borgia com tanta equanimidade.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

Pecado da casa dos Bórgia, Sarah Bower

- **Perfil da autora no GoodReaders:**

http://www.goodreads.com/author/show/667257.Sarah_Bower

- **Página sobre o livro no GoodReaders:**

<http://www.goodreads.com/book/show/9662937-sins-of-the-house-of-borgia>

- **Resenha do livro:**

<http://www.rundpinne.com/2011/03/book-review-sins-of-the-house-of-borgia-by-sarah-bower.html>

- **Site oficial da autora:**

<http://www.sarahbower.co.uk/>

- **Fan Fiction da autora:**

<http://www.fantasticfiction.co.uk/b/sarah-bower/>

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Mapas](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[O LIVRO DE ESTHER](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[O LIVRO DAS PROMESSAS QUEBRADAS](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[O LIVRO DE GIDEON](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[O LIVRO DO AMOR](#)

[Carta](#)

Capítulo 1

Epílogo

Posfácio

Agradecimentos

Colofão

Saiba mais